

GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
DO ESTADO DE SÃO PAULO



ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)
v. 55, n. 1

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO. 1978)

GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL)
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, sala D.3.15
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/>
estudoslinguisticos@gel.org.br

Diretoria do GEL (Gestão Unesp Araraquara - 2025-2027)

(Presidenta) Matheux Schwartzmann
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Araraquara, São Paulo, Brasil

(Vice-Presidenta) Angélica Rodrigues
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Araraquara, São Paulo, Brasil

(Secretária) Marcella Abreu
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Araraquara, São Paulo, Brasil

(Tesoureira) Giovanna Longo
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Araraquara, São Paulo, Brasil

Editora responsável

Profa. Dra. Dayane Celestino de Almeida
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil

Comissão editorial

Profa. Dra. Claudia Zavaglia, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Prof. Dr. Carlos Eduardo Mendes de Moraes, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, São Paulo, Brasil

Prof. Dr. Marcelo Módolo, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil

Prof. Dr. Oto Araújo Vale, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),
São Carlos, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani, Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Campinas, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Angela Cecília de Souza Rodrigues, Universidade de São Paulo (USP),
São Paulo, São Paulo, Brasil

Profa. Dra. Beth Brait, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),
São Paulo, São Paulo, Brasil

Conselho editorial

- Prof. Dr. Bertrand Daunay, Universidade de Lille, Lille, França
- Prof. Dr. Eric Laporte, Université Paris-Est Marne-la-Vallée, Champs-sur-Marne, França
- Prof. Dr. Frantome Bezerra Pacheco, Universidade Federal do Amazonas (UFAM),
Manaus, Amazonas, Brasil (*in memoriam*)
- Profa. Dra. Inmaculada Penadés Martínez, Universidad de Alcalá (UAH), Madrid, Espanha
- Profa. Dra. Julia Sevilla Muñoz, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, Espanha
- Profa. Dra. Lou-Ann Kleppa, Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Porto Velho, Rondônia, Brasil
- Profa. Dra. Luisa A. Messina Fajardo, Università di Roma Tre, Roma, Itália
- Prof. Dr. Marcos Lopes, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil
- Profa. Dra. Maria Luisa Ortiz Alvarez, Universidade de Brasília (UnB),
Brasília, Distrito Federal, Brasil
- Profa. Dra. Renira Rampazzo Gambarato, Jönköping University, Jönköping, Sweden
- Prof. Dr. Roberto Francavilla, Università degli Studi di Genova, Genova, Itália
- Prof. Dr. Ronaldo Lima Junior, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil
- Profa. Dra. Sabela Fernández-Silva, Universidad Católica de Valparaíso (UCV),
Valparaíso, Chile
- Prof. Dr. Salvio Martín Menéndez, Universidad de Buenos Aires (UBA),
Buenos Aires, Argentina
- Prof. Dr. Sirio Possenti, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Campinas, São Paulo, Brasil
- Profa. Dra. Tânia Romero, Universidade Federal de Lavras (UFLa),
Lavras, Minas Gerais, Brasil
- Prof. Dr. Tony Berber Sardinha, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP),
São Paulo, São Paulo, Brasil

Auxiliar editorial

- Prof. Dr. Milton Bortoleto, Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEduc-SP),
São Paulo, São Paulo, Brasil

Revisão, normatização, projeto gráfico e diagramação

Letraria | www.letraria.net

Catálogo na Publicação elaborada por

Gildenir Carolino Santos (CRB-8ª/5447)

Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978). – v.1, n.1 (1978-). – São José do Rio Preto, SP: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 2002-1 recurso digital : il.

Periodicidade quadrimestral desde volume 36, 2007 (atual).

Periodicidade anual até volume 35, 2006.

Periodicidade semestral até volume 29, 2000.

ISSN 1413-0939 (impresso).

Publicada no formato impresso até volume 29, 2000.

Publicada no formato em CD-ROM dos volumes 30 ao 35 (2001 a 2006).

Disponível online a partir do volume 36, 2007.

Título abreviado: Est. Ling.

Preservada digitalmente no LOCKSS.

Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos>

1. Estudos linguísticos – Periódicos. 2. Linguística – Periódicos. I. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo.

20-017

CDD: 410.05

CDU: 81 (05)

SUMÁRIO

<i>Apresentação</i>	9
Dayane Celestino de Almeida	
<i>Aspectos fonológicos da variação em diminutivos plurais no português brasileiro</i>	11
Anna Carolina de Oliveira Almeida	
<i>Escravidão em textos de estadunidenses confederados-e-imigrantes na região de Americana</i>	30
Amanda Azzali	
<i>Por uma Linguística popular do Brasil</i>	47
Roberto Leiser Baronas Nayhara Juliana Aniele Pereira Thiers Vieira	
<i>Como os professores de espanhol elaboram tarefas para avaliar? Uma experiência de letramento em avaliação no estágio obrigatório</i>	61
Aline Brum-Barreto Vanessa Borges-Almeida	
<i>Para além de uma construção, uma ironia construcional: análise cognitivo-funcional de 'só que não' no português brasileiro</i>	80
Daniel William Ferreira de Camargo Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale	
<i>"Escreva para mim...": marcas da dor na escrita de adolescente em sofrimento psíquico</i>	102
Cristiane Carneiro Capristano Roberta Vieira	
<i>Práticas de retextualização em textos multimodais presentes nas mídias sociais</i>	122
Laura Mendes Claro Helena Maria Ferreira	

<i>A construção do ethos e a Linguística Popular: relações (im)possíveis nas redes sociais?</i>	144
Tamires Bonani Conti Paula Mesti	
<i>Aspectos sintático-semânticos e pragmáticos em títulos de notícia com os pares correlativos comparativos [MAIS...QUE] e [MENOS...QUE]: uma perspectiva cognitivo-funcional</i>	158
Cayo Felype de Sousa Danieli Marcelo Módolo	
<i>Relações entre autor(a), tradutor(a) e revisor(a) na prosa literária contemporânea</i>	177
Leila Cristina de Melo Darin	
<i>Negação e operador argumentativo em “não tenho nada contra gays, mas...”: da argumentação na língua às posições-sujeito no discurso</i>	195
Wellton da Silva de Fatima	
<i>Sujeitos arbitrários e genéricos na diacronia do Português Brasileiro</i>	214
Cristian Quintanilha Ferreira	
<i>Abordagem quantitativa da referenciação anafórica em narrativas orais</i>	232
Waldemar Ferreira Netto	
<i>Contribuições do Letramento Informacional para o ensino de redação: um diálogo entre Vygostky e Bakhtin para o ensino de língua portuguesa na sociedade da informação</i>	246
Danielle Gomes Geraes Lima	
<i>Algumas considerações sobre as instâncias multimodais na clínica de linguagem</i>	265
Irani Rodrigues Maldonade	
<i>Não diga nunca jamais: anotação de indicadores lexicais da negação no português</i>	282
Isaac Souza de Miranda Jr Oto Araujo Vale	

<i>“Nascemos nus e o resto é drag”: construção estilística de diminutivos na fala da drag queen Rita Von Huntz</i>	299
Natasha Mourão	
<i>O uso do discurso direto em texto jornalístico informativo: análise de vozes</i>	318
Siderlene Muniz-Oliveira Antonio Carlos Valentini	
<i>Idade de migração, tempo de residência e gênero na análise do /s/ em coda de migrantes alagoanos e paraibanos em Campinas – SP</i>	333
Sarah Poli	
<i>Percepções, atitudes e opiniões de ingressantes em Pedagogia acerca do uso de Tecnologias Digitais e de Inteligência Artificial em contexto universitário</i>	351
Ana Célia Portes Inês Signorini Júlio Bizigato Portes	
<i>A interface sintaxe-semântica: uma análise da construção (ser) capaz de/que baseada na Gramática de Papel e Referência</i>	370
Pablo Jardel Oliveira do Rosário	
<i>Dicionarização de expressões racistas: um estudo lexicográfico/fraseológico</i>	387
Danyelle Almeida Saraiva	
<i>A produção da concordância por atração no PB: uma investigação experimental</i>	406
Lilian Silva Scher Thiago Oliveira da Motta Sampaio	
<i>Usos linguísticos no ambiente virtual: contribuições para o Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste do Brasil</i>	429
Elisandra Benedita Szubris Fernando Jesus da Silva	

<i>Criação de podcast por professores em formação: reflexões sobre atividades para aprendizagem</i>	448
Luciani Ester Tenani	
<i>Apagamento de /r/ em coda no português de São Tomé e Príncipe: uma revisão sistemática com metanálise</i>	467
Nancy Mendes Torres Vieira Amanda Macedo Balduino	
<i>A polêmica da editora Darkside com a publi do romance Drácula: configurações de práticas discursivas de sujeitos booktubers analisadas no viés foucaultiano</i>	492
Danilo Vizibeli	
<i>Acoustic correlates of stress in Principense Portuguese: a preliminary statistical study</i>	508
Xinya Wu Ana Livia Agostinho	
<i>Mobilização das mídias por grupos neofascistas: o caso do sapo Pepe</i>	526
Christina Zaccarelli	

Apresentação

É com imensa satisfação que apresento o primeiro número de 2026 – vol. 55, n. 1 – da revista *Estudos Linguísticos*, com artigos oriundos de trabalhos apresentados no Seminário do GEL, em 2024.

O leitor vai encontrar trabalhos nas mais variadas subáreas dos estudos da linguagem, o que não só evidencia a amplitude e a vitalidade desses estudos na contemporaneidade, como também a variedade de temas tratados nos eventos promovidos pelo GEL.

Os trabalhos dialogam com diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e objetos de análise, compondo um panorama plural das investigações linguísticas atuais.

Ao longo do número, observam-se contribuições oriundas de subáreas como, por exemplo, Sociolinguística, Análise do Discurso, Linguística Aplicada, Linguística Cognitivo-Funcional, Fonética e Fonologia, Sintaxe, Semântica, Pragmática, Lexicografia, Tradução e Estudos do Letramento. Essa diversidade evidencia não apenas a complexidade da linguagem como objeto científico, mas também seu caráter profundamente interdisciplinar.

Dentre os temas abordados, estão os usos linguísticos em ambientes digitais, os atravessamentos linguísticos de práticas educacionais, os processos de variação e mudança linguística, a construção de identidades, os discursos políticos e midiáticos, as práticas de leitura e escrita, a tradução, além de questões relacionadas à tecnologia, à inteligência artificial e às novas formas de produção de sentidos na cultura contemporânea.

Outro aspecto que se destaca é a multiplicidade de *corpora* e contextos investigados: redes sociais, textos jornalísticos, práticas pedagógicas, narrativas orais, fala espontânea, *podcasts*, dicionários, produções multimodais e manifestações discursivas em diferentes espaços sociais. Essa multiplicidade reforça o compromisso da área com fenômenos linguísticos concretos e socialmente situados.

Que os trabalhos reunidos neste número possam estimular novas reflexões sobre as múltiplas dimensões da língua e da linguagem. Deseja-se, também, que os textos aqui reunidos promovam novas inquietações e reforcem a relevância dos estudos linguísticos em sua ampla diversidade temática e metodológica.



Meus sinceros agradecimentos aos autores, aos pareceristas, aos integrantes da secretaria e da diretoria do GEL – tanto da gestão 2023-2025 quanto da atual, 2025-2027 –, aos membros da Comissão Editorial, ao Milton Bortoleto, nosso assistente editorial, e à Editora Letraria. Sem a colaboração de todos vocês, este número não poderia ter sido realizado.

Boa leitura!

Dayane Celestino de Almeida

Editora-Chefe

Aspectos fonológicos da variação em diminutivos plurais no português brasileiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3937>

Anna Carolina de Oliveira Almeida¹

Resumo

Este estudo investigou a formação do diminutivo de substantivos plurais do PB que exibem a vogal <e> imediatamente à esquerda do morfema de número -s, considerando a existência de ao menos duas possibilidades para tal: anexação do sufixo logo à direita da raiz (e.g., “florzinhas”) ou ao final da palavra (e.g., “florezinhas”). As hipóteses testadas experimentalmente para explicar o fenômeno foram i) a existência de contraste entre bases em que a vogal <e> se manifesta tanto no singular quanto no plural (e.g., “elefantes”) e bases em que essa vogal se manifesta somente no plural (e.g., “flores”) e ii) a preferência por diminutivos de número par de sílabas como consequência do ritmo binário do português. Modelos estatísticos com efeitos mistos indicaram favorecimento da anexação do diminutivo ao final da palavra para bases do primeiro tipo, enquanto o número de sílabas não apresentou correlação com os resultados.

Palavras-chave: diminutivos; morfofonologia; português brasileiro.

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; annacarolinadeoalmeida@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0000-9402-8722>

Phonological aspects of variation in plural diminutives of Brazilian Portuguese

Abstract

This study investigated the formation of diminutives of plural nouns in BP that feature the vowel <e> immediately to the left of the number morpheme -s, considering the existence of at least two possible strategies: attaching the suffix directly to the root (e.g., *florzinhas*) or to the end of the word (e.g., *florezinhas*). The hypotheses tested experimentally to explain the phenomenon were i) the existence of a contrast between bases in which the vowel <e> appears in both singular and plural forms (e.g., *elefantes*), and bases where it appears only in the plural (e.g., *flores*), and ii) the preference for diminutives with an even number of syllables due to the binary rhythm of Portuguese. Mixed-effects statistical models indicated a preference for attaching the diminutive to the end of the word for bases of the first type, while the number of syllables was not correlated with the results.

Keywords: diminutives; morphophonology; Brazilian Portuguese.

Introdução

Embora a formação de diminutivos com os sufixos -inh/-zinh em português brasileiro (doravante, PB) já tenha sido tema de muita discussão na literatura, a possibilidade de variação entre eles, ou seja, a possibilidade de que uma mesma base tenha seu diminutivo formado tanto a partir de um sufixo quanto do outro, é um tópico que ainda não recebeu a devida atenção dos estudiosos, conforme ressaltam Simioni e Schwindt (2018). Nesse sentido, este estudo se dedica à existência, em PB, de ao menos duas maneiras de se produzir diminutivos plurais com os sufixos -inh/-zinh. Por um lado, o morfema de diminutivo pode aparecer, na estrutura linear da palavra, imediatamente à direita da raiz da base – entendida como a forma não derivada com traços gramaticais idênticos aos da derivada, que é a posição de autores como Ferreira (2005), por exemplo –, como é o caso de formações como “florzinhas” ou “elefantinhos”; por outro, o morfema de diminutivo também pode aparecer ao final da palavra, produzindo estruturas como “florezinhas” ou “elefantezinhos”². Propõe-se, aqui, denominar a primeira dessas possibilidades “raiz+diminutivo” e, a segunda, “palavra+diminutivo”.

Assim sendo, este estudo, de caráter ainda exploratório, teve como objetivo investigar duas hipóteses, na interface com a fonologia, que pudessem ajudar a explicar o

2 Se a fricativa presente nesses dados, representada ortograficamente pela letra <z>, é apenas o morfema de plural -s, apenas a consoante do início do morfema de diminutivo -zinh ou, na verdade, uma fusão dos dois elementos é uma questão que está além do escopo deste artigo. O que interessa, aqui, é observar que em somente uma das possibilidades de formação do diminutivo plural é mantida a vogal que na base antecede o morfema de número.

comportamento do fenômeno apresentado, recorrendo, para isso, à realização de experimentos. De modo geral, as perguntas que guiaram esta pesquisa foram: i) existe preferência por parte dos falantes de PB por alguma dessas formações, isto é, raiz+diminutivo ou palavra+diminutivo? ii) em caso afirmativo, quais variáveis explicam tal preferência?

A fim de explorar essas questões, este artigo está dividido deste modo. Na próxima seção, *Revisão da literatura*, são resenhados alguns trabalhos que propuseram explicar a formação de diminutivos em PB com -inh/-zinh de perspectivas teóricas distintas, e que motivaram o presente estudo. Em *Hipóteses*, delineiam-se as duas hipóteses com que esta pesquisa trabalhou na tentativa de explicar o mesmo fenômeno. Em *Metodologia*, descrevem-se os experimentos conduzidos para pôr tais hipóteses à prova e os testes estatísticos selecionados para a análise dos dados, que é então apresentada em *Resultados e discussão*. Finalmente, em *Considerações finais*, tecem-se comentários gerais sobre o estudo, contrastam-se os resultados com as previsões iniciais e apontam-se os próximos passos na condução da pesquisa.

Revisão da literatura

Ferreira (2005) trata a formação de diminutivos em PB como uma questão fonológica, explicada pela estrutura das sílabas das bases e dos diminutivos após a adição dos sufixos. Para tanto, o autor se serve de dispositivos da Teoria da Otimalidade (doravante, TO; Prince; Smolensky, 1993). São especialmente relevantes para a análise de Ferreira (2005) as restrições propostas pela vertente otimalista da Correspondência Transderivacional, que propõe haver formas nas línguas que devem ser avaliadas não somente em relação a seus *inputs*, mas também a outros *outputs*, suas bases, com que se relacionam morfologicamente.

Ferreira (2005) define como a base de um diminutivo o item não derivado com traços gramaticais (como gênero e número) idênticos aos do derivado. A formação de diminutivos, sob essa óptica, seria consequência do conflito entre restrições de fidelidade ao *input* e à base. O autor prevê, por exemplo, que o diminutivo ótimo de “flores” seja “florzinhas”, e não “florezinhas”, como resultado da posição relativa das restrições DEP-IO (que penaliza a inserção de segmentos no mapeamento *input-output*) e MAX-OO (que penaliza o apagamento de segmentos da base pelo *output*) na gramática do PB, conforme ilustra o *tableau* reproduzido no Quadro 1.

Quadro 1. *Tableau* de Ferreira (2005) para explicar o diminutivo de “flores”

/flor+zinh+as/ base: flores	*Complex-Coda	DEP-IO	MAX-OO
a. florezinhas		*!	
→ b. florzinhas			*

Fonte: Adaptado de Ferreira (2005, p. 118)

Se, na disputa representada, ambos os candidatos a diminutivo têm todas as sílabas bem formadas, a inserção da vogal [e] – que, na base, evita a formação de uma coda complexa marcada (“*flors”) – torna-se um procedimento desnecessário, que conduz à eliminação do candidato “florezinhas”.

Autores como Bachrach e Wagner (2007) e Armelin (2015), por sua vez, amparados no quadro teórico da Morfologia Distribuída (doravante, MD; Halle; Marantz, 1993), propõem explicar as diversas particularidades da formação de diminutivos em PB tratando os sufixos -inh/-zinh como adjuntos, passíveis de anexação à estrutura da palavra em duas alturas, antes ou depois do primeiro nó de número. Um argumento utilizado por Bachrach e Wagner (2007) para defender a estipulação de duas alturas de adjunção dos sufixos é a existência, segundo eles, de diferenças de significado entre diminutivos plurais formados com um sufixo ou outro, levando em consideração a interação entre semântica e sintaxe no gerativismo. Sendo assim, enquanto itens formados pela anexação do sufixo baixo (-inh), como “zebrinhas”, poderiam ser usados para se referir a conjuntos inteiros de seres pequenos, itens formados pela anexação do sufixo alto (-zinh), como “zebrzinhas”, poderiam fazer referência somente a subconjuntos de seres dentre os pequenos.

Sandalo (2015) e Mourão (2017) investigaram experimentalmente se falantes de PB de fato percebem essa distinção semântica. Em seus testes, a tarefa dos participantes consistia em escolher dentre uma e outra forma de diminutivo para preencher frases contextualizadas. Os dados obtidos pelas autoras, no entanto, não se comportaram em conformidade com o previsto pelo argumento de Bachrach e Wagner (2007).

Hipóteses

Se os resultados dos experimentos de Sandalo (2015) e Mourão (2017) não se conformam às previsões feitas pela estrutura sintática de Bachrach e Wagner (2007), deve-se observar que eles também não são totalmente explicados pela análise fonológica de Ferreira (2005). Antes de se fazer essa comparação, é pertinente lembrar que, para Camara Jr. (2019), palavras como “flor”, terminadas em consoante pós-vocálica, são dotadas do alomorfe zero da vogal temática -e, manifestada, nesses casos, apenas no plural (“flores”). Para autores como Ferreira (2005), por outro lado, como anteriormente

referido, palavras desse tipo contam com a epêntese de uma vogal [e] no plural; só haveria vogal temática -e, portanto, onde ela se superficializa tanto no singular quanto no plural, a exemplo de “elefante” > “elefantes”. O que interessa notar, aqui, é que, segundo as duas propostas, existem dois subgrupos dentre os substantivos que, no plural, exibem uma vogal <e> imediatamente à esquerda do morfema de número -s.

Feitas essas considerações, embora a hierarquia de restrições em Ferreira (2005) preveja como diminutivo ótimo para bases com vogal dita “epentética”, ou que só se manifesta no plural, aquele que foi realmente atestado nos dados de Sandalo (2015) e Mourão (2017) – ou seja, raiz+diminutivo –, para certas bases de vogal dita “temática”, ou que se manifesta tanto no plural quanto no singular, como “aves”, a hierarquia do autor não dá conta de explicar que o diminutivo preferido seja palavra+diminutivo, como evidencia o *tableau* do Quadro 2. Esse padrão de favorecimento para os substantivos de vogal -e dita temática também foi observado nos dados dos experimentos de Simioni e Schwindt (2018).

Quadro 2. Previsão da hierarquia de Ferreira (2005) para bases como “aves”

/av+e+inh+as/ base: aves	*Complex-Coda	DEP-IO	MAX-OO
→ a. avinhas			*
:(b. avezinhas		*!	

Fonte: Elaboração própria

Nesse sentido, os estudos apresentados serviram como ponto de partida para esta pesquisa, que buscou explicar o comportamento desses dados por meio de duas novas hipóteses na interface morfologia-fonologia. A primeira delas diz respeito aos dois subgrupos de substantivos plurais que antes do morfema de número exibem uma vogal <e>. Conforme a exposição anterior, há, de um lado, substantivos em que essa vogal se manifesta tanto no singular quanto no plural, como “elefantes”, e, de outro, substantivos em que ela se manifesta somente no plural, como “flores”. Seguindo a proposta de Ferreira (2005), daqui em diante, as bases do primeiro tipo serão denominadas bases de vogal temática e, as do segundo, bases de vogal epentética. A hipótese formulada, então, levando em consideração os resultados dos estudos experimentais de Sandalo (2015), Mourão (2017) e Simioni e Schwindt (2018), previa a manutenção desse contraste na formação do diminutivo, com preferência pelo diminutivo que preserva a vogal <e>, palavra+diminutivo, quando derivado de bases em que ela é temática.

A segunda hipótese proposta por este estudo era prosódica e ainda não havia sido testada na literatura dedicada aos diminutivos. Traçando um paralelo com Abaurre, Sandalo e González-López (2014), que discutiram casos de apagamento vocálico ritmicamente

induzido no português, buscou-se aqui relação entre a preferência dos falantes por uma ou outra formação diminutiva e o número de sílabas da base.

Diversos trabalhos afirmam haver no português uma tendência à binariedade na atribuição de acentos secundários. Nesse contexto, Abaurre, Sandalo e González-López (2014) testaram estatisticamente, nas variedades europeia e brasileira do português, a força da restrição FootBin, que milita a favor da construção de pés métricos de duas sílabas. No *corpus* de sentenças analisado, as autoras notaram que, em alguns contextos, só havia apagamento vocálico se o número de sílabas resultante fosse par. Um exemplo fornecido é o par “modernização” (de 5 sílabas, que pode se transformar em “moder[nz]ação”, de 4, após a síncope da vogal /i/ entre as consoantes homorgânicas [n] e [z]) vs. “modernizaria” (de 6 sílabas, em que o apagamento da vogal /i/ entre as mesmas consoantes resultaria na forma agramatical “*moder[nz]aria”).

Abaurre, Sandalo e González-López (2014) argumentam que casos como esse indicam que, em português, a binariedade não se resume à alternância entre sílabas fortes e fracas, e se manifesta, na verdade, por meio do favorecimento de estruturas binárias perfeitas, com palavras inteiras parseadas em pés de duas sílabas. Desse modo, o apagamento da vogal /i/ em “modernização” seria um processo fonológico condicionado pelo ritmo da língua, que otimizaria a tendência à binariedade. O apagamento em “modernizaria”, em contrapartida, seria proibido por essa palavra já dispor de número de sílabas par.

A presente pesquisa, então, testou a possibilidade de a mesma tendência estar por trás da formação de diminutivos, sobretudo porque cada estrutura considerada, isto é, raiz+diminutivo e palavra+diminutivo, conta com um número distinto de sílabas: enquanto a primeira tem sempre uma sílaba a mais que a base, a segunda tem sempre duas sílabas a mais que a base. Se a hipótese levantada estivesse correta, então, deveria ser verificada preferência por diminutivos de número de sílabas par; em outros termos, os falantes deveriam preferir a formação raiz+diminutivo para bases de número de sílabas ímpar (pois esse diminutivo, após a adição de uma sílaba, teria número de sílabas par) e a formação palavra+diminutivo para bases de número de sílabas par (pois esse diminutivo, após a adição de duas sílabas, também teria número de sílabas par).

Metodologia

Procedeu-se à testagem das hipóteses apresentadas por meio da aplicação de dois testes de julgamento de aceitabilidade³, um com palavras reais e outro com logatomas. Ambos foram programados e hospedados na plataforma *Experigen* (Becker; Levine, 2020), um *website* pensado especialmente para a montagem de experimentos linguísticos,

3 A aplicação dos experimentos se iniciou somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da Unicamp (CEP-CHS; número do CAAE: 64728522.0.0000.8142).

em particular da área de fonologia. Uma das maiores vantagens da condução *online* de experimentos consiste na facilidade de recrutamento de participantes, que podem inclusive residir em regiões afastadas da sede do estudo. A divulgação dos experimentos foi feita através de redes sociais, do *e-mail* institucional da Unicamp e da *Agenda Unicamp*, um veículo oficial de comunicação da universidade.

Tratando-se de uma pesquisa de caráter exploratório, foram estabelecidos como únicos critérios de participação i) ser maior de idade e ii) ser falante nativo de PB. De todo modo, mesmo não sendo objetivo do estudo analisar a relação entre o fenômeno linguístico em questão e variáveis sociais, no intuito de traçar o perfil dos participantes, elaborou-se um breve questionário sociodemográfico, que era apresentado ao final de cada experimento e solicitava as seguintes informações: i) ano de nascimento, ii) cidade/estado de nascimento, iii) cidade/estado atual, iv) tempo (em anos) de residência na cidade atual, v) gênero e vi) nível de escolaridade.

O primeiro experimento testou 35 substantivos do PB⁴; destes, 11 eram distratores, os quais consistiam em palavras de vogal temática -a ou -o. Todas as palavras testadas eram paroxítonas, e algumas delas foram retiradas dos experimentos de Sandalo (2015) e Mourão (2017), pois se tinha a intenção de averiguar se seriam mantidas as tendências observadas pelas autoras. Foram evitadas palavras pouco frequentes na língua. Os itens-alvo foram selecionados tomando-se como critérios o tipo de vogal <e> na base (12 tinham vogal temática e 12, epentética) e seu número de sílabas (14 tinham número de sílabas par e 10, ímpar). Segue, no Quadro 3, uma amostra das bases testadas.

Quadro 3. Amostra das bases testadas no experimento com palavras reais

Base	Número de sílabas	Tipo de vogal <e>	Raiz+diminutivo	Palavra+diminutivo
aves	par	temática	avinhas	avezinhas
sorvetes	ímpar	temática	sorvetinhos	sorvetezinhas
flores	par	epentética	florzinhas	florezinhas
raízes	ímpar	epentética	raizinhas	raizezinhas

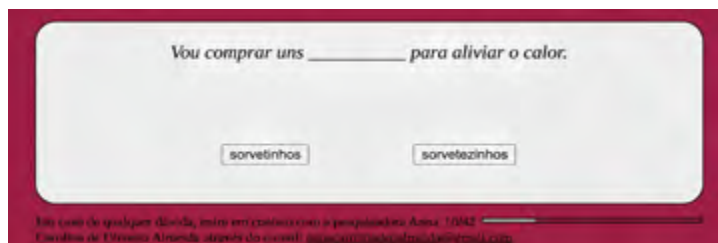
Fonte: Elaboração própria

Cada tela de estímulo era composta por uma frase-veículo com uma lacuna e, embaixo dela, duas opções de preenchimento, cada uma com uma possibilidade de formação do diminutivo de uma mesma base (conforme ilustra a Figura 1). Cabia ao participante escolher, dentre uma e outra alternativa, aquela que lhe parecesse mais natural. Antes de iniciar o experimento de fato, o participante passava por um breve treinamento com dois

⁴ A lista completa de palavras testadas está no Anexo 1.

distratores, para se familiarizar com a tarefa exigida. As telas de estímulo eram exibidas para cada participante em ordem aleatória.

Figura 1. Tela de estímulo do experimento com palavras reais



Fonte: Elaboração própria

O segundo experimento, por sua vez, testou 74 logatomas⁵, dos quais 26 eram distratores (como no primeiro experimento, itens com vogal temática -a ou -o). Seu objetivo era, recorrendo a palavras inventadas, suprimir a influência de idiosincrasias lexicais e evitar que o participante respondesse a partir do que prescreve a gramática tradicional. Tal como na testagem de palavras reais, os itens-alvo foram criados tendo como critérios o tipo de vogal <e> (24 temática e 24 epentética) e o número de sílabas (24 par e 24 ímpar), e também eram todos paroxítonos. Uma amostra dos itens testados consta no Quadro 4.

Quadro 4. Amostra das bases testadas no experimento com logatomas

Base	Número de sílabas	Tipo de vogal <e>	Raiz+diminutivo	Palavra+diminutivo
ponges	par	temática	ponginhos	pongezinhos
talames	ímpar	temática	talaminhos	talamezinhos
cizes	par	epentética	cizinhos	cizezinhos
cratores	ímpar	epentética	cratorzinhos	cratorezinhos

Fonte: Elaboração própria

Para garantir alguma homogeneidade no grau de naturalidade das palavras criadas, foram conduzidos dois testes na plataforma Google Forms com ingressantes do curso de Letras do IEL/Unicamp antes da montagem do experimento oficial, do qual esses alunos posteriormente não participaram. Cada teste continha 72 logatomas, criados por meio da substituição de segmentos em palavras reais, e solicitava que se avaliasse, em uma escala Likert de cinco pontos, se cada item apresentado soava como uma palavra do português, sendo 1 = "Não", 2 = "Acho que não", 3 = "Não sei", 4 = "Acho que sim" e 5 =

⁵ A lista completa de logatomas testados está no Anexo 2.

“Sim”. Foram selecionados, para o experimento oficial, prioritariamente logatomas com mediana de avaliações igual ou superior a 4.

No experimento propriamente dito, conforme ilustra a Figura 2, cada tela de estímulo era composta pela frase-veículo padrão “BASE pequenos são ____”. Cabia ao participante avaliar, em uma escala Likert de cinco pontos, a naturalidade de cada possível formação do diminutivo da base apresentada. O uso de escalas, aqui, foi feito levando-se em conta que um mesmo participante pode aceitar as duas opções, e não necessariamente uma ou outra. No início deste experimento também havia um treinamento com dois distratores, e suas telas foram igualmente exibidas em ordem aleatória. A ordem de exibição de cada forma de diminutivo em uma mesma tela também foi aleatorizada.

Figura 2. Tela de estímulo do experimento com logatomas

Fonte: Elaboração própria

A análise estatística dos dados foi feita no R (R Core Team, 2023), e adotou como nível de significância o valor de 5%. Em relação ao experimento com palavras reais, foi codificada como variável resposta a forma de diminutivo (raiz+diminutivo ou palavra+diminutivo) e, como variáveis previsoras, o número de sílabas da base (par ou ímpar) e o tipo de vogal <e> da base (temática ou epentética). Sendo as variáveis resposta de natureza nominal, foram aplicados testes de proporções e de qui-quadrado, e testados modelos lineares generalizados mistos. As variáveis participante e base foram codificadas como efeitos aleatórios para a testagem de modelos de efeitos mistos.

Em relação ao experimento com logatomas, o grau de naturalidade (que podia assumir os valores 1, 2, 3, 4 ou 5) foi codificado como variável resposta, e o número de sílabas da base (par ou ímpar), o tipo de vogal <e> da base (temática ou epentética) e a forma de diminutivo (raiz+diminutivo ou palavra+diminutivo) como variáveis previsoras. Sendo a variável resposta numérica e as variáveis previsoras nominais, foram aplicados testes de

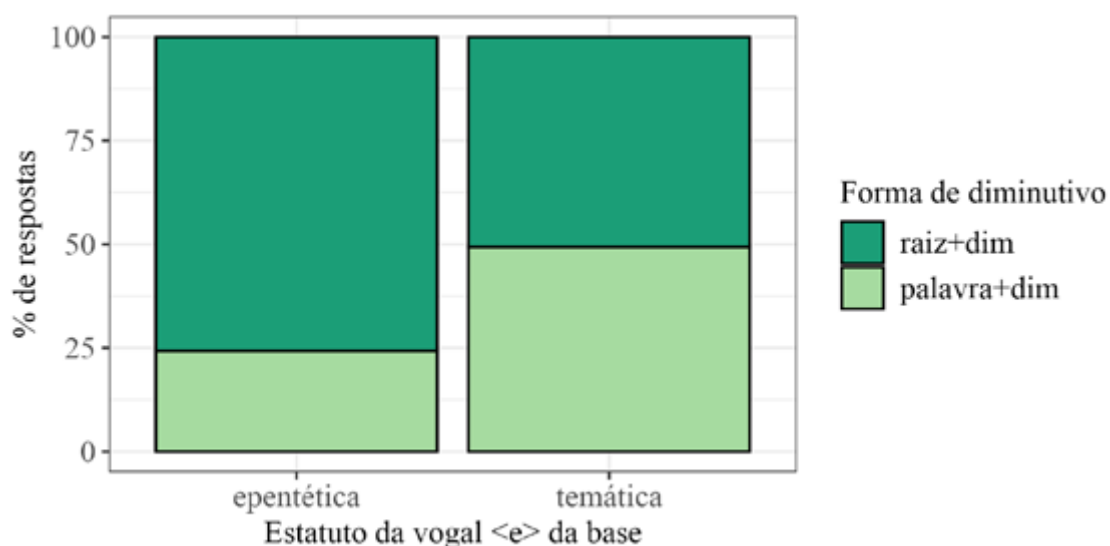
Wilcoxon de duas amostras (variante não paramétrica do teste-t de Student) e modelos lineares mistos. Aqui também participante e base foram codificadas como efeitos aleatórios para a testagem com efeitos mistos. Por limitações de espaço, apenas os resultados mais relevantes são comentados na seção a seguir.

Resultados e discussão

O primeiro experimento contou com 138 participantes, sendo a maioria natural (63,8%) e/ou residente (63,8%) do estado de São Paulo, com ensino superior incompleto (41,3%) ou completo, do gênero feminino (49,3%) e pertencente à faixa etária de 18 a 29 anos (60,1%). Há, na amostra, indivíduos de todas as regiões do Brasil, com graus de escolaridade variados e idades entre 18 e 68 anos.

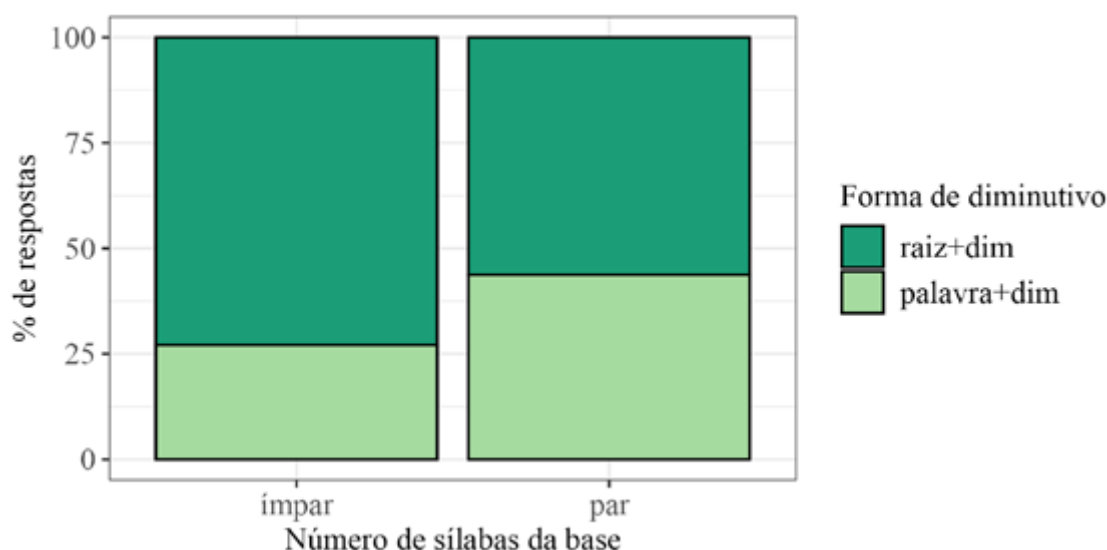
De acordo com os testes de proporções, das 24 bases testadas, apenas para oito não houve preferência por raiz+diminutivo: “aves”, “naves”, “abacates”, “mamutes”, “uniformes”, “novidades”, “cicatrices” e “patinadores”. Destas, para “abacates” e “cicatrices” houve empate entre as proporções de raiz+diminutivo e palavra+diminutivo nas respostas, já que a diferença entre elas não é estatisticamente significativa. Das outras seis em que houve preferência por palavra+diminutivo, cinco têm vogal temática. A base “patinadores”, portanto, foi a única de vogal epentética para a qual houve preferência por palavra+diminutivo. Nas Figuras 3 e 4 pode-se visualizar a distribuição das respostas do experimento para as duas variáveis independentes consideradas.

Figura 3. Forma de diminutivo vs. tipo de vogal da base para palavras reais



Fonte: Elaboração própria

Figura 4. Forma de diminutivo vs. número de sílabas da base para palavras reais



Fonte: Elaboração própria

A Tabela 1 apresenta os resultados do modelo linear generalizado misto elaborado no R (R Core Team, 2023) com os dados desse primeiro experimento. O nível palavra+diminutivo foi definido como valor de referência da variável resposta. As estimativas dos coeficientes, informadas abaixo, foram calculadas relativamente ao *intercept*, que tem como níveis de referência *epentética* para tipo da vogal <e> da base e ímpar para número de sílabas da base. Essas estimativas são calculadas em *logodds*, de modo que uma estimativa positiva significa favorecimento e uma estimativa negativa, desfavorecimento em relação ao *intercept*. O asterisco, na coluna *p*, indica que o valor encontrado é estatisticamente significativo (para nível de significância de 5%).

Tabela 1. Modelo linear generalizado misto para dados do experimento com palavras reais. Valores relativos à forma de diminutivo. *Intercept* = (epentética, ímpar). N = 3312

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p
(Intercept)	-2,4076	0,7228	-3,331	0,000866*
Vogal da base				
epentética (v. ref.)				
temática	1,6687	0,7777	2,146	0,031904*
Sílabas da base				
ímpar (v. ref.)				
par	1,2697	0,7885	1,610	0,107370

Fonte: Elaboração própria

Como se pode ver na coluna *p*, o número de sílabas da base não teve efeito significativo sobre a variável resposta. Isso significa que a formação do diminutivo não se deu de maneira distinta a depender de a base ter número par ou ímpar de sílabas, o que contraria a previsão feita pela hipótese prosódica do estudo.

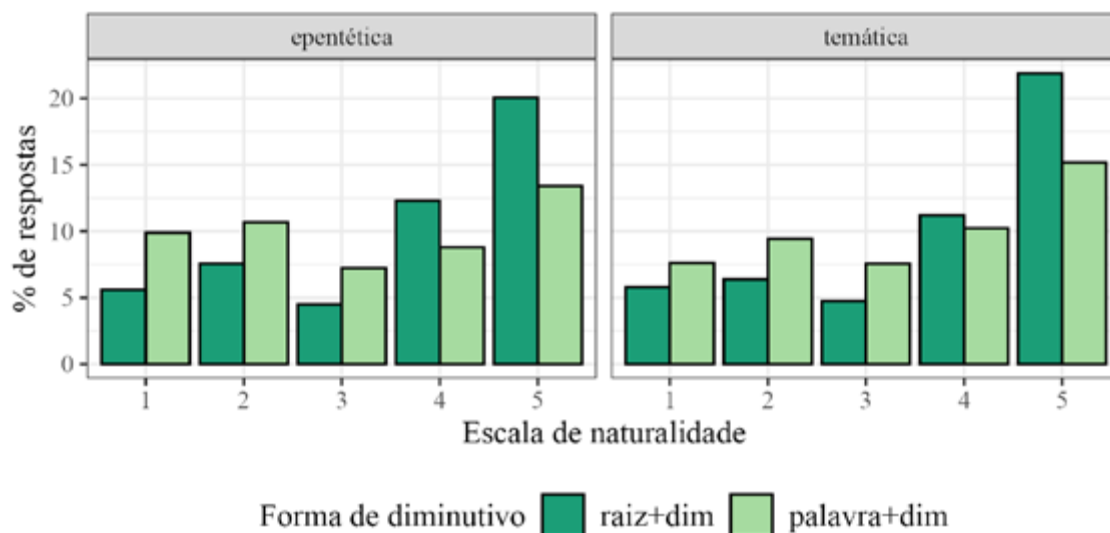
Em compensação, o tipo de vogal das bases foi computado como uma variável previsora de efeito significativo sobre a variável resposta. A estimativa de 1,6687 para o nível *temática* dessa variável sinaliza que a formação palavra+diminutivo foi favorecida para bases de vogal temática em relação a bases de vogal epentética.

Se os valores são convertidos de *logodds* para probabilidade, tem-se 32,32% de probabilidade de escolha de palavra+diminutivo para bases de vogal temática, e 8,26% de probabilidade de escolha dessa mesma formação para bases de vogal epentética. Portanto, ainda que, de acordo com os cálculos do modelo, raiz+diminutivo seja favorecido em detrimento de palavra+diminutivo tanto para bases de vogal temática quanto para bases de vogal epentética, há certo favorecimento da segunda estrutura para bases do primeiro tipo, o que aponta no sentido da hipótese formulada a esse respeito.

O segundo experimento contou com 31 participantes, sendo a maioria natural (77,4%) ou residente (83,9%) do estado de São Paulo, com ensino superior completo (74,2%) e do gênero feminino (67,7%). Nessa amostra, as idades estão mais dispersas, indo dos 20 aos 74 anos, e há indivíduos das regiões Sudeste, Sul e Nordeste.

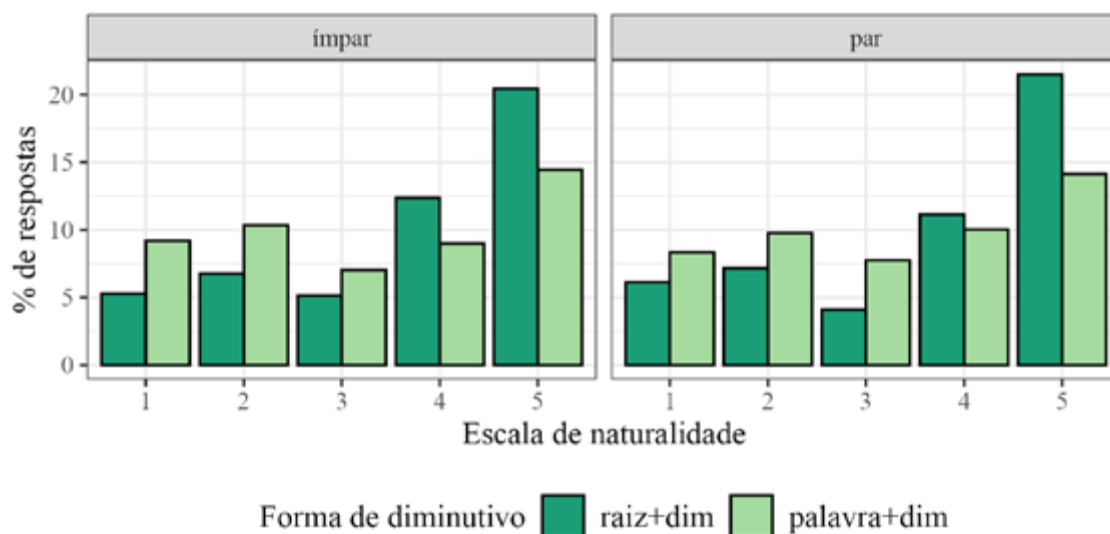
Os resultados dos testes de Wilcoxon apontam para um favorecimento geral de raiz+diminutivo, que foi mais bem avaliado que palavra+diminutivo, uma tendência semelhante à observada para o experimento com palavras reais. Para 23 das 48 bases testadas houve diferença estatisticamente significativa entre as médias de avaliação de cada uma das formas de diminutivo. Destas, apenas para duas “mures” e “clôres”, a preferência foi pela forma palavra+diminutivo. Nas Figuras 5 e 6 pode-se visualizar a distribuição das respostas para as variáveis tipo de vogal da base e número de sílabas neste segundo experimento.

Figura 5. Naturalidade de cada forma de diminutivo vs. tipo de vogal da base para logatomas



Fonte: Elaboração própria

Figura 6. Naturalidade de cada forma de diminutivo vs. número de sílabas da base para logatomas



Fonte: Elaboração própria

A Tabela 2 contém os resultados do modelo linear misto testado com os dados desse segundo experimento. Os níveis de referência do *intercept* foram definidos da mesma forma como no modelo anterior, no intuito de facilitar comparações. Tratando-se de um modelo linear, as estimativas dos coeficientes são calculadas tendo como unidade a

mesma da variável resposta, bastando, portanto, somar a estimativa de um determinado nível ao *intercept* para se obter a previsão do grau de naturalidade para ele.

Uma observação importante é que a base como variável de efeito aleatório não contribuiu para o modelo, pois as estatísticas com ou sem ela se mantiveram idênticas. Isso é positivo, uma vez que a testagem com logatomas tem como objetivo anular o efeito de idiosincrasias lexicais sobre os julgamentos dos participantes.

Tabela 2. Modelo linear misto para dados do experimento com logatomas. Valores relativos ao grau de naturalidade. *Intercept* = (palavra+diminutivo, epentética, ímpar). N = 2976

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-t	p
(Intercept)	3,073	0,1035	29,695	<2e-16*
Forma de diminutivo				
palavra+dim (v. ref.)				
raiz+dim	0,5121	0,04968	10,309	<2e-16*
Vogal da base				
epentética (v. ref.)				
temática	0,1452	0,04968	2,922	0,0035*
Sílabas da base				
ímpar (v. ref.)				
par	0,01478	0,04968	0,298	0,766

Fonte: Elaboração própria

O fato de a variável forma de diminutivo ter sido computada como tendo efeito significativo sobre a variável resposta significa que as duas formações foram avaliadas de modo distinto, com favorecimento de raiz+diminutivo (estimativa de coeficiente positiva). Novamente, o tipo de vogal da base foi indicado como variável de efeito significativo no modelo. O coeficiente estimado para o nível temática, de 0,1452, demonstra que diminutivos com bases de vogal temática tiveram média de avaliação maior que diminutivos com base de vogal epentética.

Em ambos os subgrupos, a estrutura raiz+diminutivo foi mais bem avaliada, e as médias de avaliações da naturalidade desse tipo de diminutivo a depender de ele ter base de vogal temática ou epentética não diferem significativamente ($W = 267642$, $p = 0,25 > 0,05$). A influência dessa variável é percebida quando se comparam as médias de avaliações da estrutura palavra+diminutivo entre os dois subgrupos de vogais, já que esse tipo de formação teve médias mais altas de avaliação quando derivado de bases com vogal temática ($W = 253506$, $p = 0,004095 < 0,05$).

Finalmente, como no modelo anterior, o número de sílabas da base não teve impacto significativo sobre a variável resposta, o que significa que diminutivos derivados de bases com número par e ímpar de sílabas foram avaliadas da mesma forma. A hipótese prosódica, portanto, também não foi confirmada nesse experimento.

Considerações finais

Em resumo, este estudo se debruçou sobre a variação na formação de diminutivos com anexação de -inh/-zinh a substantivos plurais que, imediatamente à esquerda do morfema de número -s, exibem uma vogal <e>. A primeira hipótese investigada levou em consideração os resultados de Sandalo (2015), Mourão (2017) e Simioni e Schwindt (2018), e, a partir daí, aventou a existência de manutenção, no diminutivo, do contraste entre bases em que a vogal <e> se manifesta no singular e no plural (e.g., elefantes) e bases em que a vogal <e> se manifesta apenas no plural (e.g., flores). A segunda hipótese trouxe para o campo da morfologia as considerações de Abaurre, Sandalo e González-López (2014) de contextos em que o apagamento vocálico em português parece ser condicionado pelo ritmo binário da língua. Investigou-se, aqui, se o julgamento dos falantes em relação a um ou outro diminutivo apontaria em sentido semelhante, com preferência por estruturas de número de sílabas par.

A análise estatística dos dados obtidos em dois testes de julgamento de aceitabilidade revelaram, por um lado, que os dois grupos morfológicos considerados se comportaram de modo distinto. Diferentemente do que se havia hipotetizado, em ambos os experimentos, tanto para bases de vogal temática quanto para bases de vogal epentética, houve preferência pela formação raiz+diminutivo. Entretanto, para palavras reais e logatomas, houve certo favorecimento de palavra+diminutivo para bases de vogal temática, o que vai ao encontro dos resultados dos experimentos de Sandalo (2015), Mourão (2017) e Simioni e Schwindt (2018). Além disso, contrariamente ao esperado, o número de sílabas da base não se mostrou uma variável de efeito significativo sobre a formação do diminutivo, em nenhum dos experimentos.

Há que se levar em conta, sobretudo, que fatores não controlados nos experimentos podem ter exercido influência sobre seus resultados, como a frequência de uso das bases, a expressão de valores semânticos avaliativos e o perfil social dos falantes. Como já foi afirmado na *Introdução*, esta pesquisa tinha caráter exploratório. Desse modo, seus resultados não se pretendem conclusivos, e sua intenção é somente oferecer subsídios para estudos futuros, de maior fôlego. Nesse sentido, este estudo integra uma investigação mais ampla sobre a formação de diminutivos em PB, cujos desdobramentos incluem análises complementares em desenvolvimento com base em conjuntos adicionais de dados.

Agradecimentos

Agradeço ao PIBIC/CNPq pelo financiamento da Iniciação Científica (processo n. 117981/2022-2) ao longo da qual desenvolvi este estudo. Agradeço também à Prof.^a Dr.^a Filomena Sandalo pela orientação da pesquisa e às Prof.^{as} Dr.^{as} Bernadete Abaurre e Camília Ulrich pelas sugestões que permitiram aperfeiçoá-la.

Referências

- ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, F.; GONZÁLEZ-LÓPEZ, V. Apagamento vocálico e binariedade no português: uma investigação baseada em preditivas Bayesianas. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 1-21, 2014.
- ARMELIN, P. R. G. *A relação entre gênero e morfologia avaliativa nos nominais do português brasileiro*: uma abordagem sintática da formação de palavras. 2015. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/T.8.2015.tde-11092015-161137>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- BACHRACH, A.; WAGNER, M. Syntactically Driven Cyclicity vs. Output-Output Correspondence: The Case of Adjunction in Diminutive Morphology. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, v. 10, n. 1, 2007.
- BECKER, M.; LEVINE, J. *Experigen – an online experiment platform*. 2020. Disponível em: <http://becker.phonologist.org/experigen>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa – Edição Crítica*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.
- FERREIRA, M. B. Diminutives in Brazilian Portuguese and output-output correspondence. In: GESS, R. S.; RUBEN, E. J. *Theoretical and experimental approaches to Romance Linguistics*: selected papers from the 34th Linguistic Symposium on Romance Languages (LSRL), Salt Lake City, March 2005. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109-123.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KAYSER, S. J. (ed.). *The view from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 111-176, 1993.

MENUZZI, S. *On the prosody of the diminutive alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. Ms. HIL/University of Leiden, 1993.

MOURÃO, N. R. *Morfologia de diminutivo no português brasileiro: um estudo experimental*. 2017. Monografia (Licenciatura em Letras – Português) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: Constraint Interaction in Generative Grammar*. Technical Report 2, Center for Cognitive Science, Rutgers University, 1993.

R CORE TEAM. R: *A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em: 08 nov. 2024.

SANDALO, F. Diminutivos em Português: raiz vs. radical e a unidade básica da Morfologia. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 9, 2015, Belém, PA.

SIMIONI, T.; SCHWINDT, L. C. O sufixo -inhV/-zinhV e as palavras paroxítonas terminadas em vogal em português brasileiro. *Estudos linguísticos e literários*, Salvador, n. 61, p. 70-84, 2018.

ANEXOS

Anexo 1. Itens testados no experimento com palavras reais

Base	Tipo	Vogal <e>	Sílabas	Base	Tipo	Vogal <e>	Sílabas
aves	alvo	temática	par	raízes	alvo	epentética	par
naves	alvo	temática	par	mulheres	alvo	epentética	ímpar
sorvetes	alvo	temática	ímpar	rapazes	alvo	epentética	ímpar
mamutes	alvo	temática	ímpar	talheres	alvo	epentética	ímpar
salames	alvo	temática	ímpar	cicatrizes	alvo	epentética	par
filhotes	alvo	temática	ímpar	patinadores	alvo	epentética	ímpar
xaropes	alvo	temática	ímpar	ratos	distrator	NA	par
abacates	alvo	temática	par	gatas	distrator	NA	par
elefantes	alvo	temática	par	jogos	distrator	NA	par
novidades	alvo	temática	par	cachorros	distrator	NA	ímpar
uniformes	alvo	temática	par	morangos	distrator	NA	ímpar
alicates	alvo	temática	par	girafas	distrator	NA	ímpar
flores	alvo	epentética	par	bailarinas	distrator	NA	par
luzes	alvo	epentética	par	pernilongos	distrator	NA	par
dores	alvo	epentética	par	borboletas	distrator	NA	par
cruzes	alvo	epentética	par	mesas	teste	NA	par
bares	alvo	epentética	par	carros	teste	NA	par
pares	alvo	epentética	par	-	-	-	-

Fonte: Elaboração própria

Anexo 2. Itens testados no experimento com logatomas

Base	Tipo	Vogal <e>	Sílabas	Base	Tipo	Vogal <e>	Sílabas
ponges	alvo	temática	par	fucotrizes	alvo	epentética	par
drumes	alvo	temática	par	algorozes	alvo	epentética	par
boves	alvo	temática	par	quintilhares	alvo	epentética	par
lapres	alvo	temática	par	papatruzes	alvo	epentética	par
gaves	alvo	temática	par	lobradores	alvo	epentética	par
quintes	alvo	temática	par	escatulares	alvo	epentética	ímpar
talames	alvo	temática	ímpar	casinadores	alvo	epentética	ímpar

citropes	alvo	temática	ímpar	labitadores	alvo	epentética	ímpar
algaces	alvo	temática	ímpar	tremejadores	alvo	epentética	ímpar
petraves	alvo	temática	ímpar	parabanazes	alvo	epentética	ímpar
jilotes	alvo	temática	ímpar	medularizes	alvo	epentética	ímpar
tamutes	alvo	temática	ímpar	trofos	distrator	NA	NA
amapates	alvo	temática	par	bretos	distrator	NA	NA
epelantes	alvo	temática	par	bangos	distrator	NA	NA
tavanetes	alvo	temática	par	bilhos	distrator	NA	NA
picolates	alvo	temática	par	turros	distrator	NA	NA
dolicentes	alvo	temática	par	catos	distrator	NA	NA
culiformes	alvo	temática	par	muchichos	distrator	NA	NA
maringonetes	alvo	temática	ímpar	catafos	distrator	NA	NA
minitrombetes	alvo	temática	ímpar	garatos	distrator	NA	NA
riboterontes	alvo	temática	ímpar	conados	distrator	NA	NA
trijerilantes	alvo	temática	ímpar	lacacos	distrator	NA	NA
intermolentes	alvo	temática	ímpar	romangos	distrator	NA	NA
ocipitantes	alvo	temática	ímpar	caribunos	distrator	NA	NA
clôres	alvo	epentética	par	protombeiros	distrator	NA	NA
truzes	alvo	epentética	par	tanarinos	distrator	NA	NA
mures	alvo	epentética	par	lepresários	distrator	NA	NA
fruzes	alvo	epentética	par	lanatórios	distrator	NA	NA
cizes	alvo	epentética	par	nermilongos	distrator	NA	NA
gares	alvo	epentética	par	rebogimentos	distrator	NA	NA
calheres	alvo	epentética	ímpar	imorfativos	distrator	NA	NA
panazes	alvo	epentética	ímpar	parabinistos	distrator	NA	NA
lagares	alvo	epentética	ímpar	carbulatórios	distrator	NA	NA
cratores	alvo	epentética	ímpar	pirotecários	distrator	NA	NA
tanares	alvo	epentética	ímpar	pesmecialistas	distrator	NA	NA
canizes	alvo	epentética	ímpar	basos	teste	NA	NA
progadores	alvo	epentética	par	mitumbinados	teste	NA	NA

Fonte: Elaboração própria

Escravidão em textos de estadunidenses confederados-e-imigrantes na região de Americana

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3831>

Amanda Castilho Azzali¹

Resumo

Este estudo, realizado a partir de uma articulação entre a História das Ideias Linguísticas e a Semântica Histórica da Enunciação, examina a produção de sentidos sobre escravidão em textos de imigrantes confederados estadunidenses na região de Americana, São Paulo. Esses imigrantes chegaram ao Brasil após a Guerra da Secessão, buscando reconstruir suas vidas e continuar se beneficiando da mão de obra escrava. Analisamos cartas, diários e relatórios para investigar como esses imigrantes enunciam impressões sobre as relações sociais, a escravidão e o modo de vida brasileiro. Observamos em nossas análises que essas enunciações carregam consigo uma história de enunciações sobre a escravidão nos Estados Unidos, que é transposta e ressignificada para o presente das enunciações sobre a escravidão no Brasil.

Palavras-chave: história das ideias linguísticas; enunciação; escravidão.

¹ Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; amandaazzali@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7263-9848>

Slavery in texts by Confederate immigrants Americans in the region of Americana

Abstract

This study, based on an articulation between the History of Linguistic Ideas and the Historical Semantics of Enunciation, examines the production of meanings about slavery in texts written by Confederate immigrants from the United States in the region of Americana, São Paulo. These immigrants arrived in Brazil after the Civil War, seeking to rebuild their lives and continue benefiting from slave labor. We analyzed letters, diaries, and reports to investigate how these immigrants enunciate impressions about social relations, slavery, and the Brazilian way of life. Our analyses show that these enunciations carry with them a history of enunciations about slavery in the United States, which is transposed and resignified in the present enunciations about slavery in Brazil.

Keywords: History of Linguistic Ideas; Enunciation; Slavery.

Introdução

A imigração de estadunidenses confederados para o Brasil ocorreu por volta de 1865, após o fim da Guerra Civil dos Estados Unidos, que se iniciou por volta de 1860, quando o estado da Carolina do Sul declarou secessão e rompeu com a União, seguida por outros estados do sul, formando os Estados Confederados da América. A guerra representou um confronto entre o Norte industrializado, que se opunha à expansão da escravidão, e o Sul agrário, que defendia a manutenção do sistema escravista (Karnal *et al.*, 2007, p. 130).

A derrota dos Estados Confederados na Guerra levou ao fim da escravidão naquele país. Alguns desses confederados, buscando reconstruir suas vidas, optaram por imigrar para o Brasil, onde viram a oportunidade de continuar na agricultura, atividade com a qual já estavam familiarizados e, ainda, continuar se beneficiando da mão de obra escrava. No estado de São Paulo, fundaram uma comunidade e, depois, junto com imigrantes de outras nacionalidades, uma cidade que hoje leva o nome de Americana e, sua vizinha, a cidade de Santa Bárbara d'Oeste.

Na atualidade, em Santa Bárbara d'Oeste, se realiza uma festa periódica no chamado "Cemitério dos Americanos", local em que estes imigrantes estão sepultados. Trata-se da "Festa Confederada", em que se celebra os costumes e símbolos, dentre eles, a bandeira dos confederados, que é exibida com orgulho. Nessa medida, nota-se um esforço, por parte desses cidadãos brasileiros, em manter estes símbolos como parte da celebração dos feitos de seus antepassados. No entanto, a "Festa Confederada" desperta controvérsias por conta da simbologia da bandeira confederada, carregada de um passado marcado

pela escravidão e pelo racismo². Nos Estados Unidos, esse símbolo representa a defesa da supremacia branca e da manutenção do regime escravocrata, sendo considerado um emblema de ódio e opressão.

A festa exemplifica como a história é frequentemente influenciada pelas narrativas dominantes que são transmitidas de geração em geração. A construção histórica, porém, pode resultar no apagamento ou distorção de fatos importantes, especialmente aqueles que dizem respeito a questões de opressão e injustiça. Esse modo equivocado de celebrar, portanto, serve como um lembrete de que a luta contra o racismo estrutural³ precisa ser constante, pois seus ecos ainda ressoam em nossa sociedade.

Assim, nosso interesse está em observar, na história das enunciações desses imigrantes, como eles significam a escravidão e as relações raciais uma vez em território brasileiro. Entendemos que o que significa *escravidão*, *escravos* e *negro* para um brasileiro e para um estadunidense pode não ser o mesmo, pois se trata de sujeitos que falam línguas diferentes que compõem distintos espaços de enunciação e que possuem uma história de enunciações (e de sentidos) diferentes.

Consideramos que as conjunturas históricas intervêm nas práticas cotidianas linguageiras dos sujeitos, atravessando a construção de sentidos e a produção de ideias linguísticas, e adotamos a perspectiva de que o acontecimento é o funcionamento político da língua. Tendo isso em vista, investigamos a construção de sentidos sobre a escravidão a partir da relação entre a história dos Estados Unidos e do Brasil, considerando como essa relação ressignifica as relações sociais na região de Americana, bem como sua história local.

A partir das análises de textos produzidos por confederados imigrantes, tais como cartas, diários e relatórios, observamos o modo como eles enunciam “impressões” sobre as relações sociais, que envolvem a questão da escravidão, do negro e do modo de vida

2 Entendemos o racismo tal como o define Almeida (2019, p. 26): “é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam”.

3 Segundo Almeida (2019), o racismo estrutural está enraizado nas instituições e práticas sociais, políticas e econômicas, organizando a sociedade de forma a perpetuar a desigualdade racial. Ele não se resume a ações individuais de preconceito, mas se manifesta em sistemas que marginalizam a população negra e beneficiam outros grupos. Além da concepção estrutural, o autor propõe mais duas classificações: racismo individualista e racismo institucional. A perspectiva individualista o encara como um desvio ético ou psicológico, atribuindo-o a indivíduos ou grupos isolados, combatendo-o com ações legais e enfatizando a natureza psicológica do preconceito em vez de sua dimensão política. A visão institucional entende o racismo como uma consequência das estruturas institucionais que conferem vantagens e desvantagens com base na raça. Nessa perspectiva, as instituições moldam o comportamento humano e o poder desempenha um papel central na relação racial, estabelecendo o racismo como uma forma de dominação e enfatizando a discriminação racial como meio de manter o domínio de um grupo sobre os demais, afetando a cultura, a estética e as práticas de poder da sociedade como um todo.

geral dos brasileiros no início desse processo de imigração. Buscamos observar como essas enunciações vão construindo descrições, designações e sentidos que produzem ideias linguísticas, e como, nesse processo, vão produzindo uma divisão desigual do real, em que certos “lugares” e certas características são atribuídas aos sujeitos pelo modo como eles são designados e, conseqüentemente, pelos sentidos que gradualmente vão emergindo e se difundindo na sociedade e na história, tornando-se lugar-comum.

Através da análise das designações, da cena enunciativa e das relações argumentativas presentes nesses textos, notamos que os sentidos neles produzidos carregam consigo uma história de enunciações sobre a escravidão nos Estados Unidos, que é transposta e ressignificada para o presente das enunciações sobre a escravidão no Brasil naquele momento, sobretudo na região de Americana, a partir do lugar social de confederado-e-imigrante. História essa que incide, incontornavelmente, sobre a construção de sentidos da palavra *escravidão* e sobre a produção de ideias linguísticas para essa e outras palavras relacionadas.

Nesse sentido, este artigo apresenta uma parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida em nível de doutorado, que investiga a produção de ideias linguísticas e sentidos sobre a escravidão na região de Americana⁴. Dada a extensão do *corpus* documental da tese, selecionamos para este momento dois recortes que permitem observar diferentes dimensões do funcionamento político da língua no Brasil do século XIX: um excerto do diário de James McFadden Gaston, que enuncia sobre a política de imigração no Brasil, e uma carta de Martha Temperance Steagall, que revela a gestão do poder senhorial no cotidiano doméstico. Através desses enunciados, buscaremos observar o funcionamento dos sentidos sobre o negro e a escravidão no Brasil e como esses sentidos permitem a interpretação a partir dos lugares enunciativos que os Locutores nos apresentam.

A Semântica do Acontecimento: do agenciamento do sujeito aos procedimentos analíticos

O referencial teórico no qual nos inscrevemos é o da Semântica Histórica da Enunciação, ou Semântica do Acontecimento. Esta teoria pratica um modo de descrever o sentido que se distingue de visões formais, cognitivas ou estritamente estruturais.

Os estudos que tomam por base o aparato teórico desta semântica voltam-se para a análise do que as palavras designam, levando em conta a sua integração nos enunciados que podem, por sua vez, integrar um texto, no acontecimento de enunciação. E, desse

4 Este trabalho é parte integrante da tese de doutorado intitulada *Um estudo enunciativo da escravidão e das relações raciais na enunciação de confederados imigrantes na região de Americana-SP*, desenvolvida pela autora sob orientação da Profa. Dra. Carolina de Paula Machado, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, com financiamento da CAPES.

modo, uma palavra não significa sozinha nem seu significado pré-existe ao seu funcionamento da enunciação embora haja uma sedimentação de sentidos pela história de enunciações.

De acordo com Guimarães (2002, p. 12), “é o acontecimento que temporaliza”, que determina o sujeito e a enunciação, constituindo-se de um passado, instaurando um presente e uma latência de futuro, e é nessa latência que se encontra a significação, o interpretável. Portanto, é o acontecimento que produz o sentido e o passado no acontecimento se faz através de rememorações de enunciações, isto é, recortes de enunciações prévias no acontecimento, o que é chamado de memorável.

O acontecimento enunciativo agencia falantes que são sujeitos afetados pelo simbólico que se localizam em um tempo e um espaço. Estes sujeitos são afetados pela língua, pelo modo como estas línguas estão distribuídas a estes falantes e, nesse contexto, temos o conceito de espaço de enunciação que se configura pelo modo de distribuição das línguas em um espaço, enquanto um espaço determinado pelas línguas e relacionado aos falantes que convivem politicamente. Trata-se de um espaço em que o sujeito constitui suas relações com outros sujeitos pelas línguas que falam; em que o sujeito se constitui, na alteridade, significando, onde o simbólico se expõe ao real, produzindo significação (Guimarães, 2002, p. 18).

A enunciação é, portanto, o acontecimento de um enunciado e o sentido de um enunciado ocorre por meio do funcionamento da linguagem, isto é, no acontecimento. A enunciação é “o acontecimento de funcionamento da língua num espaço de enunciação” (Guimarães, 2018, p. 22).

A análise do funcionamento linguístico na Semântica do Acontecimento consiste em considerar os enunciados como unidades independentes que compõem o texto. Esses enunciados devem ser considerados a partir de recortes de textos, pelo procedimento de sondagem. Nessa perspectiva, “analisar enunciados de textos é analisar não segmentos linguísticos simplesmente, mas fragmentos do acontecimento de enunciação” (Guimarães, 2023, p. 126).

A partir de diversos textos produzidos por estes confederados estadunidenses no período de 1860 a 1895, como cartas, relatórios e diários, levamos em conta em nossa sondagem os trechos que mencionam a questão racial e a escravidão, uma vez que entendemos que se trata de um momento específico da história em que diferentes memórias se cruzam, relacionadas à escravidão nos Estados Unidos e no Brasil, dois espaços-tempo com significados distintos e desdobramentos específicos em relação às relações raciais e o racismo.

Para analisarmos os acontecimentos de enunciação, utilizamos procedimentos específicos como a reescrituração e a articulação. Tais operações são fundamentais para o esboço do Domínio Semântico de Determinação (DSD) – representação estabelecida por meio da análise das relações de uma palavra com outras determinantes nos textos em funcionamento (Guimarães, 2007, p. 80). Além desses procedimentos, mobilizamos a categoria de análise fornecida pelo conceito de cena enunciativa.

Guimarães (2007, p. 84) define a reescrituração como o “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si”. Já a operação de articulação, conforme explica o autor, são “as relações de predicação, de determinação, de complementação, de argumentatividade, de pressuposição etc.” (Guimarães, 2023, p. 130). O autor explica que a articulação diz respeito às relações próprias das contiguidades locais. São procedimentos que ocorrem nas relações no interior dos enunciados ou na relação entre eles. A partir dessas categorias de descrição poderemos explorar os aspectos relacionados ao modo de funcionamento do enunciado, sua organização e coerência interna, bem como a relação de seus elementos com o texto, nos permitindo acessar os sentidos por meio do acontecimento.

A cena enunciativa é a maneira como os sentidos, no acontecimento, se apresentam e fazem com que o sujeito seja percebido pela linguagem, determinado pela deontologia que permite a produção, o direcionamento dos sentidos para as figuras da enunciação, isto é, os sujeitos (Guimarães, 2002, p. 23).

Como vimos, o sujeito, nessa perspectiva, é constituído pelos sentidos e pela cena no acontecimento, gerando uma contradição impulsionada pela linguagem. Essa contradição surge entre as práticas normativas legitimadas social e historicamente na relação entre os sujeitos, definindo seus lugares na linguagem, e a afirmação de pertencimento dos sujeitos excluídos dessas práticas, que também são determinados pela língua, mas se caracterizam pela resistência e diferença em relação a essa normatividade. Isso envolve o aspecto político e a hierarquização dos sujeitos através do funcionamento da linguagem e sua identificação nos espaços de enunciação.

No acontecimento, o sujeito se constitui pelos seus dizeres e atribui sentidos ao real. Esses dizeres conferem ao falante “papéis enunciativos ou lugares sociais de dizer”, que são constituídos pela linguagem. O sujeito se apresenta como locutor L ao tomar a palavra para si, mas também é afetado pelo lugar social que ocupa, sendo o alocutor-x. Ele fala a partir de uma constituição de figuras enunciativas e se divide como enunciador, assumindo características individuais, genéricas, coletivas ou universais. Esse é o agenciamento enunciativo, que é político, envolve a produção de sentidos, o estabelecimento de relações e a hierarquização dos sujeitos e das línguas pelo dizer (Guimarães, 2018, p. 63).

Segundo Guimarães (2018, p. 63), quando se divide os lugares de enunciação, pelo agenciamento do falante, se estabelece uma relação de alocação, sendo o Locutor relacionado ao Locutário como seu correlato do dizer. Do mesmo modo, o alocutor constitui o lugar social para o qual ele diz, o alocutário. A linguagem, portanto, é constituinte de relações e é o agenciamento “pela língua, do falante em Locutor, e pelo agenciamento do falante em alocutor pela relação histórica com os falantes do espaço de enunciação” que estabelece a alocação (Guimarães, 2018, p. 72).

Nesse sentido, entendemos que a argumentação é elemento do processo de significação e é produzida pelo acontecimento de enunciação. Através da cena enunciativa, o agenciamento mobiliza as condições sócio-históricas que o falante apresenta no espaço de enunciação. A argumentação é então “lugar social do alocutor (al-x) sustenta algo para um lugar social de alocutário (at-x)” (Guimarães, 2018, p. 107).

A argumentatividade também é o agenciamento da língua que dá orientação entre a razão e a conclusão a partir do uso de articuladores, conectivos ou conjunções. Portanto, o funcionamento da língua na enunciação é a própria argumentatividade, a relação de integração de sentidos ao longo de um texto.

Há, assim, uma dinâmica dos lugares da enunciação que mostra uma relação de um lugar que diz ao mesmo tempo que outro, demonstrando modos diferentes de significar. Essas relações entre as figuras da enunciação se dão no acontecimento enunciativo de modo a significar as relações entre expressões de enunciados, as relações de articulação que vimos anteriormente. Guimarães (2018, p. 68) explica que estes “são modos de ‘comentar’ indiretamente o próprio dizer da cena. Estes modos de ‘comentário’ podem se dar por *apresentação* e por *alusão*”⁵.

De acordo com o autor, a apresentação é quando o alocutor apresenta o dizer de um enunciador, “consiste em um lugar de enunciação mostrar-se como quem faz conhecer um dizer de outro lugar, coexistente ao seu próprio dizer” (Guimarães, 2018, p. 69). Sendo assim, ao analisarmos os enunciadores na cena Enunciativa, “é preciso considerar qual o modo específico da apresentação envolvida” (Guimarães, 2018, p. 69).

A alusão é uma relação de um lugar de enunciação que evoca um outro lugar de enunciação e o que se diz a partir deste lugar. Segundo o autor, “o enunciador pode, a propósito de outros aspectos da significação, aludir a outro enunciador ou ao alocutor. Ou ainda que o alocutor pode aludir ao Locutor” (Guimarães, 2018, p. 69). Nessa medida, a alusão não é simplesmente uma citação do que foi dito, mesmo que seja de forma indireta.

5 Graficamente, a relação de apresentação é representada por uma seta de espessura grossa, enquanto a alusão, por uma seta de espessura mais fina.

Em vez disso, a alusão envolve uma relação entre diferentes lugares de enunciação que coexistem ao mesmo tempo.

É, portanto, a partir da relação coexistente dos lugares de enunciação, que poderemos observar que a produção de sentidos se dá pelo funcionamento da língua com relação ao espaço enunciativo e, a partir da análise da dinâmica própria da cena enunciativa, poderemos também observar de que modo as argumentações são sustentadas pela alusão ou apresentação dos lugares da enunciação nos recortes que seguem.

O funcionamento político da língua: sentidos sobre a escravidão em relatos confederados

Apresentamos, neste momento, uma análise enunciativa de um trecho do diário do imigrante ex-confederado James McFadden Gaston, escrito entre 1865 e 1866. O recorte selecionado aborda a política de imigração brasileira em relação aos negros, conforme vemos a seguir.

R1 (a) Negros de outros países não são admitidos no Brasil a menos que nasçam livres, e mesmo que sejam cidadãos após terem sido escravizados, isso não os autoriza a serem recebidos aqui. (b) Quanto a esta questão, de grande importância para aqueles cujos negros estariam dispostos a vir com eles para este país, eu enfatizei a importância de alguma modificação das regulamentações existentes para permitir que aqueles que apresentassem papéis de liberdade do governo dos Estados Unidos entrassem no Brasil. (c) Mas o ministro nos informou que era uma disposição da constituição baseada em leis internacionais, que não poderia ser alterada sem uma referência às outras potências envolvidas, e, além disso, que este elemento não seria uma adição muito desejável à população deste país. (d) Certamente existem alguns aspectos da questão que tornam questionável apropriar-se desta classe particular de negros em um país onde a escravidão existe, e a influência desses libertos sobre outros negros livres e sobre escravos no Brasil pode tender a provocar cenas semelhantes às que foram encenadas no processo de emancipação nos Estados Unidos (Gaston, 1867, p. 227, tradução própria)⁶.

6 No original: "Negroes are not admitted into Brazil from other countries unless free-born, and even should they be citizens of the latter after being in slavery, it does not authorize them to be received here. Regarding this a matter of much moment to those whose negroes would be willing to come with them to this country, I urged the importance of some modification of the existing regulations so as to permit those presenting free-papers from the United States government to enter Brazil. But the minister informed us that it was a provision of the constitution based upon international laws, that could not be altered without a reference to the other powers concerned, and, moreover, that this element would not be a very desirable addition to the population of this country. There are certainly some aspects of matter which make it of questionable propriety to admit this particular class of negroes in a country where slavery exists, and the influence of these freedmen upon other free negroes and upon slaves in Brazil might tend to bring about similar scenes to those which have been enacted in the process of emancipation in the United States".

Nesse recorte, vemos que a palavra *negro* é reescrita por substituição por diversas vezes ao longo do recorte, mas articulada a diferentes expressões. Em um primeiro momento, podemos observar que o alocutor-confederado significa uma relação entre *raça negra* e *trabalho escravo*, ressaltando as barreiras e restrições impostas à imigração de *negros* de outros países.

Em (a), o Locutor destaca a política discriminatória de imigração brasileira, enfatizando que os negros estrangeiros só são admitidos no país se nascerem livres, mesmo que tenham sido escravizados em outras nações e adquirido cidadania posteriormente. Tal modo de significar recorta como memorável a complexidade das leis de imigração brasileiras e a exclusão sistemática dos *negros de outros países*, independentemente de seu *status* legal ou cidadania, baseado na política de branqueamento, que nada mais era do que uma estratégia adotada no Brasil no final do século XIX e início do século XX, que tinha como objetivo promover a predominância da população branca no país. Essa política teve seu ápice no contexto pós-abolição, quando as elites brasileiras temiam que a presença de uma grande população negra, recém-liberta da escravidão, pudesse ameaçar a ordem social e o desenvolvimento do país (Costa, 2007, p. 373).

Assim, temos a palavra *negros* articulada à expressão *de outros países* e a palavra *livres*, especificando o seu sentido enquanto a condição desses negros estrangeiros e a maneira como são discriminados com base em sua origem e *raça* e constantemente associados à força de trabalho escravo.

Na continuação, em (b) temos o pronome possessivo *cujos* articulado a *negros*. A expressão original, na língua inglesa, é “*whose*”, que indica posse ou associação, e é usada para indicar que algo pertence ou está relacionado a alguém ou algo específico. Portanto, ao traduzir “*whose negroes*” para o português, é apropriado utilizar a expressão “*cujos negros*” para transmitir essa ideia de posse ou associação, uma vez que *aqueles* é uma reescritura do próprio alocutário que o alocutor estabelece, uma reescritura por condensação de *sulistas que estariam* dispostas a trazer “seus” negros (libertos) com eles para o Brasil, implícito no seu dizer.

A expressão “*cujos negros*”, portanto, indica que essas pessoas têm negros sob sua posse ou responsabilidade. Em outras palavras, *aqueles cujos negros estariam dispostos a vir com eles para este país* se refere a pessoas que têm negros sob sua posse e que estariam dispostas a trazê-los para o Brasil, ainda que fossem libertos legalmente no seu país de origem.

Sendo assim, observamos que quando este Locutor enuncia *apropriar-se desta classe particular de negros*, o *status* legal de liberdade desse ex-escravizado não vale no Brasil. Trazer esses negros seria algo vantajoso para esses imigrantes, na medida em que em terras brasileiras ele poderia continuar sendo escravizado.

Na sequência, vemos que há uma alusão a um outro Locutor quando traz a resposta do ministro sobre esta questão:

(c) Mas o ministro nos informou que era uma disposição da constituição baseada em leis internacionais, que não poderia ser alterada sem uma referência às outras potências envolvidas, e, além disso, que este elemento não seria uma adição muito desejável à população deste país.

Vemos o modo de relacionar a enunciação neste trecho a partir do *mas*, logo no início do enunciado. Trata-se de uma relação concessiva, isto é, o *mas* direciona concessivamente a resposta do governo brasileiro sobre a impossibilidade de migração de *negros de outros países*, dando, portanto, uma orientação de argumentatividade.

Esse trecho recorta como memorável o contexto de imigração da época e a questão do projeto político e ideológico de branqueamento, como mencionado. O governo brasileiro estava enfrentando pressões internas e externas relacionadas à escravidão e às relações raciais. A abolição da escravidão estava cada vez mais próxima, e a presença de *negros livres* ou *libertos* poderia representar uma ameaça à estrutura social existente. Além disso, havia preocupações sobre o impacto que esses indivíduos poderiam ter na população escrava remanescente, podendo influenciar os escravos a buscar a liberdade.

O que foi dito a partir deste outro Locutor continua se relacionando com o que é dito na sequência, mas agora partir de um lugar de dizer individual, quando o Locutor se divide em enunciador-individual para trazer suas próprias reflexões sobre essa medida do governo federal brasileiro:

(d) Certamente existem alguns aspectos da questão que tornam questionável apropriar-se desta classe particular de negros em um país onde a escravidão existe, e a influência desses libertos sobre outros negros livres e sobre escravos no Brasil pode tender a provocar cenas semelhantes às que foram encenadas no processo de emancipação nos Estados Unidos

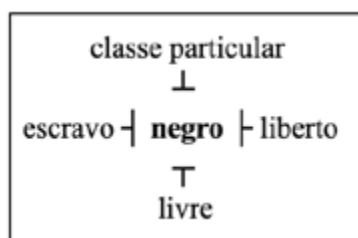
Aqui, podemos observar que *classe particular de negros* é reescrito por meio de uma relação de hiperonímia por *negros de outros países*. Essa reescritura especifica seu sentido tal como no início do recorte em (a), que se refere aos negros que foram libertos ou que nasceram livres em outros países, sendo assim trata-se de *negros de outros países livres* ou *libertos*, mas que nada mudaria com a imigração, pois viriam para o Brasil para continuarem a ser escravos.

Ainda, nesse trecho em (d), observamos que a palavra *negros* é reescrita por elipse em *a influência desses* [negros] *libertos*. E a palavra *escravos* reescreve por substituição o *negro*

que não é *liberto*, algo que está implícito no seu dizer, uma vez que faz oposição aos negros livres e libertos. Nesse sentido, podemos observar que há quatro categorias que determinam o sentido de negros: livres, libertos, escravos e classe particular.

Isto posto, temos o DSD de *negro* representado abaixo.

Figura 1. Domínio Semântico de Determinação da palavra *negro*. Onde se lê: *classe particular*, *liberto*, *escravo* e *livre* determinam o sentido de negro.



Fonte: Elaboração própria

Esses modos de significar o *negro* recortam a história da colonização e de escravização. Dizer *negro liberto*, *livre* ou *escravo* se realiza como uma enunciação trivial, como se a escravização de pessoas pretas fosse algo natural revelando esse lugar social de escravocrata, agenciado pela questão da hierarquização racial, que tem uma visão simplista e redutora da experiência negra, que não reconhece a complexidade e a diversidade das vivências desses indivíduos ao longo da história.

Podemos identificar que o acontecimento enunciativo deste relato instaura uma cena na qual o alocutor confederado imigrante e escravocrata apresenta ao seu correlato, um alocutário confederado e escravocrata, primeiro um enunciador-universal, que expõe como uma verdade para todos a realidade sobre a política de imigração brasileira de pessoas pretas, depois, um enunciador-individual identificado pela forma pronominal *eu* que relata sua experiência e as medidas que tomou frente ao governo brasileiro para que *efetuassem alguma modificação das* regulamentações existentes para permitir que aqueles que apresentassem papéis de liberdade do governo dos Estados Unidos entrassem no Brasil.

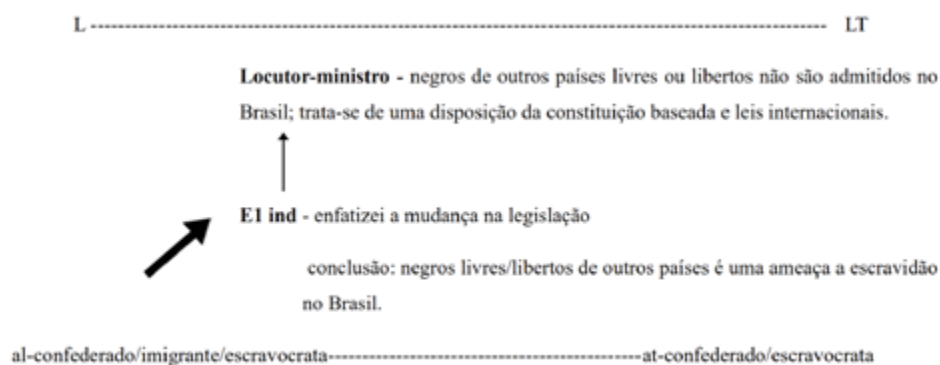
Na sequência, ao reportar a fala do ministro, há uma alusão a outro Locutor. Trata-se de algo dito por outra pessoa, no caso de uma posição oficial do ministro, sendo que esse lugar de dizer responde às questões que o Locutor coloca para seu Locutário.

Por fim, a orientação de continuidade do texto se dá pelo enunciador-individual que se faz presente novamente, quando suas declarações refletem uma posição individual em relação ao assunto, sua opinião sobre a política brasileira em relação à imigração de

peças pretas e a escravidão, sustentando a conclusão de que a presença de negros no Brasil *pode tender a* provocar cenas semelhantes às que foram encenadas no processo de emancipação nos Estados Unidos, isto é, a imigração de negros livres e/ou libertos de outra nacionalidade pode ser uma ameaça à escravidão existente no Brasil.

Temos, assim, a seguinte representação da cena enunciativa deste recorte:

Figura 2. Representação da dinâmica da cena enunciativa. O Locutor se divide em alocutor-confederado, imigrante e escravocrata e estabelece seu alocutário-confederado e escravocrata. A relação de argumento entre a conclusão se estabelece pela apresentação que o locutor faz do enunciado-individual para sustentar a conclusão de que negros livres/libertos de outros países é uma ameaça à escravidão no Brasil. Há uma alusão a outro lugar de dizer, isto é, um outro Locutor que faz significar os argumentos.



Fonte: Elaboração própria

A seguir, temos um recorte de uma carta datada de 1869, escrita por Martha Temperance Steagall, nascida no Tennessee. Ela já estava no Brasil e escreve para sua mãe, cuja localidade não foi registrada. No relato, a Locutora Martha menciona que foi jantar na casa do Sr. Willie Norris, que se refere a William Hutchinson Norris, coronel do exército confederado que imigrou para o Brasil⁷. Mais tarde, Martha se casou com o filho do coronel, Robert Cicero Norris e continuou a viver na mesma região.

Vejamos o que diz:

R2 Jantamos com o Sr. Willie Norris no dia em que saímos de casa e então percorremos quatro milhas deste lado de Campinas, chegando aqui na manhã seguinte às 9 horas. Meu cavalo foi manso, então não fiquei muito cansada. Estou muito satisfeita com meu novo lar e acho que vou ficar bem até pegar minhas

⁷ A família Norris foi a primeira família estadunidense a se estabelecer na região da Villa Americana, conhecida hoje como cidade de Americana.

coisas. (b) Tenho medo de que eu não consiga dirigir os negros da casa com eficiência, pois receio que eles não entendam o pouco de português que falo (Steagall, 1869, tradução própria)⁸.

Em (b) podemos observar um novo sentido para *negros* a partir da articulação com *da casa*, que especifica *negros*, significando que são os escravos que estão associados ao trabalho na residência da Locutora Martha. Essa maneira de significar só é possível a partir do memorável da escravidão que retoma, em que indica que os negros mencionados são propriedades e que trabalham para ela, recortando as relações de poder e dominação presentes na sociedade escravocrata brasileira da época – sentidos que não funcionavam mais no espaço enunciativo dos Estados Unidos, mas que são transpostos para o presente das enunciações sobre a escravidão no Brasil naquele momento. Na sequência, *eles* reescreve por substituição a expressão *negros da casa*.

Assim, vemos que além de reportar o jantar na casa do Coronel, como observamos em (a), na sequência em (b), a Locutora Martha também expressa uma preocupação pessoal em relação à sua capacidade de *dirigir os negros da casa com eficiência*, por considerar que *fala pouco português*. Nesse trecho, observamos que a Locutora demonstra uma perspectiva individualizada da situação, na qual ela se preocupa com sua própria habilidade de comunicação e liderança, mobilizando, portanto, um enunciador-individual.

Podemos observar que esse Locutor, o lugar que diz, é autorizado por um lugar social de dizer, por uma posição que o falante ocupa no espaço de enunciação. Este lugar social de dizer é o de uma mulher branca, estadunidense, proprietária de escravos, “senhora” e imigrante falante da língua inglesa, o que é indicado pela referência aos *negros da casa* e pela menção ao *pouco português que fala* e estabelece como seu alocutário alguém que ocupa o mesmo lugar social de escravocrata e estadunidense. Esse lugar social de escravocrata confere um poder e autoridade sobre os escravos, refletindo as estruturas hierárquicas e raciais da sociedade da época e nos mostrando que estes imigrantes se aproveitaram desse sistema que ainda funcionava no Brasil.

Ao mencionar o medo de não conseguir se comunicar efetivamente com os escravos devido à sua limitada proficiência em português, observamos que se trata do espaço enunciativo escravocrata do Brasil regulado pela língua portuguesa e que nesse sentido entende-se que quem vive no Brasil não fala inglês, especialmente os escravos. No entanto, essa preocupação com a eficiência de sua gestão doméstica e o funcionamento da ordem social dentro de sua casa, enquanto falante da língua inglesa, não exclui o fato de

8 No original: “We took dinner with Mr. Willie Norris on the day we left home and then came four miles this side of Campinas and we got here next morning at 9 o’clock. My horse rode easy, so that I did not get very tired I am well pleased with my new home and think I much te da until I get my things from there, I am afraid I will make poor speed directing the house negroes as I fear they do not understand what little Portuguese I do speak”.

que a senhora ainda exerce um poder absoluto sobre seus escravos. Assim, observamos que esses acontecimentos redividem os falantes e os lugares sociais na medida em que colocam essas línguas em relação e vemos significar uma dinâmica de poder que é intensificada pela instituição da escravidão, que concede à senhora autoridade total sobre seus escravos, independentemente da questão da língua.

No recorte, observamos uma orientação argumentativa que envolve um argumento que sustenta uma conclusão. O operador “pois” estabelece uma relação explicativa entre o medo de não conseguir dirigir os negros da casa com eficiência [X1] e a causa desse medo, que é o receio de que eles não entendam o pouco de português que a Locutora fala. Assim, “pois” introduz uma justificativa que fundamenta o argumento inicial, o que leva à conclusão da necessidade de falar português para exercer o lugar social de senhora no Brasil ([Y]).

Portanto, o percurso argumentativo se organiza da seguinte forma:

[X1] Tenho medo de não dirigir os negros da casa com eficiência,

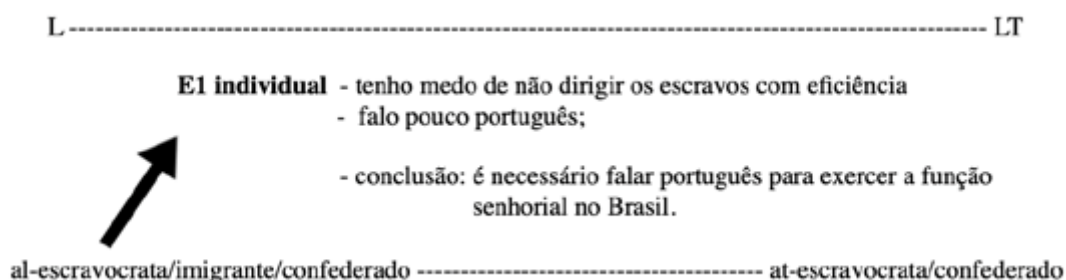
pois receio que eles não entendam o pouco de português que falo,

→ [Y] portanto, preciso falar português para exercer minha função de senhora no Brasil.

Nesse funcionamento, a orientação de argumentatividade se dá pela articulação do argumento com a justificativa introduzida pelo operador “pois”, enquanto a conclusão emerge como efeito do percurso construído pelo alocutor. Assim, a língua portuguesa aparece como meio necessário para manter a estrutura de poder e a ordem social desejada, sustentada pelo memorável da escravidão que naturaliza o domínio sobre os escravizados.

Temos a seguir a representação da cena deste recorte:

Figura 3. Representação da dinâmica da cena enunciativa. Um alocutor-escravocrata, imigrante e confederado estabelece seu alocutário-escravocrata e confederado, apresenta um enunciador individual que expõe seus argumentos sustentando a conclusão de que é necessário falar português para exercer a função senhorial no Brasil.



Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

Os diferentes modos de significar o *negro* recortam a história da colonização e da escravização. Dizer *negro liberto*, *livre*, *da casa* ou *escravo* se realiza como uma enunciação trivial, como se a escravização de pessoas pretas fosse algo natural revelando o lugar social de escravocrata do Locutor, agenciado pela questão da hierarquização racial, que tem uma visão simplista e redutora da experiência negra, que não reconhece a complexidade e a diversidade das vivências desses indivíduos ao longo da história.

Conforme observou Chalhoub (1990, p. 298), “para cada Zumbi, com certeza existiu um sem-número de escravos que, longe de estarem passivos ou conformados com sua situação, procuraram mudar sua condição através de estratégias mais ou menos previstas na sociedade em que viviam”. Em outras palavras, o discurso simplificador sobre a experiência dos negros escravizados, pautado no racismo, apaga as múltiplas formas de resistência e ação desses sujeitos, quando sabemos que esses indivíduos não eram objetos passivos do sistema opressor, mas sujeitos históricos que, de diferentes maneiras, desafiaram o próprio sistema que os oprimia.

A análise do primeiro recorte nos permitiu observar a questão das restrições impostas à imigração de negros estrangeiros, destacadas pelo alocutor-confederado, revelando a associação entre *raça negra* e *trabalho escravo*, uma relação que foi um pilar fundamental na estrutura social e econômica dos Estados Confederados e que os imigrantes buscavam perpetuar no Brasil.

A resposta do ministro brasileiro ao pedido do confederado evidencia as tensões políticas e ideológicas em torno da imigração e da escravidão. A política de branqueamento, que buscava a manutenção de uma hierarquia racial, é rememorada quando o ministro alega que a entrada de negros libertos não seria do interesse da sociedade brasileira. Na continuidade do relato, o confederado reforça essa visão atrelada à decisão do governo ao expressar a influência desestabilizadora que esses negros libertos poderiam ter sobre a população escrava remanescente no Brasil.

No segundo recorte, a análise da carta de Martha Steagall desloca o olhar para a esfera doméstica e cotidiana, em que a designação *negros da casa* estabelece uma relação de posse e serviço imediato. A tensão enunciativa manifestada pela preocupação com a língua – o receio de não ser compreendida pelo ‘pouco português’ – revela que, no espaço de enunciação brasileiro, a língua portuguesa é significada como um instrumento político de poder e eficiência para o exercício da autoridade senhorial. Assim, a necessidade de aprender o idioma nacional é articulada não como um desejo de integração cultural, mas como uma exigência pragmática para a manutenção da ordem escravocrata e da hierarquia racial dentro do ambiente doméstico, transpondo para o Brasil o lugar social de “senhora” que a Locutora já ocupava, simbolicamente, em sua memória confederada.

Assim, pela análise dos textos dos confederados, ao considerar o acontecimento enunciativo como o funcionamento político da língua, podemos entender melhor como os discursos dos confederados imigrantes contribuíram para a construção de sentidos sobre a escravidão e o negro, uma vez que a memória e a experiência da escravidão nos Estados Unidos foram ressignificadas no Brasil, contribuindo para a perpetuação de um discurso racista e escravocrata que marcou a história local de Americana e, mais amplamente, do Brasil. Olhar para o passado para repensar um presente e um futuro antirracistas.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento deste estudo (Processo n.º 8887.886033/2023-00) no âmbito do curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos (PPGL-UFSCar).

Referências

ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

CHALHOUB, S. *Visões de liberdade*, uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COSTA, E. V. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. 8. ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2007.

GASTON, J. McF. *Hunting home in Brazil: the agricultural resources and other characteristics of the country. Also, the manners and customs of the inhabitants*. Philadelphia: KING & BAIRD, PRINTERS, 1867. 383 p. Disponível em: <https://ia800502.us.archive.org/10/items/huntinghomeinbra00gast/huntinghomeinbra00gast.pdf>. Acesso em: 9 set. 2022.

GUIMARÃES, E. Sobre teoria e método em semântica da enunciação. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, v. 26, n. 51, p. 116-134, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671816>. Acesso em: 19 jul. 2023.

GUIMARÃES, E. *Semântica: enunciação e sentido*. Campinas: Pontes, 2018.

GUIMARÃES, E. *Análise de texto: Procedimentos, análises, ensino*. Campinas: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. Domínio Semântico de Determinação. In: MOLLICA, M. C.; GUIMARÃES, E. (org.). *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes, 2007.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2 ed. Campinas: Pontes, 2002.

KARNAL, L. et al. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XIX*. São Paulo: Contexto, 2007.

STEAGALL, M. T. (Pattie). Carta, 15 ago. 1869. In: *Correspondence of Patti Steagall [Martha Temperance Steagall Norris], 1868-1869*, caixa 1, pasta 14. Departamento de Arquivos e Coleções Especiais da Universidade de Auburn. Disponível em: <https://content.lib.auburn.edu/digital/collection/confederado>. Acesso em: 5 jul. 2023.

Por uma Linguística popular do Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3948>

Roberto Leiser Baronas¹
Nayhara Juliana Aniele Pereira Thiers Vieira²

Resumo

A Linguística popular é um campo de estudos recente no âmbito das ciências da linguagem praticadas no Brasil. Inicialmente fundamentada em epistemologias do Norte Global, nossa proposta é trazer os trabalhos dos pensadores brasileiros Eduardo Viveiros de Castro e Antônio Bispo dos Santos para fundamentar epistemologicamente uma proposta de Linguística popular à brasileira. Os trabalhos do primeiro, acerca do perspectivismo ameríndio, e os do segundo, sobre a “guerra das denominações” no interior da contracolonialidade, são pertinentes para esse campo de conhecimento. Os gestos teóricos muito genuínos que empreendem vão ao encontro do objetivo primeiro da Linguística popular que é evidenciar como os sujeitos, por meio de determinadas práticas linguísticas, além de produzirem saberes metalinguísticos sobre a sua língua, podem intervir na sociedade.

Palavras-chave: Linguística popular; contracolonialidade; perspectivismo ameríndio

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; baronas@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>

2 Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), Alfenas, Minas Gerais, Brasil; nayharajaptvl@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-2756-5944>

Pour une Linguistique populaire du Brésil

Résumé

La linguistique populaire est un domaine d'étude récent au sein des sciences du langage, pratiqué au Brésil. Bien qu'initialement basée sur les épistémologies du Nord, la linguistique populaire est ici abordée à travers une proposition qui amène les travaux des penseurs brésiliens Eduardo Viveiros de Castro et Antônio Bispo dos Santos à étayer épistémologiquement une proposition de linguistique populaire du Brésil. Les travaux du premier, sur le perspectivisme amérindien, et ceux du second, sur la « guerre des dénominations » au sein de la contrecolonialité, sont pertinents pour ce champ de connaissances. Les gestes théoriques très authentiques entrepris répondent à l'objectif premier de la linguistique populaire, qui est de mettre en évidence comment les sujets, à travers certaines pratiques linguistiques, en plus de produire des connaissances métalinguistiques sur leur langue, peuvent intervenir dans la société.

Mots-clés: Linguistique populaire; contrecolonialité; perspectivisme amérindien.

Introdução

Com base na abordagem antieliminativa da Linguística popular, elaborada por Marie-Anne Paveau (2008/2020), objetivamos, por um lado, pontuar a questão linguística como fator fundamental para que possamos compreender como a corrente contracolonial, elaborada por Antônio Bispo dos Santos, a partir dos saberes quilombolas, se dá em diferentes frentes por meio de saberes metalinguísticos. Por outro lado, mobilizamos as contribuições de Eduardo Viveiros de Castro, notadamente com base em seu texto *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*, no qual discute a separação radical entre natureza, cultura, sobrenatureza, humano, não-humano, postulada pela antropologia eurocêntrica, perquirindo em seu lugar o conceito de perspectivismo ou de ponto de vista.

Nos ditos e escritos, de Antônio Bispo dos Santos, percebemos uma recorrência de comentários e formulações, diretos ou indiretos, muito genuínos, sobre a língua e a linguagem. Embora não tenha formação em linguística, tendo, na verdade, desenvolvido estudos formais apenas até o ensino fundamental, o modo como nos expressamos, como designamos e mesmo as restrições que impomos aos diversos seres em relação à linguagem é marcante em seu pensamento e elemento fundamental para o exercício da contracolonialidade.

No trabalho do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, buscamos seguir o rastro daquilo que ele próprio nos indica ao realçar que “[...] o importante é lembrar que no perspectivismo

há mais do que a vista alcança, há toda uma teoria do signo e da comunicação" (Castro, 2012, p. 901).

Essas observações, em seus desdobramentos específicos nos fazem sugerir que tanto Santos quanto Castro podem também ser considerados linguistas populares, no sentido que Paveau (2008/2020) atribui a esta designação. Ademais, nossa questão de fundo é propor que esses autores podem contribuir para fundamentar o quadro teórico-metodológico de uma Linguística popular à brasileira.

Antônio Bispo dos Santos – a contracolonialidade e a prática linguística em seu interior

Antônio Bispo dos Santos, ou Nêgo Bispo, como gostava de ser chamado, foi um intelectual, filósofo da contracolonialidade, poeta e tradutor do pensamento quilombola. Seu trabalho está centrado na problemática da colonialidade com foco no que ele denominou contracolonialidade. Em seu pensamento, o contracolonialismo, elemento norteador de suas discussões, é descrito de formas diversas. Como quilombola, ele privilegiava a oralidade e é pelo movimento da palavra que tentamos apreender seus ensinamentos e perseguir suas reflexões linguísticas.

Dentre essa diversidade de formas de dizer e definir o contracolonialismo, algumas merecem destaque aqui. A primeira se dá pelo distanciamento em relação à ideia de decolonialidade no pensamento do mestre quilombola. Na ocasião de uma entrevista, realizada em 2023, ele elabora uma importante reflexão nesse sentido, pontuando que

Se você se sente colonizado e se isso te incomoda, você pode ser uma pessoa decolonial, você pode se descolonizar, é tranquilo para mim, eu vou respeitar. Eu não vou gastar minhas energias te descolonizando, esse é o teu papel. Eu vou gastar minhas energias lutando para não ser colonizado. E como eu não fui colonizado, não posso ser descolonizado. Como é que eu vou desmanchar uma coisa que não foi feita? Eu tenho que ser contracolônizador. A grande diferença entre ser decolonial e contracolônial é que um foi colonizado e o outro não. [...] Eu gosto de dizer que o contracolônialismo é uma trajetória e a decolonialidade é uma teoria [...] (Barbosa Neto; Silva; Lowande, 2023, p. 12-13).

Uma outra forma de definição, cara às discussões que traremos aqui, vai se dar pela marcação da relação entre o contracolônialismo e modos de vida ou cosmovisões específicas, como fica evidente em: "O contracolônialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolônialismo é um modo de vida diferente do colonialismo" (Santos, 2023, p. 58). Ou ainda quando diz

que “Contracolonialismo hoje é uma corrente. É quilombola. É indígena. É uma corrente politeísta” (Barbosa Neto; Silva; Lowande, 2023, p. 12).

A partir, principalmente, dessas últimas definições, podemos introduzir um ponto crucial sobre a especificidade do pensamento de Bispo dos Santos, que será central em nosso trabalho, que é compreender que, mais do que de um conceito, as elaborações que ele faz sobre a linguagem partem de um modo de existência específico, de uma outra cosmologia, que tem sua referência na organização dos Quilombos. Cabem aqui as palavras da quilombola e mestre em sustentabilidade pela UnB, Ana Mumbuca, que diz que um Quilombo é, entre outras coisas,

[...] um conjunto de vidas em defesas contínuas sustentadas em compromissos do compartilhar ancestral e cosmológico. Quilombo é a força das rebeldias contrárias a todas as ordens opressoras. Não pedimos nem pediremos libertação. Pois fomos e somos construtores das nossas próprias liberdades (Santos; Maia, 2022, p. 81).

Para nós é essencial compreender que é diante desse território, das vivências e das diversas relações languageiras que nele se dão, que Antônio Bispo dos Santos formula sua visão contracolonialista, colocando em debate, especialmente por meio da linguagem, o modo de existência colonial, oposto àquele vivenciado nos Quilombos, e que ainda hoje se sobressai em nossa sociedade. Sublinhamos, portanto, que essa relação com o território é marcada não apenas pela luta pela terra, mas por uma luta pela memória e pelos valores ancestrais e cosmológicos desse coletivo.

A guerra de denominações na luta contracolonial

Como intuito de enfraquecer o colonialismo, por meio do contracolonialismo, identificamos, nos escritos e ditos de Antônio Bispo dos Santos, uma preocupação com a língua e a linguagem como um fator primordial de consolidação do movimento contracolonial e transformação da sociedade colonial. Essa preocupação passa por uma sistematização que ele vai chamar de guerra das denominações. Buscaremos abordar essa noção como uma teoria linguística popular brasileira, ou seja “[...]um saber prático e útil que ajuda os locutores a manterem/transformarem a sociedade” (Paveau, 2018, p. 21), mas cujas nuances demandam um olhar voltado a perspectivas ontológicas específicas.

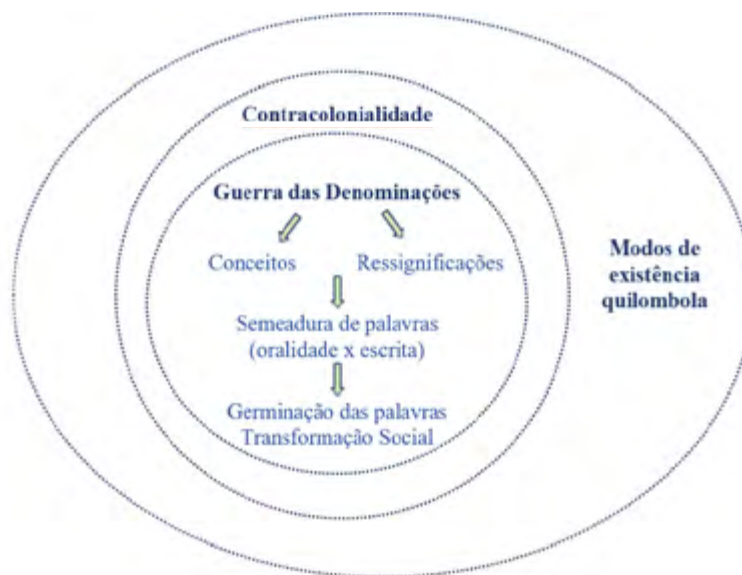
Para compreendermos o funcionamento geral dessa teoria, tomamos como referência principal o livro *A terra dá, a terra quer*, última publicação de Antonio Bispo, antes do seu falecimento, em dezembro de 2023. Nesse livro, Santos, a partir de uma questão essencial para o movimento contracolonial, direcionada a ele por um pesquisador de Cabo Verde, “Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?”, responde: ‘Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as

nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las” (Santos, 2023, p. 13). Esse diálogo resume bem a proposta geral da guerra de denominações, também sintetizada no trecho “Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também” (*Ibid.*, p. 13). Desse modo, afirma ele, “[...] seguimos na prática das denominações dos modos e da falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (*Ibid.*, p. 13).

Ele elabora assim, como instrumento essencial da corrente contracolonial, que já é em si um movimento de mudança social, também uma proposta linguística. Por meio do que caracteriza como guerra das denominações, ele formula uma série de conceitos como os de biointeração, confluência e transfluência; realiza uma profunda discussão sobre o par oralidade e escrita, que atravessa toda a sua obra; e nos fornece ainda elementos sobre uma visão mais ampla de linguagem, que se estende também a seres não-humanos.

Essas formulações, colocam a sua guerra das denominações como uma das principais formas de exercício da contracolonialidade, que passa necessariamente pela linguagem e por uma sua reformulação. O esquema que segue é uma tentativa de ilustrar a guerra das denominações no quadro mais amplo da contracolonialidade e do modo de existência do qual parte.

Figura 1. Contracolonialidade



Fonte: Elaboração própria

Para atender ao objetivo propositivo deste trabalho, vamos nos deter ao aspecto conceitual elaborado por ele por meio de alguns (com/em)bates que conseguimos dividir em duas práticas de intervenção, que se dão via atividades neológicas por ampliação da polissemia e do campo semântico: a) uma prática mais direta de substituição de termos e b) uma prática de resignificação. Buscamos exemplificar essas práticas por meio do quadro 1, a seguir, destacando, na sequência, como a resignificação se dá no movimento da substituição e ambos são perpassados e definidos por modos de existência específicos.

Quadro 1. Exemplos de denominações por substituição/ressignificação

Linguagem/prática colonial Termos a serem enfraquecidos	Linguagem/prática contracolonial Termos a serem potencializados
colonização/colonialismo	contracolonização/contracolonialismo
coincidência	confluência
saber sintético	saber orgânico
transporte	transfluência
dinheiro ou troca	compartilhamento

Fonte: Elaboração própria

Nesse quadro, a proposta de substituição é claramente percebida já que a ideia de enfraquecimento dos termos coloniais, em benefício da potencialização dos termos contracoloniais, é apresentada de forma direta. A esse processo de potencialização, decorrente da própria guerra de denominações, ele chamará de semeadura de palavras: “Transformei as nossas mentes em roças e joguei uma cuia de sementes” (Santos, 2023, p. 15).

Para uma análise mais detida, peguemos, por exemplo, a oposição saber sintético x saber orgânico. Por meio dela, Santos expõe uma reflexão acerca dos saberes produzidos na academia e aqueles produzidos em comunidades tradicionais. Nessa oposição, temos evidenciado o par escrita x oralidade e sua relação de consequência com o par palavra restrita x palavra circulante. Essa oposição expõe a relação colonialidade e contracolonialidade pela forma de sistematização e comunicação dos saberes. Isso ocorre também nos outros pares que, em âmbitos diferentes, vão exercer essa mesma função. Pela guerra de denominações, o autor nos convida a experienciar um outro modo de existência, mais harmônico e viável em termos planetários, empreendendo também um movimento de resistência que tensiona os limites da linguagem.

No decorrer do livro *A terra dá, a terra quer*, embora a questão da linguagem não seja o foco principal, continuamos encontrando várias oposições que marcam as características de cada tipo de sociedade, a colonial e a contracolonial, como: “A cidade não me cabe.

Enquanto a sociedade é feita por *posseiros*, as nossas comunidades são feitas por *pessoas*" (*Ibid.*, p. 21, grifo próprio), ou "A arte é conversa das almas porque vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada. A cultura é o contrário. Nós não temos *cultura*, nós temos *modos* – modos de ver, de sentir, de fazer as coisas, modos de vida" (*Ibid.*, p. 23, grifo próprio).

Se percebemos essa relação constante de oposição, em alguns casos, identificamos também um processo de ressignificação ou neologia como o elaborado para o adjetivo "orgânico" quando utilizado para qualificar e caracterizar um tipo de alimento:

Inventaram o 'alimento orgânico'. Ora, isso que se compra no supermercado com o selo de 'orgânico' é um produto, às vezes sem veneno, mas não é algo orgânico. Não é produzido pelo saber orgânico, não é voltado para a vida. Se um quilo de carne orgânica é muito caro, o pobre não pode comprar; e se o pobre não pode comer, não é orgânico. Orgânico é aquilo que todas as vidas podem acessar. O que as vidas não podem acessar não é orgânico, é mercadoria – com ou sem veneno (*Ibid.*, p. 101).

Nesse caso, não há uma sugestão de substituição, mas uma ressignificação do próprio termo. Aqui, a palavra orgânico é também ressignificada a partir da cosmologia quilombola e utilizada para enfraquecer uma prática colonial muito sutil, já que a produção e consumo de alimentos orgânicos, como a enxergamos habitualmente, não é vista como próxima a práticas colonialistas.

Podemos notar, a partir dessa breve exposição, o quanto a questão das práticas linguísticas se impõem na elaboração de um movimento, e teoria social, brasileiro. Percebemos em Santos a materialização daquilo que Abdias do Nascimento nos dizia ocorrer no quilombismo, ao falar sobre o papel da oralidade: "[...] não se concebia a palavra inerte e apenas descritiva: pois em si mesma era movimento e ação" (Nascimento, 1980, p. 102).

Compreendemos assim que a produção de Nêgo Bispo pode ser inscrita no escopo da Linguística popular, uma vez que atende à fórmula geral apontada por Baronas e Conti, 2019, de acordo com a qual, trabalhos podem ser inscritos no campo da Linguística popular quando são produzidos por não-linguistas, tomam a linguagem como objeto e circulam, em determinado formato, num determinado contexto. Ademais, as propostas de Santos, para além do que possa sugerir uma simples guerra de denominações, são proposições que "[...] conformam um subsistema dentro do aparato cultural/ideológico que os membros da comunidade utilizam para emitir juízos de valor sobre a sua própria conduta verbal e de sua comunidade" (Murillo, 2024, p. 40). Esse elemento se dá como um diferenciador da Linguística popular no tocante a outras perspectivas de estudos da linguagem.

As reflexões e formulações de Antônio Bispo dos Santos podem ser encaradas, de acordo com a proposta de Marie-Anne Paveau (2020), tanto como práticas descritivas quanto como práticas militantes. Em relação às práticas descritivas, percebemos, como apontado por Baronas e Nazzari (2022, p. 37), tanto um “[...] conjunto de descrições quanto pré-teorizações linguísticas do funcionamento da língua, muito fortemente embasada por percepções e por observações empíricas”. Ou seja, há, de certa forma, além de “[...] um julgamento de adequação entre os nomes e as coisas” ou, no nosso caso, entre os nomes e os diferentes seres em relação a modos de existência alternativos/específicos, uma pré-teorização, uma descrição de fatos linguísticos e uma sistematização sobre esses fatos, que se dá no escopo mais amplo da guerra de denominações. No que diz respeito à prática militante, percebemos claramente, nas elaborações de Antônio Bispo, uma dimensão ética e estética com um claro objetivo político-emancipatório em relação à sociedade colonialista.

Contudo, é essencial reafirmarmos que as discussões que ele realiza sobre a linguagem são atravessadas pelo lugar de onde as elabora e propõe. O modo de existência Quilombola faz ecoar uma outra perspectiva cosmológica em sua guerra de denominações. É necessário, portanto, que essa realidade social, cuja importância intentamos explicar ao longo dessa exposição, seja considerada como elemento fundamental da prática linguística que desenvolve.

Nesse sentido, as classificações sugeridas no interior da Linguística popular, especialmente por Marie-Anne Paveau (2020), mostram-se insuficientes para abarcar um tipo de discussão que se faz a partir de territórios e modos de existência específicos dessas comunidades afrodiaspóricas ou mesmo das indígenas. Podemos encaixar Santos, como acima, nas categorias já propostas, mas nosso intuito é, como ele diria, transbordar. É por aquilo que o diferencia que se dá nossa atração, ou seja, o posicionamento que ocupa e de onde enuncia é completamente diferente daquele a partir do qual Paveau propôs sua tipologia e ainda, a partir do qual os exemplos motivadores dessa tipologia partem.

Isso nos impõe a necessidade de, ao menos, a elaboração de uma outra categoria de prática linguística popular, cujas formulações a respeito da língua e linguagem possam considerar, amplamente, essas outras perspectivas de mundo. Refletir acerca de uma Linguística popular à brasileira significa pensar nas especificidades desses linguistas populares, que elaboram suas considerações não somente em terras brasileiras, mas principalmente a partir de práticas e experiências forjadas em modos de existência genuinamente locais.

Eduardo Viveiros de Castro – os pronomes cosmológicos e o perspectivismo

Em seu ensaio intitulado “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”³, Eduardo Viveiros de Castro, no âmbito da Antropologia, discute o significado do “perspectivismo” ameríndio, isto é, as ideias presentes nas cosmologias amazônicas, a respeito do modo como humanos, animais e espíritos veem-se a si mesmos e aos outros seres do mundo com base em diferentes mirantes. Essas ideias sugerem uma possibilidade de redefinição relacional das categorias clássicas de “natureza”, “cultura” e “sobrenatureza” a partir do conceito de perspectiva ou ponto de vista. Com base nas cosmologias ameríndias, Viveiros de Castro nos mostra que as categorias de Natureza de um lado e Cultura de outro não são pertinentes para explicar como os ameríndios veem a si, os outros humanos, os animais e os espíritos.

Em particular, o autor argumenta que a antinomia entre duas caracterizações do pensamento indígena: de um lado, o “etnocentrismo”, que negaria os predicados da humanidade aos humanos de outros grupos; de outro, o “animismo”, que os estenderia a seres de outras espécies, pode ser resolvida se se considerar a diferença entre os aspectos espirituais e corporais dos seres. Para Viveiros de Castro (1996, p. 2) então,

[...] a concepção ameríndia suporia, ao contrário, uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos. A “cultura” ou o sujeito seriam aqui a forma do universal, a “natureza” ou o objeto a forma do particular. Essa inversão, talvez demasiado simétrica para ser mais que especulativa, deve se desdobrar em uma interpretação fenomenológica plausível das categorias cosmológicas ameríndias, que determine as condições de constituição dos contextos relacionais designáveis como “natureza” e “cultura”. Recombinar, portanto, mas para em seguida dessubstancializar, pois as categorias de Natureza e Cultura, no pensamento ameríndio, não só não subsumem os mesmos conteúdos, como não possuem o mesmo estatuto de seus análogos ocidentais elas não designam províncias ontológicas, mas apontam para contextos relacionais, perspectivas móveis, em suma, pontos de vista.

Além disso, o perspectivismo ameríndio, na concepção de Viveiros de Castro,

[...] coloca em primeiro plano o Outrem como relação. Outrem não é um ponto de vista particular, relativo ao sujeito (o ‘ponto de vista do outro’ em relação ao meu ponto de vista ou vice-versa), mas a possibilidade de que haja ponto de vista – ou seja, é o conceito de ponto de vista. Ele é o ponto de vista que permite que o Eu

³ Texto publicado na *Revista Mana*, número 2 em outubro de 1996. Disponível em: SciELO - Brasil - Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.

e o Outro acedam a um ponto de vista (Viveiros de Castro, 2002, p.118) (Malini, 2016, p. 9).

A proposta de Viveiros de Castro é extremamente pertinente para pensar a questão do perspectivismo no âmbito da antropologia. Todavia, é possível verificar a presença dessa discussão mesmo que em estado embrionário, talvez rudimentar, numa espécie de epistemologia da Linguística popular. Nesse sentido, cabe uma vez mais chamar Viveiros de Castro:

Seguindo a analogia com a série pronominal (Benveniste, 1966a, 1966b), vê-se que, entre o “eu” reflexivo da cultura (gerador do conceito de alma ou espírito) e o “ele” impessoal da natureza (marcador da relação com a alteridade somática), há uma posição faltante, a do “tu”, a segunda pessoa, ou o outro tomado como outro sujeito, cujo ponto de vista serve de eco latente ao do “eu”. Penso que esse conceito pode auxiliar na determinação do contexto sobrenatural. Contexto anormal no qual o sujeito é capturado por um outro ponto de vista cosmológico dominante, onde ele é o “tu” de uma perspectiva não-humana, a Sobrenatureza é a forma do Outro como Sujeito, implicando a objetivação do eu humano como um “tu” para este Outro. O contexto “sobrenatural” típico no mundo ameríndio é o encontro, na floresta, entre um homem – sempre sozinho – e um ser que, visto primeiramente como um mero animal ou uma pessoa, revela-se como um espírito ou um morto, e fala com o homem (a dinâmica dessa comunicação é muito bem analisada por Taylor 1993a) (Viveiros de Castro, 1996, p. 3).

De acordo com Fábio Malini, para Eduardo Viveiros de Castro,

[...] pessoa é o “ponto de vista de sujeito que está falando”. Sua noção de pessoa implica em redes, uma vez que qualquer pessoa acede a um ponto de vista – que só se produz em conexão – para se individuar. “Cada pessoa [...] é um nó só de uma vasta trama, uma singularidade enlaçada em uma rede cuja malha se espalha em diversas direções e se dobra em múltiplas dimensões (de tempo, de espaço)” (Viveiros de Castro, 2011, p. 191) (Malini, 2016, p. 5).

Com efeito, para o autor,

[...] o perspectivismo deve ser entendido como um mecanismo de descolonização do pensamento; ele não serviria para descrever os mundos ameríndios, mas para formar uma pragmática da especulação, para pensar o que pode se tornar plausível e operar aberturas no real que nos permitam, como declarou recentemente Lima, “pensar na presença dos índios” (Daher; Bauer; Seifert, 2022, p.12).

“Pensar na presença dos índios”, uma espécie de síntese aforizada das reflexões de Eduardo Viveiros de Castro acerca do perspectivismo ameríndio, a partir do que propõe Lima. Aí está também o ponto de encontro entre Santos e Castro. Para o primeiro, é preciso pensar na presença dos quilombolas e para o segundo na presença dos indígenas, grupos historicamente segregados na sociedade brasileira. Com efeito, para ambos a resistência a essa segregação passa necessariamente pela linguagem, ou melhor, por aquilo que Murillo (2006/2024, p. 80) chama de “atitudes proposicionais” sobre a linguagem. Tanto Santos quanto Viveiros de Castro, ao questionarem, quer seja a colonialidade e/ou a subjetividade inerente à tríade pronominal (eu, tu, ele), não estão apenas descrevendo determinados fenômenos linguísticos, mas formulando hipóteses teóricas e sociais muito originais sobre o funcionamento da língua.

Em outros termos, o que Bispo e Castro propõem, cada um a seu modo, não são somente reflexões, a partir das quais discutiríamos o seu valor de verdade, se são verdadeiras ou falsas, como na epistemologia tradicional, são propostas de ação. Eles se preocupam menos em dizer o que é contracolonialidade ou perspectivismo e mais em o que se deve fazer com esses conceitos. Nesse sentido, uma vez mais é possível (re)afirmar a inscrição de ambos como linguistas populares, cuja preocupação com enunciados de natureza epistêmica, como é o caso da linguística tradicional, é confrontada com enunciados de natureza deôntica. Em síntese, não basta produzir saberes sobre a linguagem, é preciso que esses saberes em alguma medida modifiquem a sociedade, eis o que diferencia a Linguística popular.

Considerações finais

De acordo com Baronas e Nazzari (2022, p. 47), “A Linguística popular engendrada no Brasil ainda está em fase de legitimação, trabalhando sempre numa perspectiva integracionista entre os saberes populares e os saberes das ciências da linguagem”. Nossa proposta aqui foi colaborar, já nesse momento de legitimação, com reflexões que nos possibilitem empreender essa Linguística popular, a partir das especificidades locais, tangenciando discussões atuais importantes para diferentes campos do saber.

Sem nenhum tipo de jabuticabia nacional e/ou policarpeísmo acadêmico, entendemos que trabalhar por uma Linguística popular brasileira implica pensarmos em nossa diversidade e na variedade de formas de fazê-la. Em nosso caso, pesam questões que nos obrigam a dialogar com discussões sobre o estatuto ontológico das ciências e disciplinas. Pelo que foi exposto, tentamos introduzir aqui a complexa e profunda questão elucidada por Jan David Hauck, ao também lidar, pelo viés da antropologia, com elaborações linguísticas de não-linguistas:

Levar a sério as reivindicações de nossos interlocutores sobre a linguagem [...] significa estarmos abertos à possibilidade de que quando nós, antropólogos ou

linguistas, e nossos interlocutores usamos o termo linguagem, podemos não estar falando sobre a mesma coisa. Será que disjunções como as mencionadas acima não apenas apontam para diferentes posturas, opiniões ou crenças que diferentes pessoas têm sobre a mesma coisa, linguagem – diferentes ideologias linguísticas –, mas podem sugerir mal-entendidos mais fundamentais sobre o que é linguagem? Heurich e eu sugerimos as noções de “naturezas linguísticas” ou “naturezas da linguagem” como forma de conceituar diferenças ontológicas na linguagem (Hauck; Heurich, 2018), inspirando-nos no interesse etnográfico renovado em outros conceitos, como humanidade, natureza, cultura ou a noção de pessoa, que a virada ontológica exemplifica (Hauck, 2023, p. 49).

São essas questões e conceitos que permeiam a análise das propostas de Bispo dos Santos e de Viveiros de Castro. Sem a compreensão da renovação pela qual vem passando esses conceitos – natureza, cultura, humanidade etc. – não é possível apreendermos em sua totalidade a guerra de denominações ou o perspectivismo como proposições linguísticas. Assim como apontado por Hauck, não podemos aqui incorrer no erro, já também alertado pelo intelectual brasileiro Abdias do Nascimento, de não considerarmos a cosmologia de onde essas teorias partem. Ao falar sobre estudos a respeito da influência africana no português, ele destaca que

Mesmo se concedendo a melhor das intenções aos estudiosos brancos, a verdade é que lhes falta algo que está além da pura qualificação técnica: falo da impossibilidade que têm demonstrado em entender e aceitar as línguas africanas como parte de um todo íntegro, isto é, parte de um contexto cultural muito mais amplo do que a expressão da língua (Nascimento, 1980, p. 113).

É esse todo íntegro, em toda sua profundidade, e em todo o desconforto que pode nos causar, que buscamos adentrar nesse empreendimento por uma Linguística popular do Brasil. É preciso asseverar que pensar numa Linguística popular do Brasil com base em epistemologias brasileiras, não significa criar uma alfândega epistêmica, mas, colocar em prática no âmbito das ciências da linguagem, o que Oswald de Andrade, inspirado no quadro Abaporu de Tarsila do Amaral, propunha no seu Manifesto Antropofágico.

Referências

BARBOSA NETO, E. R.; SILVA, N. N. da; LOWANDE, W. F. F. Entrevista “Estamos no começo do replantio das palavras”: uma conversa com Antônio Bispo dos Santos (Nego Bispo). *PerCursos*, Florianópolis, v. 24, p. e0601, 2023. DOI: 10.5965/19847246242023e0601. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/24544>. Acesso em: 3 jun. 2024.

BARONAS, R. L.; CONTI, T. B. Notas sobre a possibilidade de um trabalho no *carrefour* epistemológico entre a linguística popular e os estudos do discurso. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4285, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4285>. Acesso em: 18 out. 2024.

BARONAS, R. L.; NAZZARI, M. S. Sabença(s) dos/as linguistas populares. *CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 33-48, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/index>. Acesso em: 18 out. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.21709/casa.v15i2.17038>.

BENVENISTE, E. "La Nature des Pronoms". In: BENVENISTE, E. *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 1966a. p. 251-257.

BENVENISTE, E. "De la Subjectivité dans le Langage". In: *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard, 1966b. p. 258-266.

CASTRO, E. V. de. O medo dos outros. *Revista de Antropologia*, São Paulo, Brasil, v. 54, n. 2, 2012. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2011.39650. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/39650>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e perspectivismo ameríndio. *Revista Mana*, v. 2, n. 2, out. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs>. Acesso em: 20 nov. 2024.

CASTRO, E. V. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, Apr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/ZcqxxhghZk9936mxW5GRrhq/?lang=pt>. Acesso em: 20 Julho de 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132002000100005>.

DAHER, S.; BAUER, A. P. M.; SEIFERT, R. E. A Organização pensada a partir do Perspectivismo Ameríndio. *Anpad*, 2022. Disponível em: <https://anpad.com.br/uploads/articles/120/approved/e5ba7c3bbe8402a49a10fed2162dac54.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2024.

GANANÇA, J. H. Neologia e neologismos no português brasileiro: principais ideias. *Revista GTLex*, v. 4, n. 1, p. 33-53, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/Lex7-v4n1a2018-2>. Acesso em: 20 nov. 2024.

HAUCK, J. D. A linguagem de outro jeito: as naturezas linguísticas e o desafio ontológico. In: SEVERO, C.; BUZATO, M. (org.). *Cosmopolítica e Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2023. p. 14-75.

HEURICH, G. O.; HAUCK, J. D. Language in the Amerindian Imagination. *Language & Communication*, v. 63 (Special issue), 2018.

MALINI, F. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. In: XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, 2016, Goiânia. Disponível em: https://www.labic.net/wp-content/uploads/2016/06/compos_Malini_2016.pdf. Acesso em: 06 maiO 2026.

NASCIMENTO, A. *O Quilombismo*: documentos de uma militância pan-africana. Petrópolis: Vozes, 1980.

MURILLO, C. V. J. *O espanhol da Costa Rica segundo os ticos*: um estudo de Linguística Popular. Tradução Mariana Morales da Silva, Roberto Leiser Baronas e Marcelo Rocha Barros Gonçalves. Campinas: Editora da Abralin, 2024. Disponível em: <https://editora.abralin.org/wp-content/uploads/2025/03/O-espanhol-da-Costa-Rica-segundo-os-ticos-1.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2025.

PAVEAU, M.-A. Les non-linguistes font-ils de la linguistique? Une approche antiéliminativiste des theories folk. *Pratiques*, ed. 139-140, p. 93-110, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pratiques/1200>. Acesso em: 03 nov. 2024.

PAVEAU, M.-A.; ESTEVES, P. M. S. Não Linguistas Fazem Linguística? Uma Abordagem Antieliminativa das Ideias Populares, *Policromias* - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, v. 3, n. 2, p. 21-45, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/21267/12729>. Acesso em: 06 mar. 2023.

PAVEAU, M.-A. Novas proposições sobre a linguística popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas. In: BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. (org.). *Linguística popular/folk linguistics*: práticas, proposições e polêmicas. Campinas: Pontes Editores, 2020.

SANTOS, A. B. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, A. B.; MAIA, J. *Quatro Cantos*. São Paulo, n-1 Edições/Rocha de quilombo, 2022.

TAYLOR, A-C. "Des Fantômes Stupéfiants: Langage et Croyance dans la Pensée Achuar". *L'Homme* 126-128, v. XXXIII, n. 2-4, p. 429-447, 1993a.

Como os professores de espanhol elaboram tarefas para avaliar? Uma experiência de letramento em avaliação no estágio obrigatório

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3870>

Aline Brum-Barreto¹

Vanessa Borges-Almeida²

Resumo

Este artigo apresenta e discute resultados de uma investigação qualitativa que teve por objetivo promover e analisar uma ação pedagógica voltada para o desenvolvimento do letramento em avaliação em contexto de línguas centrada na elaboração de tarefas de uso da língua numa perspectiva acional. Participaram da pesquisa quatro professoras de espanhol como língua estrangeira em formação inicial enquanto cursavam estágio obrigatório. As versões inicial e final de duas tarefas avaliativas (uma oral e uma escrita) foram analisadas de acordo com os princípios da análise de conteúdo crítica. Os resultados indicam que, embora as participantes tenham iniciado o desenvolvimento de habilidades relacionadas à elaboração de tarefas de uso da língua, enfrentaram dificuldades significativas no delineamento da situação comunicativa e na caracterização do gênero discursivo. Observou-se também um desalinhamento recorrente entre os comandos das tarefas e os critérios de avaliação, estes ainda marcados por uma concepção de língua centrada em aspectos gramaticais e quantitativos, com pouca atenção à construção de significados em contextos comunicativos. O estudo contribui para o campo de formação de professores ao problematizar os desafios na promoção do letramento em avaliação durante o curso de Licenciatura.

Palavras-chave: letramento em avaliação em contexto de línguas; estágio obrigatório; formação de professores de línguas.

1 Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, Brasília, Brasil; alineanb@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-3438-0374>

2 Universidade de Brasília (UnB), Distrito Federal, Brasília, Brasil; borgesalmeida@unb.br; <https://orcid.org/0000-0003-0502-5162>

How do Spanish language teachers design assessment tasks? An assessment literacy experience during the mandatory teaching practicum

Abstract

This article presents and discusses the results of a qualitative investigation that aimed at promoting and analyzing a pedagogical action focused on the development of language assessment literacy through the design of language use tasks from an actional perspective. Four preservice teachers of Spanish as a Foreign Language enrolled in a mandatory teaching practicum participated in the research. The initial and final versions of two assessment tasks (an oral and a written one) were analyzed according to the principles of critical content analysis. The results indicate that, although the participants began developing skills related to the design of language use tasks, they faced significant difficulties in defining the communicative situation and characterizing the discourse genre. A recurring misalignment was also observed between the task prompts and the assessment criteria, the latter still shaped by a conception of language focused on grammatical and quantitative aspects, with little attention to meaning making in communicative contexts. This study contributes to the field of teacher education by critically examining the challenges of fostering assessment literacy within the context of a teacher licensure program.

Keywords: language assessment literacy; teaching practicum; language teacher education.

Introdução

Ser um professor de línguas com um nível de letramento em avaliação (LAL) avançado envolve o desenvolvimento de uma série de competências para avaliar (Taylor, 2024) alinhadas com visões de língua e avaliação contemporâneas (Inbar-Lourie, 2008; Scaramucci, 2016). Isso requer não apenas o domínio de conhecimentos, habilidades e princípios relevantes (Davies, 2008), mas também a capacidade de agir em contextos específicos de ensino e aprendizagem, com o objetivo de promover práticas avaliativas formativas (Scaramucci, 2016), equitativas e democráticas (Shohamy, 2001).

LAL é cada vez mais entendido como uma (co)construção social, fundamentada em um processo de aprendizagem contínuo, ativo, interativo e colaborativo, mediado por fatores contextuais e experienciais (Taylor, 2013; Scarino, 2013; Yan; Fan, 2020).

Nesse sentido, esta investigação busca traçar a trajetória de desenvolvimento do LAL de professores de espanhol em formação inicial em estágio obrigatório por meio da análise

de tarefas de avaliação (re)elaboradas ao longo de ciclos de ação-reflexão-ação situadas em uma ação pedagógica especificamente voltada para a promoção do LAL³. Essa perspectiva de investigação é relevante, pois a maioria dos trabalhos sobre iniciativas de promoção do LAL se concentra em relatar seus resultados, mas não o processo, conforme aponta Giraldo (2024).

Além disso, iniciativas de desenvolvimento de LAL no âmbito do estágio obrigatório ainda não foram adequadamente exploradas (Xu; He, 2019) e apenas recentemente começam a despontar no contexto brasileiro inclusive.

Alinhamo-nos com Pimenta e Lima (2017, p. 80) e consideramos que o estágio obrigatório é por natureza uma “atividade teórica instrumentalizadora da práxis dos profissionais da educação” e, portanto, constitui-se como uma etapa essencial da formação docente, pois é nela (e por meio dela) que ele se aproxima da(s) realidade(s) do seu campo de trabalho e começa a estabelecer os vínculos entre os conteúdos teóricos e sua aplicação.

Analisar como os professores em formação inicial (re)elaboram tarefas de avaliação nos ajuda a estimar o LAL desses docentes (Levi; Inbar-Lourie, 2020), com base na aplicação dos conhecimentos e princípios às práticas avaliativas. Ademais, essa análise permite identificar as lacunas ainda existentes, considerando as visões de língua e avaliação subjacentes a esses instrumentos de avaliação.

Referencial teórico

Letramento em avaliação em contexto de línguas

De acordo com Taylor (2024), a partir da década de 1990, observa-se um interesse crescente pela temática da avaliação em suas múltiplas facetas. Desde então, os estudos na área de LAL têm se dedicado a investigar diversos aspectos, como: o conceito de LAL (Fulcher, 2012; Inbar-Lourie, 2008); a identificação dos atores envolvidos nos diferentes processos avaliativos presentes em nossa sociedade e suas necessidades de formação (Taylor, 2013); os conteúdos necessários para o desenvolvimento do LAL e os domínios em que se aplicam (Davies, 2008; Fulcher, 2012; Vogt; Tsagari, 2014; Kremmel; Harding, 2020); os momentos e abordagens mais adequados para esse desenvolvimento; e a influência do contexto sociocultural e de fatores individuais no processo de LAL (Scarino, 2013; Yan; Fan, 2020), entre outras questões. Mais recentemente, no Brasil e no mundo, diversos estudos têm investigado a aplicação desses conhecimentos em diferentes ações pedagógicas voltadas para o LAL e seu impacto no desenvolvimento profissional

³ Este trabalho apresenta o recorte de uma dissertação de mestrado que promoveu e analisou os resultados de uma ação pedagógica voltada para o desenvolvimento do LAL situada em um curso de licenciatura de Letras-Espanhol de uma universidade federal brasileira.

de professores em diferentes etapas de sua carreira, desde a formação inicial (Brum-Barreto, 2023; Damacena-Dutra, 2023; Fernandes, 2019; Giraldo; Murcia, 2019; Penna, 2024) até a formação continuada (Carvalho Pinto, 2023; Fernandes, 2025; Giraldo, 2024; Quevedo-Camargo; Tonelli, 2021), incluindo a formação de formadores de professores de línguas (Moraes, 2023; Villa Larenas; Brunfaut, 2023).

Atualmente, LAL é considerado um conceito disciplinarmente situado, ou seja, fundamentado em conceitos e habilidades provenientes dos estudos sobre língua(gem) e sua aprendizagem (Inbar-Lourie, 2024; Scaramucci, 2016; Xu; Brown, 2016). Ele é também relativo, pois os diversos atores envolvidos nos processos avaliativos em nossa sociedade – como professores, estudantes, pais e responsáveis, e a comunidade escolar – necessitam de LAL, embora em diferentes níveis e aspectos (Taylor, 2013). Numa perspectiva crítica, propostas de promoção do LAL enfatizam a importância de práticas avaliativas democráticas e equitativas, levando em consideração o impacto social das avaliações (Inbar-Lourie, 2024; Shohamy, 2001). Além disso, seu desenvolvimento é socialmente situado, ou seja, mediado por fatores contextuais e experienciais (Taylor, 2024; Inbar-Lourie, 2024; Yan; Fan, 2020).

Uma discussão atual no debate é a compreensão do LAL como um processo contínuo, em vez de um produto (Taylor, 2013; Yan; Fan, 2020). Assim, o contexto de atuação e as experiências em avaliação ao longo da vida profissional moldam o perfil do LAL em um processo iterativo.

Dessa forma, metodologicamente, os estudos sugerem que o desenvolvimento do LAL entre professores deve estar alinhado a abordagens fundamentadas na ação-reflexão-ação (Schlatter; Scaramucci; Schoffen, 2024) e na teorização a partir de práticas autênticas e significativas (Inbar-Lourie, 2024; Scaramucci, 2016).

Tarefas de avaliação

Neste contexto de investigação, consideramos a tarefa de uso da língua como uma atividade que integra ensino, aprendizagem e avaliação, com o objetivo de engajar o aprendiz em situações de comunicação semelhantes às do cotidiano. Partimos do princípio de que, para que essa tarefa possa gozar de validade, é necessário que operacionalize competências de uso da língua, como aquelas propostas no modelo de capacidade de uso da linguagem proposto por Bachman (1990)⁴. A validade é considerada a qualidade mais importante em uma avaliação (Bachman, 1990; Brown; Abeywickrama, 2018), na medida que indica “até que ponto as inferências ou decisões que tomamos com base

4 O modelo de Bachman (1990), inserido no campo dos estudos de avaliação em contextos de línguas, reconfigura o conceito clássico de competência comunicativa apresentada por Canale e Swain (1983), em três grandes competências (a) organizacional (gramatical e textual), (b) pragmática (ilocucionária e sociolinguística) e (c) estratégica.

nos resultados de uma avaliação são significativas, apropriadas e úteis em relação ao propósito da avaliação” (Bachman, 1990, p. 25).

Embora saibamos que o conceito de validade é multifacetado, nesta investigação, focamos nas dimensões de validade de conteúdo e de construto. A validade de conteúdo refere-se à abrangência de uma avaliação em relação ao conteúdo do currículo, sobre os quais se fazem as inferências. Se a avaliação não incluir uma amostra significativa dos objetivos previstos no programa de ensino e aprendizagem, sua validade de conteúdo será prejudicada. Além disso, o método escolhido para a avaliação pode influenciar essa validade de conteúdo. Por exemplo, se o objetivo do professor é avaliar a habilidade de interação do aprendiz e ele opta por uma avaliação objetiva, como um teste de múltipla escolha que apenas avalia conhecimentos gramaticais e lexicais, a validade de conteúdo será comprometida. A relação entre a avaliação e seu construto é outro fator que impacta a validade. Uma avaliação baseada no construto da competência comunicativa orientada para a ação não é compatível com provas estruturalistas de *papel e lápis*, que se concentram apenas no sistema linguístico. Da mesma forma, se os critérios de avaliação de uma tarefa de uso da língua não considerarem a multidimensionalidade, isso resultará em uma sub-representação do construto, reduzindo a evidência de validade e podendo tornar a avaliação injusta (Scaramucci, 2011).

Numa abordagem comunicativa de perspectiva acional, o uso da língua envolve a realização de tarefas que mobilizam competências linguísticas e não linguísticas, além do uso estratégico da linguagem para agir no mundo. Trata-se, portanto, de uma perspectiva orientada para a ação (daí, acional), que considera o usuário da língua um agente social, capaz de intervir no mundo por meio da linguagem em situações comunicativas concretas com propósitos bem definidos (Conselho da Europa, 2001, 2020). Assim, acreditamos que toda tarefa de ensino ou de avaliação do uso da língua deve incluir, no mínimo, quatro componentes que interagem entre si: (1) um contexto comunicativo, semelhante às situações cotidianas do mundo real; (2) interlocutores, considerados como agentes sociais; (3) o texto, que se apresenta na forma de um gênero discursivo; e (4) um propósito comunicativo a ser alcançado. De acordo com Scaramucci (1995), a ausência desses elementos inviabiliza o ajuste da mensagem pelo aprendiz-enunciador, transformando a avaliação em um mero exercício formal, desconectado da realidade.

O contexto comunicativo (ou situação comunicativa) está relacionado ao componente sociolinguístico do modelo de competência comunicativa (Bachman, 1990). Cada ato de uso da língua ocorre em um contexto específico que determina, por exemplo, os marcadores linguísticos das relações sociais – como saudações, despedidas, formas de tratamento, convenções de turno de fala e uso de interjeições –, as normas de cortesia, as expressões de sabedoria popular, as diferenças de registro (formal, informal, íntimo, familiar, solene), as variações de dialetos e sotaques, a linguagem corporal, entre outros aspectos.

Ao realizar uma tarefa de uso da língua, os aprendizes assumem papéis de interlocutores, atuando como agentes sociais que interagem com o mundo e com os outros para alcançar propósitos comunicativos (Conselho da Europa, 2001, 2020). Isso implica que eles utilizem a língua de forma dialógica em situações concretas, com a intenção de atingir objetivos que refletem o que o estudante deve ser capaz de fazer com a língua, como apresentar-se, descrever, negociar, convidar, elogiar, argumentar, entre outras, sempre considerando seu papel de agente social.

Assim, uma tarefa de uso da língua aplicada em contextos de ensino, aprendizagem e avaliação deve simular, na medida do possível, o uso da língua no cotidiano, adquirindo, portanto, um caráter autêntico. A autenticidade, nesse contexto, é entendida como o grau de correspondência entre as características de uma determinada tarefa pedagógica e as características de uma situação de uso da língua no mundo real (Bachman; Palmer, 1996). Scaramucci (1995) pondera que a maior vantagem da utilização de tarefas de uso da língua seria a possibilidade de delimitar nas instruções (ou no comando) uma situação e um propósito comunicativo claros, que estabeleçam os limites da avaliação, ou seja, o tipo de desempenho que está sendo procurado, conferindo-lhe validade e confiabilidade.

Por fim, o texto. A noção de tarefa adotada nesta investigação, em nossa análise, se alinha à ideia de língua em uso proposta pelo Círculo de Bakhtin. Na perspectiva bakhtiniana, que se opõe à abstração teórica da língua como um sistema, o discurso só existe na forma de enunciados concretos inseridos nos diversos campos da atividade humana, delimitados pela alternância dos sujeitos do discurso (caráter dialógico), já que pressupõe a interlocução com outros falantes. Bakhtin (2016, p. 38) atribui uma importância central ao conceito de gênero do discurso no uso da língua, afirmando que “falamos apenas através de gêneros do discurso, isto é, todos os enunciados têm formas relativamente estáveis e típicas de construção”. Em outras palavras, não há atividade de linguagem fora do texto, e não existe texto que não se manifeste sob a forma de um gênero discursivo.

Operacionalmente, as tarefas de uso da língua são consideradas planos de trabalho que normalmente envolvem: (1) instruções ou um comando sobre o que fazer e os resultados que devem ser alcançados; (2) uma rubrica de avaliação ou lista de verificação que descreva ou elenque os critérios de avaliação. Portanto, todos esses elementos devem ser elaborados concomitantemente (Luoma, 2004). Considerando que as tarefas são atividades de respostas abertas, ou seja, de produção escrita ou oral, os critérios de avaliação (lista de verificação e/ou rubricas) são essenciais para reduzir a subjetividade na correção, aumentar a confiabilidade da avaliação e torná-la mais ética e justa.

Tarefas podem ser avaliadas a partir de uma escala com diferentes níveis de proficiência, como acontece em exames de larga escala. No entanto, em contextos de sala de aula, as tarefas de uso da língua devem ser avaliadas com rubricas que considerem diferentes níveis de qualidade de desempenho dentro de um mesmo nível de proficiência. Dessa

forma, a rubrica deve refletir o construto da avaliação (Luoma, 2004), o que implica definir as especificidades de cada modalidade de língua (oral e escrita).

Sob uma perspectiva acional, as rubricas devem incluir critérios de avaliação que podem variar de acordo com a natureza da tarefa, a situação de uso da língua, a modalidade (oral ou escrita), o tipo de texto e gênero discursivo, bem como os objetivos de aprendizagem, ensino e avaliação, entre outros. Os critérios de avaliação e seus descritores pode variar, mas devem sempre orientar professores e aprendizes sobre o que é mais relevante na avaliação por tarefas de uso da língua: a habilidade de comunicar-se adequadamente em cada situação comunicativa (Scaramucci, 1995).

Nesse contexto, cumprir a tarefa de uso da língua significa produzir um texto adequado à situação comunicativa, ao gênero discursivo e aos interlocutores, que alcance (ou seja, que tenha a capacidade potencial de alcançar) o propósito comunicativo esperado. À primeira vista, trata-se de uma avaliação qualitativa que descreve o que o aprendiz é capaz de fazer em cada tarefa em termos comportamentais.

Metodologia

Esta investigação consiste numa pesquisa-ação, que se insere no contexto de estágio obrigatório de um curso de Licenciatura em Letras Espanhol de uma universidade pública federal. O estágio é organizado em duas disciplinas, das quais a segunda (doravante Estágio 2) é o *locus* específico desta investigação, e prevê que, além das horas de observação de aulas, de planejamento, de orientação com a professora-formadora e de produção de relatório, os estagiários realizem 45 horas de regência de aulas em um curso livre de espanhol como língua estrangeira (E/LE) na escola de idiomas da universidade (210h no total). Sendo assim, os estagiários atuam, em duplas, como professores de uma turma de estudantes adultos sob a supervisão acadêmica do professor-formador.

A metodologia de ensino (comunicativa), bem como o material didático são determinados pela escola de línguas. O processo avaliativo previsto dá-se por meio de duas provas escritas e duas orais (avaliações parciais e finais), as quais foram elaboradas, aplicadas e corrigidas pelas estagiárias.

Nossas participantes são quatro professoras em formação inicial que estavam cursando Estágio 2 no primeiro semestre letivo de 2022. Elas têm, em média, 20 anos, pouca ou nenhuma experiência na docência, a não ser aquelas no semestre anterior durante o Estágio 1.

Com vistas à operacionalização da investigação, entre os Estágios 1 e 2, realizamos uma Etapa Diagnóstica exploratória (Gil, 2002), para coletar informações que subsidiassem a

ação pedagógica voltada para o desenvolvimento do LAL das participantes. Esta etapa foi composta pela análise do contexto, do material didático e dos instrumentos de avaliação (provas) produzidos pelas participantes no Estágio 1. Depois, na Etapa de Planejamento da ação pedagógica da professora-formadora, foram definidos os objetivos, os conteúdos e as metodologias condizentes com o desenvolvimento do LAL das participantes. Em seguida, durante o Estágio 2, iniciamos a Etapa de Implementação, que consistiu em (a) 10h de Aulas Teórico-Reflexivas⁵, nas quais foram discutidas as práticas avaliativas que as estagiárias desenvolveram no estágio 1 para oferecer subsídios teórico-práticos para a etapa seguinte; e (b) duas Tarefas de Formação, que consistiram na elaboração de tarefas de linguagem avaliativas para serem utilizadas no Estágio 2.

Essa ação pedagógica tem fundamento numa perspectiva de práxis, isto é, uma ação reflexiva, consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade (subjetiva, histórica, social, cultural) que cerca o ato educativo (Franco, 2016). Além disso, tem como base as teorias construtivistas (Inbar-Lourie, 2008) e socioculturais (Scarino, 2013), com vistas à formação de professores para o exercício de uma prática pedagógica orientada na ação-reflexão-ação (Schlatter; Scaramucci; Schoffen, 2024). Para operacionalizá-la, apropriamo-nos do modelo de aprendizagem orientada pela avaliação (LOA) (Carless, 2007), que se baseia em três pilares: (1) as tarefas de ensino como tarefas de aprendizagem – o *design* da tarefa deve espelhar desempenhos semelhantes aos do mundo real; (2) *feedback* como andaime – mediação da professora-formadora; e (3) o envolvimento ativo das estagiárias nos processos de aprendizagem-avaliação-ensino – autoavaliação e avaliação por pares.

Em consonância, as tarefas avaliativas elaboradas pelas estagiárias foram apresentadas para a professora-pesquisadora e discutidas durante as reuniões de orientação realizadas com cada uma das duplas semanalmente (1h/semana). Nas seções de orientação, o papel exercido pela professora-pesquisadora era de fomentar reflexões baseadas no estabelecimento de relações entre a teoria e a prática.

As tarefas de uso da língua foram analisadas de acordo com os princípios da análise de conteúdo crítica (Bardin, 2006). Os critérios de análise das tarefas emergiram a partir da Etapa Diagnóstica e são os mesmos que foram pedagogicamente abordados durante a Etapa Teórica. Foram critérios (a) autenticidade (considerando o gênero discursivo, os interlocutores e o propósito comunicativo); (b) validade (foco primário no significado); (c)

5 Os conteúdos abordados e a metodologia de ensino adotada nesta Etapa Teórico-Reflexiva podem ser consultados em Brum-Barreto (2023). De forma sumária, foram discutidos: diferentes conceitos de avaliação, conforme seus propósitos (somativa, formativa, diagnóstica, de rendimento, entre outros); noções de construtos de língua(gem) subjacentes a distintos instrumentos de avaliação ao longo da história; o conceito de competência comunicativa; princípios para a elaboração de tarefas de uso da língua; e critérios de qualidade em avaliação (validade, confiabilidade, autenticidade, praticidade e efeito retroativo).

natureza da tarefa (produto bem definido); e (d) apresentação de critérios de avaliação apoiados em ferramentas avaliativas (rubricas, listas de verificação ou listas de critérios).

Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Brasília (UnB) (parecer CEP-IH/UnB 5.311.696).

Resultados e análises

As Tarefas de Formação resultaram na elaboração de 16 propostas de tarefas de uso da língua⁶ nas modalidades escrita e oral (incluindo versões iniciais e finais). Dessas, apenas oito foram incluídas no *corpus* de análise, uma vez que as demais não atenderam aos critérios mínimos definidos para caracterizar uma tarefa de uso da língua. Tais critérios compreendem: conformidade com os princípios de autenticidade (gênero discursivo, interlocutores e propósito(s) comunicativo(s)), apresentação de um produto final bem delimitado e presença de critérios de avaliação explícitos (rubricas, listas de verificação ou listas de critérios). A seleção foi feita com base na aplicação desses critérios de forma sistemática. Foram, assim, analisadas apenas oito tarefas de uso da língua (tarefas 1, 2, 3, 5, 9, 13, 15 e 16) e suas respectivas rubricas ou listas de critérios de avaliação. Devido às limitações de espaço, optou-se por ilustrar os resultados gerais com as versões inicial e final das tarefas 1 e 5 (escrita e oral, respectivamente), elaboradas por uma das duplas de estagiárias. A escolha dessas tarefas se justifica por sua representatividade em relação aos padrões observados no conjunto analisado.

No âmbito das tarefas de habilidades escritas, a análise da versão inicial da tarefa de uso da língua 1 (quadro 1) sugere dificuldades na caracterização da situação comunicativa e do gênero discursivo. Entre todos os elementos que compõem a tarefa e contribuem para a noção de autenticidade (gênero discursivo, interlocutores e propósito(s) comunicativo(s)), nossos resultados indicam que a especificação do gênero discursivo é um ponto bastante desafiador, embora não seja o único. Nota-se que na versão inicial da tarefa as professoras solicitam a elaboração de “um pequeno texto” e não de um gênero discursivo específico. Consideramos relevante a caracterização do gênero discursivo na tarefa, pois, conforme afirma Bakhtin (2016), todo enunciado materializa-se na forma de um texto e, todo texto, por sua vez, configura-se como um gênero discursivo. Em situações comunicativas reais, nenhum falante comunica-se por meio de “pequenos textos”, mas por meio de gêneros discursivos, ou seja, textos que assumem formas pré-estabelecidas, acordadas historicamente pelo grupo social, a depender do contexto e do propósito comunicativo (como um relato de fatos numa mensagem de WhatsApp, caso da tarefa em questão).

6 As tarefas foram enumeradas de 1 a 16, de acordo com a ordem em que foram sendo apresentadas e discutidas nas Tarefas de Formação. Vale ressaltar que nem todas as 16 tarefas foram discutidas, devido à limitação do tempo disponível para a atividade (1 hora por semana).

O comando da tarefa de uso da língua 1 e os critérios de correção listados (quadro 1) sugerem uma valorização do uso apropriado de formas verbais específicas – *pretérito perfecto compuesto* e *pretérito perfecto simple* o *indefinido* – na construção de sentidos em uma situação comunicativa concreta. Essa ênfase pode ser interpretada como um indício preliminar de impacto no LAL das participantes, sobretudo quando comparada à Etapa Diagnóstica, na qual observamos uma predominância de instrumentos avaliativos voltados à mera verificação de conhecimentos gramaticais isolados (ver Brum-Barreto, 2023). Consideramos esse direcionamento um avanço, pois, em nossa perspectiva, a gramática não deve ser negligenciada, mas concebida como um recurso para construir sentidos e viabilizar a realização de propósitos comunicativos.

No entanto, embora o comando da tarefa proponha o uso da língua de forma contextualizada, os critérios de correção revelam uma abordagem predominantemente gramatical – centrada em formas linguísticas – e quantitativa, baseada, por exemplo, na extensão do texto em linhas e no número de formas verbais e marcadores discursivos utilizados. Nesse contexto, a situação comunicativa acaba funcionando apenas como um “pano de fundo” para a avaliação de aspectos formais da língua, considerando que não há relação entre o propósito comunicativo e os critérios de avaliação. Assim, ponderamos que, embora uma tarefa possa mobilizar estruturas linguísticas específicas, sua prioridade deve ser a construção de significados, à semelhança do uso real da língua (Ellis, 2018). Consequentemente, os critérios de avaliação também devem refletir essa orientação, priorizando a construção de significados em consonância com a situação comunicativa proposta.

Quadro 1. Tarefa de uso da língua 1 – Habilidades escritas

Versão inicial	Versão Final
<i>Tú has llegado a Salamanca tras la aprobación en un intercambio de 4 semanas. Tu madre la echa de menos y, por eso, te llama toda la noche para preguntar qué hiciste en tu día. Ayer, tú no has conseguido llamarla, porque te pusiste sin señal, y por eso no pudiste contarle cómo fue tu día. <u>En un pequeño texto</u> de tres a cuatro párrafos, cuenta a tu mamá qué hiciste ayer y qué has hecho hoy, considerando que son las 21h23 de la noche.</i>	<i>Has llegado a Salamanca tras la aprobación en un intercambio de 4 semanas. Tu madre te echa de menos y, por eso, te llama todas las noches para preguntar qué has hecho en tu día. Ayer, no has conseguido [sic] llamarla, porque te pusiste sin señal, y por eso no pudiste contarle cómo fue tu día. <u>En un pequeño mensaje de WhatsApp</u> (de tres a cuatro párrafos de tres líneas como mínimo), cuenta a tu mamá qué hiciste ayer y qué has hecho hoy, considerando que son las 21h23 de la noche.</i>

Criterios de evaluación: Para recibir la puntuación máxima tu texto necesita <u>estar en formato de mensaje de WhatsApp</u> y tener al menos 3 párrafos con mínimo de 3 líneas. Durante el texto, <u>debes utilizar los dos tiempos verbales del pretérito estudiados en clase, uno para hablar de un pasado que ya se acabó y otro que todavía está relacionado con el presente</u>. Además, debes <u>utilizar por lo menos 2 conectores discursivos</u>, para que las ideas de tu texto estén organizadas.	Criterios de evaluación: Para recibir la puntuación máxima, el mensaje del alumno necesita estar en formato de mensaje de WhatsApp y tener al menos 3 párrafos con mínimo de 3 líneas. <u>Durante el texto, debe utilizar los dos tiempos verbales del pretérito estudiados en clase (pretérito perfecto compuesto y simple)</u>. Además, nosotras debemos aceptar los dos tratamientos (Tú/Usted).

Fonte: Tarefa de Formação 1 (Autoras: Clarice e Gabriela)

Ao analisar a versão final da tarefa de uso da língua 1 (quadro 1), após o *feedback* da professora-formadora, verificamos que, embora a proposta apresente uma situação comunicativa potencialmente autêntica, os critérios de avaliação revelam que seu foco continua muito centrado nas formas linguísticas, especificamente nas formas verbais (“debe utilizar los dos tiempos verbales del pretérito estudiados en clase (pretérito perfecto compuesto y simple)”). Por isso, ocorre um desalinhamento entre o comando da tarefa (amplo, que propõe uma situação comunicativa que envolve diversas dimensões) e a construção dos critérios (reducionista, com foco no componente gramatical), o que pode sugerir: (1) uma incompreensão do construto de proficiência, que pode ser inferida pela ausência de critérios que avaliem a eficácia comunicativa, como clareza da mensagem, adequação ao interlocutor ou adequação ao contexto; e/ou (2) uma dificuldade em operacionalizar a multidimensionalidade da tarefa nos critérios de avaliação (isto é, critérios baseados nas diferentes dimensões do construto, como aspectos linguísticos, discursivos e pragmáticos). Ambas as hipóteses – incompreensão e dificuldade de operacionalização – conduzem a um problema maior: avaliar um fenômeno complexo (proficiência) a partir de indicadores limitados, ou seja, sub-representá-lo, o que pode ser denominado “sub-representação do construto” (Scaramucci, 2011). Isso compromete a validade da avaliação e revela uma lacuna importante na formação docente em avaliação de línguas.

Scaramucci (1995, p. 83) observa que “muito frequentemente, nota-se que grande parte do esforço envolvido na tentativa de se avaliar situações realistas de maneira direta é perdido através do reducionismo que em geral caracteriza os processos de correção”. Sob a perspectiva da autora, quando as tarefas são multidimensionais e os critérios de avaliação são reducionistas, a avaliação torna-se injusta. No contexto investigado, acreditamos que a visão de língua estruturalista e a cultura de testagem – ambas muito preponderantes (ver Brum-Barreto; Borges-Almeida, 2023) – influenciam diretamente a análise e a compreensão das propostas comunicativas e orientadas à ação e, conseqüentemente, o desenvolvimento do LAL. Além disso, a ênfase em itens gramaticais pode proporcionar às avaliadoras uma sensação de segurança, domínio e controle sobre o processo avaliativo, o que, por sua vez, gera uma impressão – embora

superficial ou ilusória – de rigor e maior exigência em relação aos conteúdos (Avelar, 2019). Essa “pseudoimpressão” ocorre porque a complexidade e a multidimensionalidade da proficiência são reduzidas a aspectos formais facilmente quantificáveis, ocultando as dimensões mais subjetivas e contextuais do uso da língua. Além disso, essa “pseudoimpressão” revela-se equivocada, pois avaliações baseadas principalmente em aspectos gramaticais tendem a mobilizar processos cognitivos simples, como a memorização, enquanto as tarefas comunicativas envolvem processos cognitivos mais complexos, como a criação e a negociação de sentidos. Dessa forma, a escolha por critérios gramaticais não apenas reduz a complexidade do construto avaliado, mas também pode subestimar o real desafio cognitivo e comunicativo imposto pelas tarefas. Tal postura está alinhada à lógica de uma avaliação punitiva, que “precisa” ser difícil para ser considerada válida, em vez de uma avaliação formativa que valorize a aprendizagem e o desenvolvimento comunicativo efetivo.

Nas tarefas orais observamos questões semelhantes às encontradas nas tarefas escritas: pouca ou nenhuma definição da situação comunicativa e do gênero discursivo nas versões iniciais e critérios fundamentalmente gramaticais mesmo nas versões finais. A fim de ilustrar a discussão, elegemos a tarefa de uso da língua 5 (quadro 2), cuja versão inicial propõe uma atividade de produção oral do tipo “dramatização”, isto é, que exige uma preparação prévia (não é espontânea e, comumente, resulta em atividades de leitura em voz alta quando os aprendizes preparam uma espécie de roteiro escrito e o leem). Considerando que a autenticidade na comunicação oral está ligada à espontaneidade, à negociação real de sentidos e à adaptação ao contexto, esta tarefa apresenta um potencial relativamente limitado nesse aspecto. Embora envolva uma situação simulada de interação – uma chamada telefônica –, o foco excessivo em estruturas verbais específicas, como tempos verbais e frases fixas, e na repetição dessas construções tende a restringir a naturalidade e a criatividade dos falantes. Por outro lado, vale destacar que os critérios de avaliação incluem elementos que extrapolam o uso de tempos verbais, considerando também o emprego de expressões típicas desse tipo de situação, como saudações e fórmulas iniciais do diálogo telefônico. Ainda assim, esses critérios, embora ampliem o escopo da avaliação, não compensam completamente as limitações impostas pela natureza roteirizada da tarefa, o que pode comprometer o desenvolvimento de competências comunicativas genuínas.

Quadro 2. Tarefa de uso da língua 5 – Habilidades Orais

Versão inicial	Versão Final
<i>En parejas, desenvolved un diálogo como si fuera una llamada telefónica a un/a compañero/a y preguntad qué hizo él ayer durante el día y qué has hecho hoy, considerando que son las 19h de la noche. La pareja deberá preguntar y responder también.</i>	<i>Cuéntanos qué hiciste ayer durante el día y qué has hecho hoy, considerando que son las 19h de la noche.</i> <i>Cuéntanos al menos tres actividades para cada momento del día de ayer (mañana, tarde y noche) y al menos dos actividades para cada momento del día de hoy (mañana y tarde).</i>
Criterios de evaluación: Para recibir la puntuación máxima el diálogo de los alumnos necesita presentar las construcciones básicas de una llamada, o sea, esperamos que ellos empiecen saludando al compañero con ¿Sí? ...Hola.... ¿Quién es?...Hola, ¿cómo estás?... Durante el diálogo, ellos <u>deben utilizar los dos tiempos verbales del pretérito estudiados en clase.</u>	Criterios de evaluación: Para recibir la puntuación máxima el alumno necesita <u>presentar la construcción de los dos tiempos verbales del pretérito estudiados en clase, así como el mínimo establecido para cada momento del día.</u>

Fonte: Tarefa de Formação 1 (Autoras: Clarice e Gabriela)

A versão final da tarefa, por outro lado, apresenta um maior potencial de autenticidade porque explora uma produção oral espontânea que poderia estar presente em uma conversa informal entre amigos, por exemplo (embora seja descontextualizada e não apresente de forma explícita os interlocutores, o propósito comunicativo e o gênero textual). Quando observamos os critérios de avaliação, contudo, constatamos que o foco ainda está centrado nas formas verbais. A avaliação por tarefas de uso da língua, não obstante, deve ter como foco o produto, isto é, o alcance do propósito comunicativo o que permite a mobilização das (sub)habilidades linguística e não linguísticas de forma holística. Desta forma, considera-se que o aprendiz pode escolher diferentes caminhos para a realização da tarefa – a depender de uma série de fatores como: o conhecimento de mundo e da língua(gem) –, e ainda assim, alcançar um resultado semelhante (Scaramucci, 1995). Além disso, nota-se, portanto, uma redução nos critérios de avaliação na versão final da tarefa. Sob nossa ótica, esse fato pode ser explicado pela ausência de uma caracterização clara da situação comunicativa. Nesse sentido, em consonância com Scaramucci (1995), consideramos que o estabelecimento de uma situação e de um propósito comunicativos concretos na tarefa orienta os limites da avaliação e estabelece as expectativas de resposta. Por último, cabe mencionar que os critérios listados não refletem as características da língua em sua modalidade oral, mesmo quanto às formas (fluência, pronúncia de elementos segmentais e suprasegmentais, como entonação e ritmo).



Sendo assim, consideramos que o processo de desenvolvimento de critérios de avaliação qualitativos, condizentes com o construto de língua(gem) que procuramos mobilizar, foi um dos principais desafios observados durante a análise das características de todas as tarefas. Com base nesses resultados, portanto, podemos sugerir que a definição do construto da avaliação, isto é, o que a avaliação deve medir e julgar, não está claro para as professoras-estagiárias, embora a temática tenha sido abordada nas Etapas Teórico-Reflexivas e durante as Tarefas de Formação. Nossos resultados estão alinhados com Xu e Brown (2016), que argumentam que ações de letramento em avaliação focadas no domínio dos conhecimentos teóricos dos professores não são garantia da transferência dessas teorias para o domínio prático. Por outro lado, aventamos que a reflexão *na* e *sobre* a prática a partir de artefatos concretos de avaliação, aplicados a contextos reais de ensino e aprendizagem, mediada por um par com um nível de LAL mais avançado pode contribuir para o LAL de professores em formação inicial.

Por considerarmos que tanto os comandos das tarefas quanto os critérios de avaliação são elementos fundamentais para operacionalizar o construto da avaliação e elucidar para os estudantes os objetivos de ensino e aprendizagem, entendemos que os conhecimentos e habilidades necessários para elaborá-los são parte vital do LAL de professores de línguas haja vista que a definição dos objetivos de ensino e aprendizagem em termos de desempenho ainda é uma prática considerada desafiadora em diversos contextos (Arias; Restrepo; Maturana, 2012; Giraldo; Naranjo-Trujillo; Arizza-Villa, 2023).

Sendo assim, recomendamos que ações para a promoção de LAL deem destaque ao desenvolvimento de uma compreensão sólida e clara do construto a ser avaliado, o que requer abordagens que proporcionem a (des/re)construção de conceitos de língua(gem), um processo que demanda ações de formação por períodos de tempo mais extensos, em componentes curriculares exclusivamente dedicados ao tema. Para além disso, o alinhamento entre a visão de língua e avaliação com os objetivos de ensino e aprendizagem é condição determinante para o desenvolvimento de avaliações válidas e formativas. Dessa forma, reafirma-se que as iniciativas de LAL não envolvem apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, como a elaboração de tarefas e rubricas, mas também a (re)construção de aspectos conceituais, que incluem a visão de língua e a natureza das diferentes modalidades linguísticas – oral e escrita – indo além das práticas avaliativas em si. Finalmente, como observa Cunha (2006, p. 66), “mudar a metodologia da avaliação (o momento que se avalia, os instrumentos, os sujeitos da avaliação...) não influi *ipso facto* na natureza dos objetos avaliados e na função da avaliação praticada”. Portanto, é necessária uma reconfiguração dos objetos avaliados, que está profundamente interligada a mudanças nos objetivos de ensino e nos conteúdos de ensino e aprendizagem. Esses temas devem ser abordados tanto na formação inicial quanto na formação continuada.

Considerações finais

Letramento em avaliação é multifacetado e requer a articulação de conhecimentos, habilidades e princípios de diferentes naturezas, alguns deles não diretamente observáveis. Neste artigo, apresentamos e discutimos como, por meio da análise de instrumentos de avaliação, podemos inferir (lacunas de) conhecimentos e concepções de língua que fazem parte do LAL de professores de línguas em formação inicial. A partir de nossos resultados, sugerimos que ações para a promoção de LAL deem grande atenção aos conhecimentos e habilidades diretamente relacionadas ao construto a ser avaliado.

Referências

- ARIAS, C. I.; MATURANA, L. M.; RESTREPO, M. I. Evaluación de los aprendizajes en lenguas extranjeras: hacia prácticas justas y democráticas. *Lenguaje*, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 99-126, 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-34792012000100005&lng=en&nrm=iso <https://doi.org/10.25100/lenguaje.v40i1.4945>. Acesso em: 14 out. 2024.
- AVELAR, S. L. T. de. *A operacionalização da avaliação formativa na abordagem de ensino de língua estrangeira (inglês) via gêneros textuais do CEFET-MG*. 2019. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica da Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- BACHMAN, L. *Fundamental considerations in language testing*. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- BACHMAN, L.; PALMER, A. *Language testing in practice: Designing and developing useful language tests*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2006.
- BROWN, D.; ABEYWICKRAMA, P. *Language assessment: principles and classroom practices*. 3 ed. [S.l.]: Pearson, 2018.
- BRUM-BARRETO, A. *Letramento em avaliação na formação do professor de espanhol: visão de língua e cultura de avaliar no estágio obrigatório*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

BRUM-BARRETO, A.; BORGES-ALMEIDA, V. Cultura de avaliar e letramento em avaliação de professores de espanhol no estágio obrigatório. *Entretextos*, Londrina, v. 23, n. 4, p. 346-366, 2023. DOI: 10.5433/1519-5392.2023v23n4p346-366. Acesso em: 30 abr. 2026.

CARVALHO PINTO, C. *Letramento em avaliação na formação continuada de professoras de espanhol do ensino público*. 2023. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

CARLESS, D. Learning oriented assessment: conceptual bases and practical implications. *Innovations in Education and Teaching International*, [S.l.], v. 44, n. 1, p. 57-66, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/14703290601081332>. Acesso em: 04 jul. 2023.

CONSEJO DE EUROPA. *Marco común europeo de referencia para las lenguas: aprendizaje, enseñanza, evaluación*. Volumen complementario. Servicio de publicaciones del Consejo de Europa: Estrasburgo, 2020. Disponível em: www.coe.int/lang-cefr. Acesso em: 04 jul. 2023.

CONSELHO DA EUROPA. *Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação*. Edição portuguesa. [S.l.]: Edições Asa, 2001. Disponível em: https://area.dge.mec.pt/gramatica/quadro_europeu_total.pdf. Acesso em: 01 jul. 2023.

CUNHA, M. C. C. da. Nem só de conceitos vivem as transformações: equívocos em torno da avaliação formativa no ensino/aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 6, p. 59-77, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982006000200004>. Acesso em: 14 out. 2024.

DAMACENA-DUTRA, M. M. *A construção do letramento em avaliação na formação inicial de professores de inglês: avaliação de produção oral em foco*. 2023. 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

DAVIES, A. Textbook trends in teaching language testing. *Language Testing*, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 327-347. 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/0265532208090156>. Acesso em: 04 jul. 2023.

ELLIS, R. *Reflections on task-based language teaching*. [S. l.]: Multilingual Matters, 2018.

FERNANDES, M. N. *Letramento em avaliação de professores em formação inicial em um curso de letras espanhol: uma pesquisa-ação*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

FERNANDES, G. M. *Literacidad en evaluación del profesorado de español como lengua adicional en Brasil: un análisis y una propuesta pedagógica*. 2025. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais-Universidad de Salamanca, Salamanca, 2025.

FRANCO, M. A. D. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 97, n. 247, p. 534-551, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>.

FULCHER, G. Assessment literacy for the language classroom. *Language Assessment Quarterly*, [S. l.] v. 9, p. 113-132, maio 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/15434303.2011.642041>. Acesso em: 14 out. 2024.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GIRALDO, F. English language teachers: Insights into assessment literacy development. In.: BAKER, B.; TAYLOR, L. *Language Assessment Literacy and Competence: Research and Reflections from the Field*. Volume 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 71-82.

GIRALDO, F.; MURCIA, D. Language assessment literacy and the professional development of pre-service language teachers. *Colombian Applied Linguistics Journal*, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 243-259, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14483/22487085.14514>. Acesso em: 14 out. 2024.

GIRALDO, F.; NARANJO-TRUJILLO, D. E.; ARIZA-VILLA, J. A. From the Design of Assessments to Language Assessment Literacy. *Folios*, n. 58, p. 126-139, 2023. DOI: <https://doi.org/10.17227/folios.58-16385>. Acesso em: 14 out. 2024.

INBAR-LOURIE, O. 'A course of our own': Reflections following. In.: BAKER, B.; TAYLOR, L. *Language Assessment Literacy and Competence: Research and Reflections from the Field*. Volume 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 231-238.

INBAR-LOURIE, O. Constructing a language assessment knowledge base: a focus on language assessment courses. *Language Testing*, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 385-402, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1177/0265532208090158>. Acesso em: 14 out. 2024.

KREMMEL, B.; HARDING, L. Towards a comprehensive, empirical model of language assessment literacy across stakeholder groups: Developing the language assessment literacy survey. *Language Assessment Quarterly*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 100-120, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/15434303.2019.1674855>. Acesso em: 14 out. 2024.

LEVI, T.; INBAR-LOURIE, O. Assessment literacy or language assessment literacy: Learning from the teachers. *Language Assessment Quarterly*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 168-182, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/15434303.2019.1692347>. Acesso em: 04 jul. 2023.

LUOMA, S. Speaking scales. In: LUOMA, S. *Assessing speaking*. Cambridge: University Press, 2004. p. 59-95.

MORAES, I. *A promoção do letramento em avaliação para a prática de formadoras de professores/as de inglês: implicações para a formação inicial e continuada*. 2023. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

PENNA, J. A. *Letramento em avaliação na prática de professores em formação inicial no estágio obrigatório: um estudo de caso num curso de Letras Inglês*. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e docência*. São Paulo: Cortez, 2017.

QUEVEDO-CAMARGO, G.; TONELLI, J. R. A. Contribuições de um curso EAD para o letramento em avaliação de professores de línguas adicionais para crianças. *Revista do GEL*, v. 18, n. 1, p. 230–248, 2021. DOI: 10.21165/gel.v18i1.3094.

RESTREPO-BOLIVAR, E. M. Monitoring Preservice Teachers' Language Assessment Literacy Development through Journal Writing. *Malaysian Journal of ELT Research*, v. 17, n. 1, p. 38-52, 2020. Disponível em: <https://meltajournals.com/index.php/majer/article/view/558/541>. Acesso em: 04 jul. 2023.

SCARAMUCCI, M. V. R. Letramento em avaliação (em contexto de línguas): contribuições para a linguística aplicada, educação e sociedade. In: JORDÃO, C. M. (org.). *A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens*. Campinas: Pontes, 2016. p. 141-166.

SCARAMUCCI, M. V. R. O projeto Celpe-Bras no âmbito do Mercosul: contribuições para uma definição de proficiência comunicativa. In: ALMEIDA FILHO, J. C. de (org.). *Português para Estrangeiros: Interface com o Espanhol*. Campinas: Pontes, 1995. p. 77-90.

SCARAMUCCI, M. V. R. Validade e consequências sociais das avaliações em contextos de ensino de línguas. *Linguarum Arena*, [S. l.], v. 2, p. 103-120, 2011. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/LinguarumArena/article/view/3996/3742>. Acesso em 24 ago. 2023.

SCARINO, A. Language assessment literacy as self-awareness: Understanding the role of interpretation in assessment and in teacher learning. *Language testing*, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 309-327, maio 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/0265532213480128>. Acesso em: 04 jul. 2023.

SCHLATTER, M.; SCARAMUCCI, M. V. R.; SCHOFFEN, J. R. An online self-study course for Celpe-Bras raters and examiners: Induction into assessment practice and reflection. In: BAKER, B.; TAYLOR, L. *Language Assessment Literacy and Competence: Research and Reflections from the Field*. Volume 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 129-147.

SHOHAMY, E. Democratic assessment as an alternative. *Language testing*, v. 18, n. 4, p. 373-391, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1177/026553220101800404>. Acesso em: 14 out. 2024.

TAYLOR, L. Communicating the theory, practice and principles of language testing to test stakeholders: some reflections. *Language Testing*, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 403-412, maio 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/0265532213480338>. Acesso em: 04 jul. 2023.

TAYLOR, L. Reflecting on an apprenticeship journey in language assessment literacy. In: BAKER, B.; TAYLOR, L. *Language Assessment Literacy and Competence: Research and Reflections from the Field*. Volume 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2024. p. 1-24.

VILLA LARENAS, S.; BRUNFAUT, T. But who trains the language teacher educator who trains the language teacher? An empirical investigation of Chilean EFL teacher educators' language assessment literacy. *Language Testing*, v. 40, n. 3, p. 463-492, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/02655322221134218>. Acesso em: 14 out. 2024.

VOGT, K.; TSAGARI, D. Assessment Literacy of Foreign Language Teachers: Findings of a European Study. *Language Assessment Quarterly*, [S. l.], v. 11, n. 4, p. 374-402, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/15434303.2014.960046>. Acesso em: 04 jul. 2023.

XU, Y.; BROWN, G. Teacher Assessment Literacy in Practice: A Reconceptualization. *Teaching and Teacher Education*, [S. l.], v. 58, p. 149-162, ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tate.2016.05.010>. Acesso em: 04 jul. 2023.

XU, Y.; HE, L. How pre-service teachers' conceptions of assessment change over internship program: Implications for teacher assessment literacy. *Frontiers in Education*, [S. l.], v. 4, n. 145, p. 1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.3389/feduc.2019.00145>.

YAN, X.; FAN, J. "Am I qualified to be a language tester?": Understanding the development of language assessment literacy across three stakeholder groups. *Language Testing*, v. 38, n. 2, p. 219-246, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1177/0265532220929924>.

Para além de uma construção, uma ironia construcional: análise cognitivo-funcional de *só que não* no português brasileiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3914>

Daniel William Ferreira de Camargo¹
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale²

Resumo

Com este trabalho, pretende-se, na perspectiva da Gramática de Construções (Goldberg, 2006), caracterizar *só que não* quanto à sua forma e à sua função, graças às propriedades de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade (Traugott; Trousdale, 2013). Ademais, à luz de Lehmann e Bergs (2021), objetivamos afirmar seu estatuto de ironia construcional, cuja interpretação irônica, uma vez enraizada no imaginário coletivo, é instantaneamente reconhecida. Para tanto, fazemos uso sincrônico e qualitativo d'O *Corpus do Português* (Davies, 2016), sobretudo na microamostra NOW, restringindo-nos a páginas brasileiras. Assim, nossos resultados revelam *só que não* como construção prototípica, porque mais esquemática, mais produtiva e menos composicional, em virtude de seu comportamento morfossintático-semântico (Camargo, 2017, 2020; Camargo; Hirata-Vale, 2022), na qual se destaca um caráter inerentemente irônico, e, mais do que isso, como ironia construcional – uma forma especializada na marcação irônica. Esperamos, portanto, contribuir para o enriquecimento dos estudos linguísticos no português brasileiro escrito, no sentido de avançarmos na compreensão da ironia como uma estratégia linguística intrínseca às interações do dia a dia.

Palavras-chave: linguística cognitiva; gramática de construções; ironia construcional; *só que não*.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; danielw.camargo@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0447-1371>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; flaviahiratavale@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0002-9091-9461>

Beyond a construction, a constructional irony: a cognitive-functional analysis of *só que não* in Brazilian Portuguese

Abstract

In this study, we seek, from the perspective of Construction Grammar (Goldberg, 2006), to characterize *só que não* in terms of its form and function by drawing on the properties of schematicity, productivity, and compositionality (Traugott; Trousdale, 2013). Moreover, following Lehmann and Bergs (2021), we aim to establish its status as a constructional irony, whose ironic interpretation – once entrenched in the collective imagination – is recognized instantaneously. To this end, we conduct a synchronic and qualitative analysis using *O Corpus do Português* (Davies, 2016), focusing primarily on the NOW subcorpus and restricting the data to Brazilian webpages. Our results show that *só que não* constitutes a prototypical construction, being more schematic, more productive, and less compositional, due to its morphosyntactic-semantic behavior (Camargo, 2017, 2020; Camargo; Hirata-Vale, 2022). The construction is marked by an inherently ironic character and, beyond that, can be described as a constructional irony, that is, a specialized form for encoding ironic meaning. We hope, therefore, to contribute to the advancement of linguistic studies on written Brazilian Portuguese by furthering the understanding of irony as a linguistic strategy intrinsic to everyday interaction.

Keywords: Cognitive Linguistics; Construction Grammar; Constructional irony; *Só que não*.

Introdução

São diversos os trabalhos que propõem investigar e descrever as escolhas no âmbito de uma língua. No caso do português, o cenário não é outro. Para satisfazer as diferentes situações comunicativas advindas das inúmeras, simultâneas, incessantes e cotidianas interações ininterruptamente travadas pelo falante, alguns usos perdem força, ao passo que outros se firmam e outros mais emergem, o que configura a dinâmica própria de uma língua viva.

Desse incontável inventário de usos, destacamos *só que não*. Sua natureza se constitui de traços tão particulares, entre os quais o da articulação, o da negação e o da ironia, que podemos, com isso, exemplificar a força criadora partilhada pela língua e pelo falante.

Observemos ocorrência bastante prototípica:

1. Barato, **só que não** [é/está]

Primeiramente, o valor cobrado pela Fiat vale para a carroceria de duas portas sem nenhum opcional. Ou seja, sem ar-condicionado, travas elétricas ou direção hidráulica. Quer todos esses itens e as portas traseiras? Aí o preço já passa dos R\$ 30 mil. O carro das fotos, completo inclusive com rodas de liga leve e rádio com entrada USB custa R\$ 31.793. Um Uno Vivace com a mesma configuração custa R\$ 33.477 (<https://www.icarros.com.br/noticias/testes-e-comparativos/ fiat-palio-fire:-preco-nao-e-tudo/16186.html>, 2014, grifo próprio).

Nesse exemplo, faz-se uma afirmação (“Barato”) que, logo depois, é refutada com ironia. Vale dizer que o traço irônico é consequência direta da ausência de conteúdo explícito posterior articulado pela construção *só que não*. Na verdade, o que há é o encapsulamento, indicado entre colchetes, ou do verbo/locução verbal da porção textual anterior, ou, na ausência de marcação verbal, como é o caso aqui, de formas genéricas como *ser* e *estar*, conforme 1a.:

1a. [É/Está] Barato, **só que não** [é/está].

Em outros termos, a afirmação de que “[É/Está] barato” é negada ironicamente por meio do encapsulamento dos mesmos verbos *ser/estar*, na terceira pessoa do presente do indicativo – o que seria, em termos semânticos, equivalente a uma afirmação como “Não é/está barato”. Consegue-se, desse modo, um efeito de sentido um tanto peculiar, uma vez que, ao mesmo tempo que se suaviza a negação, fazendo-a, de acordo com Barbee (1995 *apud* Attardo, 2000), soar polida, ela é reforçada, enfatizando-se a mensagem.

Nessa mesma direção, Camargo (2017), que procedeu a uma investigação funcional da construção, considerando fatores semânticos, sintáticos, pragmáticos e discursivo-textuais, faz as seguintes asseverações:

Assim, constatamos se tratar de locução com posição fixa na sentença e de natureza formulaica, já que ela deixa de fazer sentido quando se desconsidera alguma de suas partes. Além disso, todas as ocorrências coletadas demonstraram a quebra de expectativas que *só que não* é capaz de operar, ao invalidar sempre a afirmação ou porção textual imediatamente anteriores (Camargo, 2017, p. 111, grifo do autor).

Fica-nos clara, pois, a completude de uma construção como essa: além de estabelecer relação de contraste por quebra de expectativas, ela veicula ironia por natureza e, justamente em razão do componente irônico, conduz a argumentação. Dito de outra

maneira, nota-se que a construção *só que não* não apenas refuta uma proposição imediatamente anterior como também, simultaneamente, confere caráter irônico ao enunciado.

É incontestável, então, a ironia presente no caso aqui discutido. Nesse aspecto, a partir da caracterização de Camargo (2017), tratamos, à luz de Goldberg (2006), de Traugott e Trousdale (2013) e de Lehmann e Bergs (2021), de *só que não* como ironia construcional, porque pareamento forma-função altamente integrado cujo sentido irônico prevalece sobre o literal. Para tanto, recorreremos aos pressupostos da Gramática de Construções, analisando sincrônica e qualitativamente ocorrências em *corpus* contemporâneo do português brasileiro escrito.

Gramática de Construções – GC

Consoante Pinheiro e Ferrari (2020), a GC não constitui um modelo único e homogêneo, mas uma família de abordagens que compartilham princípios basilares, embora com variações teóricas e metodológicas. Apesar da heterogeneidade, é possível organizar essas abordagens com base em dois eixos centrais: (i) relação entre cognição geral e cognição linguística e (ii) relação entre conhecimento linguístico e uso efetivo da língua.

Podem-se, portanto, delinear dois grandes grupos. O que mais nos interessa neste trabalho, contudo, é o de viés funcionalista, que será referido como Gramática de Construções Baseada no Uso – GCBU. Tal vertente, vale dizer, considera a gramática como composta de unidades simbólicas que emergem da experiência linguística concreta dos falantes e se estruturam a partir de operações da cognição geral.

Independentemente, porém, das diferenças existentes entre as linhas que compõem o que se convencionou como GC, o paradigma, quando concebido por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e enriquecido por Kay e Fillmore (1999), objetiva, acima de tudo, explicar as irregularidades linguísticas, haja vista pressupor que, uma vez esclarecidas, o mesmo raciocínio possa ser aplicado às suas regularidades.

Assim sendo, define-se um conjunto único de propriedades, válido para todos os tipos de estrutura linguística, em todos os tipos de análise, dos mais simples aos mais complexos, incluindo-se morfemas, palavras, expressões, padrões parcialmente preenchidos e padrões não completamente especificados ou esquemáticos (Goldberg, 2006). A esse respeito, afirma-se o seguinte:

A unidade básica da gramática é a construção; a estrutura semântica é projetada diretamente na estrutura sintática; a língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre esses nós são

representadas na forma de hierarquias de herança³; a estrutura da língua é moldada pelo uso (Cunha Lacerda; Furtado da Cunha, 2017, p. 21).

É preciso esclarecer, a propósito, que o termo *construção*, apesar de frequente em gramáticas pedagógicas e estruturalistas, nem sempre significa como a GC o entende de fato. Nesse sentido, uma das definições mais difundidas é a de Goldberg (1995, p. 4, tradução própria⁴):

C é uma construção se e somente C é definido como um pareamento forma-significado <Fi, Si>, de maneira que algum aspecto de Fi ou algum aspecto de Si não são estritamente previsíveis pelas partes componentes de C ou por outras construções previamente estabelecidas.

Em linhas gerais, o que Goldberg (1995) postula é que uma construção se caracteriza por três elementos fundamentais: (i) pareamento entre forma e função, (ii) constituição como unidade de conhecimento linguístico armazenada na mente do falante e (iii) obediência ao critério da imprevisibilidade, seja na forma, seja no significado – critério que se refere à impossibilidade de deduzir o sentido ou a estrutura formal de uma construção a partir da simples soma de suas partes componentes. Nesses casos, o significado global da construção só é compreensível como unidade holística e, por isso, precisa ser mentalmente armazenado como tal.

Aliás, no que se refere a (iii), como observam Croft e Cruse (2004 *apud* Lehmann; Bergs, 2021), a derivação não convencional do significado é justamente “a evidência mais forte de que as construções são objetos sintáticos independentes” (Croft; Cruse, 2004 *apud* Lehmann; Bergs, 2021, p. 315, tradução própria⁵), isto é, formas linguísticas que não podem ser reduzidas a regras composicionais tradicionais e devem ser tratadas como entidades gramaticais autônomas.

Goldberg (2006), entretanto, atualiza seus termos, deixando de lado o critério da imprevisibilidade em certas ocasiões, como quando há alta recorrência:

3 À luz da GC, *hierarquia de herança* refere-se a uma estrutura que descreve como uma construção herda propriedades gramaticais de outras construções, o que pode incluir aspectos como concordância, ordem dos itens e relação entre sujeito e verbo, por exemplo. Diz respeito, portanto, ao compartilhamento de propriedades entre uma construção descendente e suas construções ascendentes.

4 No original: “C is a construction if C is a form-meaning pair <Fi,Si> such that some aspect of Fi or some aspect of Si is not strictly predictable from C’s component parts or from other previously established constructions”.

5 No original: “[...] the strongest pieces of evidence for constructions as independent syntactic objects”.

Um dado padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto da sua forma ou função não seja estritamente previsível por meio de suas partes componentes ou por meio de outras construções existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, até mesmo os completamente previsíveis, desde que eles ocorram com uma frequência suficiente (Goldberg, 2006, p. 5, tradução própria⁶).

Segundo Lehmann e Bergs (2021), a despeito de a frequência ser critério controverso, visto que não é possível mensurar a suficiência de determinada frequência, uma ocorrência como *Que horas são?*, tendo em vista a perspectiva baseada no uso (Bybee, 2013), pode ser, nos termos de Goldberg (2006), também uma construção, na medida em que, “quanto mais frequentemente uma expressão substantiva ou um padrão são empregados, mais provavelmente eles estejam entranhados no repositório mental do usuário da língua” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 316-317, tradução própria⁷). Em outros termos, toda expressão já cristalizada configura-se como construção, mesmo sendo altamente previsível, composicional.

Nesse mesmo âmbito, construções são unidades simbólicas e convencionais da gramática – unidades, porque são tão idiossincráticas (Goldberg, 1995) ou tão frequentes (Goldberg, 2006) que estão enraizadas na mente dos usuários; simbólicas, porque consistem em signos associados a um pareamento forma-função; e convencionais, porque são compartilhadas por determinado grupo de falantes em uma mesma comunidade.

Assumindo, assim, o termo *construção* o conceito de unidade gramatical básica, *língua*, por extensão, “define-se como conjunto de construções específicas e hierarquizadas que, interconectadas, compõem uma ampla rede, na qual propriedades fonológicas, morfossintáticas, semânticas e pragmáticas se encontram integradas” (Rosário; Oliveira, 2016, p. 239).

Ainda no tocante à definição de *construção*, Traugott e Trousdale (2013) apresentam uma classificação em termos de três dimensões: *tamanho*, *especificidade fonológica* e *conceito*, como elucida o quadro a seguir:

6 No original: “Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency”.

7 No original: “The more often a substantive expression or a pattern is encountered, the more likely it will be entrenched in the language user’s mental repository”.

Quadro 1. Dimensões das construções

	Atômica	Complexa	Intermediária
Dimensão <i>tamanho</i>	Construções monomorfêmicas (São as menores unidades, como palavras isoladas.)	Unidades de <i>chunks</i> analisáveis (São combinações maiores e plenamente analisáveis, como expressões idiomáticas.)	Unidades parcialmente analisáveis (São construções com partes fixas e outras abertas, sendo parcialmente esquemáticas, mas ainda reconhecíveis como padrão.)
	Substantiva	Esquemática	Intermediária
Dimensão <i>especificidade fonológica</i>	Construções fonológica e completamente especificadas (São formas fixas, memorizadas, com configuração fonológica definida.)	Abstrações (São padrões gerais, abstratos, sem forma fonológica específica.)	Entre especificação e abstração (São casos em que há mescla: parte é fonologicamente fixa e parte é abstrata.)
	Plena	Procedural	Intermediária
Dimensão <i>conceito</i>	Construções lexicais (Têm conteúdo conceitual completo, como substantivos e verbos.)	Construções gramaticais (São instruções de uso, guiando como organizar a informação sem carregar conceito pleno, como partículas gramaticais.)	<i>Way-construction</i> ⁸ (São parcialmente conceituais e procedurais.)

Fonte: Adaptada de Traugott e Trousdale (2013, p. 12-13)

O quadro demonstra que as construções linguísticas são de diferentes tipos, distribuindo-se por um contínuo em três dimensões principais, a saber, *tamanho* (de palavras a padrões complexos), *especificidade fonológica* (de expressões fixas a abstrações esquemáticas) e *conceito* (de significado lexical cheio a instruções gramaticais).

⁸ Trata-se de estrutura bastante comum no inglês que, cunhada por Jackendoff (1990), consiste (i) em um verbo, (ii) no termo *way* precedido de um determinante possessivo correferencial com o sujeito e (iii) em uma frase direcional, como “Frank found his way to New York” (Goldberg, 1995, p. 199).

Isso significar dizer, então, que a GC não vê a língua como rigidamente dividida em léxico e gramática, mas como uma rede de construções distribuídas ao longo dessas dimensões: “Em suma, a construção ou um inventário de construções contém itens com características das três dimensões em questão. Na maioria dos casos, uma construção pode ser caracterizada de acordo com todas as três dimensões” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 13, tradução própria⁹).

Destaque-se também, ainda com base em Traugott e Trousdale (2013), que três elementos são tidos como indispensáveis em qualquer análise construcional: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*.

A *esquematicidade* faz referência ao grau de generalidade das propriedades formais e funcionais da construção – escopo construcional. Dito de outro modo, trata-se de abstrações apreendidas de maneira inconsciente pelos falantes, o que quer dizer que existem construções das mais esquemáticas/abstratas, com mais *slots*, às menos esquemáticas/abstratas, com menos *slots*:

Esquematicidade é uma propriedade de categorização que envolve, na sua essência, abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, linguísticas ou não. [...]

Na nossa perspectiva linguística, esquemas são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, sejam procedurais ou lexicais [...]. Eles são abstrações entre conjuntos de construções (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como estreitamente relacionadas umas às outras na rede construcional. Os graus de esquematicidade dizem respeito aos níveis de generalidade ou de especificidade e à extensão na qual partes da rede são ricas em detalhes (Langacker, 2009 *apud* Traugott; Trousdale, 2013, p. 13-14, tradução própria¹⁰).

A título de exemplificação, o padrão altamente esquemático *Sujeito + Verbo + Objeto* em *Eu comi bolo* constitui a estrutura a partir da qual os falantes produzem não só a ocorrência em questão como também todas as demais em língua portuguesa (Rosário;

9 No original: “In sum, the ‘construction’, or inventory of constructions, contains items that have characteristics of all three dimensions mentioned above. In most cases, a construction can be characterized on all three dimensions”.

10 No original: “Schematicity is a property of categorization which crucially involves abstraction. A schema is a taxonomic generalization of categories, whether linguistic or not. [...]. In our view linguistic schemas are abstract, semantically general groups of constructions, whether procedural or contentful [...]. They are abstractions across sets of constructions which are (unconsciously) perceived by language-users to be closely related to each other in the constructional network. Degrees of schematicity pertain to levels of generality or specificity and the extent to which parts of the network are rich in detail (Langacker, 2009)”.

Oliveira, 2016). Sob essa ótica, pode-se concluir, segundo Goldberg (2006), que os falantes têm conhecimento tanto sobre itens específicos quanto acerca dos esquemas correspondentes.

A *produtividade*, por sua vez, diz respeito à capacidade de um esquema de instanciar novas construções – vitalidade construcional. Nesse âmbito, Bybee (2003) distingue dois tipos de frequência relacionados ao conceito: frequência *type* (ou frequência de construção), que consiste no número de diferentes elementos os quais ocupam determinado *slot* de uma construção, e frequência *token* (ou frequência de construto), que consiste no número de vezes as quais uma mesma unidade ocorre no uso.

Logo, quanto mais produtivo um esquema, maior sua capacidade de sancionar padrões construcionais, que tendem a ser, por sua vez, menos esquemáticos/abstratos – fenômeno que se relaciona diretamente ao conceito de extensibilidade. Isso nos permite afirmar, portanto, que produtividade e esquematicidade caminham lado a lado: quanto maior a produtividade, maior também o grau de extensibilidade de um esquema:

Produtividade é uma palavra que tem sido empregada de diversas maneiras. Barðdal (2008) oferece uma valiosa visão geral e uma análise de diferentes usos do termo. Na nossa perspectiva, a produtividade é gradiente. Refere-se a esquemas (parciais) e diz respeito (i) à sua “extensibilidade” (Barðdal, 2008), ou seja, à extensão na qual elas sancionam outras construções menos esquemáticas, e (ii) à extensão na qual elas são constrangidas (Boas, 2008 *apud* Traugott; Trousdale, 2013, p. 17, tradução própria¹¹).

Por fim, a *composicionalidade* se refere ao grau de transparência entre forma e função – alinhamento construcional. Em termos mais claros, uma construção é composicional quando o significado do todo pode ser previsto a partir do significado de suas partes:

Construcionalmente, a composicionalidade é mais bem entendida em termos de correspondência ou falta de correspondência entre aspectos da forma e aspectos do significado (ver Francis e Michaelis [2003] sobre incongruência e falta de correspondência). Se um construto é semanticamente composicional, então, desde que o falante tenha produzido uma sequência convencional sintaticamente e o ouvinte compreenda o significado de cada item individual, o ouvinte será capaz de decodificar o significado do todo. Se não for composicional, haverá falta

11 No original: “Productivity is a term that has been used in a number of different ways. Barðdal (2008) provides a valuable overview and analysis of a number of different uses of the term. In our view the productivity of a construction is gradient. It pertains to (partial) schemas and concerns i) their ‘extensibility’ (Barðdal, 2008), the extent to which they sanction other less schematic constructions, and ii) the extent to which they are constrained (Boas, 2008)”.

de correspondência entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo (Traugott; Trousdale, 2013, p. 19, tradução própria¹²).

Ironia construcional

Também objeto de estudo de Veale e Hao (2010), Camp (2012) e Michaelis e Feng (2015), mais recentemente Lehmann e Bergs (2021) realizaram estudo que joga luz sobre o conceito de ironia construcional.

A partir de três construções do inglês, quais sejam, “Tell me about it”, “XP pro BE not” e “As if”¹³, retiradas dos contextos a seguir, estes pesquisadores evidenciam um uso literal a. e um irônico b.:

- 2a. Okay. So there are websites. There are apps that go beyond an eBay or a Craigslist. Tell me about it.
- 2b. “That’s a lot to deal with in a very short time.” # “Tell me about it.”¹⁴ (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310).
- 3a. There are a lot of things George Ryan might be, but a coward he is not.
But Roger Starr, a former New York City housing administrator and sometime opponent of Ms. Jacobs, keenly noted the steel just beneath her folksiness. # “What a dear, sweet character she isn’t”, he said.¹⁵ (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310).
- 3b. As if he were a footman or butler, he carried a valise in each hand.
“I’m a leprechaun”, the little guy says finally, “Conachail Fiodh Dubhthaigh at your service”.
- 4a. – Right. As if anyone else in the room could pronounce that.¹⁶ (Lehmann; Bergs, 2021, p. 310).

12 No original: “From a constructional point of view, compositionality is best thought of in terms of match or mismatch between aspects of form and aspects of meaning (see Francis and Michaelis [2003] on incongruence and mismatch). If a construct is semantically compositional, then as long as the speaker has produced a conventional sequence syntactically, and the hearer understands the meaning of each individual item, the hearer will be able to decode the meaning of the whole. If it is not compositional, there will be mismatch between the meaning of individual elements and the meaning of the whole”.

13 As construções, em tradução livre, são, na mesma ordem: “Nem me fale”, “[...] *pronome* não/é são” e “Como se”.

14 Tradução própria: “a. Certo. Então, existem sites. Existem aplicativos que vão além de um eBay ou um Craigslist. Me fale sobre isso. b. ‘Isso é muita coisa para lidar em muito pouco tempo.’ # ‘Nem me fale.’”.

15 Tradução própria: “a. Há muitas coisas que George Ryan poderia ser, mas covarde ele não é. b. Mas Roger Starr, um ex-prefeito da cidade de Nova York e ocasional opositor da Sra. Jacobs, notou agudamente o aço por trás de sua simplicidade. # ‘Que personagem querido e doce ela não é’, disse ele.”.

16 Tradução própria: “a. Como se fosse um serviçal ou mordomo, ele carregava uma mala em cada mão. b. ‘Eu sou um duende’, diz o pequeno garoto finalmente, ‘Conachail Fiodh Dubhthaigh à sua disposição’. – Certo. Como se mais alguém na sala pudesse pronunciar isso.”.

Em todos os casos, de 2. a 4., a. ilustra o uso literal das construções em questão, enquanto b. exemplifica o mesmo padrão sintático básico, mas imbuído de sentido irônico. Em seguida, reunindo critérios que lhes conferem o estatuto de construções, Lehmann e Bergs (2021) expõem os achados relativos a cada construção individualmente e concluem que o conhecimento acerca de seu uso adequado é armazenado pelos falantes.

No que concerne a “Tell me about it”, por exemplo, trata-se de construção substantiva que não permite nenhuma variação. Apesar de seu uso literal poder ser parafraseado sem comprometer a adequação da construção, o mesmo não se mostra possível quanto ao sentido irônico, o que faz pressupor a preferência por ela a outras aparentemente idênticas e seu enraizamento linguístico como veiculadora de ironia. Nesse aspecto, das 1.482 ocorrências coletadas pelos pesquisadores, 76% apresentaram uso irônico, demonstrando a forte associação da estrutura a esse tipo de sentido.

A propósito, um elemento particularmente interessante está associado à aquisição da linguagem: considerando o desenho *My Little Pony: Friendship is Magic*, voltado para meninas entre 4 e 11 anos, os autores observaram que muitas crianças dessa faixa etária não compreendem plenamente o efeito da ironia, dado que a habilidade de reconhecê-la costuma se desenvolver gradualmente entre os 6 e os 13 anos.

Ainda assim, os roteiristas parecem presumir que tal uso de “Tell me about it” não implique obstáculos ao público-alvo em termos de compreensão, o que tanto reforça a ideia de que se trata de unidade linguística enraizada no repertório cognitivo dos falantes desde tenra idade quanto atribui à construção um estatuto de familiaridade no plano da ironia (Lehmann; Bergs, 2021).

Com relação a “XP pro BE not”, por seu turno, em 95% das 193 ocorrências obtidas, a construção sintática e pragmaticamente independente – aquela não embutida em uma construção sintática maior nem em nenhum contexto pragmático específico para torná-la apropriada – foi interpretada de forma irônica. Outros casos, menos numerosos, foram aqueles em que a construção é independente sintaticamente, mas embutida em um contexto concessivo, além daqueles em que a construção é parte de um contexto concessivo tanto pragmática quanto sintaticamente.

Importante fazer constar, porém, que, em todos os três tipos, a construção pode expressar ironia, a despeito de, no primeiro, com independência sintática e pragmática, ela se associar à ironia acima da média.

Acrescente-se ainda que “XP pro BE not” parece preferir conceitos com conotação positiva, o que espelha, na verdade, o comportamento geral da ironia, ao criticar algo ou alguém por meio de construções positivas. Fato é, então, que, “no geral, sua alta frequência

type, sua forte probabilidade de ser interpretada como irônica e suas características idiossincráticas fornecem ampla evidência de que ‘XP pro BE not’ está enraizado no imaginário coletivo” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 324, tradução própria¹⁷).

Por fim, quanto a “As if”, demonstrou-se que as cláusulas insubordinadas autônomas podem ser empregadas ironicamente e que, em virtude disso, podem ser consideradas imprevisíveis em seu significado. A esse respeito, tal imprevisibilidade de significado é sistemática, o que significa dizer que a ironia, sendo inerente à construção, legitima “As if” como construção.

Some-se a isso o fato de, coletadas 589 ocorrências, as cláusulas insubordinadas autônomas terem sido interpretadas ironicamente em 95% dos casos, corroborando-a como construção com significado irônico. Além disso, mostraram-se altamente produtivas, com alta frequência *type* e baixa frequência *token*, e atraíram itens de polaridade negativa com mais frequência se comparadas com as cláusulas insubordinadas elaborativas ou com as subordinadas.

O desenvolvimento de “As if” para um idiomático que é interpretado como irônico por padrão deve ter sido motivado de alguma forma. Uma explicação provável é que “As if” insubordinado autônomo, com seu significado irônico, tornou-se enraizado no imaginário do usuário da língua (Lehmann; Bergs, 2021, p. 329, tradução própria¹⁸).

Isso posto, Lehmann e Bergs (2021) chegaram à conclusão de que, quando uma construção substantiva e esquemática está convencionalmente associada à ironia, ela se qualifica como ironia construcional. Dito de outro modo, construções mais frequentemente interpretadas como irônicas do que como literais ou como unicamente irônicas são ironias construcionais.

Dessa maneira, visto que construções se configuram como pareamentos forma-função compartilhados pelos falantes e que ironias construcionais consistem em construções com apagamento ou inexistência de sentido literal, é plenamente plausível enquadrar só *que não* – cujas propriedades são elucidadas na seção Análise – nesse arcabouço.

17 No original: “Taken together, its high type frequency, its strong likelihood of being interpreted as ironic and its idiosyncratic features provide ample evidence that ‘XP pro BE not’ is entrenched in the language user’s constructicon”.

18 No original: “The development of ‘As if’ to an idiom that is interpreted as ironic by default must have been motivated somehow. A likely explanation is that stand-alone insubordinate ‘As if’ with its ironic meaning has become entrenched in the language user’s constructicon”.

Só que não

De acordo com Camargo (2017), *só que não* tem a internet como lugar por excelência, acima de tudo ambientes mais informais, evidenciando o papel inovador e renovador da rede mundial de computadores sobre as escolhas linguísticas. Ademais, provavelmente em razão de sua simplicidade – materializada, muitas vezes, por meio das iniciais *sqn* acompanhadas de *hashtag* –, de sua relevância e de seu forte e claro efeito pragmático e comunicativo, tal uso difundiu-se.

É difícil, todavia, precisar como a estrutura tenha emergido. Uma das hipóteses, nesse sentido, é que o esquema [só que X_{Adv}], no qual está inserida a construção *só que não*, tenha se originado do articulador *só que*, já elucidado por Longhin-Tomazi (2003 *apud* Camargo, 2017). Isso porque *só que não* preserva, por exemplo, o traço de quebra de expectativas da perífrase.

No inglês, a bem da verdade, construção semelhante é a piada do não ou *not joke* – datada do início dos anos de 1990, teria se popularizado com uma comédia chamada *Quanto mais idiota, melhor* (*Wayne's World*, no original), lançada em 1992 nos Estados Unidos. Um exemplo prototípico poderia ser “What a totally amazing, excellent discovery – not!”¹⁹ (1992; *Wayne's World* *apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 23, grifo dos autores), em que se refuta a proposição – positiva ou neutra – antecedente.

Normalmente, o *não* pós-sentencial também se caracteriza por ser um elemento foneticamente muito perceptível, acentuado e, com frequência, alongado. [...] A declaração anterior, primeiro, sugere alguma mensagem boa ou positiva, que é, então, repentina e surpreendentemente negada e revogada por *não*. Isso cria um efeito ou surpresa e também um certo nível de ironia ou sarcasmo (Bergs; Pentrel, 2025, p. 21, tradução própria²⁰).

A esse respeito, o ator e roteirista do filme, Mike Myers, comenta, em entrevista concedida por ocasião do aniversário de 25 anos da produção, em 2017, o uso pós-sentencial de *não*:

Indagado pelo entrevistador sobre se ele havia criado “aquela piada” ou a observado primeiro, Myers responde que a notou e a usou pela primeira vez quando era adolescente em Ontário. Em outras palavras, ele nega ter “engendrado” ativamente

19 Tradução própria: “Que descoberta totalmente incrível e excelente – não!”.

20 No original: “Typically, extrasentential *not* would also be a phonetically very noticeable, stressed, and often phonetically elongated element. [...] The previous statement first suggests some good or positive message, which is then suddenly and surprisingly negated and retracted by extrasentential *not*. This creates an effect or surprise and also a certain level of irony or sarcasm.”.

aquela estrutura. Além disso, Meys ressalta na entrevista que a estrutura é uma expressão do sarcasmo de 1990: “Eu vou concordar com você, mas eu não estou de fato concordando com você. Essa seria a matemática da coisa”. O entrevistador, então, acrescenta “que é uma construção muito simples que pode transformar qualquer um em comediante, desde que siga a fórmula. Você conduz alguém por um caminho e...”, ao que Myers responde: “Vem a negação final. Sim, eu adoro quando as coisas têm uma versão caseira” (Bergs; Pentrel, 2025, p. 24, tradução própria²¹).

Ainda no que tange à sua origem, Bergs e Pentre (2025) asseveram que parte considerável das ocorrências pode ser encontrada tanto no filme em questão quanto em séries como *Os Simpsons* e *Beverly Hills 90210*, como se verifica em de 5. e 6.:

5. I’m gonna miss you too. **Not.**²² (1989; *Os Simpsons* [...] *apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 23, grifo dos autores).
6. So you two are lovers. **Not.**²³ (1991; COHA; *Beverly Hills 90210* *apud* Bergs; Pentre, 2025, p. 23, grifo dos autores).

No entanto, é quase certo que *Wayne’s World* não seja a origem do *não* pós-sentencial, dado que se constatou uma ocorrência em 1989, em *Os Simpsons*, anterior ao filme – apesar de ser inegável o papel da película na popularização da construção.

Em linhas gerais, sabe-se que a piada do *não* envolve aspectos como pausa e entonação ascendente, expressas, no registro escrito, por meio de reticências, maiúsculas e ponto de exclamação, de maneira a destacar, naquele contexto, uma ironia, como se vê em “This suit is black... NOT!²⁴” (Camargo, 2017, p. 53). A construção *só que não*, por sua vez, manifesta comportamento díspar: dispensa quaisquer marcações gráficas, embora o emprego delas não seja vedado.

21 No original: “Asked by the interviewer whether he wrote ‘that joke’ or observed it first, Myers says that he first observed and used that as an adolescent in Ontario. In other words, he denies actively having ‘engineered’ that structure. Moreover, Myers also points out in the interview that the structure is an expression of 1990s sarcasm: ‘I’m going to comply with you, but I am not really complying with you. That would be the mathematics of it’. The interviewer finally points out that ‘it’s a really simple construction that can turn anyone into a comedian, so long as they follow the formular. You lead someone down – a path and – ‘There is the final negation. Yeah, I do love when things have a home version’, Myers answers.”.

22 Tradução própria: “Vou sentir sua falta também. Não.”

23 Tradução própria: “Então, vocês são amantes. Não.”.

24 Tradução própria: “Este/Esse terno é preto... NÃO!”.

Fato é que, independentemente da procedência de *só que não*, foi pela internet, e por meio dela, que a construção alcançou visibilidade e, por conseguinte, expressividade.

Nesse contexto, sua circulação em território nacional teve início entre o fim de 2011 e o início de 2012, cuja presença, a princípio circunscrita às redes sociais, se verifica, hoje, também em espaços de uso linguístico monitorado, como destaca Camargo (2017), o que revela, por um lado, seu potencial criativo, sistemático e eficiente e, por outro, sua versatilidade, contribuindo de maneira substancial para a inovação linguística: “[...] Quase metade das ocorrências obtidas está associada a gêneros textuais como a coluna, o artigo de opinião e o editorial – de origem jornalística –, o que nos mostra a aderência da expressão a ambientes também mais formais” (Camargo, 2017, p. 111).

Nas seções seguintes, pois, evidenciamos seu caráter irônico bem como seu estatuto construcional, reconhecendo a construção como forma especializada na marcação de ironia, ou seja, como ironia construcional.

Metodologia

Para a coleta de dados, fizemos uso d’*O Corpus do Português* (Davies, 2016), desenvolvido por Mark Davis, da Universidade Brigham Young (BYU), e Michael Ferreira, da Universidade Georgetown.

Realizamos nossas buscas entre outubro e dezembro de 2024. Por meio da etiqueta [só que ADV], pela qual é possível abarcar ponto ou vírgula antes ou depois das ocorrências, por exemplo, a microamostra NOW retornou 100 entradas ao todo, independentemente da frequência, já que nossa pesquisa tem natureza qualitativa. Obtivemos, então, *só que não*, as já conhecidas construções *só que nunca* e *só que sim* (Camargo; Hirata-Vale, 2025) e uma forma com intensificador: *só que não mesmo*.

Nesse âmbito, na medida em que a microamostra em questão contempla textos de quatro variedades do português, foi essencial que nos debruçássemos apenas sobre fragmentos textuais de falantes brasileiros, visto que esse é o nosso interesse – daí termos tomado o cuidado de, lançando mão do filtro *Country*, disponibilizado pela plataforma, restringir a busca a páginas do Brasil.

Saliente-se que muitas ocorrências não constituíam o fenômeno aqui em discussão, em termos de comportamento morfossintático-pragmático. Em virtude disso, por meio da aba *Context*, pautando-nos pelo contexto dos dados, fizemos uma seleção, tendo descartado aqueles em que *só que não* não exprimia ironia, a exemplo de 7.:

7. A deputada Luiza Erundina (PSOL-SP), que coordenou a comissão na Câmara criada para acompanhar os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (CNV), afirmou que o memorando “vem revelar aquilo que já se sabia, **só que não** tínhamos provas nem evidências” (3, <https://g1.globo.com/politica/noticia/apos-revelacao-de-memorando-da-cia-deputados-e-senadores-cobram-abertura-de-arquivos-militares.ghml>, 2014, grifo próprio).

Dessa maneira, a construção *só que não* somou, ao todo, 1.929 ocorrências, das quais 448 se enquadraram no padrão [só que X_{Adv}] em estudo. A seguir, destacamos aleatoriamente duas delas:

8. Não ganhamos Palma de Ouro, Urso de Ouro, Leão de Ouro e outros prêmios à toa. Mas ainda insistimos em dizer que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo, **só que não** (<https://www.cartacapital.com.br/cultura/faco-filmes-para-as- pessoas-pretas-com-a-cara-do-nosso-pais/>, 2017, grifo próprio).
9. Vem logo, só que não. O representante da JAC no país, Sergio Habib, afirma que deverá importar em agosto duas ou três unidades do Sol... mas apenas para testes com jornalistas especializados e clientes especiais conhecerem a tecnologia (<https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2018/05/09/jac-descarta-carro-eletrico-no-brasil-porque-eletrico-so-vira-na-china.htm>, 2018, grifo próprio).

Complementarmente, faça-se constar que as rodadas de pesquisa levaram em conta somente a forma inteira da construção. Isso porque, na eventualidade de haver outras do tipo de [só que X_{Adv}] diferentes das clássicas *só que não*, *só que nunca* e *só que sim*, a exemplo de *só que não mesmo*, provavelmente apareceriam somente por extenso, haja vista serem pouco difundidas e conhecidas. Grafá-las apenas com iniciais, pois, dificultaria ao leitor sua identificação.

Ademais, casos de *link* corrompido ou não mais existente foram computados normalmente, uma vez que *O Corpus do Português* permite conhecer o contexto no interior da própria plataforma.

Análise

Retomemos os exemplos 8. e 9.:

8. Não ganhamos Palma de Ouro, Urso de Ouro, Leão de Ouro e outros prêmios à toa. Mas ainda insistimos em dizer que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo, **só que não**.

9. Vem logo, só que não. O representante da JAC no país, Sergio Habib, afirma que deverá importar em agosto duas ou três unidades do Sol... mas apenas para testes com jornalistas especializados e clientes especiais conhecerem a tecnologia.

Como se verifica, *só que não* invalida a porção textual imediatamente anterior, refutando, no caso de 8., afirmações justapostas: “[...] que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo” e, no de 9., a proposição “Vem logo”.

Do ponto de vista da GC, *só que não* se configura como unidade simbólica que não é plenamente composicional. Em outras palavras, seu sentido global não pode ser reduzido à simples soma dos componentes *só que*, como operador adversativo, e *não*, como advérbio de negação. Desse modo, em uma perspectiva estritamente semântica, bastaria, em um rearranjo, introduzirmos a partícula de negação “não” antes de *estar* e *bombar*, em 8a., e de *vir*, em 9a., como a seguir:

8a. Não está tudo bem com o cinema brasileiro, **não** bombamos no mundo.

9a. Não vem logo.

Em termos semânticos, observa-se que as construções 8. e 9. se mostram equivalentes às sentenças 8a. e 9a. respectivamente. De um ponto de vista pragmático, contudo, não se deve ignorar um traço muito particular relativo a *só que não*: a ironia, que somente 8. e 9. são capazes de veicular.

Em 8., aliás, retomam-se os verbos *estar* e *bombar*, das proposições imediatamente anteriores, sem repeti-los formalmente, o que revela o caráter elíptico e altamente convencionalizado da construção. Tal fenômeno, denominado de *encapsulamento verbal*, indica que os verbos da porção textual antecedente são reativados cognitivamente na interpretação do falante, mas não chegam a se manifestar na superfície linguística, corroborando a autonomia formal da construção, como evidencia 8b.:

8b. [...] que está tudo bem com o cinema brasileiro, que bombamos no mundo, **só que não** [está/bombamos].

Um dado relevante reside no fato de *só que não* não admitir nenhum tipo de complemento explícito²⁵, justamente em decorrência do fenômeno de encapsulamento. A título de ilustração, ao retomar a ocorrência 9., notamos o verbo *vir* presente, na verdade, também

25 No âmbito desta pesquisa, o termo *complemento* nada tem a ver com a nomenclatura gramatical. Assim, *complemento* assume o sentido de *informação adicional* ou *especificador*.

na porção introduzida por *só que não*, só que implicitamente, com a construção incidindo sobre esse verbo subentendido, como revela 9b.:

9b. Vem logo, **só que não** [vem].

Primeiro, a construção solicita a repetição do verbo/locução verbal da proposição anterior; depois, como consequência da ironia, promove seu apagamento ao encapsulá-lo na segunda ocorrência; e, por fim, quebra as expectativas do interlocutor. É possível concluir, então, que, ao mesmo tempo que a construção o requisita, ela faz questão de encapsulá-lo como resultado da ação direta da ironia, o que significa dizer que, caso também a segunda ocorrência do verbo fosse explícita, teríamos um indicador da ausência de traço irônico.

Vale frisar, dessa maneira, que a ironia é nada menos que gatilho para o apagamento do verbo empregado como complemento de *só que não*, já que a intenção do falante, no âmbito da formulação, é materializada na codificação. Em outros termos, a ironia, em todos os casos, encapsula o que seria a segunda manifestação explícita do verbo sobre o qual *só que não* opera ou das formas genéricas *ser* e *estar*.

Acrescente-se ainda que

[...] ela suaviza a negação, que 'é ato ameaçador da face' (Neves, 2006, p. 78 *apud* Camargo, 2017, p. 62), e intensifica o sentido. [...] 'É recurso mais complexo do que a negação explícita e espraia seus objetivos a pontos inatingíveis para a forma de negar diretamente' (Neves, 2006, p. 78 *apud* Camargo, 2017, p. 62).

Assim sendo, afirma-se que *só que não*, entre outros aspectos, veicula ironia,

- refutando sempre a porção textual imediatamente anterior, o que faz dele construção com posição fixa;
- encapsulando a repetição do verbo/locução verbal principais da proposição anterior, o que faz dele expressão indivisível.

Em face disso, na medida em que a esquematicidade se refere ao grau de abstração ou generalização de uma construção linguística, o aumento dessa propriedade implica mais abstração e menos dependência de elementos lexicais específicos.

A esse propósito, observamos ganho de esquematicidade de [*só que* X_{Adv}], uma vez que a construção mantém a forma fixa *só que* e um *slot* X preenchível não apenas por *não* mas

também por *nunca* e *sim* – o que ilustra sua fixidez. No caso específico de *só que não*, percebe-se certa abertura, mas restrita a uma classe de itens, para intensificação/reforço, como *só que não mesmo*, evidenciando-se que a construção, ao refutar ironicamente uma afirmação anterior, pode também imprimir-lhe ênfase.

Além disso, ao mesmo tempo que [só que X_{Adv}] provavelmente tenha se originado do operador de foco *só que*, a construção dele se afasta. Isso porque, ao carregar consigo ironia e, como consequência direta, provocar encapsulamento verbal, apresenta comportamento bastante idiossincrático

Relativamente à propriedade de produtividade, definida como sendo a capacidade de um esquema ou construção de gerar instâncias, também há ganho no que se refere a [só que X_{Adv}], pois, quanto mais abstrato e geral um esquema, mais lugar ele tem em diferentes situações, o que possibilita a instanciização de construções de maneira sistemática e eficiente e contribui para a inovação linguística.

Nesse aspecto, vale dizer que não basta, todavia, atestar a diversidade de advérbios que já preenchem o *slot* X – cenário o qual, muito mais do que ressaltar quão produtivo, porque esquemático, o esquema se tornou, ilustra a criatividade com que o falante o reconhece e o robustece para atender a determinados propósitos comunicativos. É preciso também demonstrar se o esquema mantém a capacidade de licenciar novas instâncias compatíveis com seu pareamento forma-função.

Diante do exposto, embora seja evidente a predominância de advérbios de polaridade, quais sejam, *não*, *nunca* e *sim*, é totalmente possível que o padrão admita, mesmo que de modo marginal, outros preenchimentos, a exemplo de *só que jamais*, além de *só que never* e *só que claro* (Cunha Lacerda, 2021) e de meras especulações, como *só que óbvio* e *só que com certeza*, desde que preservem o contraste irônico característico da construção.

Ainda nesse âmbito, percebemos perda de composicionalidade, dado o esvaziamento das partes para a composição do todo, uma vez que “as palavras *só*, *que* e *não*, cada qual com um significado e função originais, vêm se reinterpretando e se gramaticalizando [...]” (Camargo, 2017, p. 109, grifo do autor) ou, parafraseando Traugott e Trousdale (2013), inexistência correspondência completa entre o significado dos elementos individuais e o significado do conjunto.

Dessa forma, a função pragmática da construção como negação irônica emerge de um uso contextualmente específico, e não da simples soma do sentido de suas partes individuais (Camargo, 2017). Raciocínio parelho, portanto, se estende a todas as demais microconstruções da família, cujas partículas justapostas funcionam como unidades pragmáticas com significado sobremaneira específico.

Por fim, convém destacar que, devido ao seu inquestionável componente irônico, podemos enquadrar *só que não* no arcabouço de ironias construcionais, à luz dos já expostos parâmetros adotados por Lehmann e Bergs (2021). Sua alta frequência *type*, sua alta probabilidade de interpretação como irônica e suas propriedades idiossincráticas – como posição fixa, natureza formulaica e tanto quebra de expectativas quanto ironia intrínsecas (Camargo, 2017, 2020; Camargo; Hirata-Vale, 2022) – manifestam seu enraizamento no imaginário da comunidade de falantes.

Considerações finais

Em resumo, *só que não* constitui um pareamento forma-função altamente integrado em que o todo semântico-sintático tem a função de refutar à base de ironia uma porção textual imediatamente anterior. Em outras palavras, tendo em vista que (i) os traços das categorias originais de suas partes se perdem parcialmente, (ii) a existência de outras construções irônicas, como as já conhecidas *só que sim* e *só que nunca* e a menos conhecida *só que não mesmo*, veicula um esquema amplo e (iii), como consequência da esquematicidade, sua capacidade de criação é produtiva, [*só que* X_{Adv}] é classificável, conforme as dimensões propostas por Traugott e Trousdale (2013), como uma construção:

- *complexa*, porque sem significado literal transparente. Embora *só que* funcione como um conector adversativo equivalente a *mas* (Longhin-Tomazi, 2003), quando combinado com um advérbio como *não* com encapsulamento verbal, forma-se estrutura convencionalizada com significado e função que extrapolam a mera negação, uma vez que há, envolvidas, nuances pragmáticas, como a ironia;
- *esquemática*, porque de estrutura formulaica recorrente. Tal construção representa um padrão de uso particularmente irônico, reconhecível e geral;
- *procedural*, porque portadora tanto de conteúdo semântico quanto de aspecto procedimental. A construção em questão, ora pelo significado lexical dos itens constitutivos do esquema, ora pelos efeitos pragmáticos, não apenas comunica um conteúdo proposicional como também orienta em direção a uma avaliação contextual e a uma interpretação pragmática, influenciando a interação comunicativa. O foco, pois, é instruir interpretativamente, e não representar de forma referencial.

Ademais, é evidente a existência de “formas sintáticas convencionalmente associadas a um significado irônico” (Lehmann; Bergs, 2021, p. 335, tradução nossa²⁶), o que corrobora o conceito de ironia construcional. Logo, muito mais do que uma construção empregada

26 No original: “[...] there are syntactic forms conventionally associated with an ironic meaning”.

ironicamente, *só que não* demonstra ter se especializado na marcação irônica, na medida em que ironias construcionais implicam estrutura formal esquemática, associação convencional com efeito irônico e desvio interpretativo em relação à literalidade.

Referências

ATTARDO, S. *Irony markers and functions: towards a goal-oriented theory of irony and its processing*. 2000.

BERGS, A.; PENTREL, M. Extravagant much? Syntactic creativity because Wayne's World. *English language and linguistics*, v. 29, n. 2, 2025.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (ed.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (ed.). *The Oxford handbook of Construction Grammar*. Cambridge: Oxford University Press, 2013.

CAMARGO, D. W. F. *Uma investigação funcional da construção só que não no português escrito*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CAMARGO, D. W. F. A locução “só que não” dos pontos de vista sintático, semântico, pragmático e discursivo-textual. *Porto das Letras*, Porto Nacional, v. 6, n. 1, p. 220-249, 2020.

CAMARGO, D. W. F.; HIRATA-VALE, F. B. M. A gramaticalização de “só que não” como conectivo de contraexpectativa com valor negativo. In: WOTCKOSKI, R. B.; CHINAGLIA, J. P. F.; NOCCIOLI, C. A. M. (org.). *Educação no Brasil e sua conjuntura: tendências, desafios e perspectivas*. Ribeirão Preto: Ribeirão Gráfica, 2022.

CAMARGO, D. W. F.; HIRATA-VALE, F. B. M. As ironias construcionais “só que nunca” e “só que sim”: uma análise cognitivo-funcional no português brasileiro. *Linguasagem*, São Carlos, v. 49, n. 1, p. 126-151, 2025.

CAMP, E. Sarcasm, pretense, and the semantics/pragmatics distinction. *Nous*, v. 46, n. 4, p. 587-634, 2012.

CUNHA LACERDA, P. F. A.; FURTADO DA CUNHA, M. A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; CEZÁRIO, M. M. C. (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. 1. ed. Niterói: EdUFF, 2017.

CUNHA LACERDA, P. F. A. As principais contribuições da abordagem construcional da mudança no contexto da Linguística Funcional Centrada no Uso – evidências a partir de um estudo de caso. In: TENUTA, A. M. T.; COELHO, S. M. (org.). *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. 1 ed. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2018. p. 181-200.

DAVIES, M. *Corpus do Português: Web/dialects*. 2016.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, Nova York, v. 64, n. 3, 1988.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. Grammatical constructions and linguistic generalizations: The What's X doing Y? construction. *Language*, [S. l.], v. 75, n. 1, 1999.

LEHMANN, C.; BERGS, A. As if irony was in stock. The case of constructional ironies. *Constructions and Frames*, [S. l.], v. 13, n. 2, 2021.

MICHAELIS, L. A.; FENG, H. What is this, sarcastic syntax? *Constructions and Frames*, v. 7, n. 2, 148-180, 2015.

PINHEIRO, D.; FERRARI, L. Linguística funcional, Linguística cognitiva e Gramática de Construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, 2020.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VEALE, T.; HAO, Y. Detecting ironic intent in creative comparisons. In: Conferência Europeia de Inteligência Artificial, 19., 2010, Portugal. *Anais...*

"Escreva para mim...": marcas da dor na escrita de adolescente em sofrimento psíquico

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3904>

Cristiane Carneiro Capristano¹
Roberta Vieira²

Resumo

Com base em uma visão linguístico-discursiva de linguagem e de escrita, este artigo apresenta a análise de um acontecimento (Pêcheux, 2015) escrito por uma adolescente que vivenciava intensa dor psíquica e tinha histórico de realização de autolesões – cortes e outras escarificações autoprovocadas na pele (Le Breton, 2010) e de tentativa de suicídio. Nesta pesquisa, de natureza qualitativa, com epistemologia interpretativista, buscou-se identificar e compreender o funcionamento de fragmentos discursivos presentes nesse acontecimento escrito que, de diferentes maneiras, sinalizavam para a emergência de negociações do sujeito escrevente com a dor, sobretudo quando a dor se mostrava na escrita da adolescente como corte (e outras escarificações na pele) e como morte (pensamentos suicidas).

Palavras-chave: dor; escrita; alteridade.

1 Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil; capristano1@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0003-1225-5716>

2 Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; roberta.cr.vieira@unesp.br; <https://orcid.org/0009-0009-0311-6774>

“Write to me...”: Marks of pain in the writing of a teenager in psychological distress

Abstract

Based on a linguistic-discursive view of language and writing, this article presents the analysis of an event (Pêcheux, 2015) written by an adolescent who was experiencing intense psychological pain and had a history of self-injury – cuts and other self-inflicted scarifications on the skin (Le Breton, 2010). This qualitative research, grounded in an interpretative epistemology, sought to identify and understand the functioning of discursive fragments present in this written event that, in different ways, signaled the emergence of negotiations between the writing subject and pain, especially when the pain appeared in the adolescent’s writing as cutting (and other scarifications on the skin) and as death (suicidal thoughts).

Keywords: pain; writing; alterity.

Introdução

“Escrever é uma forma de sangrar”
(Evaristo, 2014, p. 109)

Neste artigo, fazemos a análise de um registro escrito por uma adolescente que vivenciava intenso sofrimento psíquico e apresentava, como sintomas deste sofrimento, a realização de autolesões e de tentativas de suicídio. Tais sintomas levaram a adolescente ao atendimento em um Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil (CAPSij), local em que, dentre outras atividades terapêuticas, foi convidada a escrever sempre que tivesse pensamentos relacionados com qualquer prática autolesiva.

A autolesão é considerada, pela literatura biomédica, como um comportamento intencional de dano, de modo autoinfligido, na superfície do corpo. Pode causar sangramento ou contusão. Alguns exemplos de práticas autolesivas são cortar – apontada como a prática mais frequente –, queimar, bater ou esfregar excessivamente a pele (Associação Americana de Psiquiatria, 2023; Guerrero *et al.*, 2024). As autolesões estariam associadas a outras formas de dor ou de sofrimento como depressão, ansiedade, dificuldades nas relações interpessoais e transtornos alimentares. Estariam ainda relacionadas a dificuldades na chamada regulação emocional e seriam realizadas como uma estratégia de enfrentamento diante de “[...] estados de dor psicológica avassaladora [...]” (Park, Wyman, Beauchaine, 2023), fornecendo uma forma de alívio para a dor (Guerrero *et al.*, 2024).

A nomenclatura biomédica atual para as autolesões é “Autolesão Não Suicida” (Associação Americana de Psiquiatria, 2023). Apesar desta nomenclatura, seguida da descrição diagnóstica de ausência de intenção suicida durante a realização dos cortes, há muitos estudos que apontam para a relação entre a autolesão e os pensamentos suicidas (ver, por exemplo, Park; Wyman; Beauchaine, 2023). Inclusive o próprio Manual Diagnóstico de Doenças Mentais (DSM – V) indica que quem pratica autolesões pode ter tendências a tentativas de suicídio (Associação Americana de Psiquiatria, 2023). Ainda na literatura biomédica, a expressão “comportamento suicida” é utilizada para caracterizar “[...] indivíduos que se envolveram em comportamento potencialmente autolesivo com pelo menos alguma intenção de morrer como resultado do ato” (Associação Americana de Psiquiatria, 2023, p. 824).

Vemos, em concepções teóricas que advém da área biomédica, que a autolesão e a tentativa de suicídio estão intrinsecamente relacionadas e são classificadas de acordo com a intencionalidade do indivíduo (ter ou não a intenção de morrer, no ato da autolesão). Outro olhar é encontrado em teorias provenientes da antropologia e da psicanálise. Le Breton (2010) nomeia as autolesões como escarificações na pele e as entende como uma maneira de significar, no corpo, a dor vivenciada. O autor estabelece relações de distanciamento entre as escarificações e as tentativas de suicídio, propondo que o sujeito que se corta pede pela vida. As escarificações no corpo seriam, assim, uma forma de se manter vivo, apesar da intensa dor vivenciada (Le Breton, 2010). O autor também afirma que as escarificações ocorrem quando não é possível significar a dor psíquica pela linguagem, “Onde as palavras falham, o corpo fala [...]” (Le Breton, 2010, p. 27).

A tentativa de suicídio, por sua vez, “denuncia uma extrema situação de dor psíquica, na qual o eu é atacado por intensidades traumáticas que põem em risco sua existência” (Macedo, 2019, p. 209). Macedo (2019), assim como Le Breton (2010), estabelece relações entre autoagressões/tentativas de suicídio e a linguagem, afirmando que esta poderia afastar o sujeito das repetidas autoagressões que o levariam à morte: “por meio da palavra o sujeito pode tornar-se *enuncia-dor*, rompendo assim o modelo paralisante do traumático [...]” (Macedo, 2019, p. 220, grifo da autora).

Nas delimitações feitas na literatura antropológica e psicanalítica, se pode observar um afastamento da concepção de sujeito intencional/consciente, presente na literatura biomédica. Enquanto na última a relação entre autolesão e tentativas de suicídio é caracterizada pela intencionalidade (ferir-se com ou sem intenção de morrer), nesta vemos o sujeito do inconsciente, constituído em (sua) relação com a dor. Logo, a autolesão e as “tentativas” de suicídio seriam modos de significar, no corpo, a dor vivenciada.

Ainda nesta concepção, encontramos apontamentos que relacionam a dor significada no corpo e a linguagem. Partindo dessa possibilidade de relação, neste artigo nos apoiaremos no modo como a antropologia e a psicanálise concebem as marcas da dor

significadas no corpo e, entendendo que a dor pode ser (re)significada também de outras maneiras, analisaremos marcas da dor que possam ser identificadas no fio do discurso, em particular, quando a dor se mostra na escrita de uma adolescente que foi atendida em um CAPSij, por meio da identificação e do exame de fatos linguístico-discursivos nos quais se possa ver relações com a autolesão e com as chamadas tentativas de suicídio.

Chamaremos as marcas da dor caracterizadas como autolesão de marcas de *corte*, por ser o ato de cortar-se o modo mais frequente de escarificação no corpo, lembrando que outras formas de ferir a si mesmo também serão concebidas com essa nomenclatura. Já as chamadas tentativas de suicídio terão, aqui, olhar ampliado para os pensamentos suicidas. Como veremos adiante, a adolescente que realizou os escritos tem histórico de tentativas de suicídio, mas não as está praticando enquanto escreve. A não tentativa não apaga, no entanto, escritos que apontariam para possíveis pensamentos relacionados a tais tentativas. Chamaremos a significação da dor marcada por pensamentos suicidas como marcas de *morte*.

Partimos do pressuposto de que a escrita pode se constituir como um lugar privilegiado para a (re)significação da dor. Essa pressuposição sustenta-se em um modo particular de entender a escrita: ao mesmo tempo, como um *modo de enunciação* e como um *acontecimento*. Entender a escrita como *modo de enunciação* é uma forma de conceder a ela um estatuto semelhante ao estatuto que, em geral, é atribuído exclusivamente ao modo de enunciação oral. Como sublinha Corrêa (2013), o modo de enunciação oral é frequentemente compreendido como um “fenômeno plasmado nas suas próprias realizações concretas em gêneros e textos falados, em enunciados e palavras pronunciadas” (Corrêa, 2013, p. 68). Na contramão dessa compreensão, a escrita, quando tomada exclusivamente como um sistema não autônomo é, em geral, tida como um código e identificada meramente como uma forma cuja função precípua seria a de representar a língua ou a fala, quase sempre uma forma desvinculada do tempo, do espaço e do sujeito que enuncia (Corrêa, 2013, p. 68). Seguindo a proposta de Corrêa (2013), podemos afirmar que, assim como o modo de enunciação oral, a escrita não é meramente um código de transcrição, mas “se reinstala, no mundo social, por meio de encontros, sempre inéditos, entre os participantes do discurso” (Corrêa, 2013, p. 68); ela é, pois, entendida como um “fenômeno plasmado nas suas próprias realizações concretas”, em gêneros e textos escritos, em enunciados e palavras registradas.

Ainda que “plasmada nas suas próprias realizações concretas”, não se pode esquecer que a escrita tem “natureza histórico-discursiva” (Corrêa, 2013, p. 69) e se materializa como acontecimento, ou seja, como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 16). Como acontecimento, a escrita depende das redes de memória e dos trajetos sociais nos quais irrompe e marca sempre “a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos” (Pêcheux, 2015, p. 56). Dito de outro modo, a escrita é um acontecimento na medida em que, ao se presentificar

no mundo social (historicamente constituído), por meio de encontros inéditos entre os participantes do discurso, (re)produz sentidos e, ao mesmo tempo, pode provocar rupturas em sentidos já estabilizados. Está, pois, sempre aberta à repetição, mas, igualmente, à transformação, à deriva e à dispersão dos sentidos (Tfouni, 2021), já que todo o enunciado, seja falado ou escrito:

[...] é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação (Pêcheux, 2015, p. 53).

A análise central proposta neste artigo concebe a escrita como acontecimento e, no interior deste, entendemos que certos fragmentos permitem localizar pontos em que se encontram uma atualidade – marcada linguisticamente; e uma memória – construída na e pela história. Propomos, portanto, uma releitura do conceito de Pêcheux (2015) para conceber o escrito da adolescente como um acontecimento, no interior do qual há fragmentos que marcam relações entre atualidade e memória discursiva. Serão analisados os fragmentos sobre corte e morte, presentes no interior do acontecimento escrito selecionado.

Subjacente a esse modo de conceber a escrita, inclui-se, também, um modo de conceber o sujeito escrevente e sua relação com a alteridade que o determina e o constitui. Partindo de uma visão linguístico-discursiva de linguagem, entendemos que o dizer do escrevente é constitutivamente atravessado pelo Outro³, ou seja, o sujeito não é a origem/fonte do (seu) dizer e dos sentidos que produz; “[...] não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito de linguagem: sujeito descentrado, dividido, clivado” (Authier-Revuz, 1990, p. 28). Nesse sentido, o sujeito escreve a partir de posições ideológicas que o atravessam e, fundamentalmente, está despossuído do controle do seu dizer: sob as suas palavras, sempre “[...] ‘outras palavras são ditas’ [...]” (Authier-Revuz, 2004, p. 69). Quando escreve, o sujeito está, pois, submetido à língua, ao inconsciente e à história e, conseqüentemente, se constitui por meio dessas determinações linguísticas, psíquicas e históricas.

3 O Outro, neste artigo, é considerado a partir da interpretação e da apropriação feitas por Authier-Revuz (1990, 2004, dentre outros), no campo das teorias do discurso, das contribuições da psicanálise lacaniana: o Outro é o discurso do inconsciente, lugar de onde emanam as determinações simbólicas da história do sujeito, que se manifesta, submetido às deformações da censura, nos sonhos, nos lapsos, nos sintomas, nos chistes... sendo da ordem do simbólico. O Outro não é, portanto, o outro (minúsculo), aqui entendido como aquele do já dito, cujas palavras se marcam enquanto o sujeito – na ilusão de ser “eu” –, fala ou escreve e/ou, ainda, o outro da interlocução, aquele que o “eu” (em sua ilusão de centralização) imaginariamente projeta como seu “interlocutor” (Authier-Revuz, 2011).

O sujeito não é, também, mecanicamente assujeitado a essas determinações, já que as ideologias, o inconsciente e a língua que o interpelam e o constituem falham; neles, sempre há frestas e é nessas frestas que se pode entrever a singularidade histórica de cada enunciado, de cada enunciação e de cada sujeito. Dito de outro modo, o assujeitamento a essas determinações “[...] também pressupõe o movimento dos sujeitos nas teias dos sentidos” (Alvarez, 2024, p. 64), uma vez que, por exemplo, estes sujeitos podem se “identificar, contraidentificar e desidentificar com os saberes das formações discursivas nos quais se inserem” (Alvarez, 2024, p. 64).

Neste artigo, interessa-nos observar a emergência dessas frestas e movimentos nos quais se poderia divisar os diferentes modos de negociação – no sentido de Authier-Revuz (2004)⁴ do eu com a alteridade (o Outro e os outros) que o constitui. Essas frestas e movimentos, do nosso ponto de vista, podem ser captados nas “escolhas” linguístico-discursivas feitas pelo sujeito quando “diz sobre a (sua) dor”; nessas escolhas, nas quais, por exemplo, emergem palavras enquanto outras se apagam, supomos se manifestar a necessária negociação imaginária do sujeito com a alteridade que o atravessa e da qual ele não pode, nem consegue, escapar.

Tendo como ponto de partida as balizas teóricas apresentadas até aqui, nosso objetivo, neste artigo, é analisar marcas da dor que possam ser identificadas no fio do discurso, olhando para a relação entre o eu (sujeito) em alteridade com a dor (um Outro da adolescente em sofrimento psíquico cujos escritos analisamos), especificamente quando a dor se mostra na escrita como corte (e outras escarificações na pele) e como morte (pensamentos suicidas).

Material e método

Investigamos um acontecimento escrito resultante de um trabalho terapêutico desenvolvido em um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij). Trata-se de acontecimento escrito de uma adolescente de 15 anos, que foi encaminhada ao CAPSij após internação hospitalar, devido a ocorrências de autolesões, tentativa de suicídio e sinais físicos de restrições alimentares exacerbadas. Os pais relataram que já havia ocorrido internação anterior devido tentativa de suicídio, por meio de ingestão de substância tóxica. Quando iniciou o atendimento no CAPSij, os cortes na pele e os pensamentos relacionados à morte (pensar em se suicidar) eram a queixa principal da

4 O termo “negociação” é empregado com variados sentidos, tanto no senso comum como na literatura especializada. Neste artigo, a proposta é de compreendê-lo a partir do trabalho de Authier-Revuz (2004, dentre outros). Em seus trabalhos, a autora define a negociação não como um modo racional de resolução de conflitos, como se pode ver em perspectivas teóricas de caráter mais interacional, mas, outrossim, como efeito, no dizer, do jogo do não-um, jogo que, por exemplo, independe da intencionalidade do sujeito e tem caráter obrigatório (é uma *negociação necessária*), já que afeta irredutivelmente o enunciadador e o seu dizer (Authier-Revuz, 2004, p. 85-86).

adolescente e de seus pais. Ao longo do processo terapêutico, uma das terapeutas (a fonoaudióloga) convidou a adolescente a escrever para ela, quando tivesse pensamentos relacionados com possíveis auto ferimentos: “Quando pensar em se cortar, escreva uma carta para mim”.

A adolescente aderiu à proposta e produziu 29 acontecimentos escritos ao longo de 1 ano (entre 2020 e 2021)⁵. Tais acontecimentos, registrados de modo digitalizado, pelo celular, foram enviados via WhatsApp a um equipamento (*tablet*) do serviço (CAPSij). Nos acontecimentos escritos, emergiram questões relacionadas diretamente aos cortes na pele e a pensamentos que podem ser entendidos como suicidas; questões em que se marcava a relação conflituosa com a alimentação e a relação, também conflituosa, com o corpo/imagem corporal; e, ainda, relatos de conflitos familiares e conflitos vivenciados no ambiente escolar. Havia, também, marcas, na escrita, relacionadas a projeções em relação ao futuro, envolvendo principalmente estudo e trabalho.

Para este estudo, selecionamos apenas um dentre os 29 acontecimentos escritos entre 2020 e 2021. A seleção se deu por se tratar de um acontecimento que permitia uma análise qualitativa. Foram usados dois critérios de seleção: (a) data do envio; (b) extensão do texto, a fim de privilegiar o primeiro acontecimento mais extenso enviado pela adolescente. Por se tratar de análise qualitativa, entendemos que os primeiros acontecimentos escritos enviados poderiam conter mais momentos de significação da dor, uma vez que se tratava do início do período de atendimento institucional da adolescente. Por se tratar de análise preliminar dos dados, que futuramente irão compor uma tese de doutorado (que está em curso), procuramos privilegiar um acontecimento de maior extensão, que poderia ampliar as possibilidades de análise por conter maior número de marcas linguísticas em que a dor se mostra como corte e como morte.

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, com epistemologia interpretativista e busca, no acontecimento selecionado, fragmentos discursivos que, de diferentes maneiras, sinalizavam, no fio do discurso, a emergência de uma negociação com a dor, marcada pelo corte e pela morte. Também em termos metodológicos, a pressuposição de partida é a de que a condição essencial da produção e da interpretação de um acontecimento não é passível de inscrição na esfera individual do sujeito psicológico. Ela reside, de fato, na existência de um corpo histórico de traços discursivos que constituem o espaço de memória do acontecimento.

5 Para que os acontecimentos pudessem ser concebidos como dados de pesquisa, nossa investigação foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com inscrição 75243723.6.0000.5466. Após aceitar participar da investigação, o responsável pela adolescente e ela própria (agora com idade maior que 18 anos) assinaram Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise e resultados

Optamos por, primeiramente, apresentar ponderações sobre a constituição do acontecimento selecionado e indicar as tendências mais gerais observadas em fragmentos sobre corte e sobre morte localizados para análise qualitativa. Em seguida, organizamos a análise em dois momentos: na seção (a), analisamos fragmentos nos quais a dor se mostra na escrita como corte (e outras escarificações na pele) e, na seção (b), fragmentos nos quais a dor se mostra como morte.

No acontecimento escrito selecionado para a presente reflexão (cf. Anexo), visto como um todo, vemos despontar o relato de um conflito familiar, marcado especialmente por discordâncias entre a adolescente e seu pai e por tentativas do que pode ser interpretado como apaziguamento do conflito, pela mãe da adolescente. Há, ainda, marcas linguísticas que remetem a situações que ocorreram anteriormente, nas sessões terapêuticas, relacionados à alimentação e, ainda, à possibilidade de a adolescente encontrar um emprego. Ocorrem também descrições do ambiente físico em que a adolescente se encontrava (sua residência). Além disso, está fortemente marcada a relação com a dor, vivenciada em meio ao conflito familiar, que faz pano de fundo ao todo do acontecimento. As marcas que privilegiamos em nossa análise são, como antecipado, aquelas nas quais observamos a presença de duas formas de significação da dor, também descritas anteriormente: o corte e a morte. Identificamos 06 fragmentos discursivos nos quais podemos ver significações da dor, como sintetiza o Quadro 1⁶:

6 Os fragmentos foram retirados do acontecimento escrito da adolescente e foi mantida a mesma redação proposta por ela, sem correções de nenhuma natureza, sejam gramaticais, gráficas (digitação, espaçamento etc.) ou ortográficas.

Quadro 1. Fragmentos discursivos

Modos de significação da dor	Quantidade	Fragmentos discursivos identificados
Corte	01	eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar consegui fazer só um risquinho na pele
Morte	05	falei acaba logo com isto me mate
		eu não sei se quero continuar tentando
		eu não sei pocha com eu queria poder decidir a minha vida só falta 3 anos para mim ser maior de idade mais não sei se vou aguentar esperar muito tempo
		sabe quando bate quelé arrependimento de der melhorado da anorexia nervosa
		estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez mais pra chegar a coisa é meio difícil pois com o chão e de madeira faz muito barulho aí eles vão perceber os meus remédios fica encima do armário da cozinha mais acho que vou tentar dormir pra ver se passa

Fonte: Elaboração própria

Em uma primeira análise, chama-nos a atenção a maior frequência de fragmentos discursivos nos quais a dor é marcada linguisticamente como morte (pensamentos de morte). Vale lembrar que a adolescente tem, em sua história, a ocorrência de ao menos uma internação hospitalar decorrente de tentativa de suicídio. No entanto, após início do tratamento no CAPSi, embora ainda ocorressem autolesões, a adolescente não apresentou mais nenhuma tentativa de suicídio que houvesse sido reportada. Tal fato, somado à maior frequência de fragmentos de morte, pode sugerir que, ainda que não tentasse se suicidar (não chegasse “às vias de fato”), os pensamentos de morte estavam presentes como modo de significar a dor. A adolescente realizaria, então, significações da dor marcadas diretamente no corpo – através de cortes – e significaria linguisticamente a dor escrevendo sobre tais cortes e escrevendo sobre os pensamentos suicidas – que se mostram linguisticamente em maior frequência que o modo de significação pelo corte.

Sobre tais modos de significar a dor, encontramos interpretações significativas em trabalhos que vêm de pesquisas da antropologia (por exemplo, Le Breton, 2010) e da psicanálise (por exemplo, Macedo, 2019). Tais trabalhos apresentam uma distinção entre o que chamam *atos de passagem* ou *acting out* (relacionados aos cortes/escarificações na pele) e de *passagem ao ato* (relacionado às tentativas de suicídio, ou seja, à morte). Segundo tais autores, o *ato de passagem* (*acting out*) estaria relacionado a uma busca inconsciente de restauração do laço social. Ele aproximaria o outro do eu, para manutenção da vida, uma vez que, quando ocorre um corte, a pele é marcada. Concebendo a pele como o

revestimento que marca o dentro e o fora do corpo (uma forma de alteridade), podemos entender que o corte apontaria para um encontro entre dentro/fora, aproximando o eu (lado de dentro) e o Outro (lado de “fora”), numa (re)significação para a vida. O corte teria, assim, efeito de alteridade. Em contrapartida, a *passagem ao ato* apontaria para a ruptura do laço social. Entendida como uma “modalidade [...] que caracteriza a tentativa de suicídio” (Macedo, 2019, p. 1), ela denunciaria uma situação de dor psíquica extrema, na qual “[...] o eu é atacado por intensidades traumáticas que põem em risco sua existência.” (Macedo, 2019, p. 1). A *passagem ao ato* seria, portanto, uma modalidade de resolução de uma tensão interna; “um deslizamento do adolescente para fora da cena social [...]” (Le Breton, 2010, p. 33).

Se, na *passagem ao ato*, o adolescente está fora da cena social, podemos pensar que a relação com o outro (aquele da interlocução) estaria ameaçada. Estando o adolescente em distanciamento do encontro com o outro, a *passagem ao ato* “denunciaria uma situação de dor psíquica extrema” (Macedo, 2019, p. 1) que não pôde ser significada por palavras. Haveria uma possibilidade, nas tentativas de suicídio descobertas (e não consumadas), da significação da dor se dar por palavras, “se o jovem disso fala ou se as marcas de sua conduta são descobertas. Mas em todos os casos, em grau maior ou menor, o ato autoriza uma passagem, uma transição para a outra margem [...]” (Le Breton, 2010, p. 33).

Nos fragmentos encontrados, em que a morte significa a dor, entendemos que, além de não haver a *passagem ao ato* (pois não houve a tentativa de suicídio), as palavras possibilitaram (re)significação. Podemos inferir, diante da alta emergência da morte nos fragmentos analisados, que a oportunidade da escrita possibilitaria a (re)significação da dor como marca linguístico-discursiva, sendo possível marcar a dor sem que ela precise se marcar como *passagem ao ato*. Neste mesmo sentido, a possibilidade da (re)significação da dor na escrita pode favorecer a menor necessidade de significação da dor no corpo, como *ato de passagem*, ou seja, pelo corte.

A partir da análise mais geral dos fragmentos que remeteram ao corte e à morte, na sequência, passamos à análise qualitativa dos fragmentos selecionados.

(a) A dor ligada ao corte

Como já mencionado, identificamos, no acontecimento escrito aqui analisado, apenas um fragmento que remete ao corte:

1. eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar consegui fazer só um risquinho na pele

Esse fragmento emerge como desfecho de um momento de grande tensão entre a adolescente e seus pais, momento no qual o pai teria agredido a filha física e verbalmente e a mãe teria agido no sentido de frear a agressão, o que teria gerado, segundo o relato

da adolescente, intensa raiva. Nesse fragmento, a dor retorna como “um já-dito tão imperiosamente sobrevivendo quanto ele é mal-vindo” (Authier-Revuz, 2011, p. 19), gerado pela atuação da relação do eu com os outros (outro/Outro) – caracterizados pela história familiar de conflitos, pelas posições sujeito ocupadas pelos lugares do pai e da mãe nesta relação, pelas outras ocasiões de cortes na pele anteriormente vivenciadas e, de modo mais escondido, porém talvez mais constitutivo, pela situação de vulnerabilidade social em que a família se encontrava, caracterizada por um pai que faz uso de álcool e uma mãe que está desempregada e ocupa lugar de submissão. Tais outros (outro/Outro) constituem o sujeito de tal modo que ele não pode, nem consegue, escapar.

Do ponto de vista linguístico, podemos dizer que há, neste enunciado, um aparente problema: depois da sequência “Eu peguei uma lâmina de barbear para me...”, a expectativa, criada pelas condições de emergência do enunciado, era a de que irrompesse o verbo “cortar”, numa alusão ao gesto de fazer inscrições cutâneas na pele com uma lâmina (as chamadas autolesões). No entanto, irrompe o verbo “contar”.

Uma possível explicação para a substituição do grafema R pelo grafema N seria a de que se trata de um erro de digitação. No entanto, existe uma importante distância entre essas letras no teclado, seja do computador, seja no celular, o que invalidaria a interpretação da substituição do grafema R pelo grafema N como um erro de digitação. Podemos pensar, ainda, em uma mudança ocasionada pelo corretor automático do sistema operacional dos aparelhos eletrônicos (celulares, *tablets*, computadores) que é feita, privilegiadamente, a partir de três critérios: (1) localização de erros ortográficos que produzem “palavras” não existentes nos dicionários (como em “exemplo” e “exmplo”); (2) identificação dos chamados “erros de palavra real” – ocasiões em que a palavra digitada existe, mas não é adequada ao contexto (como em “mais” – “mas”) e, por fim, (3) aprendizagem de padrões de erro a partir de um *corpus* de treinamento – ocasiões em que são consideradas a extensão e a frequência das palavras digitadas (Hládek; Staš; Pleva, 2020). Entre as palavras “cortar” e “contar” não se aplica o primeiro critério, pois ambas estão grafadas corretamente e existem em dicionários. Em relação ao critério 2, caso o contexto semântico fosse considerado, a palavra cortar teria preferência na escolha, pela presença da palavra lâmina pouco antes. Já o critério 3 esbarraria na questão da extensão exatamente igual de ambas as palavras, não havendo justificativa da correção automática de uma palavra pela outra a partir deste critério.

De posse dessas informações, entendemos que é preciso considerar que a substituição do grafema R pelo grafema N pode funcionar como uma pista da constituição duplamente heterogênea desse dizer, no sentido em que é constitutivamente determinado, atravessado, penetrado, ao mesmo tempo, pelo outro, na interlocução com a terapeuta (escreva para mim...) e pelo Outro, aqui entendido como a dor. Quando se propõe a escrever para a terapeuta, o sujeito/escrevente/adolescente se dispõe a contar suas dores (de modo escrito) e, assim, não as significar somente por meio dos cortes no corpo. Podemos

pensar que a *dor* (o Outro) circula, nesse fragmento, *pari passu* com o *corte*, mas emerge (re)significada e atravessada pela relação eu-outro, ou seja, pelo inevitável efeito da imagem que a escrevente pode ter construído da (sua) relação com a terapeuta e com a própria escrita. No lapso entre “cortar” (ato físico no corpo) e “contar” (ato simbólico na linguagem), ocorre uma deriva. O sujeito não escolhe o equívoco; ele é “falado” por ele. Ampliando um pouco mais o olhar para esse fragmento, temos:

eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar (1) consegui fazer só um risquinho na pele aí (2) eu acabei perdendo a lâmina

Dois fatos chamam a atenção nesse fragmento ampliado e permitem ratificar nossas hipóteses. Primeiro, a relação de justaposição entre “*eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar/cortar*” e “*consegui fazer só um risquinho na pele*”. Entre esses dizeres não há um conectivo (juntor) relacionando explicitamente à primeira ação narrada (pegar a lâmina) e a segunda (conseguir apenas fazer um risquinho). Sob esse prisma, a relação entre essas ações é, *portanto*, “falha”, porque o sentido “balança” entre elas, sem o amparo de uma conjunção que explicita o que se pode interpretar como uma relação de causa/consequência. A falha reside, pois, no fato de não ser possível preencher o hiato entre a sua pressuposta “intenção” (*pegar a lâmina para se cortar*) e o resultado dela (*fazer só um risquinho na pele*). O sentido “escapa” no silêncio entre as duas ações e mostra que a escrevente e a (sua) escrita encontram-se atravessadas por uma impossibilidade de dizer o que realmente aconteceu naquele intervalo. Reforça essa interpretação a presença do advérbio “só”, em “só um risquinho”. O “só” qualifica o “risquinho” como uma espécie de resíduo e indicia que havia uma expectativa de plenitude (o corte profundo) que não se realizou: o sujeito não conseguiu cortar tudo o que queria, nem contar tudo o que sentia.

Outro fato importante se mostra na relação sintático-semântica instaurada pela emergência de “aí” em (2). Do ponto de vista gramatical, o “aí”, em geral, tem valor primordialmente temporal, mas, neste fragmento, a nosso ver, acaba por funcionar como um juntor de contraste, com valor adversativo, constituindo o alicerce para a apresentação de uma contraexpectativa e instaurando um ponto de deriva, já que ajuda a quebrar a cadeia de casualidade pela inclusão de uma ação inesperada “*acabei perdendo a lâmina*”. Ou seja, como consequência da dupla ação evocada pelo registro do verbo “cortar” como “contar”, a escrevente registra “acabei perdendo a lâmina”, registro que permite a interpretação de que é a perda do objeto (lâmina) o que impede o desejo de cortar, que opera junto com o desejo de contar. É necessário considerar, ainda, que o “aí” é um substituto funcional de “mas” e/ou “contudo”. Muito provavelmente, ele se manifesta para justificar a interrupção de um processo (cortar) que já estava atravessado por outro (contar), reorientando a argumentação: da tentativa de autolesão para a “perda” (misteriosa!) do instrumento (a lâmina). A emergência do “aí” em vez de “mas”, “contudo”, “todavia”, não seria, pois, apenas o registro da “fala informal” da adolescente – interpretação comum em perspectivas que entendem fatos como a presença do “aí” na escrita como mera “interferência” da fala (informal) na escrita –, mas uma forma de suavização do contraste (mais marcada em

“mas”, “contudo” etc.), como se “perder a lâmina” fosse um “golpe do destino”, um evento (factual, banal) que se impôs ao sujeito e não exatamente uma decisão tomada com plena “consciência” (consciência apenas do ponto de vista de quem escreve, em sua ilusão subjetiva de controle).

(b) A dor ligada à morte

Conforme antecipamos, foram encontrados 05 fragmentos em que a dor se marca, na escrita, como morte. Vejamos cada um deles de acordo com a sequência em que emergem no interior do acontecimento escrito:

2. falei acaba logo com isto me mate

Este fragmento emerge logo após a narrativa de um conflito entre a adolescente/ escrevente e seu pai. Não há, explicitamente, uma relação com pensamentos suicidas. Na ocasião da discussão, a adolescente diz ao pai que este poderia matá-la. A cena pode ser entendida como bastante comum em relações entre pais e adolescentes nos momentos de contrapontos. A emergência do verbo “mate” poderia sinalizar para a relação de alteridade entre eu-Outro (dor representada como morte), mas não seria suficiente para sustentar tal atribuição de sentido. No entanto, estreitando o olhar para o fragmento em questão, chama-nos particularmente a atenção a presença do pronome demonstrativo “isto”⁷, cuja referência, aqui, é bastante indeterminada, do ponto de vista linguístico-discursivo: o pronome “isto” pode retomar anaforicamente o que se mostra, no fio do discurso, imediatamente anterior a ele (o conflito entre pai e filha); pode, ainda, aludir (e, nesse sentido, presentificar, por um efeito de memória) o Outro constitutivo do discurso (a dor) – no sentido de “acabe logo com esta dor”. Depois dessa indeterminação, irrompe o que seria a resolução do conflito (apontado na briga com o pai e retomado na alteridade com a dor): a morte. Vejamos como a morte se mostra linguisticamente no fragmento seguinte:

3. eu não sei se quero continuar tentando

Neste fragmento, chama-nos a atenção a ausência de complemento após a locução “continuar tentando”. O verbo “tentar”, núcleo dessa locução, é semanticamente incompleto por definição. Tradicionalmente, diz-se que ele expressa uma intenção ou esforço

7 Do ponto de vista estritamente gramatical, “isto” faz parte do grupo que se costuma chamar de “pronomes demonstrativos”, cuja finalidade é indicar a posição dos seres com relação às três pessoas do discurso. No caso específico do “isto”, trata-se de um pronome que deveria ser usado para fazer referência a algo ou a alguém que está perto da pessoa que fala. No entanto, essa prescrição gramatical não encontra paralelo absoluto no uso cotidiano, uma vez que o emprego desse e de outros pronomes demonstrativos “[...] escapa à correspondência estrita com as (não) pessoas do discurso e depende, bem mais, das relações afetivas e de proximidade ou distância que o escritor estabelece com o objeto, o tempo, o lugar e o evento discursivo designados” (Bagno, 2011, p. 792).

direcionado a uma meta ou ao alcance de um objetivo. Em termos de funcionamento linguístico-discursivo, o complemento de “continuar tentando” pode ser omitido se for recuperável pelo contexto (linguístico ou interacional). Seu uso sem complemento pode ter, também, o efeito de dar destaque para a atitude (o esforço em si) e não para o resultado de uma ação. Quando não recuperável e sem a “intencionalidade” de dar ênfase à atitude, o complemento de “continuar tentando”, geralmente, seria uma oração (proposição). Por exemplo, “não sei se quero continuar tentando [fazer terapia], [viver], [sobreviver em minha casa] etc.”. A nosso ver, no fragmento aqui considerado, a ausência de complementos (no contexto ou explicitamente registrados) abre para a deriva de sentidos e instala a dispersão. A expressão “continuar tentando”, sem complemento, funciona, pois, como um lugar vazio. Do ponto de vista funcional, falta um argumento; do ponto de vista discursivo, a lacuna é onde a dispersão atua. O sentido “se dispersa” entre o que a escrevente não disse (o interdito ou o não-sabido) e o que o outro pode pressupor, a partir das memórias discursivas que o constituem. Dito de outro modo: o esforço (continuar tentando) é enunciado, mas o objeto desse esforço encontra-se disperso em múltiplas possibilidades discursivas. A emergência de “continuar tentando” sem complemento, vago, lacunar pode ser, assim, um índice de um desejo que a escrevente não consegue nomear totalmente, aqui entendido como desejo de morte. Ressalta-se que o complemento pode estar elidido, não nomeado, mas ele continua existindo, embora disperso e abrindo para múltiplas possibilidades de sentido, para o “eu” e o “outro”. Vejamos movimentação semelhante no fragmento que segue:

4. *eu não sei pocha com eu queria poder decidir a minha vida só falta 3 anos para mim ser maior de idade mais não sei se vou aguentar esperar muito tempo*

Alguns fatos chamam a atenção nesse fragmento: (a) a relação sintático-semântica estabelecida pela conjunção “mas” entre as porções “só falta 3 anos para mim ser maior de idade” e “não sei se vou aguentar esperar muito tempo”; e (b) o registro não convencional de “mas” como “mais”. O uso da conjunção “mas”, registrada como “mais”, introduz entre as porções supramencionadas uma oposição. O sujeito quer esperar, *mas* há um limite, não especificado. A ausência de elementos textuais que permitam identificar a natureza do limite deixa um vazio e abre esse fragmento para a deriva e para a dispersão. Ou seja, o modo como foi estabelecida a relação entre essas duas porções textuais indicia que os sentidos desse fragmento se dispersam entre a impossibilidade de suportar a espera cronológica (3 anos para a maioridade) e a emergência de uma pulsão que aponta para a descontinuidade do próprio viver. Além disso, no registro não convencional de “mais” em vez de “mas” (registro ortográfico bastante comum), pode indiciar um efeito de sentido importante: “mais” sugere uma adição, um excesso⁸. Ou seja, é possível cogitar que o registro de “mais”, em vez de “mas”, não é um mero “erro” ortográfico, mas sim um indício,

8 Essa hipótese nos parece viável porque, no mesmo acontecimento escrito aqui analisado (cf. Anexo), o “mas” (conjunção adversativa) é usado corretamente (do ponto de vista ortográfico), em fragmento imediatamente anterior “[...] sei que a minha situação não é muito difícil **mas** sinceramente hoje pra mim foi a gota da água”, e o “mais” (advérbio) é também usado corretamente (do ponto de vista ortográfico), em “e tudo **mais**”.

por um lado, que a escrevente já está saturada – uma vez que a espera não precisa ser apenas interrompida, ela é excessiva (sentidos que convivem no registro); e, por outro lado, como consequência dessa saturação, o registro não convencional sinaliza para a morte e para a finalização da vida, na medida em que a morte estaria no excesso do tempo de espera e, por extensão, no excesso de tempo para viver o que não se quer mais viver. Esses sentidos também podem ser vistos no enunciado a seguir.

5. *sabe quando bate quelé arrependimento de der melhorado da anorexia nervosa*

Com algum deslocamento de sentido, mas ainda se mostrando como morte, vemos, no fragmento (5), a relação com a memória discursiva em que emerge o diagnóstico de “anorexia”. Em sessões terapêuticas anteriores, a partir das quais o acontecimento em análise irrompeu, foram feitos relatos, por parte da adolescente, de que os cortes na pele, por ela praticados, foram iniciados após um período de melhora na (sua) relação com a alimentação. Considerando os cortes na pele como um modo de (re)significar a dor, o fragmento (5) permite levantarmos a hipótese de que a relação conflituosa com a alimentação poderia ser, também, um modo de significação da dor – que fora deixado de lado. Sendo a alimentação uma função vital para a sobrevivência humana, podemos atribuir, aqui, uma relação aproximada com a ideia da morte. Melhorar da *anorexia nervosa* seria um modo de não morrer. Em contrapartida, arrepender-se de melhorar da anorexia marcaria a relação com a dor/morte. Portanto, há, no fragmento em questão, um apontamento para a relação eu-outro (leitor/terapeuta), pois vem à tona a questão alimentar (assunto que era conversado nas sessões de terapia) e emerge a relação eu-Outro (dor), marcada como arrependimento por comer/viver. Nesse sentido, a emergência de “arrepender-se de melhorar” promove uma ruptura na evidência do sentido estabilizado pelo discurso médico-terapêutico hegemônico, que pressupõe a cura como um bem absoluto e universal. Para a adolescente, a melhora da anorexia nervosa não parece estar restrita à recuperação de uma função biológica, mas configura-se como uma perda de um lugar de significação da dor.

Essa hipótese se sustenta não só pela menção explícita ao arrependimento de ter melhorado da anorexia nervosa, mas também pelo modo como, linguística e discursivamente, essa menção emerge neste acontecimento. Ela emerge depois da irrupção de “sabe”, que, no acontecimento escrito aqui analisado, parece funcionar inicialmente como um marcador conversacional, cuja função tradicional seria a de convocar o interlocutor. Nesse fragmento, a convocação não é, no entanto, meramente conversacional, ou seja, não é apenas um exercício, pela escrevente e por sua escrita, da função fática. Parece constituir, na verdade, uma forma de interpelação que convoca o interlocutor (outro/terapeuta) a partilhar de uma memória discursiva traumática. A adolescente parece convocar o interlocutor (o outro/terapeuta) para um lugar de *reconhecimento*, e não de *entendimento*, pois, se o interlocutor “sabe”, o sujeito não será julgado pelo que poderia soar absurdo: “arrepender-se de melhorar”. Ao convocar o interlocutor por meio do marcador “sabe”, o

sujeito projeta uma ponte, buscando um reconhecimento que suspenda o julgamento moral e valide a anorexia como constituinte de sua subjetividade e um lugar que foi um importante para a significação da dor.

Por fim, no último fragmento encontrado, a significação da dor como morte é explicitada, como veremos a seguir.

6. estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez mais pra chegar a coisa é meio difícil pois com o chão e de madeira faz muito barulho aí eles vão perceber os meus remédios fica encima do armário da cozinha mais acho que vou tentar dormir pra ver se passa

Nesse fragmento, três fatos nos chamam a atenção: (a) a emergência de menção ao uso de medicamentos, no trecho *estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez* – menção direta ao suicídio; (b) a ambiguidade envolvendo o trecho *“pra chegar a coisa é meio difícil”* e, por fim, (c) o uso do “mas” registrado como “mais”, com sentido de contraste. Vejamos cada um desses fatos.

Em (a) vê-se, na atualidade do acontecimento, menção a “tomar os medicamentos de uma só vez”. Essa menção, presente na materialidade linguística, evoca uma memória discursiva relativa às práticas autolesivas – que podem levar à morte –, especificamente, ao uso excessivo de medicamentos (Brasil, 2024). Neste fragmento, o já dito do discurso do campo da Saúde Mental ecoa, por efeito de memória, no dizer do um (escrivente) e marca a relação eu-Outro, mais uma vez sendo a dor significada como morte.

Na sequência do fragmento, temos uma ambiguidade envolvendo o trecho *“pra chegar a coisa é meio difícil”*, trecho que, a nosso ver, permite, no mínimo, duas atribuições de sentido. A primeira seria *“pra chegar, a coisa é meio difícil”*. Nessa primeira leitura, o verbo “chegar” assume um comportamento intransitivo, funcionando como o núcleo de uma oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo “Pra chegar” que, por sua vez, atua como um adjunto adverbial e serve de moldura para a oração matriz *“a coisa é meio difícil”*; o sintagma nominal “a coisa” encontra-se, aqui, fora do domínio sintático do verbo “chegar”, operando como um sujeito pleno da oração matriz. A pausa (na fala ou na leitura desse trecho) ou vírgula (em um eventual registro convencional) sinalizaria uma fronteira, ao mesmo tempo prosódica, sintática e semântica, que isolaria a oração “Para chegar”, estabelecendo “a coisa” como a entidade sobre a qual se predica uma dificuldade. Os sentidos, nessa leitura, se dispersariam em possibilidades como: “chegar ao local em que os medicamentos estariam guardados seria difícil” ou, ainda, “chegar ao suicídio seria difícil”. Já a segunda possibilidade de atribuição de sentido, *“pra chegar à coisa, é meio difícil”*, “chegar” pode ser interpretado como um verbo transitivo (frequentemente associado ao sentido causativo de “aproximar” ou “fazer chegar”) e o sintagma nominal “a coisa” assume a função de objeto direto do verbo chegar. Nessa leitura, a palavra “coisa” se mostraria como um substantivo vazio que substitui o objeto direto da ação (do verbo

chegar) que, pressupostamente, poderia ser, na dispersão de sentidos aqui instalada, a ingestão dos medicamentos e/ou o consequente ato do suicídio. Na multiplicidade de sentidos emergentes nessa ambiguidade estrutural, vê-se, pois, a dispersão. Embora, no fato (a), a significação da dor como morte seja escancarada na materialidade linguística, a dispersão (vista no fato b) se instaura e impõem algum tipo de dificuldade ao ato de morrer.

Por fim, o fato (c) seria a irrupção do juntor “mas” (registrado como “mais”), nos momentos “*tomar tudo de uma vez **mais** pra chegar a coisa é meio difícil*” e “*meus remédios fica encima do armário da cozinha **mais** acho que vou tentar dormir pra ver se passa*”. Como já antecipado, o registro “mais” poderia apontar para o sentido de excesso (de dor, de conflitos, de tempo de espera, de dificuldades). Outra possibilidade seria de “mas” estabelecer contraste entre morrer (a partir do uso exagerado de medicamentos) e afastar-se da morte. No primeiro trecho, a palavra “mas” contrasta com a morte pela dificuldade de chegar ao local em que estariam os medicamentos; no segundo trecho, há a explicitação do local em que tais medicamentos estão (em cima do armário) e a possível desistência em alcançá-los (vou dormir pra ver se passa). A emergência do juntor “mas” com sentido de contraste, no final deste fragmento (que coincide com o final no acontecimento escrito), marcaria um afastamento (naquele momento) da ideia de morte. Neste caso, a morte seria significada na escrita e não passaria pelo corpo (pela tentativa de suicídio propriamente dita).

Considerações finais

No acontecimento escrito analisado, vemos emergir marcas da dor significadas como corte e como morte que irrompem, na atualidade do acontecimento, deslocando sentidos, abrindo espaços de deriva, nos quais é possível recuperar indícios da memória discursiva – vozes das situações de dor vivenciadas pela adolescente/escrevente; do discurso biomédico (em especial do campo da Saúde Mental); dos encontros vivenciados no CAPSij e da prática de escrita que resultou destes encontros. Sendo a dor um Outro que constitui o sujeito (adolescente/escrevente); este, atravessado pelo outro do já-dito, escreve sobre a (sua) dor e, no encontro com o outro da interlocução, endereça a dor a uma escuta também constituída pela alteridade. É no *acontecimento* que as (re) significações da dor (como corte e como morte) podem se mostrar, não mais apenas na pele, mas, também, na escrita.

Referências

ALVAREZ, P. H. Apontamentos sobre a noção de assujeitamento na análise de discurso pecheutiana. *Revista CBTECLE*, São Paulo, v. 8, n. 1, jun./2024. Disponível em: <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTECLE/article/view/1173>. Acesso em: 18 nov. 2024.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*: DSM-5-TR Traduzido. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a opacidade e a transparência*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutiva e interdiscursiva – no coração do dizer. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, jan./mar. 2011.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021*: Boletim epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Ministério da Saúde. Brasília, 2024. v. 55. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf/view>. Acesso em: 18 nov. 2024.

CORRÊA, M. L. Bases teóricas para o ensino da escrita. *Linguagem em (dis)curso*. Tubarão, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.

EVARISTO, C. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

GUERRERO, E., ANDREASSON, K.; LARSEN, L. *et al.* Zero Self-Harm app: a mobile phone application to reduce non-suicidal self-injury – study protocol for a randomized controlled trial. *Trials*, v. 25, n. 116, 2024. Disponível em: <https://trialsjournal.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13063-024-07932-1>. Acesso em: 18 nov. 2024.

HLÁDEK, D.; STAŠ, J.; PLEVA, M. Survey of Automatic Spelling Correction. *Electronics*, v. 9, n. 10, p. 1670, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346206262_Survey_of_Automatic_Spelling_Correction. Acesso em: 30 jan. 2026.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/KJyqh8ryDjNzrsdJx7wF7wv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2024.

MACEDO, M. Decifro-me ou me devoro: dor psíquica e autodestrutividade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 53, n. 4, p. 209-223, out./ dez. 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2019000400014. Acesso em 18 nov. 2024.

PARK, J. W.; WYMAN, A.; BEAUCHAINE T. The Natural Language Processing in Etiology: Distinguishing Suicidal Ideation (SI) and Nonsuicidal Self-Injury (NSSI) on Social Media. *PsyArXiv*, University of Notre Dame, Notre Dame, USA, 2023. Disponível em: <https://osf.io/preprints/psyarxiv/b89js>. Acesso em: 18 nov.2024.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni P. Orlandi. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

TFOUNI, L. Letramento e autoria: dispersão e deriva dos sentidos. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-20, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/349593869_Letramento_e_autoria_dispersao_e_deriva_dos_sentidos. Acesso em: 30 jan. 2026.

Anexo

“Acabei de ter uma briga bem feia com meu pai eu o enfrentei ele queria me bater então eu ó enfrentei e falei acaba logo com isto me mate tudo começou quando meu pai demorou muito pra vir embora pra a casa aí minha mãe brigou com ele aí ele a ofendeu enquanto eles brigavam eu fui tomar remédio foi aí que ele disse que era pra para de gracinha poisé eu sou uma cobra só pelo fato deu ter brigado com a irmã dele ele falou que eu deveria me quebrar no meio por conta disso aí eu enfrentei ele e falei vamos me bata aí ele ficou sem reação e foi pra a sala e eu fui pra o meu quarto mais as coisas só piorou quando ele fez aquele maldito discurso de bom pai que sacrificou sua vida para cuidar de mim então eu gritei EU Não Pedi Para Nascer aí ele veio pra cima de mim e segurou meu pescoço aí minha mãe entrou no meio depois ele ficou falando que eu não estou doente coisa alguma é falou que eu sou o diabo (quem me dera ser o diabo) falou que eu sou um cobra ingrata eu fracassada é tudo mais estou morando de raiva eu peguei uma lâmina de barbear pra me contar consegui fazer só um risquinho na pele aí eu acabei perdendo a lâmina ele disse que eu fico conspirando para minha mãe sair de casa e que eu sou manipuladora e tudo mais . Sabe socorro estou cansada . Aaaa ele ameaçou a minha mãe de morte se ele sair de casa eu sabia que isto ia acabar acontecendo ele reclamou que eu não como direito só com bem quando tem coisas boas para comer então eu disse eu arrumei um emprego vc me deixou ir aí ela disse que não está na hora mais e claro ele estava gritando e eu também eu não sei se quero continuar tentando sei que a minha situação não é muito difícil mas sinceramente hoje pra mim foi a gota da água eu o odeio meu pai estou querendo matar ele sei que é errado mais ninguém faz nada pra mudar minha situação minha mãe coitada não consegue fazer nada minha tia já ofereceu a casa dela pra a gente ficar mais eu não sei pocha com eu queria poder decidir a minha vida só falta 3 anos para mim ser maior de idade mais não sei se vou aguentar esperar muito tempo amanhã o P.⁹ infelizmente meu pai disse que vai começar a me maltratar e nem minha mãe vai poder entrar no meio sabe quando bate quelé arrependimento de der melhorado da anorexia nervosa para que viver assim porque continua agora são 10:15 da noite todos estão dormindo estou com uma vontade de pegar meus medicamentos e tomar tudo de uma vez mais pra chegar a coisa é meio difícil pois com o chão e de madeira faz muito barulho aí eles vão perceber os meus remédios fica encima do armário da cozinha mais acho que vou tentar dormir pra ver se passa.”

9 O nome do pai da adolescente foi omitido para mantermos o sigilo na pesquisa.

Práticas de retextualização em textos multimodais presentes nas mídias sociais

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3858>

Laura Mendes Claro¹
Helena Maria Ferreira²

Resumo

Este artigo tem por objetivo investigar estratégias linguísticas, semióticas e discursivas empregadas em duas retextualizações de *A Bela e a Fera*, no Instagram, examinando como tais escolhas configuram a narrativa no formato audiovisual e orientam efeitos de sentido. Metodologicamente, a pesquisa é composta por uma revisão bibliográfica, pautada nos fundamentos teóricos da Linguística Textual e dos estudos sobre Multimodalidade. A análise das retextualizações buscou problematizar como diferentes recursos semióticos podem contribuir para o processo de produção de sentidos e para compor gêneros textuais específicos. Os resultados sinalizam que os textos analisados apresentam uma configuração organizacional, adequada às especificidades do contexto de circulação. A leitura de textos retextualizados pode contribuir para a formação de leitores mais proficientes e mais críticos.

Palavras-chave: Retextualização; multiletramentos; gêneros textuais digitais.

1 Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil; laumc2003@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0000-2681-7623>

2 Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil; helenafferreira@ufla.br; <https://orcid.org/0000-0002-8749-5426>

Retextualization practices in multimodal texts on social media

Abstract

This article aims to investigate linguistic, semiotic, and discursive strategies employed in two retextualizations of *Beauty and the Beast* on Instagram, examining how such choices shape the narrative in audiovisual format and guide meaning-making effects. Methodologically, the study comprises a literature review grounded in the theoretical foundations of Text Linguistics and Multimodality studies. The analysis of the retextualizations sought to problematize how different semiotic resources can contribute to the production of meanings and to the construction of specific textual genres. The results indicate that the analyzed texts display an organizational configuration suited to the specificities of their context of circulation. Reading retextualized texts may contribute to the development of more proficient and more critical readers.

Keywords: Retextualization; Multiliteracies; Digital textual genres.

Considerações iniciais

Nas últimas décadas, com a expansão das tecnologias digitais, o acesso a produções textuais constituídas por diferentes modos/recursos semióticos tem sido exponencialmente ampliado, criando demandas para a educação, que precisa se adequar a esses contextos de comunicação mais complexos e dinâmicos para que o processo de ensino e de aprendizagem esteja alinhado às exigências da sociedade.

Assim, no campo educacional, torna-se imprescindível que os estudantes desenvolvam competências diversas para compreender a complexidade das práticas de linguagem e dos fenômenos sociais que subjazem aos usos linguísticos. Isso implica ampliar a capacidade de interação com um repertório mais abrangente de gêneros, especialmente aqueles que exigem maior nível de análise, síntese e reflexão crítica. Nesse conjunto de competências, destacam-se as práticas de leitura e de produção textual que são constituídos por múltiplas linguagens.

Nesse sentido, é necessária a inserção de situações didáticas que contemplem a combinação de modos semióticos (oral, escrito, visual e sonoro), com usos de diferentes recursos (palavras, imagens, sons, entonação, expressões faciais, gestos, cores, enquadramento, movimento, iluminação etc.) para criar uma experiência comunicativa mais dinâmica. Esses formatos desafiam os alunos a desenvolverem habilidades para interpretar e produzir conteúdos diversos. Nas redes sociais, encontram-se textos de diversos gêneros e formatos. Gêneros emergentes, criados especificamente para plataformas digitais e gêneros transmutados, ou seja, aqueles que já existiam e estão sendo adaptados (retextualizados) aos novos formatos e exigências das mídias digitais.



Assim, para além dos livros didáticos e de outros materiais utilizados pelos professores para o encaminhamento das atividades escolares, as tecnologias digitais revelam-se como suportes relevantes para o ensino das práticas de leitura e de produção de textos, seja pelo fato de se configurarem como um espaço de interação notadamente recorrente no cotidiano da maioria dos alunos, seja pelo fato de possibilitarem a criação de oportunidades de problematização dos modos de organização e de funcionamentos das produções textuais, nas dimensões linguísticas, semióticas e discursivas. Essa abordagem pode favorecer práticas de ensino mais contextualizadas e mais interativas.

Essa abordagem se alinha aos pressupostos da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), segundo a qual as práticas de linguagem contemporâneas não abarcam novos modos de organização e de funcionamento de gêneros que circulam no cotidiano social, implicando novas formas de produção, configuração, disseminação e interação. Nesse contexto, cabe à escola refletir sobre o que ensinar, para que ensinar e como promover redes de aprendizagem colaborativa. Tal reflexão permite que a instituição contribua para o desenvolvimento dos estudantes, propiciando espaços de tomada de decisões com autonomia e de aproximação com a diversidade cultural. A BNCC enfatiza, assim, uma formação voltada ao desenvolvimento de múltiplas competências e habilidades (cognitivas, linguístico-semióticas, discursivas, socioemocionais, culturais, sociais, éticas e digitais), visando a uma participação ativa, crítica e responsável na sociedade (Brasil, 2018).

Vale destacar que o presente artigo se insere no campo da Linguística Textual, em suas diferentes fases, em diálogo com outros referenciais teóricos relevantes para dar conta da complexidade da análise proposta. A análise de textos multissemióticos impõe o reconhecimento de que nenhum referencial, isoladamente, dá conta da complexidade envolvida na articulação entre modos verbal, visual, sonoro, gestual e espacial, bem como das condições de circulação e dos regimes de atenção próprios dos ambientes digitais. Por essa razão, torna-se metodologicamente produtivo mobilizar diferentes linhas teóricas de modo complementar, combinando contribuições que iluminem, por ângulos distintos, aspectos como organização textual e genérica, processos de retextualização, multimodalidade etc. Em ambientes como o Instagram, muitos efeitos de sentido dependem do reconhecimento de referências a textos anteriores ou da percepção de efeitos de sentidos suscitados pela combinação de diferentes recursos semióticos. Assim, amplia-se a capacidade de descrever não apenas “o que” o texto significa, mas “como” ele produz sentidos, que recursos semióticos são selecionados, como se combinam e como ativam redes intertextuais que orientam a interpretação no contexto sociocultural e tecnológico em que o texto circula.

Após essa breve contextualização, vale destacar que o presente artigo tem por objetivo investigar estratégias linguísticas, semióticas e discursivas multissemióticas empregadas

em duas retextualizações de *A Bela e a Fera*, no Instagram³, examinando como tais escolhas configuram a narrativa no formato audiovisual e orientam efeitos de sentido. Na primeira, a produtora narra a história como se fosse a personagem Bela, utilizando de recursos linguísticos e semióticos para a construção da narrativa (@camilapudim); na segunda, a produtora utiliza a versão narrada na primeira produção analisada e produz uma animação minimalista, mantendo o áudio (@rafaellatuma).

Pesquisas que investigam produções discursivas em circulação nas mídias sociais podem favorecer não apenas a construção de referenciais teóricos sobre os modos de organização e funcionamento dos textos digitais, mas também subsidiar a proposição de práticas pedagógicas fundamentadas. Nessa perspectiva, este artigo, ancorado nos estudos sobre retextualização (Marcuschi, 2001, 2010; Matêncio, 2002; Garcia, 2020) e na discussão acerca da configuração multissemiótica de narrativas em ambientes digitais (Kress; van Leeuwen, 2006; Coe, 2019), busca contribuir para a reflexão sobre as estratégias de retextualização como procedimento que estimula a produção de novos textos a partir de textos-base e promove uma leitura comparativa, atenta às transformações linguísticas, discursivas e semióticas implicadas nesse processo. Assim, a análise proposta busca abarcar essas questões, as quais são relevantes para o estudo dos processos de produção de sentidos, de modo mais ampliado, contextualizado e crítico.

Textos multissemióticos no Instagram: considerações gerais

As mídias sociais ultrapassaram o papel de meros canais de entretenimento, transformando-se em plataformas de interação social diversificada. Elas proporcionam ambientes de troca de ideias, debates e aprendizado colaborativo, possibilitando conexões entre diferentes grupos sociais. No campo educacional, as mídias sociais também apresentam a possibilidade de promover novas formas de ensino e aprendizagem. Por meio dessas plataformas, é possível criar espaços que favorecem a construção de conhecimentos, a ampliação dos letramentos digitais e o desenvolvimento de habilidades de leitura e produção textual.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 487),

3 Recomendamos aos leitores que assistam às produções antes de prosseguirem com a leitura do artigo, pois o acesso aos textos analisados poderá contribuir para a compreensão das questões abordadas ao longo do texto. As produções analisadas foram selecionadas a partir do critério de serem exemplares de retextualização, envolvendo o mesmo texto-base. As produções foram retiradas do Instagram, com acesso aberto e podem ser encontradas nos seguintes links: <https://www.instagram.com/p/Chs3LY4AyeS/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=4YJC9ObO-v4> e https://www.instagram.com/reel/C7Ukp_XRY28/?utm_source=ig_web_copy_link ou <https://www.youtube.com/watch?v=SzS2lwxWw78>.

[...] propostas de trabalho que potencializem aos estudantes o acesso a saberes sobre o mundo digital e a práticas da cultura digital devem também ser priorizadas, já que, direta ou indiretamente, impactam seu dia a dia nos vários campos de atuação social e despertam seu interesse e sua identificação com as TDIC. Sua utilização na escola não só possibilita maior apropriação técnica e crítica desses recursos, como também é determinante para uma aprendizagem significativa e autônoma pelos estudantes.

Neste contexto, verifica-se que o usuário não é apenas um consumidor passivo de conteúdo, mas também um produtor ativo. As plataformas digitais oferecem a oportunidade de criar, compartilhar e retextualizar conteúdos/informações, o que leva ao desenvolvimento de novas formas de interação. Na educação, isso significa que alunos e professores também podem produzir materiais educacionais colaborativos e multimodais, favorecendo a construção de conhecimentos mais interativos e promovendo maior engajamento e autonomia no processo de aprendizagem.

Discorrendo sobre a mídia social Instagram, Oliveira, Gomes, Ramires e Sobral (2023, p. 65) defendem que:

[...] o Instagram⁴ é um mundo. Os alunos, quando conectados a essa rede, estão diante de múltiplas informações e opiniões (inclusive dos famosos). Logo, ao ler e produzir algum conteúdo para o Instagram, os alunos não estão sendo neutros (nem na recepção, nem na produção desses conteúdos). Bakhtin (2006) pontua que a palavra sempre realiza alguma função ideológica: estética, científica, moral, religiosa. E a BNCC (Brasil, 2018) justamente indica que os alunos devem fazer apreciações e valorações estéticas, éticas, políticas e ideológicas. Não é só ler por ler, ou escrever por escrever. Os alunos são encaminhados a perceber a sociedade em sua constituição ideológica. E os *sites* de redes sociais contemplam justamente esse aspecto, quando apresentam temas diversos como preconceito, política, situações cotidianas, xenofobia, violência contra a mulher e assim por diante.

Os autores acrescentam que utilizar as mídias sociais em sala de aula pode favorecer práticas de ensino mais articuladas com os usos da linguagem vivenciados pelos alunos no cotidiano social, uma vez que o trabalho com o texto em ambiente escolar não pode se limitar a produção de uma mera redação escrita, pelo contrário, é preciso que as práticas de linguagem sejam tratadas como um caminho para experiências que

4 O Instagram é uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos, com a adição de filtros e efeitos visuais. Os usuários podem interagir por meio de curtidas, comentários e mensagens diretas, criando um ambiente de troca social e expressão pessoal. Além de seu uso para entretenimento, a plataforma é amplamente utilizada para marketing digital, educação e ativismo, oferecendo um espaço para produção de conteúdo e comunicação interativa, com forte presença no comércio digital.



propiciem o incentivo ao pensamento crítico e ao diálogo. Nesse contexto, o uso do Instagram se caracteriza como uma ferramenta potencializadora de aprendizagens por permitir aos alunos “alcançar outros horizontes. Para os autores, o uso do Instagram pode potencializar aprendizagens ao ampliar os espaços de circulação das práticas de linguagem, permitindo que os estudantes extrapolem os limites físicos da escola e estabeleçam contato com experiências, temas e discursos do cotidiano social. Nessa direção, a plataforma abre múltiplas possibilidades de trabalho com diferentes gêneros, favorecendo atividades de leitura e produção em um ambiente digital contemporâneo, gratuito e amplamente acessível.

A importância pedagógica desse encaminhamento, contudo, depende de se evitar a “pedagogização” dos gêneros, isto é, o risco de transformar textos e práticas sociais em meros pretextos escolares, descolados de suas finalidades, interlocutores e condições reais de circulação. A escola pode promover uma articulação produtiva entre os gêneros que circulam na vida social (por exemplo, *posts*, *reels*, *stories*, comentários, campanhas) e gêneros que integram o currículo escolar (resenha, artigo de opinião, relato, seminário, verbete etc.), evidenciando continuidades e diferenças de propósito comunicativo, estilo, composição e valores. Assim, o trabalho escolar preserva a natureza social dos gêneros, amplia repertórios e desenvolve competências de leitura crítica e autoria, sem esvaziar a complexidade e a função pública dessas práticas de linguagem.

Nessa perspectiva, Casagrande, Almeida e Goulart (2023, p. 1998) argumentam que as interações linguísticas que ocorrem em plataformas digitais estão profundamente conectadas aos contextos culturais dos usuários, com a cultura digital desempenhando um papel essencial na forma como as relações interpessoais se estabelecem na *web*. Diante disso, as autoras propõem uma reflexão sobre as práticas textuais ocorridas no Instagram e análise das interações linguísticas ali promovidas, utilizando essa mídia social como meio de interação entre os interlocutores.

Considerando que cada pessoa constrói sentidos únicos para os enunciados com os quais interage nas diferentes situações discursivas, problematizar gêneros que circulam no Instagram em sala de aula pode possibilitar que o aluno, atento ao discurso do outro, possa refletir sobre o conteúdo temático proposto pelo texto lido/ouvido, provocando uma compreensão responsiva ativa. Esse sujeito, que também está em processo de constituição contínuo, pode marcar suas singularidades ao/no diálogo proposto. Esse papel ativo tributado ao leitor se torna ainda mais complexo, ao se levar em conta as características multissemióticas dos textos que circulam nesse suporte digital.

Para Luz, Caiado e Fonte (2017), o caráter multissemiótico do Instagram, articulado às suas funcionalidades, favorece o uso deliberado de recursos de edição, como filtros e ajustes de contraste, brilho e foco, como estratégia de composição estética das postagens. Nessa perspectiva, a plataforma contribui para a consolidação de uma estética própria,



marcada pela manipulação recorrente das imagens e por modos de apresentação que se distanciam de padrões mais tradicionais do discurso visual. Essa estética, construída e validada nas interações entre os usuários, aproxima-se de um estilo do cotidiano e do autocentramento do olhar, no qual a visualidade individual participa da produção de um ethos imagético compartilhado entre os sujeitos digitais que integram a rede. Além disso, o gesto criativo do usuário evidencia um deslocamento entre a pessoa e a autoria: o sujeito não se apresenta apenas como quem é, mas como um autor que seleciona, organiza e constrói a imagem como forma estética de comunicar. Tal distinção reforça a centralidade da alteridade, a relação entre eu e outro, na definição do lugar social do dizer e na orientação dos sentidos atribuídos aos discursos.

A partir do excerto supracitado, é possível complementar que é necessário que o professor proponha estratégias metodológicas para a problematização dos processos de produção de sentidos e não apenas que crie situações de leitura e de interpretação. É relevante que sejam discutidas as escolhas realizadas pelos produtores e os efeitos de sentidos decorrentes dessas escolhas. No caso específico da mídia social Instagram, é igualmente problematizador a questão da autoria, que é substancial para o processo de compreensão. De acordo com os autores mencionados, a atenção para as imagens é uma das questões que mais se sobrepõem nessa discussão, uma vez que “elas atuam não apenas como um discurso que traz informação, mas como um produto estético, social, cultural criado para promover efeitos de sentidos em seus leitores” (p. 168).

Tomando o poder semiótico das imagens como referência para a discussão aqui empreendida, vale afirmar que a análise de produções multissemióticas exige do leitor habilidades que permitam refletir sobre as dimensões que compõem cada texto. A partir da Gramática do Design Visual (GDV), proposta por Kress e Van Leeuwen (2006), é possível reconhecer que a análise de uma produção imagética pode contemplar três dimensões: (a) metafunção representacional, que se refere ao conteúdo representado em uma imagem ou artefato visual e examina como os elementos visuais expressam ações, eventos e relações entre participantes – em termos gerais, o que está acontecendo na imagem e quem ou o que está envolvido; (b) metafunção interacional, que trata da relação entre o visual e o espectador, isto é, de como a imagem envolve quem a observa, analisando a interação provocada por olhares, proximidade, ângulos ou escolhas de foco, incluindo contato visual, distância entre objetos e espectador e perspectiva; e (c) metafunção composicional, que analisa a organização visual dos elementos dentro da imagem, isto é, como são dispostos e relacionados para criar um significado coerente, abarcando a posição dos elementos, a saliência e as molduras. Essas dimensões contribuem para uma leitura ampliada, pois permitem considerar como os participantes das produções imagéticas são representados, quais estratégias o produtor utiliza para construir interações com os leitores/espectadores e como os textos se organizam em sua materialidade.

Diante do exposto, passamos a abordar, ainda que brevemente, o processo de retextualização, para que possamos analisar as duas produções textuais selecionadas para estudo neste artigo.

Retextualização: uma breve caracterização

A retextualização é o processo de transformar um texto de um gênero ou formato para outro, mantendo o conteúdo essencial, mas ajustando sua forma e linguagem conforme o novo contexto ou meio. Esta não é uma prática limitada ao ambiente escolar. Ela acontece em diversas situações do nosso cotidiano, como ao anotar um recado recebido por telefone, contar uma notícia que lemos para um amigo ou transcrever uma receita vista nas mídias sociais. Essas são formas comuns de transformar um texto de uma modalidade para outra, adequando-o ao contexto e às necessidades de comunicação de cada situação, sem perder o conteúdo principal. Recorrentemente, a retextualização, além da modalidade distinta, faz com que a nova produção assuma função social distinta. Esse processo envolve adaptações para atender às características de cada modalidade. Na educação, a retextualização é usada para desenvolver habilidades de leitura e produção textual, permitindo que os alunos entendam como a linguagem pode ser adequada em diferentes gêneros textuais e situações enunciativas.

Considerando que as práticas contemporâneas de linguagem abarcam não apenas novos gêneros cada vez mais multissemióticos, mas também novos processos de produção, configuração, disseminação, replicação e interação, torna-se patente a necessidade de se investigar os processos de retextualização em contextos digitais. Se, em função do contexto social, Marcuschi (2010) apresentava possibilidades de retextualização (da fala para a escrita, da fala para a fala, da escrita para a fala e da escrita para a escrita), a partir da disseminação das mídias sociais, Ferreira (2018 *apud* Coe, 2019) destaca mais alguns suportes (do suporte falado para um suporte digital; do suporte impresso para um suporte digital; do suporte digital para um suporte escrito. do suporte digital para um suporte falado. Evidencia-se, a partir dessas questões, a necessidade de ampliação da teoria sobre retextualização, uma vez que as práticas sociais de linguagem demandam novas incursões metodológicas para o ensino de línguas.

Segundo Marcuschi (2001, p. 46), a retextualização não constitui “um processo mecânico”, pois “demanda conhecimento de gênero, suporte, tornando-se uma operação complexa que interfere tanto no código quanto no sentido”. Essa formulação enfatiza, portanto, a retextualização como uma atividade linguístico-discursiva complexa, que mobiliza saberes sobre formas de circulação textual e envolve transformações que afetam simultaneamente a materialidade linguística e a construção de sentidos. Em diálogo com essa perspectiva, Matêncio (2002, p. 3) amplia o escopo da discussão ao deslocar o foco para a produção de um novo gênero em outra situação de interação, entendendo a retextualização como a elaboração de um texto a partir de um ou mais gêneros-

base, “o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação”. Nessa direção, a autora explicita que a retextualização implica novos parâmetros de ação de linguagem, pois, ao produzir um novo texto, não apenas se redimensionam as escolhas linguísticas, mas também as projeções de imagem dos interlocutores, seus papéis sociais e comunicativos, os conhecimentos partilhados, as motivações e intenções, bem como as condições de produção e recepção, atribuindo-se, assim, novo propósito à produção linguageira.

De acordo com Garcia (2020), a retextualização permite refletir sobre a inclusão de elementos multimodais no processo de aprendizagem, não apenas como complementos visuais ou sonoros, mas como redes de significado que ampliam a compreensão do texto. Isso favorece o desenvolvimento dos letramentos digitais, integrando o aprendizado formal escolar ao aprendizado informal do cotidiano.

Os letramentos digitais são considerados não como domínio meramente técnico de ferramentas, mas como a capacidade de ler, produzir, avaliar criticamente e interagir com textos e práticas de linguagem em ambientes digitais, nos quais diferentes semioses (verbal, visual, sonora, hipertextual) se combinam na construção de sentidos (Dudeney; Hockly; Pegrum, 2016). Por conseguinte, o ensino deve considerar o uso da linguagem em diversos contextos, analisando a função social dos gêneros e suas escolhas, como público-alvo, suporte e propósito, ao transformar um gênero textual em outro.

Em face do exposto, é importante destacar que atividades de retextualização de maneira sistematizada podem propiciar aos alunos a oportunidade de entender melhor os mecanismos linguísticos, semióticos e discursivos presentes nos gêneros textuais que circulam na sociedade digital. Esse procedimento permite que eles explorem, de forma mais criativa e crítica, não somente os modos de organização e de funcionamento do texto-base, mas também os modos dos textos retextualizados, reconhecendo como os processos de organização textual se ajustam ao contexto e à audiência de cada gênero.

Considerando que o processo de retextualização é uma prática recorrente no Instagram, apresentamos, para fins de exemplificação, as produções de *A Bela e a Fera*, produzidas por Camila Pudim e por Rafaella Tuma, na qual as produtoras realizam processos de retextualização multimodal. Esse exemplo evidencia como os elementos linguísticos, semióticos e discursivos são cuidadosamente selecionados e articulados na transformação de um gênero textual em outro. Dessa forma, os exemplares analisados permitem visualizar concretamente como a retextualização se efetiva e quais implicações esse procedimento acarreta para o estudo dos gêneros textuais, evidenciando o papel da articulação entre diferentes modos semióticos na produção de sentidos.

Análise de uma retextualização de um texto escrito para a modalidade oral e multissemiótica

A retextualização de contos clássicos, como “A Bela e a Fera”, pode favorecer uma reflexão de como narrativas tradicionais, cuja configuração era predominantemente na modalidade escrita, podem ser transmutadas às novas mídias e aos contextos culturais. Com origens que remontam a 1550, quando Giovanni Straparola publicou a primeira versão histórica, até as reinterpretações de Gabrielle-Suzanne Barbot e Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, a história se transformou ao longo dos séculos. Essas versões também foram ressemiotizadas para áudios e vídeos, ao longo dos anos. No Instagram, a retextualização dessas produções possui propósitos enunciativos diversos, tais como críticas sociais, entretenimento e humor etc.

Sob essa ótica, o Instagram, com seu formato visual e interativo, possibilita que os contos sejam reimaginados por meio de vídeos curtos (chamados *reels*), memes e outros conteúdos multimídia. Essas reinterpretações podem, além de preservar o enredo geral das narrativas, atualizá-lo para se alinhar às expectativas dos usuários e do contexto contemporâneo.

Na produção de Camila Pudim, a produtora narra a história *A Bela e a Fera*, enquanto faz uma maquiagem em si, comportamento típico no Instagram, que se configura como uma produção discursiva intitulada *storytelling*. Ao compartilhar histórias pessoais, de outras pessoas ou histórias ficcionais, a produtora busca estabelecer uma conexão emocional mais profunda com seus seguidores. Além de adicionar um elemento de entretenimento, busca-se manter a atenção dos espectadores, criar uma ideia de intimidade e demonstrar técnicas de maquiagem utilizadas. Camila Pudim transformou a narrativa do conto “A Bela e a Fera” em uma narrativa em vídeo enquanto fazia uma maquiagem e se caracterizava da personagem Bela.

Figura 1. Trecho do vídeo de Camila Pudim se caracterizando de Bela



Fonte: Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Chs3LY4AyeS/>

Na figura 1, é possível perceber que a narradora usa o figurino representado em algumas versões da personagem Bela. Durante a narrativa, nota-se a mudança na entonação da voz, dos gestos, das expressões faciais, dos olhares e da postura, transformando um texto na modalidade oral em um texto multimodal. Diferentemente da versão impressa, Camila Pudim constrói uma narrativa orientada pela interlocução direta com o espectador, mobilizando recursos cenográficos e realizando ajustes significativos próprios da transposição de um texto escrito para um produto audiovisual, especialmente no que se refere à oralidade e à composição imagética. Observa-se, ainda, o emprego de expressões coloquiais e gírias recorrentes entre jovens, bem como marcas de interação tanto com o “público” quanto com a equipe de produção.

Diante do exposto, a partir da análise dos recursos linguísticos, semióticos e discursivos, tem-se, no processo de retextualização da produção de Camila Pudim:

- a) emprego da primeira pessoa do singular ao longo da narrativa: Ex: *“vou contar a minha história para vocês. Minha mãe faleceu quando eu era bem menina, então, basicamente fui criada pelo meu pai. A gente mora em uma cidadezinha bem pequenininha...”*. No texto-base, a narrativa é feita em 3ª pessoa.
- b) adequação a discursos e valores do contexto contemporâneo, por meio de escolhas lexicais e construções sintáticas próximas da oralidade e do uso cotidiano, atualizando a narrativa para formas de dizer e temas em circulação social: Ex: *“Pro meu desprazer Gaston foi meu visitar. Já tava no meu pé tinha um tempo. É feio, não! Mas sabe aqueles boys padrão, que se acha, não tenho paciência nenhuma. E outra: ele queria casar e ficar na cidade e quero mais que ter a vida no interior.”* Inserção de questões relacionadas ao papel social da mulher na sociedade.
- c) acréscimo de informações: Ex: *“Purpurina! Purpurina! Purpurina! Purpurina!”* Inserção para demonstrar a magia da história.
- d) marcas de oralidade e construções típicas de fala espontânea: Ex: *“achei ele preso, gente, tadinho, desesperado, falando corre daqui, corre daqui, quando eu olho pra trás...”*. Uso de um estilo de linguagem para adequar ao registro informal típica do cotidiano das narrativas de histórias pessoais.
- e) emprego de expressões idiomáticas, gírias e vocabulário informal: *“Pegou a carruagem e vazou.” Não sou louca, “ah, garoto, tá maluco”, “meu pai foi embora pistola”, “ferrou com tudo”, “pô, sacanagem”, “acabou com a minha raça”*. Uso de termos coloquiais para garantir a proximidade com o espectador e suscitar efeitos de humor.

- f) interlocução direta com os interlocutores: Ex: *“vou contar a minha história para vocês, meu pai é um gênio, amor!”* Buscar uma identificação com o espectador, manter a sua atenção.
- g) uso de diminutivos: *“jantarzinho, passeinho, presentinhos”*: Indiciar os gestos de carinho praticados pela Fera, mas que tinham intenções afetivas subjacentes.
- h) uso de pausas, entonações bem marcadas, gestos, expressões faciais, direcionamento do olhar: Ex: *prolongamentos de vogais, aumento de intensidade e ritmo, palmas, risos, movimento de contagem nos dedos, movimentos com braços, mãos e cabeça*. Essas escolhas contribuem para o processo de produção de sentidos e para mobilizar a atenção do interlocutor.
- i) participação de coadjuvantes: *lembrete do termo “presa”, esquecido pela narradora e palmas e gritos para de pessoas externas à cena para celebrar o amor*. A participação de pessoas externas ou de efeitos sonoros inseridos na edição do vídeo pode contribuir para uma análise do contexto de produção do vídeo da retextualização, que pode contar com a presença de um colaborador.
- j) representação da personagem: a narradora é uma mulher, que possui uma formação artística profissional, que segue uma tendência recorrente no Instagram, qual seja, a de se maquiar enquanto interage com o público de seguidores. Na narração, é possível perceber que ela busca romper com alguns estereótipos de gênero, quando questiona a postura de Gaston, questiona a Fera, resiste inicialmente à conquista e destaca o interesse por bibliotecas.
- k) interação com os interlocutores e uso de recursos semióticos: a interlocução é feita por meio de vários recursos, tais como: posicionamento imagético da narradora em posição central, com enquadramento e saliência; olhares, indicação com dedo e sorrisos direcionados para o interlocutor, entonação em timbre mais agudo para expressar estado emocional ou ênfase, uso de advérbios.

Já a versão criada por Rafaella Tuma, que possui atualmente um perfil com mais de cinco milhões de seguidores, foi inspirada na retextualização feita por Camila Pudim que conta com um perfil com mais de seis milhões de seguidores.

Figura 2. Animação feita por Rafaella Tuma



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C7Ukp_XRY28/?utm_source=ig_web_copy_link

Nesse segundo exemplo, apresentado pela figura 2, verifica-se logo na introdução do vídeo uma articulação com o leitor (usuário que assiste ao vídeo), em que a narradora faz uma articulação com o contexto chamando a atenção do ouvinte: “Vou contar minha história para vocês”. Todos os gestos, expressões faciais e postura irão se relacionar com a narração oral e a legenda. Também há o uso de metáforas visuais, como por exemplo, a cidade vista através de uma lupa, indicando ser bem pequena tal como narrado verbalmente.

Figura 3. Modos de apresentação do participante (Bela)



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C7Ukp_XRY28/?utm_source=ig_web_copy_link

A personagem principal, Bela, é apresentada com figurino de vestido azul e laço na cabeça, que se assemelha aos figurinos das princesas retratadas em animações infantis, como mostra a Figura 3. Na ilustração, observam-se elementos visuais que simbolizam as pessoas criticando Bela, personificadas por cobras, sugerindo um ambiente hostil em relação à protagonista.

As escolhas como a inclusão de cambalhotas e danças funcionam como estratégias de humor, que contrastam com o tom negativo das interações sociais. Além disso, a presença de uma conversa com uma galinha enfatiza a solidão da personagem, uma vez que ela não possui amigas, criando um diálogo visual que ressalta sua busca por conexão em meio à adversidade.

Figura 4. Modos de apresentação do participante (Fera)



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C7Ukp_XRY28/?utm_source=ig_web_copy_link

Na figura 4, a representação da Fera como um monstro é acentuada pelo seu tamanho proporcionalmente maior em relação à Bela, o que evoca uma sensação de ameaça. À medida que a Fera começa a interagir com Bela, sua imagem se transforma, sendo retratada como um cachorrinho na coleira, sugerindo uma mudança de comportamento e simbolizando a domesticação e uma relação amistosa.

Na sequência da transformação da Fera em príncipe, o uso de raios emanando de seu corpo visualmente dramatiza essa metamorfose, criando um efeito que enfatiza a transição de sua forma ameaçadora para uma figura idealizada e encantadora. Enfim tem-se o príncipe com seu figurino característico (vestimenta típica de personagens em narrativas clássicas) e um visual que foge dos padrões de beleza e se mostra cômico, como dentes fora da boca e olhos afastados.

Figura 5. Exemplos de metáforas visuais



Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C7Ukp_XRY28/?utm_source=ig_web_copy_link

Desenvolvendo ainda mais a questão, temos, na Figura 5 a representação de algumas metáforas visuais que são utilizadas durante toda a animação. Segundo Vergueiro (2004, p. 54):

[...] as metáforas visuais atuam no sentido de expressar ideias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal. Elas se constituem em signos ou convenções gráficas que têm relação direta ou indireta com expressões do senso comum, como, por exemplo, “ver estrelas”, “falar cobras e lagartos”, “dormir como um tronco” etc. As metáforas visuais possibilitam um rápido entendimento da ideia.

Por meio das metáforas visuais, é possível uma melhor construção dos significados, como por exemplo, a figura de Bela como uma âncora simbolizando sua possível prisão à cidade, sugerindo que um casamento com Gaston a limitaria a esse ambiente restritivo. Adicionalmente, a representação de Bela segurando o coração da Fera enfatiza a dicotomia entre a aparência monstruosa e os sentimentos profundos que existem por trás dela, desafiando a percepção inicial do espectador.

Outra metáfora apresentada é o anel que Gaston segura, que sugere não apenas um pedido de casamento, mas também a imposição de uma expectativa de compromisso que pode ser vista como um símbolo de possessão. Por último, as purpurinas que flutuam no ar representam a magia e a transformação, ilustrando a metamorfose da Fera em príncipe. Essas imagens visuais enriquecem a narrativa e criam um diálogo visual que permite ao leitor/usuário explorar temas de identidade, transformação e escolha.

A partir da exemplificação apresentada acima, trazemos para reflexão cinco questões basilares, que são consideradas relevantes quando abordamos o fenômeno da retextualização de gêneros de uma modalidade verbal (predominantemente escrito) para outro gênero que congrega múltiplas modalidades.

A primeira diferença refere-se à modalidade de linguagem. No texto-base, predominantemente verbal escrito (eventualmente acompanhado de ilustrações), observa-se a centralidade da escrita, organizada de modo mais estável e convencional: trata-se de uma narrativa alinhada ao modelo canônico do conto de fadas (com estrutura narrativa relativamente previsível, personagens tipificados e encadeamento linear dos acontecimentos) e, em geral, redigida em registro mais monitorado, conforme as expectativas da escrita escolar/editorial. Já nos dois textos retextualizados para o Instagram, os recursos semióticos são mobilizados de maneira integrada, combinando, por exemplo, oralidade, imagem, gestualidade, expressões faciais, escolhas de enquadramento, efeitos visuais e, muitas vezes, elementos sonoros.

É nesse ponto que a contribuição de Lemke (2010) nos ajuda a compreender que em textos multissemióticos, como as produções audiovisuais analisadas, os sentidos não são construídos por uma linguagem isoladamente, mas pela inter-relação entre diferentes modos semióticos. Assim, mais do que descrever separadamente cada semiose (verbal, visual, sonora, gestual), interessa compreender como sua articulação produz efeitos de sentido no conjunto do enunciado. Desse modo, a leitura e a interpretação dessas produções exigem uma abordagem que considere a integração entre modalidades (oral, escrita, visual-imagética, gestual, espacial etc.), aspecto particularmente recorrente nas práticas de linguagem do Instagram, em que predomina a circulação de textos em configuração multissemiótica.

A segunda delas refere-se à interação com o sujeito-leitor-espectador. As duas produções utilizam de recursos linguísticos e semióticos e realizam escolhas de um projeto de dizer que possuem o propósito de manter um vínculo com o interlocutor. Nos textos analisados, as estratégias linguísticas e semióticas se constituem como um convite para a interação. Entre essas estratégias merecem destaque os modos de representação dos participantes das cenas, o endereçamento direto ao interlocutor, a composição organizacional (posição dos personagens, olhares, sorrisos, cores, movimentos etc.). Uma produção do Instagram apresenta uma proposta de ser mais interativa.

De acordo com Silva (2021), é importante analisar a relação entre o leitor e o produtor da imagem, levando-se em consideração que entre quem produz e quem lê a imagem, cria-se um elo mediante o uso de recursos e estratégias, regulando-se o que está sendo dito, como está sendo dito e como deve ser interpretado determinado texto imagético. Para a autora, podemos considerar que “as escolhas dos modos de interação entre os personagens contribuem para o processo de indiciamento de sentidos, para a construção do projeto de dizer, para a orientação do percurso interpretativo e para a organização da narrativa”, o que demonstra que o processo interacional entre os participantes é relevante para que haja a efetiva compreensão do texto lido. Embora este artigo não tenha tido a pretensão de examinar de modo sistemático a relação entre produtor e leitor/espectador, torna-se pertinente considerar essa questão, pois as produções analisadas, especialmente em ambiente digital, são, de modo recorrente, orientadas à interação e dependem de marcas de endereçamento, aproximação e engajamento que influenciam diretamente a construção de sentidos e a interpretação da narrativa.

A terceira diferença relaciona-se à duração dos vídeos (cerca de 2min53s). No Instagram, observa-se uma tendência de consumo rápido, isto é, um modo de circulação e recepção marcado pela rolagem contínua do *feed*, pela concorrência simultânea entre múltiplos conteúdos e pela expectativa de que a mensagem “se imponha” nos primeiros segundos. Esse “movimento mais dinâmico” diz respeito, portanto, menos a uma qualidade intrínseca do texto e mais a um funcionamento sociotécnico da plataforma e a hábitos de audiência: há forte valorização de ritmos acelerados, cortes frequentes, ganchos iniciais



e estratégias de retenção, o que incentiva produções com tempo de fruição limitado e alta densidade de estímulos. Essa lógica contrasta com a narrativa impressa em livros, cuja materialidade e modo de circulação favorecem, em geral, uma experiência de leitura mais prolongada e cumulativa, com maior possibilidade de pausas, retomadas e reflexão ao longo do texto. Já no Instagram, muitos conteúdos assumem um caráter mais efêmero, seja pela temporalidade de certas ferramentas, seja pela rapidez com que novos *posts* substituem os anteriores na atenção do público, o que repercute diretamente na composição do texto, uma vez que se selecionam episódios, condensam-se eventos narrativos, intensificam-se marcas expressivas e recorre-se a recursos multimodais para acelerar a compreensão.

Nesse cenário, podemos nos reportar ao posicionamento de Jenkins (2009), que afirma ter sido constatado um crescimento de uma emergência de textos curtos e marcados unicamente pela instantaneidade. Essa afirmação pode ser lida de forma ambivalente. Por um lado, a instantaneidade pode sugerir superficialidade e favorecer leituras apressadas, o que problematiza a formação de práticas interpretativas mais lentas e analíticas. Por outro, não se trata necessariamente de um fenômeno negativo em si, pois a brevidade pode funcionar como estratégia legítima de linguagem, exigindo competências específicas de síntese, planejamento discursivo e articulação multimodal, além de favorecer a circulação e o acesso. Assim, mais do que opor curto a profundo, interessa compreender como a restrição temporal do Instagram reorienta escolhas narrativas e semióticas e quais efeitos isso produz na retextualização de um conto tradicional para o formato audiovisual.

A quarta questão associa-se ao estilo de linguagem. No Instagram, é recorrente a existência de textos com propósitos enunciativos voltados para o entretenimento, o que acaba por influenciar nos modos de dizer, trazendo uma proposta de registro informal. Nas produções analisadas, tanto na modalidade verbal (oral e escrita), quanto na modalidade visual (imagética, cores, movimentos, expressões faciais, gestos etc.), os enunciados são curtos e rápidos, imprimindo dinamicidade às produções e uma busca de engajamento por parte do interlocutor. Considerando que, na sociedade da informação, os usos da linguagem apresentam características orientadas para um estilo mais informal, observa-se um uso minimalista de pontuação, bem como o emprego frequente de siglas, abreviaturas e estruturas frasais que se afastam do padrão canônico. Verifica-se, ainda, uma “mistura” de formas de expressão que articula múltiplas semioses, como som, imagem e palavras, associada a um uso da escrita que tende à informalidade e a menor monitoramento estilístico. Esse conjunto de traços relaciona-se a características centrais dessa comunicação, como a interação fluida e rápida entre os usuários (Marcuschi, 2005).

Por fim, a quinta questão refere-se às estratégias utilizadas para provocar efeitos de humor. Nas duas produções, há um discurso hiperbólico, marcado de modo intensificado

no modo como se narra, isto é, pelo exagero de entonações, movimentos, modos de representação dos participantes, escolhas lexicais etc. essa intensificação aparece na oralidade performatizada, com entonações marcadas, pausas dramáticas, acelerações e interpelações ao espectador. Além disso, a encenação corporal, por meio de expressões faciais ampliadas, gestos e posturas que caricaturizam personagens e situações se configura como uma estratégia para desencadear o humor. Soma-se a essas estratégias a construção visual, seja dos participantes representados, seja dos modos de organização das produções (enquadramentos, efeitos e inserções de *gags* visuais que condensam sentidos). Nas produções analisadas, esses recursos promovem efeitos de sentidos como surpresa/incongruência (objetos, figurinos, maquiagem, expressão facial, gestos), sinalizam exageros (caretas, gestos amplificados e reações desproporcionais), produzem contraste (combinação de uma fala séria com cena absurda, por exemplo) e *timing* visual (corte, pausa ou entrada rápida quebram a expectativa e provocam efeito engraçado).

Castells (2002) faz uma reflexão relevante para a discussão aqui proposta. Para o autor, mais do que caracterizar uma “linguagem da Internet” em abstrato, interessa destacar que, no ambiente digital, palavras, sons e imagens passam a circular de forma integrada e, ao mesmo tempo, são facilmente moduláveis para se ajustarem a identidades, gostos e humores, o que favorece justamente a estilização cômica e a personalização do relato, elementos que estruturam os efeitos de humor nas produções analisadas.

Ao encerrarmos esta seção, consideramos válido ressaltar que as duas produções analisadas, vinculadas ao universo narrativo de *A Bela e a Fera*, mobilizam procedimentos de retextualização e atualização composicional para atender às condições específicas de produção, circulação e recepção do Instagram, uma plataforma que abriga gêneros diversos, mas que, no caso dos *reels* e vídeos curtos, tende a favorecer textos multimodais, de consumo rápido e orientados ao engajamento. Nesse sentido, mais do que adequar-se ao contexto da internet em geral, as transformações observadas relacionam-se a exigências típicas desse subambiente de circulação (*feed*, rolagem contínua, disputa pela atenção e forte endereçamento ao público). Além disso, convém distinguir os pontos de partida, enquanto uma das produções opera a transposição de um texto-base canônico para o formato audiovisual da plataforma, a outra já é concebida originalmente para o Instagram; ainda assim, ambas evidenciam escolhas de linguagem (multimodalidade e oralização), de extensão (condensação narrativa) e de estilo (coloquialidade, humor e marcas de interação) que contribuem para intensificar a interlocução com os espectadores.

Nessa direção, ao encerrar a análise, recorreremos a Coe (2019), para quem os processos de retextualização constituem uma demanda da escola e da sociedade digital, na medida em que distintas situações discursivas requerem a transmutação de textos. Tal prática pressupõe níveis diferenciados de compreensão do texto-base e do texto produzido ou lido, de modo a favorecer a explicação e a interpretação crítica dos atos de linguagem.

A atenção às relações entre os elementos constitutivos do texto e às referencialidades de sentido contribui para enfrentar a complexidade própria da organização de textos multissemióticos em circulação social.

Considerações finais

A proposta deste artigo foi investigar estratégias linguísticas, semióticas e discursivas multissemióticas empregadas em duas retextualizações de *A Bela e a Fera*, que circulam no Instagram, examinando como tais escolhas configuram a narrativa no formato audiovisual e orientam efeitos de sentido. Partimos do entendimento de que a retextualização não se reduz à transposição de um conteúdo para outro suporte, pois trata-se de um processo que implica reconfigurações composicionais, estilísticas e semióticas, orientadas pelas condições de produção, circulação e recepção do gênero em seu novo ambiente. Foi possível observar como as narrativas das retextualizações foram reorganizadas no formato audiovisual, por meio da articulação entre oralidade, recursos visuais, gestuais e efeitos de edição, bem como pela adoção de marcas de endereçamento ao público e estratégias de humor. A análise não incorporou, de modo sistemático, a comparação direta com o texto-base integral, uma vez que, por se tratar de um conto amplamente difundido no imaginário social, por meio de versões impressas, produções cinematográficas e produtos midiáticos, é possível acionar conhecimentos prévios compartilhados acerca de sua trama, personagens e cenas prototípicas (ex: a maldição, o convívio no castelo e a transformação final). Esse repertório coletivo funciona como um horizonte de reconhecimento que sustenta a compreensão das retextualizações analisadas, permitindo ao leitor identificar deslocamentos, condensações, atualizações temáticas e efeitos de humor mesmo quando o texto-base não é retomado integralmente no corpo do artigo.

No contexto contemporâneo, em que textos multissemióticos se tornam cada vez mais frequentes nas práticas de linguagem, compreender como esses textos se organizam e produzem sentidos, especialmente quando atravessados por processos de retextualização, constitui uma tarefa relevante para os estudos de linguagem. Nessa direção, pesquisas sobre o processo de retextualizações para além da modalidade verbal, como eram os estudos iniciais sobre essa temática, podem favorecer uma discussão sobre as escolhas de linguagem (verbal, visual, sonora e gestual) para a construção de projeto de dizer e sobre os modos de organização de produções que tomam como referência um texto-base e passam por um processo de adequação a novas configurações e à situação comunicativa. Discussões como essas podem também servir de referenciais pedagógicos para professores, de modo a propor atividades didáticas que permitam a exploração de produções textuais que mesclam múltiplas linguagens. Essas práticas contribuem para o fortalecimento dos letramentos digitais e incentivam um processo de aprendizagem em que o usuário atua tanto como receptor quanto como produtor dos textos. Em face do exposto, a retextualização, tanto no ambiente escolar quanto nas práticas cotidianas de linguagem, configura-se como um recurso relevante para o desenvolvimento de

competências linguísticas e discursivas. Ao produzir retextualizações ou interpretar textos retextualizados, o estudante é levado a reconhecer como os sentidos se reorganizam quando mudam o gênero, o suporte, o público e os objetivos comunicativos, ajustando escolhas de linguagem às demandas de cada situação. No âmbito educacional, esse processo pode favorecer uma aprendizagem mais significativa ao articular análise e produção textual e ao ampliar a compreensão sobre o funcionamento social dos textos, especialmente em um cenário no qual a multimodalidade – a integração de elementos verbais, visuais, sonoros e gestuais – se torna cada vez mais recorrente nas formas contemporâneas de comunicação.

Com base nessas reflexões, observa-se que a retextualização de contos clássicos como “A Bela e a Fera” exemplifica como narrativas tradicionais podem ser recriadas para novas mídias e públicos, como observado nas versões de Camila Pudim e Rafaella Tuma. Essas adaptações preservam o enredo original, mas trazem novas abordagens, o que permite articular produções clássicas e contemporâneas, bem como uma análise de como os diferentes recursos linguísticos e semióticos podem ser utilizados para o processo de produção de sentidos.

Em suma, o processo de retextualização, ao transformar narrativas tradicionais para mídias digitais, oferece uma forma dinâmica para promover espaços de análise sobre as configurações dos textos que circulam em diferentes contextos, favorecendo uma leitura crítica e proficiente. Portanto, utilizar mídias, como o Instagram, com suas possibilidades de abarcar as dimensões linguísticas, semióticas e discursivas dos textos, pode promover a formação de leitores ativos e responsivos, éticos e colaborativos.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 13 out. 2024.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASAGRANDE, T. de C.; ALMEIDA, P. V.; GOULART, I. do C. V. Interação e multimodalidade no Instagram: um estudo sobre a linguagem no ambiente digital. *Revista de estudos da linguagem*, [S.l.], v. 31, n. 4, p. 1988-2008, set. 2024. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/32781>. Acesso em: 19 out. 2024.

COE, G. dos S. C. *O uso da realidade aumentada e da retextualização*: ressignificação dos processos de recepção, circulação e produção de textos. 2019. 132 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2019.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. *Letramentos digitais*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FERREIRA, H. M. *Oralidade e ensino*. Notas de grupos de estudo. Textualiza, Lavras: UFLA, 2018.

GARCIA, R. Pesquisa-ação em sala de aula: um trabalho com a retextualização multimodal. *Revista de Letras*, [S. l.], v. 12, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/6148>. Acesso em: 18 out. 2024.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

LEMKE, J. Letramento Metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, p. 455-479, jul./dez. 2010.

LUZ, A. F. da.; CAIADO, R. V. R.; FONTE, R. F. L. da. O instagramer e seu discurso multissemiótico na rede social digital Instagram. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 06, n. 02, p. 139-158, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/1021/934>. Acesso em: 17 out. 2024.

MATENCIO, M. de L. M. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2º sem. 2002.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: MARCUSCHI, L. A.; SIGNORINI, I (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Editora Mercado das Letras, 2001.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita*: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. *Hipertexto e gêneros digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13-67.

OLIVEIRA, D. de. M. F. *et al.* A sala de aula instagramável: o Instagram como possível recurso pedagógico no ensino de produção textual para o ensino médio. *LínguaTec*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 52-68, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/LinguaTec/article/view/6643>. Acesso em: 20 out. 2024.

RAMOS, P. E. G. T.; MARTINS, A. de O. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. *Texto digital*, v. 14, n. 2, p. 117-133, 2018.

SILVA, A. I. R.; FERREIRA, H. M. *Videoanimação em sala de aula: dimensões teóricas e metodológicas*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

SILVA, A. J. S. da. *Uma análise da modalização em uma videoanimação: estratégias de construção de sentido*. 2021. 134 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021.

VERGUEIRO, W. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Â. *et al.* *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004.

VILLARTA-NEDER, M. A.; FERREIRA, H. M. Processos de textualização em textos não verbais: formando professores na perspectiva dos multiletramentos. *Calidoscópio*, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 592-614, 2018. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.173.10>. Acesso em: 18 out. 2024.

A construção do *ethos* e a Linguística Popular: relações (im)possíveis nas redes sociais?

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3840>

Tamires Bonani Conti¹

Paula Camila Mesti²

Resumo

Este artigo-ensaio analisa um caso exemplar de construção de *ethos* de um sujeito que se posiciona como linguista popular em ambiente digital, a partir de debates sobre o uso de pronomes neutros nas redes sociais, especialmente no Instagram. Com base nos pressupostos da Linguística Popular e da Análise do Discurso francesa, mobilizamos principalmente as contribuições de Marie-Anne Paveau e Dominique Maingueneau para discutir como não linguistas produzem saberes linguísticos e os articulam a posicionamentos político-ideológicos. A análise evidencia como, no caso examinado, o discurso sobre a língua funciona como dispositivo de legitimação simbólica e de inscrição identitária no debate público digital. Argumenta-se que a Linguística Popular constitui um campo privilegiado para compreender a dimensão política dos discursos linguísticos nas redes, ainda que os resultados aqui apresentados se restrinjam ao recorte analítico proposto.

Palavras-chave: Linguística Popular; *ethos*; pronomes neutros.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; tamy_bonani@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-5572-6007>

2 Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil; paulamesti@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-9778-5347>

The construction of *ethos* and Folk Linguistics: (im)possible relations on Social Media?

Abstract

This essay examines the construction of *ethos* by subjects who position themselves as folk linguists in digital environments, focusing on debates about gender-neutral pronouns on social media, particularly Instagram. Drawing on Folk Linguistics and French Discourse Analysis, the study relies mainly on the theoretical contributions of Marie-Anne Paveau and Dominique Maingueneau to discuss how non-linguists produce linguistic knowledge and articulate it with political and ideological stances. The analysis of a digital *corpus* shows that discourses about language operate as symbolic legitimization devices, enabling the construction of conservative or progressive *ethose*. We argue that Folk Linguistics provides a productive framework for understanding the political dimension of linguistic discourses in contemporary digital contexts.

Keywords: Folk Linguistics; *Ethos*; Gender-neutral pronouns.

Introdução

O reconhecimento de trabalhos de relevância para a Linguística tornou-se possível por meio da Linguística Popular, campo ainda pouco explorado no Brasil. Segundo a pesquisadora francesa Marie-Anne Paveau, existe “[...] um conjunto de práticas linguísticas designáveis como *folk*” que evidencia que “[...] um novo campo de investigação particularmente rico se abriu para os linguistas que se preocupam com quaisquer produções imaginárias e representacionais dos falantes” (Paveau, 2018, p. 23). Assim, neste trabalho, caracterizado como ensaio, dadas suas proposições iniciais, propomos articular a Linguística Popular com a Análise do Discurso, mais especificamente com os trabalhos do discursivista francês Dominique Maingueneau acerca da categoria de *ethos* (Maingueneau, 2020) e com estudos recentes de Marie-Anne Paveau sobre o digital (Paveau, 2020).

Em 28 de julho de 2023, a escritora e crítica cultural Heloisa Teixeira, então com 84 anos, tornou-se a décima mulher a tomar posse na Academia Brasileira de Letras (ABL). Em seu discurso de posse, a escritora utilizou pronomes neutros com o objetivo de contemplar a comunidade LGBTQ+ presente, o que gerou ampla repercussão na mídia e nas redes sociais. Questionado sobre o ocorrido, o presidente da ABL, Merval Pereira, afirmou em entrevista que “[...] não é o momento de expressões como ‘todes’ entrarem oficialmente na língua portuguesa”. Essa declaração teve grande circulação, sobretudo nas redes sociais, por meio de sujeitos que se posicionaram contrariamente ao uso de pronomes neutros. Nesse acontecimento, interessa-nos observar como tais sujeitos, de modo marcadamente ideológico, apropriaram-se de discussões sobre a linguagem em seus perfis no Instagram, associando-as a posicionamentos político-partidários.

Diante disso, este artigo-ensaio tem por objetivo analisar, em um estudo de caso, como se constrói o *ethos* de um sujeito que se posiciona como “linguista popular” no Instagram, a partir de um debate sobre o uso de pronomes neutros. Busca-se, assim, compreender de que modo discursos sobre a língua funcionam como dispositivos de legitimação simbólica e de inscrição ideológica no ambiente digital, sem pretensão de generalização empírica para o conjunto dos debates em circulação nas redes sociais.

À luz dos estudos de Paveau (2018), especialmente do texto *Não linguistas fazem linguística? Por uma abordagem antieliminativa das ideias populares*, consideramos a possibilidade de não linguistas produzirem saberes linguísticos. Esses sujeitos, provavelmente atuantes em diferentes esferas profissionais, não possuem formação acadêmica em Linguística, mas, ainda assim, produzem discursos sobre a língua. Ao elaborarem tais “saberes” e fomentarem discussões acerca dos pronomes neutros, entendemos que esses sujeitos reiteram, de forma não acidental, suas posições político-ideológicas por meio da construção do *ethos*, entendido como a imagem do enunciador produzida no e pelo discurso.

Embora a linguagem neutra já tenha sido amplamente estudada em diferentes domínios das ciências da linguagem, compreendemos que tais estudos ainda não a abordam a partir da perspectiva da Linguística Popular. Esse deslocamento teórico nos permite realizar uma espécie de “raio-X” do mecanismo de produção da comunicação política no ambiente digital, especialmente nas redes sociais, descrevendo e analisando como a produção de conteúdos de/como linguista popular contribui para a formação de *ethé* alinhados a determinados posicionamentos político-ideológicos. Com base nos postulados da Linguística Popular, propomos descrever e analisar o enquadramento de um sujeito que elegemos como *corpus*, compreendido como não linguista que discute questões de linguagem e que, à primeira vista, não se encaixa nas categorias propostas por Paveau (2018). Identificamos aí uma lacuna que, de forma ainda inicial, buscamos explorar. Ademais, propomos testar a categoria de *ethos* discursivo em ambiente digital, desafio ainda pouco enfrentado tanto no contexto brasileiro quanto internacional.

A construção do *ethos* no discurso

O conceito de *ethos* remonta à Antiguidade Clássica e ocupa lugar central na *Retórica* de Aristóteles (2005). Ao lado de *logos* e *pathos*, o *ethos* integra os pilares da persuasão e diz respeito à imagem de caráter que o orador constrói no discurso para convencer o auditório. Segundo Eggs (2014, p. 29), o *ethos* constitui “[...] a mais importante das três provas engendradas pelo discurso”. Posteriormente, diferentes correntes teóricas ressignificaram o conceito, com destaque para a Análise do Discurso francesa, especialmente a partir das contribuições de Dominique Maingueneau e Ruth Amossy.

Tradicionalmente, o *ethos* associa-se à credibilidade e ao caráter que o orador transmite implicitamente. Aristóteles (2005) já apontava que a eficácia do discurso dependia da capacidade do locutor de se mostrar prudente (*phronésis*), virtuoso (*areté*) e benevolente (*eunóia*) (Maingueneau, 2008a). Nessa perspectiva, o *ethos* não se limita ao que se diz explicitamente sobre o orador, mas se manifesta em elementos como entonação, escolha lexical e modos de dizer, que revelam traços de personalidade aos interlocutores (Ducrot, 1987).

No âmbito da Análise do Discurso, Maingueneau (2008a) amplia essa noção ao enfatizar que o *ethos* constitui uma construção discursiva que se efetiva na enunciação e depende da interpretação do destinatário. A imagem projetada pelo locutor permanece, portanto, sujeita a modulações e transformações conforme os contextos comunicativos.

Maingueneau (2008b) distingue o *ethos* discursivo do *ethos* pré-discursivo. O primeiro refere-se à imagem construída no ato enunciativo; o segundo diz respeito às representações prévias do locutor, que circulam socialmente antes mesmo de sua fala. Essa distinção mostra-se fundamental no discurso político, em que a mídia e os estereótipos sociais moldam antecipadamente a imagem dos sujeitos. Amossy (2014) destaca que o *ethos* não é estático, pois se reconstrói em função das necessidades discursivas e dos quadros socioculturais vigentes.

Como exemplo da complexidade do *ethos*, citamos as entrevistas políticas analisadas por Mesti e Baronas (2019), realizadas com a ex-presidenta Dilma Rousseff entre 2010 e 2016. Nessas interações, o *ethos* não se constrói apenas pelas declarações da entrevistada, mas também pelas perguntas dos jornalistas, que incorporam e contestam a imagem projetada. Os autores demonstram que o *ethos* político emerge como um fenômeno co-construído, em que o jornalista atua como agente ativo na produção da imagem do entrevistado.

O *ethos* e os desafios contemporâneos

Com a evolução das tecnologias de comunicação e a emergência das mídias sociais, o conceito de *ethos* passou a ser explorado sob novas perspectivas. No cenário contemporâneo, não basta que uma figura pública projete uma imagem coerente em aparições pontuais; torna-se necessário que essa imagem ressoe de forma contínua em diferentes plataformas, como redes sociais e veículos tradicionais de mídia. Esse contexto torna o processo de construção do *ethos* mais complexo e exige estratégias comunicacionais integradas (Amossy, 2014).

A relevância do *ethos* no campo político manifesta-se, sobretudo, na necessidade constante de reconstrução da imagem pública. Amossy (2014) exemplifica essa dinâmica

ao analisar o livro autobiográfico de Ségolène Royal, no qual a autora procura transformar um *ethos* negativo em positivo após uma derrota eleitoral, demonstrando a centralidade da reconfiguração discursiva para o reposicionamento político.

Segundo Maingueneau (2010), o *ethos* pode se manifestar de quatro formas: por meio do pseudônimo do locutor, pelo *ethos* dito (quando o orador fala explicitamente de si), pelo *ethos* mostrado (revelado indiretamente pelo discurso) e por imagens que reforçam ou contradizem essa construção. Em entrevistas, o *ethos* resulta de um processo de co-construção, no qual locutor e interlocutor colaboram, disputam e ajustam a imagem projetada.

Nos últimos anos, o conceito de *ethos* ampliou-se para dar conta de fenômenos contemporâneos, como a interação nas mídias sociais e os debates políticos digitais. Maingueneau (2014) propõe que analisemos o *ethos* a partir de três dimensões: categórica, experiencial e ideológica. A dimensão categórica refere-se aos papéis sociais assumidos pelos sujeitos em diferentes contextos; a experiencial envolve vivências pessoais que conferem autenticidade ao discurso; e a ideológica corresponde às posições políticas, culturais e éticas que orientam as escolhas discursivas.

Nas redes sociais, observamos que o *ethos* se reconfigura em tempo real, com a participação ativa dos seguidores na validação ou contestação da imagem pública. Essa dinâmica favorece a emergência de múltiplos *ethé* para um mesmo sujeito, dificultando o controle da imagem projetada e intensificando o caráter interativo da construção discursiva. Desta maneira, os desafios contemporâneos colocam em evidência a necessidade de contínuas reflexões sobre o *ethos*. A globalização, a fragmentação dos discursos e a circulação instantânea de informações ampliam as possibilidades de construção e contestação das imagens de si. Analisar o *ethos* sob essas novas condições exige um olhar atento às interações digitais, às práticas midiáticas e aos contextos socioculturais em constante transformação, reafirmando a relevância desse conceito para a compreensão das dinâmicas discursivas atuais.

Linguística Popular: a produção de saberes linguísticos pelos não linguistas

A Linguística Popular vem ganhando relevância no Brasil, ainda que se encontre em processo de consolidação. Caracterizamos esse campo pela investigação de saberes linguísticos produzidos por sujeitos sem formação acadêmica em Linguística, mas que, por meio de suas práticas discursivas, elaboram reflexões sobre a língua. Essa abordagem contrasta com a linguística científica tradicional, voltada à descrição sistemática dos fenômenos linguísticos (Paveau, 2018).

Segundo Paveau e Bayle (2020), as práticas da Linguística Popular podem ser categorizadas em quatro dimensões principais: descritivas, prescritivas, intervencionistas e militantes. Essas práticas emergem em diferentes contextos sociais e culturais, mobilizando discursos sobre a língua para além das instituições acadêmicas formais. Assim, a Linguística Popular inclui desde comentários cotidianos sobre a norma linguística até intervenções que carregam implicações ideológicas e políticas, como o uso e a rejeição de pronomes neutros.

Na perspectiva da Linguística Popular, qualquer pessoa pode produzir saberes linguísticos, independentemente de possuir formação formal na área. Dessa forma, o trabalho de Paveau (2018) sugere que os saberes linguísticos não são prerrogativas exclusivas dos linguistas profissionais. Em sua abordagem antieliminativa, a autora argumenta que qualquer sujeito pode construir conhecimento sobre a linguagem, ainda que de forma intuitiva ou amadora. Essa visão amplia o escopo da linguística, permitindo o estudo de discursos populares sobre a língua e destacando a importância de práticas linguísticas situadas no cotidiano.

Neste contexto, os discursos de não-linguistas ganham relevância em ambientes digitais, onde é possível observar a articulação de ideias e debates que transitam entre a norma linguística e as questões identitárias. O uso de pronomes neutros, como “todes”, por exemplo, tornou-se uma pauta central, mobilizando tanto defensores quanto opositores da inclusão linguística. A rejeição ou defesa desses pronomes não se limita ao plano linguístico, mas reflete posicionamentos políticos e culturais mais amplos, como objetivamos demonstrar neste ensaio.

A Linguística Popular também se manifesta na comunicação política, especialmente no ambiente digital, onde discursos sobre a língua se conectam com posicionamentos ideológicos. Os debates sobre linguagem neutra nas redes sociais são um exemplo com grande potencial de evidenciar como questões linguísticas são apropriadas por atores sociais para reforçar identidades políticas. Como demonstra Maingueneau (2020), o *ethos* do enunciador é moldado por essas interações, evidenciando que as discussões sobre a língua são um terreno fértil para a disputa simbólica.

Essas interações envolvem processos de co-construção do *ethos*. Nelas, a imagem do enunciador é continuamente negociada e ajustada em função das respostas do público. Maingueneau (2022) destaca que, no ambiente digital, o *ethos* não se limita ao discurso falado ou escrito, sendo também configurado por elementos visuais e performativos, como *hashtags* e memes. Assim, a construção do *ethos* envolve não apenas a palavra, mas uma série de recursos semióticos que atuam na formação da imagem pública do enunciador.

Um dos principais desafios da Linguística Popular é lidar com a natureza fragmentada e multifacetada dos discursos produzidos pelos não-linguistas. Ao mesmo tempo, essa diversidade representa uma oportunidade para expandir os horizontes da pesquisa linguística, permitindo a inclusão de novos objetos de estudo e perspectivas. Nesse sentido, a análise dessas práticas discursivas é fundamental para compreender como a linguagem é mobilizada em contextos sociais complexos, especialmente em tempos de polarização política.

O *ethos* do linguista popular nas redes

De acordo com Maingueneau (2008a), a linguagem nunca é neutra; ela está imbricada em uma rede de significados culturais e sociais, e os discursos populares sobre a língua são um reflexo das disputas que permeiam essa rede. Observemos, a seguir, a Figura 1.

Figura 1. Print “ecológico” de postagem no Instagram



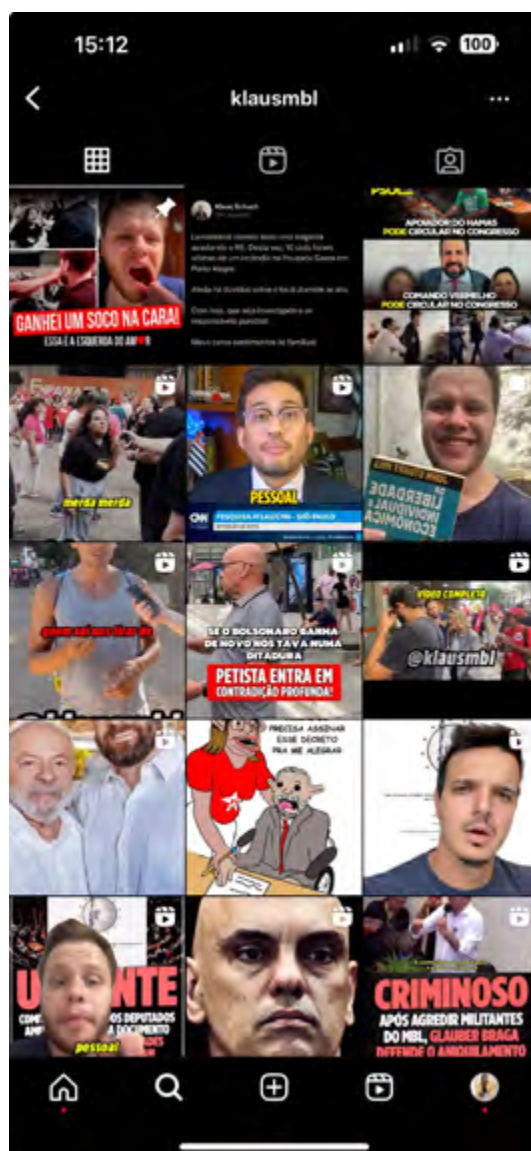
Fonte: Instagram

Nesta publicação, observamos uma imagem de montagem/colagem, publicada pelo Ig Klausmbl, em 3 de novembro de 2023. Na imagem, o enunciado “Curiosidade” se destaca, em caixa-alta, e, na sequência, “Academia Brasileira de Letras não vê razão para adoção oficial da linguagem neutra”. Ademais, vemos na imagem os enunciados aderentes (Maingueneau, 2020): “Klaus Schuch”, “@KLAUSMBL” e os símbolos do Instagram, Facebook e Tiktok. Acima, na imagem, temos o jogo de letras formando “Academia Brasileira de Letras” e “Todes”.

Ao considerarmos apenas a imagem, parece se tratar de uma divulgação de informação. No entanto, quando olhamos para a legenda da foto, “Não tem TODES pra ABL” e *emoticons* de risos, parte ecológica da postagem, percebemos a ressignificação da “notícia”, que resume a questão da linguagem neutra ao *todes*. No mesmo alinhamento, as *hashtags* nos incitam à mesma interpretação: #politicamenteincorreto, #humor, #direita: não se trata (apenas) de um comentário de divulgação de uma notícia, como sugere a imagem, momento no qual poderíamos pensar na inscrição desse sujeito como um linguista popular, na definição do não-linguista que fala sobre a língua, mas, sim, na apropriação desse lugar para, assim, construir seu *ethos* de “direita”, conforme *hashtag*. Ainda, por meio delas, percebemos que o *ethos* de linguista popular, incitado pela discussão do “#português”, no “#brasil”, inclusive estando entre as primeiras (*status* que garante diferenciada interpretação dos algoritmos, localizando-se em uma posição privilegiada).

Quando observamos o perfil do autor da postagem, percebemos que não se trata, ali, de um linguista, ou, ao menos, de um perfil reservado a discutir questões de/sobre língua. Seus conteúdos são variados, significativamente com temas relacionados à política, conforme podemos ver na Figura 2.

Figura 2. Print “ecológico” de perfil no Instagram



Fonte: Instagram

Essa observação impulsionou uma de nossas inquietações: seria possível descrever a relação entre o sujeito que discute questões de língua portuguesa, num papel que denominamos de linguista popular, e os discursos relacionados à (extrema) direita e, mais amplamente, a discursos de ódio, fabricação de inimigos e, conseqüentemente, aos ataques às instituições democráticas no Brasil (tornando-se a base para se fazer tal análise no mundo)?

O *todes*, em “Não tem todes na ABL”, mencionado na legenda da postagem, vai além de uma não concordância de questões de linguagem, a neutra, mas aciona determinada linha de discurso de ódio, a de preconceito contra minorias, que não devem se ver representadas na ABL. Assim, evidencia-se que valores não democráticos são colocados em pauta via comentários de/sobre a língua/linguagem.

De acordo com Marie-Anne Paveau (2017), os discursos produzidos no ambiente digital da *web 2.0* devem ser interpretados como *tecnodiscursos*. O termo “tecno-” não funciona apenas como um prefixo que modifica o significado de forma superficial; ele representa uma escolha teórica que transforma a maneira como a linguagem é tradicionalmente estudada. Essa perspectiva destaca que os discursos digitais não são puramente linguísticos, pois elementos técnicos participam ativamente na configuração das formas tecnolinguísticas. Além disso, a autora sugere substituir a visão antropocêntrica e logocêntrica por uma abordagem ecológica e integrativa na qual tanto agentes humanos quanto não humanos desempenham papéis importantes na produção de significados.

No sentido como colocamos aqui, a construção do *ethos* é central na Linguística Popular, especialmente quando sujeitos não-linguistas utilizam plataformas digitais para elaborar discursos sobre a língua e se posicionar em debates de natureza linguística, cultural e política. Conforme a teoria de Dominique Maingueneau (2008a, 2020), o *ethos* é uma imagem discursiva de si, construída e interpretada durante o ato de enunciação. No contexto da Linguística Popular, essa imagem envolve um esforço contínuo de legitimação dos discursos, que visa consolidar a credibilidade e a autoridade do enunciador diante do público.

Assim, embora não possuam formação na área da linguística, os sujeitos que se posicionam como “linguistas populares” produzem um *ethos* fundamentado na interação entre discursos pessoais, ideológicos e performativos. Esses discursos frequentemente combinam referências intuitivas à gramática com posicionamentos políticos, evidenciando a forma como esses sujeitos procuram se apresentar como vozes *legítimas* em discussões sobre a norma e a mudança linguística. Dessa forma, de acordo com Paveau (2018), a Linguística Popular não deve ser subestimada, pois representa um campo de saberes relevantes que expressam perspectivas sociais e culturais amplas, ainda que distantes dos parâmetros da linguística acadêmica.

Para este artigo, de caráter ensaístico, trouxemos apenas um gesto interpretativo de uma única conta do Instagram, mas a experiência e a observação a inúmeros perfis nos mostra uma regularidade que nos faz acreditar que é possível considerar que a construção do *ethos* dos linguistas populares envolve um esforço constante para consolidar uma imagem de autoridade e legitimidade. No ambiente digital, essa construção se manifesta não apenas pelo conteúdo dos discursos, mas também pela forma como eles são apresentados, incluindo o uso estratégico de *hashtags*, memes e referências culturais.

Ao debater temas polêmicos como o uso de pronomes neutros, por exemplo, podemos observar na rede que muitos desses enunciadores buscam reafirmar sua credibilidade ao recorrer a normas gramaticais tradicionais ou apelando ao “senso comum”, um discurso que ressoa com certos públicos e reforça uma identidade ideológica específica.

Além disso, os sujeitos recorrem frequentemente a estratégias de *performance* que incluem a ironia e o humor, elementos que contribuem para a construção de um *ethos* de proximidade com o público, ao mesmo tempo em que tentam se distinguir das elites intelectuais. Assim, o *ethos* dos linguistas populares é híbrido: ele combina uma postura de autoridade com a tentativa de parecer acessível e conectado às preocupações cotidianas do público.

A construção do *ethos* de linguistas populares não é apenas uma questão de apresentar uma imagem dita positiva, mas também de alinhar essa imagem a determinados valores e ideologias. No contexto brasileiro, discursos sobre a linguagem frequentemente se sobrepõem a discussões ideológicas, especialmente no que se refere a questões de identidade de gênero e inclusão linguística. Assim, o *ethos* do linguista popular muitas vezes assume um caráter militante – apesar de não o ser –, em que a defesa ou a rejeição de práticas linguísticas específicas se torna uma forma de expressar posicionamentos políticos.

A análise de discursos favoráveis à linguagem neutra exigiria a constituição de outro *corpus*, o que ultrapassa os limites deste artigo. Ainda assim, o contraste com esse tipo de posicionamento permite levantar a hipótese de que diferentes formas de engajamento no debate tendem a produzir diferentes configurações de *ethos*, hipótese que deverá ser testada em investigações futuras com *corpora* mais amplos. O *ethos* é, portanto, constantemente negociado e ajustado em função das reações do público e das demandas ideológicas do momento.

Essa dimensão ideológica do *ethos* é fundamental no ambiente digital, onde a circulação rápida de discursos permite que diferentes versões da mesma imagem pública sejam constantemente contestadas e reconfiguradas. Como Maingueneau (2020) sugere, no ambiente digital o *ethos* não é apenas uma construção individual, mas também um fenômeno coletivo e interativo, no qual os interlocutores participam ativamente da legitimação ou da deslegitimação da imagem projetada pelo enunciador.

Dessa forma, no ambiente digital, o *ethos* dos linguistas populares não é construído de forma isolada, mas em interação constante com outros sujeitos e com as plataformas tecnológicas que mediam essas interações. Como pontuamos, Paveau (2017) descreve esse tipo de discurso como um *tecnodiscurso*, no qual elementos técnicos e discursivos se entrelaçam para moldar a forma e o impacto das mensagens. Assim, o *ethos* dos linguistas populares é também um *ethos* coletivo, construído em diálogo com outros

atores sociais e com as ferramentas digitais que ampliam a circulação e a visibilidade dos discursos.

Esses *tecnodiscursos* permitem que diferentes grupos reforcem ou contestem as imagens projetadas pelos linguistas populares. *Hashtags*, por exemplo, funcionam como marcadores identitários e ideológicos, que não apenas organizam os discursos, mas também orientam a interpretação do público. Assim, ao utilizar *hashtags* como *#portuguêsaiz* ou *#politicamenteincorreto*, os enunciadores constroem um *ethos* que se alinha a determinadas visões de mundo e que busca legitimar sua voz no debate público. Além disso, as plataformas digitais favorecem a criação de comunidades discursivas nas quais certos discursos e *ethé* ganham legitimidade e se tornam dominantes. Como apontado por Maingueneau (2020), a construção do *ethos* nesses contextos é dinâmica e depende da interação contínua entre diferentes atores, que disputam a construção simbólica de significados e valores no espaço público digital.

Considerações finais

A construção do *ethos* na Linguística Popular evidencia como a linguagem é um campo de disputa, onde diferentes atores competem para estabelecer legitimidade e autoridade. No ambiente digital, essa disputa se intensifica, pois as plataformas tecnológicas ampliam a visibilidade e a circulação dos discursos, ao mesmo tempo em que favorecem a formação de comunidades discursivas alinhadas ideologicamente. A análise do *ethos* dos linguistas populares revela não apenas as estratégias de construção de credibilidade e identidade, mas também as dinâmicas de poder que permeiam o uso da linguagem na sociedade contemporânea. Como demonstram Maingueneau (2020) e Paveau (2018), o estudo dessas práticas é essencial para compreender a forma como a linguagem é mobilizada para reforçar ou contestar valores sociais e culturais, contribuindo para uma visão mais abrangente e crítica dos discursos que circulam no espaço público.

As análises desenvolvidas neste artigo-ensaio permitiram examinar, a partir de um estudo de caso, como a discussão sobre a linguagem neutra pode funcionar como operador de construção do *ethos* em práticas discursivas situadas no ambiente digital. Longe de pretender representar a totalidade dos debates sobre o tema nas redes sociais, o recorte aqui adotado buscou funcionar como um observatório teórico para refletir sobre a articulação entre Linguística Popular, tecnodiscurso e inscrição ideológica.

No caso analisado, observa-se que o discurso sobre a língua é mobilizado como recurso de legitimação simbólica e de afirmação identitária, produzindo um *ethos* alinhado a determinadas posições ideológicas. Esse funcionamento confirma a produtividade da noção de *ethos* para a análise de práticas discursivas digitais e reforça a pertinência da Linguística Popular como campo de investigação das formas contemporâneas de produção de saberes sobre a língua. Ademais, esse cenário revela a interação entre a

Linguística Popular e a ideologia, na medida em que discursos sobre a linguagem são utilizados para reafirmar ou contestar posições políticas e culturais.

Os resultados apresentados devem ser compreendidos, portanto, como indicativos e exploratórios. Eles não autorizam generalizações sobre o conjunto dos sujeitos envolvidos no debate sobre linguagem neutra, mas apontam pistas analíticas para pesquisas futuras, baseadas em *corpora* mais amplos e diversificados, capazes de mapear regularidades, contrastes e variações na construção do *ethos* em discursos sobre a língua nas redes sociais.

Esses fenômenos evidenciam que a Linguística Popular gera grandes frutos ao ser analisada em diálogo com a Análise do Discurso. A construção de um *ethos* político por meio da discussão sobre a língua demonstra como práticas discursivas cotidianas são mobilizadas para legitimar posições ideológicas, mostrando que a linguagem é, em si, um campo de disputa simbólica e política (Maingueneau, 2020).

Por fim, as reflexões apresentadas ao longo deste texto indicam que o estudo do *ethos* continua relevante e desafiador, especialmente diante das transformações nas formas de comunicação e nas expectativas sociais. A compreensão dessa noção é fundamental tanto para estudiosos quanto para profissionais que atuam em contextos em que a construção da imagem é estratégica, como na política e na comunicação.

Referências

AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução Manuel Alexandre Júnior *et al.* Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

EGGS, E. O *ethos* na retórica clássica. In: AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 29-45.

MAINGUENEAU, D. *O discurso digital*. São Paulo: Parábola, 2022.

MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, D. *Variações sobre o ethos*. São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, D. *O discurso político*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008a.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2008b.

MESTI, P. C.; BARONAS, R. L. A (re)construção do ethos discursivo: reflexões sobre as imagens de si em sujeitos em interação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1-13, 2019. DOI: 10.20396/cel.v61i0.8655025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8655025>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PAVEAU, M-A. *Análise do discurso digital*. Campinas: Pontes, 2020.

PAVEAU, M-A. *Linguística folk*: uma introdução. Campinas: Pontes, 2018.

PAVEAU, M-A. Os tecnodiscursos da web 2.0. In: PAVEAU, M-A. *Linguagem e moral*. Campinas: Pontes, 2017.

PAVEAU, M-A.; BAYLE, N. *Linguística popular e práticas discursivas*. Campinas: Pontes, 2020.

Aspectos sintático-semânticos e pragmáticos de títulos de notícias com os pares correlativos comparativos [MAIS...QUE] e [MENOS...QUE]: uma perspectiva cognitivo-funcional

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3903>

Cayo Felype de Sousa Danieli¹

Marcelo Módolo²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos em títulos de notícias de jornais e revistas do Brasil, veiculados na internet, que utilizam os pares correlativos comparativos [MAIS...QUE] e [MENOS...QUE]. A hipótese é de que as correlatas comparativas têm presença significativa na tipologia expositiva. O *corpus* foi composto por quarenta títulos, escolhidos aleatoriamente no *Google*. A análise, quali-quantitativa, fundamenta-se na Linguística Cognitivo-Funcional, apoiando-se na Gramática Funcional de Dik (1997) e nos estudos de Neves (1997) e Castilho (2010). Os resultados revelam que o gênero “título de notícia” se organiza para exercer sua função social (informar e comunicar). As propriedades predominantes encontradas foram: (i) estrutura biargumental; (ii) ordem SVC; (iii) sujeito “*processed*”; (iv) complemento paciente; (v) adjuntos referência (Ref) e locativo (Loc); e (vi) sujeito na posição tópica.

Palavras-chave: Linguística Cognitivo-Funcional; Títulos de Notícias; Correlatas Comparativas.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; cayofelype@usp.br; <https://orcid.org/0009-0007-8874-1960>

2 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; modolo@usp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5808-9368>

Syntactic-semantic and pragmatic aspects of news headlines with the Comparative Correlative constructions [MAIS...QUE] and [MENOS...QUE]: a cognitive-functional perspective

Abstract

This article aims to analyze the syntactic, semantic, and pragmatic aspects of news headlines from Brazilian newspapers and magazines published online, which contain comparative correlative pairs [MAIS...QUE] and [MENOS...QUE]. The hypothesis is that comparative correlatives have a significant presence in expository text types. The corpus consists of forty headlines, randomly selected from Google. The qualitative and quantitative analysis is based on Cognitive-Functional Linguistics, supported by Dik's Functional Grammar (1997) and the studies of Neves (1997) and Castilho (2010). The results reveal that the genre "news headlines" is structured to fulfill its social function (to inform and communicate). The predominant properties found were: (i) bi-argumental structure; (ii) SVC order; (iii) "processed" subject; (iv) patient complement; (v) reference (Ref) and locative (Loc) adjuncts; and (vi) subject in topic position.

Keywords: Cognitive-Functional Linguistics; News Headlines; Comparative Correlates.

Introdução

A correlação é um fenômeno linguístico caracterizado pela relação entre segmentos, em que a presença de um termo no primeiro implica necessariamente um termo correspondente no segundo, estabelecendo uma interdependência estrutural e semântica. No exemplo (1), essa interdependência é evidente:

1. Mulheres vivem **mais do que** homens (G1 Globo, 05/05/2024).

a omissão de qualquer termo inviabiliza a gramaticalidade da construção (Mulheres vivem do que homens) ou altera o sentido esperado (Mulheres vivem mais que homens), indicando que a interação entre os termos correlatos é indispensável para uma estrutura sintaticamente e semanticamente bem formada.

Apesar de central para a descrição do português, a correlação ainda é menos estudada que a coordenação e a subordinação, o que reforça a relevância de investigações que abordem esse fenômeno em contextos variados. Assim, este trabalho analisa aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos em títulos de notícias digitais no Brasil que empregam os pares correlativos comparativos [MAIS...QUE] e [MENOS...QUE]. Parte-se da hipótese de que essas construções, tradicionalmente associadas a textos argumentativos (Módolo, 2004), apresentam também presença significativa em textos expositivos. Essa possibilidade será explorada ao longo da análise.

Especificamente, a pesquisa buscou examinar: (i) a valência dos predicados (monoargumental, biargumental e triargumental); (ii) a ordem dos constituintes; (iii) a tipologia de estado de coisas (EsCo); (iv) as funções semânticas do sujeito e do complemento; (v) a função dos adjuntos; e (vi) a posição do tópico nos títulos analisados, a fim de compreender como esses elementos estruturam a informação e constroem o sentido do gênero “título de notícia”. O estudo adota a perspectiva da Linguística Cognitivo-Funcional, com base na Gramática Funcional de Dik (1997) e em trabalhos de Neves (1997) e Castilho (2010).

O artigo encontra-se estruturado em quatro seções. Na primeira, são apresentados, de forma sucinta, os pressupostos teóricos sobre a correlação no português brasileiro e a perspectiva da Linguística Cognitivo-Funcional. A segunda seção aborda os diferentes níveis de análise linguística (sintático, semântico e pragmático). Em seguida, a terceira seção apresenta a metodologia adotada, incluindo a descrição do *corpus*. A quarta seção concentra-se na análise e discussão dos dados provenientes dos títulos de notícias. Por fim, apresentam-se as considerações finais, que sintetizam os resultados obtidos.

Pressupostos teóricos

Correlação no português brasileiro (PB)

Os estudos sobre correlação no PB ainda são relativamente escassos quando comparados aos trabalhos descritivos sobre coordenação e subordinação. Contudo, nas últimas décadas observa-se um movimento de consolidação do tema. O trabalho pioneiro *Teoria da Correlação* de Oiticica (1952) abriu espaço para pesquisas subseqüentes, como as de Módolo (2004), Rodrigues (2007), Castilho (2010) e Rosário (2012), que se tornaram referências importantes para os avanços recentes nesse campo.

A correlação pode ser classificada em quatro tipos: aditiva, alternativa, consecutiva e comparativa (Castilho, 2010). Ela pode ser entendida como um fenômeno intermediário entre coordenação e subordinação, em um *continuum*, incorporando características de ambas as relações. Esse caráter híbrido se evidencia na interdependência estrutural e semântica das construções, cuja organização sintática se ancora na presença de conectivos em cada segmento (prótase e apódose)³ da estrutura.

3 Conforme Fernandes *et al.* (1989), *prótase* é a primeira parte de um período gramatical, do grego *prótasis*, enquanto *apódose* é a segunda parte do período que completa e explica o sentido da *prótase*, do grego *apódasis*.

Linguística Cognitivo-Funcional (LCF)

A Linguística Cognitivo-Funcional (LCF) integra a perspectiva cognitiva e a funcional para analisar a linguagem, considerando processos cognitivos, construção de significados e uso da língua em contextos comunicativos e sociais. Inserida no âmbito das ciências cognitivas, a LCF rejeita concepções tradicionais que tratam a sintaxe como autônoma, as categorias linguísticas como arbitrárias ou homogêneas e a linguagem como gerada por regras lógicas independentes do conhecimento do mundo (Silva, 1997). Nesse sentido, afasta-se da descrição formal de um mundo estático e privilegia a análise funcional de um mundo em constante movimento.

Nessa perspectiva, a linguagem é concebida como instrumento para a construção de significados em contextos sociais, articulando processos cognitivos, como categorização, metáfora e metonímia; e funcionais, que moldam a forma da língua segundo necessidades e funções comunicativas. Com base nesse enquadramento teórico, a análise linguística pode ser organizada em níveis sintático, semântico e pragmático, que serão abordados a seguir.

Níveis de análise linguística

Análise sintática

A função sintática especifica a perspectiva ou o ponto de vista pelo qual um estado de coisas é apresentado na expressão linguística (Dik, 1997). Foram considerados para a análise sintática as seguintes classificações e esquemas propostos por Dik (1997) e Neves (1997):

Quadro 1. Classificações e esquemas utilizados na análise com base em Dik (1997) e Neves (1997)

Estrutura argumental ou frame do predicado	1. Predicados e argumentos necessários para que se organize uma estrutura subjacente.
Valência sintática	1. Número de argumentos exigidos pelo predicado.
Estrutura subjacente	1. Configuração abstrata dos elementos da oração, organizada em camadas formais e semânticas que permitem múltiplas interações.
Predicação	1. Representa um estado de coisas, isto é, algo que pode ocorrer em um mundo real ou imaginário.
Classificação dos argumentos	1. São apresentados na estrutura argumental conforme sua nomeação em cada elemento: 1º, 2º e 3º argumentos.
Classificação sintática	1. Sujeito (S). 2. Verbo (V). 3. Complemento (C). 4. Adjunto (Adjun) – Satélite.

Fonte: Elaboração própria

Com a análise sintática delineada, passa-se agora à análise semântica, voltada ao estudo do significado e das relações entre os argumentos.

Análise semântica

A função semântica determina o papel que os referentes dos termos⁴ desempenham no estado de coisas descrito pela predicação em que eles ocorrem (Dik, 1997). Para a análise, foram considerados os seguintes critérios: tipologia de estado de coisas (EsCo) e as funções semânticas do 1º, 2º e 3º argumentos.

Castilho (2010, p. 215), com base em Dik (1997a), esclarece que, ao predicar, o verbo transfere seus traços semânticos inerentes aos seus argumentos. A predicação retrata um estado de coisas, representando uma ideia de algo real ou imaginário que pode ocorrer em algum mundo. Dessa forma, o estado de coisas é uma entidade conceitual, enquanto uma entidade real pode ser expressa linguisticamente de diferentes maneiras, dependendo da perspectiva adotada pelo falante. Como ocorre possivelmente em um determinado mundo, “um estado de coisa está sujeito a certas operações, ou seja, pode estar localizado no espaço e no tempo, ter uma certa duração, ser visto, ouvido ou percebido de algum modo” (Neves, 1997, p. 84).

Na estrutura da cláusula, distinguem-se duas posições de termos: posições argumentais e posições satélites. Os termos que ocupam essas posições são conhecidos como argumentos e satélites. Argumentos são necessários para que um predicado forme uma predicação nuclear completa, sendo essenciais para a integridade do estado de coisas designado. Se omitidos, a propriedade ou relação expressa pelo predicado não será realizada ou satisfeita. Por outro lado, os satélites não são exigidos pelo predicado e fornecem informações adicionais e opcionais sobre características complementares do estado de coisas (Dik, 1997).

Para classificar o EsCo, foram considerados os seguintes aspectos combinatórios:

Dinamicidade: quando o acontecimento descrito pelo verbo (EsCo) expressa mudança, o traço semântico é classificado como dinâmico **[+dinâmico]**, representando um evento. Em (2) é apresentado um exemplo extraído de Dik (1997, p. 107):

2. The substance reddened.
“A substância **se avermelhou**.”

4 Usados para se referir a entidades em algum mundo. Por “mundo” não significa o “mundo real”, mas um mundo mental, uma representação ou modelo mental em que essas entidades podem ser conceptualizadas no espaço (Dik, 1997).

Quando o acontecimento descrito pelo verbo (EsCo) não envolve movimento, o traço semântico é classificado como não dinâmico **[-dinâmico]**, representando uma situação. Em (3) apresentamos um exemplo extraído de Dik (1997, p. 107):

3. The substance was red.
"A substância **era vermelha**."

Controle: quando o primeiro argumento tem a capacidade de determinar se o estado de coisas ocorrerá, o traço semântico é classificado como **[+controlado]**. Nesta perspectiva, a entidade que representa o primeiro argumento é considerada controladora do estado de coisas. Em (4) apresentamos um exemplo extraído de Dik (1997, p. 112):

3. John opened the door.
"**João abriu** a porta."

Por outro lado, classifica-se **[-controlado]** um estado de coisas em que os participantes não exercem controle sobre o acontecimento. Em (5) há um exemplo extraído de Dik (1997, p. 112):

4. The tree fell down.
"A **árvore caiu**."

A combinação dos traços semânticos [dinamicidade] e [controle] permite a elaboração de uma tipologia de estado de coisas (EsCo), composta pelas categorias: Situação de Posição, Situação de Estado, Evento de Ação e Evento de Processo (Dik, 1997):

Figura 1. Tipologia de EsCo proposta por Dik (1997)



Fonte: Dik (1997, p. 112)

Com base na tipologia de estado de coisas, Dik (1997) apresenta as funções semânticas que os argumentos e satélites podem desempenhar ao se combinarem com predicados. O primeiro argumento de uma estrutura de predicado, seja ele o único argumento de um predicado com uma única posição argumental, seja o argumento mais central de um predicado com múltiplas posições argumentais, pode desempenhar uma das seguintes funções semânticas:

- **Agente:** a entidade controlando uma ação:

6. **John** was reading a book. (Dik, 1997, p. 114)
“**João** estava lendo um livro.”

- **Posicionador:** a entidade controlando uma posição:

7. **John** kept his money in an old sock. (Dik, 1997, p. 114)
“**João** mantinha seu dinheiro numa meia velha.”

- **Força:** a entidade não-controladora que desencadeia um processo:

8. **The earthquake** moved the rock. (Dik, 1997, p. 118)
“**O terremoto** moveu a rocha.”

- “**Processed**”: a entidade que sofre um processo:

9. **The rock** moved. (Dik, 1997, p. 118)
“**A rocha** se moveu.”

- **Zero:** a entidade envolvida em um estado:

10. **The cup** was on the table. (Dik, 1997, p. 118)
“**A xícara** estava sobre a mesa.”

As funções semânticas que podem ser exercidas pelos segundos e terceiros argumentos variam de acordo com o predicado e o tipo de estado de coisas, complementando ou especificando a ação ou situação expressa pelo primeiro argumento. Entre essas funções destacam-se:

- **Paciente:** a entidade afetada pela operação de algum controlador (Agente ou Posicionador) ou não controlador (Força):

11. The heat suffocated **John** (Dik, 1997, p. 121)
“O calor sufocou **João**.”

- **Recipiente:** a entidade para cuja posse algo é transferido:

12. John apologized to **Peter**. (Dik, 1997, p. 121)
“João se desculpou com **Pedro**.”

- **Locativo:** o lugar em que algo é localizado:

13. John landed on **Mars**. (Dik, 1997, p. 121)

“João aterrissou em **Marte**.”

- **Direção:** a entidade em direção à qual algo se move ou é movido:

14. John drove to **London**. (Dik, 1997, p. 121)

“João dirigiu até **Londres**.”

- **Origem:** a entidade, ou ponto de origem, a partir da qual algo se move ou é movido:

15. John jumped from **the table**. (Dik, 1997, p. 121)

“João saiu **da mesa** com um salto.”

- **Referência:** o segundo ou terceiro termo de uma relação com referência ao qual a relação se dá:

16. The boy resembles **his father**. (Dik, 1997, p. 121)

“O garoto se parece com **seu pai**.”

Além de Agente ou Paciente, os argumentos podem atuar como Experienciador, representando a entidade que percebe, sente ou vivencia o estado ou evento descrito pelo predicado, como em (11) e (12). Essa função ocorre em predicados de percepção ou experiência subjetiva, como “ver”, “sentir” ou “perceber”.

As designações de primeiro, segundo e terceiro argumento não correspondem à ordem em que aparecem na sentença. Considerando a função semântica, Dik (1997) propõe que os Agentes são mais centrais do que os Pacientes, e estes, por sua vez, mais centrais do que os Recipientes. Com base nessa hierarquia, o primeiro argumento corresponde ao Agente, o segundo ao Paciente e o terceiro ao Recipiente (Pereira; Sarkissian, 2021). No Quadro 2, apresenta-se a relação entre argumentos e suas funções semânticas segundo Dik (1997):

Quadro 2. Funções semânticas do 1º, 2º e 3º argumentos

	[1]	[2a]	[2b]
Papéis temáticos	Agente (Ag)	Paciente (Experienciador)	Recipiente (Experienciador)
	Posicionador		Locativo (Loc)
	Força		Direção
	Processed [Experienciador]		Origem (So)
	Zero [Experienciador]		Referência (Ref)

Fonte: Dik (1997, p. 120)

Em todas as estruturas de predicado, o primeiro argumento assume uma das funções listadas em [1]. Quando o predicado possui dois argumentos, o segundo assume uma das funções indicadas em [2a] e [2b]; se houver três argumentos, o segundo será o Paciente e o terceiro desempenhará uma das funções apresentadas em (2b). Dik (1997) propõe uma hierarquia de funções semânticas para sujeito e objeto, ilustrada na Figura 2:

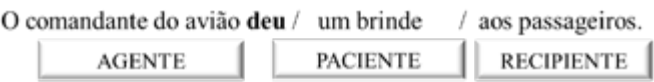
Figura 2. Hierarquia de funções semânticas

	Agente	>	Paciente	>	Recipiente	>	Beneficiário	>	Instrumento	>	Locativo	>	Tempo
Sujeito	+		>		+		>		+		>		+
Objeto	-		>		+		>		+		>		+

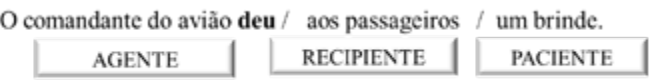
Fonte: Dik (1997, p. 266)

Compreendidas a hierarquia e as funções semânticas dos argumentos, ainda é possível analisar a orientação básica do predicado, que apresenta um padrão icônico⁵ de organização. Observemos os exemplos (17) e (18) apresentados por Ferrari (2011):

17. O comandante do avião **deu** um brinde aos passageiros.



18. O comandante do avião **deu** aos passageiros um brinde.



No exemplo (17), a ordem dos argumentos Agente → Paciente → Recipiente segue o movimento natural do “brinde”, refletindo a sequência típica de ação: quem realiza → o que é afetado → quem recebe. Já no exemplo (18), a inversão do paciente e do recipiente indica que a atribuição da função sintática de objeto pode alterar essa perspectiva, conferindo maior proeminência a outro participante “aos passageiros”, sem comprometer a coerência da predicação.

Raramente dois argumentos diferentes são marcados com o mesmo caso, por exemplo, segundo e terceiro argumentos marcados como Acusativo. Essa distinção também contribui para diferenciar os papéis semânticos dos participantes da oração (Pereira; Sarkissian, 2021).

5 Segundo o princípio da iconicidade, toda construção é motivada e não arbitrária (Givón, 2009), manifestando-se no paralelo icônico entre quantidade de informação (subprincípio da quantidade), integração de conceitos encadeados (subprincípio da integração) e tempo de processamento segundo a complexidade gradual da informação (subprincípio da complexidade cognitiva) (Haspelmath, 2008).

Compreendida a função semântica, passa-se à análise pragmática, que trata do uso e efeito das estruturas no discurso.

Análise pragmática

O nível pragmático especifica o *status* informacional dos participantes em relação ao contexto comunicativo em que ocorrem (Dik, 1997). Para a análise, foram considerados dois critérios: topicalidade e valência pragmática.

A topicalidade refere-se às entidades sobre as quais se predica alguma coisa em um dado contexto e que tenham alguma informação exibida no discurso (Dik, 1997; Pereira, 2007). Já a valência pragmática diz respeito à quantidade de argumentos presentes na oração, que pode coincidir ou não com o número de argumentos exigidos pelo verbo em sua estrutura argumental. Essa valência é determinada pela situação comunicativa, dependendo das necessidades e intenções dos falantes, ocorrendo no nível do ato comunicativo, ou seja, no plano ilocucionário (Neves, 1997). No exemplo (19), Ferrari (2011) ilustra esses conceitos, seguido de um esquema da estrutura argumental do predicado “dar” na Figura 3.

19. O comandante do avião **deu** um brinde aos passageiros

Figura 3. Estrutura argumental do predicado “dar”



Fonte: Elaboração própria

Na Figura 3, o centro lógico-semântico da oração é o verbo “dar”, que atua como predicado e seleciona os argumentos. Os sintagmas nominais “O comandante do avião”, “um brinde” e “aos passageiros” correspondem aos argumentos exigidos pela estrutura argumental do verbo. Dessa forma, a valência pragmática no exemplo é três.

Compreendidos os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos dos argumentos, o estudo avança para a metodologia, detalhando o *corpus*, os critérios de seleção dos títulos de notícias e a análise dos dados.

Metodologia

O *corpus* da pesquisa é composto por quarenta títulos de notícias coletados de jornais e revistas brasileiras disponíveis no meio digital. A seleção foi feita de forma aleatória, por meio de buscas na plataforma *Google*, na seção de notícias, utilizando os pares

correlativos [MAIS...QUE] e [MENOS...QUE], incluindo suas variações. Foram selecionados dez títulos para cada uma das seguintes estruturas: (i) [X mais que Y]; (ii) [X mais do que Y]; (iii) [X menos que Y]; e (iv) [X menos do que Y].

Todos os títulos foram catalogados com indicação da fonte jornalística, assegurando a devida referência aos veículos de publicação. Os títulos foram levantados em 29 veículos, sendo os mais frequentes *UOL* (4), *Infomoney* (3), *Valor Investe* (3), *Terra* (3), *G1 Globo* (2) e *Forbes* (2). Dos demais veículos, registrou-se apenas uma ocorrência em cada um, a saber: *Agora MT*, *Brazil Journal*, *Campo Grande News*, *CNN*, *Conectados News*, *Correio Braziliense*, *Diário do Centro do Mundo*, *Diário do Nordeste*, *E-commerce Brasil*, *Exame*, *Folha de S. Paulo*, *Fogão Net*, *H2FOZ*, *Marie Claire*, *Metrópoles*, *Neo Feed*, *O Antagonista*, *O Globo*, *O Tempo*, *Poder360*, *Safras & Mercados*, *Senge-PR*, e *Space Money*.

O estudo adota uma abordagem quali-quantitativa. Na dimensão quantitativa, contabilizou-se a frequência das construções (número de ocorrências e percentuais) das categorias sintáticas, semânticas e pragmáticas. Na dimensão qualitativa, os dados foram interpretados à luz da Linguística Cognitivo-Funcional, o que permite a descrição dos padrões observados, bem como sua função na organização informacional dos títulos. As variáveis codificadas foram: (i) valência (monoargumental, biargumental e triargumental); (ii) ordem dos constituintes (SVC, ordem canônica Sujeito-Verbo-Complemento); (iii) tipologia de EsCo; (iv) função semântica do sujeito e do complemento; (v) função dos adjuntos; e (vi) posição do tópico.

Na seção seguinte apresenta-se a análise detalhada dos dados, considerando os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos identificados nos títulos.

Análise e discussão dos dados

A análise começa pela **estrutura argumental**, considerando a **valência pragmática**. Entre os 40 títulos analisados, a maioria (26 ocorrências, 65%) apresenta predicados (verbos) biargumentais, ou seja, exigem dois argumentos para formar a estrutura lógico-semântica da oração, como ilustrado no exemplo (20):

20. “Lula gasta **menos do que** Bolsonaro com campanhas” (*O Antagonista*, 04/04/2024).

Oração	Lula	gasta	menos do que	Bolsonaro	com campanhas.
Valência Pragmática	Arg. 1	Predicado	(Correlação)	Arg. 2	(Satélite)

Esse resultado reflete a função social dos títulos de notícias que precisam, no mínimo, indicar “quem realiza” a ação e “para quem” ou “para que” ela é direcionada. Além

disso, foram encontradas 9 ocorrências (22,5%) de construções monoargumentais e 5 ocorrências (12,5%) de construções triargumentais.

No que se refere à **ordem dos elementos gramaticais**, predominam construções S V C, ordem básica do português brasileiro, identificadas em 20 títulos (50%), como exemplificado em (21):

21. “Entenda por que ovos marrons custam **mais do que** ovos brancos” (CNN, 07/05/2024).

Oração	Entenda por que ovos marrons	custam	mais do que	ovos brancos.
Nível Sintático	S	V	(Correlação)	C

A predominância da ordem S V C nos títulos analisados indica que a estrutura sintática dos enunciados expositivos tende a priorizar clareza e imediata identificação do sujeito, reforçando a função informativa do gênero. Nesse contexto, torna-se relevante observar como se configuram as construções correlativas comparativas, uma vez que também participam da organização informacional. Segundo Castilho (2010), essas construções podem ocorrer em três tipos:

- (i) na primeira sentença, há intensificação relativa de um processo (verbo), de uma qualidade (adjetivo), de uma circunstância (advérbio) ou quantificação relativa de um elemento (substantivo). A segunda sentença apresenta apenas o segundo termo da comparação, da mesma natureza do primeiro;
- (ii) na primeira sentença, um termo é destacado por uma marca formal como primeiro membro de um cotejo, enquanto a segunda sentença também apresenta um membro destacado, sempre da mesma natureza do primeiro. Tais construções são de igualdade; e
- (iii) na segunda sentença, o segundo termo correlacionado é posto à altura do primeiro expresso na primeira sentença, ocorrendo ambos em pé de igualdade.

Nos dados analisados, apenas construções do tipo (i) foram identificadas, como em (21), em que **mais** atua como quantificador do verbo “custar”, indicando o valor dos ovos marrons. Em 5 títulos (12,5%) foi identificado um adjunto em posição final (S V C Adjun), como em (22):

22. “Entenda porque o real se **desvaloriza mais do que** o peso argentino em 2024” (Infomoney, 22/06/2024).

Oração	Entenda porque o real se	desvaloriza	mais do que	o peso argentino	em 2024.
Nível Sintático	S	V	(Correlação)	C	Adjun

Quando os adjuntos aparecem na posição inicial, a ordem dos demais elementos é mantida, resultando em estruturas Adjun S V C, encontradas em 15 ocorrências (37,5%), como exemplificado em (23):

23. “Na reserva: 27 mil militares **recebem menos que** 1 salário mínimo” (Diário do Centro do Mundo, 16/06/2024).

Oração	Na reserva	27 mil militares	recebem	menos que	1 salário-mínimo
Nível Sintático	Adjun	S	V	(Correlação)	C

Também foram encontradas estruturas menos frequentes, como Adjun S V C Adjun (1 ocorrência, 2,5%) e Adjun S V C C (1 ocorrência, 2,5%), apresentadas em (24) e (25), respectivamente. Esses padrões mostram como a posição dos adjuntos pode realçar informações adicionais ou enfatizar determinados elementos sem alterar a ordem básica dos argumentos centrais da oração.

24. “Um ano após retomada, Mais Médicos **mais que dobra** número de profissionais em Mato Grosso do Sul” (Uol, 23/03/2024).

Oração	Um ano após retomada	Mais Médicos	mais que	dobra	número de profissionais	em Mato Grosso do Sul.
Nível Sintático	Adjun.	S	(Correlação)	V	C	Adjun.

25. “Na Copel, mulheres **ganham** historicamente 30% a **menos do que** os homens” (Senge-PR, 04/06/2024).

Oração	Na Copel	mulheres	ganham	30% a	menos do que	os homens.
Nível Sintático	Adjun	S	V	C	(Correlação)	C

Constatou-se diversidade nos arranjos estruturais dos títulos de notícias que apresentam correlação, o que indica que o gênero não se limita a uma única ordem gramatical, embora a maioria siga a sequência canônica do português brasileiro. A distribuição confirma a regularidade do gênero em manter o sujeito em posição inicial, ao mesmo tempo em que demonstra o uso frequente de adjuntos iniciais como recurso para contextualizar a informação principal.

Quanto à **tipologia de estado de coisas (EsCo)**, 24 dos 40 títulos (60%) apresentaram o traço “Processo”. Esse resultado reflete o caráter comparativo das construções correlativas estudadas, que frequentemente se associam a predicados que descrevem acontecimentos cotidianos. O exemplo (26) ilustra um título de notícia que apresenta esse traço semântico:

26. “América **fechará** o ano com 21 partidas a **menos do que** em 2023” (O Tempo, 20/03/2024).

Oração	América	fechará	o ano	com 21 partidas a	menos do que	em 2023.
Nível Semântico	processed	processo	paciente	ref. (referência)	(Correlação)	Loc.

No que diz respeito às **funções semânticas atribuídas ao sujeito**, identificou-se predominância da função “*processed* [Experienciador]”, com 25 ocorrências (62,5%), como ilustra o exemplo (27):

27. “**Índice de ações small caps** sofre **mais que** Ibovespa em 2024” (Infomoney, 25/06/2024).

Oração	Índice de ações small caps	sofre	mais que	Ibovespa	em 2024.
Nível Semântico	processed	processo	(Correlação)	paciente	loc. (Locativo)

Esse padrão corrobora a classificação de Dik (1997) como “*Processed* [Experienciador]”. Nessa função, a entidade sofre e, simultaneamente, vivencia o processo. Isso indica que títulos de notícias com pares correlativos de superioridade e inferioridade tendem a privilegiar predicados relacionados à experiência ou percepção, reforçando o caráter informativo do gênero. A ausência de funções como “posicionador” ou “força” nos dados reforça a centralidade do experienciador, em consonância com o objetivo comunicativo desses títulos de transmitir comparações de forma imediata ao leitor.

No que se refere às **funções semânticas do complemento (objeto)**, a função “Paciente [Experienciador]” foi a mais recorrente, registrada em 22 títulos (55%), como em (28):

28. “E-commerce cresce **mais que o varejo físico** durante o Dia dos namorados” (E-commerce, 25/06/2024).

Oração	E-commerce	cresce	mais que	o varejo físico	durante o Dia dos Namorados.
Nível Semântico	processed	processo	(Correlação)	paciente	ref. (Referência)

De forma análoga ao observado no sujeito, esse traço semântico relaciona-se ao fenômeno da correlação, uma vez que o complemento frequentemente representa o comparante no

processo de comparação, isto é, a entidade envolvida no evento noticiado. Conforme Neves (1999, p. 894), a base da comparação se estabelece sobre “dois membros que têm algo em comum”. Nessa perspectiva, configura-se uma expansão construcional em que o primeiro elemento do par se articula ao segundo, enquanto o intensificador associado ao comparativo funciona como marcador de foco, salientando a experiência ou participação do comparante no evento.

Quanto às **funções semânticas atribuídas aos adjuntos (satélites)**, predominou a função “referência (Ref)”, observada em 19 títulos (47,5%), como em (29):

29. “Lula gastou 61% a **menos que Bolsonaro** em campanha contra a dengue” (Poder 360, 04/04/2024).

Oração	Lula	gastou	menos que	Bolsonaro	em campanha contra a dengue.
Nível Semântico	Ag. (Agente)	ação	(Correlação)	ref. (Referência)	loc. (Locativo)

Segundo Dik (1997), a função “referência (Ref)” de um elemento semântico está relacionada à identificação de entidades envolvidas no processo, permitindo ao leitor situar os participantes no evento descrito. Nesse sentido, os adjuntos “Ref” nos títulos analisados contribuem para localizar e especificar os elementos envolvidos na ação, oferecendo suporte para a compreensão imediata do evento. Além disso, foram registradas 7 ocorrências (17,5%) da função “locativo (Loc)”, em que o adjunto especifica o local do evento, complementando a predicação sem alterar sua estrutura lógica, como exemplificado em (30):

30. “Gêmeo empelicado nasce com um quilo e 5 cm a **menos que** irmão **em SC**” (G1 Globo, 18/06/2024).

Oração	Gêmeo empelicado	nasce	com um quilo e 5 cm a	menos que	irmão	em SC.
Nível Semântico	processed	processo		(Correlação)	ref. (Referência)	loc. (Locativo)

De acordo com Castilho (2010), predicados locativos estabelecem uma relação não dinâmica de localização espacial, indicando a posição ou estado fixo de uma entidade, sem envolver movimento, como em “X está em Y”. Nesse sentido, os adjuntos locativos e de referência nos títulos reforçam a função informativa do gênero, situando o evento e contextualizando os elementos envolvidos. Assim, os dados corroboram que os adjuntos desempenham papel estratégico na compreensão do fato noticiado, destacando o caráter sintético e informativo dos títulos de notícias, que articulam espaço, tempo e justificativa em função do interesse comunicativo do veículo.

No que se refere à **topicalidade**, todos os 40 títulos (100%) apresentaram o tópico na posição de sujeito, como exemplificado em (31):

31. “Um ano após retomada, Mais Médicos **mais que** dobra número de profissionais em Mato Grosso do Sul” (Uol, 23/03/2024).

Oração	Um ano após retomada	Mais Médicos	mais que	dobra	número de profissionais	em Mato Grosso do Sul.
Nível Pragmático	-	tópico	-	-	-	-

Esse padrão reflete a intenção dos jornais de destacar o iniciador do acontecimento, permitindo ao leitor identificar rapidamente a entidade central da notícia. Segundo Dik (1997), Novos Tópicos combinam relevância e foco: introduzem novas entidades no discurso e destacam essa introdução. Assim, as ocorrências podem ser vistas como um “armazenamento de tópicos”, inicialmente vazio e preenchido progressivamente à medida que novas informações são adicionadas.

Na ocorrência (32), “Botafogo” atua como tópico, sobre o qual se apresenta a informação nova, “o resgate das boas campanhas do time”. O par correlativo comparativo “mais do que” introduz a comparação, enfatizando que o resgate supera campanhas anteriores, destacando a intensidade do evento.

31. “Botafogo resgata **mais do que** boas campanhas” (Fogão Net, 19/06/2024).

Oração	Botafogo	resgata	mais do que	boas campanhas.
Nível Pragmático	tópico	-	-	-

O par **mais...que** cumpre duas funções simultâneas, marca a comparação e evidencia o tópico, que aparece na posição inicial, característica recorrente nos títulos. A informação nova (o comparante) surge em seguida, reforçando o foco da mensagem.

Não foram encontradas ocorrências em que o tópico aparecesse em posições posteriores, como complemento ou adjunto, o que reforça a preferência pelo início da oração como posição de destaque. Essa configuração não é casual, mas sim uma estratégia discursiva que permite apresentar imediatamente a entidade central do enunciado, orientando a interpretação do leitor. Dessa forma, a ordem dos elementos reflete uma escolha motivada pela função social do gênero título de notícia: garantir clareza, atratividade e eficiência informativa.

De modo geral, os dados indicam que os títulos de notícias com construções correlativas combinam regularidade estrutural e flexibilidade discursiva. A predominância da ordem canônica S V C, associada a predados biargumentais e à função semântica “*processed* [Experienciador]” do sujeito, reforça o caráter informativo do gênero. A variação na posição dos adjuntos, a presença de tópicos iniciais e o uso estratégico de marcadores comparativos indicam como os títulos de notícias exploram recursos construcionais para destacar informações e orientar a leitura. Em síntese, os resultados corroboram que os elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos atuam de forma integrada, estruturando o enunciado de modo a propiciar a identificação imediata da comparação e de seus comparantes.

Considerações finais

Com base na análise de um *corpus* de quarenta títulos de notícias veiculadas na internet, este estudo investigou os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos de construções com os pares correlativos [MAIS...QUE] e [MENOS...QUE], sob uma perspectiva cognitivo-funcional. Foram examinadas dez ocorrências para cada uma das quatro estruturas: [X mais que Y]; [X mais do que Y]; [X menos que Y]; e [X menos do que Y].

Os resultados confirmam que as correlatas comparativas desempenham um papel relevante na tipologia expositiva, atuando como instrumentos eficazes para expressar relações de comparação e organizar a informação de forma estratégica nos títulos de notícias. Além de cumprir sua função informativa, os títulos analisados apontam mecanismos que orientam a leitura e destacam a entidade ou evento central, alinhando-se às exigências comunicativas do gênero.

Entre os aspectos mais recorrentes nos títulos de notícias analisados, destacam-se: (i) a estrutura biargumental, que pressupõe dois argumentos; (ii) a ordem canônica SVC (Sujeito-Verbo-Complemento); (iii) sujeito “*processed*”; (iv) complemento Paciente; (v) adjuntos Referência (Ref) e Locativo (Loc), que indicam, respectivamente, finalidade/motivo e o local da ação; e (vi) sujeito na posição tópica. Esses padrões revelam como os títulos de notícias articulam forma e função de modo estratégico, permitindo a transmissão imediata de informações complexas. Ao integrar elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos, as construções correlativas mobilizam processos cognitivos de comparação, nos quais o leitor avalia e relaciona mentalmente os elementos comparados, o que facilita a compreensão e a retenção do conteúdo.

Embora não esgote todas as possibilidades de descrição do fenômeno, este estudo contribui para a compreensão das construções correlativas no português brasileiro e reforça a relevância de abordagens integradas. Além disso, indica a necessidade de investigações futuras que ampliem o *corpus* e aprofundem o exame da correlação em títulos de notícias sob a ótica cognitivo-funcional.

Referências

- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part 1: The Structure of the Clause. Editado por Kees Hengeveld. Berlim; Nova York: Mouton de Gruyter, 1997a.
- DIK, S. *The theory of functional grammar*. Part 2: Complex and derived construction. Editado por Kees Hengeveld. Berlim; Nova York: Mouton de Gruyter, 1997b.
- FERNANDES, F. et al. *Dicionário brasileiro*. 12. ed. São Paulo: Globo, 1989.
- FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GIVÓN, T. *The genesis of syntactic complexity*. Amsterdã; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.
- HASPELMATH, M. Frequency vs. iconicity in explaining grammatical asymmetries. *Cognitive Linguistics*, v. 19, n. 1, p. 1-33, 2008.
- MÓDOLO, M. *Gramaticalização das conjunções correlativas no português*. 2004. 154 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- NEVES, M. H. M (org.). *Gramática do português falado*. São Paulo; Campinas: Humanitas; Editora da Unicamp, 1999b.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- OITICICA, J. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- PEREIRA, D. C. *Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: uma abordagem funcionalista e cognitivista*. 2007. 350 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- PEREIRA, D. C.; SARKISSIAN, S. A. Análise funcionalista do caso Ablativo na língua armênia ocidental. *Estudos Linguísticos (São Paulo, 1978)*, v. 50, n. 2, p. 786-808, jul. 2021.



RODRIGUES, V. V. Correlação. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (org.). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

ROSÁRIO, I. C. *Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional*. 2012. 239 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SILVA, A. S. A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 1, n. 1-2, p. 59-101, 1997.

Relações entre autor(a), tradutor(a) e revisor(a) na prosa literária contemporânea

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3866>

Leila Cristina de Melo Darin¹

Resumo

Este artigo visa cotejar a representação do autor(a), do revisor(a) e do tradutor(a) em dois romances contemporâneos: *História do cerco de Lisboa* (1986), de José Saramago, e *Essa gente* (2019), de Chico Buarque de Holanda. A representação desses perfis na diegese literária ganhou especial ênfase nos anos 1990 com a chamada “virada ficcional” que abriu espaço para o estudo da ficcionalização de figuras que retratam escritores, leitores, tradutores, editores, revisores e intérpretes na literatura e em outras artes. O pressuposto subjacente é o de que o universo da ficção é um espaço privilegiado para a observação de como são caracterizados/as personagens cuja vida profissional está ligada à escrita e à reescrita de textos, e como sua interação se dá no mundo para eles/as criado.

Palavras-chave: virada ficcional; tradução; revisão; José Saramago; Chico Buarque.

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, São Paulo, Brasil; ldarin@uol.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-3831-4342>

Relationships between author, translator and proofreader in contemporary literary prose

Abstract

This article aims to compare the representation of the author, the proofreader and the translator in two contemporary novels: *História do cerco de Lisboa* (1986, *The History of the Siege of Lisbon*), by José Saramago, and *Essa gente* (2019), by Chico Buarque de Holanda. The representation of these profiles in the literary diegesis gained special emphasis in the 1990s with the so-called “fictional turn”, which paved the way for the study of the fictionalization of figures/characters who portray writers, readers, translators, editors, proofreaders, and interpreters in literature and other arts. The underlying assumption is that the universe of fiction is a privileged position to observe how characters whose professional lives are linked to writing and rewriting texts are characterized, and how their interaction takes place in a world created for them.

Keywords: fictional turn; translation; proofreading; José Saramago; Chico Buarque.

Introdução

A literatura tem se constituído um terreno extremamente fértil para a representação de comportamentos, afetos, crenças e posicionamentos, seja de indivíduos ou de grupos sociais, graças à capacidade de escritores e poetas de criarem, a partir do vivido e do imaginado, personagens e tramas que, ao mesmo tempo, retratam e refratam o mundo que conhecemos como real. Por meio de alusões diretas ou bastante sutis, o ser humano é recriado em figuras das mais variadas, em uma laboriosa e consistente tradução que tanto denuncia limites como explora potenciais. Cada texto literário é um universo à espera de leitores que mergulhem em sua trama e desvendem-recriem sentidos que o texto anuncia e tangencia. Nesse cenário, os personagens surpreendem, cativam, intrigam, com suas personalidades cheias de nuances e peculiaridades, capazes de realizar o improvável, de confirmar ou desafiar expectativas e estereótipos.

É com base nessa percepção que, na década de 1990, dentro da área dos Estudos da Tradução, emergiu o que se denominou *Ficcional Turn*, ou “virada ficcional” (Beebe, 1994), que propôs a análise de obras literárias a partir da perspectiva da ficcionalização de figuras que “encarnam” escritores, leitores, tradutores, editores, revisores e intérpretes, tanto na literatura quanto em outras artes. Como defende Thomas Beebe (1994 *apud* Dong-Mei Ma, 2018, tradução própria²), “[...] se a ficção se distingue de outras formas de discurso

2 No original: “[...] if fiction is distinguished from other forms of discourse in its propensity to ‘play’ with the given ideologemes of its cultural context [...] the espaço best place to trace the ideology of translation is through its fictional embodiment”.

por sua propensão ao 'jogo' com determinados ideogramas de seu contexto cultural", então "o melhor lugar para rastrear a ideologia da tradução é através da personificação ficcional". Observar como esses perfis profissionais, derivados da experiência de estar no mundo, se articulam na narrativa literária pode ser revelador e produtivo para a reflexão sobre questões sociais, políticas, éticas e sobre questões de poder.

A partir dessa premissa, o presente artigo procura explorar dois universos ficcionais a fim de cotejar as diferentes caracterizações de personagens cuja vida profissional está ligada à escrita e à reescrita de textos. As obras em questão são *História do cerco de Lisboa* (1986), de José Saramago, e *Essa gente* (2019), de Chico Buarque de Holanda.

A análise do romance de Saramago aqui apresentada se baseia em grande parte no capítulo escrito por Rosemary Arrojo (2018) intitulado "Authorship as the affirmation of masculinity – José Saramago's *The History of the Siege of Lisbon* and Isaac Babel's 'Guy de Maupassant' ("Autoria como afirmação da masculinidade – *A História do Cerco de Lisboa* de José Saramago e 'Guy de Maupassant', de Isaac Babel"), publicado no livro *Fictional Translators*. As observações sobre o romance *Essa gente* se fundamentam no capítulo 3 de *Transfiction and Bordering Approaches to Theorizing Translation* (2023), de autoria de Darin. Ambos os estudos de apoio partilham da base conceitual estipulada pelos teóricos da "virada ficcional", à qual nos referimos acima.

A história da História do Cerco de Lisboa

José Saramago (1922-2010), renomado escritor, dramaturgo e jornalista português, foi membro do Partido Comunista de seu país, tendo sofrido censura e perseguição durante a ditadura de Salazar e mais tarde se envolvido na Revolução dos Cravos, de 1974, que conduziu o país à democracia. Foi o primeiro autor de língua portuguesa a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1998, aplaudido tanto pelo romance *Levantado do chão* (1982), obra que teve como foco um tema histórico, assim como pelas outras obras que se seguiram, como *Memorial do convento* (1982); *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984); *A jangada de pedra* (1986); e *História do cerco de Lisboa* (1989). Esses romances, afinados com as tendências contemporâneas da escrita literária, mesclam fatos históricos e narrativa ficcional, visando problematizar a história registrada – a dita história oficial.

Escrito na década de 1980, *História do cerco de Lisboa* responde às inquietações de seu tempo geradas principalmente pelo pensamento pós-moderno, no que diz respeito às relações entre linguagem e poder e ao questionamento das narrativas oficiais, das verdades históricas e das identidades nacionais. Nessa perspectiva, o romance revisita o passado histórico de Portugal ao propor uma nova versão do episódio do Cerco de Lisboa, de 1147, por meio da inserção de um "não" à narrativa oficial, que muda o rumo da história e desestabiliza o mito das "glórias da nação". A revisão crítica do passado instaura uma

nova interpretação, que põe em xeque a “veracidade” das narrativas históricas e provoca uma reflexão sobre as bases que alicerçam a memória nacional.

Em *História do cerco de Lisboa*, observa-se um claro hibridismo entre história e literatura, o que situa a obra como metaficção historiográfica ou novo romance histórico. O título faz referência ao episódio de 25 de outubro de 1147, quando da conquista de Lisboa aos mouros, que ocuparam a Península Ibérica durante oito séculos. Há pouca documentação sobre o cerco, apenas relatos que exaltam a retomada e consolidação do reino de Portugal e o papel das forças militares dos cruzados, configurando uma aliança entre o poder da Igreja Católica e o poder político, nas mãos de Dom Afonso Henriques, o rei Fundador.

A narrativa inicia com um diálogo que introduz dois personagens por meio de suas ocupações profissionais: o protagonista do romance, Raimundo Silva, que é revisor em uma editora, e o doutor historiador, um conhecido de Raimundo, que lhe entrega um livro de História para ser revisado para publicação, intitulado *História do cerco de Lisboa* (observa-se aqui o uso de *mise en abyme*). A história é contada na terceira pessoa por um narrador onisciente intruso, que se posiciona, emite opiniões, simpatiza-se com os mouros e critica a mentalidade católica medieval.

O diálogo entre os dois personagens diz respeito ao episódio do Cerco e ao universo da produção dos livros, isto é: a tipografia, a revisão, o processo de reescrever várias vezes a mesma obra até o escritor encontrar o tom e a forma almejada, o uso do *deleatur* – sinal de revisão usado para indicar a letra ou palavra a ser suprimida do texto. Há, também, uma reflexão sobre os gêneros textuais, na qual o doutor define seu livro como sendo um livro de “História”, segundo a classificação tradicional. O revisor Raimundo, porém, contrapõe o argumento do doutor alegando que “tudo quanto não for vida é literatura, a história também, a história, sobretudo” (Saramago, 1989, p. 15).

Já nessa passagem, Saramago problematiza as diferenças clássicas entre “história” e “ficção”, situando-as como narrativas fora da vida, portanto, ambas literárias por natureza, uma vez que “a história foi vida real no tempo em que ainda não poderia chamar-se *lhe história*” (Saramago, 1989, p. 16). Porém, o narrador chama a atenção para as diferentes formas de narrar: enquanto a literatura descreve os detalhes pessoais das ações dos personagens e oferece mais elementos para a reimaginação dos possíveis acontecidos, a narrativa historiográfica se concentra no núcleo da ação, enfocando a importância histórica para a consolidação de determinados fatos.

Ao apropriar-se de fatos e personagens históricos, o romance evidencia seu caráter híbrido, o que o define como “metaficção historiográfica” (Hutcheon, 1991, p. 21). Como observa Duarte (2014), além da problematização da história oficial, estão presentes: a distorção consciente da história, mediante omissões, exageros e anacronismos; a

autorreflexividade e a metaficção, a paródia e a intertextualidade; o emprego de uma linguagem coloquial para tratar de fatos históricos; e a desconstrução de conceitos que estão na base das narrativas históricas tradicionais, com ênfase na impossibilidade de conhecer a verdade histórica/a realidade.

As reflexões e os questionamentos sobre “história” e “ficção” prosseguem ao longo do processo de revisão do livro, empreendida por Raimundo. A arquitetura do romance passa a apresentar uma narrativa complexa que alterna entre dois planos narrativos temporais: o primeiro situa-se no presente de Raimundo, personagem na casa dos 50 anos, que mora em Lisboa e trabalha como revisor há vários anos, cercado pelo historiador e outros personagens. O segundo plano temporal da narrativa se situa em 1147, durante o episódio histórico do Cerco de Lisboa e inclui personagens como Dom Afonso Henriques e outras figuras históricas.

Na trama, durante a revisão da obra do historiador sobre o Cerco de Lisboa, o protagonista questiona a veracidade dos fatos históricos e o modo como esses são produzidos, observando que os argumentos que os sustentam são frágeis:

[...] foi à fonte limpa das historiografias modernas, buscou e encontrou, bem me queria a mim parecer, Machado, crédulo, copiou sem conferir o que haviam escrito Frei Bernardo de Brito e Frei António Brandão, é assim que se arranjam os equívocos históricos, Fulano diz que Beltrano disse que Cicrano ouviu, e com três autoridades dessas se faz uma história (Saramago, 1989, p. 45).

Raimundo percebe que a história oficial nada mais é do que uma compilação de discursos, cuja origem é questionável em vários sentidos e que, portanto, fogem à comprovação. Diante da dúvida sobre a veracidade dos fatos históricos relatados, ele decide interferir diretamente no texto, guiado por sua pesquisa e visão sobre o episódio histórico, e acrescenta o advérbio “não” em uma passagem crucial para o desenrolar dos fatos: “os cruzados “Não” auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e, portanto, passou a ser verdade” (Saramago, 1989, p. 50). Dessa forma, o revisor altera radicalmente o sentido do texto, já que contradiz o que dizem os relatos históricos sobre os cruzados terem ajudado as forças de Dom Afonso Henriques a tomar Lisboa dos mouros.

O revisor é chamado pelo editor para explicar sua interferência no texto e é posto sob a supervisão de sua chefe, Maria Sara. Raimundo pede desculpas ao historiador e envia uma errata, mas Maria Sara, uma mulher atraente com quem ele terá um relacionamento amoroso, estimula-o a escrever a nova versão da história do cerco de Lisboa, o que o transforma naquilo que ele sempre desejara ser: escritor.

A partir do “não”, altera-se o passado da cidade, mas o revisor precisa estar atento às consequências para o presente, uma vez que a chegada de Maria Sara na trama é fundamental, pois ela é a grande instigadora para que ele escreva a nova história; assim, a reconstrução da História do Cerco se vê condicionada pelo presente.

Essa gente, à margem e na contramão

Sétima obra literária do também compositor e dramaturgo brasileiro Chico Buarque de Holanda³, o romance *Essa gente* (2019) retrata muitas das questões prementes que o Brasil vivia à época. A prisão do então ex-presidente Lula da Silva em 2018 – e sua consequente inelegibilidade – e a vitória do candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro para a presidência do país geraram uma acirrada polarização entre a direita e a esquerda, desestabilizando a economia e instaurando uma violência política que levou a assassinatos e chegou a provocar brigas e rupturas entre familiares e amigos. A esse cenário de insegurança, somou-se a pandemia de coronavírus de 2019, que o governo bolsonarista se negou a reconhecer, deixando a população desinformada e sem apoio. O país passava por uma situação de desconfiança generalizada nas instituições; multiplicaram-se as notícias falsas e os conflitos nas redes sociais; o governo fez cortes acentuados nas verbas para a cultura e educação. Chico Buarque, intelectual da esquerda, retrata esse cenário de crise em seu romance, cuja história se passa no bairro do Leblon e na zona sul do Rio de Janeiro, onde a população por ele retratada sofre a violência, a desigualdade social (a pobreza desoladora de um lado e a vida de ostentação dos endinheirados), o medo e os preconceitos de gênero.

A obra narra a história de um escritor em crise, Manuel Duarte, que sofre um bloqueio criativo e não consegue escrever um novo romance. Em um jogo de espelhamento – Buarque, o autor, cria o personagem Duarte, paralisado pela dificuldade de escrever um romance, enquanto, de fato, o escreve; curiosamente, à medida que o leitor avança na leitura, participa do próprio processo de materializar/escrever o romance que o protagonista procura, sem sucesso, escrever. Observa-se o uso de metaficção e de autoficção, bem como o apagamento das fronteiras entre ficção e realidade.

Nada é casual nessa laboriosa construção na qual a crítica social caminha de mãos dadas com procedimentos estéticos que se coadunam com a contemporaneidade. Temos a capa, que reproduz com letras minúsculas toda a trama; o título, dedicado aos párias e marginalizados; a narrativa fragmentada em minicapítulos e relatos, alinhavada por gêneros textuais variados: diários, cartas, notificações judiciais, transcrições de conversas telefônicas, notícias de jornal e da televisão e relatos de sonhos estranhos; a voz do protagonista predomina, mas mistura-se a outras e há textos anônimos, recortes de jornal.

3 Doravante Chico Buarque.

São 69 minicapítulos, encabeçados pela data e o local onde ocorrem os fatos, porém os relatos não seguem uma sequência linear, sendo embaralhados de forma descontínua. Como Darin e Leite (2021, p. 89) observam a respeito da obra: “Os aparentes diários são intercalados com cartas de autoria do narrador protagonista, cartas de outras personagens para ele, ou cartas trocadas entre as personagens e sobre as quais (cartas) o narrador não parece ter conhecimento”.

Os textos giram em torno dos impasses de Duarte quanto a suas tentativas de redigir uma nova obra – o protagonista tem um único livro bem-sucedido, o romance histórico *O Eunuco do Paço Real* –, e em relação a seus problemas amorosos, financeiros, sociais. Tais questões são ambientadas em um espaço urbano marcado por desigualdades, no qual os que mais sofrem são os moradores de rua, os travestis, os homossexuais, os negros, as mulheres, os pobres. Em *Essa gente*, constata-se “[...] uma preocupação com o tempo, certa urgência em falar do Brasil de hoje, em denunciar os problemas que sofre o Rio de Janeiro no século XXI, tais como a violência policial, as milícias, a corrupção praticada pelos políticos, a descrença no sistema judiciário” (Darin; Leite, 2021, p. 87).

Dentre os minitextos, nos deparamos, no final do romance, com um recorte de jornal, noticiando a respeito do protagonista: “Escritor encontrado morto em apartamento no Leblon” (Buarque, 2019, p. 189). Diante disso, pergunta-se o leitor: afinal, quem era a voz narrativa desse livro?

A vida pessoal do protagonista-escritor Duarte é um caos: tem dois casamentos fracassados, não tem dinheiro, não tem onde morar, tem um filho adolescente com quem não consegue se comunicar e vive em meio à violência urbana da cidade do Rio de Janeiro. Pode-se dizer que a representação do escritor no romance endossa estereótipos bastante conhecidos sobre o escritor de literatura, como, por exemplo, a visão idealizada do escritor que não tem horários e compromissos, desafia as convenções e vive uma vida cheia de aventuras. De fato, Duarte atende a tais expectativas.

No entanto, seu cotidiano prosaico e sua dependência de favores das ex-mulheres, dos amigos e de seu editor põem por terra qualquer ideia romântica do escritor como aquele que pode prescindir das responsabilidades da vida material e social. Aliás, o romance inicia com uma carta de Duarte a seu editor, pedindo mais um adiantamento de seus *royalties* e prometendo um romance que lhe dará “grandes alegrias”.

Acompanha e inspira a vida do protagonista escritor a tradutora Maria Clara, cuja parceria se dá tanto no campo pessoal, uma vez que foi casada, tem um filho com ele e continua amiga do escritor, como no campo profissional, pois atua como revisora da escrita literária do então marido. Neste romance, a escrita, a tradução e a revisão desempenham um papel de destaque.

Escritor, revisor, revisora: retratos que escondem preconceitos

Feita esta breve apresentação dos dois romances, vejamos, primeiramente em *História do Cerco de Lisboa*, como são caracterizados os personagens que representam o escritor, o revisor e a revisora.

Na obra de Saramago, a história é narrada, em grande parte, pelo revisor Raimundo. Como leitor profissional do livro do historiador, realiza uma subversão que altera drasticamente o relato do episódio histórico, com consequências que se estendem até o momento presente da (re)escrita do livro. Tal ação desestabiliza a ideia de separação ou oposição entre literatura e história, passado e presente, realidade e ficção, revisão e autoria e, como ressalta Arrojo (2018), entre autor e leitor, já que Raimundo assume-se um leitor que reescreve o que lê.

Tais questões, suscitadas pela natureza metaficcional de *História do Cerco de Lisboa*, bem como por outras obras do autor português, são instigantes e têm sido objeto de crítica por parte de pesquisadores das áreas de história e de estudos literários. Contudo, apesar de o romance ser reconhecido por incitar ao questionamento de dicotomias que há séculos se mantêm incontestadas, gostaríamos de ressaltar a leitura empreendida por Rosemary Arrojo (2018) dada sua perspectiva inovadora. Arrojo aponta que a oposição entre revisão e escrita autoral é claramente descrita dentro de uma visão hierárquica segundo a qual, como se lê no romance, os autores “vivem nas alturas, não gastam o precioso saber em despiciências e insignificâncias, letras feridas, trocadas, invertidas” (Saramago, 1989, p. 1). O foco de análise da teórica brasileira recai especificamente na relação entre revisão e escrita autoral e em seus desdobramentos.

A respeito do trabalho de revisão, o narrador onisciente em terceira pessoa expressa sua opinião, lembrando ao leitor que a revisão figura como uma das profissões mais mal pagas do mundo (Saramago, 1989, p. 18): segundo o narrador, o perfil do revisor pode ser definido como aquele que gosta de livros, mas tem pouca instrução e nenhum talento para a criação literária. A atividade de revisão de textos – o exercício da leitura profissional – é retratada como monótona, entediante, exercida em isolamento, desinteressante e, portanto, nada motivadora ou criativa. Raimundo, imbuído de sua tarefa de revisor, afirma que, ainda que detecte erros no dito texto original, não o alterará, pois segue a cartilha que prega: “primeiro mandamento do decálogo do revisor que aspire à santidade, aos autores deve-se evitar sempre o peso de vexações” (Saramago, 1989, p. 36).

Um revisor é uma pessoa séria no seu trabalho, não joga, não é prestidigitador, respeita o que está estabelecido em gramáticas e prontuários, guia-se pelas regras e não as modifica, obedece a um código deontológico não escrito mas imperioso, é um conservador obrigado pelas conveniências a esconder as suas volupciosidades, dúvidas, se alguma vez as tem, guarda-as para si, muito menos porá um não onde o autor escreveu sim, este revisor não o fará (Saramago, 1989, p. 49).

Por intermédio da voz do personagem historiador e autor de *História do Cerco de Lisboa*, há uma nítida hierarquia entre escrever e revisar. Enquanto o revisor é comparado a um anjo da guarda que não quer modificar o que está registrado no texto, o escritor, por sua vez, goza da prerrogativa de discordar do que está escrito e continuamente alterar e aprimorar o que escreveu.

A transgressão que Raimundo deliberadamente opera em sua revisão à versão histórica na qual trabalha descumpre os “mandamentos” e expectativas da profissão, e atende a sua leitura crítica e a sua pulsão da escrita⁴. Essa ruptura provoca a entrada de Maria Sara na trama – a jovem que deverá supervisioná-lo, mas que, na contramão de seu dever, o “transforma” em escritor. Por meio do incentivo da jovem, Raimundo ganha força e vigor criativo para realizar-se como escritor. É sobre a relação entre esses dois personagens que Arrojo, diferentemente de outros críticos, irá lançar luz, valendo-se de sua percepção atenta e aguçada aos estereótipos de gênero.

Segundo Arrojo, a trajetória de Raimundo reflete uma das associações mais persistentes, recorrentes e invisibilizadas da cultura ocidental, qual seja, a de que a sexualidade masculina está fortemente associada ao poder de produzir literatura, sendo o autor visto como “o pai, o progenitor, o procriador, um patriarca estético cuja caneta é um instrumento de poder gerador tal como seu pênis” (Gilbert; Gubar, 2000 *apud* Arrojo, 2018, p. 109, tradução própria⁵). A esse estereótipo enraizado, corresponde a visão da mulher frágil, pouco ambiciosa e constantemente preocupada com o bem-estar dos outros – atributos que, de fato, definem Maria Sara: ela cuida das necessidades materiais e psíquicas de Raimundo, incentivando-o a alcançar seus objetivos e deixando de lado e renunciando a seus próprios desejos. Vale lembrar que, embora a personagem feminina tenha uma formação mais especializada e ganhe um salário mais alto do que o de Raimundo, pois é a coordenadora de todos os revisores, ela assume uma função secundária, apoiando-o e o inspirando, para que ele alcance seus objetivos.

Sob essa perspectiva, a autoria e o poder da escrita, no romance, podem ser entendidos como atividades produtivas ligadas à masculinidade, ao passo que a revisão e a leitura são representadas como práticas reprodutivas estereotipicamente femininas e feminilizantes, que pressupõem uma dedicação abnegada à escrita alheia e, portanto, ausência de iniciativa e criatividade.

Assim, metaforicamente falando, colocados lado a lado como um casal, Raimundo e Maria Sara parecem representar a oposição ideal entre autoria e

4 A pulsão da escrita, tomada como pulsão de escrever, é abordada por Philippe Willemart, em *O universo da criação literária* (Sebastião, 2021, p. 989).

5 No original: “[...] as a father, a progenitor, a procreator, an aesthetic patriarch whose pen is an instrument of generative power like his penis”.

leitura: enquanto a figura do autor não precisa temer a competição de sua querida leitora, a última mostra-se satisfeita em sua posição ancilar (Arrojo, 2018, p. 117, tradução própria⁶).

A argumentação elaborada com base no papel do leitor profissional na obra saramaguiana é estendida para reflexões sobre o trabalho do tradutor, que, como defende Arrojo em muitas de suas publicações, está sujeito a expectativas muito semelhantes. Bastaria citar a proximidade entre o decálogo do revisor, mencionado pelo narrador do romance português, que preza a “contenção” da atuação do profissional, e as palavras atribuídas ao filósofo e poeta lírico da Roma Antiga, Horácio (65 AEC), que adverte contra os excessos do tradutor, quando introduz o conceito de *fidus y fie*: “Nem fiel tradutor tratares de traduzir palavra por palavra, nem imitador te lançares numa situação embaraçosa” (*Ars poética*, 1961 *apud* Furlan, 2001, p. 24). O critério “situação embaraçosa” dependerá do julgamento do autor ou de outra “voz da verdade” sobre a interpretação presumida no texto de chegada. Arrojo (2018) defende que o fato de a tradução e a revisão serem potencialmente ameaçadoras da estabilidade do original faz com que se estejam sujeitas à super regulamentação.

Escritor, tradutora e revisora: papéis colados

No romance *Essa gente*, as relações entre traduzir, revisar e escrever se articulam de modo a deixar entrever a proximidade entre essas práticas e as contradições com as quais a sociedade as percebe⁷.

Dentre outros subenredos, a trama envolve o escritor Manuel Duarte e sua ex-esposa Maria Clara, tradutora e revisora. Logo no início da obra, o leitor entra em contato com três cartas trocadas entre Maria Clara e um tal Mr. Balthasar, autor do romance que ela está traduzindo do inglês para o português brasileiro. As cartas são assinadas pela tradutora e, a partir delas, podemos depreender o conteúdo das cartas enviadas pelo autor. Na primeira delas, o autor teria solicitado acesso à versão em português antes do lançamento do livro.

Em um tom bastante cordial, a tradutora responde estar muito satisfeita em saber do interesse do autor em ler a tradução antes do lançamento do livro, o que se justifica porque, segundo ela, o autor conhece espanhol e parece ter familiaridade com o Brasil, já que é grande fã da Bossa Nova. Ela adverte que alterou e retirou alguns sinais de

6 No original: “Hence, metaphorically speaking, paired together as a couple, Raimundo e Maria Sara seem to represent an ideal opposition between authoring and reading, the latter is content in her ancillary position”.

7 A presente discussão leva em consideração os *insights* apresentados no capítulo intitulado “The Representation of the Translator in Chico Buarque de Holanda’s *Essa gente* Impertinent Letter, Irony, and Co-authorship” (Darin, 2023, p. 54-66).

pontuação e termina afirmando que aguarda sua vinda ao Brasil e nutre por ele “imensa e antiga admiração” (Buarque, 2019, p. 10).

A esta carta, segue-se outra, também dirigida a Mr. Balthasar e assinada pela tradutora, através da qual depreendemos que o autor ficou irritado com as alterações feitas pela tradutora.

Por meio de sua resposta, inferimos que o autor não gostou das mudanças realizadas pela tradutora, principalmente quanto à correção de incongruências que ela aponta na escrita do próprio romance em inglês. Maria Clara então explica que as incongruências se devem à falta de coerência textual do original: como o personagem pianista pode manter os dedos no acorde e trocar olhares com uma mulher no *silêncio* da sala? Diante das intervenções da tradutora, o autor teria recomendado a ela ater-se ao texto, ao que ela contesta, de forma irônica, que fará, dado que “o autor é sempre soberano” (Buarque, 2019, p. 11). Ao questionar as observações do escritor, a tradutora traz à tona a disputa pelo poder entre escritor e tradutor literário pela palavra final.

As objeções à tradução para o português, feitas por Balthasar, incluem adjetivos que considera pouco adequados ao contexto. Por exemplo, a escolha de “voluptuosa” para descrever uma mulher deitada em cima do piano, em vez de “faminta,” como o autor prefere, deve-se ao que ele chama de “furor semântico” da tradutora.

Maria Clara recebe esses comentários como críticas descabidas e questiona a autoridade do autor. Afinal, seu conhecimento de português, diz ela, parece resumir-se a músicas da Bossa Nova e chega a sugerir que as observações não devem ter sido feitas por ele, mas por sua “secretária cubana”, que aparenta ser uma leitora bem pouco qualificada para opinar sobre a versão do romance em português brasileiro. A posição da tradutora quanto a suas decisões reflete o desejo de estabelecer a sua reescrita como a leitura correta e subverter a ordem hierárquica tradicionalmente estabelecida entre texto de autoria e tradução.

Uma terceira carta redigida pela tradutora é apresentada ao leitor como resposta a mais uma mensagem de Balthasar. Infere-se que o autor ficou extremamente ofendido com os argumentos e insinuações da tradutora, pois considera a carta ‘an impertinent letter’ (Buarque, 2019, p. 11). Nesse embate entre autor e tradutora, fica evidente a convicção que o autor tem de que ele controla o sentido verdadeiro e derradeiro da obra, e de que, como autor, ele não erra. Balthasar não se propõe a considerar as sugestões e se coloca como proprietário não só do texto que escreveu, mas também de suas interpretações, leituras e traduções.

Nocasoem questão, a personagem Maria Clara assume uma posição mais contemporânea e encara abertamente o conflito pelo poder de determinar o sentido, chegando mesmo a declarar: “saiba que cogito simplesmente não assinar a tradução do seu extenso romance, ou fazê-lo sob pseudônimo” (Buarque, 2019, p. 11-12). Mas, em seguida afirma que *não* renuncia a sua assinatura, reforçando a visibilidade de sua participação no romance, já que está ciente de que há um espaço garantido na publicação em português para sua assinatura, prova de seu *status* de autora da tradução.

A carta encerra com “chave de ouro”. Com uma ironia longe de sutil, a tradutora afirma que tem certeza de que o romance terá “grande êxito comercial” no Brasil (Buarque, 2019, p. 12). Dessa forma, ela desempenha a função de leitora crítica do livro de Balthasar e avalia o romance como produto comercial, negando sua pretensão literária – enviando a Balthasar, desta vez, uma carta deliberadamente impertinente.

Partindo de um primeiro contato cordial e afável, a relação entre autor e tradutor torna-se tensa devido à postura assumida pelo autor diante de alterações feitas na tradução, as quais considera indesejadas e inoportunas. Balthasar recomenda à tradutora que se atenha ao que está escrito, isto é, que seja fiel, neutra e se mantenha invisível no texto – reforçando a crença de que leitura e tradução devem ser atividades passivas diante de um texto cujo sentido está pré-determinado. Por fim, o autor chama a tradutora de impertinente, ao que ela rebate de forma veemente, chegando a pôr em dúvida a qualidade do romance.

Este episódio tem consequências para a tradutora. Mais adiante, o leitor se depara com uma correspondência do editor Petrus, para quem Maria Clara trabalha como tradutora, na qual ele lhe diz para “não dar início à tradução do novo romance de Balthasar, pois seu agente literário lhe dissera que o autor gostaria de experimentar um novo tradutor”, ao que acrescenta: “Deve haver algum mal-entendido” (Buarque, 2019, p. 3). Observa-se que, apesar de reconhecer a competência da tradutora, o editor acata a determinação do agente literário, sem discussão.

A palavra do agente literário, que representa o autor, é outra figura masculina que tem voz no processo de reescrita; ao fim e ao cabo, a tradutora perdeu o trabalho. Em oposição à tradutora, alinham-se autor, editor e agente literário, representantes do sistema de mecenato econômico, cultural e de *status* (Lefevere, 2007).

Além de tradutora, Maria Clara é também revisora da produção literária do ex-marido, Manuel Duarte. Observa-se que a personagem feminina se entrega à revisão dos capítulos escritos por Duarte com o mesmo empenho com que traduz: é leitora cuidadosa e intervém nos textos de acordo com seu conhecimento textual e estilístico, numa clara demonstração da aproximação que experimenta entre as três práticas textuais: revisar, traduzir, reescrever.

Ela sabe bem seu papel na carreira de Duarte. Em uma carta ao ex-marido, a personagem lhe diz abertamente que ela é a única revisora disposta a “aparar teus excessos, completar teus pensamentos, ou mesmo acrescentar parágrafos inteiros que porventura terás imaginado” (Buarque, 2019, p. 182). A revisora é plenamente ciente de sua participação nos manuscritos de Duarte.

O protagonista, por sua vez, também reconhece a importância da revisora para a qualidade de suas narrativas. Por exemplo, após a separação, Duarte se pergunta, em tom de desamparo, como poderá escrever seu novo romance sem a ajuda de Maria Clara: “Qual mulher vai fingir assombro e me cobrir de beijos de madrugada por eu lhe revelar peripécias inéditas da minha narrativa?” (Buarque, 2019, p. 158).

A fim de trazer para o leitor essas questões, Chico Buarque engendra uma trama carregada de ironia. Desta vez, é Petrus, editor dos romances do ex-marido e dono da editora para a qual Maria Clara faz traduções, quem dirige a ela um discurso manipulador.

Valendo-se da longa amizade que tem com Maria Clara, o editor pede discrição e revela que Duarte havia pedido um adiantamento e entregue a ele uns esboços do próximo livro, que a editora se veria obrigada a recusar, pois careciam de correção gramatical e da leitura rigorosa que ela fazia dos romances quando eram casados. Prossegue dizendo que quase chega a acreditar em algumas fofocas maldosas que corriam na editora, segundo as quais Maria Clara reescrevia totalmente os livros do então marido, e pede a ela que faça uma indispensável reaproximação intelectual com o “nosso Duarte”. O argumento do editor é falsamente desinteressado e apela para a relação pessoal que Maria Clara tem com o escritor, “pai do seu filho”. A linguagem pretensamente cordial e afetiva, mas carregada de clichês, se justifica com base na suposição de que editor e tradutora partilham de uma nobre causa comum: “salvar” o escritor.

É importante destacar que, embora ciente do trabalho de reescritora que Maria Clara desempenha, Petrus não usa com ela um tom profissional e não fala abertamente dos limites de Duarte, que não cumpre prazos, não tem disciplina e, segundo consta, não sabe dar acabamento linguístico e estilístico a seus romances. O discurso de Petrus é ambíguo, duplo: de um lado, expõe a incompetência do escritor. De outro, o protege, escondendo dele o que todos já sabem: que Maria Clara é coautora dos romances e Duarte depende dela.

Atendendo ao pedido nada ético de Petrus, Maria Clara envia uma carta a Duarte, na qual se refere à “benévola intromissão do nosso caro editor” (Buarque, 2019, p. 34). Suas palavras de apoio sugerem que sua parceria intelectual com Duarte é ofuscada por sua postura tradicional de esposa, cujo dever é proteger o homem da família de críticas e de verdades constrangedoras.

Assim, ela lhe diz – quer dizer, mente – que Petrus teve uma ótima impressão inicial do esboço de seu novo projeto literário, que requer apenas uns poucos ajustes. Além disso, reitera que acredita em seu grande talento como romancista e, para que ele tenha o sossego necessário para criar, Maria Clara lhe oferece o escritório de sua casa onde ele costumava escrever, e que ela mantém intocado, inclusive com os dicionários e gramáticas.

A tradutora consciente, que desafia a interferência do autor Balthasar em sua tradução, dá lugar à dócil revisora e coautora do escritor com quem foi casada e se mantém afetivamente ligada. Como entender essa contradição?

Maria Sara e Maria Clara

A comparação entre as personagens femininas retratadas nos romances de Saramago e de Chico Buarque é bastante reveladora. Seus nomes são curiosamente muito próximos: ambas são Maria, cuja origem, provavelmente hebraica, significa “senhora soberana” ou “a vidente”. Arrojo (2018) traz a informação de que Sara também é um nome hebraico e significa “filha do rei, princesa”, sendo um nome bíblico, citado no Antigo Testamento para a esposa de Abraão e mãe de Isaac. O nome da personagem de Chico Buarque combina a ideia de senhora soberana com Clara, cuja origem latina, *clarus*, quer dizer “claro”, “brilhante”, “cheio de luz”.

Quando observamos os nomes das duas mulheres, percebemos que há certa coerência com seus destinos e com as particularidades de seus perfis. Maria Sara tem sua soberania (Maria) de certa forma limitada por seu papel como “filha do rei” (Sara), estando condicionada a servir e agradar a figura masculina, no caso, seu amante Raimundo, que ela “promove” a escritor. Já Maria Clara, por sua vez, é uma Maria soberana que tem luz própria, pois desempenha com sucesso seu trabalho de tradutora e se sente realizada como coautora literária dos textos rascunhados pelo (ex)marido.

O paralelo entre as personagens inclui o fato de ambas serem leitoras e revisoras de escritores com quem mantêm laços afetivos e sexuais. Em sua análise da narrativa de Saramago, Arrojo nota que a função de Maria Sara na narrativa é ajudar Raimundo Silva a se tornar escritor; algo similar ocorre com Maria Clara que, quando revisa os manuscritos de Duarte, não só corrige erros e imprecisões, como dá a eles qualidade literária, assumindo-se como uma verdadeira *ghostwriter*. Cada uma a sua maneira desempenha uma função meramente (e pretensamente) secundária ao dar apoio a seus homens, sem, no entanto, ocupar o lugar de produtoras textuais.

A aceitação do papel de coadjuvantes que Maria Sara e Maria Clara assumem requer reflexão. Embora sejam mais preparadas intelectualmente e ganhem mais do que seus

companheiros, as duas altruisticamente lhes dão suporte e os aplaudem. Arrojo descreve o relacionamento de Maria Sara com muita agudeza: “enquanto a figura do autor não precisa temer a competição de sua querida leitora, esta se satisfaz com sua posição ancilar” (Arrojo, 2018, p. 117, tradução própria⁸).

Quanto a Maria Clara, há inúmeras referências a sua importância para os textos de Duarte, que lhe escreve: “[...] estive atarefado demais com meu romance. Calculo que em três ou quatro meses poderei encaminhá-lo à editora, não sem antes submeter ao seu crivo, se não for lhe pedir demais” (Buarque, 2019, p. 64). O editor Petrus, em carta a Duarte, reitera a competência da tradutora (e, diríamos nós, reescritora):

Escrevi outro dia para a Maria Clara e fiquei a par dos seus problemas de saúde. Desejo-lhe melhoras, em nome de todos nós aqui na editora, onde ela é querida e admirada não só como sua esposa por tantos anos, mas como a melhor tradutora que até hoje passou pela casa. Também sei que a Maria Clara, com seus imensos conhecimentos linguísticos, esporadicamente contribuiu com ligeiros e precisos ‘toques’ para o acabamento dos seus livros (Buarque, 2019, p. 137-138).

Os argumentos de Arrojo em sua análise de *História do Cerco de Lisboa* nos parecem sólidos o bastante para sustentar uma interpretação coerente. A fim de refletir sobre a atribuição de determinadas características às figuras ficcionais, a teórica recorre aos estereótipos que circundam as profissões ligadas à (re)escrita em sua conexão com visões simplificadas de gênero socialmente construídas e mantidas. Assim, no romance de Saramago, a relação entre Raimundo e Maria Sara revela preconceitos arraigados sobre as profissões de revisor e escritor, sendo a escrita autoral vista como território masculino, e a revisão, como seara feminina.

Um exame das relações entre Manuel Duarte e Maria Clara aponta para um padrão similar, porém marcado por particularidades advindas de um relacionamento mais contemporâneo e mais crivado de contradições e tensões.

Tradutora consciente do valor de seu trabalho, Maria Clara defende sua tradução diante das objeções do autor Balthasar e usa de ironia para zombar de seu suposto poder sobre o texto, apelando a uma fórmula calcada em uma visão estereotipada, conforme afirmamos acima: “o autor é sempre soberano” (Buarque, 2019, p. 11). A despeito de sua reação assertiva e até belicosa com o autor, a personagem feminina apresenta uma evidente passividade e “docilidade” ao exercer sua atividade de revisora-reescritora dos manuscritos do (ex)marido, suposto autor. Ela o empodera, por assim dizer, ao transformar

8 No original: “[...] while the figure of the author doesn't need to fear competition from his loving reader, the latter is content in her ancillary position”.



seus escritos em textos literários e o “protege”, ao tentar poupá-lo do enfrentamento com seus limites como escritor.

O comportamento da personagem Maria Clara decorre de concepções enraizadas em práticas sociais de uma cultura patriarcal, que reforçam o perfil maternal da mulher como parte inerente de seu caráter. Maria Clara (assim como Maria Sara) opta por cuidar e acolher seu companheiro, como se ele fosse seu filho: incentiva-o a produzir, para que se realize e brilhe, à custa do silenciamento de sua voz e do apagamento de seu desejo.

Dentro dessa lógica, é compreensível que a personagem buarquiana mantenha intacto o quarto onde Duarte escrevia seus originais (como se costuma fazer com o quarto do filho, sempre disponível para ele voltar), como se esse quarto não fosse, na verdade, seu espaço de criação, tanto financeiramente, pois mantido por meio de suas traduções e interpretações, como simbolicamente, como espaço de sua revisão/produção textual. No final do romance, vivendo em Portugal com sua amante, Laila, a revisora envia uma correspondência ao ex-marido, na qual afirma que o que nutre pelo escritor está mais próximo de um sentimento maternal: “Notarás por estas linhas que a distância só me aproximou de ti. Não te assustes, contudo, pois como mulher estou muito bem servida, e está mais para maternal o sentimento que me inspiras” (Buarque, 2019, p. 182).

Considerações finais

A breve comparação que propusemos neste artigo ancorou-se nos pressupostos da virada ficcional nos Estudos da Tradução, segundo a qual a caracterização de personagens nas narrativas literárias tem muito a oferecer como material de investigação para estudiosos e pesquisadores da área.

Observamos nas obras de Saramago e Chico Buarque que a incorporação, na trama ficcional, de ideias sobre o que é revisar, traduzir e escrever reflete crenças difundidas nas sociedades portuguesa e brasileira sobre relações hierárquicas que entronizam/elevam o labor do escritor e colocam no segundo degrau o tradutor e o revisor. Tais pressupostos vêm perversamente atrelados aos de atribuição de gênero: quem escreve, produz e cria é o homem, cabendo à mulher as práticas textuais “meramente mediadoras” de traduzir e revisar.

Não acreditamos que os dois romances tratem igualmente dessas relações. Em Saramago, o foco recai sobre a transgressão de Raimundo, o que acaba por promovê-lo de revisor para escritor graças tão somente à intervenção de Maria Sara, quem, a despeito de ser sua coordenadora chefe, mantém-se ao seu lado, na posição de assistente e incentivadora.

A representação do escritor, da tradutora e da revisora em *Essa gente* apresenta-se mais nuançada e repleta de ideias e sentimentos contrários entre si. A imagem do escritor é ora exaltada por conhecidos de Duarte, que veem o contato com o autor de um romance famoso como algo prestigioso, ora é desqualificada em função da vida desregrada e mesmo da falta de competência do personagem como profissional da escrita.

Maria Clara é retratada como tradutora contestadora e atuante, o que configura uma imagem mais próxima das reivindicações sociais da mulher na contemporaneidade. Como reescritora dos esboços literários do (ex)marido Duarte, assume uma atitude conciliadora e maternal, na contramão da luta pelo empoderamento profissional da mulher nas sociedades ocidentais e por sua visibilidade no mundo editorial.

Analisar essas representações em elaborados contextos ficcionais, dentro dos quais é possível vislumbrar comportamentos, questões e situações que despertam o leitor para aspectos até então desconhecidos, é um estímulo à reflexão e à teorização. Na companhia de Miletich (2018), podemos concluir que a criatividade do texto literário instiga à conscientização de estereótipos ultrapassados, que menosprezam determinadas práticas discursivas em favor da manutenção de determinado *status quo*.

Referências

ARROJO, R. *Fictional Translators*. Rethinking Translation through Literature. London & New York: Routledge, 2018.

BEEBE, T. O. The Fiction of Translation: Abdelkebir Khatibi's Love in Two Languages, *Substance*, v. 23, 1994.

BUARQUE, C. *Essa gente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DARIN, L. The Representation of the Translator in Chico Buarque de Holanda's *Essa gente*: Impertinent Letter, Irony, and Co-authorship. In: SPITZER, D. M.; OLIVEIRA, P. (ed.). *Transfiction and bordering approaches to theorizing translation*. New York: Routledge, 2023.

DARIN, L.; LEITE, M. J. A Contemporaneidade de *Essa Gente*, de Chico Buarque de Holanda. In: SILVA, M. P.; NAVAS, D.; PEREIRA, M. M. (org.). *Produção literária contemporânea em Portugal e no Brasil*. Curitiba: Bagai, 2021.

DONG-MEI, M. Fictional turn in translation studies. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, v. 182, Série ICEEMR, Atlantis Press, 2018.

DUARTE, B. M. História do cerco de Lisboa: A prosa teórico-histórica experimental de José Saramago. *Revista Versalete*, Curitiba, v. 2, n. 3, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol2-03/235BrunoDuarte.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FURLAN, M. Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – Os Romanos. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 8, p. 11-28, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5881>. Acesso em: 15 mar. 2024.

GILBERT, S.; GUBAR, S. *The madwoman in the attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. New Haven: Yale University Press, 1979.

HUTCHEON, L. *Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEFEVERE, A. *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária*. São Paulo: Edusc, 2007.

MILETICH, M. Dragomans Gaining Footing: Translators as Usurpers in Two Stories by Rodolfo Walsh and Moacyr Scliar. *Hikma: estudios de traducción*, v. 17, p. 175-193, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6752072> Acesso em: 30 jun. 2024.

SARAMAGO, J. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SEBASTIÃO, A. K. de A. Pulsão da escrita e liberdade em Maria Gabriela Llansol. In: David, S. N. et al. (org.). *Anais do XXVIII Congresso Internacional Da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa*. 1. ed. Campina Grande: Realize Eventos Científicos e Editora Ltda., 2021. v. 28, p. 989-999.

Negação e operador argumentativo em “não tenho nada contra *gays*, mas...”: da argumentação na língua às posições-sujeito no discurso

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3837>

Wellton da Silva de Fatima¹

Resumo

Este artigo analisa o encadeamento sintático “não-X, mas Y” em enunciados como “não tenho nada contra *gays*, mas...”. Examina-se a materialidade linguística a partir de Anscombre e Ducrot (1976), Ducrot (1987) e Guimarães (2001), para, em seguida, descrever e interpretar a materialidade discursiva conforme Pêcheux (2016), Courtine (2009), Indursky (2013) e outros. Busca-se compreender como se produzem vozes de modo desigual no discurso, sustentando um ritual enunciativo de negação e denegação. Mostra-se que a negação responde ao pré-construído de denúncia contra a homofobia, enquanto o “mas” reinscreve o sentido do enunciado na cis-heteronormatividade. Assim, destaca-se um sujeito dividido, que precisa negar a homofobia para mantê-la discursivamente sob a aparência da tolerância.

Palavras-chave: não-X, mas Y; argumentação; discurso; *gay*; homofobia.

¹ Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Santana do Ipanema, Alagoas, Brasil; wellton.fatima@ifal.edu.br; <https://orcid.org/0000-0002-0526-5396>

Négation et opérateur argumentatif dans « je n'ai rien contre les gays, mais... » : de l'argumentation dans la langue aux positions-sujet dans le discours

Résumé

Cet article analyse l'enchaînement syntaxique « non-X, mais Y » dans des énoncés tels que « je n'ai rien contre les gays, mais... ». Il examine la matérialité linguistique à partir des travaux d'Anscombe et Ducrot (1976), Ducrot (1987) et Guimarães (2001), pour ensuite décrire et interpréter la matérialité discursive selon Pêcheux (2016), Courtine (2009), Indursky (2013) et d'autres. Il s'agit de comprendre comment des voix sont produites de manière inégale dans le discours, soutenant un rituel énonciatif de négation et de dénégation. Il est montré que la négation répond au préconstruit de la dénonciation contre l'homophobie, tandis que le « mais » réinscrit le sens de l'énoncé dans la cishétéronormativité. Ainsi se révèle un sujet divisé, qui doit nier l'homophobie pour poder la maintenir discursivement sous une apparence de tolérance.

Mots-clés : non-X, mais Y ; argumentation ; discours ; gay ; homophobie.

Introdução

Este artigo investiga o encadeamento sintático “não-X, mas Y” em formulações do tipo “não tenho nada contra *gays*, mas...”, recorrentes nos discursos que analisamos em nosso percurso de pesquisa (Fatima, 2021, 2025, 2026). Considerando o encadeamento argumentativo de elementos na posição Y das reformulações, debatemos modos de incorporação de vozes no discurso pela negação de “ter algo contra *gays*”, que anuncia um discurso não-homofóbico. Nosso objetivo é descrever e interpretar, desde a materialidade linguística até a materialidade discursiva, em que medida essas formulações sustentam, apesar da negação, um lugar de enunciação cis-heteronormativo.

Do ponto de vista linguístico, retomamos brevemente a Teoria da Argumentação na Língua (Anscombe; Ducrot, 1976) e a teoria polifônica da enunciação (Ducrot, 1987) para destacar as instruções semântico-argumentativas envolvidas em “não-X, mas Y” – em particular, a orientação para conclusões contrárias entre os segmentos do enunciado e a distribuição de pontos de vista entre locutor e enunciadore.

Deslocando o foco para a Análise de Discurso materialista – doravante AD – (Pêcheux, 2014; Courtine, 2009; Indursky, 2013; Orlandi, 1998; Zoppi-Fontana, 1999), reconsideramos “não-X, mas Y” como uma relação determinada entre língua e ideologia pela memória discursiva – isto é, como uma materialidade discursiva. Por meio dela, engendram-se

posições-sujeito de identificação contrastiva no interior de uma formação discursiva – doravante FD – onde a cis-heteronormatividade² opera como dominante ideológica.

Metodologicamente, trabalhamos com um pequeno *corpus* extraído de postagens públicas no Facebook que textualizam a formulação “não tenho nada contra *gays*, mas...”. O recorte busca demonstrar a regularidade do fato discursivo para fins de descrição e de interpretação (cf. Pêcheux, 2015), articulando enquadramentos linguístico e discursivos. Como contribuição, o artigo: (i) percorre o funcionamento polifônico-argumentativo da forma “não-X, mas Y”; (ii) aponta seus efeitos na produção de posições-sujeito e na estabilização de um ritual enunciativo de negação e de denegação; e (iii) debate o “eco negativo” da denúncia contra a homofobia como fundamento do discurso de autodefesa cis-heteronormativo.

“Não... mas”: polifonia e argumentação na língua

De início, consideremos o enunciado:

(1) Não tenho nada contra os gays, mas acho obsceno que eles exijam direitos especiais num país onde ninguém tem direito nenhum

Publicado como postagem na página de Facebook de Olavo de Carvalho (31/03/2017), esse enunciado somava cerca de 2,8 mil reações, 53 comentários e 192 compartilhamentos no momento de sua extração para esta pesquisa. Esse enunciado, estruturado por “não-X, mas Y”, permite ao sujeito negar “ter algo contra gays” e, em seguida, orientar o sentido daquilo que é dito em direção contrária. Nosso foco é mostrar como essa forma configura um lugar de enunciação cis-heteronormativo em circulação na atualidade.

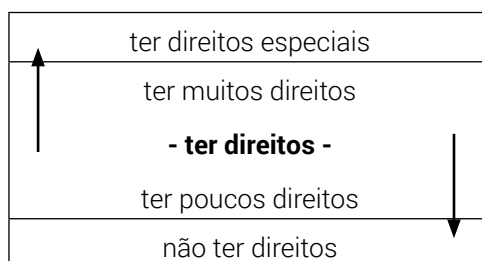
“Não” e “mas” são centrais na semântica de Ducrot (1977) e na Teoria da Argumentação na Língua (Anscombre; Ducrot, 1976). Ao tratar linguisticamente da polifonia, Ducrot (1987, p. 172) desfaz a suposta unicidade do sujeito falante e mostra “a superposição de diversas vozes” no enunciado. Para o autor, “o sentido de um enunciado [...] é a descrição de sua enunciação” (Ducrot, 1987, p. 181): no encadeamento “não, mas”, a crítica do enunciado se ancora tanto na asserção em primeira pessoa (“não tenho”) quanto em “acho obsceno que”, qualificando a enunciação, atribuindo-lhe “certos poderes ou certas consequências” (Ducrot, 1987, p. 174). Produz-se, assim, uma asserção justificatória e condenatória com preâmbulo de autodefesa, pela qual o locutor se apresenta como não preconceituoso ao mesmo tempo que legitima a oposição às reivindicações dos *gays*. O segmento X (“não tenho nada contra *gays*”) dá suporte ao Y encadeado por “mas”, que, isolado, poderia caracterizar insulto e depreciação.

2 Trata-se de uma prática ideológica que reproduz as normatividades cisgênero e heterossexuais pela exclusão, pejoração, confrontação – ou ainda outros –, de sujeitos de orientação sexuais e identidades de gêneros LGBT+.

Na concepção polifônica, o enunciado é espaço de confronto de vozes. Ducrot distingue o locutor – “responsável” pelo enunciado (1987, p. 182) – dos enunciadores – pontos de vista expressos na enunciação (1987, p. 192). Aqui, L põe em cena, via negação, E1 (“[eu] tenho [~nada]³ contra os *gays*”, pressuposto) e E2 (“[eu] não tenho nada contra os *gays*”, assimilado por L).

A completiva “acho que P” introduz como pressuposto “os *gays* exigem direitos especiais”. Em Ducrot (1987), L “dá existência” a enunciadores cujos pontos de vista organiza (p. 193); L não se confunde nem com o sujeito falante, nem com o locutor “λ”, “ser histórico” de que L é o último avatar (1987, p. 209). Representemos esses “direitos” e sua qualificação como “especiais” em uma escala, onde as barras marcam seus limites.

Figura 1. Escala argumentativa dos direitos



Fonte: Elaboração própria

Assim, por meio de um ponto de vista pressuposto, assimilado a L, “direitos especiais” é apresentado em (1) como excedente em uma escala argumentativa: entre “ter pouco/muito direito”, “não ter direitos” fica aquém-abaixo, fora do limite; enquanto “direitos especiais” situa-se no excedente superior (Ducrot, 1987, p. 218).

Retomando a forma “X, mas Y”, enquanto Ducrot (1987, p. 215) mostra que X é argumento para r e Y para ~r, Guimarães (2001) acrescenta que “a continuação do texto se articula com a oração que tem o mas” (p. 110). Logo:

X = “não tenho nada contra *gays*”, logo (r) não hei de me opor a eles.

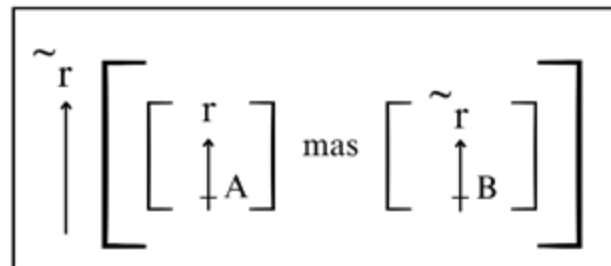
Y = “acho obsceno que *gays* exijam direitos especiais num país onde ninguém tem direito nenhum”, logo (~r) eu hei de me opor a eles.

Desse modo, se temos um argumento A em X – como “não ter nada contra os *gays*” – e um argumento B em Y – como “a obscenidade dos *gays* em exigir direitos num país

³ Optamos por representar o inverso da negação em E1 por [~ nada], pois o enunciado positivo pode assumir diferentes formas em uma escala gradativa – algo/muito/tudo –, devido ao estatuto indefinidor e ao mesmo tempo quantificador de “nada”.

onde ninguém os tem” –, o sentido do enunciado, por sua orientação argumentativa, instrui-se a partir “mas Y”. Isto é, B aparece no enunciado com maior força argumentativa, orientando determinada conclusão. A forma sintática “X, mas Y” pode ser representada pelo seguinte esquema:

Figura 2. Orientação argumentativa de “X, mas Y”⁴



Fonte: Guimarães (2001, p. 111)

Do ponto de vista da teoria da argumentação na língua, pela orientação argumentativa de “mas”, os efeitos da negação – “não tenho nada contra os gays” – se deslocam pela qualificação da enunciação.

Para Ducrot (1987), “a maior parte dos enunciados negativos [...] faz aparecer sua enunciação como choque de duas atitudes antagônicas, uma, positiva, imputada a um enunciador E_1 , a outra, que é uma recusa da primeira, imputada a E_2 ” (p. 202). Ducrot (1987) distingue negação descritiva, metalinguística e polêmica (p. 202-204). Em “não tenho nada contra os *gays*”, trata-se de negação descritiva – “representa um estado de coisas” (Ducrot, 1987, p. 203) –, parafraseável por “sou neutro” (ou mesmo “sou a favor”).

Não se trata, pois, de negação polêmica: nesta, L assimila E_2 e opõe-se a E_1 construído dentro do próprio discurso⁵ (Ducrot, 1987, p. 204; Maingueneau, 1997, p. 84). Ainda assim, há um traço de polêmico “delocutivo” (Ducrot, 1987, p. 204): a materialidade “não-X, mas Y” permite a L representar λ como predisposto à neutralidade, mas “forçado” a tomar posição ante exigências supostamente fora dos limites concebíveis. Daí conclui-se: “dadas as exigências obscenas por direitos especiais, fico obrigado a ter [$\sim$ nada] contra os *gays*”, onde “ $\sim$ nada” pode variar entre “algo”, “muito” ou “tudo”, por exemplo.

Para Ducrot (1987), a negação não é apenas a marca lógica de um conteúdo negativo, mas o funcionamento que põe em cena diferentes vozes. Como vimos, todo enunciado

4 (Que se lê: A é argumento a favor de r e B argumento a favor de $\sim r$, sendo este argumento predominante. Portanto A mas B é argumento para $\sim r$)” (Guimarães, 2001, p. 111).

5 Cabe salientar que, aqui, a concepção de “discurso” pode ser compreendida como sequência de enunciados efetivamente produzidos. Não se trata da concepção de discurso em AD, conforme veremos.

traz em si uma multiplicidade de pontos de vista, de modo que o locutor se apresenta como responsável por organizar e hierarquizar enunciadores em confronto. Nesse quadro, a forma “não-X, mas Y” se constitui de uma materialidade enunciativa particularmente tensa: nega-se um ponto de vista apenas para que um outro, contraditório, se imponha com maior força argumentativa. A heterogeneidade constitutiva da enunciação torna essa estrutura propensa a sustentar discursividades em conflito, o que explica sua produtividade em condições de disputa ideológica.

Deslocando de perspectiva

As questões discutidas até aqui indicam a possibilidade de ampliar a análise para além da materialidade linguística. Ao tratar da relação entre negação descritiva e polêmica, Ducrot (1987, p. 204) menciona um “diálogo cristalizado subjacente” que sustentaria a primeira em relação à outra. Para nós, esse é um índice de que abordar o funcionamento da “memória discursiva” (Courtine, 2009) e dos “lugares de enunciação” (Zoppi-Fontana, 1999) permite ampliar nossa ótica sobre a produção dos sentidos desses fatos de linguagem. Se, conforme vimos em Ducrot (1987) e Guimarães (2001), o encadeamento “não-X, mas Y” já organiza desigualmente as vozes no discurso, é ao tratarmos de sua “materialidade discursiva” (Pêcheux, 2016) que conferimos outro estatuto a essa desigualdade.

Nessa perspectiva, a repetição regular de aspectos aparentemente formais, em condições sócio-históricas e ideológicas determinadas, aponta para a existência de um ritual enunciativo. Trata-se de “lugares de enunciação no discurso” (Zoppi-Fontana, 1999), configurados a partir de posições-sujeito no interior de uma FD determinada.

Para Courtine (2009, p. 96), “o sujeito do discurso é [...] ao mesmo tempo *sujeito ideológico*, na relação com o sujeito do saber que assegura o enunciado; e *sujeito falante*, por poder enunciar os elementos desse saber na formulação”. A partir dessa concepção, reconsideramos a língua “[...] como ordem significante, capaz de equívoco, de falhar, de deslizes” (Orlandi, 1998, p. 77). Assim, a materialidade discursiva pode ser definida como “um modo particular de contato entre o ideológico e o linguístico na ordem do discursivo” (Courtine, 2009, p. 191).

Desse ponto de vista, a enunciação é compreendida como

[...] prática de um sujeito historicamente constituído pela língua e a ideologia em relações sociais sobredeterminadas pela contradição que estrutura uma formação social. Enquanto *forma histórica da enunciação*, a prática enunciativa se organiza como um ritual estabilizado pela regularidade de *modos de dizer* que se repetem na história e que se relacionam com determinados *lugares de enunciação* (Zoppi-Fontana, 2022, p. 33-34).

Nessa linha, a AD materialista entende que o sentido não se restringe ao encadeamento interno das formas linguísticas, mas remete à “memória discursiva como espaço ideológico estruturante/estruturado em que se realiza a interpretação, enquanto efeito necessário da relação simbólica estabelecida entre o sujeito e o real da história e da língua” (Zoppi-Fontana, 2002, p. 178).

A partir deste ponto, o enunciado deixa de ser “considerado [...] como a ocorrência *hic et nunc* de uma frase” (Ducrot, 1987, p. 164) e passa a ser entendido “[...] como uma forma ou um esquema geral que governa a repetibilidade no seio de uma rede de formulações” (Courtine, 2009, p. 100). Nessa perspectiva, um enunciado é elemento de saber próprio de uma FD, definida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 2014, p. 147).

Guimarães (2001, p. 13) esclarece que “na relação com o discurso, o texto não é uma unidade de sua construção. A unidade de construção do discurso é o enunciado [...]”. Os “fragmentos de discurso” (Ducrot, 1987, p. 166) permanecem, assim, nosso objeto de análise, uma vez que “[...] como unidade do discurso, os enunciados podem marcar diferentes posições do sujeito no texto. E os textos podem ser formados de enunciados de discursos diferentes” (Guimarães, 2001, p. 13). No entanto, a partir daqui, trataremos desses fragmentos como “reformulações” (Courtine, 2009) no intradiscurso, isto é, naquilo que delimita o espaço do dizível em uma FD.

Nessa dinâmica, o interdiscurso tem papel estruturante. Como lembra Orlandi (1998, p. 77), por meio dele, “algo fala sempre antes, em outro lugar, independentemente, isto é, sob o domínio complexo da ideologia”. É esse processo que assegura ao sujeito sua realidade como sistema de evidências. A eficácia do dizer resulta, portanto, de um processo de repetições “[...] mais ou menos regrado – polimorfo nos discursos cotidianos, ritualizados nos discursos de aparelho – no qual as palavras são pegadas na trama das reformulações: repetição sob o modo de reconhecimento dos enunciados [...] e sob o desconhecimento do interdiscurso” (Zoppi-Fontana, 1999, p. 21).

Para nós, em sua materialidade discursiva, a forma sintática “não-X, mas Y” é uma “base de reformulação”. Courtine (2009, p. 195) postula que essa noção “remete à existência de elementos pré-construídos ao discurso”. Trata-se, portanto, de um ritual enunciativo repetido em uma FD afetada por uma formação ideológica em que a cis-heteronormatividade atua como dominante, produzindo sujeitos para os quais os *gays* aparecem como ameaça evidente.

Para verificar esse funcionamento, montamos um *corpus* sobre o qual incidirá nosso dispositivo analítico de descrição e interpretação (cf. Pêcheux, 2015).

O material de análise

Para Guilhaumou e Maldidier (2016, p. 97), “o *corpus* em análise do discurso resulta de uma ‘operação de extração’ que recorta enunciados de suas condições de produção”. Em AD, um *corpus* não busca a completude nem a exaustividade, consideradas “mitos integrantes de análises empíricas” (Mariani, 1996, p. 53). Nessa perspectiva, “é a noção de fato discursivo que traz consequências para a análise” (Mariani, 1996, p. 53).

Em nossas pesquisas (Fatima, 2021, 2025, 2026), temos investigado diferentes materialidades discursivas produzidas sob formações ideológicas nas quais a cis-heteronormatividade atua como dominante simbólica. A regularidade que motiva o presente trabalho antecede, portanto, seus objetivos específicos, vinculando um esforço de pesquisa mais amplo.

Aqui, tratamos da materialidade discursiva de “não-X, mas Y”, supondo a constituição de um lugar de enunciação de refutação de um pré-construído de denúncia contra a homofobia, instalado na memória discursiva. Na FD da cis-heteronormatividade, sujeitos são autorizados a negar ter algo contra *gays* e, simultaneamente, a reafirmar sua oposição, movimentando-se no intradiscorso para produzir autojustificação em condições de produção determinadas.

Definimos, então, a formulação “não tenho nada contra *gays*, mas...” como forma exemplar do encadeamento “não-X, mas Y”, apta a interrogar o discurso cis-heteronormativo. Produzida em primeira pessoa e referindo-se diretamente a “*gays*”, ela indica um processo de identificação por meio de “uma rejeição ou recusa do outro (na constituição de sua ‘individualização’)” (Courtine, 2009, p. 208). A formulação permite ainda retomar a problemática da negação contrastiva e da relação antonímica entre predicados, situada na fronteira entre o formulável e o não formulável no interior de uma FD.

Para localizar tais formulações, recorreremos ao “arquivo digital” (Dias, 2018) do Facebook. Utilizamos o próprio mecanismo de busca da plataforma para lidar com a vastidão desse arquivo e identificar postagens contendo a formulação-objeto. A partir de uma conta pessoal, pesquisamos “não tenho nada contra *gays*, mas” (entre aspas), aplicando o filtro “posts públicos”. Embora a interface não fornecesse o número exato de resultados, em cerca de três horas de leitura contínua foram examinadas quase trezentas publicações – lidas integralmente apenas quando pertinentes.

Seguindo Pêcheux (2016, p. 25), recortamos, extraímos, deslocamos e reaproximamos fatos discursivos, constituindo um *corpus* de formulações do tipo “não tenho nada contra *gays*, mas Y”. Para este trabalho, selecionamos quatro recortes⁶, número suficiente para amostragem do fato discursivo - e adequado às dimensões do artigo.

6 Os recortes foram transcritos *ipsis litteris*, sem qualquer intervenção do pesquisador.

Conforme Orlandi (1984, p. 14), o recorte é uma unidade discursiva em que se articulam linguagem e situação: “um recorte é um fragmento da situação discursiva”. Essa noção permite identificar regularidades discursivas e rituais ideológicos de repetição e deslocamento, que - em nosso caso - dizem respeito aos movimentos de sentido no discurso cis-heteronormativo.

Quadro 1. Conjunto de recortes para análise

R(1)	Não tenho nada contra os <i>gays</i> , mas acho obsceno que eles exijam direitos especiais num país onde ninguém tem direito nenhum.
R(2)	Não tenho nada contra os <i>Gay's</i> , não sinto nojo, converso na boa, rimos e digo que gosto, eu respeito o que eles são, eu não sei o que lhes levou a ser assim, não lhes julgo por nada porque não cabe a mim, meu dever é só fazer o bem a cada um, até prefiro um <i>gay</i> do que um gatuno. Mas por favor, não dizem que a gente interpreta mal a Bíblia sobre a vossa orientação sexual, ela é muito clara.
R(3)	Não tenho nada contra <i>gays</i> , tenho amigos e parentes que optaram por essa escolha. Cada um sabe o caminho a seguir, mas sou contra quem ataca a Santidade de Jesus, quem não respeita a religião alheia. A posse do ladrão (Se é que ela irá acontecer) terá apresentação do cantor que chamou JESUS CRISTO de <i>gay</i> . Me choca deparar com religiosos de esquerda.
R(4)	Não tenho nada contra <i>gays</i> , tenho amigos <i>gays</i> , tenho colegas de profissão que são <i>gays</i> , tenho familiares que são <i>gays</i> , mas por que essa obsessão em estimular as crianças para o homossexualismo? É ainda a tem gente que diz que esse negócio de <i>kit gay</i> não existe. Parece os abestados que dizem que como não tinha sangue na faca não teve facada. Bando de abestado.

Fonte: Elaboração própria, a partir de coleta do Facebook

Em circulação no digital, essas formulações, textualizadas em postagens, são determinadas pela própria dinâmica da circulação (Dias, 2018, p. 158). A infraestrutura digital e algorítmica está inscrita na materialidade discursiva desses textos. Como propõe Dias (2024, p. 176), é preciso “tomar o momento da circulação como ângulo de entrada na produção de sentidos” quando se trata de textos plataformizados, como as postagens do Facebook.

Nessa perspectiva, a circulação digital deve ser reconhecida como determinante nas condições de produção do discurso. Assim, ao analisarmos a materialidade discursiva de “não-X, mas Y”, concebemo-la como efeito de que “ça circule” (Pêcheux, 2016) – isto é,

como resultado da circulação determinada por condições técnicas, tecnológicas, políticas e ideológicas. Os textos plataformizados articulam-se ainda à “memória digital” (Dias, 2018, 2024). Este, contudo, não é o foco deste artigo, cujo objetivo central é a análise da negação de “ter algo contra *gays*” a partir da materialidade linguística de “não-X, mas Y”.

Quanto ao *corpus*, observamos que, em suas formulações, R(1) e R(2) não recorrem a elementos visuais. Em R(3), a segunda parte do recorte aparece esquematizada imagetivamente, com o uso de um *emoji* de tristeza. Já em R(4), encontramos materialidade fílmica: um vídeo curto, aparentemente amador, produzido por corte e montagem, no qual se sobrepõe o título “Haddad Cria KIT GAY Para Crianças de 6 Anos”.

Por fim, cabe registrar que a ocultação dos locutores dos textos é uma escolha deliberada. De um lado, atende ao imperativo ético da pesquisa acadêmica, que recomenda resguardar a identidade de indivíduos, ainda que se trate de postagens públicas. De outro, decorre de nosso próprio objeto: não indivíduos, mas o sujeito como “um lugar de significação historicamente constituído, ou seja, uma ‘posição’” (Orlandi, 1998, p. 75). Nossa análise, portanto, não recai sobre locutores individuais, mas sobre um funcionamento linguístico-discursivo inscrito em uma posição ideológica da cis-heteronormatividade.

Discurso e negação: ter ou não ter algo contra *gays* – eis a questão

Consideremos as seguintes formulações, que funcionam como paráfrases da materialidade linguística dos recortes.

Quadro 2. Encadeamento argumentativo a partir dos recortes

(i) Não tenho nada contra <i>gays</i> . Ao contrário, sou favorável aos <i>gays</i> .
(ii) Não tenho nada contra <i>gays</i> . No entanto, os <i>gays</i> dão motivos para lhes opor.
(iii) Eu tenho algo [muito ou tudo] contra <i>gays</i> .

Fonte: Elaboração própria

Essas paráfrases sintetizam, no jogo entre afirmação e negação, diferentes posições subjetivas em relação aos *gays*. Embora (i) e (ii) compartilhem a negação e (iii) se organize pela afirmação, no interior de uma FD da cis-heteronormatividade, (i) filia-se ideologicamente a um domínio de saber orientado pelo “não ter algo contra *gays*”, enquanto (ii) e (iii) se vinculam a outro domínio, definido pelo “ter, no mínimo, algo contra *gays*”. Em outras palavras, (i) e (ii) enunciam a mesma negação, mas a partir de razões distintas, já que divergem no modo como significam “ter algo contra *gays*”.

Como explica Indursky (1990, p. 119), “ao mobilizar enunciados produzidos por outros enunciadores, o sujeito com eles estabelece relações ideologicamente determinadas de identidade, similaridade, divergência, conflito, antagonismo, etc.”. Esse breve retorno ao método de elaboração de exemplos a partir de Ducrot (1987) permite identificar em (ii) um enunciado que, nos termos de Courtine (2009), governa as reformulações da posição Y nos recortes. É a partir dele que se engendra a repetibilidade da negação como forma de incorporação do discurso do outro, sustentando a argumentação cis-heteronormativa pela memória discursiva.

Quadro 3. Enunciado que governa a repetibilidade do *corpus*

Não tenho nada contra gays	No entanto, os gays dão motivos para lhes opor
	mas acho obsceno que eles exijam direitos especiais num país onde ninguém tem direito nenhum
	Mas por favor, não dizem que a gente interpreta mal a Bíblia sobre a vossa orientação sexual, ela é muito clara
	mas sou contra quem ataca a Santidade de Jesus, quem não respeita a religião alheia
	mas porque essa obsessão em estimular as crianças para o homossexualismo?

Fonte: Elaboração própria

Em AD, a argumentação constitui um observatório do político (Orlandi, 1998, p. 80). Trata-se de compreender “a argumentação, pensando-se os sujeitos, o político, a história e a ideologia. Enfim, o discurso” (Orlandi, 1998, p. 73). Nessa perspectiva, “o sujeito é um sujeito histórico, posição que se produz entre outras, entre diferentes discursos em relação regulada com a memória do dizer, trabalhada pelo esquecimento” (Orlandi, 1998, p. 77). Assim, “os próprios argumentos são produtos dos discursos vigentes, historicamente determinados” (Orlandi, 1998, p. 78). Os argumentos posicionados em Y funcionam, portanto, como modos de “[...] formulação que constituem as sequências discursivas como reformulações presas na rede de enunciados (domínios de saber) e na rede de lugares enunciativos (modos de dizer/modalidades enunciativas) que inscrevem o sujeito no fio do discurso” (Zoppi-Fontana, 1999, p. 21).

Como ritual do lugar de enunciação, “não-X, mas Y” permite ao sujeito negar “ter algo contra gays” mediante um preâmbulo que aparenta deslocamento em relação à posição cis-heteronormativa. No entanto, ao oferecer argumentos em Y, o sujeito reafirma essa posição, confirmando que “as filiações ideológicas já estão definidas e o jogo da argumentação não toca as posições dos sujeitos; ao contrário, deriva desse jogo, o significa” (Orlandi, 1998, p. 78). Dessa perspectiva, “o enunciado pode [...] ser definido como forma de articulação de elementos pré-construídos do discurso” (Courtine, 2009, p. 195), já que os elementos de Y reformulam, no espaço intradiscursivo da FD, o enunciado

– “Não tenho nada contra *gays*. No entanto, os *gays* dão motivos para lhes opor” –, que governa as reformulações.

Assim, a argumentação se apresenta como observatório da divisão do sujeito entre duas posições: a que precisa negar ter algo contra *gays* e a que precisa legitimar a distinção desigual entre *gays* e não-*gays*, efeito de sua filiação à ideologia cis-heteronormativa.

Podemos avançar na análise invertendo as estruturas sintáticas dos recortes, de modo a colocar os elementos em Y em posição referencial (predicável). Com isso, obtemos, em todos os recortes, o seguinte:

Quadro 4. Elementos na posição Y em posição referencial de destaque

	Y	X
R(1)	achar obsceno que exijam direitos especiais [...]	não é ter algo contra <i>gays</i>
R(2)	pedir que não apontem má interpretação bíblica sobre sexualidades dissidentes [...]	
R(3)	Opor-se a quem ataca a Santidade de Jesus [...]	
R(4)	questionar a obsessão em estimular crianças para o homossexualismo [...]	

Fonte: Elaboração própria

Essa inversão permite destacar o objeto da refutação e a disputa contrastiva entre dois quadros ideológicos em “interincompreensão” (Maingueneau, 1997, p. 119-121). Trata-se de um “enunciado dividido” (Courtine, 2009, p. 194), que assinala a não comutabilidade de elementos entre posições ideológicas distintas: o que significa “ter algo contra *gays*” em um domínio de saber significa “não ter algo contra *gays*” em outro, que refuta esse saber, no intradiscurso, por negação e predicação contrastiva.

Os recortes – (1), (2), (3) e (4) – mostram, pela negação, a presença de um enunciado de denúncia contra a homofobia, produzido na memória discursiva pelos movimentos de lutas políticas por emancipação sexual. O argumento “não tenho nada contra *gays*” responde diretamente a essa denúncia – quer tenha sido formulada e endereçada a tais sujeitos, quer funcione como saber que sustenta a FD antagônica: “quem é, diz ou faz X tem algo contra *gays*”.

Em AD, a negação é “um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos” (Indursky, 2013, p. 261). Enquanto “efeito sintático mínimo” (Pêcheux, 2014, p. 164), que articula duas representações, ela permite “investigar a presença do pré-construído como vestígio mais ou menos evidente do interdiscurso” (Indursky,

2013, p. 261). Discursivamente, a negação pode operar de três modos (Indursky, 2013): (1) negação externa, incidindo sobre o que não pode ser dito no interior da FD que domina o sujeito; (2) negação interna, incidindo sobre o que pode, mas não convém ser dito nesse domínio de saber; e (3) negação mista, que mobiliza simultaneamente ambas as incidências.

Como nosso objeto é a materialidade discursiva de “não-X, mas Y” – e não a negação em si –, tomamos o dispositivo de Indursky (2013) como inspiração para distinguir, na FD cis-heteronormativa, discursos antagônicos incorporados e discursos admitidos, mas ainda assim negados, contrastados ou refutados. Em todos os recortes, os processos externo e interno aparecem imbricados. Trata-se tanto do interdiscurso enquanto pré-construído, que apresenta objetos do discurso sob a forma de evidências, quanto do discurso transversal, que “cruza e conecta entre si os elementos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído (linearização dos dois membros da identificação contrastiva, articulação de dois membros linearizados por *mas* ou *ao contrário*)” (Courtine, 2009, p. 204-205).

O esquema abaixo representa a relação entre o discurso D1 e o discurso antagônico que o determina, D2.

Quadro 5. Esquema de relação entre D1 e D2

R(1)	D2	Quem não apoia a reivindicação dos gays por direitos é homofóbico	D1	Não tenho nada contra os gays, mas acho obsceno que eles exijam direitos especiais num país onde ninguém tem direito nenhum.
R(2)	D2	Os cristãos não compreendem sua própria Bíblia Sagrada, que manda não julgar e amar o próximo como a si mesmo, por isso são homofóbicos	D1	Não tenho nada contra os Gay's [...] Mas por favor, não dizem que a gente interpreta mal a Bíblia sobre a vossa orientação sexual, ela é muito clara.
R(3)	D2	Jesus Cristo foi perseguido, torturado e morto pelos religiosos dominantes de sua época, assim como os religiosos dominantes de nossa época fazem com LGBT+. Por isso, Jesus é travesti.	D1	Não tenho nada contra gays [...] mas sou contra quem ataca a Santidade de Jesus [...] A posse do ladrão [...] terá apresentação do cantor que chamou JESUS CRISTO de gay
R(4)	D2	É preciso combater a discriminação contra LGBT+ com educação sexual desde a idade escolar, para que a próxima geração de brasileiros não seja preconceituosa	D1	Não tenho nada contra gays [...] mas por que essa obsessão em estimular as crianças para o homossexualismo? [...] É ainda a tem gente que diz que esse negócio de <i>kit gay</i> não existe.

Fonte: Elaboração própria

Indursky (2013) observa que a negação externa pode incidir sobre o discurso do outro ou sobre o pré-construído desse discurso. É deste último caso o funcionamento da materialidade discursiva de “não-X, mas Y” que destacamos. Na coluna de D2, temos pré-construídos aproximativos retomados em eco por D1, posição ideológica assumida nos recortes. Aqui se reproduz o que diz Courtine (2009, p. 209) sobre a “tomada pela palavra obrigatória, em eco”. É nesse ponto que se pode compreender a ordem da articulação entre a negação descritiva e a negação polêmica em Ducrot (1987). O “diálogo cristalizado subjacente à negação polêmica” (Ducrot, 1987, p. 204) descrito pelo autor na negação descritiva se apresenta como eco de um D2 que determina o sujeito de D1, levando-o a produzir negações isoladas – descritivas, “um derivado delocutivo da negação polêmica” (Ducrot, 1987, p. 204) – mas que, discursivamente, respondem à necessidade de manter coerência com o quadro ideológico a que pertence.

Para Pêcheux (2009, p. 24), uma FD “é constitutivamente perseguida por seu outro”. Assim, a contradição que move todo discurso não decorre apenas do contraste entre diferentes *corpora*, mas da sobredeterminação que instala o confronto com a alteridade na própria materialidade discursiva. Em AD, o discurso é sempre ele mesmo e, simultaneamente, seu contrário, o discurso-outro. Como explica Pêcheux (2015, p. 54), esse discurso-outro, “enquanto presença virtual na materialidade descritível da sequência, marca, do interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço social e da memória histórica, logo como o próprio princípio do real sócio-histórico”.

Nos recortes que compõem D1, observa-se o esforço em “desqualificar princípios que embasam e legitimam o discurso do outro” (Indursky, 2013, p. 275-276). Essa operação incide “sobre um discurso mais espesso, porque fundante, pois atesta a ideologia que está na base de D2” (Indursky, 2013, p. 275). O discurso de D2 emerge de um quadro ideológico que o sujeito de D1 não pode conceber. Como mostra Indursky (2013, p. 277), tal operação “[...] acarreta consequências, pois negar o não dito do outro faculta ao sujeito de D1 sugerir um pré-construído que, de fato, não pertence à rede de formulação de D2, ou distorcer outros que, de fato, aí se encontram”.

É o que se nota em cada recorte. Em R(1), os *gays* não querem direitos, mas “direitos especiais” por meio de “exigências obscenas”. Em R(2), em uma postura anti-hermenêutica, afirma-se que a Bíblia é clara sobre orientação sexual e não pode ser objeto de má interpretação. Em R(3), a comparação entre “Jesus” e “travesti”, que em D2 é forma de enaltecer a resistência das travestis, aparece em D1 como ofensa, ataque e desrespeito. Nesse mesmo recorte, “travesti” converte-se em “gay” por efeito da indistinção entre identidade de gênero e orientação sexual no discurso cis-heteronormativo. Por fim, em R(4), a “educação sexual nas escolas” é distorcida em “obsessão em estimular as crianças para o homossexualismo”, produzindo “*kit gay*”, configurado como “objeto moral” no discurso (cf. Fatima, 2025).

Como conclui Indursky (2013, p. 278), “a passagem de D2 para D1 não se faz sem perdas nem distorções”. É o que se observa nas “divergências conceituais” (p. 279) em torno de “direitos” (R1), “interpretação bíblica” (R2), “simbologia cristã” (R3) e “educação sexual nas escolas” (R4). Esse funcionamento produz, no interior da FD cis-heteronormativa, um mecanismo de recusa ao próprio conceito de homofobia – conceito sustentado em outra FD, das lutas de emancipação sexual.

Ao elaborarmos os exemplos (ii) e (iii) – um negando e o outro afirmando “ter algo contra gays” –, temos “dois diferentes posicionamentos subjetivos no interior de um mesmo quadro ideológico” (Indursky, 2013, p. 281). É importante ter em vista que “identidade ideológica não garante posicionamentos idênticos” (Indursky, 2013, p. 283). Assim, a FD da cis-heteronormatividade abriga tanto sujeitos que assumem explicitamente a homofobia quanto aqueles que a negam e, ao mesmo tempo, a mantêm – ou seja, que a denegam.

É preciso, portanto, considerar que “mudanças nas condições de produção determinam transformações na FD, as quais se evidenciam na prática discursiva” (Indursky, 2013, p. 284). No caso de nosso *corpus*, a afirmação direta de “ter algo contra gays” em uma postagem pública de Facebook tende a se tornar cada vez mais rara, seja porque a homotransfobia foi equiparada ao crime de racismo, seja porque a atuação política dos movimentos sociais de combate às discriminações inibe manifestações explícitas dessa posição ideológica.

Outro fator é que o sujeito da FD da cis-heteronormatividade se reconhece como moralmente e juridicamente “do bem”, correto, cristão. Assumir publicamente uma conduta preconceituosa não convém, seja pela imagem pública que deseja preservar, seja pela relação com saberes que o interpelam em sua posição, a forma-sujeito de sua FD. É nessas condições que o sujeito nega “ter algo contra gays” pela metade, mostrando-se dividido no lugar que ocupa no discurso. Daí emerge a negação em primeira pessoa, formulada como recusa à identidade homofóbica, mas que funciona discursivamente como denegação.

Comentando a teoria psicanalítica, Indursky (1990, p. 118) observa que, “através da denegação, o sujeito diz sem, de fato, dizer, apresentando-se dividido entre seu desejo de dizer e sua necessidade de recalcar. A denegação permite verbalizar essa divisão, pois o sujeito, ao formular negativamente o recalçado, pode expressá-lo sem admiti-lo”. A denegação se instaura “quando o sujeito nega um comportamento seu que não reconhece, deixando-o recalçado em seu inconsciente” (Indursky, 1990, p. 120). A diferença em relação à psicanálise, entretanto, é que, em AD, o sujeito é “fragmentado, descentrado e disperso”, mas “ideologicamente constituído” (Indursky, 1990, p. 119).

De forma paralela à denegação psicanalítica, a AD define a denegação discursiva como a “negação que incide sobre um elemento do saber próprio à FD que afeta o sujeito do discurso” (Indursky, 1990, p. 120). Trata-se da negação que incide “sobre fatos que podem ser ditos, mas que, por razões conjunturais, são denegados” (Indursky, 1990, p. 120). Embora o sujeito desses recortes possa dizer que “tem algo contra os *gays*” – e, de fato, isso se deixa entrever na posição Y das formulações –, ele insiste em negar tal posição. Ocorre, assim, o efeito de denegação, entendido como “ocultação de um comportamento admitido pela FD a que o enunciado está vinculado” (Indursky, 1990, p. 121).

Sob esse ângulo, os lugares de enunciação permitem observar “a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos da produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade” (Zoppi-Fontana, 1999, p. 16). Ainda que essa estrutura distribua de forma desigual os lugares e as posições no interior da cis-heteronormatividade, as FD permanecem submetidas a domínios de saber antagônicos pelo interdiscurso. Por isso, as FD “não têm outra existência se não a de uma unidade dividida; e se devemos atribuir-lhes uma fronteira, convém logo precisar que essa fronteira passa no interior delas próprias” (Courtine, 2009, p. 209).

Considerações finais: não tenho nada contra *gays*; nem a favor; muito pelo contrário

As formulações analisadas mostram que a forma sintática “não-X, mas Y” engendra, pelo lugar de enunciação, um dispositivo de autodefesa e de legitimação, articulando negação e predicação para sustentar a posição ideológica cis-heteronormativa. A negação inicial (“não tenho nada contra *gays*”) responde ao pré-construído de denúncia contra a homofobia instalado na memória discursiva; o segmento introduzido por “mas” reconduz a formulação ao interior da FD dominante, fornecendo razões para a oposição (“direitos especiais”, “ofensa à santidade”, “obsessão nas escolas” etc.). Assim, a orientação argumentativa de “mas” requalifica a enunciação: o que se anuncia como tolerância opera, de fato, como denegação.

Nesse funcionamento, o sujeito aparece dividido entre a necessidade de recusar o rótulo de homofóbico e o desejo de manter a distinção desigual entre *gays* e não-*gays* no discurso. A denegação emerge quando o dizer “não ter nada contra” convive com a justificativa para “ter, ao menos, algo contra”, deslocado o foco para Y e estabilizado o ritual enunciativo de refutação. A FD cis-heteronormativa constrói a crítica precedida pelo preâmbulo exculpatório e pela impossibilidade de afirmar-se não-contrário sem um “porém” – o que indica a eficácia da interpelação ideológica ao conter o deslizamento do efeito de sentido de “não-contrário” para “favorável”.

O confronto com o discurso-outro é constitutivo desse arranjo. Ao negar em eco enunciados de uma FD antagonista, os recortes reconstróem o dizer exterior de modo a torná-lo refutável e, assim, reafirma-se uma posição ideológica nas relações políticas e sociais atravessadas por identificações relativas à sexualidade. Esse é um efeito paradoxal: quanto mais nega ser homofóbico, mais o sujeito se encontra determinado pelo discurso que pretende recusar.

Em suma, “não-X, mas Y” é uma base de reformulação que organiza vozes de modo desigual, produzindo um sujeito que precisa negar ser homofóbico para poder exercer a homofobia discursivamente. É nesse ponto que o título destas considerações finais emerge: não se trata de ser “contra” nem “a favor”, mas de sustentar – muito pelo contrário – a permanência contraditória da cis-heteronormatividade no discurso do sujeito, sob a forma de uma tolerância condicionada e irrealizada. Dentro dos limites do *corpus*, descrevemos e interpretamos esse mecanismo; cabe, em pesquisas futuras, verificar sua recorrência em outros domínios discursivos filiados à mesma formação ideológica.

Referências

ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. *Langages*, [S. l.], n. 42, p. 5-27, 1976.

COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.

DIAS, C. O texto plataformizado. *SCRIPTA* (PUCMG), v. 28, p. 156-187, 2024.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. In: DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, O. *Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.

FATIMA, W. da S. de. *Lugares de enunciação e objetos morais na textualização do discurso bolsonarista no Facebook (2011–2022)*. 2025. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2025.

FATIMA, W. da S. de. Objetos paradoxais no discurso político plataformizado: “sexualidade” e “escola” na circulação algorítmica. *Revista Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 26, p. 1-21, 2026.

FATIMA, W. da S. de. Uma análise argumentativa do sentido de “homofobia” na enunciação de Jair Bolsonaro (2014). *RUA*, Campinas, v. 27, p. 411-433, 2021.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos de arquivo. In: GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D.; ROBIN, R. (org.). *Discurso e arquivo: experimentações em análise do discurso*. Tradução Carolina Fedatto; Paula Chiaretti. Campinas: Editora da Unicamp, 2016. p. 115-140.

GUIMARÃES, E. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2001.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e outras vozes*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

INDURSKY, F. Polêmica e denegação: dos funcionamentos da negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 117-122, 1990.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 1997.

MARIANI, B. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ORLANDI, E. P. Discurso e argumentação: um observatório do político. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, n. 1, p. 73-81, jul./dez. 1998.

ORLANDI, E. P. Segmentar ou recortar? *Linguística: questões e controvérsias*, Uberaba, n. 10, p. 9-26, 1984.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. O enunciado: encaixe, articulação e (des)ligação. In: CONEIN, B. et al. (org.). *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, p. 227-236, 2016.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, p. 21-26, 2009.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Acontecimento, arquivo, memória: às margens da lei. *Revista Leitura*, Maceió, n. 30, p. 175-205, 2002.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Lugares de enunciação e discurso. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 15-24, 1999.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Transformações da fala pública: do porta-voz autorizado aos tuítes do filho amado. In: Castello Branco et al. (Org.). *Entrenós, da língua, do sujeito, do discurso: uma homenagem a Bethania Mariani*. 1 ed. Campinas/SP: Pontes editores, v. 1, p. 29-52, 2022.

Sujeitos arbitrários e genéricos na diacronia do Português Brasileiro

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3891>

Crístian Quintanilha Ferreira¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é verificar as estratégias de indeterminação do sujeito no português brasileiro diacronicamente, distinguindo as de referência arbitrária e as de referência genérica, de acordo com as propostas de Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) e de Holmberg e Phimsawat (2017). Com base nessas propostas, distribuímos as estratégias em três grupos, o que possibilita analisar aquelas que de fato estão em variação: (i) eles, se_{arb} e $zero_{arb}$ (arbitrários – referência exclui o falante e o interlocutor); (ii) nós e a gente (genéricos semi-inclusivos – referência inclui o falante, mas não necessariamente o interlocutor); e (iii) você, se_{gen} e $zero_{gen}$ (genéricos inclusivos – referência inclui o falante e o interlocutor). Utilizando uma amostra de cartas pessoais de missivistas nascidos nos séculos XIX e XX, verificamos a implementação de estratégias inovadoras, além das que constam nas Gramáticas Tradicionais (GT), ao longo do tempo para veicular os diferentes graus de referência indeterminada e o aumento da representação plena das estratégias pronominais.

Palavras-chave: sujeitos indeterminados; parâmetro do sujeito nulo; português brasileiro.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; cristianqferreira@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0005-0724-2285>

Arbitrary and generic subjects in the diachrony of Brazilian Portuguese

Abstract

The aim of this work is to investigate the strategies of subject indeterminacy in Brazilian Portuguese diachronically, distinguishing between those of arbitrary reference and those of generic reference, according to the proposals of Marins, Soares da Silva, and Duarte (2017) and Holmberg and Phimsawat (2017). Based on these proposals, we distributed the strategies into three groups, which makes it possible to analyze those that are in fact in variation: (i) *eles*, *se_{arb}*, and *zero_{arb}* (arbitrary – reference excludes the speaker and the addressee); (ii) *nós* and *a gente* (generic semi-inclusive – reference includes the speaker, but not necessarily the addressee); and (iii) *você*, *se_{gen}*, and *zero_{gen}* (generic inclusive – reference includes the speaker and the addressee). Using a sample of personal letters from letter writers born in the 19th and 20th centuries, we verified the implementation of innovative strategies, in addition to those found in Traditional Grammars (TGs), over time to convey the different degrees of indeterminate reference and the increase in the full representation of pronominal strategies.

Keywords: indeterminate subjects; null subject parameter; Brazilian Portuguese.

Introdução

O português brasileiro apresenta uma variedade de estratégias de indeterminação, além das duas que constam nas Gramáticas Tradicionais (clítico *se* e sujeito nulo de terceira pessoa do plural), o que alguns trabalhos têm relacionado à mudança no valor do parâmetro do sujeito nulo (cf. Duarte, 1995; Cavalcante, 1999; Vargas, 2010; Duarte; Marins, 2021). Os estudos, sobretudo aqueles que se debruçam sobre a fala, mostram que as estratégias mais utilizadas atualmente são *você* e *a gente*, formas nominativas preferencialmente plenas, um comportamento não esperado para as línguas de sujeito nulo consistente.

As estratégias de indeterminação, no entanto, não formam uma única variável linguística, uma vez que não veiculam o mesmo significado, apresentando características semântico-discursivas e formais distintas entre elas. Nosso objetivo com o presente artigo é, portanto, focalizar a sintaxe dos sujeitos indeterminados, analisando a variação das estratégias ao longo do tempo, de acordo com o tipo de referência que veiculam, genérica ou arbitrária, e sua representação nula ou plena. Para reagrupar as estratégias e verificar aquelas que de fato estão em variação, utilizamos as propostas de Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) e de Holmberg e Phimsawat (2017), a partir das quais se estabelecem três grupos: (i) as estratégias que veiculam referência arbitrária, que exclui o falante e o interlocutor (*eles*, *se_{arb}*, *zero_{arb}*); (ii) referência genérica semi-inclusiva,

que inclui o falante, mas não necessariamente o interlocutor (*nós, a gente*); e referência genérica inclusiva, que inclui o falante e o interlocutor (*você, se_{gen}, zero_{gen}*). Por hipótese, esperamos encontrar a implementação das estratégias inovadoras nas cartas pessoais para veicular os diferentes graus de indeterminação, substituindo cada vez mais as formas canônicas, e o aumento quantitativo da representação plena (*versus* nula) das estratégias pronominais ao longo do tempo, a fim de capturar a mudança no parâmetro do sujeito nulo no PB em nosso *corpus*.

Em relação ao nosso aporte teórico, utilizamos os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 1972; 1994), enquanto uma teoria da variação e mudança que fornece um aparato teórico-metodológico para lidar com os dados empíricos da língua, e da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) como uma teoria linguística necessária para levantar hipóteses, grupos de fatores e melhor explicar os dados obtidos. Tal associação foi proposta por Tarallo (1987) e tem rendido bons frutos desde então para a descrição linguística. O *corpus* utilizado é constituído de amostras de cartas pessoais de missivistas nascidos nos séculos XIX e XX, que fazem parte do Corpus Histórico da Língua Portuguesa (HistLing), organizado por Célia Lopes (UFRJ)². Os missivistas foram distribuídos em sete períodos de tempo de acordo com a data de nascimento, visto que, dentro do quadro teórico gerativista, a mudança ocorre na fase de aquisição da linguagem.

O artigo se organiza da seguinte maneira: feita a introdução, na seção “Português Brasileiro: uma gramática de sujeitos preferencialmente plenos”, serão abordados os trabalhos sobre a remarcação no valor do parâmetro do sujeito nulo. Adiante, na seção “Indeterminação: referência genérica x arbitrária”, serão comentadas as propostas que sustentarão nossa análise na distinção entre referência genérica e referência arbitrária; na seção “Os sujeitos arbitrários e genéricos em perspectiva diacrônica”, serão apresentados os nossos resultados; e na última seção constam nossas considerações finais, seguidas das referências bibliográficas.

Português Brasileiro: uma gramática de sujeitos preferencialmente plenos

Diferentes estudos em sintaxe têm demonstrado que o Português Brasileiro (doravante PB) passou por uma mudança em relação ao valor do parâmetro do sujeito nulo (PSN). Consequentemente, são atestados altos índices de sujeitos plenos e cada vez menos sujeitos nulos nos mais diferentes contextos (cf. Duarte; Marins, 2021), tanto os de referência definida quanto os de referência indefinida/indeterminada. Além disso, verifica-se o uso de novas estratégias de indeterminação do sujeito, sobretudo as formas

² As cartas estão parcialmente disponíveis no *site* do projeto <https://histling.lettras.ufrj.br>.

nominativas plenas *você* e *a gente* na fala, acompanhando a tendência de preenchimento da posição de sujeito.

Dentre esses trabalhos, vale a pena retomar o de Tarallo (1983), que, embora tenha como foco principal as orações relativas, já mostrava uma interessante mudança quantitativa em relação à retenção ou supressão pronominal em posição de sujeito e de objeto direto. Os resultados do trabalho constam na tabela 1.

Tabela 1. Porcentagem de retenção pronominal nas posições de sujeito e objeto direto

	1725	1775	1825	1880	1981
Sujeito	23,3%	26,6%	16,4%	32,7%	79,4%
Objeto direto	89,2%	96,2%	83,7%	60,2%	18,2%

Fonte: adaptado de Tarallo (2018 [1993], p. 66)

Esse resultado mostra praticamente uma inversão em termos percentuais se compararmos o primeiro período e o último. Observamos que, em posição de sujeito, a retenção pronominal é de 23,3% em 1725 e atinge 79,4% em 1981. Em posição de objeto direto, o oposto é atestado: 89,2% de retenção em 1725 e 18,2% em 1981. Dessa forma, o estudo revela que no PB a preferência passa a ser sujeitos expressos e objetos direto (OD) nulos, como no exemplo (1) em que o referente “João” é retomado por uma categoria vazia na função de OD do verbo *escutar* e pelo pronome expresso *ele* na função de sujeito de *falar*.

1. Eu não sei como as pessoas conseguem ouvir [o João] no telefone. Às vezes eu estou do lado dele e não estou escutando Ø. Parece que ele não está falando. (SP81-1-k-9/10) (Tarallo, 2018 [1993], p. 64)

Utilizando um *corpus* de peças teatrais populares dos séculos XIX e XX, Duarte (1993) relaciona a mudança na expressão dos sujeitos à redução do paradigma flexional. A partir dos dados obtidos, a autora observa a existência de três paradigmas, exemplificados no quadro 1.

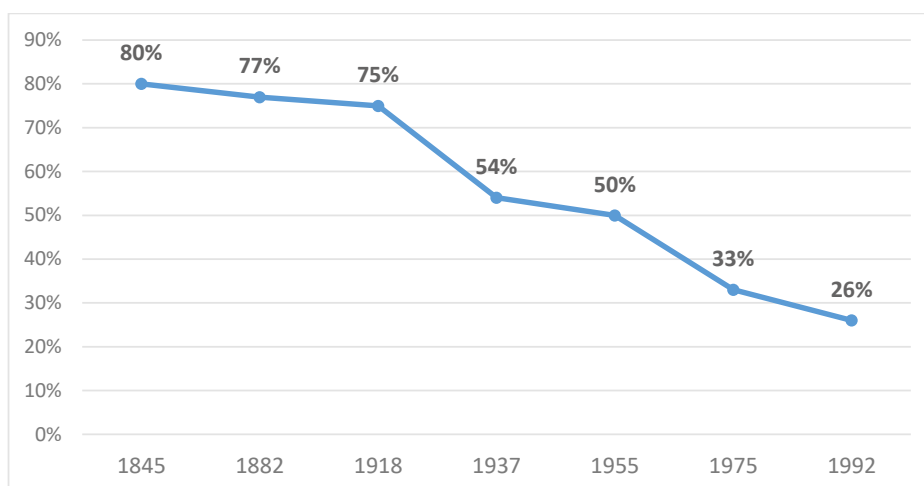
Quadro 1. Redução do paradigma flexional no Português Brasileiro

	Pronomes nominativos	Paradigma 1 Séc. XIX	Paradigma 2 Séc. XX/1	Paradigma 3 Séc. XX/2
1PS	Eu	cant <u>o</u>	cant <u>o</u>	cant <u>o</u>
1PP	Nós	cantam <u>os</u>	cantam <u>os</u>	cantam <u>os</u>
	a gente	-	canta <u>Ø</u>	canta <u>Ø</u>
2PS	Tu	cant <u>a</u> s	cant <u>a</u> s	canta(<u>s</u>)
	Você	-	canta <u>Ø</u>	canta <u>Ø</u>
2PP	Vós	cant <u>a</u> is	-	-
	Vocês	cant <u>a</u> m	cant <u>a</u> m	canta(<u>m</u>)
3PS	ele, ela	canta <u>Ø</u>	canta <u>Ø</u>	canta <u>Ø</u>
3PP	eles, elas	cant <u>a</u> m	cant <u>a</u> m	canta(<u>m</u>)

Fonte: Adaptado de Duarte (2018 [1993], p. 85)

Foi verificado que no Paradigma 1 havia seis formas verbais distintas, que se reduz a três e às vezes quatro formas no Paradigma 3, após a entrada de *você* e *a gente* no quadro pronominal. Além disso, enquanto o Paradigma 1 estava em vigor, nas peças de 1845 a 1918, observou-se os maiores índices de sujeito nulo: 80%, 77% e 75%. Nas peças de 1937 e 1955, quando estamos diante do Paradigma 2, os índices caem para 54% e 50%, respectivamente. Por fim, quando a redução do paradigma flexional atinge seu ápice, com o Paradigma 3, os índices de sujeitos nulos caem para 33% e 26% em 1975 e 1992.

Gráfico 1. Sujeitos nulos (vs. expressos) ao longo do tempo em peças teatrais



Fonte: Adaptado de Duarte (2018 [1993], p. 88)

No âmbito da fala, Duarte (1995) argumenta que o PB perdeu o Princípio Evite Pronome (Chomsky, 1981) que, em resumo, postula que nas línguas *pro-drop* os sujeitos pronominais devem ser nulos sempre que sua plena identificação seja possível. O resultado de seu trabalho mostra uma clara preferência por sujeitos expressos na fala culta carioca, mesmo em contextos em que um sujeito nulo seria esperado numa língua [+sujeito nulo]: 71% de sujeitos plenos contra 29% nulos. Os exemplos abaixo foram retirados desse trabalho.

2. Mesmo que **eu** não fizesse o pré-vestibular, **eu** acho que **eu** passaria por causa da base que **eu** tinha.

3. Aí **você**s vão entrar em atrito porque **você**s vão começar a brigar.

4. Essa minha tia que mora aqui, **ela** é solteirona e eu acho que **ela** é super feliz, sabe? Eu não acho que **ela** seria feliz assim... **Ela** é uma pessoa que ajuda os outros pra caramba. **Ela** não ficou solteira porque não apareceu pretendente. **Ela** ficou solteira porque **ela** quis.

O trabalho de Duarte (1995) mostra ainda que um dos “efeitos colaterais” dessa mudança foi o surgimento de novas estratégias de indeterminação do sujeito, além das duas canônicas que constam nas Gramáticas Tradicionais (se e sujeito nulo de terceira pessoa do plural), sobretudo as formas expressas *você* e *a gente* na fala dos mais jovens. Além disso, foi atestado um índice de 65% de sujeitos indeterminados preenchidos (exemplos 5, 6, 7 e 8), uma porcentagem bem parecida com a dos sujeitos de referência definida.

5. Quando **você** é menor, **você** não dá muito valor. **Você** acha que criança é só pra encher o saco, né? [...] Na fase que **você** ‘tá na adolescência, **você** ‘tá na praia, vem criança, te joga areia, **você** não vai entender que, pô, isso é da criança.

6. Hoje em dia, quando **a gente** levanta as coisas, é que **a gente** vê tudo o que aconteceu. Mas na época **a gente** não podia acreditar [...]. **A gente** não acreditava nisso, primeiro porque **a gente** era novo.

7. O que eu acho de fundamental importância é [...] que se dê prioridade ao trabalho técnico pra que a gente deixe o aspecto político partidário para uma segunda etapa, quando **nós** já tivermos um resultado prático da ação das áreas técnicas. [...]. (Rádio)

8. O Grajaú **eles** ‘tão asfaltando, melhorando também. [...] Aquela rua Teodoro da Silva, **eles** ‘tão recapeando ela também. A Avenida das Américas, **eles** ‘tão recapeando ela toda, né?!

Dentre essas novas estratégias, destaca-se ainda a que Duarte (1995) chamou de estratégia “zero”, caracterizada pelo uso de um sujeito nulo associado a uma forma verbal na terceira pessoa do singular com referência indeterminada (9, 10), uma característica primeiramente notada por Galves (1987) e analisada por outros estudos posteriormente (cf. Cavalcante, 2007; Lunguinho; Medeiros Júnior, 2009). Essas construções não são possíveis no Português Europeu (PE) nem em outras línguas do grupo românico e vêm

sendo utilizadas por alguns autores na literatura como argumento para a inclusão do PB no grupo de língua de sujeito nulo parcial (cf. Holmberg, 2010), embora isso não seja um consenso (cf. Duarte; Marins, 2021).

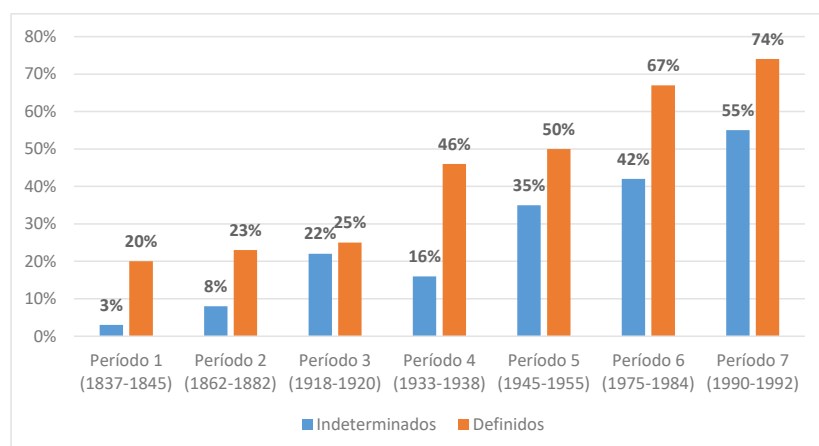
9. Nos nossos dias não *Ø* usa mais saia. (Galves, 2001)

10. Antigamente tinha... *Ø* punha a mesa pra tomar lanche ... quando eu era criança, punha-se a mesa pra tomar lanche... quatro horas *Ø* punha a mesa. (Duarte, 1995).

Cavalcante (1999) verificou que essas estratégias de indeterminação inovadoras já estavam sendo implementadas também na escrita padrão ao analisar textos jornalísticos dos séculos XIX e XX, embora tenha sido atestada uma curva ascendente no uso de se ao longo do tempo, muito provavelmente em decorrência da pressão normativa sobre esse domínio discursivo. Além disso, apesar de não atestar um grande aumento nos índices de sujeitos indeterminados plenos no geral, observou-se que houve um aumento significativo nas crônicas nos dois últimos períodos (entre 1964-1968 e 1996-1998), de 7% para 34%, enquanto nos editoriais e nos artigos de opinião os índices permaneceram relativamente estáveis. De acordo com a autora, isso ocorre porque a crônica é menos formal em relação aos outros dois gêneros analisados e, portanto, constitui um contexto mais propício para a implementação das mudanças já ocorridas na fala.

Utilizando o mesmo *corpus* de peças teatrais de Duarte (1993), Vargas (2010) também verifica a implementação das novas estratégias de indeterminação e preferência por sujeitos indeterminados expressos. O gráfico 2 mostra uma comparação entre a expressão dos sujeitos de referências definida e indeterminada nas peças, com base nos resultados de Duarte (1993) e Vargas (2010).

Gráfico 2. Expressão plena (vs. nula) dos sujeitos de referências definida e indeterminada ao longo do tempo em peças teatrais



Fonte: elaboração própria com base nos resultados de Duarte (1993) e Vargas (2010)

Em suma, as pesquisas mostram que o PB passou por uma mudança na marcação do valor do parâmetro do sujeito nulo e é atualmente caracterizado como uma gramática de sujeitos preferencialmente expressos. Consequentemente, novas estratégias de indeterminação são utilizadas, como *você* e *a gente*, também preferencialmente expressas.

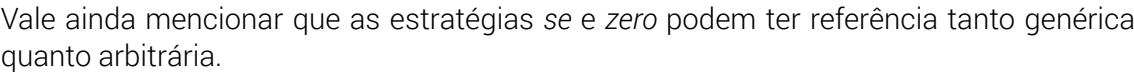
Indeterminação: referência genérica x arbitrária

Até aqui, viemos chamando o nosso objeto de estudo de sujeitos “indeterminados”. Entretanto, este é um termo que abrange diferentes graus de indeterminação, sendo possível distinguir os sujeitos de referência genérica e os de referência arbitrária. Levando em conta aspectos formais, Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) propõem uma análise gradiente das estratégias de indeterminação com base nos traços-*phi*. O resultado é um *continuum* em que numa extremidade estão as estratégias que veiculam a referência arbitrária, que apresentam os traços-*phi* [+3ª pessoa / +plural] (*eles*, *se_{arb}* e *zero_{arb}*), e, na outra, as que veiculam referência genérica, com os traços [+3ª pessoa / +singular] (*você*, *se_{gen}* e *zero_{gen}*). Entre os dois extremos da escala, há ainda as estratégias de referência genérica com os traços [+1ª pessoa / +plural] (*nós* e *a gente*), que apresentam uma referência um pouco mais específica. Os autores, no entanto, chamam atenção ao fato de que, quando a estratégia apresenta o traço [+3ª pessoa], como *se* e *zero*, outros traços, como o de perfectividade, podem estar em jogo para definir uma leitura arbitrária ou genérica.

Já observando aspectos semântico-discursivos, Holmberg e Phimsawat (2017) também propõem uma tripartição que divide as estratégias em três grupos: inclusivos, semi-inclusivos e exclusivos. Assim, são chamadas de “inclusivas” as estratégias cuja referência inclui tanto o falante quanto o interlocutor; de “semi-inclusivas” as que necessariamente incluem o falante, mas podem ou não incluir o interlocutor³; e de “exclusivas” as que excluem tanto o falante quanto o interlocutor.

Consideramos que ambas as propostas não se anulam e, pelo contrário, se complementam, assim como mostram Duarte e Marins (2021). A conciliação das duas propostas pode ser melhor esquematizada no gradiente a seguir.

3 Repare que a sentença “we like smoked fish in Finland” (“nós gostamos de peixe defumado na Finlândia”), retirada de Holmberg e Phimsawat (2017), apresenta uma leitura que pode ser parafraseada como “nós, finlandeses, em geral, gostamos de peixe defumado”, e, se proferida por um finlandês a um estrangeiro, a referência de *we* inclui necessariamente o falante, mas não o seu interlocutor.



12. Aqui com 16 anos já $\emptyset_{\text{gen}}$ pode dirigir! (ML-08-09-1978-A)

14. Hoje de manhã fomos a missa, mas desta vez foi num parque, porque era dia festivo. É engraçado porque primeiro $\emptyset_{arb}$ serve comida e depois há celebração. (ML-22-07-1978)

Em (11), se se refere a qualquer pessoa, isto é, pode-se dizer que a missivista chegou até o ponto máximo a que qualquer pessoa pode chegar. Da mesma forma, em (12), a estratégia *zero* tem como referência qualquer pessoa a partir de 16 anos e a possibilidade de elas já poderem dirigir no local em que a missivista se encontra (neste caso, nos Estados Unidos, para um intercâmbio). Por fazer referência a um grupo de indivíduos *quasi-universal*, incluindo o próprio falante/missivista e o seu interlocutor, a referência de *se* e *zero* em (11) e (12) é genérica. Por outro lado, em (13), se faz referência a alguém não especificado que será responsável pela celebração das missas gregorianas, e, em (14), *zero* se refere a alguém, também não especificado, que serve a comida. Repare ainda que, em ambos os exemplos, o falante e o interlocutor são excluídos da referência. Portanto, em (13) e (14) as estratégias apresentam referência arbitrária.

Os resultados de fala, tanto de Marins, Soares da Silva e Duarte (2017) quanto de Duarte e Marins (2021), mostram que atualmente existe uma estratégia preferida para veicular cada tipo de referência no PB, preferencialmente as formas pronominais plenas. Isto é, *eu* é a mais utilizada para a referência arbitrária, *a gente* para a genérica semi-inclusiva, e *você* para a genérica inclusiva, o que vai ao encontro da hipótese de remarcação do parâmetro do sujeito nulo no PB. Resta observar a variação entre as estratégias de cada grupo sob uma perspectiva diacrônica a fim de capturar a implementação da mudança paramétrica, o que esse trabalho se propõe a fazer.

Os sujeitos arbitrários e genéricos em perspectiva diacrônica

Nesta seção, serão apresentados os nossos resultados sobre as estratégias de indeterminação nas cartas pessoais, com respeito ao tipo de referência que veiculam em cada subseção. Serão dados exemplos e em seguida os resultados quantitativos. Primeiramente, comentaremos os sujeitos arbitrários.

Os sujeitos arbitrários – referência exclusiva (*eles*, *se_{arb}*, *zero_{arb}*)

15. Eu passei na escola! Tive que estudar muito. Aqui **eles** tratam os bolsistas como um estudante comum. (ML-03-06-1979)

16. Hoje haverá procissão solemne, na qual **se_{arb}** levará a veneranda imagem, e á qual acompanharão alem de sete bispos, muitas pessoas gradas e illustres. (18-fPFM-07-03-1921)

17. Na conversa com as amigas soube q. ela exigiu na hora do parto, qdo já anestesiada na espinha q, $\emptyset_{arb}$ a cortasse para q. $\emptyset_{arb}$ cosesse e ela ficasse como se fosse virgem, o médico ficou pasmo, mas achou q. ela tem razão, faz tudo de uma vez. (107-FB-22-01-1980)

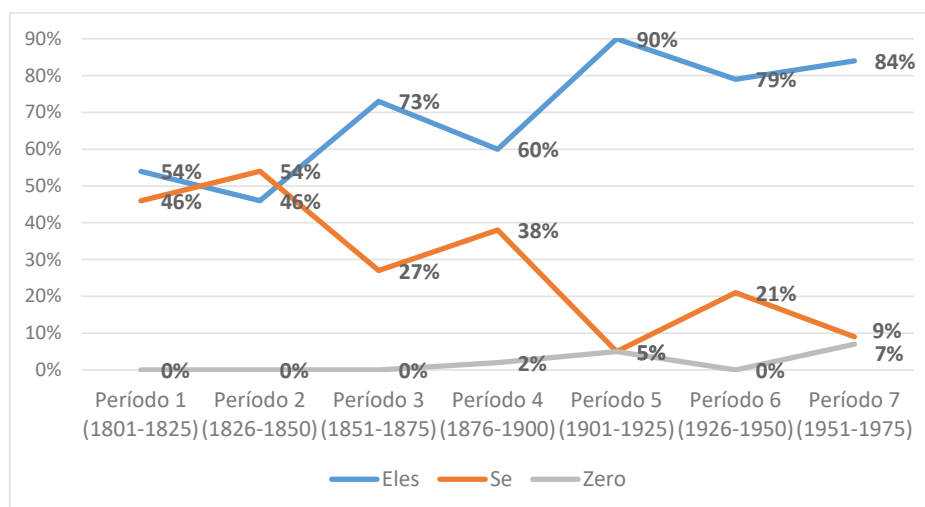
Tabela 2. Estratégias de referência arbitrária ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
<i>Eles</i>	54% (13/24)	46% (19/41)	73% (27/37)	60% (58/97)	90% (34/38)	79% (45/57)	84% (61/73)
<i>Se_{arb}</i>	46% (11/24)	54% (22/41)	27% (9/37)	38% (37/97)	5% (2/38)	21% (13/57)	9% (7/73)
<i>Zero_{arb}</i>	-	-	-	2% (2/97)	5% (2/38)	-	7% (5/73)

Fonte: Elaboração própria

Observamos que, nos dois primeiros períodos, as estratégias *eles*, quase categoricamente nulo, e *se_{arb}* pareciam se alternar para expressar referência arbitrária, um comportamento esperado para as línguas de sujeito nulo consistente (Duarte; Marins, 2021, p. 11). A partir do Período 3, passamos a observar cada vez mais a preferência pela forma *eles*, que permanece com índices relativamente estáveis nos três últimos períodos. Por outro lado, a estratégia se vai caindo em desuso cada vez mais, atingindo índices abaixo de 10% nos períodos 5 e 7. Finalmente, é válido mencionar que, no período 4, surgem os primeiros dados da estratégia *zero_{arb}*, que, apesar de apresentar índices baixos, é uma característica inovadora que afasta mais ainda o PB do PE e das outras línguas românicas. Esses resultados também estão ilustrados no gráfico 3, em que fica mais visível a curva ascendente de *eles* sobre as outras estratégias.

Gráfico 3. Sujeitos arbitrários (referência exclusiva) ao longo do tempo em cartas pessoais



Fonte: elaboração própria

É importante mencionar ainda que, a partir do Período 5, a estratégia *eles* passa a ser cada vez mais representada como um pronome pleno (exemplos 18, 19, 20), chegando a 46% de preenchimento no último período, conforme mostra a tabela 3. Esse resultado é interessante porque mostra a perda das estratégias “canônicas” que constam nas Gramáticas Tradicionais (claramente baseadas no PE), *se* e sujeito nulo + verbo na terceira pessoa do plural, e o que podemos dizer que é a emergência, na escrita, de uma gramática própria de um português brasileiro, com sujeitos preferencialmente expressos.

18. O frio este ano está ótimo disem **eles**. (109-FB-02-02-1980)

19. A faculdade tá um horror, cada dia se sente mais falta de técnica e **eles** só dão técnica na teoria. É um absurdo. (CL-24-03-1981)

20. Inverno na Europa é fôgo. **Eles** vivem dizendo q. Brasil é subdesenvolvido, até parece o contrário. (108-FB-29-01-1980)

Tabela 3. Representação nula e plena da estratégia “eles” ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nulo	100% (13/13)	95% (18/19)	93% (25/27)	98% (57/58)	76% (26/34)	62% (28/45)	54% (33/61)
Pleno	0% (0/13)	5% (1/19)	7% (2/27)	2% (1/58)	24% (8/34)	38% (17/45)	46% (28/61)

Fonte: elaboração própria

Os sujeitos genéricos semi-inclusivos (*nós, a gente*)

21. Eu, em negócios de saúde, nem vale á pena falar - é quasi sempre a mesma cousa: **nós** nascemos para soffrer! "É a vida"... (08-gPFM-22-01-1920)

22. Aqui, quando **a gente** vai ter o 1º filhos os amigos dão esta festa e cada um dá um presente para o bebê. (ML-22-04-1979)

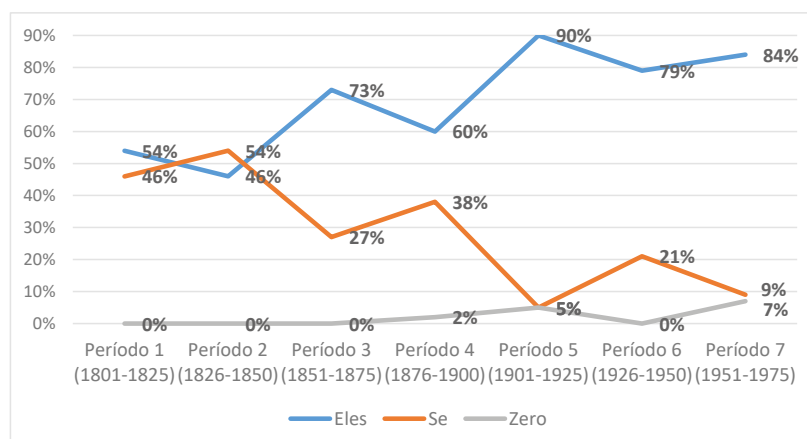
Tabela 4. Sujeitos de referência genérica semi-inclusiva ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nós	100% (7/7)	100% (10/10)	96% (26/27)	72% (26/36)	81% (13/16)	90% (44/49)	33% (25/75)
A gente	0% (0/7)	0% (0/10)	4% (1/27)	28% (10/36)	19% (3/16)	10% (5/49)	67% (50/75)

Fonte: Elaboração própria

Em relação a esse grupo de estratégias, observamos que nos dois primeiros períodos só há ocorrência de uma das variantes, *nós*, categoricamente nulo. A partir do Período 3, começam a aparecer dados da forma *a gente*, que ultrapassa o uso de *nós* no último período com 67% das ocorrências. Esse é um resultado que vai ao encontro dos trabalhos sobre a inserção de *a gente* no quadro pronominal do PB, que ultrapassa o uso de *nós* (cf. Lopes, 1999), e também com os trabalhos sobre sujeitos indeterminados, que mostram uma grande produtividade dessa estratégia, principalmente na fala (cf. Duarte, 1995; Vargas, 2010; Duarte; Marins, 2021).

Gráfico 4. Sujeitos genéricos semi-inclusivos ao longo do tempo em cartas pessoais



Fonte: Elaboração própria

É necessário chamar atenção ao fato de que, no Período 6, há uma recuperação da estratégia *nós*, que apresenta 90% das ocorrências, como mostra o gráfico 6. Analisando qualitativamente os dados, percebemos que 42 dos 44 dados dessa estratégia foram encontrados nas cartas de uma só missivista, dos quais 18 ocorrências apresentam verbos auxiliares modais, sendo a maioria delas construções com “temos que” (exemplos 23 e 24). Portanto, esse resultado parece estar ligado ao tipo de conteúdo das cartas dessa missivista, que narra para sua família no Brasil a sua vida após se mudar para Paris em busca de melhores oportunidades de emprego, tirando sempre desse contexto uma lição de moral.

23. Bom, aqui **Ø temos que** saber coletar nossos trocados pois a vida é uma loucura de cara. (20-FB-16-09-1971)

24. Pensamos D. e eu, que na vida, quando **Ø** somos jovens **Ø temos que** nos arriscar. (104-FB-18-01-1980)

Mais uma vez, o que verificamos é o crescente uso de estratégias pronominais expressas, visto que *a gente* é predominantemente representada como um pronome pleno, enquanto *nós* é representada como nulo na maioria das vezes, muito provavelmente por conta de estar associada a uma forma verbal com morfema de número e pessoa distintivo e forte (-mos). A tabela 4 mostra os índices de representação plena e nula das duas estratégias ao longo do tempo.

Tabela 5. Representação nula e plena das estratégias “nós” e “a gente” ao longo do tempo em cartas pessoais

		P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nós	Nulo	100% (7/7)	100% (10/10)	100% (26/26)	85% (22/26)	77% (10/13)	93% (41/44)	100% (25/25)
	Pleno	0% (0/7)	0% (0/10)	0% (0/26)	15% (4/26)	23% (3/13)	7% (3/44)	0% (0/25)
A gente	Nulo	-	-	0% (0/1)	60% (6/10)	0% (0/3)	0% (0/5)	10% (5/50)
	Pleno	-	-	100% (1/1)	40% (4/10)	100% (3/3)	100% (5/5)	90% (45/50)

Fonte: Elaboração própria

Os sujeitos genéricos inclusivos (você, se_{gen}, zero_{gen})

25. O que é gostoso de comida aqui é que **você** come todo dia guloseimas. Mas a comida de sal! Não presta! (ML-02-08-1978)

26. Deixo de ir ahi para pessoalmente combinarmos, para aproveitar a época da Exposição onde muito **si_{gen}** aprende e por isso só a 24 de Fev. irei. (14-AP-6-1-1908)

27. Já **Ø** estamos no outono, mas não está tão frio. De manhã, **Ø_{gen}** precisa colocar algum casaco. É um frio gelado, imagine no inverno! (ML-27-09-2978)

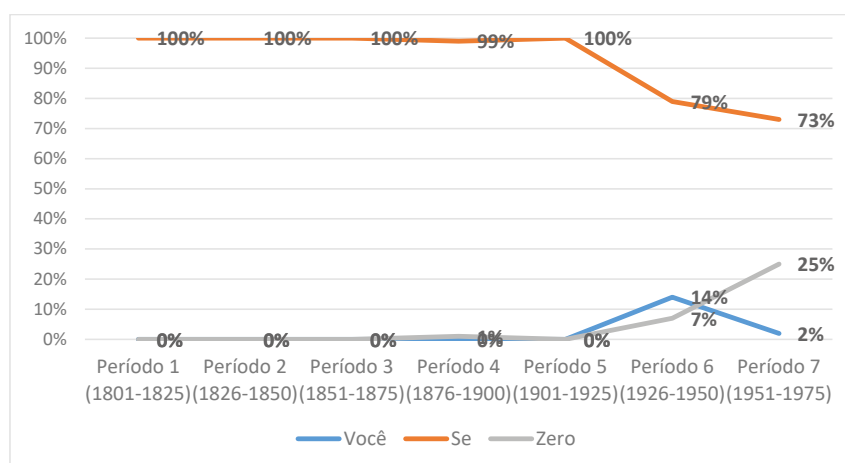
Tabela 6. Sujeitos genéricos inclusivos ao longo do tempo em cartas pessoais

	P1 1801-1825	P2 1826-1850	P3 1851-1875	P4 1876-1900	P5 1901-1925	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Se	100% (17/17)	100% (24/24)	100% (27/27)	99% (66/70)	100% (38/38)	79% (34/43)	73% (52/71)
Zero	-	-	-	1% (1/70)	-	7% (3/43)	25% (18/71)
Você	-	-	-	-	-	14% (6/43)	2% (1/71)

Fonte: Elaboração própria

Para veicular a referência genérica inclusiva, verificamos que a estratégia se_{gen} foi a mais produtiva em todos os períodos, tendo índices categóricos até o Período 5. Temos um resultado interessante que mostra que este parece ter sido um contexto de resistência ao desuso do clítico se indefinido. Enquanto para a referência arbitrária, esse clítico tem uma queda brusca no Período 5, atingindo 5% das ocorrências (cf. tabela 2), para a referência genérica inclusiva, seu uso ainda mantém índices altos, acima dos 70% mesmo nos dois últimos períodos. Em relação à estratégia você, só começam a aparecer dados no Período 6, representando 14% e 2% das ocorrências nos dois últimos períodos. Por fim, a estratégia zero_{gen} aparece primeiramente no Período 4, com uma ocorrência, e depois volta a aparecer nos períodos 6 e 7, com índices de 7% e 25%, respectivamente. Esse resultado pode indicar um contexto favorecedor da estratégia zero, visto que apresenta maiores índices para veicular referência genérica inclusiva do que para a referência arbitrária.

Gráfico 5. Sujeitos genéricos inclusivos ao longo do tempo em cartas pessoais



Fonte: Elaboração própria

Por fim, é preciso tomar cuidado ao interpretar esse resultado, pois, a princípio, pode parecer que $zero_{gen}$ seria a estratégia substituta de se_{gen} . No entanto, quando comparamos esse resultado com os trabalhos de fala, vemos que atualmente a estratégia de referência genérica inclusiva mais utilizada é *você* (cf. Marins; Soares da Silva; Duarte, 2017; Duarte; Marins, 2021), uma forma predominantemente plena, conforme mostra a tabela 5 com os dados que obtivemos, um resultado esperado para uma gramática de sujeitos preferencialmente expressos.

Tabela 7. Representação nula e plena da estratégia “você” ao em cartas pessoais

	P6 1926-1950	P7 1951-1975
Nulo	17% (1/6)	0% (0/1)
Pleno	83% (5/6)	100% (1/1)

Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

Em suma, verificamos uma variedade de estratégia de indeterminação do sujeito nas cartas pessoais, além de *se* e sujeito nulo + verbo na terceira pessoa do plural, formas canônicas que constam nas Gramáticas Tradicionais. Analisando as estratégias pelo tipo de referência que veiculam, obtivemos os seguintes resultados: (i) para veicular referência arbitrária, a estratégias *eles*, que na primeira metade do século XIX tinha índices bem

parecidos com os de $se_{arb'}$, passa a ser a mais utilizada, alcançando índices em torno de 80% a partir do século XX. (ii) Para a referência semi-inclusiva, observamos que, nos dois primeiros períodos, só há ocorrências de *nós*, até que, a partir da segunda metade do XIX, surgem os primeiros dados de *a gente*, que passa a ser a estratégia mais utilizada no último período. (ii) Se_{gen} foi a estratégia de referência genérica inclusiva mais utilizada em todos os períodos nas cartas pessoais, com índices categóricos até o primeiro quartel do século XX, atingindo índices ainda altos, acima de 70%, nos dois últimos períodos.

Além disso, atestamos maiores índices de representação plena das estratégias pronominais (*versus* representação nula) ao longo do tempo. *Eles* passa a ser cada vez mais representada por um pronome pleno a partir do século XX, bem como as estratégias *a gente* e *você* são quase categoricamente preenchidas, o que vai ao encontro de nossas hipóteses e pode revelar mais um indício de que o PB passou a se caracterizar como uma gramática de sujeitos preferencialmente preenchidos, como demonstram os diferentes trabalhos de fala. Vale mencionar ainda a possibilidade da estratégia *zero* para veicular referência arbitrária e genérica inclusiva, o que afasta ainda mais o PB do PE e das línguas românicas. Por se tratar de um sujeito nulo e inovador ainda possível, essa última estratégia chama ainda um pouco mais nossa atenção e será mais aprofundada futuramente em nossa agenda de trabalho.

Nossos próximos passos são verificar os contextos que resistem à implementação do preenchimento dos sujeitos indeterminados e analisar mais detalhadamente as características da estratégia *zero*.

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pela bolsa de mestrado que financiou minha pesquisa. Também não posso deixar de agradecer à minha orientadora Silvia Regina de Oliveira Cavalcante por tudo, pois sem ela nada disso seria possível.

Referências

CAVALCANTE, S. R. O. O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta carioca. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 63-82, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3851>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CAVALCANTE, S. R. O. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX*. 1999. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

DUARTE, M. E. L.; MARINS, J. E. Brazilian Portuguese: a 'partial' null subject language?. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas. v. 63, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8661660>. Acesso em: 13 nov. 2024.

DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1995.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito nulo no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 2018 [1993]. p. 83-104.

GALVES, C. M. C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

GALVES, C. M. C. A sintaxe do português brasileira. *Ensaio de Linguística*, v. 13, p. 31-49, 1987.

HOLMBERG, A.; PHIMSAWAT, On-Usa. Truly minimal pronouns. *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*, UFRJ, v. 19, n. esp., p. 11-36, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/13512>. Acesso em: 13 nov. 2024.

HOLMBERG, A. Null subject parameter. In: HOLMBERG, A. et al. (org.). *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2010. p. 88-124.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. Oxford, UK/Cambridge, MA.: Blackwell. 1994.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, C. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. 1999. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LUNGUINHO, M. V.; MEDEIROS JÚNIOR, P. Inventou um novo tipo de sujeito: características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro. *Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão-SE. v. 9, p. 147-191, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1141>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MARINS, J. E.; SOARES DA SILVA, H.; DUARTE, M. E. L. Revisiting Duarte (1995): for a Gradient Analysis of Indeterminate Subjects in Brazilian portuguese. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 140-172, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/13602>. Acesso em: 13 nov. 2024.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 2018 [1993]. p. 55-82.

TARALLO, F. Por uma Sociolinguística Românica "Paramétrica": Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, UFMG, v. 13, p. 51-84, 1987. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/cltl/article/view/8009>. Acesso em: 13 nov. 2024.

TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. Tese (Doutorado) – Universidade da Pensilvânia, Filadélfia, 1983.

VARGAS, A. S. de C. *Estratégias pronominais de indeterminação: um estudo diacrônico*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. (Tradução da edição original de 1968, por Marcos Bagno) São Paulo: Parábola Editorial. 2006 [1968].

Abordagem quantitativa da referenciação anafórica em narrativas orais

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3766>

Waldemar Ferreira Netto¹

Resumo

Referenciações provocam mudanças dinâmicas nos interpretantes evocados pelos interlocutores. Discretizadas em objetos de discurso, expressões nominais ou pronominais dêiticas de 1ª ou 2ª pessoa, implicam índices como partículas pronominais ou posições sintáticas. Com base nesse princípio, este estudo teve como objetivo analisar quantitativamente os lapsos temporais entre ocorrências de diferentes tipos de referenciação em narrativas orais, buscando compreender como esses intervalos influenciavam a manutenção de interpretantes e a coesão textual. Foram examinadas 11 narrativas orais transcritas, nas quais se identificaram cadeias coesivas iniciadas por expressões imagéticas. Cada elemento foi classificado segundo sua natureza referencial, e se registraram, em segundos, os lapsos entre uma ocorrência e sua retomada subsequente. As elipses foram marcadas como PRO, tomando-se como referência o ponto sintático que permitia sua inferência. Os dados foram submetidos a ANOVA e testes t. Os resultados mostraram diferenças estatisticamente significativas entre os tipos de referenciação ($F_{(9,985)} > F_{c(3,316)}$; $p < 0,001$). As correferências nominais apresentaram os maiores lapsos médios (10,16 s), diferindo significativamente das anáforas pronominais (4,70 s) e das elipses anafóricas (3,63 s), ambas com $p < 0,001$. As anáforas de 3ª pessoa exibiram maior regularidade temporal ($cv = 0,26$), enquanto as elipses mostraram maior variabilidade ($cv = 0,51$). Foi possível verificar que a estrutura temporal das cadeias coesivas refletiu diferentes demandas cognitivas: correferências exigiam maior atualização interpretativa, ao passo que pronomes e elipses favoreciam retomadas mais rápidas. Esses achados reforçaram a compreensão dos mecanismos de coesão em narrativas orais e sua relação com o processamento linguístico.

Palavras-chave: referenciação; lapsos temporais; objetos de discurso.

¹ Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; wafnetto@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-4136-341X>.

A quantitative approach to anaphoric referencing in oral narratives

Abstract

Referencing processes induce dynamic modifications in the interpretants evoked by interlocutors. When discretized as discourse objects – whether nominal expressions or first and second person deictic pronominal forms – such processes entail indices expressed through pronominal particles or syntactic positions. Grounded in these principles, this study aimed to quantitatively examine the temporal lapses between occurrences of distinct types of referencing in oral narratives, with the purpose of determining how such intervals influence the maintenance of interpretants and the establishment of textual cohesion. Eleven transcribed oral narratives were analyzed, within which cohesive chains initiated by imageable expressions were identified. Each element was classified according to its referential nature, and the temporal lapse, in seconds, between an occurrence and its subsequent resumption was recorded. Elliptical forms were marked as PRO, using the syntactic position that enabled their inference as a reference. The dataset was submitted to ANOVA and ttests. The results revealed statistically significant differences among the referencing types ($F_{(9,985)} > F_{(3,316)}$; $p < 0.001$). Nominal coreferences exhibited the longest mean lapses (10.16 s), differing significantly from pronominal anaphors (4.70 s) and anaphoric ellipses (3.63 s), both with $p < 0.001$. Third person anaphors displayed greater temporal regularity ($cv = 0.26$), whereas ellipses presented higher variability ($cv = 0.51$). The temporal structure of the cohesive chains thus reflects distinct cognitive demands: nominal coreferences require more extensive interpretive updating, whereas pronominal and elliptical forms facilitated faster resumptive processing. These findings reinforce the understanding of cohesion mechanisms in oral narratives and elucidate their relationship with linguistic processing.

Keywords: referencing; temporal lapses; discourse objects.

Introdução

O pensamento narrativo próprio do senso comum (Bruner, 1991a) pressupõe o estabelecimento de interpretantes iniciais (Peirce, CP 8.117)², sua memorização

2 Estou tomando aqui a proposição de Peirce: “[...] aquilo que o autor visou apontar para você, presumindo que você tenha toda a informação colateral necessária, ou seja, apenas a qualidade do elemento simpático da situação, geralmente algo muito familiar – algo que provavelmente você nunca havia percebido tão claramente antes – isso é o Interpretante do Signo, – sua “significância”. No original: that which the writer aimed to point out to you, presuming you to have all the requisite collateral information, that is to say just the quality of the sympathetic element of the situation, generally a very familiar one – a something you probably never did so clearly realize before – that is the Interpretant of the Sign, – its “significance.” (Peirce, 1994, CP 8.117).

(Baldassano *et al.*, 2017) e sua transformação subsequente (Ricoeur, 2013).³ Para tanto, o estímulo inicial precisa advir de dados experienciados que se possam resgatar por meio de símbolos imagéticos cuja materialidade recebe suporte afetivo capaz de garantir a atenção do receptor (Berridge; Robinson, 1998; Nieoullon, 2002; Sanchez; Spencer, 2013). A esse respeito, Paul Ricoeur (1979) já afirmara que “não há história sem que a nossa atenção seja mantida em suspense por mil contingências.”⁴

A formação de um estímulo imagético pode ser entendida como um processo de estabelecimento de tópico, que Hockett (1958, tradução própria) descreve como: “o falante anuncia um tópico e, em seguida, fala algo a respeito dele”⁵. Assim, pode-se entender que o símbolo topicalizado se torna um protótipo (Rosch, 1973; 1975) que serve como interpretante inicial *ad hoc* definidor do tema narrativo, a partir do qual se busca reconhecimento e, com isso, satisfação pessoal. O trabalho de Rohaut e seus colegas (2016), por exemplo, mostrou que a presença de um estímulo lexical semanticamente orientado para uma área semântica específica (um campo semântico específico) restringe as possibilidades de interpretação dos estímulos lexicais que se lhe seguem. Esse fato, aparentemente, restringe-se a uma antecipação do estímulo semântico condutor, caracterizando-se, tal como propôs Hockett, como elemento topicalizado, isto é, colocado em posição de tópico e definidor do tema ou campo semântico a partir do qual as mensagens seguintes serão interpretadas.

Interpretantes dessa natureza gerados por estímulos linguísticos dependem da materialidade fonética (ou gráfica) da língua. A captura sonora exige esforço fonológico capaz de reconstituir símbolos imagéticos que compõem o repertório lexical disponível. Numa narrativa, essas formas materiais fonéticas estão dispostas linearmente formando sentenças, sintaticamente estruturadas, mas que se processam oralmente num eixo temporal cuja duração objetiva não encontra correspondência exata com o eixo discursivo. Para uma narrativa, pode-se entender três noções distintas de tempo: *tempo dos acontecimentos*, *tempo do discurso* e *tempo da leitura*. São distinções feitas por Umberto Eco (1994). O tempo dos acontecimentos é o tempo real, histórico, durante o qual os eventos efetivamente ocorreram, por isso vão ser definidos como “referência/*Bedeutung*.” (Frege, 1892, 1978). O tempo do discurso, entretanto, é o tempo que vai descrito pelas

3 Tradução própria: “Se, de facto, cada história pode ser considerada como uma cadeia de transformações que conduzem de uma situação inicial a uma situação terminal, a identidade narrativa da personagem só pode ser o estilo unitário de transformações subjetivas reguladas pelas transformações objetivas que obedecem ao regra de completude, totalidade e unidade do enredo. No original: “Si, en effet, toute histoire peut être considérée comme une chaîne de transformations qui conduisent d’une situation initiale à une situation terminale, l’identité narrative du personnage ne saurait être que le style unitaire de transformations subjectives réglées sur les transformations objectives qui obéissent à la règle de complétude, de totalité et d’unité de l’intrigue.” (p. 252-253).

4 No original “Pas d’histoire sans que notre attention soit tenue en haleine par mille contingences.” (p. 212).

5 No original: “The most general characterization of predicative constructions is suggested by the terms ‘topic’ and ‘comment’ for their ICs: the speaker announces a topic and then says something about it” (p. 201).

sentenças. Não é um tempo real. Uma narrativa cujo tempo dos acontecimentos durou uma vida inteira pode ter um tempo do discurso que dura três sentenças. Lima Barreto (2018, p. 2525), no texto “Queixa de defunto”, usa desse recurso: “Nasci, vivi e morri modestamente...”. O tempo da leitura é o tempo real que dura efetivamente a leitura/audição do texto.

Progressões referenciais

A cavaleiro do tempo do discurso e do tempo de leitura, Halliday e Hassan (1977) propuseram que o conceito de coesão de um texto decorresse da relação entre elementos componentes de sentenças.

[...] existe um tipo específico de relação de significado que é fundamental para a criação de textura: aquela em que UM ELEMENTO É INTERPRETADO POR REFERÊNCIA A OUTRO. O que a coesão tem a ver é a forma como o significado dos elementos é interpretado. Quando a interpretação de qualquer item do discurso exige fazer referência a algum outro item do discurso, há coesão.⁶

Segundo eles, uma série de elementos de discurso que se interpretam por referências a outros forma uma cadeia coesiva (p. 15). Entende-se que definição temática, progressão referencial (ou cadeias coesivas) e seleção lexical são aspectos a serem observados nas narrativas.

[...] o conceito de coesão dá conta das relações semânticas essenciais pelas quais qualquer passagem da fala ou da escrita é capacitada para funcionar como texto. Podemos sistematizar este conceito classificando-o num pequeno número de categorias distintas – referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical; categorias que têm uma base teórica como TIPOS distintos de relação coesa, mas que também fornecem um meio prático para descrever e analisar textos. Cada uma dessas categorias é representada no texto por características particulares – repetições, omissões, ocorrências de determinadas palavras e construções – que têm em comum a propriedade de sinalizar que a interpretação da passagem em questão depende de outra coisa. Se essa “outra coisa” for verbalmente explícita, então há coesão (Halliday; Hasan, 1977, p. 13)⁷.

6 Tradução própria. No original: “[...] there is one specific kind of meaning relation that is critical for the creation of texture: that in which ONE ELEMENT IS INTERPRETED BY REFERENCE TO ANOTHER. What cohesion has to do with is the way in which the meaning of the elements is interpreted. Where the interpretation any item in the discourse requires making reference to some other item in the discourse, there is cohesion” (p. 12).

7 Tradução própria. No original: “Thus the concept of cohesion accounts for the essential semantic relations whereby any passage of speech or writing is enabled to function as text. We can systematize this concept by classifying it into a small number of distinct categories – reference, substitution, ellipsis, conjunction, and lexical cohesion; categories which have a theoretical basis as distinct TYPES of cohesive relation, but which

A progressão referencial deve fundamentar-se nas correferências e nas anáforas que estabelecem coesão no texto narrativo. A definição temática deve fundamentar-se, num primeiro momento, nos processos de topicalização, entendendo-se, aí, como posição de tópico a posição mais à esquerda, isto é, a posição inicial da sentença (gramatical ou narrativa). A seleção lexical deve fundamentar-se em aspectos, primeiro, quantitativos do léxico para, então, definirem-se itens lexicais específicos a partir da morfologia (derivados e flexões) e de sua semântica.

Em trabalho que procura formalizar os elementos que constroem progressões referenciais, Milner (2003) estabelece dois conjuntos definidos por suas relações referenciais: *correferências* e *anáforas*. As correferências caracterizam-se por serem expressões nominais ou pronominais, estas últimas especialmente quando reportam figuras enunciativas. De maneira geral, as correferências baseiam-se em interpretantes imagéticos. As anáforas, por sua vez, também, segundo Milner (2003), podem caracterizar-se como pronominais – nesta investigação restritas às formas pronominais de 3p – ou nominais. As anáforas pronominais são as expressões que, por si só, não dispõem de referência imagética e, por isso, não podem gerar interpretantes, senão por remissão a outros termos do texto. São, de maneira geral, elementos gramaticais; anáforas nominais que decorrem do uso de metáforas que apenas recategorizam o item a que fazem remissão. Estas últimas serão tomadas nesta investigação como correferências nominais.

Koch (2008) retoma o conceito de “objeto de discurso” (Mondada, 1995),⁸ e descreve o elemento em posição de tópico como ponto de partida de uma progressão referencial.

O primeiro passo na construção de um texto é a introdução de um objeto-de-discurso na memória textual (em geral, por meio de um nome próprio ou forma nominal). [...] Quando a introdução se faz por meio de um nome próprio, tem-se apenas a nomeação do objeto. Já no caso de se tratar de uma expressão

also provide a practical means for describing and analysing texts. Each of these categories is represented in the text by particular features – repetitions, omission, occurrences of certain words and constructions – which have in common the property of signalling that the interpretation of the passage in question depends on something else. If that ‘something else’ is verbally explicit, then there is cohesion”.

8 “Os objetos de discurso, como o termo indica, têm um modo de existência discursivo: é no e através do discurso que eles emergem contextualmente e são transformados dinamicamente. Esses objetos são constitutivamente instáveis, surgem de discussões e são apanhados em controvérsias, mas podem ser estabilizados por meio de procedimentos específicos que constroem a facticidade das “descobertas” científicas. Apela, portanto, a uma análise que se concentre tanto na instabilidade contextual dos objectos como nos seus modos de estabilização.” Tradução própria. No original: « Les objets de discours, comme le terme l’indique, ont un mode d’existence discursif: c’est dans et par le discours qu’ils émergent contextuellement et se transforment dynamiquement. Ces objets sont constitutivement instables, naissant de la discussion et étant pris dans les controverses, mais peuvent être stabilisés à travers des procédures spécifiques qui construisent la facticité des « découvertes » scientifiques. Ils sollicitent donc une analyse qui porte à la fois sur l’instabilité contextuelle des objets et sur leurs modes de stabilisation » (p. 57).

nominal, opera-se uma primeira categorização do objeto-de-discurso, o qual, a cada retomada, pode ser mantido como tal ou, então, recategorizado por outras expressões nominais (p. 101-102).

Ao introduzir um objeto de discurso numa enunciação qualquer, o autor terá atuado não somente selecionando o evento real que ele quer codificar, mas fará sua avaliação pessoal desse evento e, a partir de então, o transformará sucessivamente durante sua enunciação. Desse ponto de vista, Mondada e Dubois (2003) propuseram que a codificação de eventos teria de ser necessariamente tomada como um processo dinâmico, em que os interpretantes peircianos se transformariam continuamente (Mondada; Dubois, 2003), atribuindo diferentes valores e interpretações para a referência (*Bedeutung*) de Frege (1978).

Em todas as situações, o processo de referenciação exige a contrapartida material da linguagem, expressa na correspondência entre a sequência linear da fala ou da escrita e a transformação dos interpretantes que ela gera. Halliday e Hasan (1977, p. 143), entretanto, já apresentavam uma terceira possibilidade de elementos remissivos. Os autores caracterizavam a forma elíptica – ora tratada como [PRO] – como um espaço [slot] preenchível remissivo previsto na estrutura sentencial, ou oracional, que não ganha materialidade fonética.

Estamos nos referindo especificamente a frases, orações, etc., cuja estrutura é tal que pressupõe algum item precedente, que então serve como fonte da informação faltante. Um item elíptico é aquele que, por assim dizer, deixa espaços (*slots*) estruturais específicos a serem preenchidos a partir de outro lugar. Isso é exatamente o mesmo que pressuposição por substituição, exceto que na substituição é usado um ‘contador’ explícito, por exemplo: um ou de, como um marcador de lugar para o que é pressuposto, enquanto na elipse nada é inserido no espaço [slot]. É por isso que dizemos que a elipse pode ser considerada como substituição por zero.⁹

Tais formas dadas como elípticas também podem ocorrer nos elementos que seriam inalienáveis ou cuja alienação seria facilmente inferida do contexto linguístico, como nas sentenças: “e sempre na, na cabeça da bala [PRO]3 [eu], **passava** aquela cera de

9 Tradução própria. No original: “When we talk of ellipsis, we are not referring to any and every instance in which there is some information that the speaker has to supply from his own evidence. That would apply to practically every sentence that is ever spoken or written, and would be of no help in explaining the nature of a text. We are referring specifically to sentences, clauses, etc. whose structure is such as to presuppose some preceding item, which then serves as the source of the missing information. An elliptical item is one which, as it were, leaves specific structural slots to be filled from elsewhere. This is exactly the same as presupposition by substitution. except that in substitution an explicit ‘counter’ is used. eg: one or de, as a place-marker for what is presupposed. whereas in ellipsis nothing is inserted into the slot. That is why we say that ellipsis can be regarded as substitution by zero” (p. 143).

vela benzida.” e “[eu]₁, toda a vida [eu]₁ **usei** a cabeça [PRO]₁”. Nesta última sentença, a forma “cabeça” é inalienável, uma vez que, não fosse referente ao narrador, seu possuidor teria de ser expresso. No caso da sentença anterior, a forma “bala” permite a inferência, praticamente exclusiva, de “revólver”.

Na medida em que esse processo tem uma relação estreita com o estabelecimento da coesão textual, é de se pressupor que o acompanhamento dos processos de referenciação pela remissão contínua de elementos componentes de sentenças entre si é condição necessária para a compreensão de um texto narrativo. Koch e Vilela (2001, p. 496) chamam a atenção para a memorização dos elementos iniciais como “frames” que servem de referência temática para as interpretações posteriores.

A manutenção do tema do texto é garantida, muitas vezes, pelo uso de termos pertencentes ao mesmo campo lexical [...] Através desses termos, um “frame” ou esquema cognitivo é ativado na memória do leitor/ouvinte, de modo que outros elementos do texto serão interpretados dentro desse “frame”, o que permite, por exemplo, desfazer ambiguidades e avançar perspectivas sobre o que deve vir em sequência no texto.¹⁰

Nosso propósito nesta investigação foi verificar o lapso temporal que ocorre naturalmente para a manutenção de interpretantes gerados por itens lexicais que desencadeiam processos referenciais em narrativas. Desse ponto de vista, estamos tomando especialmente o tempo da leitura, considerando que a duração de um interpretante deve estar presente na memória de um ouvinte até que seja submetido a uma transformação qualquer.

Materiais e métodos

Para essa análise buscamos 11 narrativas, que já haviam sido consideradas em trabalho anterior (Martins; Ferreira-Netto, 2022). Constavam de arquivos extraídos do site YouTube selecionados pela qualidade da gravação. Tratava-se de narrativas populares orais, extraídas dos arquivos pelo *software* Audacity em formato mp3 e analisadas com o *software* Speech Filing System (Huckvale *et al.*, 1987; Huckvale, 2008). Cada análise foi feita considerando as diversas cadeias coesivas que se formavam e que partiam de um elemento prototípico inicial. Os elementos dessas cadeias coesivas foram categorizados pelas definições de Milner (2003) como *correferências nominais* ou *pronominais*,

10 Os autores referem Halliday e Hasan (1977) que dizem “This form of cohesion is lexical; it consists in selecting the same lexical item twice, or selecting two that are closely related. The two instances may or may not have the same referent; but the interpretation of the second will be referable in some way to the first.” (p. 12) ‘Essa forma de coesão é lexical. Consiste na seleção do mesmo item lexical duas vezes ou na seleção de dois itens lexicais intimamente relacionados. As duas instâncias podem ou não ter a mesma referência, mas a interpretação do segundo decorrerá do primeiro de alguma maneira.’ Tradução própria.

respectivamente nomes imagéticos e pronomes dêiticos e como *anáforas pronominais*, especialmente pronomes anafóricos de 3p. Além dessas categorias, também se considerou as elipses anafóricas. Dada sua materialidade fonética, correferências e pronomes anafóricos foram categorizados conjuntamente como “1”. Os momentos iniciais de ocorrências foram tomados como referências temporais de cada elemento da cadeia coesiva. As elipses anafóricas, por sua vez, foram marcadas como “0”. Tendo em vista tratar-se de categorias vazias, i. é, sem materialidades, a forma PRO foi utilizada como marca gráfica, a despeito das origens teóricas que esse termo pode assumir (Xavier; Mateus, 1992). Como momentos de referência dessas elipses, foram tomados o final do momento sonoro que imediatamente precedia o ponto sintático que permitia a inferência de uma forma PRO. Segue abaixo um exemplo de análise. Os índices subscritos marcam cada uma das cadeias coesivas.

A outra vez **foi** no num romance [meu]₁. [PRO]₁ **Estava vindo** da casa da namorada [PRO]₁. hé! [PRO]₁ **Estava** num caminho de terra com canavial pra lá e pra cá, a estrada de chão no meio. Foi nessa que [eu]₁ **vi** [PRO]₂ também. É. Mais [eu]₁, toda a vida [eu]₁ **usei** a cabeça [PRO]₁, né, do cara. Foi intuição [PRO]₁, né, que [PRO]₁ **era** pessoa antigo. Aí [eu]₁ **andava** com [o revólver]₃ e sempre na, na cabeça da bala [PRO]₃ [eu]₁ **passava** aquela cera de vela benzida. Daí, aí, quando [ele]₂ **pintou** na [minha]₁ frente, [eu]₁ **arranquei** [o revólver]₃. [PRO]₁ **Sabia** que era [ele]₂, né? [PRO]₁ **Arranquei** com [o revólver]₃, mas [PRO]₁ num **atirei** [PRO]₃ [nele]₂. Se [eu]₁ **fosse atirar** [PRO]₃ [nele]₂, num **ia pegar** [PRO]₂, que [revólver]₃ que [eu]₁ **tenho** num **alcança** [ele]₂. O primeiro o tiro [PRO]₃ que [eu]₁ **dei** [nele]₂, [PRO]₂ **sumiu** pro canavial, [PRO]₂ **desapareceu** da [minha]₁ vista. Mas [PRO]₂ **era** [o cachorrão]₂, né, grandão, né? [PRO]₂ **Era** [o lobisomem]₂, né?

Com base nessa análise, estabelecemos os tempos em segundos de cada elemento que faziam remissão às formas prototípicas [eu]₁ o narrador, [ele]₂ o lobisomem e [revólver]₃:

Quadro 1. Exemplo de análise de lapsos de referenciação com valores em segundos

	[eu] ₁	[ele] ₂	[revólver] ₃
[A outra vez]0 foi no num romance [meu]1.	3,7803		
[PRO]1 Estava vindo da casa da namorada [PRO]1. hé!	4,4397		
[PRO]1 Estava num caminho de terra com canavial pra lá e pra cá, a estrada de chão no meio.	7,9217		
Foi nessa que [eu]1 vi [PRO]2 também. É.	14,5953	14,87	
Mais [eu]1, toda a vida [eu]1 usei a cabeça [PRO]1, né, do cara	18,6054		
foi intuição naquela [pessoa antigo]1	22,4914		

Aí [eu]1 andava com [o revólver]3 e	25,4896		26,1037
sempre na, na cabeça da bala [PRO]3 [eu]1 passava aquela cera de vela benzida.	28,8518		28,7153
Daí, aí, quando [ele]2 pintou na [minha]1 frente,	35,5002	35,0302	
[eu]1 arranquei [o revólver]3.	35,849		36,4176
[PRO]1 Sabia que era [ele]2, né?	38,8043	37,4866	
[PRO]1 Arranquei com [o revólver]3,	38,5288		38,9913
mas [PRO]1 num atirei [PRO]3 [nele]2.	39,4841	39,9011	39,4841
Se [eu]1 fosse atirar [PRO]3 [nele]2,	41,3981	42,1714	41,7241
num ia pegar [PRO]2,		42,7401	
por causa que [ele]3 tenho num alcança [ele]2.		44,5404	44,021
O primeiro o tiro [PRO]3 que [eu]1 dei [nele]2,	47,1257	47,4973	46,8756
[PRO]2 sumiu pro canavial,		48,6759	
[PRO]2 desapareceu da [minha]1 vista.	50,5444	49,7635	
Mas [PRO]2 era [o cachorrão]2, né, grandão, né?		52,4003	
[PRO]2 Era [o lobisomem]2, né?		55,1879	

Fonte: Elaboração própria

Os valores médios obtidos para a diferença entre cada ocorrência de elementos formadores de cadeias coesivas vão dispostos no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2. Valores médios em segundos de lapsos entre referências

	anafóricos de 3p	elipses anafóricas	correferências nominais
narrativa 1	4,15	5,78	11,22
narrativa 2	5,18	7,08	6,26
narrativa 3	5,11	3,96	7,41
narrativa 4	6,04	4,84	21,09
narrativa 5	5,12	4,06	8,63
narrativa 6	4,26	4,27	6,85
narrativa 7	6,81	3,07	20,60
narrativa 8	2,42	1,58	12,96
narrativa 9	5,07	2,52	9,32
narrativa 10	3,34	1,16	3,56
narrativa 11	4,17	1,59	3,92

Fonte: Elaboração própria

Uma comparação geral entre esses valores apontou uma diferença significativa ($F_{(9,985)} > F_{c(3,316)}$; $p < 0,001$). Testes t realizados de forma recorrente entre as cadeias coesivas discriminaram uma diferença significativa entre as sequências de correferências nominais, cujos intervalos entre elementos coesivos foram sistematicamente maiores do que os intervalos entre as demais ($p < 0,001$, para ambas as comparações, com $t_{o(3,32)} > t_{c(1,8)}$ e $t_{o(3,6)} > t_{c(1,8)}$). Houve uma pequena variação entre os valores médios obtidos entre os anafóricos, quando comparados entre si, com variação monocaudal significativa ($p < 0,05$; $t_{o(,04)} > t_{c(1,8)}$). Os valores médios obtidos desses intervalos foram, em segundos: 3,63 seg. para elipses anafóricas, 4,70 seg. para anáforas de 3p e de 10,17 seg. para correferências.

Essa variação caracteriza formas elípticas anafóricas e anafóricos de 3p como elementos preferenciais na formação de cadeias coesivas em narrativas orais.

Considerações finais

O propósito desta investigação foi o de verificar o tempo entre ocorrências de elementos componentes de cadeias coesivas. Os valores obtidos de lapso mínimo, máximo, médio, de dispersão (DP, para desvio padrão) e coeficiente de variação (cv) vão respectivamente dispostos no Quadro 3 abaixo.

Quadro 3. Valores médios em segundos obtidos para lapsos entre as referenciações

	Mínimo	Máximo	Media	DP	cv
Anafóricos de 3p.	2,42	6,81	4,70	1,22	0,26
Elipses anafóricas	1,16	7,08	3,63	1,86	0,51
Correferências	3,56	21,09	10,16	5,97	0,59

Fonte: Elaboração própria

A comparação das cadeias coesivas quanto aos tempos de ocorrências materiais recuperadas durante a audição/leitura e de seus elementos componentes mostrou uma que as cadeias coesivas formadas por correferências nominais apresentam lapsos sistematicamente maiores do que as formadas por anafóricos de 3p e por elipses anafóricas. Por sua vez, as cadeias formadas por elipses anafóricas têm os menores lapsos temporais entre seus elementos componentes. A medida de dispersão feita pelo coeficiente de variação (cv variação entre os lapsos mostrou que os anafóricos de 3p. são os que têm uma maior regularidade da ocorrência no conjunto).

Esses resultados corroboram os que foram encontrados por Leitão e Simões (2011). Os autores verificaram que pronomes eram identificados mais rapidamente do que nomes repetidos. Eles justificaram essa diferença considerando a proposta de Grozs e colegas

(1983) para os quais” o uso referencial de sintagmas nominais definidos introduz a necessidade de levar em conta fatores pragmáticos (em particular a intenção do falante), e não apenas fatores semânticos.”¹¹ Desse ponto de vista, espera-se que correferências nominais exijam, pois, uma maior participação tanto do autor como do interlocutor, na medida em que se torna necessário um processo de atualização dos interpretantes gerados. No caso particular dos pronomes isso não parece necessário. Leitão e Simões propõem esse fato para o português, afirmando que ocorre “maior eficiência do pronome por se tratar de um recurso linguístico com menor quantidade de traços semânticos, se comparado ao nome repetido, tendo assim uma menor carga informacional levando a um processamento menos custoso para a memória de trabalho” (p. 271). Egusquiza e colegas (2014) também chegaram a resultados semelhantes em sua investigação para o espanhol. Segundo eles, as anáforas nominais eram lidas mais rapidamente quando se referiam a antecedentes de alta frequência do que a antecedentes de baixa frequência, e mais rapidamente quando se referiam a sujeitos do que a objetos. Embora essa questão sintática não estivesse em foco neste trabalho, é significativo o resultado dos autores ao afirmar que os tempos de leitura dos pronomes não foram afetados pela frequência e pela posição sintática do antecedente, portanto, a informação sintática das palavras não é sensível à frequência.

A geração de novos interpretantes a partir de estímulos linguísticos imagéticos eventuais manifestos materialmente como anáforas nominais (Milner, 2003) parece efetivamente ter um “custo” cognitivo maior do que a reprodução de esquemas prontos (Mandler, 1984; Bruner, 1991b), retomados por meios de anafóricos de 3^a e elipses anafóricas. Desse ponto de vista, a reprodução de formas narrativas seria facilitada não somente pela reprodução de esquemas, mas também pelo fato, a se tomar a hipótese de Grosz e colegas (1983), de que não seria necessário levar em conta fatores pragmáticos (em particular a intenção do falante) uma vez que o processamento seria feito apenas internamente pelos dados apresentados pela própria narrativa, dispensando dados externos. Esse aspecto permite que se atribua uma credibilidade maior a discursos formados por cadeias coesivas dessa natureza, uma vez que não permitiria ao interlocutor contrastar as informações obtidas pelo discurso em foco, tornadas interpretantes, com as que poderia obter por meio de comparações com dados de seu contexto de situação. O envolvimento do interlocutor com o texto, nesse caso, decorre da atenção contínua mantida em suspense por meio de tais cadeias coesivas, tal como fora proposição feita por Ricouer (1979).

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq, Processo: 421369/2018-3, da FAPESP 2021/00531-2 e da USP por meio de bolsas IC-PUB, e aos pesquisadores de IC Alice Neiva Novais, Maria Caroline Nemer Santos Rosário, Ana Clara Helena Soares, Higor Alves Sena, Juan Costa Carreiro,

¹¹ No original: “[...] the referential use of definite noun phrases introduces the need to take pragmatic factors (in particular speaker intention) into account, not just semantic factors” (p. 46).

Mariana Nitzschke Padilha, além da Dra. Ana Cristina Aparecida Jorge e do Dr. Marcus Vinicius Moreira Martins que colaboram intensamente para a formação do banco de dados de narrativas orais do projeto ExProsodia. Todas as gravações passaram por avaliações de Comitês de Ética na Pesquisa Científica, segundo os pareceres 65226917.5.0000.5421, 67647517.6.0000.5561 e 43044321.9.0000.5561, disponíveis na Plataforma Brasil.

Referências

BALDASSANO, C.; CHEN, J.; ZADBOOD, A.; PILLOW, J. W. *et al.* Discovering Event Structure in Continuous Narrative Perception and Memory. *Neuron*, 95, n. 3, p. 709-721, 2017.

BARRETO, L. *Obra reunida*, volumes 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BERRIDGE, C. K.; ROBINSON, T. E. What is the role of dopamine in reward: hedonic impact, reward learning, or incentive salience? *Brain Research Reviews*, n. 28, p. 309-369, 1998.

BRUNER, J. *Acts of Meaning*. Cambridge: Harvard University Press, 1991a.

BRUNER, J. Narrative construction of reality. *Critical Inquiry*, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991b.

ECO, U. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EGUSQUIZA, N.; NAVARRETE, E; ZAWISZEWSKI, A. Antecedent Frequency Effects on Anaphoric Pronoun Resolution: Evidence from Spanish. *Journal of Psycholinguistic Research*, n. 45, p. 71-84, 2014.

FREGE, G. Über Sinn und Bedeutung. *Zeitschrift für Philosophie und philosophische Kritik*, NF 100, 1892, S. 25-50. Disponível em: https://www.philosophie.uni-muenchen.de/studium/das_fach/warum_phil_ueberhaupt/frege_sinn_und_bedeutung.pdf. Acesso em: 31 jul; 2023.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: FREGE, G. (ed.). *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. p. 59-86.

GROSZ, B. J.; JOSHI, A. K.; WEINSTEIN, S. Providing a unified account of definite noun phrases in discourse. In: Proceedings of the 21st annual meeting of the association for computational linguistics. Cambridge, MA. 1983. Disponível em: <https://aclanthology.org/P83-1007.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. *Cohesion in English*. 2 ed. Londres: Longman, 1977.

HOCKETT, C. F. *A course in modern linguistics*. New York: The Macmillan Company, 1958.

HUCKVALE, M. A. *et al. The SPAR Speech Filing System*. European Conference On Speech Technology. Edinburgh, 1987.

HUCKVALE, M. *Speech Filing System v.4.7/Windows SFSWin* 2008.

KOCH, I. G. V. Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso. *Investigações*, v. 21, p. 99-114, 2008.

KOCH, I. V.; VILELA, M. *Gramática da língua portuguesa*. Gramática da palavra. Gramática da frase. Gramática do texto/discurso. Coimbra: Almedina, 2001.

LEITÃO, M. M.; SIMÕES, A. B. G. A influência da distância no processamento correferencial de pronomes e nomes repetidos em português brasileiro. *Veredas Online, Atemática*, n. 1, p. 262-272, 2011.

MANDLER, J. M. *Stories, scripts, and scenes: aspects of schema theory*. Hillsdale: Laurence Erlbaum Associates, 1984.

MARTINS, M. V. M.; FERREIRA-NETTO, W. Variações entoacionais em narrativas populares: análises preliminares da codificação do contexto. *Leitura (UFAL)*, 72, p. 118-134, 2022.

MILNER, J-C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. *et al. (ed.). Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 85-130.

MONDADA, L. La construction discursive des objets de savoir dans l'écriture de la science. *Réseaux*, v. 13, n. 71, p. 55-77, 1995.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B. *et al. (ed.). Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

NIEOULLON, A. Dopamine and the regulation of cognition and attention. *Progress in Neurobiology*, v. 67, n. 1, p. 53-83, maio 2002. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0301008202000114>. Acesso em: 11 abr. 2024.

PEIRCE, C. S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce* reproducing Vols. I-VI ed. Charles Hartshorne and Paul Weiss (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935), Vols. VII-VIII ed. Arthur W. Burks (same publisher, 1958). 1994. Disponível em: <https://colorysemiotica.files.wordpress.com/2014/08/peirce-collectedpapers.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2024

RICOEUR, P. L'identité narrative. In: RICOEUR, P. (org.). *Anthropologie Philosophique. Écrits et conférences* 3. Paris: Éditions du Seuil, 2013.

RICOEUR, P. La fonction narrative. *Études théologiques et religieuses*, v. 54, n. 2, p. 209-230, 1979. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ether_0014-2239_1979_num_54_2_2513. Acesso em: 11 abr. 2024

ROHAUT, B.; ALARIO, F. X.; MEADOW, J.; COHEN, L. et al. Unconscious semantic processing of polysemous words is not automatic. *Neuroscience of Consciousness*, n. 1, p. 1-19, 2016.

ROSCH, E. Cognitive representation of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology*. Geral. v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: The Research Foundation of State University of New York; Academic Press, 1973. p. 111-144.

SANCHEZ, J.; SPENCER, K. Preliminary evidence of discourse improvement with dopaminergic medication. *Advances in Parkinson's Disease*, v. 2, n. 2, p. 37-42, 2013. DOI: 10.4236/apd.2013.22007. Disponível em: https://www.scirp.org/html/1-2620006_31150.htm. Acesso em: 11 abr. 2024.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. (org.). *Dicionário de termos linguísticos*, volume II. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.

Contribuições do Letramento Informacional para a prática de produção de textos na educação básica: um diálogo entre Vygostky e Bakhtin para o ensino de língua portuguesa na sociedade da informação

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3778>

Danielle Gomes Geraes Lima¹

Resumo

Este estudo objetiva discutir as novas demandas sociais no campo educacional relacionadas ao uso ético e eficiente da informação para a produção de textos coesos e coerentes do tipo dissertativo-argumentativo. Para isso, as reflexões apresentadas se fundamentam nos estudos de Vigostkii (2010), Bakhtin (2006), Campello (2009), Gasque (2012) e Demo (2025), que contribuem para o debate acerca do ensino de língua portuguesa em uma perspectiva interacionista e dialógica. Por meio dos módulos V e VII do manual do corretor do Exame Nacional do Ensino Médio (INEP, 2019a, 2019b) e dos microdados dos resultados do exame no triênio 2020-2022 (INEP, 2024), esta pesquisa analisa a proeficiência dos alunos do Ensino Médio com base na avaliação da prova de redação². A partir disso, sugere caminhos para a adequação das práticas pedagógicas dos professores de língua portuguesa no que tange às necessidades de produção de conhecimento na sociedade da informação. Trata-se de um estudo com métodos de pesquisa mistos conforme definição de Creswell (2010). A presente pesquisa se vale de revisão bibliográfica e análise documental, além de explorar os microdados oficiais do Enem. Logo, justifica-se pela necessidade de discutir o desenvolvimento de competências críticas em uma sociedade marcada pela sobrecarga informacional.

Palavras-chave: Letramento Informacional; ensino-aprendizagem; redação.

1 Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil; daniellegomesgeraes@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0007-1165-4295>

2 Nesse estudo, o termo “redação” é utilizado especificamente para referir-se à prova de escrita do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), caracterizada por seu formato dissertativo-argumentativo e natureza avaliativa, já a expressão produção de textos é vinculada às práticas de escrita desenvolvidas em sala de aula, concebidas a partir de uma perspectiva dialógica, que considera a interação, os diferentes gêneros textuais e os contextos de uso da linguagem e a situação comunicativa.

Information literacy contributions to teaching writing: a dialogue between Vygotsky and Bakhtin in the context of teaching Portuguese in the information society

Abstract

This study discusses social demands in the educational field concerning the ethical and efficient use of information to produce cohesive and coherent argumentative essays. The reflections presented are grounded in the studies of Vygotsky (2010), Bakhtin (2006), Campello (2009), Gasque (2012) and Demo (2025), who contribute to the debate on Portuguese language teaching from interactionist and dialogical perspectives. Drawing on Modules V and VII of the National High School Exam Grading Manual (INEP, 2019a, 2019b) and microdata from the 2020-2022 triennium (INEP, 2024), this research analyzes high school students' writing proficiency based on their essay evaluations. Furthermore, the study suggests ways to adapt pedagogical practices to meet the demands of knowledge production in the information society. This study employs a mixed-methods approach, as defined by Creswell (2010), integrating bibliographic review and document analysis with the exploration of official ENEM microdata. The research is justified by the need to address the development of critical competencies in a society characterized by information overload.

Keywords: information literacy; teaching and learning; essay.

Introdução

“Não é em não sei qual retiro que nós nos descobriremos: é na estrada, nas cidades, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (Sartre, 2005 [1939], p. 107).

Na sociedade contemporânea, a comunicação se revolucionou com rádio, televisão, jornal e, principalmente, a internet. Em outros termos, o avanço tecnológico transformou a maneira como a informação é veiculada e, inclusive, compreendida. Nesse contexto, é notório o papel da escola na formação de sujeitos capazes de administrar o excesso de informações difundidas e, acima de tudo, de saber selecionar, organizar e utilizar a informação de modo a produzir conhecimento.

Diante desse quadro, este estudo utiliza de uma metodologia em que se realiza a combinação das abordagens qualitativa e quantitativa. Sobre o método misto, Creswell (2010, p. 238) destaca que sua “natureza interdisciplinar proporciona uma maior compreensão dos problemas de pesquisa.” Sendo assim, esse trabalho parte de uma análise do manual do corretor para a redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)

de 2019³, disponibilizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP, 2019a, 2019b). Em específico, volta-se o olhar para os módulos V e VII, os quais se referem às competências 3 e 5 e os relaciona aos microdados do Enem relativos ao triênio 2020-2022 (INEP, [2024]), buscando verificar como a proposta de ensino da produção de textos na perspectiva do Letramento Informacional na Educação Básica coopera para os alunos alcançarem resultados satisfatórios na competência 3.

Ao reconhecer que a sociedade contemporânea é marcada por uma sobrecarga informacional, esse estudo torna-se relevante por permitir uma discussão sobre um ensino de língua portuguesa capaz de instigar, nos discentes, o interesse pela pesquisa e a defesa coerente de suas opiniões. Portanto, pode ser eficaz refletir sobre uma metodologia de ensino pautada nas bases conceituais do Letramento Informacional, a fim de que os alunos aprendam muito além de somente gramática normativa e outras variantes do português em circulação. Com isso, podem também ser sujeitos ativos e aptos a interpretar, refletir, produzir e criar, abandonando as práticas de simples reprodução do que é transmitido pelo professor. Tal enfoque propõe um processo de ensino-aprendizagem no qual o sujeito é histórico, cultural e social. Assim, a metodologia permite ampliar os conhecimentos dos estudantes e de suas capacidades argumentativas por meio da leitura e da produção textual num viés dialógico.

Educar pela e para a pesquisa: contribuições do Letramento Informacional para o ensino da língua portuguesa na sociedade da informação

Um grande desafio para os educadores, na sociedade da informação, é o preparo de sujeitos críticos. Com o avanço tecnológico, especialmente crianças e jovens têm direcionado seus interesses para redes sociais, jogos eletrônicos e outros recursos ofertados pela internet. Sob esse ângulo, a pesquisa realizada pelo CGI.br (2023, p. 25) informou que, no ano de 2022, “92% da população com idade entre 9 e 17 anos era usuária de internet no país (aproximadamente 24,4 milhões de crianças e adolescentes)”. Os dados do estudo também apontaram que apenas 57% dos jovens apresentam habilidades informacionais e capacidade de conferirem a veracidade de uma informação.

A partir disso, nota-se que a facilidade de acesso à informação não garante produção de conhecimento ao sujeito, pois é primordial desenvolver habilidades informacionais para lidar com os inúmeros conteúdos inseridos na rede diariamente. Nesse sentido, observa-se que a comodidade de buscar informações a um clique trouxe aspectos negativos para a educação contemporânea, pois, conforme Demo (2025, p. 80), com a profusão

3 Nesse estudo, utilizaremos a versão de 2019 do *Manual do corretor do Enem*, por ser a única disponibilizada publicamente pelo INEP. As versões mais recentes desse material permanecem sigilosas, uma vez que os corretores assinam termo de confidencialidade, impossibilitando sua divulgação.

de informações que as tecnologias dispõem, “tornou-se impraticável processar tudo”. Nesse sentido, Demo (2025, p. 80) afirma que “nos mantemos em um contínuo estresse pelo excesso de informação”. Isso porque somente o acesso facilitado à informação não forma sujeitos que saibam argumentar e embasar tais argumentos em fontes confiáveis, o que torna ainda mais árduo o trabalho do professor, pois “a informação na memória não é conhecimento. É como ingerir um alimento e considerar que já estamos alimentados antes da digestão (satisfação vs. nutrição). Não! está apenas no começo” (Demo, 2025, p. 125).

Diante dessas considerações, o questionamento com o qual se busca diálogo é: a educação contemporânea está formando sujeitos pela e para a pesquisa?

Em corroboração, Lecardelli e Prado (2006, p. 40) indagam se o atual sistema de ensino é “voltado a facilitar ou busca instigar o indivíduo a aprender ao longo da vida”. Esses pontos levam a refletir sobre o processo de aprendizagem envolver não só a assimilar os conteúdos do currículo comum, como também a apropriar estratégias para aprender a aprender. Nessa linha de raciocínio, as autoras argumentam que:

[...] outros aspectos importantes estão relacionados com saber contextualizar as realidades que se apresentam, ler e interpretar de acordo com os contextos; ter boa comunicação, possuir senso de organização, conhecer e dominar técnicas e ferramentas de recuperação de informações, estar familiarizado com o meio tecnológico em que atua (saber otimizar os recursos que dispõem), e ser capaz de pensar criticamente (Lecardelli; Prado, 2006, p. 33).

Por isso, a proposta de ensino de língua portuguesa atrelada ao desenvolvimento de habilidades visando ao domínio da competência informacional se configura uma metodologia fundamental para a construção de sujeitos históricos, críticos e socialmente participativos, isto é, capazes de usar a informação para produzir conhecimento.

Convém salientar que não se pode pensar em educação sem pensar na conjuntura histórica e social na qual o sujeito está situado. Logo, é crucial entender que a sociedade atual controla os dados dos usuários e os converte em informações ou desinformações. A respeito disso, Gasque (2012, p. 25) afirma que “as novas tecnologias da informação e da comunicação transformaram o mundo em uma verdadeira ‘aldeia global’”. Esse contexto social de “aldeia global” requer a formação de competências, para que os indivíduos mantenham a posição reflexiva e crítica, ao encararem as verdades e as inverdades disponíveis a um clique. Para a autora, as competências indispensáveis são:

[...] determinar a extensão das informações necessárias; acessar a informação de forma efetiva e eficientemente; avaliar criticamente a informação e suas

fontes; incorporar a nova informação ao conhecimento prévio; usar a informação de forma efetiva para atingir objetivos específicos; compreender os aspectos econômico, legal e social do uso da informação, bem como acessá-la e usá-la ética e legalmente (Gasque, 2012, p. 32).

Esse conjunto de capacidades para lidar com a informação de modo eficaz é definido como Letramento Informacional (LI), um termo relativamente novo no âmbito educacional. Para Gasque (2012, p. 28), “o letramento informacional corresponde ao processo de desenvolvimento de competências para localizar, selecionar, organizar, usar informação e gerar conhecimento, visando à tomada de decisão e à resolução de problemas”.

Trata-se de um conceito criado para designar a capacidade de um sujeito em usar a informação de modo a solucionar questões na vida prática, gerar conhecimento prático, o que exige do sujeito diversas competências. Em adição, Gasque (2012, p. 32) sublinha que a finalidade do Letramento Informacional é a “adaptação e a socialização do indivíduo na sociedade da aprendizagem”.

O LI, nesse caminhar, reforça a visão de uma metodologia de ensino em que o discente deve aprender a aprender: compreender a sociedade em que vive, além de saber analisar e manusear as informações (que busca ou recebe), de maneira a gerar um conhecimento a ser aplicado para alcançar um objetivo específico ou resolver um problema. Sobre isso, Campello (2003, p. 34) acrescenta:

[...] os documentos institucionais sobre competência informacional mencionam à exaustão as habilidades que consideram essenciais para se sobreviver na sociedade da informação: habilidade de solucionar problemas, de aprender independentemente, de aprender ao longo de toda a vida, de aprender a aprender, de questionamento, de pensamento lógico, colocando-as na categoria de habilidades cognitivas de ordem superior ou de pensamento crítico.

A implementação do Letramento Informacional nas práticas pedagógicas fomentará, segundo Gasque (2012, p. 45), uma aprendizagem “emancipatória, autônoma e ética”. Considerando o LI como uma ferramenta eficiente para o ensino de língua portuguesa, é substancial repensar o papel do professor nesse processo, já que, se sua tarefa como docente é formar indivíduos críticos e investigativos, ele precisa antes ser pesquisador.

É nessa linha tênue da formação pedagógica, que deve ocorrer a ruptura em relação ao ensino tradicional. Em vez de ser visto como transmissor do conhecimento, o docente, em consonância com Freire (2011), tem de ser considerado mediador, aquele que instiga, que provoca o desejo de investigar e buscar respostas para os problemas. Acerca dessa lógica, a interação entre professor e aluno deve ser valorizada desde a infância, quando

a criança, por natureza, tem um espírito investigador. De acordo com Demo (2025, p. 83), a curiosidade é “um impulso fundamental para a sobrevivência dos humanos; é uma energia propulsora que instiga a agir, tal como a fome, a sede, a autodefesa e a reprodução”.

Interação, sujeito e linguagem nas concepções teóricas de Vygotsky e Bakhtin: um diálogo possível para o ensino de língua portuguesa na perspectiva do Letramento Informacional

A teoria histórico-cultural, representada por Vigotskii (2010), é relevante para este estudo, pois propõe que o sujeito se desenvolve mediante a interação com o meio social, com outros sujeitos e com o contexto histórico-cultural no qual está inserido. Dessa maneira, o entendimento de tal concepção é basilar para promover o processo de aprendizagem da língua materna como um processo dialógico e interacional. Nessa teoria, o aluno deve ser compreendido em sua totalidade, e o processo de ensino-aprendizagem precisa se atentar para aspectos sociais e culturais, como: crenças, costumes, tradição, valores, experiências, religião, língua, entre outros.

Nessa conjuntura, as contribuições de Vigotskii (2010) para a educação estão ligadas à noção de um sujeito biológico, histórico e social. O sujeito biológico se refere aos aparatos necessários para o funcionamento da memória, da linguagem e do pensamento. No entanto, essa é apenas uma parte desse sujeito, que também deve ser constituído a partir de suas experiências sociais, culturais e históricas. Só desse modo pode-se pensar em um sujeito total e capaz de interagir com o meio e o outro para a produção de conhecimento.

Vigotskii (2010) enfatiza a importância da interação social para assegurar um processo de aprendizagem efetivo. Sobre isso, Luria (2010, p. 27) expressa que:

[...] através da constante mediação dos adultos, processos psicológicos instrumentais mais complexos começam a tomar forma. Inicialmente, esses processos só podem funcionar durante a interação das crianças com os adultos. Como disse Vigotskii, os processos são interpsíquicos, isto é, eles são partilhados entre pessoas. Os adultos, nesse estágio, são agentes externos servindo de mediadores do contato da criança com o mundo.

Nessa direção, verifica-se o quanto a relação entre o sujeito, o meio e outros sujeitos é elementar para acontecer a aprendizagem. Ademais, ressalta-se o relevo do papel do professor, o qual, nessa perspectiva teórica, não deve ser encarado como o detentor do conhecimento, mas sim como um sujeito mediador do processo de aprendizagem. Dessa forma, a existência desse mediador é imprescindível para que a criança, conforme a teoria vygotskyniana, desenvolva novas habilidades.

A interação como elemento precípua para o processo de desenvolvimento da aprendizagem é perceptível quando levadas em conta as Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP), apresentadas por Vigotskii (2010). A Zona de Desenvolvimento Real diz respeito às habilidades que a criança já aprendeu, enquanto a Zona de Desenvolvimento Proximal se associa ao que a criança faz com a ajuda de outras pessoas. São, nesse viés, os estímulos oferecidos para a criança alcançar a zona de desenvolvimento potencial e, posteriormente, realizar determinada ação sozinha, incorporando tal ação à zona de desenvolvimento real:

[...] o que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só. A área de desenvolvimento potencial permite-nos, pois, determinar os futuros passos da criança e a dinâmica do seu desenvolvimento e examinar não só o que o desenvolvimento já produziu, mas também o que produzirá no processo de maturação (Vigotskii, 2010, p. 113).

Em um diálogo com as concepções teóricas de Vigotskii (2010), Bakhtin (2006) também acentua a relevância da interação na formação humana, afirmando ser a enunciação um produto da interação, que, por seu turno, acontece na troca:

[...] essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 2006, p. 117).

Em concordância com Bakhtin (2006), o sujeito é heterogêneo – composto por diferentes vozes sociais. Para ele, o sujeito se define na relação entre o “eu” e o “outro”, tendo em mente que há uma heterogeneidade de discursos que o constituem. Sob essa ótica, o sujeito não é individual, centralizado, mas sim constituído através da sua relação essencialmente interativa com o meio social, histórico e cultural. Ao aproximar os estudos de Bakhtin (2006) e Vigotskii (2010), é possível notar que ambos os autores defendem a concepção de um sujeito que aprende por meio da interação e que este é parte da história e criador da própria história.

Outro conceito significativo da teoria bakhtiniana é o dialogismo, que evidencia a interação de inúmeras vozes históricas e sociais na construção de um enunciado. Para Bakhtin (2006), a unidade real da língua é o diálogo e, portanto, não há uma enunciação isolada, na medida em que há sempre uma interação entre enunciados. É nesse campo

de interação dos enunciados que se estabelece uma arena de luta entre vozes sociais. Com base em seus estudos sobre a obra bakhtiniana, Fiorin (2022, p. 28) assinala que “a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são, inevitavelmente, lugar de contradição”.

Assim, é fundamental a compreensão do dialogismo para o ensino de língua portuguesa que tenha uma abordagem pautada no Letramento Informacional. Na elaboração de um texto argumentativo com a defesa de ponto de vista adequada ao propósito comunicativo, por exemplo, o discente precisa reconhecer que há uma luta de enunciados e, a fim de se manter dominante nessa arena, deve selecionar e organizar os argumentos e os repertórios que corroborem o seu posicionamento argumentativo. Em outras palavras, o conceito de dialogismo é preponderante para o ensino de língua portuguesa, pois, para uma boa produção do texto argumentativo, o aluno deve ter a percepção de que há sempre um enunciado em oposição ao outro. Ao perceber essa tensão entre enunciados, tanto o professor quanto o estudante devem, por intermédio da pesquisa, buscar informações capazes de sustentar o seu argumento nessa arena de luta. Logo, as competências informacionais para a prática de produção de textos se apresentam como cruciais.

Em conformidade com os estudos de Bakhtin (2006), o entendimento do contexto de produção do enunciado é primordial para a interpretação dos sentidos. Na contemporaneidade, esse pressuposto teórico se torna extremamente útil para o ensino da língua portuguesa, posto que os textos produzidos na atualidade são compostos por diferentes modos e linguagens. No interior do discurso, há uma multiplicidade de enunciados produzidos de diferentes maneiras. Em sintonia com Rojo (2012, p. 19):

[...] é o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiose dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar.

Para ilustrar, a seleção de argumentos e repertórios para o tema da prova de Redação do Enem 2023, última aplicação do exame até o desenvolvimento deste estudo, intitulado “Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil”, só seria possível se o aluno identificasse que há, na sociedade contemporânea, outros enunciados que estigmatizam a mulher e que minimizam o valor do trabalho de cuidado feminino. Esses enunciados estão em todos os lugares, como redes sociais, comportamentos, textos escritos, propagandas etc., espelhando uma multiplicidade de vozes a favor e contra o tema proposto. Consequentemente, seria necessário acessar, nessa arena de luta, enunciados que notabilizassem o trabalho de cuidado realizado pela mulher. Apenas ao visualizar essa contradição, o estudante poderia determinar, por meio de um planejamento, os melhores argumentos para se posicionar no tecido do texto.

A aproximação entre Vigotskii (2010) e Bakhtin (2006) permite repensar o ensino de língua portuguesa, sobretudo no tocante às produções textuais. Os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 2000) indicam que, ao final do Ensino Médio, espera-se que aluno possua a competência de analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos mediante suas variadas características, inclusive meios de produção e recepção. Nos dizeres de Rojo (2012, p. 21):

[...] são necessárias novas ferramentas – além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) – de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas ferramentas; (b) de análise crítica como receptor. São necessários novos e multiletramentos.

À luz dos PCNs, a língua portuguesa deve ser ensinada numa perspectiva dialógica, já que a interação é o que faz com que a linguagem seja comunicativa (Brasil, 2000). Esses são princípios difundidos por Bakhtin (2006) e presentes em Vigotskii (2010), pois ambos os autores abordam a importância da interação na comunicação e na construção de conhecimento.

Além do mais, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (Brasil, 2006) ressaltam que o processo de desenvolvimento do sujeito está imbricado em seu processo de socialização. De acordo com as OCMs, é na interação em diferentes instituições sociais que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem.

Ademais, a Base Nacional Comum Curricular – importante documento normativo que delimita as aprendizagens essenciais para cada etapa de ensino – destaca em suas competências gerais o compromisso com a formação de jovens críticos e autônomos, evidenciando a consonância com a proposta de um ensino voltado para a formação do sujeito pesquisador. Contudo, Gasques (2025, p. 16) aponta para o fato de que a BNCC “destaca somente o papel dos professores nesse processo”. A autora também ressalta que a ideia de pesquisa nesse documento “vincula-se às atividades experimentais associadas com questões práticas, que requerem soluções rápidas” (Gasques, 2025, p. 17). Nesse sentido, compreende-se que a BNCC apresenta conteúdos que devem ser aplicados sem, efetivamente, considerar o pensamento reflexivo e crítico do estudante.

Com a finalidade de evitar a fragmentação do ensino da língua portuguesa, promovendo-o de maneira dialógica, este artigo adota uma abordagem da língua em funcionamento nos diferentes contextos sociais, tendo como objeto de estudo o texto. A partir dele, os aspectos gramaticais e de sentido podem ser analisados em conjunto com os discentes, possibilitando a formulação de questionamentos, a seleção de argumentos e a organização da defesa de um ponto de vista.

O texto produz sentidos, gera significados conforme o contexto de produção e faz parte de um processo discursivo abrangente. Ao embasar o ensino de língua portuguesa em princípios dialógicos e interacionistas, o docente deve mostrar aos estudantes a relevância da relação entre o texto e seu contexto. Nesse enfoque, Bakhtin (2006, p. 67), em *Marxismo e filosofia da linguagem*, diz que a “a situação social, imediata e ampla, é tomada como um dos elementos constitutivos do material verbal”.

Ainda em conformidade com Bakhtin (2006, p. 129), os sujeitos constantemente estão interligados ao mundo social onde vivem. Assim, a adaptação ao contexto social é uma exigência para a construção do sentido do enunciado. Logo, o ensino de língua portuguesa deve considerar o texto contextualizado em um momento histórico e social, e ligá-lo às condições imediatas de produção. Isso porque essa proposta de ensino abre caminhos para a compreensão dos sentidos.

As obras de Vigotskii (2010) e Bakhtin (2006), portanto, são basilares para tratar do ensino de língua portuguesa, principalmente da prática da escrita, considerando as mudanças sociais e a necessidade de incorporar habilidades que levem o aluno a desenvolver o Letramento Informacional no planejamento e na execução das aulas no planejamento e na execução das aulas. Freitas (1994, p. 157) frisa que esses autores “construíram uma visão totalizante, não fragmentada da realidade, uma perspectiva histórica e uma compreensão do homem como um conjunto de relações sociais”. Tal entendimento de sujeito é crucial para a educação contemporânea, pois, para uma aprendizagem efetiva, o discente precisa ser parte do processo e devem-se respeitar suas experiências sociais, culturais e emocionais.

No que tange à linguagem, os teóricos alinham suas concepções, ao enfatizarem a linguagem como elemento formador (Vigotskii, 2010) e organizador (Bakhtin, 2006) do pensamento. Entretanto, a linguagem como capacidade humana de se comunicar, conforme destaca Marcuschi (2008), só se concretiza historicamente por meio da língua. Sobre isso, Ferraz (2024, p. 84) reitera que “Bakhtin/Voloshinov nos ensinam que a linguagem humana é uma prática social que tem na língua a sua realização material [...] em que essa língua é entendida como um processo de evolução ininterrupta construído pelo fenômeno social da interação verbal”.

Nessa congruência de ideias, pode-se encontrar um caminho para pensar o ensino da prática de escrita nas escolas. Em vista disso, o educador deve ensinar a escrever e o texto precisa ser produto da interação. Assim, a linguagem é imprescindível para o discente, como sujeito histórico-cultural, organizar o pensamento e, somente então, produzir textos coerentes.

Com suas rápidas conexões, a sociedade da informação demanda uma educação que ensine a pensar, pesquisar, buscar a melhor informação e organizá-la de maneira a produzir

conhecimento. Todavia, tal desafio apenas será superado mediante a reestruturação das metodologias de ensino da língua portuguesa as quais são, em sua maioria, centradas apenas no ensino da gramática normativa sem considerar a linguagem em seu aspecto dialógico. Nesse cenário, a proposta de ensino da prática escrita sugere o planejamento de aulas que fomentem a pesquisa e a resolução de problemas, com vistas à formação de um aluno crítico, pensante, autônomo e ativo na interação com as informações, com o professor, com os colegas e com o seu tempo histórico e cultural.

Entretanto, é necessário reconhecer que nem todos têm condições iguais para o desenvolvimento dessas habilidades, principalmente diante da realidade das escolas, principalmente as públicas, marcada pela discrepância de acesso, conforme afirma Freitas Jr. e Schwarzkopf (2025, p. 16), “a escola pública se torna refém de políticas que substituem o ideal da educação como direito universal por uma lógica mercadológica, comprometendo o futuro das novas gerações”.

Cabe ao professor o planejamento de aulas que, apesar das condições adversas, sejam capazes de promover o pensamento crítico, de modo a reconhecer essa desigualdade social. Para isso, o processo de ensino aprendizagem por meio da pesquisa constitua-se um caminho para tal compreensão. Como o Exame Nacional do Ensino Médio pode contribuir para a reflexão sobre a necessidade de implementar metodologias de ensino que desenvolvam habilidades informacionais nos estudantes inseridos nessa “aldeia global”?

As competências 3 e 5 do Exame Nacional do Ensino Médio: argumentação em foco

O Exame Nacional do Ensino Médio é o principal meio de acesso ao Ensino Superior no Brasil. Devido à importância dessa prova, muitas escolas iniciam a preparação dos estudantes desde o nono ano do Ensino Fundamental 2, intensificando-a no Ensino Médio, com foco na prática da produção do texto dissertativo-argumentativo, tipologia textual exigida pelo exame.

O Enem adota cinco competências de habilidade de escrita para avaliar os estudantes. A competência 1 está relacionada ao domínio da gramática normativa. Já a competência 2 observa a estrutura do texto dissertativo-argumentativo e o uso de um repertório sociocultural legitimado para a discussão proposta. A competência 3, por sua vez, mensura a capacidade do discente em selecionar, organizar e apresentar informações em defesa de um ponto de vista. A competência 4 considera a utilização dos mecanismos de coesão e coerência no texto. Enquanto a competência 5 verifica a capacidade do aluno em desenvolver uma proposta de intervenção para a solução do problema apresentado.



Analisando as exigências da prova de redação, nota-se que as competências 3 e 5 requerem do estudante habilidades inerentes à competência informacional. Para ter uma boa pontuação nesses itens, ele deve saber utilizar a informação de forma coerente na defesa de um ponto de vista. Ademais, precisa produzir um conhecimento que ofereça soluções viáveis ao problema apresentado.

A respeito da elaboração de uma proposta de intervenção capaz de apresentar soluções para o problema apresentado, o exame possui uma tipologia textual cujo formato é rígido, limitando o aluno na busca por intervenções mais criativas, visto que, dentro de uma moldura pré-estabelecida, o aluno está condicionado às restrições avaliativas do exame. Nesse sentido, embora a proposta da prova busque o posicionamento crítico na discussão de problemas sociais contemporâneos, ela limita a autoria do aluno em uma receita escolarizada de um tipo textual. Essa característica do exame destoa das teorias bakhtinianas, por desconsiderar a natureza dialógica do texto.

Ademais, segundo o manual do corretor, disponibilizado pelo INEP (2019a), a competência 3 refere-se à aptidão do discente para “selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista” (INEP, 2019a, p. 4). Nesse caso, pode-se averiguar que a expectativa do material é compatível com a necessidade de oportunizar um ensino de língua portuguesa pautado no Letramento Informacional, pois são as habilidades contempladas nesse processo.

Convém aludir que a Matriz de Referência para a correção da competência 3 (cf. INEP, 2019a, p. 7) aponta cinco níveis de domínio. O nível 0 corresponde a textos produzidos sem apresentar informações, fatos ou opiniões capazes de embasar a defesa de um ponto de vista, ao passo que o nível 5 diz respeito a textos nos quais as informações foram tratadas de modo organizado e coerente em defesa de um ponto de vista. A diferença entre os níveis 0 e 5 reside, então, no domínio da competência informacional. O aluno que não possui esse recurso apresenta, por conseguinte, maiores dificuldades de selecionar a informação e organizá-la coerentemente em um modelo de texto formatado para limitar a livre expressão do pensamento crítico do estudante.

Os microdados do Enem relativos aos anos de 2020, 2021 e 2022 mostram claramente que as competências as quais exigem o domínio das habilidades do LI são aquelas com menores notas, conforme a Tabela 1:

Tabela 1. Média das competências avaliadas na redação do Enem no último triênio (2020-2022)

	2020	2021	2022
Competência 1	120,1	118,4	121,8
Competência 2	124,6	138,1	145,5
Competência 3	111,8	114,7	117,7
Competência 4	124,7	128,1	133,1
Competência 5	101,2	113,3	117,7

Fonte: Elaboração própria com base dos microdados do Enem (INEP, [2024])

As médias das competências dos últimos três anos de aplicação do exame (2020-2022) apontam um menor desempenho nas competências 3 e 5. Em outros termos, diante dos dados, há evidentemente um *déficit* no ensino brasileiro quanto à capacidade de selecionar, organizar e utilizar as inúmeras informações em defesa de um ponto de vista. Isso afeta diretamente o bom desempenho na competência 5, que avalia a proposta para a solução do problema em questão – ou seja, envolve a capacidade do discente de observar a realidade social na qual se insere, analisar as informações e produzir conhecimento a partir delas. Segundo o manual do corretor, a Competência 5 “trata da realidade e da capacidade [do participante] de agir sobre e nessa realidade” (INEP, 2019b, p. 4).

Essa dificuldade revelada pelos microdados do Enem está relacionada à estrutura rígida desse tipo textual, que traz impactos negativos para o desenvolvimento crítico dos alunos, uma vez que a prática da escrita perde sua função social. Logo, por meio de modelos e fórmulas prontas, muitos estudantes são treinados por escolas e cursinhos a preencher lacunas desses textos, sem considerar o texto como um evento comunicativo que prevê um interlocutor. Sobre isso, Marcuschi (2008, p. 78) aponta que “um dos problemas constatados nas redações escolares é precisamente este: não se define com precisão a quem o aluno se dirige.”

Os dados trazidos pelo INEP ([2024]) em comparação às exigências do manual do corretor (INEP, 2019a, 2019b) demonstram a urgência de reformular as metodologias de ensino da língua portuguesa. Isso pois a real produção de conhecimento somente ocorre quando os alunos se engajam no conjunto social e participam ativamente do processo de análise e busca por solução para o problema proposto na prova de redação. Porém, tal reformulação deve considerar as disparidades socioeconômicas, as quais aprofundam a desigualdade, de modo que as práticas pedagógicas contemplem essa pluralidade e se adequem às diferentes realidades das escolas do país.

Para isso, é essencial conceber que o discente “desenvolve pensamentos de ordem superior por meio de mediação em pontos críticos do processo de aprendizagem”

(Campello, 2009, p. 45). Tal fato reforça a contribuição de Vigotskii (2010) sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal. Campello (2009) também sinaliza que o processo de aprendizagem na perspectiva do Letramento Informacional deve acontecer por intermédio da pesquisa orientada, buscando valorizar a interação social. Nesse cenário, destacam-se as ideias de Vigotskii (2010) e Bakhtin (2006), que consideram a interação com o meio social, a abordagem dialógica do ensino e os contextos de produção do discurso para pensar a prática de produção de textos fora dos moldes tradicionais.

Dessa forma, as metodologias de produção de textos que priorizam a interação entre os alunos e o meio social e que estimulam a pesquisa são capazes de tornar mais eficientes os resultados das avaliações de grande escala, como o Enem. Além disso, pode-se afirmar que as bases teóricas deste trabalho apresentam possibilidades de incluir a aquisição de competências informacionais no planejamento das aulas de língua portuguesa, objetivando o desenvolvimento do pensamento crítico para além do Enem.

Um modelo prático de pesquisa própria do LI “é o Big6, desenvolvido pelos professores norte-americanos Michael Elisenberg e Robert Berkowitz” (Campello, 2009, p. 15). Esse modelo apresenta seis passos para uma busca de informação eficiente e será utilizado para exemplificar a proposta de uma metodologia de produção textual que incorpore as bases conceituais do Letramento Informacional para o ensino de língua portuguesa numa perspectiva dialógica. A Figura 1 expõe o esquema do Big6:

Figura 1. Modelo de investigação científica Big6



Fonte: Elaboração própria com base em Campello (2009, p. 15)

Adotando esse modelo para o planejamento das aulas de produção de textos (Figura 2), visa-se incentivar a procura por repertório e a seleção das informações que fundamentarão os argumentos de maneira mais organizada e produtiva, reduzindo as chances de o aluno recorrer a repertórios decorados – modelos coringa – desconexos ou incoerentes, além de favorecer a apresentação de uma proposta de intervenção útil para o problema abordado.

Figura 2. Modelo Big6 aplicado à prática de produção de textos na Educação Básica



Fonte: Elaboração própria com base em Campello (2009, p. 15)

O uso do modelo Big6 para orientar a produção de textos permite ao aluno aprender a pesquisar, transformando a pesquisa em uma importante ferramenta para solucionar problemas. Nesse âmbito, o professor exerce a função de mediador do processo, conforme a teoria de Vigotskii (2010), levando o aluno a investigar os motivos do problema, selecionar as principais causas e assumir uma posição (a favor ou contra), além de localizar e indicar as consequências da questão, interpretar a realidade e mostrar exemplos que embasem seu posicionamento argumentativo.

Ao seguir essas etapas de planejamento do texto, o estudante conseguirá, com maior êxito, analisar todo o processo com base nas informações coletadas, e, destarte, elaborar sugestões para amenizar ou erradicar o problema da sociedade de modo mais convincente. Isso possibilita um melhor resultado nas competências 3 e 5 do Exame Nacional do Ensino Médio.

Para (não) concluir: o combate com as palavras

Considerando o diálogo entre as teorias de Vigotskii (2010) e Bakhtin (2006), é imperativo implementar um ensino de língua portuguesa para a sociedade da informação. Na contemporaneidade, é evidente como a facilidade de acesso às tecnologias da informação modificou a maneira de ensinar e aprender. Nessa perspectiva, é fundamental captar, em consonância com Bakhtin (2006), a relevância desse novo contexto social e determinar novas metodologias de ensino para a prática da escrita nas aulas de português. Para tal, as bases conceituais do Letramento Informacional devem ser consideradas no planejamento do professor, uma vez que esse conjunto de habilidades favorece o uso ético da informação e corrobora para o combate às *fake news*.

Logo, a aplicação do modelo Big6 contribuirá para o planejamento de aulas de produção textual com metodologias ativas. Muito mais do que simplesmente escrever textos, os estudantes devem assumir o papel de investigadores dos problemas sociais, pois compreender o contexto é primordial para construir um projeto de texto convincente. Nesse sentido, a produção escrita se torna resultado de um intenso processo investigativo, no qual o aluno entra em contato com diversos enunciados e organiza o seu texto, tendo em vista que a língua está em movimento e é permeada por ideologias.

O Letramento Informacional integrado à Educação Básica favorece um ensino pela e para a pesquisa. Formar alunos críticos e capazes de lidar com o excesso de informações veiculadas diariamente por meio de diferentes ferramentas de comunicação é um desafio para a educação atual. Logo, as bases conceituais do LI associadas às teorias de Vigotskii (2010) e Bakhtin (2006) oferecem um novo olhar para o ensino de língua portuguesa. Longe dos modelos de redação prontos disponíveis na internet, essa abordagem de ensino prevê a elaboração de textos para além do Enem, alicerçada em uma pesquisa consciente, com argumentos bem escolhidos e pertinentes para a discussão proposta. Portanto, o Letramento Informacional traz para os educadores de língua portuguesa recursos primorosos para melhorar o desempenho dos estudantes tanto na avaliação das competências 3 e 5 do Enem quanto nas demais práticas de produção textual dentro e fora da escola.

Diante disso, pode-se afirmar que os cursos de licenciatura em Letras devem proporcionar grades curriculares que formem professores pesquisadores, valorizando a pesquisa e a sua articulação com as práticas sociais da linguagem. Nessa perspectiva, o ensino de

produção textual ultrapassará os limites rígidos do Enem e propiciará aos futuros docentes um conhecimento da linguagem em uso e das condições de produção dos gêneros do discurso. Os professores de língua portuguesa, cientes da importância de habilidades informacionais desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, devem planejar atividades considerando a pluralidade socioeconômica e cultural da sociedade, possibilitando, desse modo, a reflexão crítica, por parte dos estudantes, da própria realidade e, assim, favorecer a busca por transformação, apesar das imposições do modelo educacional neoliberalista.

Com o estudo de questões sociais, os estudantes podem ter melhores resultados no desenvolvimento do raciocínio crítico, ao mostrar mais facilidade em produzir um texto – produto da investigação –, pois é na estrada, no processo de pesquisa, na caminhada, na cidade, na interação homens entre homens, como diz Sartre (2005 [1939]) na epígrafe introdutória deste estudo, que os discentes podem estabelecer um bom combate na arena de luta entre os enunciados.

Referências

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. *PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Básica. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, 2006. v. 1. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

CAMPELLO, B. *Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.BR). *Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2022*. São Paulo: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2023. Edição bilíngue. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/1/20230825142135/tic_kids_online_2022_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução Magda Lopes ; consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMO, P.; MARTINS, J. L. *Aprendizagem aberta: para uma sociedade em construção*. Palmas, TO: Observatório Edições, 2025.

FERRAZ, D. M. de. *Língua-linguagem, educação e educação linguística*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREITAS JR., J. Q.; SCHWARZKOPF, A. J. L. Os impactos do neoliberalismo na educação. *Revista Caderno Pedagógico*, Curitiba, v. 22, n. 6, p. 1-21, 2025.

FREITAS, M. T. de A. *Vygotsky e Bakhtin: psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo: Ática, 1994.

GASQUE, K. C. G. D. *Letramento informacional: pesquisa, reflexão e aprendizagem*. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação/Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <https://livros.unb.br/index.php/portal/catalog/view/140/311/1016>. Acesso em: 12 mar. 2024.

GASQUE, K. C. G. D. A Base Nacional Comum Curricular e a implementação do Letramento Informacional no currículo do Ensino Fundamental. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 30, e99215, p. 1-30, 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Ministério da Educação. *Microdados do ENEM*. Brasília: Ministério da Educação, [2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/acesso-a-informacao/dados-abertos/microdados/enem>. Acesso em: 12 mar. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Ministério da Educação. *Enem redações*. Material de leitura. Módulo 05. Competência III. Brasília: Ministério da Educação, 2019a. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_3.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Ministério da Educação. *Enem redações*. Material de leitura. Módulo 07. Competência V. Brasília: Ministério da Educação, 2019b. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2020/Competencia_5.pdf. Acesso em: 12 mar. 2024.

LECARDELLI, J.; PRADO, N. S. Competência Informacional no Brasil: um estudo bibliográfico no período de 2001 a 2005. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*: Nova Série, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 21-46, dez. 2006. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/16/4>. Acesso em: 12 mar. 2024.

LURIA, A. R. Vigotskii. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Tradução Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 21-38.

MARCUSCHI, L. A. *Produção de textos, oralidade e escrita*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ROJO, R. H. R. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SARTRE, J. P. Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: L'intentionnalité. Tradução Ricardo Leon Lopes, *Veredas Favip*, Caruaru, v. 2, n. 1, p. 102-107, 2005 [1939]. Disponível em: <https://gmeaps.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/05/uma-ideia-fundamental-da-fenomenologia-sartre.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Tradução Maria da Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010. p. 103-118.

Algumas considerações sobre as instâncias multimodais na clínica de linguagem

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3946>

Irani Rodrigues Maldonade¹

Resumo

Os estudos sobre a multimodalidade podem iluminar a clínica fonoaudiológica de linguagem. Entretanto, não é tão evidente que a teorização interacionista comporta a visão multimodal da linguagem. Logo, este trabalho buscará, em primeiro lugar, mostrar que isso é possível, ao revisitar passagens dessa teorização, mostrando que há um lugar privilegiado reservado à multimodalidade. Depois, dois trabalhos relacionados ao processo terapêutico fonoaudiológico são discutidos. Um que identificou como o fonoaudiólogo lida com as falas ininteligíveis e outro que verificou a direção do olhar da criança na ocorrência do erro e da correção. As formas de a terapeuta lidar com as falas ininteligíveis reverberam na forma como a criança continua o diálogo. Houve a predominância da direção do olhar para um objeto e, em menor proporção, para a terapeuta, situando-a como ligado à clínica de linguagem e não à Fonoaudiologia Tradicional.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem; fonoaudiologia; multimodalidade.

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; irani@fcm.unicamp.br; <https://orcid.org/0000-0002-5607-7344>

Some considerations about multimodal instances in the language clinic

Abstract

Studies on multimodality can shed light on the speech-language pathology clinic. But, it's not so evident that interactionist theorization includes the multimodal view of language. Therefore, this work will seek, in the first place, to show that this is possible, by revisiting passages of this theorization, showing that there's a privileged place reserved for multimodality. After this, two studies related to the speech language pathology therapeutic process are discussed. One that identified how the speech therapist deals with unintelligible speech and another that checked the direction of the child's gaze in the occurrence of the error and correction. The therapist's way of dealing with unintelligible speech reverberates in the way the child continues the dialogue. There was a predominance of the direction of gaze towards an object and, to a lesser extent, towards the therapist, placing him as linked to the language clinic and not to Traditional Speech Therapy.

Keywords: Language acquisition; Language and Hearing Sciences; multimodality.

Introdução

Na área de Aquisição da Linguagem, os estudos sobre a multimodalidade vêm ganhando projeção tanto na literatura internacional quanto na nacional. No entanto, não é isso o que se observa, no contexto atual, na Fonoaudiologia no Brasil. Mesmo assim, apesar de haver poucos estudos que abordam a multimodalidade no processo terapêutico fonoaudiológico, estes têm conseguido colocar em evidência que as instâncias multimodais (gestos, expressões faciais, aspectos prosódicos, entre outros) constituem aspectos fundamentais do diálogo, que, por muito tempo, foram deixados de lado ou desconsiderados pelos profissionais. Acontece que incorporar os elementos multimodais traz consequências (implicações) imediatas para o processo de aquisição da linguagem, como indicam os trabalhos de Cavalcante (2009, 2018) e para o processo terapêutico fonoaudiológico, como este artigo buscará apontar.

Para tanto, neste trabalho, inicialmente, apresento em linhas gerais o conceito de multimodalidade; em seguida, exponho minha adesão à proposta interacionista desenvolvida por De Lemos (1982, 1992, 2002) e colaboradoras e à clínica de linguagem, buscando mostrar que tal perspectiva possibilita o estudo e o tratamento das instâncias multimodais nos diálogos dos quais as crianças participam ao longo do processo de aquisição da linguagem e finalmente, traço algumas considerações relacionadas às instâncias multimodais, que têm oportunizado nossa reflexão no âmbito das terapias fonoaudiológicas. Este trajeto tem sido trilhado na companhia de alunos em suas práticas fonoaudiológicas nos estágios que supervisiono, assim como nas pesquisas acadêmicas por mim orientadas.

Multimodalidade

O termo multimodalidade ainda é pouco conhecido na Fonoaudiologia. De modo geral, ele se refere às modalidades de uso da língua(gem), tais como gesto, olhar e expressões faciais, que acontecem na interação entre interlocutores e podem acompanhar a fala ou não. De acordo com Fonte e Cavalcante (2016), o processo de aquisição da linguagem inclui diferentes tipos de gestos e produções prosódico-vocais, que se aperfeiçoam mutuamente em um contínuo nas interações dialógicas e se mesclam para constituir uma única matriz linguística significativa. Para Nóbrega e Cavalcante (2013), o olhar, o gesto e a produção vocal chegaram mesmo a ser definidos como componentes do Envelope Multimodal, ou seja, como os três componentes básicos da dialogia, que se mesclam formando uma mesma matriz de significação e são usados por ambos os parceiros na interação entre interlocutores.

Sendo assim, Cavalcante (2018) afirma que a criança se insere, desde muito cedo, nos gêneros do discurso usando a multimodalidade, de forma que os significados vão sendo construídos nos processos dialógicos nos quais ela participa com seus interlocutores. Na perspectiva adotada pela autora, que não considera apenas o que é dito na fala como veículo de interação, a criança chega a “conversar” antes mesmo de falar, pois desde que nasce ela é vista como falante. Ou seja, é interpretada como sujeito falante pelos interlocutores/cuidadores, que atribuem significados aos gestos, choros e expressões corporais que ela produz, introduzindo-a à condição de parceira no diálogo. Em outras palavras, o interlocutor dá um lugar de fala ao bebê, realizando trocas interativas e trocas de turnos no diálogo, fazendo interpretações daquilo que a criança quis dizer, mesmo sem que haja a produção de um som verbal. Esta abertura ao “falar” do bebê se dá através da interpretação das pistas multimodais manifestas nas interações das quais a criança participa, na interação com seu interlocutor.

Neste sentido, Almeida e Cavalcante (2017, p. 529) argumentam que, no momento inicial do processo de aquisição da linguagem, quando “as crianças têm pouca autonomia em relação ao que conseguem dizer, os gestos oferecem um caminho adicional de expressão, expandindo a gama de ideias que elas são capazes de expressar”. Por volta do primeiro ano de vida, o uso de gestos começa a ser articulado com o uso da fala. De acordo com as autoras, assim como os gestos, a prosódia tem sua função estruturante durante a aquisição da linguagem: as pistas prosódicas orientam tanto a percepção da criança sobre a fala dirigida a ela quanto a interpretação da fala da criança pelo outro, o que é fundamental para o processo de aquisição da linguagem. Portanto, na perspectiva multimodal, gestos e fala são instâncias indissociáveis no diálogo, constituindo, muitas vezes, uma mesma matriz de significação.

A incorporação dos elementos multimodais nas bases do processo de aquisição da linguagem traz consequências (implicações) imediatas para a compreensão do

período pré-linguístico de aquisição da linguagem, conforme apontam os trabalhos de Cavalcante (2009, 2018). A principal delas é que tal período não pode mais ser encarado simplesmente como um período “não linguístico”, justamente porque os gestos já estão se desenvolvendo e se estruturando na relação mãe-bebê, formando, dessa maneira, as matrizes primitivas (ou iniciais) de significados.

Sendo assim, os gestos passam a ser considerados como elementos linguísticos, podendo ocorrer, muitas vezes, simultaneamente (ou não) às produções vocais da criança. De acordo com a concepção de alguns autores, essas instâncias multimodais devem mesmo ser consideradas como partes constituintes da linguagem. Entretanto, assim como nos mostra a literatura em Aquisição da Linguagem, essa ideia é encarada diferentemente pelas principais teorias nos estudos da área, em que era comum se dar saliência às unidades da língua descritas pela Linguística. Desse modo, os gestos e/ou a gesticulação presentes nas situações de interação entre interlocutores ficavam, frequentemente, de fora do escopo da análise.

Interacionismo e multimodalidade

Na teorização interacionista desenvolvida por De Lemos (1982, 1992, 2002) e colaboradoras (Castro, 2010, Figueira 2022), o diálogo é tomado como unidade de análise, de forma que a fala do outro é também incorporada como dado a ser analisado, além da fala da criança. Além disso, esse quadro teórico afirma que a interação é a condição necessária para o processo de aquisição da linguagem, motivo pelo qual o quadro é chamado de *interacionista*. Com isso, ele se mostra vantajoso em relação a outras propostas teóricas na área de Aquisição da Linguagem, uma vez que se recusa a tomar os enunciados das crianças como evidências de conhecimento categorial da língua, o que foi considerado pela teorização como uma sobreposição do ponto de chegada (o que se quer saber sobre o processo de aquisição da linguagem) ao ponto de partida, considerando as experiências dialógicas iniciais da criança com a língua(gem).

Um exemplo emblemático de tal fato é o trabalho de Brown (1973), que investigou a ordem de aquisição de 14 morfemas gramaticais do inglês. No referido trabalho, apenas os acertos foram considerados como dados para análise. Descartou os erros, desembaraçou-se até mesmo das imitações da fala do outro feitas pela criança, rejeitando-as. Imitações que, num futuro não muito distante, viriam a mostrar-se cruciais para a teorização interacionista (v. De Lemos, 1982), uma vez que revelavam a dependência da fala da criança à fala do outro, ou seja, a dimensão interacional dialógica, na qual os falantes estão sempre envolvidos.

Desde o início de sua formulação, a proposta interacionista de De Lemos (1982, 1992), que faço adesão, recusa-se a aplicar as unidades definidas pela descrição linguística à fala da criança, baseando-se num suposto grau de complexidade de língua(gem). Tal

atitude metodológica foi encarada pelo quadro teórico, como configurando uma postura reducionista e simplista, uma vez que não se pode definir, de antemão, o que é complexo em termos linguísticos, assim como não se pode desconsiderar o erro na fala da criança como se fosse uma realização imperfeita da língua pela criança.

No arcabouço da proposta interacionista, inscreve-se até os dias de hoje o esforço de não deixar de lado nem o sujeito nem a língua. Ao longo dessa teorização, houve a preocupação de mostrar como as propriedades formais da língua(gem) podiam ser derivadas de processos de interação linguístico-discursivos, muito embora – é preciso reconhecer – sem dar, às instâncias multimodais presentes no diálogo, o seu devido tratamento. Talvez ocupada com o desafio da descrição da fala da criança como algo em constituição e, ao mesmo tempo, em mudança linguística, a teorização não se desenvolveu, na mesma medida, no sentido de dar tratamento às instâncias multimodais presentes na interação. Porém, o que destaco em seguida é que, apesar de não terem sido suficientemente exploradas na teorização, as instâncias multimodais nunca foram negadas. Mesmo que de um modo incipiente, elas eram lembradas e chegavam a fazer parte da análise, já que algum tipo de anotação era feito nas transcrições dos enunciados dos participantes da interação.

Um exemplo disso pode ser destacado já em De Lemos (1982), logo no início da teorização interacionista, quando a autora se refere à indeterminação semântica das formas “acendeu” e “apaga” no período de 1;6 a 2;6 de idade na fala de um dos sujeitos da pesquisa desenvolvida por ela. Explicando melhor: a forma “acendeu” era parte da brincadeira de acender um isqueiro, em que o adulto, depois de acendê-lo, falava enfaticamente à criança: “acendeu”. Já a forma “apaga”, fazia parte dos “esquemas” em que o adulto acendia uma velinha de aniversário (ou fósforo de cor) para a criança apagar. De Lemos (1982 p. 14) esclarece que a emergência dessas duas formas se deu “nesses contextos”. Porém, mais adiante nos dados transcritos, “acendeu” aparece como pedido da criança para o adulto acender a luz do *hall*, por exemplo, enquanto “apaga”, aparece como pedido para o adulto acender um fósforo a ser apagado, enquanto a criança mostrava uma caixa de fósforos para ele. Ou seja, as formas originárias de um tipo específico de interação migravam para outros diálogos, produzindo novos enunciados e mostrando uma expansão de seus usos. Dessa forma, De Lemos (1982, p. 15) pôde afirmar que esses dados “representam um processo de recontextualização caracterizável como uma atividade exploratória da criança sobre os vários aspectos do segmento do mundo físico, recortado pelo esquema interacional do qual fazia parte a forma linguística incorporada”. Como se vê, a atenção na teorização estava voltada para as formas linguísticas e não para o diálogo em si, em sua completude, de forma que se pudesse extrair outras consequências para a análise e para a própria teorização interacionista.

Além disso, a notada recontextualização das formas linguísticas, que foi mais tarde (cf. De Lemos, 1992) recoberta pelos processos metafóricos e metonímicos (tomados

como processos de ressignificação e de mudança linguística) permitiram flagrar não só a movimentação delas mesmas em cadeias linguísticas, como também apreender no diálogo a relação entre as falas do adulto e da criança, culminando com a proposta das três posições da criança no processo de aquisição da linguagem, de modo que: a *primeira posição* destaca a dependência da fala da criança em relação à do adulto; a *segunda posição* é marcada pelos erros na fala da criança, uma vez que a dependência de sua fala relativamente à fala do outro diminui; e a *terceira posição* é caracterizada pela reformulação (correção) da criança de sua própria fala, quando ela passa a se escutar.

Se voltarmos aos dados apresentados por De Lemos (1992), veremos que as instâncias multimodais presentes nos diálogos entre a criança e o adulto não foram ignoradas. Em um dos exemplos analisados pela autora, a criança (M.) e sua mãe estavam jogando bola, ou seja, envolvidas numa ação no diálogo em curso. No referido episódio, a criança diz “La Favia es nananda” para a mãe, pois o barulho que estavam fazendo com a bola poderia acordar Flávia, a irmã menor de M. Em outro exemplo, M. perguntava a sua mãe “¿Favia está nanando?”, enquanto fazia barulho ao brincar. Os enunciados anteriores da criança foram interpretados como versões diferentes do discurso da mãe, muitas vezes repetido em situação em que M. fazia muito barulho e a mãe a advertia dizendo que isso poderia acordar Flávia, a irmã menor. Naquele momento, a preocupação da teorização concentrava-se em explicar como as formas linguísticas na fala da criança, poderiam ser explicadas a partir de enunciados linguístico-discursivos, que tinham suas raízes nas interações dialógicas nas quais as crianças estavam inseridas, sem que gesticulação, olhares ou expressões faciais tivessem um lugar na análise. O foco estava dirigido para a relação de natureza metafórica que se estabelecia entre termos, que eram repostos de enunciados anteriores presentes nos diálogos dos quais a criança participava. A substituição de “está” por “es” na fala da criança indicava que algo a mais estava em jogo, ou seja, uma relação de natureza metafórica se estabelecia entre os termos. Com isso, quero dizer que as cenas das quais migravam as formas linguísticas de enunciados anteriores eram reconhecidas, por assim dizer, mas foram insuficientes para introduzirem novos rumos para as análises e para a teorização.

Se for verdade que havia justificativas para isso, a meu ver, uma de ordem metodológica nos garante uma explicação. Vale lembrar que os dados de fala infantil sobre os quais trabalhavam De Lemos e pesquisadoras eram procedentes de gravações em áudios das crianças, em seus lares, em interação com seus familiares, gravações que eram posteriormente transcritas. Sendo assim, a cena que envolvia a criança no diálogo não era possível de ser captada visualmente. Para tentar compensar isso, eram feitas algumas observações relativas à situação ou cena dialógica na transcrição do episódio, como por exemplo: “Niña tirando los juguetes al suelo y haciendo mucho ruido”. Metodologicamente, não era possível analisar o olhar, as expressões faciais e nem mesmo os gestos, pois tais instâncias multimodais não estavam disponíveis para o pesquisador, como material a ser analisado. Como se conhece, as gravações das crianças que constituíram o grandioso Banco de Dados do Projeto de Aquisição da Linguagem, abrigado hoje no Cedae/Unicamp,

que tem acesso público eram em áudio e não em vídeos (filmes). Desta forma, observa-se que talvez um limite da tecnologia usada à época pode ter colaborado para restringir (ou atrasar), quem sabe, a possibilidade de inclusão dos elementos multimodais nos desdobramentos da teorização.

Clínica de linguagem

Desenvolvendo-se a partir dos mesmos pressupostos que embasam o interacionismo, a clínica de linguagem vem consolidando-se como uma posição alternativa frente à chamada Fonoaudiologia Tradicional. Esta última é compreendida, aqui, como uma clínica que, historicamente, se constitui na Fonoaudiologia² amparada pelo discurso médico pedagógico, se dedica a produzir protocolos de avaliação de linguagem e desenvolve suas práticas baseadas em técnicas terapêuticas, desde o início da profissão no Brasil, buscando cumprir as exigências do paradigma quantitativo das ciências da saúde, conforme apontam Rubino (1994) e Arantes (2019). Diferentemente, a clínica de linguagem, inspirada na teorização desenvolvida por De Lemos (1982, 1992, 2002) e colaboradoras (tais como: Lier-DeVitto, 2024 e Maldonade; Lopes-Pereira, 2022a, 2022b) distingue-se da Fonoaudiologia Tradicional, de várias maneiras, mas principalmente pelas concepções de linguagem e sujeito que cada uma adota. Segundo Cordeiro e Lier-DeVitto (2019, p. 123), o nascimento da clínica de linguagem surgiu da “necessidade de produzir um discurso teórico sobre falas patológicas, sobre seu funcionamento e seus efeitos clínicos.”

Na Fonoaudiologia Tradicional, a língua(gem) é concebida como se fosse um objeto, cuja aquisição se daria por uma série ordenada de estruturas, tomadas numa suposta ordem crescente de complexidade (das mais simples para as mais complexas) e oferecidas pela descrição linguística, de acordo com as idades das crianças, de modo a definir para cada fase de desenvolvimento um padrão esperado. Neste sentido, o diálogo é excluído da análise, o que pode dificultar a visão multimodal ou reduzi-la a comportamentos pragmáticos. Sendo assim, o processo de aquisição é visto como homogêneo para todos os sujeitos, além de que é também definido como sendo um processo de aprendizagem. Tal visão é contrária à da proposta interacionista, em que o processo de aquisição da linguagem é entendido como um processo de mudanças linguísticas e subjetivas. De acordo com a proposta interacionista, a língua(gem) seria um “objeto” de contornos não nítidos, heterogênea, além de estar em constante movimento.

Em relação ao processo terapêutico, a Fonoaudiologia Tradicional centra-se no treinamento de habilidades (que envolvem memorizações auditivas-discriminatórias

2 De acordo com o Conselho Regional de Fonoaudiologia 2, a Fonoaudiologia apresenta 14 especialidades: audição, motricidade orofacial, saúde coletiva, voz, disfagia, fonoaudiologia educacional, gerontologia, fonoaudiologia neurofuncional, fonoaudiologia do trabalho, neuropsicologia, fluência, perícia fonoaudiológica, fonoaudiologia hospitalar e linguagem.

de fonemas e exercícios articulatórios) do sujeito aprendiz com a língua, que é vista como objeto de conhecimento, ocupando o fonoaudiólogo a posição de quem detém o saber e ensina a língua à criança. Tal visão impede que as instâncias multimodais sejam incorporadas tanto no momento inicial do processo terapêutico fonoaudiológico, na avaliação da linguagem, quanto nas terapias fonoaudiológicas. Para Benine (2006), a redução da fala ao circuito articulação/discriminação (emissão/recepção), presente na Fonoaudiologia Tradicional, tem impedido um olhar para a heterogeneidade do que se apresenta na clínica e para seus resultados. Já a clínica de linguagem, pautada pelo interacionismo, centralizada na análise do diálogo consegue compreender a multimodalidade desde as protoconversações iniciais como suporte para a construção de sentidos e interpretações, que fazem operar os processos metafóricos e metonímicos (processos de ressignificação) durante o diálogo entre o bebê e o adulto.

Além disso, na clínica de linguagem, o outro-terapeuta é quem interpreta a fala dos pacientes e lida diretamente com o sofrimento que delas emerge e, com isso, acaba definindo outras práticas e posição para o fonoaudiólogo no processo terapêutico fonoaudiológico. Sua interpretação, por exemplo, é diferente da interpretação de quaisquer outros interlocutores, uma vez que ela é guiada pela teoria de linguagem à qual se filia. Ressalta-se ainda que o terapeuta assume um compromisso com a singularidade da fala do paciente, além de estar ciente da posição dupla que ocupa frente aos atendimentos: a) a da interpretação em cena, em que o terapeuta está sob os efeitos das produções do interlocutor durante o atendimento fonoaudiológico e b) a da interpretação fora da cena, em que o terapeuta dela se distancia após a terapia, ao transcrever o material da sessão e invocar a escuta clínica, guiada pela teoria de linguagem. Para tanto, autores como Arantes (2019) e Lier-DeVitto e Emendabili (2015) ressaltam a necessidade de se registrar (gravar e/ou filmar) as terapias fonoaudiológicas.

Vale salientar que a adoção de tal metodologia se torna imprescindível se se quiser entender a presença das instâncias multimodais nos atendimentos fonoaudiológicos e não apenas restringir as análises às produções vocais dos pacientes ou, em outras palavras, à língua que se apresenta na fala deles. Para enfrentar este desafio, os trabalhos que tenho desenvolvido focalizam o processo terapêutico, englobando não só as falas sintomáticas e suas correções (ou reformulações) das crianças submetidas a atendimentos fonoaudiológicos, como também os elementos multimodais envolvidos na situação dialógica, como os gestos, as expressões faciais e a variação prosódica, por exemplo. Para tanto, está sendo necessário fazer um ajuste na metodologia e incluir as filmagens das gravações das sessões de atendimentos e, em algumas pesquisas adotar uma nova ferramenta para transcrição e análise de dados, com o uso do *software* ELAN³.

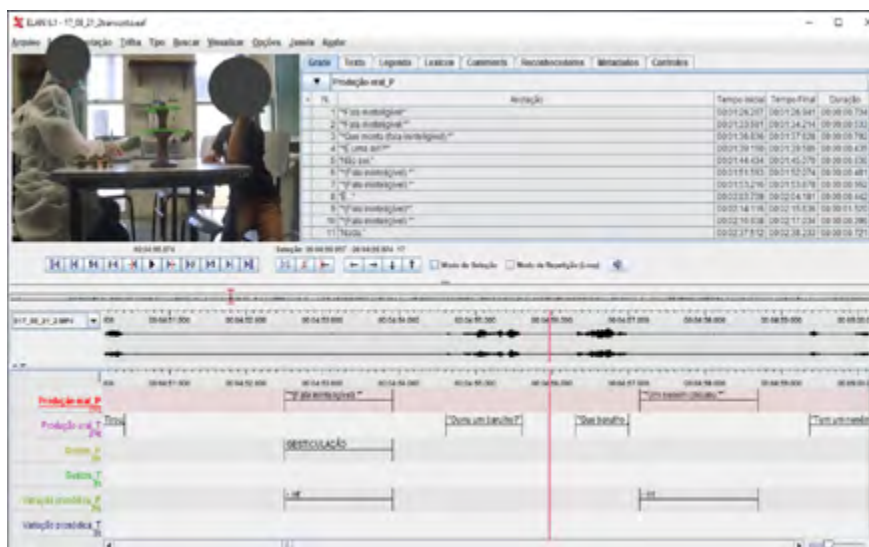
3 O ELAN é um *software* gratuito desenvolvido pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck, utilizado nas transcrições de dados com gesto e produção vocal.

Metodologia e breve apreciação dos resultados

Os dados relatados nesta seção foram colhidos pela mestrande Karina Garcia Lopes-Pereira no ano de 2021 do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, no ambulatório de Avaliação e Terapia Fonoaudiológica do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE), tendo o projeto sido aprovado pelo Comitê de Ética pelo parecer de aprovação número 4.324.541 de 07 de outubro de 2020. Porém, como nem todos os dados foram aproveitados para a dissertação da referida aluna, foi feita uma solicitação em abril de 2024 ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unicamp, cuja emenda foi aprovada em junho de 2024 sob número 6.878.559 para que esses pudessem ser aproveitados em duas outras pesquisas menores (*Considerações sobre as falas ininteligíveis no processo terapêutico fonoaudiológico* e *A importância do olhar na terapia fonoaudiológica de fala*) de iniciação científica, sendo a primeira conduzida por Gabrielle Batista e a segunda por Anna Laura Soldati, ambas alunas de graduação do curso de Fonoaudiologia da Unicamp.

O primeiro trabalho compreendeu a análise das filmagens de 4 atendimentos fonoaudiológicos de cada uma das 4 crianças com alterações fonêmicas na fala (que receberam os nomes fictícios: Eric, Luiza, Giovana e Letícia) que tinham sido atendidas semanalmente em terapias individuais com duração de 30 a 45 minutos no CEPRE em 2021, ainda no período de restrições impostas pela pandemia do Covid-19. Por conta disso, a terapeuta e os pacientes fizeram uso de máscaras de proteção durante as sessões de atendimento fonoaudiológico, conforme pode ser visto na Figura 1. Foram usadas duas sessões iniciais de cada paciente e duas sessões finais para a análise de dados.

Figura 1. Tela do ELAN



Fonte: Lopes-Pereira (2024, p. 100)

Foram feitas as transcrições largas de trechos das sessões de atendimentos em que as falas ininteligíveis eram identificadas. Apenas os trechos com alterações fonêmicas na fala das crianças foram transcritos fonologicamente. A partir disso, foram identificadas quatro maneiras principais da terapeuta lidar com as falas ininteligíveis no diálogo com cada paciente: a) sem parecer estar afetada por elas; b) dando significado à fala da criança; c) interpelando o paciente, com perguntas retificadoras; e d) manifestando-se no diálogo ao dizer que não entendeu o que o paciente quis dizer. Embora o intuito deste artigo não seja analisar esses trechos, alguns exemplos do diálogo entre terapeuta (T) e paciente (P) são mostrados, na sequência, para dar uma ideia do que foi encontrado no conjunto de dados.

1. Sem parecer estar afetada pela fala ininteligível

Paciente 1: Eric – Episódio 6, data da gravação: 21/09/21 Tempo: 05m 25s até 05m 33s

(Terapeuta e paciente brincavam com o jogo “Lego”).

T: “Ai, caiu tudo!” (peças do jogo caem)

P: “*⁴fala ininteligível*”

T: “Olha a arquibancada que eu estou montando, essa arquibancada é diferente”

2. Dando significado à fala da criança

Paciente 2: Luíza – Episódio 47, data da gravação: 14/09/2021 Tempo: 11m 56s até 12m 05s

(Criança estava desenhando)

P: “Depois tinha outro machucado aqui lá no *fala ininteligível*”

T: “Depois você fez outro machucado no dedo, lá no portão?”

P: “Uhum, sim, eu apertei”

3. Interpelando o paciente, com perguntas retificadoras

Paciente 1: Eric – Episódio 22, data da gravação: 26/10/2021 Tempo: 16m 18s até 16m 26s

(Terapeuta e paciente jogam o jogo “Pescaria”)

P: “Olha peguei um *fala ininteligível*”

T: “Oi?”

P: “Olha peguei peixe”

T: “Você pegou esse peixe!”

4. Manifestando-se no diálogo ao dizer que não entendeu o que o paciente quis dizer.

Paciente 1: Eric – Episódio 55, data da gravação: 14/12/2021 Tempo: 25m 24s até 25m 36s

(Paciente narrando um acontecimento)

T: “Onde aconteceu esse acidente Eric?”

P: “Polícia *fala ininteligível*”

T: “Eu não entendi o que você falou”

4 O símbolo * corresponde à marcação no ELAN para identificar as ocorrências ininteligíveis.

Durante as sessões terapêuticas, o fonoaudiólogo teve de lidar com a imprevisibilidade que permeia a fala da criança, considerando não somente aquilo que ouve, mas analisando a fala conjuntamente aos aspectos multimodais da linguagem. Ao levar em consideração a presença dos diferentes aspectos multimodais presentes nos contextos enunciativos, a terapeuta apresentou maior facilidade para compreender e interpretar as falas das crianças. Os gestos e a direção do olhar do paciente ajudavam a fonoaudióloga a entender o que a criança queria dizer. Isso mostra a necessidade de se partir de um quadro teórico mais amplo, como o interacionista, para abordar a fala da criança nas terapias fonoaudiológicas, de modo a considerar não somente a fala (ou seus fragmentos) isoladamente, mas também as demais instâncias multimodais que coocorrem no diálogo, como elementos linguísticos a serem analisados.

Os resultados obtidos revelaram que para três dos quatro pacientes (Luiza, Giovana e Letícia) foi possível observar que as falas ininteligíveis ocorreram com maior frequência nas duas primeiras sessões de atendimento, diminuindo significativamente até a última sessão analisada. O paciente que tinha maior quantidade de alterações fonêmicas em sua fala (tornando-a ininteligível com maior frequência) foi também o que não apresentou diminuição na quantidade de falas ininteligíveis até a última sessão analisada.

Foi possível observar através da quantificação dos resultados obtidos que a forma c (interpelando o paciente, com perguntas retificadoras), foi a mais utilizada pela terapeuta com os quatro pacientes. Sendo assim, a terapeuta pode indagar ao paciente, dando a ele a possibilidade de reformular sua fala e dar progressão ao diálogo. Já a forma menos utilizada pela terapeuta, quando se deparava com as falas ininteligíveis dos pacientes, foi a forma d (manifestando-se no diálogo ao dizer que não tinha entendido o que o paciente quis dizer), que também possibilitava ao paciente a reformulação de sua fala.

O segundo trabalho teve como objetivo verificar a direção do olhar de 2 crianças com alterações fonêmicas em suas falas no momento da ocorrência do erro e de sua correção (ou tentativa) em 4 terapias fonoaudiológicas. Foram, portanto, analisados vídeos de 8 sessões já transcritos por Karina que usou o ELAN, sendo que foram adicionadas duas novas trilhas. Uma delas foi destinada a registrar a direção do *olhar*, quando o erro ocorria na fala da criança, enquanto a outra foi designada para indicar a direção do *olhar* da criança, na tentativa de correção ou logo após a correção bem-sucedida. Para registrar a direção do *olhar* do paciente em ambos os momentos, foram utilizadas as siglas: a) "OBJ" para indicar *olhar* em direção ao objeto e/ou ambiente relacionado à situação dialógica, b) "AT" para os momentos de *olhar* para a terapeuta e c) "DESVIADO" para os momentos de *olhar* desviado da situação dialógica.

Os resultados mostraram que os dois pacientes apresentaram maior porcentagem (aproximadamente em 80% das ocorrências) do *olhar* dirigido para o objeto, quando as alterações fonêmicas aconteciam na fala deles. Por outro lado, o contato visual direto

com a terapeuta foi menor (aproximadamente em 15% das ocorrências) durante os erros. Com menor porcentagem ainda ocorreu o olhar desviado da situação dialógica.

Em relação à direção do *olhar* durante as tentativas ou correções feitas pelas crianças na terapia, os resultados mostraram a predominância (aproximadamente em 70% das ocorrências) do *olhar* dirigido para o objeto. Já a interação visual direta com a terapeuta durante as correções foi relativamente baixa (aproximadamente 25% das ocorrências) para ambos os pacientes. Com menor porcentagem ainda ocorreu o olhar desviado da situação dialógica.

O olhar, em particular, é reconhecido como elemento fundamental para a construção e interpretação da comunicação em vários contextos. Em *Cenas de Aquisição da Linguagem*, Cavalcante e Faria (2015) descrevem a simultaneidade de produções, como o olhar de ambos os interlocutores direcionado a um objeto comum, caracterizando os episódios de atenção conjunta. Belini e Fernandes (2007) afirmam que essa atenção simultânea é crucial para o vínculo entre os indivíduos, sendo o olhar mais do que um mecanismo fisiológico. De acordo com os autores, ele exerce uma função psíquica, visível desde o início da vida no contato visual inicial entre bebê e cuidador. Ao acompanhar o olhar do outro, a criança desenvolve habilidades de interação social e atenção compartilhada, essenciais para interação entre interlocutores.

De fato, os resultados alcançados no segundo trabalho foram surpreendentes e cruciais para diferenciar a perspectiva interacionista adotada na pesquisa daquela proposta pela Fonoaudiologia Tradicional, que frequentemente concentra suas práticas na repetição mecânica da produção de fonemas e palavras, visando a correção das alterações fonêmicas por meio de exercícios sistemáticos relacionados à articulação, em que o olhar passa a ser um aspecto fundamental para a imitação da forma “correta” (forma esperada) pelo paciente. Tal visão pode ser considerada limitada, pois tende a tratar a fala apenas como manifestação das unidades da língua, sem considerar o diálogo em sua completude, com a manifestação de outros elementos multimodais que fazem parte da interação entre os interlocutores, que podem ser igualmente essenciais para a construção (ou organização) dos sentidos. Ao contrário disso, as pesquisas na Fonoaudiologia relativas às alterações fonêmicas não incorporam o *olhar* como categoria a ser analisada, seja na produção do erro ou na sua correção.

Algumas considerações

Ao finalizar, cabe salientar as limitações deste trabalho. Em primeiro lugar, seria importante ampliar a análise para maior número de pacientes. No caso da verificação da direção do olhar quando da ocorrência do erro e a correção (ou sua tentativa) na fala da criança, pode-se afirmar que há poucas pesquisas anteriores sobre o tema na Aquisição da linguagem e menos ainda na Fonoaudiologia, que privilegia (sem razão)

as unidades da língua que comparecem na fala da criança. A adoção de tal perspectiva pela Fonoaudiologia Tradicional se mantém inquestionada, além de não contribuir, de fato, para instruir as práticas do fonoaudiólogo ao lidar com as falas ininteligíveis dos pacientes e pouco contribuir para a evolução das crianças em terapia.

Situadas na Fonoaudiologia Tradicional, Wertzner e Pagan-Neves (2014) apontam que os pacientes com maior quantidade de alterações fonêmicas na fala são também os com maior incidência de falas ininteligíveis, o que corrobora os resultados da pesquisa relatada aqui anteriormente. Já De Deus (2012), assumindo uma concepção benvenistiana acerca da linguagem, aborda maneiras de o terapeuta lidar com as falas ininteligíveis, que se assemelham às encontradas nos resultados desta pesquisa, como o uso de mecanismos linguísticos de interjeição.

Tomando distância da Fonoaudiologia Tradicional, Trigo (2004) destaca a importância de o terapeuta deixar-se afetar pelo movimento da fala e pelo jogo significativo tecido na fala da criança, deixando de lado o aprisionamento imposto por categorias como repetições e imitações de modelos a serem copiados pela criança nas terapias fonoaudiológicas, que inclusive não garantem a entrada da forma esperada (pela língua adulta) no repertório do paciente.

Além disso, os dois trabalhos relatados aqui anteriormente deixam claro que os elementos multimodais que ocorrem simultaneamente à fala possibilitam uma melhor interpretação do paciente, desencadeando possibilidades (efeitos) de continuidade dialógica, o que é fundamental para a interação que se estabelece entre terapeuta e criança no processo terapêutico, auxiliando positivamente a evolução terapêutica. Sendo assim, não faz sentido analisar somente a fala da criança com as alterações fonêmicas sem considerar os movimentos dialógicos (tanto os do paciente, quanto os da terapeuta) instaurados na interação, sem analisar em concomitância os gestos, o olhar e as variações prosódicas, como é usual se fazer na clínica fonoaudiológica tradicional. Como se sabe, o funcionamento da linguagem inclui os elementos multimodais.

O clínico resgata elementos da sua experiência dialógica com a criança (das quais as instâncias multimodais fazem parte), podendo alçar fragmentos ou acontecimentos que permitem a construção de sua interpretação, o que, por sua vez, acaba oferecendo para criança uma nova oportunidade para seu engajamento no diálogo. Em relação à posição do fonoaudiólogo, não se pode, portanto, conceber que a interpretação clínica seja da mesma natureza da que realiza um falante qualquer sobre a fala da criança. Pelo contrário, a interpretação concebida enquanto ato clínico é o que deve afetar a criança. Espera-se que a incidência do terapeuta possa promover desarranjo na fala sintomática ou nas falas ininteligíveis e afetar a relação da criança com a própria fala e com a fala do outro.

Neste sentido, as fundamentações teóricas vindas da Clínica de Linguagem e do Interacionismo abriram a possibilidade de produzir elaborações sobre a escuta, segundo Sousa e Lier-DeVitto (2022). Conforme afirmam as autoras “com isso, foi possível notar que falas sintomáticas estão submetidas aos mesmos mecanismos de funcionamento da linguagem – no entanto, de maneira que produzem organizações anômalas as quais, para serem dissolvidas, demandam um ato clínico: a interpretação” (Lier-DeVitto, 2006). Reforça a autora que, para a interpretação ser da ordem de um ato clínico, é preciso a constituição de uma escuta fina em relação ao jogo significante. Sendo assim, a ampliação da concepção do diálogo (que é condição necessária para o processo de aquisição da linguagem) como multimodal contribui para consolidar as práticas fonoaudiológicas na clínica de linguagem, tomando distância dos modelos terapêuticos corretivos existentes na Fonoaudiologia Tradicional.

Referências

ALMEIDA, A. T. de M. C. B. de.; CAVALCANTE, M. C. B. A multimodalidade como via de análise: contribuições para pesquisas em aquisição da linguagem. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 526-537, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/26403>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ARANTES, L. Diagnóstico na clínica de linguagem: escuta e interpretação. *Linguística*, v. 35, n. 2, p. 39-48, dez. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337017673_Diagnostico_na_clinica_de_linguagem_escuta_e_interpretacao#fullTextFileContent. Acesso em: 11 nov. 2024.

ÁVILA-NOBREGA, P. V.; CAVALCANTE, M. C. B. O envelope multimodal em aquisição de linguagem: momento do surgimento e pontos de mudanças. In: M. C. B.; FARIA, E. M. B. de (org.). *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015. p. 11-44.

BELINI, A. E. G.; FERNANDES, F. D. M. Olhar de bebês em desenvolvimento típico: correlações longitudinais encontradas. *Revista Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, v. 12, p. 165-173, 2007.

BENINE, R. Dislalias e desvios fonológicos evolutivos: caminhos do fonoaudiólogo na abordagem das “alterações de pronúncia na fala”. In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (org.). *Aquisição, patologia e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC-Editora da PUC-SP, 2006. p. 361-377.

BROWN, R. *A first language: the early stages*. Londres: G. Allen & Unwin Ltd, 1973.

CASTRO, M. F. P. Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 52, p. 91-102, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/%20cel/article/view/8637204/4926>. Acesso em: 2 jan. 2024.

CAVALCANTE, M. C. B. Rotinas interativas mãe-bebê: constituindo gêneros do discurso. *Investigações*, v. 21, p. 153-170, 2009.

CAVALCANTE, M. C. B. Contribuições dos estudos gestuais para as pesquisas e aquisição da linguagem. *Linguagem e Ensino*, n. 21, p. 5-35, 2018.

CAVALCANTE, M. C. B.; FARIA, E. M. B. de (org.). *Cenas em aquisição da linguagem: multimodalidade, atenção conjunta e subjetividade*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CONSELHO REGIONAL DE FONOAUDIOLOGIA 2. Disponível em: <https://www.fonosp.org.br/fonoaudiologia>. Acesso em: 15 nov. 2024.

CORDEIRO, M. D. de S. G.; LIER-DEVITTO, M. F. A clínica de linguagem: algumas considerações sobre o afásico e o luto. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. XLI, p. 120-136, 2019.

DE DEUS, V. F. *A ininteligibilidade de fala na clínica fonoaudiológica*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Fonoaudiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/159534>. Acesso em: 8 jul. 2024.

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 42, p. 41-69, 2002.

DE LEMOS, C. T. G. Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismo de cambio. *Substratum*, v.1, p. 121-135, 1992.

DE LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. *Boletim da Abralin*, n. 3, p. 97-126, 1982.

FIGUEIRA, R. A. Os matizes da agentividade nos nichos domésticos: focalizando a linguagem da criança entre 2;3 e 5 anos de idade. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 14, n. 2, p. 225-252, 2022.

FONTE, R. F. L.; CAVALCANTE, M. B. C. Abordagem multimodal da linguagem: contribuições à clínica fonoaudiológica. In: MONTE-NEGRO, A. C. de A.; BARROS, I. B. do R.; DE AZEVEDO, N. P. da S. G. (org.). *Fonoaudiologia e Linguística: teoria e prática*. Curitiba: Appris. 2016. p. 205-225.

LIER-DEVITTO, M. F.; FONSECA, S. C.; ARANTES, L. Clínica de Linguagem: sob efeito da novidade saussuriana. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 1-18, 2024.

LIER-DEVITTO, M. F.; EMENDABILI, M. Uma posição sobre a escuta na clínica de linguagem. *Linguística*, Montevideo, v. 31, n. 2, p. 73-82, nov. 2015. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079312X2015000200006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 9 jun. 2024.

LIER-DEVITTO, M. F. Patologias da linguagem: sobre as vicissitudes de falas sintomáticas. In: LIER-DEVITTO, M. F.; ARANTES, L. (org.). *Aquisição, patologias e clínica de linguagem*. São Paulo: EDUC-FAPESP, 2006. p. 182-201.

LOPES-PEREIRA, K. G. *Considerações sobre os aspectos multimodais nas terapias fonoaudiológicas de crianças com alterações fonêmicas*. 2024. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2024.

MALDONADE, I. R.; LOPES-PEREIRA, K. G. Algumas considerações sobre as instâncias multimodais e a posição do terapeuta. *Cuadernos de la ALFAL*, v. 14, n. 2, p. 265-284, nov. 2022.

MALDONADE, I. R.; LOPES-PEREIRA, K. G. A multimodalidade nas intervenções fonoaudiológicas: variação prosódica no processo terapêutico. *Estudos da Língua(gem)*, v. 20, p. 219-234, 2022.

NÓBREGA, P. V. A.; CAVALCANTE, M. B. A emergência do envelope multimodal em contextos de atenção conjunta de díades mãe-bebê. *Rev. DLCV*, João Pessoa, v. 10, n.1, p. 55-68, 2013.

NUNES, P. A.; Os mecanismos linguísticos de intervenção do terapeuta e seus efeitos na fala do paciente em sessões de clínica de linguagem. *Calidoscópio*, v. 14, n. 2, p. 309-316, maio/ago. 2016.

RUBINO, R. Entre ver e ler: o olhar do fonoaudiólogo em questão. *In*: LIER-DEVITTO, M. F. *Fonoaudiologia no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 69-90.

SOUSA, B.; LIER-DEVITTO, M. F. Efeitos do retorno à “interpretação” na clínica de linguagem. *Revista Intercâmbio*, v. 50, p. 01-15, 2022.

TRIGO, M. de F.; Sobre os distúrbios articulatorios: a heterogeneidade em questão na clínica de linguagem. *Estudos Linguísticos*, v. 33, p. 1250-1255, 2004. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunicos/sobre_disturbios_articulatorios.pdf. Acesso em: 4 maio 2024.

WERTZNER, H. F.; PAGAN-NEVES, L. de O. Avaliação e diagnóstico do distúrbio fonológico. *In*: MARCHESAN, I.; SILVA, H. J.; TOMÉ, M. C. *Tratado das Especialidades em Fonoaudiologia*. São Paulo: Guanabara Koogan, 2014.

Não diga nunca jamais: anotação de indicadores lexicais da negação no português

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3892>

— Seu tolo, nenhum homem pode me matar [...].
— Não sou um homem.
(*O senhor dos anéis: o retorno do rei*)

Isaac Souza de Miranda Jr.¹
Oto Araújo Vale²

Resumo

O presente artigo apresenta uma proposta de anotação de indicadores lexicais de negação no português no âmbito da metodologia Universal Dependencies (UD), visando ampliar a representatividade da informação negativa em *corpora* anotados. Tomam-se como base os *corpora* UD Portuguese Bosque (Rademaker *et al.*, 2017) e Porttinari-Base (Lopes *et al.*, 2022a), além do *corpus* News of Brazilian Newspaper (Santana, 2019), para exemplificação e validação adicional de ocorrências, e da ferramenta lexical PortiLexicon-UD (Lopes *et al.*, 2022b). Foram investigados dezenove indicadores negativos, organizados em nove categorias descritivo-funcionais (negação oracional, negação não-oracional, dupla negação, concordância negativa – acionamento e concordância, pronome negativo, conjunção, preposição e reforço da negação). A partir do levantamento e da inspeção das anotações existentes, propõem-se ajustes de PoS, lema e, sobretudo, a introdução sistemática das *features* morfológicas *Polarity*=Neg e *PronType*=Neg, de modo a capturar de forma mais consistente a contribuição desses itens para a polaridade negativa nas diretrizes UD.

Palavras-chave: Linguística Computacional; Processamento de Língua Natural; universal dependencies; negação; anotação linguística.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; Université Catholique de Louvain; isc_jr@live.com; <https://orcid.org/0000-0002-4004-3182>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; otovale@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0002-0091-8079>

Never Say Never Ever: annotation of lexical negation indicators in Portuguese

Abstract

This article proposes an annotation scheme for lexical negation indicators in Portuguese within the Universal Dependencies (UD) framework, aiming to improve the representation of negative information in UD-annotated *corpora*. The study draws on the UD Portuguese Bosque corpus (Rademaker *et al.*, 2017) and the Porttinari-Base corpus (Lopes *et al.*, 2022a), uses the News of Brazilian Newspaper *corpus* (Santana, 2019) for additional validation and illustrative examples, and consults the PortiLexicon-UD lexical resource (Lopes *et al.*, 2022b). Nineteen negative indicators were examined and organized into nine descriptive-functional categories (sentential negation, non-sentential negation, double negation, negative concord—triggering vs. agreeing items, negative pronoun, conjunction, preposition, and negation reinforcement). Based on corpus evidence and the inspection of existing UD annotations, we propose adjustments to PoS, lemma, and, crucially, the systematic use of the morphological features `Polarity=Neg` and `PronType=Neg` to capture negative polarity information more consistently under UD guidelines.

Keywords: Computational Linguistics; Natural Language Processing; Universal Dependencies; Negation; Linguistic annotation.

Introdução

A habilidade de contrastar dois enunciados quanto ao seu valor de verdade (verdadeiro ou falso) é uma distinção fundamental entre a linguagem humana e os sistemas de comunicação animal (Horn, 2001, p. XIII). Estudos mostram que, embora símios e algumas aves possam ser treinados para entender conceitos como rejeição ou inexistência, eles têm dificuldade ou não conseguem criar oposição entre enunciados (Heine; Kuteva, 2007, p. 141-143), o que torna a negação uma característica única da fala humana.

A negação, embora seja parte inerente da atividade de fala, apresenta comportamentos linguísticos variados e consequências interpretativas relevantes, o que torna sua modelagem um desafio descritivo e computacional. Ainda assim, no âmbito do Processamento de Língua Natural (PLN), a representação explícita desse fenômeno em recursos linguísticos anotados permanece limitada, sobretudo no que diz respeito à codificação sistemática da polaridade negativa em *corpora* e ferramentas lexicais.

O PLN é um campo multidisciplinar da Ciência da Computação e da Linguística que investiga como computadores podem ser utilizados para compreender e manipular a língua humana em textos ou em fala (Li *et al.*, 2021, p. 1). Diversos fenômenos linguísticos,

como ironia (Wick-Pedro, 2018; Almeida Neto *et al.*, 2021), sarcasmo (Bansal, 2020) e inferências semântico-pragmáticas (Zheng *et al.*, 2021), continuam impondo dificuldades metodológicas e empíricas à área. Nesse contexto, a negação se destaca como um fenômeno particularmente sensível à anotação, pois sua interpretação depende de indicadores lexicais, de relações sintáticas e de aspectos de escopo e concordância, nem sempre capturados de maneira consistente pelos esquemas de anotação.

Jiménez-Zafra (2020) aponta que trabalhos em PLN voltados à negação se consolidaram a partir de meados de 2001, inicialmente com foco no processamento de textos clínicos (Chapman *et al.*, 2001; Mutalik *et al.*, 2001; Goldin; Chapman, 2003), e foram gradualmente incorporados a outras agendas de pesquisa. Estudos mais recentes têm explorado a negação em tarefas como detecção de polaridade e tratamento computacional de sentenças negativas (Taboada *et al.*, 2011; Jiménez-Zafra *et al.*, 2017; Mukherjee *et al.*, 2021), o que reforça a necessidade de recursos anotados que representem com maior sistematicidade os indicadores negativos e sua contribuição para a polaridade.

É possível separar as atividades de processamento da negação em quatro grandes distintas categorias:

- (i) detecção de indicadores negativos, a fim de encontrar as palavras que expressam negação; (ii) identificação do escopo, para descobrir quais partes da frase são afetadas pelos elementos negativos; (iii) reconhecimento de eventos negados, para determinar quais eventos são afetados pelos elementos negativos; e (iv) detecção de foco, para encontrar a parte do escopo que é mais proeminentemente negada. (Jiménez-Zafra, *et al.*, 2020, p. 190, tradução própria³).

O presente trabalho é uma revisão e síntese dos resultados da pesquisa de mestrado de Miranda Jr. (2022). Aqui serão apresentadas as propostas de anotação para detecção de indicadores negativos do português no *corpus* Porttinari-Base (Lopes *et al.*, 2022).

Metodologia

Para a identificação dos indicadores negativos, este trabalho investigou a anotação dos *corpora* UD Portuguese Bosque (Rademaker *et al.*, 2017) e Porttinari-Base (Lopes *et al.*, 2022a), bem como na ferramenta lexical PortiLexicon-UD (Lopes *et al.*, 2022b). Assim, foram investigados os seguintes indicadores que expressam a negação no português:

3 “(i) negation cue detection, in order to find the words that express negation; (ii) scope identification, in order to find which parts of the sentence are affected by the negation cues; (iii) negated event recognition, to determine which events are affected by the negation cues; and (iv) focus detection, in order to find the part of the scope that is most prominently negated”, no original.

não, nunca, jamais, sequer, tampouco, nada, ninguém, nenhum, sem e nem; e também as preposições acidentais⁴ de exclusão: **exclusive, excluso, exceto, fora, afora, salvo, menos, senão e tirante**. Também se utilizou do *corpus* para News of Brazilian Newspaper (Santana, 2019) para a validação adicional das diferentes formas de ocorrências dos indicadores, todos os exemplos presentes neste trabalho serão oriundos dele. Os dados referentes a cada um dos *corpora*, como também da ferramenta utilizada, podem ser consultados na tabela a seguir:

Tabela 1. Dados sobre os *corpora*/ferramenta

Corpus	Sentenças	Sentenças com ao menos um elemento negativo	Tokens
Folha Kaggle – News of Brazilian Newspaper (Santana, 2019)	4.661.813	879.138	169.767.388
UD Portuguese Bosque (Rademaker <i>et al.</i> , 2017)	9.357	1.531	227.825
Porttinari-Base (Lopes <i>et al.</i> , 2022a)	8.420	1.563	168.399
Ferramenta	Palavras		
PortiLexicon-UD (Lopes <i>et al.</i> , 2022b)	858.922		

Fonte: Miranda Jr. (2022)

Tanto os *corpora* quanto a ferramenta estão organizados e anotados nas diretrizes da Universal Dependencies (Universal Dependencies, 2024), doravante UD, que é uma metodologia interlinguística de anotação sintática que leva em consideração partes do discurso, características morfológicas e dependência sintática.

A Universal Dependencies (UD) está enraizada no modelo de Gramática de Dependências, que constitui uma tradição de representação sintática em que as palavras de uma oração se organizam por meio de relações de dependência entre elementos, em vez de estruturas de constituintes hierárquicos complexos, como ocorre em abordagens convencionais de gramática de frase. Em uma análise de dependências, cada palavra em uma sentença está diretamente conectada a outra por meio de um vínculo de dependência, refletindo relações sintáticas básicas e evitando nós redundantes em estruturas sintáticas

4 Utiliza-se aqui o termo *preposições acidentais* para nomear os “elementos que se estão gramaticalizando como **preposições** e que se empregam em contextos restritos” (Neves, 2000, p.732, destaque original), ou seja, elementos que não são restritos a ocorrerem apenas como preposições, mas que, em casos específicos, exprimem comportamento prepositivo.

complexas (Miranda Jr.; Vale, 2025). No âmbito da UD, esse fundamento teórico permite construir *treebanks* multilíngues com categorias e relações comparáveis entre línguas, proporcionando uma base de anotação coerente mesmo diante da variação linguística, embora a aplicação sistemática de *features* específicas, como as de polaridade negativa, ainda dependa de decisões de anotação e curadoria nos *corpora* existentes.

Nas versões mais recentes do *framework*, Universal Dependencies v2 (Nivre *et al.*, 2020), já se encontram previstas *features* específicas para a marcação de polaridade negativa, como *Polarity=Neg* e *PronType=Neg*, o que demonstra que a representação da negação integra formalmente o modelo. Contudo, a efetiva implementação dessas marcações nos *corpora* depende de decisões de anotação, tempo de curadoria e esforço humano especializado. A ausência ou a aplicação restrita dessas *features* – frequentemente limitada aos indicadores mais prototípicos – não decorre de uma limitação estrutural do *framework*, mas antes evidencia uma assimetria entre a sofisticação das descrições teóricas da negação no português e sua operacionalização em recursos anotados de PLN. É precisamente nesse intervalo entre descrição gramatical e implementação computacional que se insere a presente proposta.

Foram retiradas dos *corpora*, de maneira automática, todas as sentenças que continham ao menos um dos indicadores. Em seguida, as sentenças foram agrupadas em função de quatro etiquetas dos indicadores: LEMA, a forma lematizada do indicador; UPOSTAG, anotação de partes do discurso; FEATS, anotação de características morfológicas; e DEPREL, relação de dependência. Ou seja, todas as sentenças que tinham anotações idênticas nas quatro etiquetas foram agrupadas.

Após o agrupamento, as sentenças foram analisadas e foi realizada uma verificação nas quatro etiquetas de cada grupo. A análise foi para verificar se seria possível, utilizando as diretrizes da UD, adicionar a informação lexical acerca da negação dentro dos *corpora*.

Para a análise dos agrupamentos das sentenças, foi realizado um levantamento de bibliografia acerca de cada um dos elementos (Mioto, 1991, 1998; Neves, 2000; Lima, 2011; Bechara, 2009; Cunha; Cintra, 2016; Houaiss, 2009; Michaelis, 2022; Mattos Olímpio, 2005; Canceiro *et al.*, 2018; Cavaguti, 2018; Miranda Jr., 2022; Thompson *et al.*, 2012) resultando em uma disposição dos elementos em nove distintas categorias: (1) *realiza negação oracional*, (2) *realiza negação não-oracional*, (3) *ocorre como dupla negação*, (4) *aciona concordância negativa*, (5) *concorda negativamente*, (6) *exprime comportamento pronominal*, (7) *realiza conjunção*, (8) *ocorre como preposição* e (9) *reforço da negação*.

Toma-se aqui como *negação oracional*, em concordância com Mioto (1991; 1998), as ocorrências da negação que têm escopo no verbo principal de uma oração, independentemente do tipo específico de oração cuja negação está modificando. Em outras palavras, a negação oracional ocorre quando o escopo da negação se aplica ao

verbo principal da oração, e não a um constituinte específico. Os indicadores capacitados a realizar esse tipo de negação são: *não, nunca, jamais, sequer, tampouco, nada* e *nem*, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

1. **Não** me deu um centavo para o tratamento.
2. **Nunca** me senti tão frágil e assustada na minha vida.
3. Já Palocci **jamais** teria tido qualquer compromisso com ela.
4. Eduardo Cunha **sequer** era filiado ao PMDB no momento da compra.
5. Wesley **tampouco** afirma ter intenções de se tratar.
6. Afastado, a Câmara **nada** fez além de seguir a vida.
7. **Nem** é preciso dizer que, depois dessa, o tatuador distraído levou mais umas bifas.

A negação *não-oracional*, ou *negação de constituintes*, é as ocorrências da negação em que o escopo se aplica a um constituinte específico da oração, e não a toda a proposição. Isso significa que a negação atua sobre um elemento específico da frase, como um substantivo, adjetivo ou advérbio, e não sobre o verbo principal. Os indicadores capacitados a realizar esse tipo de negação são: *não, tampouco, nada, ninguém e nenhum*.

8. O **não** pagamento gerou queixas de consumidores em redes sociais e no Procon.
9. **Tampouco** na África ou na América Latina existe consenso sobre quais países deveriam representar essas regiões em uma sonhada atualização do conselho.
10. **Nada** indica que quebrará.
11. **Ninguém** falta ao trabalho, explica, e a empresa economiza com vale-transporte.
12. Nenhum padre deve desfilar no sambódromo, apesar dos convites: eles dizem não querer desviar as atenções da homenageada.

A dupla negação, em português, só pode ser realizada pelo *não*; ela ocorre quando há a repetição de um *não* no final da sentença (Mioto, 1991; Neves, 2000; Barme, 2005). Esse tipo de negação é bem mais frequente em situações de conversação do que em textos formais escritos. Segundo Schwenter (2016), essa forma de negação ocorre motivadamente por questões pragmáticas, de maneira que a dupla negação está vinculada à negação de tópicos inseridos anteriormente em uma conversação.

13. **Não** pode **não**, isto é crime.
14. **Não** confia **não**.
15. **Não** é fácil **não**, tá achando que é glamour?

Além da dupla negação, há outra forma de ocorrência em português de dois indicadores negativos em uma mesma sentença, a concordância negativa (Miotto, 1991; Neves, 2000). A concordância negativa é a necessidade da adição de outro indicador negativo, além do primeiro, na sentença. Caso isso não ocorra, a sentença acaba por se tornar marcada:

16. Não existe **ninguém** que Thoreau conheça tão bem como ele próprio.

17. Não existe alguém que Thoreau conheça tão bem como ele próprio.

Enquanto em 16 temos a forma preferencialmente usada, a falta de concordância negativa torna o exemplo 17 marcado, ou seja, mesmo que seja bem formado e compreensível, ele não é a forma esperada.

Assim, pode-se dividir os indicadores que ocorrem em concordância negativa em dois grupos: os que acionam a concordância e os que concordam. Os que acionam a concordância são: *não, nem e sem, nunca, jamais, nada, ninguém*; e os que concordam são: *nunca, jamais, nada, ninguém, nenhum, tampouco e nem*.

18. Não gosta de jabá, **tampouco** de jerimum.

19. Durante mais ou menos um ano a hora mais feliz do meu dia era quando eu deitava na cama e fechava os olhos, com a esperança de que aquela noite de sono **não** terminasse **nunca**.

20. Em muitos deles, isso é suficiente para garantir ao ministro que pede a vista que ele **não** será derrotado **jamais**.

21. Os salários **não** dão para **nada**.

22. Me sinto perdida, **nunca** enterrei **ninguém**, nunca fui ao velório de familiares

23. [...] **jamais** apresentou **nada** de relevante para o futebol.

24. Evidentemente **nada** autoriza **nenhum** deles a nenhum tipo de abuso.

25. Eu sei, o mais provável é que **ninguém** faça **nada** disso no clima político envenenado em que vivemos.

26. Mesmo **sem** ver **nenhum** gol.

27. Em 2011, Angelici **não** era **ninguém** e só venceu graças aos votos de Macri.

28. A Folha **não** tinha **nenhum** indício de que teria havido tráfico de influência [...]

29. No Haiti, vi muita pobreza, muita tristeza, muitas famílias destruídas por causa do terremoto [de 2010], muitas pessoas **sem** o que comer **nem** beber.

30. Nem a Changi **nem** a Odebrecht querem essa solução.

Na categoria dos pronomes negativos, estão os indicadores *nada*, *ninguém* e *nenhum*. Quando ocorrem com distribuição sintática de pronomes, são capazes de alterar a polaridade de uma oração. Ou seja, diferentemente de outros pronomes, a presença de *nada*, *ninguém* ou *nenhum* em uma frase é o suficiente para torná-la negativa.

31. Nada deu certo.

32. Ninguém quer ir preso.

33. Nenhum sinal da fatura.

Os elementos que realizam coordenação negativa operam como elementos coordenativos tradicionais; entretanto, eles adicionam uma nova sentença/oração dentro de uma sequência negativa. Os indicadores que realizam essa função são o *nem* e o *tampouco*:

34. Eu **não** acelero **nem** desacelero, eu vou fazendo na medida que tem para fazer.

35. Passado esse período, sobretudo após a manifestação das defesas, **não** deveria ser possível acrescentar fatos novos e, como consequência lógica, **tampouco** deveriam ser aceitas provas não indicadas no pedido inicial.

Alguns dos indicadores também ocorrem como preposições, ou seja, introduzem uma oração relativa adverbial, mais especificamente, no caso das negativas, uma adverbial de exclusão/exceção (Miranda Jr., 2022). Os indicadores capacitados a realizar essa função são: *sem*, *exclusive*, *excluso*, *exceto*, *fora*, *afora*, *salvo*, *menos*, *senão*, *tirante*⁵.

36. Trabalhadores **sem** carteira de trabalho, **exclusive** domésticos.

37. Acho que todos valem a leitura, **exceto** Reinaldo Azevedo.

38. É difícil encontrar no Brasil, **fora** a escravidão, um fenômeno social tão destrutivo quanto a motocicleta.

39. A operação não terá fim, **afora** um golpe ou acordão político ou erro, dada a extensão da pirataria contra o Estado.

40. A crise não irá acabar de uma vez, **salvo** eventos excepcionais.

41. Aqui você encontra comida árabe, americana, mexicana, **menos** a comida regional.

42. São quatro sócios, três deles sem ligações anteriores com a gastronomia, **senão** o gosto pela comida.

5 De todas as formas listadas, a única que não foi identificada no *corpus* de verificação foi a *excluso*, todavia, por introspecção, é possível substituir qualquer uma das proposições dos exemplos 36 a 43 mantendo a mesma interpretação.

43. No episódio da Chapecoense, **tirante** meia dúzia de imbecis, o povo (de aqui e do mundo) tem tirado a razão de Nélsion.

Por fim, tem-se a categoria de indicadores que ocorrem como reforçadores da negação. Esses indicadores ocorrem após um indicador negativo para enfatizar/reforçar a negação. Sendo esses elementos o *sequer* e o *tampouco*.

44. O Canadá **nem sequer** tem um sistema educacional nacional, pois a organização é baseada em províncias autônomas.

45. Nunca sequer falamos sobre pesca.

46. Para Naldinho, a música não é violenta **nem tampouco** sexual.

Após a análise de todas as sentenças elencadas no *corpus*, foram propostas anotações, mais bem descritas na próxima seção, para melhorar a quantidade de informação acerca dos indicadores negativos nos *corpora*.

Propostas de anotação

Para cada um dos indicadores elencados, foram levantadas suas ocorrências dentro dos *corpora*, como também a presença da etiqueta indicando a polaridade negativa nos *corpora* e na ferramenta lexical. Constatou-se que no portilexicon UD nenhum deles recebeu a marcação de polaridade, enquanto nos *corpora* apenas três indicadores receberam a marcação de polaridade negativa dentro do UD Portuguese Bosque e um no Portinari-base. A tabela a seguir exprime a quantidade de ocorrências e a quantidade de ocorrências com anotação relativa à negação em que cada indicador ocorreu nos *corpora*.

Para cada indicador elencado, foram contabilizadas suas ocorrências nos *corpora*, bem como examinada a presença da etiqueta `Polarity=Neg` tanto nos *corpora* quanto na ferramenta lexical. Constatou-se que, no PortiLexicon UD, nenhum dos indicadores recebeu marcação de polaridade, ao passo que, nos *corpora*, apenas três indicadores apresentaram a marcação de polaridade negativa no UD Portuguese Bosque e um no UD Portuguese Portinari-base. A Tabela 2 apresenta o número total de ocorrências de cada indicador nos *corpora*, bem como o número de ocorrências anotadas com marcação de negação.

Tabela 2. Ocorrências dos indicadores negativos em cada *corpus*

Elemento	Total de sentenças		Sentenças com etiqueta de indicação de polaridade			
	UD Portuguese Bosque	Porttinari-base	UD Portuguese Bosque	% rel	Porttinari-base	% rel
Não	1362	1338	1356	99,5%	1338	100%
Jamais	7	11	0	0%	0	0%
Nunca	62	53	0	0%	0	0%
Sequer	24	2	0	0%	0	0%
Tampouco	3	6	0	0%	0	0%
Nada	72	71	8	11,1%	5	7%
Ninguém	43	49	0	0%	0	0%
Nenhum	21	23	21	100%	0	0%
Sem	209	182	0	0%	0	0%
Nem	102	91	0	0%	0	0%
Exclusive	-	-	-	-	-	-
Excluso	0	0	0	0%	0	0%
Exceto	5	1	0	0%	0	0%
Fora	64	54	0	0%	0	0%
Afora	1	1	0	0%	0	0%
Salvo	2	0	0	0%	0	0%
Menos	40	124	0	0%	0	0%
Senão	10	6	0	0%	0	0%
Tirante	0	0	0	0%	0	0%

Fonte: Elaboração própria

Com o levantamento realizado para os indicadores, realizou-se uma revisão nas anotações e algumas propostas de alterações para que seja possível capturar a informação negativa presente nos elementos estudados. Para isso, utilizando a metodologia da UD, propõe-se aqui a adição das etiquetas de polaridade negativa.

A UD dispõe de duas etiquetas referentes às *features* morfológicas para a demarcação da polaridade negativa, sendo elas a etiqueta *Polarity=Neg*⁶ e a etiqueta *PronType=Neg*⁷. A distinção entre elas é simples: todo elemento com polaridade negativa que não seja um pronome recebe *Polarity=Neg*, enquanto os pronomes que são indicadores recebem a etiqueta *PronType=Neg*.

Em vista das duas etiquetas disponíveis, foram avaliadas as ocorrências dos indicadores em cada um dos *corpora* e as diferentes etiquetas que cada um poderia assumir, agrupando-as em acepções em função da marcação de PoS e de atributos morfológicos. Verificando assim que os indicadores *nunca, jamais, sequer, tampouco, nada, sem, nem e não* ocorrem com a PoS de ADV (advérbio); *nada, nenhum e ninguém* ocorre com a PoS de PRON (pronome); *excluso, exceto, fora, afora, menos e tirante* ocorrem com a PoS de ADP (adposição, *tag* da UD para preposições); *tampouco* e *nem* também ocorre como CCONJ (coordenação entre constituinte); o *nem* também ocorre como SCONJ (coordenação entre sentenças); e, por fim, o *não* também ocorre como INTJ (interjeição).

Com base nas ocorrências, foram propostas as etiquetas finais de POS, LEM e atributos morfológicos disponíveis na Tabela 3, em que pode ser consultado o indicador negativo, o número da acepção, a PoS da acepção, seu lema e os atributos morfológicos indicando a polaridade negativa:

Tabela 3. Propostas de anotação

Indicador	Acepção	PoS	Lema	Atributo(s)
Nunca	Nunca-01	ADV	nunca	<i>Polarity=Neg</i>
Jamais	Jamais-01	ADV	jamais	<i>Polarity=Neg</i>
Sequer	Sequer-01	ADV	sequer	<i>Polarity=Neg</i>
Tampouco	Tampouco-01	ADV	tampouco	<i>Polarity=Neg</i>
Tampouco	Tampouco-02	CCONJ	tampouco	<i>Polarity=Neg</i>
Nada	Nada-01	ADV	nada	<i>Polarity=Neg</i>
Nada	Nada-02	PRON	nada	<i>Gender=none, Number=Sing, PronType=Neg, Definite=Ind</i>
Ninguém	Ninguém-01	PRON	nenhum	<i>Gender=none, Number=Sing, PronType=Neg, Definite=Ind</i>
Nenhum	Nenhum-01	DET	nenhum	<i>Gender=Masc/Fem, Number=Sing, PronType=Neg, Definite=Ind</i>

6 Disponível em: <https://universaldependencies.org/u/feat/Polarity.html#Neg>. Acesso em: 13 nov. 2024.

7 Disponível em: <https://universaldependencies.org/u/feat/Polarity.html#Neg>. Acesso em: 13 nov. 2024.Acesso em: 13 nov. 2024.

Nenhum	Nenhum-02	PRON	nenhum	Gender=none, Number=Sing, PronType=Neg, Definite=Ind
Sem	Sem-01	ADV	sem	Polarity=Neg
Nem	Nem-01	ADV	nem	Polarity=Neg
Nem	Nem-02	CCONJ	nem	Polarity=Neg
Nem	Nem-03	SCONJ	nem	Polarity=Neg
Não	Não-01	ADV	não	Polarity=Neg
Não	Não-01	INTJ	não	Polarity=Neg
Exclusive	Exclusive-01	ADP	exclusive	Polarity=Neg
Excluso	Exclso-01	ADP	excluso	Polarity=Neg
Exceto	Exceto-01	ADP	exceto	Polarity=Neg
Fora	Fora-01	ADP	fora	Polarity=Neg
Afora	Afora-01	ADP	afora	Polarity=Neg
Menos	Menos-01	ADP	menos	Polarity=Neg
Tirante	Tirante-01	ADP	tirante	Polarity=Neg

Fonte: Miranda Jr. (2022)

Considerações finais e trabalhos futuros

Com base na análise dos *corpora* UD Portuguese Bosque, Porttinari-Base e News of Brazilian Newspaper, e da ferramenta lexical PortiLexicon-UD, este trabalho propôs um sistema de anotação para indicadores de negação em português, utilizando a metodologia da Universal Dependencies (UD).

A pesquisa identificou a necessidade de aprimorar a representação da informação negativa nos *corpora*, visto que a maioria dos indicadores não possuía marcação de polaridade. Foram analisadas as diferentes ocorrências dos indicadores, categorizando-os em nove classes: negação oracional, negação não oracional, dupla negação, concordância negativa (acionando ou concordando), pronome negativo, conjunção, preposição e reforço da negação.

Com base nessa análise, propõe-se a adição de etiquetas de polaridade negativa (*Polarity=Neg* e *PronType=Neg*) às *features* morfológicas dos indicadores, de acordo com a metodologia da UD. A tabela 3 apresenta as etiquetas propostas para cada indicador, considerando sua classe gramatical (PoS), lema e atributos morfológicos.

Visando o futuro, pretende-se aplicar as propostas de anotação nos *corpora* estudados, como também em outros *corpora* de português. Reconhecemos que este trabalho representa apenas uma pequena parcela das diferentes formas em que a negação

pode ocorrer no português e que há necessidade de se expandir a lista dos indicadores negativos para que se possa aprimorar trabalhos futuros que dependam da identificação da negação como parte de sua tarefa.

Espera-se que a implementação dessas propostas de anotação contribua para: uma melhor qualidade da informação sobre indicadores de negação em *corpora* de português; o desenvolvimento de ferramentas de PLN mais precisas na identificação e interpretação da negação; e avanços em áreas como análise de sentimentos e mineração de opinião, que dependem da correta identificação da polaridade das sentenças.

Agradecimentos

Isaac Souza de Miranda Jr. é doutorando em Linguística no PPGL/UFSCar e é apoiado pela FAPESP como beneficiário de uma Bolsa de Doutorado (proc. 2023/01892-4) e de uma Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior FAPESP (proc. 2025/20010-8).

Este trabalho foi realizado no âmbito do Centro de Inteligência Artificial da Universidade de São Paulo (C4AI – <http://c4ai.inova.usp.br/>), com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo FAPESP #2019/07665-4) e da IBM. Este projeto também foi apoiado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, com recursos da Lei N. 8.248, de 23 de outubro de 1991, no âmbito do PPI-Softex, coordenado pela Softex e publicado como Residência em TIC 13, DOU 01245.010222/2022-44.

Referências

ALMEIDA NETO, A. M. dos S.; OSTI, B. A.; AZEVEDO, C. A.; NOBREGA, F. A. A.; BRUM, H. B.; PEINADO, L. H. O.; BITTENCOURT, M. de M.; DA SILVA, N. L. P.; CORTES, P. O. *SiDi-NLP-Team at IDPT2021: Irony Detection in Portuguese 2021*. IberLEF@SEPLN 2021, p. 933-939. Disponível em: https://ceur-ws.org/Vol-2943/idpt_paper6.pdf. Acesso em: 02 mar. 2023.

BANSAL, S.; SUHANE, A.; PATRO, J.; MUKHERJEE, A. Code-switching patterns can be an effective route to improve performance of downstream NLP applications: A case study of humour, sarcasm and hate speech detection. *In: Proceedings of the 58th Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics (ACL) 2020*. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/2020.acl-main.96>. Disponível em: <https://aclanthology.org/2020.acl-main.96/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BARME, S. A negação no brasileiro falado informal. *Zeitschrift für romanische Philologie*, v. 121, n. 3, p. 405-425, 2005.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

CANCEIRO, N.; MATOS, G.; COLAÇO, M. Especificidades de *nem* coordenativo em português europeu. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, n. 4, p. 34-47, 2018. DOI: <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln4ano2018a29>. Disponível em: <https://ojs.apl.pt/index.php/rapl/article/view/30>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CAVAGUTI, A. P. *Uma análise semântico-pragmática das construções condicional-concessivas no português do Brasil*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10080?show=full>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CHAPMAN, W. W.; BIRDEWELL, W.; HANBURY, P.; COOPER, G. F.; BUNCHANAN, G. B. A simple algorithm for identifying negated findings and diseases in discharge summaries. *Journal of biomedical informatics*, v. 34, n. 5, p. 301-310, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1006/jbin.2001.1029>. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12123149/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2016.

GOLDIN, I.; CHAPMAN, W. W. Learning to detect negation with 'not' in medical texts. In: *Proceedings of the 26th Advancing Computing as a Science and Profession Special Interest Group on Information Retrieval (ACM SIGIR) 2013 Workshop on Text Analysis and Search for Bioinformatics*. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/2906352_Learning_to_Detect_Negation_with_Not%27_in_Medical_Texts. Acesso em: 19 nov. 2024.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: A Reconstruction*. OUP Oxford, 2007.

HORN, L. R. *A Natural History of Negation*. 2. ed. Califórnia: CSLI Publications, 2001.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Objetiva, 2009.

JIMENEZ-ZAFRA, S M.; MARTÍÍN-VALDIVIA M. T.; MARTÍNEZ-CÁMARA, E.; UREÑA-LOPEZ, L. A. Studying the scope of negation for Spanish sentiment analysis on Twitter. *IEEE Transactions on Affective Computing*, v. 10, n. 1, p. 129-141, 2017. Disponível em: <https://ruja.ujaen.es/server/api/core/bitstreams/2db57c6b-53af-4a1b-9267-24c66461edb2/content>. Acesso em: 17 nov. 2024.

JIMÉNEZ-ZAFRA, S. M.; MORANTE, R.; MARTÍN-VALDIVIA, S. T.; UREÑA-LOPEZ, L. A. Corpora annotated with negation: An overview. *Computational Linguistics*, v. 46, n. 1, p. 1-52, 2020. DOI: https://doi.org/10.1162/coli_a_00371. Disponível em: <https://aclanthology.org/2020.cl-1.5/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

LI, Y.; THOMAS, M. A.; LIU, D. From semantics to pragmatics: where IS can lead In Natural Language Processing (NLP) research. *European Journal of Information Systems*, v. 30, n. 5, p. 569-590, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/0960085X.2020.1816145>.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49^a. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOPES, L.; DURAN, M. S.; NUNES, M.G.V; PARDO, T. A. S. Corpora building process according to the Universal Dependencies model: an experiment for Portuguese. 2022a. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003067405>. Acesso em: 13 nov. 2024.

LOPES, L.; DURAN, M. S.; FERNANDES, P.; PARDO, T. A. S. PortiLexicon-UD: a Portuguese lexical resource according to Universal Dependencies Model. In: *Proceedings of the 13th Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2022)*. 2022b. Disponível em: <https://aclanthology.org/2022.lrec-1.715/>. Acesso em 19 nov. 2024.

MATTOS OLÍMPIO, A. O item nem no português brasileiro. *Estudos Linguísticos XXXIV*, p. 962-967, 2005. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-sumario.htm>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MICHAELIS On-line: Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MIOTO, C. *Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática*. 1991. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1991. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/41980>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MIOTO, C. Tipos de negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 34, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637055>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MIRANDA JR., I. S. de. *Não é nada não*: uma análise das lexias negativas do português para anotação nas Universal Dependencies. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/17087>. Acesso em: 19 nov. 2024.

MIRANDA JR., I. S.; VALE, O. A. Dependência: o conceito e as gramáticas. *Linguamática*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 71-84, 2025. DOI: 10.21814/lm.17.2.467. Disponível em: <https://www.linguamatica.com/index.php/linguamatica/article/view/467>. Acesso em: 25 fev. 2026.

MUKHERJEE, P.; BARD, Y.; DOPPALAPUDI, S.; SRINIVASAN, S. M.; SANGWAN, R. S.; SHARAMA, R. Effect of negation in sentences on sentiment analysis and polarity detection. *Procedia Computer Science*, v. 185, p. 370-379, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.procs.2021.05.038>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877050921011236?via%3Dihub>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MUTALIK, P. G.; DESHPANDE, A.; NADKARNI, P. M. Use of general-purpose negation detection to augment concept indexing of medical documents: a quantitative study using the UMLS. *Journal of the American Medical Informatics Association*, v. 8, n. 6, p. 598-609, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1136/jamia.2001.0080598>. Disponível em: <https://academic.oup.com/jamia/article/8/6/598/781176?login=true>. Acesso em: 02 mar. 2026.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NIVRE, J.; de MARNEFFE, M.-C.; GINTER, F.; HAJIČ, J.; MANNING, C. D.; PYYSSALO, S.; SCHUSTER, S.; TYERS, F.; ZEMAN, D. Universal Dependencies v2: An Evergrowing Multilingual Treebank Collection. In: *Proceedings of the Twelfth Language Resources and Evaluation Conference (LREC 2020)*, Marseille, France, 2020. p. 4034-4043. European Language Resources Association. Disponível em: <https://aclanthology.org/2020.lrec-1.497/>. Acesso em: 13 nov. 2024.

O senhor dos anéis: o retorno do rei. Direção: Peter Jackson. Produção: Barrie M. Osborne; Fran Walsh; Peter Jackson. Estados Unidos: New Line Cinema, 2003. Filme (201 min.)

RADEMAKER, A.; CHALUB, F.; REAL, L.; FREITAS, C.; BICK, E.; PAIVA, V. Universal dependencies for Portuguese. In: *Proceedings of the Fourth International Conference on Dependency Linguistics (Depling 2017)*. 2017. p. 197-206. Disponível em: <https://aclanthology.org/W17-6523/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

SANTANA, M. R. O. *News of the Brazilian Newspaper*. 2019. Disponível em: <https://www.kaggle.com/datasets/marlesson/news-of-the-site-folhauol>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SCHWENTER, S. A. Some issues in negation in Portuguese. *The Handbook of Portuguese Linguistics*, p. 425-440, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/10062480/Some_Issues_in_Negation_in_Portuguese_REVISED. Acesso em: 19 nov. 2024.

TABOADA, M.; BROOKE, J.; TOFILOSKI, M.; VOLL, K.; STEDE, M. Lexicon-based methods for sentiment analysis. *Computational linguistics*, v. 37, n. 2, p. 267-307, 2011. DOI: https://doi.org/10.1162/COLI_a_00049. Disponível em: <https://aclanthology.org/J11-2001/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

THOMPSON, H. V. G.; DE OLIVEIRA TOTA, F.; RODRIGUES, V. V.. A trajetória de gramaticalização de QUE NEM. *JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO NORDESTE*, v. 24, 2012.

UNIVERSAL DEPENDENCIES. Disponível em: <https://universaldependencies.org> Acesso em: 13 nov. 2024.

WICK-PEDRO, G. *ComentCorpus*: identificação e pistas linguísticas para detecção de ironia no português do Brasil. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10710?show=full>. Acesso em: 19 nov. 2024.

ZHENG, Z.; QIU, S.; FAN, L.; ZHU, Y.; ZHU, S.-C. GRICE: A Grammar-based Dataset for Recovering Implicature and Conversational Reasoning. In: *Findings of the Association for Computational Linguistics: ACL-IJCNLP 2021*. 2021. p. 2074-2085. DOI: <https://doi.org/10.18653/v1/2021.findings-acl.182>. Disponível em: <https://aclanthology.org/2021.findings-acl.182/>. Acesso em: 19 nov. 2024.

"Nascemos nus e o resto é *drag*": a construção estilística de diminutivos na fala da *drag* queen Rita Von Hunty

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3888>

Natasha Mourão¹

Resumo

Neste artigo, analisamos a variação estilística de diminutivos na fala da *drag queen* brasileira Rita Von Hunty. A partir das perspectivas da Sociolinguística, o estudo investiga como o uso de diminutivos funciona na dinâmica da construção estilística na arte *drag*, que é, por essência, performática e exagerada. A análise, inspirada em metodologias de etnografia digital, baseia-se em vídeos publicados no canal do YouTube Tempero Drag, em que, desde 2015, Rita combina humor e educação para mobilização social no campo progressista. Os resultados preliminares mostram frequência relativamente mais alta do uso de diminutivos na fala de Rita Von Hunty, quando comparada a estudos anteriores sobre grupos de diferentes projeções de gênero/sexualidade, o que corrobora o exagero na *performance drag*. Assim, este estudo pode contribuir para a discussão das relações entre linguagem, gênero e *performance*.

Palavras-chave: variação estilística; *drag queen*; diminutivos.

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; nrmmourao@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4784-2179>

"We are born naked, and the rest is drag": the stylistic construction of diminutives in the speech of drag queen Rita Von Hunty

Abstract

In this article, we analyze the stylistic variation of diminutives in the speech of the Brazilian drag queen Rita Von Hunty. From the perspective of Sociolinguistics, the study investigates how linguistic features function within the dynamics of stylistic construction in drag art, which is, by nature, performative and exaggerated. The analysis, inspired by digital ethnography methodologies, is based on videos published on the YouTube channel *Tempero Drag*, where, since 2015, Rita has combined humor and education to promote social mobilization within the progressive sphere. Preliminary results show a relatively higher frequency of diminutives in Rita Von Hunty's speech, compared to previous studies on groups with different gender/sexuality projections, which supports the notion of exaggeration in drag. This study may contribute to the discussion of the relationships between language, gender, and performance.

Keywords: stylistic variation; drag queen; diminutives.

Introdução

Não se sabe ao certo a origem da palavra "*drag*". Baker (1995), em seu estudo sobre "imitadores femininos"² nos Estados Unidos, encontra, no século XIX, uma série de formas artísticas que poderiam ser equiparadas ao que hoje conhecemos como "*drag*" entre dançarinos de cancan nos cabarés, por exemplo. O jornalista investigativo Channing G. Joseph, por sua vez, encontra o registro mais antigo da expressão "*drag queen*", que data dos anos 1880, por William Dorsey Swann, uma pessoa escravizada, que era conhecida por seus amigos como "*The Queen of Drag*"³. Essas são pistas da origem dessa forma de arte principalmente na cultura ocidental, mas fato é que o fenômeno *drag* tomou proporções universais a partir do final da década de 1990 e início dos anos 2000, quando os Estados Unidos e o Reino Unido exportaram a "febre *drag*"⁴ para o mundo.

O Brasil faz parte disso. Além de casos no entretenimento, como Pabllo Vittar (Nicas, 2024), atualmente, uma das personagens mais influentes no debate político progressista é uma *drag queen*: Rita Von Hunty. Cunha Filho (2023) faz um levantamento dos canais do YouTube de criadores de conteúdo do campo progressista, e o *Tempero Drag* aparece em

2 "female impersonators"

3 "A Rainha de Arrastar", tradução nossa. Joseph (2020) aponta que a ideia de "arrastar" vem de movimentos comuns em rituais de religiões africanas.

4 Essa ideia parte do fenômeno de entusiasmo coletivo pela arte *drag*, com *drag queens* ganhando tanta popularidade que se tornaram figuras centrais da mídia e cultura *pop* (Nicas, 2024).

primeiro lugar, com 1,1 milhão de inscritos na época da pesquisa, seguido do canal Tese 11, com 432 mil inscritos em 2023 (p. 42-44). Já em 2024, o canal Tempero Drag conta com 1 milhão e 200 mil inscritos e mais de 340 vídeos publicados. Rita Von Hunty, como descrita por ela⁵ mesma em diversos vídeos e aulas, é uma mulher de meia-idade, da década de 1940, que foi datilógrafa de Getúlio Vargas e Ministra de Afazeres Subversivos de João Goulart, e tem um passado fortemente ligado às lutas da União Soviética, mas, atualmente, se dedica aos seus mais de dez filhos, aos afazeres domésticos e à educação para mobilização social (Tempero Drag, 2015).

A construção dessa personagem passa, evidentemente, por perucas, muitas camadas de maquiagem, saltos, vestidos, terninhos, broches e medalhas soviéticas de honraria, mas também por uma cuidadosa elaboração linguística, que “salta” aos ouvidos, inclusive “leigos”. Em uma matéria publicada em junho na *Revista E* (D’Alama, 2024), logo no primeiro parágrafo, a jornalista chama atenção para a realização das oclusivas dentais [t/d] (como [t]ia e [d]ia) e do (-r) em ataque, como vibrante múltipla, como é o caso de [r]itinha.

Figura 1. Imagem da *drag queen* Rita Von Hunty



Fonte: Fotografia de Kaique Telles, divulgada pela *Revista E* (D’Alama, 2024)

Assim, este trabalho propõe-se a analisar – a partir da perspectiva da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]), mais especificamente dos estudos da chamada Terceira Onda (Eckert, 2008, 2012, 2016, 2018) – a fala da *drag queen* Rita Von Hunty, a partir de uma etnografia digital em seu canal do YouTube, Tempero Drag (2015). A escolha pelo canal justifica-se por ser o principal meio pelo qual a *drag* se comunica com seu público, além de ter sido no espaço digital que ela ganhou notoriedade, exercendo um papel central na popularização da arte *drag* nas redes.

Em linhas gerais, a análise da variação estilística – ou seja, a variação na fala de um indivíduo – de uma *drag queen* pode nos ajudar a entender mais sobre como o falante produz significado e sobre a construção de *personas*, as quais podem estar relacionadas

5 Usaremos os pronomes “ela(s)/dela(s)” para as personagens *drag queens*.

às projeções de gênero. No trabalho de Podesva (2007), por exemplo, sobre um indivíduo chamado Heath em diferentes contextos, vemos como traços linguísticos, neste caso, o *falseto*, são importantes ferramentas na projeção social de sexualidade. Além desse, há muitos trabalhos na sociolinguística que pensam a questão linguagem/gênero, como Freitag (2015), Mendes (2007, 2011, 2012, 2014, 2016), Sene (2022), Pie (2023), entre outros.

Assim, na presente pesquisa em andamento, pretendemos analisar a construção estilística da *drag*, e verificar quais variáveis linguísticas funcionam nessa dinâmica, o que pode contribuir para o melhor entendimento dos processos tanto de construção do estilo e agência do indivíduo quanto de possíveis padrões da fala performática. Para os propósitos deste trabalho, debruçamo-nos sobre o uso dos diminutivos, que, como já apontado por Mendes (2012), é um traço associado a sexo/gênero.

Além de considerarmos a *performance* de gênero (Butler, 2003 [1990], 2022 [2004], 2024) e a construção performática da *drag queen* (Baker, 1995) como ponto inicial de nossa observação, também consideramos a narrativa de Rita e outras características contextuais para a análise estilística da personagem. Quanto à escolha metodológica de estudo do canal do YouTube Tempero Drag (Tempero Drag, 2015), esta se deu justamente por ser a maior plataforma de atuação de Rita Von Hunty. Com grande quantidade de vídeos postados – e, portanto, material de fala gravado – e números expressivos de seguidores e visualizações, o canal reflete a abrangência e influência da *drag* nos debates das ciências humanas em geral e seu trabalho para conscientização e mobilização de grupos sociais. Os critérios para a seleção dos vídeos são detalhados na seção “Metodologia”.

Bases teóricas: estilo, projeção de personas e gênero social

A necessidade de generificar os indivíduos e o mundo se mostra latente nas diferentes sociedades e uma das ferramentas para tal é a linguagem (Butler, 2003 [1990], 2022 [2004], 2024). Assim, partindo de um paradigma que reconhece o significado social de gênero e este passa a ser concebido com suas dimensões psicológicas, sociais, políticas, culturais, étnicas e performáticas, os trabalhos filosóficos de Butler (*ibidem*) permitem a compreensão de *performance* e a emergência de um paradigma de gênero entendido a partir do *fazer* gênero, ainda que a filósofa enfatize as restrições e imposições estruturais violentas que não permitem que esse *fazer* seja completamente livre ao sujeito generificado (Butler, 2024).

Assim, esta pesquisa pretende contribuir para a discussão acerca da relação entre gênero e linguagem e enfoca um indivíduo que faz parte de um grupo fundamental para este entendimento: as *drag queens*. Isso porque é “ao imitar o gênero que a *drag* revela implicitamente a *estrutura imitativa do próprio gênero* – assim como sua contingência” (Butler, 2003 [1990], p. 237, grifo da autora). Assim, entendemos que, nos processos

de elaboração dessa personagem feminina, os indivíduos transformistas⁶ também apresentam variação em seu modo de falar – com diferentes níveis de atenção e intenção –, como mais uma ferramenta para a construção da ilusão, mobilizando variáveis que indiquem características da personagem (seja gênero, idade, posição social, papel na interlocução etc.).

Essa pesquisa está centrada no estudo da variação estilística, que é definida por Eckert e Rickford (2001) como a variação na fala de um indivíduo. Uma vez que a variação linguística não é vista mais exclusivamente relacionada a variáveis sociais estáticas e também não exclusivamente como pertencimento fixo a um grupo, o caráter dinâmico da identidade individual e de grupo é ressaltado e a variação estilística é vista, portanto, como recurso chave para (re)moldar identidades. Além disso, Schilling (2013) resalta que, para entender de modo mais completo a variação estilística, é preciso levar em consideração como o falante produz significado⁷. Eckert (2012) chama atenção para o fato de que o “estilo é em sua base ideológico”, de modo que a variação estilística é essencial para “a construção de sentido, com consequências potencialmente importantes para a teoria linguística do modo mais geral” (p. 98, tradução própria⁸).

A variação estilística contribui para a construção de *personas*. Nesse contexto, Podesva (2006, 2007, 2008, 2011) investiga como diferentes características de linguagem são usadas por um único falante. Em um de seus estudos, sobre um indivíduo chamado Heath, Podesva (2007) observa o uso do *falsetto* para a construção de *personas*, a partir da observação do falante em diferentes contextos conversacionais (um churrasco com amigos, para os quais ele é *gay* assumido; uma conversa telefônica entre ele e seu pai, em que a sexualidade do indivíduo não é abordada; e, por fim, uma consulta com um paciente no exercício de sua profissão de médico), com o objetivo de inferir os significados sociais do *falsetto* na construção de *personas* da identidade *gay*. Podesva (2007) observa que Heath usa o *falsetto* mais frequentemente no churrasco com amigos (9% dos enunciados), menos na conversa com o pai (3,8%), e menos ainda na consulta (3,7%). Apesar da frequência de uso parecer pequena, Eckert (1987 *apud* Podesva, 2007) resalta a importância de variáveis de alta saliência, como é o caso desta, na variação estilística. Assim, mesmo com frequências menores que 10%, é saliente para os ouvintes. Desse modo, a análise etnográfica do autor examina como traços linguísticos são importantes ferramentas na projeção social de sexualidade e podem contribuir para a formação de *personas* distintas nessas interações sociais.

6 Para seguir o termo de Butler (2003 [1990]).

7 Com certa agência – o que não necessariamente pressupõe voluntariedade –, mas dentro de uma estrutura de possibilidades.

8 No original: “style is at its foundation ideological” e “the construction of meaning, with potentially important consequences for linguistic theory more generally”.

Assim, nota-se que a Sociolinguística tem caminhado no sentido de aprofundar a discussão acerca da relação entre gênero, sexualidade e linguagem. No entanto, um grupo fundamental para o entendimento de gênero ainda tem sido deixado de lado: as *drag queens*. Por “brincarem” com as tecnologias de gênero (Preciado, 2018) ao criarem a personagem *drag*, é justamente esse caráter caricatural da *drag* – que não necessariamente (re)produz imagens de mulheres reais⁹ (Szymańska, 2020) – que pode contribuir para o entendimento de processos estilísticos para construção de *personas* e projeções de gênero.

O fenômeno *drag*

Embora a arte de se travestir tenha registros desde a Antiguidade, como no teatro grego, no teatro Topeng na Indonésia do século XIII e no Kyogen e Kabuki no Japão dos séculos XIV e XVII, foi o século XIX, tanto nos Estados Unidos, quanto na Inglaterra (Baker, 1995; Joseph, 2020), o ponto de origem da arte *drag* mais semelhante a como a conhecemos hoje. E é na década de 1960 que as *drag queens* começaram a ter certo espaço na cultura *pop* norte-americana e nos guetos *gays* de Londres, e, desse modo, emergiram e se firmaram como figuras importantes na comunidade LGBTQ¹⁰. Nesse período, a luta por igualdade de direitos também se intensificou, e foi então que a arte *drag* se consolidou na cultura ocidental, ainda vista como uma forma de arte marginal, subversiva e desafiadora das normas estabelecidas. (Baker, 1995). Desse modo, nas décadas de 1970 e 1980, com a epidemia do vírus da AIDS atingindo uma parte da comunidade *gay*, as *drag queens* despontam como um dos maiores símbolos da luta pelos direitos de igualdade e como “guardiãs” da cultura, do conhecimento e da história *queer*. Já na década seguinte, 1990, as *drags* ganham espaço no circuito “principal” da cultura *pop*, com a função de entretenimento, com dublagens, *voguing*, bailes e apresentações de comédia.

No caso do Brasil, apesar de casos pontuais, como os de Laura de Vison e de pequenos grupos teatrais – como Dzi Croquettes – embalados na estética da Tropicália (Quinalha, 2021) ainda na década de 1970, é também nos anos 1990 que as *drag queens* ganham mais espaço. A combinação de atividades de “farra” noturna e militância diurna para afirmação do orgulho é o que caracteriza essa fase da *drag* brasileira (Trevisan, 2018). Kaka di Polly, por exemplo, aparece na história da maior Parada Gay do mundo, a de São Paulo, como a principal responsável por fazer a primeira edição do evento acontecer (Felitti, 2021). Nesse sentido, a agitação e a desestabilização produzidas pelas *drag queens* na noite levaram também à atuação política subversiva, uma vez que atuaram e ainda atuam de modo contundente sobre as pautas de igualdade.

⁹ Vale ressaltar que a arte *drag* pode ser praticada por mulheres, cis ou trans, e pessoas de qualquer sexo ou gênero, mas os propósitos deste trabalho tratam de uma *drag* interpretada por alguém que se identifica como do sexo masculino.

¹⁰ Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Queer.

Além disso, os exemplos da presença das *drags* no entretenimento são muitos. O *reality show RuPaul's Drag Race*, de 2009, por exemplo, é fator determinante para o alcance global do fenômeno *drag*. A franquia *Drag Race*, atualmente, conta com mais de 16 temporadas, 20 *spin-offs* (só nos Estados Unidos) além de temporadas em muitos outros países: da Itália às Filipinas, da Espanha à Holanda, passando pela versão brasileira. A *drag* mais seguida no mundo atualmente é a brasileira Pabllo Vittar, com quase 13 milhões de seguidores, e, em junho de 2024, o *The New York Times* publicou um artigo que coloca a brasileira como herdeira da coroa de “próxima *drag queen* mundial” (NICAS, 2024). Em 2023, a plataforma de *streaming Prime Video* lançou a primeira temporada de Caravana das Drags, uma competição de talentos para *queens* brasileiras, apresentada por Ikaro Kadoshi e Xuxa Meneghel. Em 2018, a rede de televisão *E!* incluiu em sua programação semanal o programa *Drag me as a queen*, apresentado por Rita Von Hunty, Penelopy Jean e Ikaro Kadoshi. E desde 2015, combinando entretenimento e educação para a mobilização social, a *drag queen* Rita Von Hunty atua em seu canal do YouTube, o Tempero Drag. O canal conta, em 2024, com mais de 1,2 milhões de inscritos, e Rita aparece como uma das grandes referências nos debates progressistas, atuando também como colunista da CartaCapital e contribuindo frequentemente para outras grandes publicações de circulação nacional.

Nesse sentido, entendemos que a *drag* de Rita Von Hunty remonta e retoma uma característica inerente à *drag queen* em geral: o engajamento político e social e a educação para equidade e liberdade. Rita é, numericamente, a maior influenciadora do seguimento progressista nas plataformas digitais no Brasil, e a performatividade da *drag*, segundo Cunha Filho (2023), coloca Rita como uma das líderes da comunicação e educação de esquerda no meio digital, “criando cenas de dissenso no discurso hegemônico” (p. 13). Desse modo, considerando a elaboração performática (estética, discursiva e linguística) de Rita Von Hunty, é objetivo geral da pesquisa verificar quais traços linguísticos funcionam na dinâmica da construção estilística e analisar como são construídos os significados sociais associados a eles e a projeção potencial de *personas*. Para os propósitos deste artigo, concentramo-nos no caso dos diminutivos na fala de Rita Von Hunty para analisar aspectos associados à relação linguagem e projeção de gênero.

Diminutivos e gênero

No português brasileiro, o diminutivo é formado, em sua forma sintética, de modo mais produtivo pelas formas -inh / -zinh, e é possível observar pelo menos duas dimensões pragmáticas destas formas: uma que parte de “propriedades reais e objetivas da entidade em contexto” (Cruz, 2024, p. 2, tradução própria¹¹), como no exemplo 1, e outra que parte

11 No original: “real and objective properties of the entity in context”

de “percepções subjetivas das falantes sobre a entidade referida” (*idem, ibidem*, tradução própria¹²), como no exemplo 2.

1. “Estamos aqui de novo no ‘Rita em 5 minutos’, que é um **vidinho** curto que a gente fala sobre um tema em cinco minutos, mas eu nunca consigo, né?”¹³

2. “...mas e, dona Rita, e se eu estou aqui com meu **companheirinho**, ou **companheirinha**, **companheirinhos**?”

Mendes (2012), em seu trabalho sobre diminutivo e a relação com gênero, propõe uma divisão semelhante aos diminutivos, classificando-os como “de tamanho”, “metafóricos”, e ainda acrescenta outro aspecto dos diminutivos em português, que são os lexicalizados. O autor argumenta que palavras como “prezinho” ou “barzinho”, embora pudessem ser substituídas por “pré(-escola)” e “bar”, respectivamente, estão tão incorporadas à fala cotidiana – é possível que “prezinho”, inclusive, seja usado com mais frequência que “pré”; e “barzinho”, como parte da cultura paulistana, é quase uma categoria diferente de “bar” – que podem ser consideradas palavras lexicalizadas (Mendes, 2012, p. 120). No *corpus* que serve como base para esta nossa análise, há exemplos disso, como no caso 3, em que “tanquinho” não se refere a um tanque de tamanho reduzido, ou indica percepções subjetivas dos falantes, mas a uma barriga bem definida e musculosa, com os músculos abdominais visíveis.

3. “...se por um acaso veio na sua cabeça o comercial de dentífrico, porque eu sou retrô, no qual todo mundo tem **tanquinho** e pula na água e se diverte num dia de sol...”

Mendes (2007, 2011), ao entrevistar pouco mais de uma centena de paulistanos e paulistanas de diversas idades, orientações sexuais e níveis de escolaridade, perguntou “que tipo de ‘coisa’ chama a sua atenção, quando você ouve um homem falando, no sentido de fazer você pensar que ele possa ser ‘gay’?” (Mendes, 2011, p. 7). Preparado para uma certa dificuldade de os entrevistados apontarem traços linguísticos característicos da fala *gay*, foram, em seguida, apresentadas cinco gravações de um mesmo texto por cinco homens diferentes (todos se identificam como *gays*, mas essa informação não estava disponível para os entrevistados). Então, os participantes da entrevista deveriam dar uma nota para quão *gay* aqueles homens soavam: de 1, para “menos *gay*”, a 5, para o “mais *gay*”. O autor enumerou, assim, alguns dos traços apontados pelos entrevistados ao justificarem suas notas: (i) as vogais tônicas parecem mais longas; (ii) a entonação “sobe e desce” muito; (iii) as palavras são mais cuidadosamente pronunciadas; (iv) “homens *gays* e mulheres parecem usar diminutivos de maneira exagerada” (Mendes, 2012, p. 114).

12 No original: “speaker’s subjective perceptions of the referred entity”

13 Os exemplos foram retirados de vídeos da *drag queen* Rita Von Hunty, publicados em seu canal do YouTube, Tempero Drag. Para mais detalhes, veja a seção “Metodologia”.

Como nos trechos ouvidos pelos entrevistados não havia diminutivos, então a justificativa que as pessoas utilizaram para suas afirmações vem de percepções e avaliações de natureza sociolinguística “que os entrevistados trouxeram das suas vidas” (p. 115). Assim, Mendes (2012) busca investigar se essas afirmações e percepções justificam-se de algum modo nos usos. Para isso, o autor comparou duas amostras: Amostra 1, composta por 84 entrevistas sociolinguísticas com 42 homens e 42 mulheres, estratificados por faixa etária e escolaridade; e Amostra 2, com 20 entrevistas com 5 mulheres heterossexuais, 5 mulheres lésbicas, 5 homens heterossexuais e 5 homens *gays*.

Os resultados gerais de Mendes (2012) para a frequência de diminutivos (por mil palavras) para as Amostras 1 e 2 por subgrupos de Sexo/Gênero indicam frequência de 0,28 para homens heterossexuais; 0,79 na fala dos *gays* “mais masculinos” analisados; 0,9 para as mulheres lésbicas “mais masculinas”; 1,8 para as lésbicas “mais femininas”; 2,97 na fala das mulheres heterossexuais observadas; e, por fim, 3,59 na fala de *gays* “mais femininos” (p. 122). Assim, parece haver um “*continuum*” de feminilidade, com homens heterossexuais em uma extremidade do espectro, e mulheres heterossexuais e homens *gays* “mais femininos” em outra.

Desse modo, o autor reconhece forte correlação entre sexo/gênero – e projeções psicossociais – ao uso de diminutivos, e avalia que a percepção (iv) mencionada por parte do grupo de paulistanos entrevistados de que “homens *gays* e mulheres parecem usar diminutivos de maneira exagerada” tem correlato com a produção linguística. Nesse sentido, Mendes (2012) aponta o uso de diminutivos funcionando como um marcador de feminilidade, em que homens heterossexuais e mulheres lésbicas “menos femininas” se afastariam de formas “mais femininas”, num esforço de marcar masculinidade (p. 123).

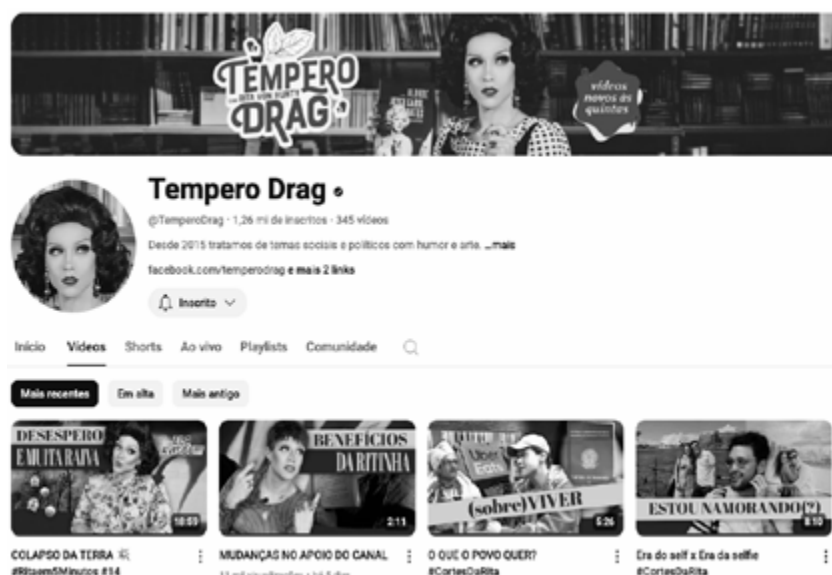
Portanto, partindo dos resultados de Mendes (2012), e considerando o caráter imitativo (Butler, 2003 [1990]) – que revela a estrutura e a contingência do gênero – e caricatural da *drag* (Szymańska, 2020, p. 17) –, perguntamo-nos sobre a frequência de diminutivos na fala de uma *drag queen*: Rita Von Hunty, personagem que se define como uma mulher heterossexual. Para isso, construímos um *corpus* a partir dos vídeos postados em seu canal do YouTube, Tempero Drag, e, na seção a seguir, detalhamos a metodologia empregada no trabalho.

Metodologia

O meio digital e as redes sociais trazem possibilidades sem precedentes para os estudos sociolinguísticos (D'Arcy; Young, 2012), como um grande acervo de registros de áudio/vídeo, com alto grau de espontaneidade, na medida em que, “mesmo que dados de mídia possam ser previamente planejados e editados, eles não foram produzidos para análise linguística, mas para outros fins” (Oushiro, 2020, p. 4).

Com isso em mente, a metodologia adotada nesta pesquisa baseia-se em princípios da etnografia digital (Georgakopoulou, 2006; D'Arcy; Young, 2012), especificamente no monitoramento midiático¹⁴ do canal Tempero Drag, em que a *drag queen* Rita Von Hunty trata de temas “sociais e políticos com humor e arte” (Tempero Drag, 2015). Conforme definido por Georgakopoulou (2006), a etnografia digital envolve a observação sistemática pelo pesquisador de uma comunidade digital, neste caso, o canal Tempero Drag, onde os participantes interagem através das plataformas disponíveis, desempenhando diversos papéis na dinâmica interativa. Esta abordagem é essencial para compreender tanto as dinâmicas de interação quanto os processos experimentados pelos indivíduos envolvidos. Para esta pesquisa, temos como foco a produção de fala da *drag queen* Rita Von Hunty nos seus vídeos.

Figura 2. Captura de tela do canal do YouTube Tempero Drag (Tempero Drag, 2015)



Fonte: Tempero Drag. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag/videos>

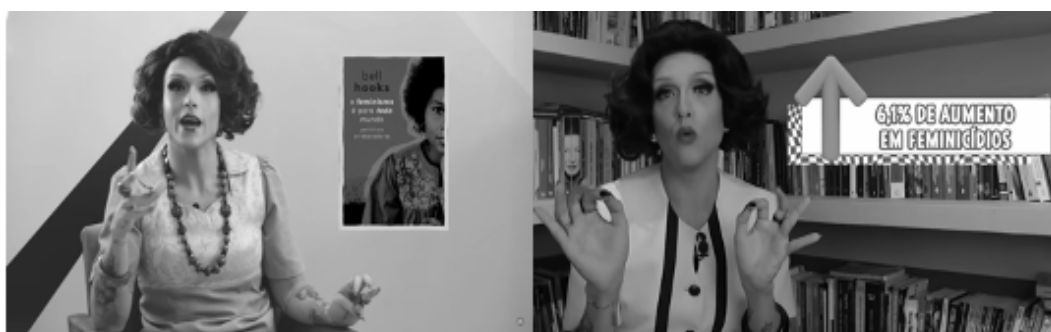
No início do canal, em 2015, Rita Von Hunty recebia convidados especiais para uma conversa acompanhada por uma receita vegana. A partir de 2017, foi lançado o quadro “Rita em 5 minutos”, no qual a *drag*, geralmente sozinha, aparecia sentada em um sofá, diante de uma câmera, discutindo temas variados, como redes sociais, equilíbrio emocional e padrões de beleza. A popularidade do canal cresceu com vídeos como “Consciência de classe”, que acumulou mais de 1,2 milhão de visualizações (até 2024), destacando-se pela abordagem pedagógica dos temas discutidos. Ao longo dos anos, os vídeos

14 A metodologia de pesquisa e as considerações éticas para a condução deste trabalho foram aprovadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual de Campinas (CEP-CHS/Unicamp), sob o número CAAE: 81266824.8.0000.8142

tornaram-se mais complexos e longos, com alguns dos mais recentes ultrapassando 30 minutos de duração.

Além desses dois tipos de vídeos, o canal também conta com entrevistas, esquetes, trechos de aulas presenciais ou *online* (incluindo *lives*) ministradas por Rita Von Hunty, e palestras em eventos para os quais a *drag* foi convidada. Há ainda vídeos em que Guilherme Terreri (ator, pesquisador e *performer* da personagem Rita) aparece “desmontado”, ou seja, sem os elementos que compõem a personagem *drag*, tanto em palestras e aulas quanto em esquetes, entrevistas e vídeos criados especialmente para o canal Tempero Drag.

Figura 3. Capturas de tela dos vídeos EU NÃO SOU UMA MULHER (04:50) e VIOLÊNCIA DE GÊNERO (13:38), do canal do YouTube Tempero Drag (Tempero Drag, 2015)



Fonte: Tempero Drag. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag/videos>

A coleta de dados para esta etnografia iniciou-se com a tabulação de todos os vídeos em que Rita Von Hunty e Guilherme Terreri estão presentes, com um total de 355 vídeos até 2024. Os vídeos foram inicialmente categorizados como “pedagógico”, em que Rita aparece sozinha falando sobre um tema político e/ou social para a câmera; “receita”, em que a *drag* ensina uma receita vegana acompanhada de um(a) convidado(a); “esquete”, em que a *drag* atua numa cena; “entrevista”, em que Rita entrevista um(a) convidado(a); e “mulheres f*da”, em que Rita e Mari G, sua produtora, falam, juntas, sobre uma mulher importante na história. Do conjunto de 355 vídeos, foram escolhidos 100 vídeos de modo aleatório – utilizando o *software* R (R Core Team, 2024) –, levando em consideração a manutenção da proporção de vídeos de cada categoria e o ano em que foram publicados. A categoria “pedagógico”, por exemplo, compreende 75% dos vídeos tabulados, assim, dentre os 100 vídeos coletados, 75 estão nesse formato, e o número de horas de gravação está razoavelmente bem distribuído entre os anos 2018-2024. Assim, a tabulação dos vídeos serviu de base para entender a distribuição de tipos de vídeos e temas mais comuns no canal, e para que o *corpus* desta pesquisa refletisse a composição do canal.

Figura 4. Captura de tela da tabulação para análise do canal Tempero Drag (Tempero Drag, 2015)

Id	Título	Duração	Data	Tipos	Tipos2	Transcritos	Transcrições	Check	Link
1	Reunião da Força do Bem com local	00:02:18	May-15	recap-interview	recap	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=5L4u07m-c08
12	Sua Avó de Vício	00:02:00	Jul-15	recap-interview	recap	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
13	No geladinho	00:02:00	Jul-15	play	play	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
22	Tempero Drag Rose	00:04:10	Oct-15	play	play	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
29	Contrato Internacional	00:02:10	Mar-16	play	play	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
35	Torta de Círculo com Regina Valério	00:03:10	Aug-16	recap-interview	recap	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
43	#Offici - 58 tons de Rita	00:00:10	Oct-16	play	play	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
48	Por que de volta com Penelope Jean	00:01:10	May-17	recap-interview	recap	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
54	Rita em seu apartamento	00:01:10	Sep-17	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
65	Rita em 5 minutos: Redes Sociais	00:02:21	Mar-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
67	Rita em 5 minutos: Responsabilidade Emocional	00:02:10	May-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
69	Rita em 5 minutos: Amor a Longo Prazo	00:01:00	Jun-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
70	Rita em 5 minutos: Linguagem e Escrita	00:01:00	Jun-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
71	Rita em 5 minutos: Duas Pátes e Idade	00:01:00	Jun-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
72	Rita em 5 minutos: Referência e Autoria	00:01:00	Jul-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
74	Rita em 5 minutos: Modos de Usar a Língua	00:01:00	Jul-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
75	Rita em 5 minutos: Práticas de Ensino	00:01:00	Jul-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
79	Rita em 5 minutos: Racião para Assaio	00:02:00	Aug-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
80	Rita em 5 minutos: Rita Des	00:01:10	Aug-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
83	Rita em 5 minutos: Monogamia	00:01:10	Sep-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
87	Rita em 5 minutos: Ao Fim do Maravoso	00:01:10	Oct-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
89	Rita em 5 minutos: Condição de Classe	00:01:10	Nov-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
90	Rita em 5 minutos: Rememoração do Professor	00:01:10	Nov-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
94	Rita em 5 minutos: Gênero e Rituais	00:01:10	Dec-18	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
96	A MULHER NA CULTURA	00:00:00	Feb-19	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08
100	O NOVO DO FOLIO (ou não, para de ser louco)	00:01:10	Feb-19	pedagogical	pedagogical	yes	yes	yes	https://www.youtube.com/watch?v=4u07m-c08

Fonte: Elaboração própria

Todos os 100 vídeos selecionados foram transcritos utilizando o *software* ELAN (Wittenburg *et al.*, 2006). Além do caso dos diminutivos, estão sendo identificadas e exploradas outras possíveis variáveis relevantes, refinando-se a descrição do canal e categorizando os vídeos com base em seus objetivos, tipos de interação e temáticas abordadas. Outra etapa da análise do trabalho consiste na codificação das variantes das variáveis linguísticas e a análise estatística dos dados, com base em modelos de regressão logística de efeitos mistos (Levshina, 2015), que permite observação de possíveis correlações existentes entre as realizações de uma ou outra variante e as demais variáveis independentes, como o tipo de vídeo, as temáticas, o período em que foi postado, e os tipos de interação, por exemplo.

Além disso, também estão sendo feitas análises e discussões de cunho qualitativo (etnografia digital, Georgakopoulou, 2006; D'Arcy; Young, 2012), a fim de oferecer uma compreensão mais detalhada das práticas comunicativas e das interações dentro do contexto digital do canal Tempero Drag, contribuindo assim para o campo emergente da pesquisa em etnografia digital aplicada a comunidades *online* específicas.

Resultados

Nesta seção, são apresentados resultados de uma análise preliminar da taxa de uso de diminutivos a cada mil palavras pela *drag queen* Rita Von Hunty em seus vídeos do YouTube, no canal Tempero Drag. Essa análise compreende a observação de 40 vídeos no formato “pedagógico”, publicados entre 2017 e 2024, e que variam de 1 a 34 minutos de duração, o que totaliza pouco mais de 6 horas de gravação e um total de 52.112 palavras transcritas.

Nesse *corpus*, foram encontrados 271 casos de diminutivos *-(z)inha/e/o(s)*, que foram codificados como a) lexicais, b) de tamanho e c) metafóricos, seguindo a classificação feita por Mendes (2012). No caso dos lexicais, além do vocábulo “sozinha/o” (exemplo 4), sobre o qual o autor ressalta como parece raro e inesperado o emprego de “só”, há outras palavras com o diminutivo lexicalizado, como em 5.

4. “...no último CD, tem uma faixa dizendo que acaba por ser cantora e uma *pop star* deixando a filha **sozinha**, e se vê como uma péssima mãe...”

5. “...e gente, é isso. Essa noite eu durmo de casulo, é tipo a **conchinha**...”

Em 4, o item lexical “sozinha” aparece para se referir à filha da *pop star* em questão, que ficaria só, uma vez que a mãe estaria em turnê. E, em 5, a palavra “conchinha” não diz respeito a uma concha de tamanho pequeno, e sim a uma posição específica de dormir. Uma vez que a palavra destacada em 5 adquire um novo significado, e esta é compreendida e usada de modo compartilhado e estável por grande parte dos falantes, codificamos como um exemplo de diminutivo classificado como “lexical”.

Além disso, foram classificados como diminutivos de tamanho os casos em que, pelo contexto maior, tínhamos pistas da indicação de tamanho reduzido, como nos exemplos 6 e 7.

6. “O **livrinho** dele chamado As Cinco Linguagens do Amor. **Livrinho** porque é **pequeninho**, tá? Não estou fazendo aqui juízo de valor.”

7. “Estamos aqui num vídeo curto ‘Rita em 5 minutos’, que é um **vidinho** que a gente debate um tema em cinco minutos.”

Em 6, Rita ressalta que o diminutivo, nesse caso, não tem caráter pejorativo, mas o livro sobre o qual ela está falando trata-se de um exemplar de poucas páginas, por isso, pequeno, assim, o uso de “livrinho” remete a propriedades objetivas do livro. E em 7, há uma diferença entre o “vidinho”, curto, apenas 5 minutos, em comparação aos outros vídeos dessa categoria no canal, que têm em média 16 minutos, podendo chegar a 38 minutos.

Por fim, foram classificados como “metafóricos”, os usos de diminutivo que indicam: a) grande quantidade, como em 8; b) carinho, como nos exemplos 9 e 10; e c) desvalorização ou desprezo, como em 11.

8. “E aí eu volto na Simone de Beauvoir, no *Segundo Sexo*. Eu estudei, né, essa obra um tanto **bastantinho**.”

9. “Oi, **pervertidinho**!” / “Oi, **molecadinha** progressista!” / “Oi, **temperadinhe**!”

10. “...lá no Manifesto Comunista, o seu **Karlinho** e o seu **Englinho** começam falando que um espectro ronda a Europa.”

11. “... e... esse **senhorzinho**, vamos chamá-lo assim não tem nenhuma relação com a política brasileira”

Em 8, como especialista em estudos culturais e grande estudiosa da obra de Beauvoir, o uso de “bastantinho” remete ao oposto do tamanho diminuto atribuído ao sufixo -(z)inha/e/o num primeiro momento: indica que o Segundo Sexo foi estudado exaustivamente pela *drag*. Já 9 e 10 são exemplos que indicam o caráter afetivo ou carinhoso a partir do diminutivo. O nono exemplo se trata de um compilado de vocativos utilizados por Rita Von Hunty para se referir aos seus interlocutores, e o exemplo 10 estende esse carinho para os teóricos caros à Rita: Karl Marx e Friedrich Engels. Por fim, em 11, há um uso do diminutivo com tom depreciativo, o que é compreendido pela análise global do vídeo, em que esse “senhorzinho” é um senhor feudal, que, na argumentação de Rita, é classificado como assassino, no vídeo “Biscoito para assassino”.

Assim, desconsideradas as ocorrências de “sozinho(s, as, es)” e “pouquinho(s)”, por serem casos menos marcados – conforme ressaltado por Mendes (2012) –, temos 244 diminutivos distribuídos nas categorias Metafóricos, Tamanho, Lexicais, conforme a Tabela 1 a seguir.

Tabela 1. Distribuição dos diminutivos -(z)inha/e/o) na fala da *drag queen* Rita Von Hunty em 40 vídeos publicados no canal Tempero Drag entre 2017 e 2024

Diminutivos		
Metafóricos	204	244
Tamanho	26	
Lexicais	14	

Fonte: Elaboração própria

Os 244 casos de diminutivos considerados para essa análise ocorreram num *corpus* de 52.112 palavras, o que resulta em uma frequência de 4,68 diminutivos a cada mil palavras. Como na Tabela 2.

Tabela 2. Frequência de diminutivos (por mil palavras) na fala da *drag queen* Rita Von Hunty em 40 vídeos publicados no canal Tempero Drag

Diminutivos			Palavras no <i>corpus</i>	Frequência de diminutivos (por mil palavras)
Metafóricos	204	244	52.112	4,68
Tamanho	26			
Lexicais	14			

Fonte: Elaboração própria

Retomando os resultados de Mendes (2012), os dois subgrupos de Sexo/Gênero com taxas de diminutivos por mil palavras mais altas são mulheres heterossexuais (2,97) e homens *gays* “mais afeminados (3,59). Ao comparar a frequência de Rita Von Hunty (4,68) com as mulheres heterossexuais paulistanas, vemos que a *drag* tem uma frequência de diminutivos por mil palavras de 1,57 a mais que o grupo de mulheres heterossexuais estudado por Mendes (2012). Uma vez que uma das identidades sociais projetadas por Rita é justamente a de uma mulher heterossexual, esses resultados, ainda que parciais, podem indicar caminhos para a compreensão do caráter caricatural da fala performática da *drag queen*, e como esta lança luz a questões de *performance* de gênero e linguagem.

Considerações finais

A arte *drag* é um fenômeno crescente que tem ganhado destaque no Brasil e no mundo. Atualmente, uma das maiores líderes da comunicação digital progressista é a *drag queen* Rita Von Hunty, que, por meio principalmente de seu canal do YouTube Tempero Drag (2015), combina entretenimento e educação para a mobilização social. A construção performática da personagem passa por, além da caracterização física, um complexo trabalho com a linguagem. Assim, o escopo deste trabalho consistiu na análise – a partir das perspectivas da Terceira Onda da Sociolinguística (Eckert, 2008, 2012, 2016, 2018) – da variação estilística e dos processos de construção e projeção de *personas* da *drag queen* Rita Von Hunty. Para isso, a partir de metodologias de etnografia digital (Georgakopoulou, 2006; D’Arcy; Young, 2012), estudamos a variação estilística da *drag* em seus vídeos do YouTube.

A análise conduzida nos limites deste trabalho – a partir de um *corpus* de 40 vídeos do canal – revela resultados preliminares sobre a frequência mais alta de diminutivos (4,68) na fala da *drag queen* Rita Von Hunty em comparação com as mulheres heterossexuais paulistanas (2,97) entrevistadas no trabalho de Mendes (2012). Este fato chama a nossa atenção, uma vez que Rita, como *drag queen*, parece realizar uma *performance* caricatural de gênero, que, retomando Butler (2003 [1990]), expõe a *estrutura imitativa* e a *contingência* do próprio gênero. Assim, o uso de diminutivos, nesse contexto, não é necessariamente

uma imitação das “mulheres reais”, mas sim parte da natureza da *drag*: o exagero de marcadores de gênero, que podem ser tanto estéticos quanto linguísticos.

Embora seja cedo para fazer generalizações a partir dos resultados de caráter exploratório e preliminar deste estudo, essas observações iniciais parecem sugerir a existência de padrões específicos na fala performática da *drag queen*. O traço caricatural da *drag* ainda lança luz sobre questões fundamentais que envolvem a interseção entre *performance* de gênero e linguagem, contribuindo para uma reflexão mais detalhada sobre como essas *performances* linguísticas constroem *personas* e projetam gênero.

Os resultados também indicam a necessidade de ampliar a investigação para outros vídeos de Rita Von Hunty e de incluir uma análise mais abrangente de outras variáveis linguísticas, uma vez que, a partir de achados de trabalhos da terceira onda, diferentes traços linguísticos podem ser (re)combinados – a partir da reinterpretção dos significados sociais das variáveis linguísticas, já que estes são mutáveis – na e pela prática estilística, num processo de “bricolagem” (Eckert, 2012, p. 94). Desse modo, a análise combinada de outras variáveis linguísticas permitiria uma compreensão mais detalhada dos mecanismos de construção de estilo na fala performática de *drag queens*, além de contribuir para a discussão sobre a relação entre linguagem, *performance* e gênero. Por fim, se o *fazer* gênero, como propõe Butler (2003 [1990]), é uma espécie de “imitação persistente que passa por real” (p. 9), retomamos Lakesha Lucky¹⁵: “nós nascemos nus, e o resto é *drag*”.

Referências

BAKER, R. *Drag: A history of female impersonation in the performing arts*. Nova York: NYU Press, 1995.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003 [1990].

BUTLER, J. *Desfazendo gênero*. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022 [2004].

BUTLER J. *Quem tem medo do gênero?* 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

CRUZ, A. Expressing diminutive meaning in heritage Spanish: linking the heritage experience to diminutive use in everyday speech. *Frontiers in Language Sciences*, v. 3, 2024.

¹⁵ Lakesha Lucky é uma *drag queen* norte-americana que foi muito famosa nos 80-90 e tem a ela atribuídos os créditos por essa frase. Porém, mas não há nenhuma publicação em que ela esteja documentada, a não ser em histórias *queer* contadas e recontadas por outras *drag queens*.

CUNHA FILHO, A. H. da. *Em algum local dessa tela: a performance da Rita Von Hunty e seu corpo infiltrado*. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia e Práticas Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2023.

D'ALAMA, L. Quem tem medo de Rita Von Hunty? *Revista E*, São Paulo, jun. 2024.

D'ARCY, A.; YOUNG, T. M. Ethics and social media: Implications for sociolinguistics in the networked public. *Journal of Sociolinguistics*, v. 16, n. 4, p. 532-546, 2012.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.

ECKERT, P. Three waves of variation study: The emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual review of Anthropology*, v. 41, n. 1, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N. (ed.). *Sociolinguistics: Theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016, p. 68-85.

ECKERT, P. *Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FELITTI, C. *Rainhas da noite: as travestis que tinham São Paulo a seus pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org.). *Mulheres, Linguagem e Poder – Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira*. São Paulo: Blucher, 2015. p. 17-74.

GEORGAKOPOULOU, A. Postscript: Computer-mediated communication in sociolinguistics. *Journal of Sociolinguistics*, v. 10, p. 548-557, 2006.

JOSEPH, C. G. The first drag queen was a former slave. *The Nation*, v. 31, 2020.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola, 2008 [1972].

LEVSHINA, N. *How to do linguistics with R: Data exploration and statistical analysis*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2015.

MENDES, R. B. What is 'gay speech' in São Paulo, Brazil. In: SANTAEMILIA, J.; BOU, P.; MARUENDA, S.; ZARAGOZA, G. (org.). *International Perspectives on Gender and Language*. Valência: Universitat de València, 2007. p. 296-305.

MENDES, R. B. Gênero/sexo, variação linguística e intolerância. In: BARROS, D. L. P. (org.). *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Mackenzie, 2011. p. 99-116.

MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-124, 2012.

MENDES, R. B. Gendered perceptions of noun agreement in Brazilian Portuguese. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, Berlin, v. 12, n. 23, p. 93-108, 2014.

MENDES, R. B. Diphthongized (en) and the indexation of femininity and Paulistinity. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 58.3, p. 425-444, 2016.

NICAS, J. The World's Next Big Drag Queen Is Brazilian. *The New York Times*, Nova York, 30 jun. 2024. The Global Profile. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2024/06/30/world/americas/pablo-vittar-drag-queen-brazil>. Acesso em: 15 out. 2024.

OUSHIRO, L. Coleta de dados para pesquisas sociolinguísticas (em tempo de pandemia). In: XXXV ENANPOLL – Encontro Nacional da ANPOLL, v. 1, p. 1-8, Londrina, PR, Brasil, 2020.

PIE, I. *Percepção de vozes masculinas: efeitos da concordância nominal, da duração de /-s/, da frequência fundamental e de atitudes sobre masculinidade*. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

PODESVA, R. J. Intonational variation and social meaning: Categorical and phonetic aspects. *Penn Working Papers in Linguistics (Selected Papers from New Ways of Analyzing Variation 34)*, v. 12, n. 2, p. 189-202, 2006.

PODESVA, R. J. Phonation type as a stylistic variable: The use of falsetto in constructing a persona. *Journal of Sociolinguistics*, v. 11, n. 4, p. 478-504, 2007.

PODESVA, R. J. Three sources of stylistic meaning. *Texas Linguistic Forum*, Austin, v. 47, p. 1-10, 2008.

PODESVA, R. J. Salience and the social meaning of declarative contours: Three case studies of gay professionals. *Journal of English Linguistics*, v. 39, n. 3, p. 233-264, 2011.

PRECIADO, P. B. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

QUINALHA, R. *Contra a moral e os bons costumes: a ditadura e a repressão à comunidade LGBT*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

R Core Team. *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: 2024. Disponível em: <http://www.R-project.org/>. Acesso em: 15 out. 2024.

SCHILLING, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K; SCHILLING, N (ed.). *The handbook of language variation and change*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2018. p. 325-349.

SENE, M. G. *A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de/s/e do pitch médio*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

SZYMAŃKA, M. Performative discourse of drag queens: A sociolinguistic study. *Research in Language (RiL)*, Łódź, v. 18, n. 1, p. 15-35, 2020.

Tempero Drag. *Tempero Drag: desde 2015 tratamos de temas sociais e políticos com humor e arte*. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/@TemperoDrag>. Acesso em: 15 out. 2024.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WITTENBURG, P. et al. ELAN: a professional framework for multimodality research. In: *Proceedings of the Fifth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC'06)*. Genoa: European Language Resources Association (ELRA), 2006.

O uso do discurso direto em texto jornalístico informativo: análise de vozes

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3844>

Siderlene Muniz-Oliveira¹

Antonio Carlos Valentini²

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o funcionamento de vozes mobilizadas por meio de citações em discurso direto em um texto jornalístico. Como pressupostos teóricos, partimos, especialmente, do círculo de Bakhtin (2011), que considera o permanente diálogo existente entre os diferentes discursos; e de Authier-Revuz (2004, 1998), que desenvolve conceitos sobre a manifestação de outras vozes no discurso. Como procedimento metodológico, foi selecionado um texto jornalístico informativo digital sobre um caso de exploração ambiental. Como resultados, observamos que essas vozes contribuem para a construção de um quadro discursivo que combina experiência, testemunho e avaliação, organizando os sentidos produzidos sobre a região afetada ao longo do texto. A contribuição deste estudo situa-se no plano analítico-metodológico.

Palavras-chave: vozes; discurso direto; texto jornalístico informativo.

1 Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Pato Branco, Paraná, Brasil; smoliveira@utfpr.edu.br; <https://orcid.org/0000-0003-3661-0663>

2 Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Pato Branco, Paraná, Brasil; antoniocarlos.valentini@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-6645-2275>

The use of direct discourse in an informative journalistic text: analysis of voices

Abstract

The objective of this article is to analyze the functioning of voices mobilized through quotes in direct speech in a journalistic text. As theoretical assumptions, we start, especially, from the circle of Bakhtin (2011), which considers the permanent dialogue between different discourses; and Authier-Revuz (1998, 2004), who develops concepts about the manifestation of other voices in the discourse. As methodological procedure, a digital informative journalistic text about a case of environmental exploitation was selected. As a result, we observed that these voices contribute to the construction of a discursive framework that combines experience, testimony, and evaluation, organizing the meanings produced about the affected region throughout the text. The contribution of this study lies in the analytical-methodological plane.

Keywords: voices; direct speech; informative journalistic text.

Introdução

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) dos ensinos médio e fundamental, as habilidades do componente curricular Língua Portuguesa são organizadas em campos de atuação social, propondo que os estudantes “possam vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias” (Brasil, 2018, p. 485), como a impressa, digital, analógica, situadas em diferentes campos de atuação, sendo um deles o jornalístico-midiático, visando tanto ao enriquecimento cultural quanto às práticas cidadãs. Uma das habilidades em relação às práticas de leitura e de produção de textos dos 8º e 9º anos é referente à análise de recursos que evidenciam vozes em um texto, como discurso direto (doravante DD), discurso indireto (doravante DI) e discurso indireto livre.

Assim, no campo de estudos sobre linguagem, algumas pesquisas têm sido desenvolvidas com a preocupação de investigar vozes a partir de marcas linguísticas, muitas delas articulando essa análise a reflexões no âmbito do ensino. Podemos citar Rosa (2024) que, valendo-se da análise do discurso francesa de Authier-Revuz (1998, 2004), analisa vozes em discurso citado direto e discurso citado indireto em crônicas sobre o tema “redes sociais”. Como resultado, a partir da identificação de vozes de autores das crônicas, de personagens reais e de personagens fictícios que seriam usuários das redes sociais, os quais expõem vantagens e desvantagens na utilização dessas redes, desenvolve-se uma proposta didática para ser aplicada em sala de aula.

Outra pesquisa que investiga vozes por meio de marcas linguísticas é a de Vieira (2022), que considera que os alunos podem ter dificuldades para analisar o humor em textos. A autora identifica e interpreta vozes presentes em um texto humorístico publicado em um *blog*. Essa pesquisa centra-se na análise de vozes em citação direta, citação indireta, estrangeirismos e pré-construídos em um texto humorístico retirado de um *site* de humor (Vieira, 2022). Como resultado, são colocadas em cena vozes críticas e ideologias sobre o assunto estudado, no caso, a pandemia de Covid-2019, evidenciando o potencial da análise de vozes para a compreensão de efeitos de sentido em textos de circulação social. Assim como na pesquisa de Rosa (2024), são propostas atividades didáticas, com base na pesquisa desenvolvida, que podem ser utilizadas por professores durante as aulas de Língua Portuguesa.

Já o estudo de Testa (2020) também analisa vozes e relações dialógicas entre locutor e interlocutor em memes retirados de uma página da rede social Facebook sobre o trabalho do professor, visando refletir sobre como esse trabalho é concebido a partir de discursos e de vozes presentes nos memes analisados, como eles são construídos, propagados socialmente e qual é a imagem do professor retratada. Da investigação realizada, evidenciam-se algumas temáticas concernentes ao trabalho docente, como, por exemplo, problemas relacionados à infraestrutura escolar, que prejudicam a atividade de trabalho do professor; adoecimento e desvalorização profissional e financeira; dedicação e superação de desafios, entre outras.

Essas pesquisas de Rosa (2024), Vieira (2022) e de Testa (2020) revelam a relevância da análise de vozes para a compreensão de textos de diferentes gêneros e suportes, bem como a diversidade de encaminhamentos possíveis a partir desse tipo de abordagem, inclusive no campo da Língua Portuguesa. Nesse contexto, considerando-se que todo discurso é constitutivamente atravessado por outras vozes, observa-se que, no texto jornalístico informativo, essas vozes se tornam particularmente visíveis por meio de marcas linguísticas como o DD. No entanto, ainda são pouco explicitados e sistematizados os procedimentos analíticos que permitem compreender como as vozes, quando materializadas no DD, funcionam discursivamente e produzem efeitos de sentido no interior desse tipo de texto.

Diante desse cenário, coloca-se como problemática compreender de que modo o DD, enquanto recurso recorrente em textos jornalísticos informativos, participa da construção de vozes e da organização de sentidos no interior do texto. Embora a presença de vozes seja constitutiva do discurso e não possa ser pensada como algo externo ou acessório, interessa problematizar como essas vozes se tornam visíveis no texto por meio do DD e quais efeitos de sentido são produzidos a partir dessa forma de inscrição do dizer de outrem no texto informativo.

Desse modo, o objetivo deste artigo é analisar o funcionamento das vozes mobilizadas por meio de citações em DD em um texto jornalístico informativo digital, examinando de que maneira essas citações contribuem para a construção de posições enunciativas e para a produção de sentidos no texto. A análise volta-se, após a identificação das vozes citadas em DD, para o modo como elas são incorporadas ao dizer jornalístico e articuladas na construção do texto informativo.

A contribuição deste estudo situa-se no plano analítico-metodológico, ao explicitar procedimentos de análise que permitem compreender o funcionamento discursivo do DD na construção de vozes em texto jornalístico informativo. Ao tornar visíveis os modos de incorporação do dizer de outrem e os efeitos de sentido daí decorrentes, o artigo³ busca contribuir para os estudos discursivos sobre o texto jornalístico, oferecendo um caminho de análise que pode ser mobilizado em investigações futuras sobre vozes e heterogeneidade enunciativa.

Pressupostos teóricos

Esta pesquisa tem como aporte principal a concepção dialógica da linguagem proposta por Bakhtin (2011) e Volochínov (2009). Nessa concepção, “enunciado” é a “real unidade da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2011, p. 274), que representa a luta por um objeto. Nesse embate, quem participa do processo comunicativo adquire voz, já que, nessa perspectiva, não ter voz é não existir. Por isso, diferentes tipos de vozes, carregadas de ideologia, surgem dentro de determinado discurso.

Bakhtin (2011) explica que existe uma tríade viva, entre o “eu”, o “objeto” e os “outros”, os quais participam do processo comunicativo. O “eu” é aquele que produz um enunciado, aquele que luta para ter voz, vez e ser ouvido e não ignorado na conversação; o “objeto” é o referente, é aquilo de que se fala, aquilo sobre o que se busca reivindicação na produção do enunciado pelo “eu”; os “outros” são os parceiros da comunicação discursiva.

Tudo o que é enunciado (oral e escrito), produzido no presente, embora concreto e único, baseia-se em enunciados passados, já proferidos, que vão se constituindo e atravessando tempos. Os signos empregados por um enunciador, dessa maneira, não existem “apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc.” (Volochínov, 2009, p. 32).

3 A ideia deste artigo deriva de uma dissertação de mestrado em Letras sobre relações dialógicas em textos jornalísticos sobre um crime ambiental (Valentini, 2025). Um recorte desse estudo foi apresentado no 70º Seminário do GEL (Valentini; Muniz-Oliveira, 2024), sendo o presente artigo desenvolvido com objetivos, enfoque e resultados distintos e aprofundados.

Essa relação entre enunciado e tempo constrói o conceito de dialogismo, que se refere ao momento em que ocorre uma comunicação discursiva sem fronteiras temporais, entre sujeitos enunciadoreis em tempos distintos. Assim, “define-se pelo diálogo entre interlocutores e pelo diálogo com outros textos” (Barros, 2005, p. 27), sendo “o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido no discurso” (Barros, 2005, p. 32).

Segundo Brait (2005, p. 94-95),

Por um lado, o dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade [...]. Por outro lado, o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, se instauram e são instaurados por esses discursos.

Logo, o dialogismo acontece quando há uma interação entre interlocutores e representa as semelhanças, as relações, o diálogo harmonioso ou o embate entre discursos que surgem devido a uma cadeia discursiva que propaga as formas linguísticas e os assuntos que, embora interpretados e modificados, nunca são inéditos. “As relações dialógicas são, portanto, relações entre índices sociais de valor” (Faraco, 2009, p. 66).

Uma das formas de analisar o dialogismo em textos é partir de vozes explícitas e de vozes implícitas. Authier-Revuz (2004, 1998), com base na perspectiva dialógica da linguagem, desenvolve dois conceitos sobre a manifestação de outras vozes no discurso, que são os conceitos de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva da linguagem. O primeiro diz respeito às manifestações, com marcas linguísticas explícitas, que permitem a visualização do outro, de sua voz, em um texto, o que corresponde ao momento em que a mistura de vozes de um enunciado torna-se explicitamente identificável e perceptível. O segundo remete a quando essa percepção da mistura de vozes é implícita, o que caracteriza a constituição da linguagem, que estrutura a formação discursiva. Nesse segundo caso, não há essa marca explícita do outro. Embora as vozes sociais estejam sempre presentes, não são nítidas para o leitor.

No caso da heterogeneidade mostrada, que propicia a explícita visualização do outro no discurso, pode aparecer por meio do que Maingueneau (2001) denomina discurso relatado (doravante DR), ou discurso citado, que tem diferentes formas, sendo duas conhecidas e clássicas: o DD e o DI.

O DD, por exemplo, “constitui uma enunciação sobre outra enunciação”. Nele, “[...] põem-se em relação dois acontecimentos enunciativos, sendo a enunciação citada objeto da enunciação citante”, simulando restituir as falas citadas, ao tentar “indicar as próprias

palavras do enunciador citado” com o objetivo de produzir um efeito de autenticidade, indicando que as palavras relatadas remetem ao dizer original, distanciar o discurso citante, ou produzir um efeito de objetividade (Maingueneau, 2001, p. 142). Segue o exemplo 1, retirado do romance *O sócia*, de Dostoiévski (2022).

1. Também caminhava apressado, também estava, igual ao senhor Goliádkin, vestido e agasalhado da cabeça aos pés e também trotava e saltitava, igual a ele, pelo calçadão do Fontanka com aquele passinho curto e amiudado, dando, às vezes, uma corridinha. “O que é isso, o quê?”, cochichou o senhor Goliádkin (Dostoiévski, 2022, p. 63).

Da citação acima, o trecho que está entre aspas é um exemplo de DD e, como se pode observar, está seguido de um verbo de dizer (Muniz-Oliveira, 2016): *cochichar* e refere-se à voz do protagonista, senhor Goliádkin. Assim, as aspas e o verbo de dizer após uma citação são marcas de DD. Porém, há outras marcas, como no exemplo 2 a seguir, retirado da mesma obra acima:

2. Indo, por sua vez, para a cama, o senhor Goliádkin dava risadinhas, enquanto isso, e cochichava consigo mesmo: “É que estás bêbado hoje, meu queridinho Yákov Petróvitch, vilão rematado, um Goliadka daqueles, já que teu sobrenome é este!” (Dostoiévski, 2022, p. 91).

No exemplo 2, o verbo de dizer, também *cochichar*, está antes da citação entre aspas, ou seja, é introdutório de um DD, que, no caso, é uma voz do protagonista falando para ele mesmo. Há também casos em que o verbo de dizer pode estar ausente, sendo utilizadas apenas as aspas. Assim, no DD podem ser identificadas vozes em um discurso, o que pode ser feito a partir de marcas explícitas no texto, como as aspas e o verbo de dizer, o que constitui uma forma de heterogeneidade mostrada, marcada explicitamente (Authier-Revuz, 2004).

Já no DI, ouve-se “[...] de forma diferente o discurso de outrem; ele integra ativamente e concretiza na sua transmissão outros elementos e matizes que os outros esquemas deixam de lado” (Volochínov, 2009, p. 167). Por meio desse, não há uma transposição literal, palavra por palavra, do DR, mas uma transposição analítica, pois “a análise é a alma do discurso indireto” (Volochínov, 2009, p. 166). Citamos o exemplo 3, retirado de um conto:

3. Cheguei em um local onde havia bancas de livros, um ambiente colorido, e de uma pergunta que fiz para o vendedor, ele me disse que os livros eram femininos no sentido de que eram para mulheres. Eu nada disse, mas pensei que não existe isso: livros são para leitores independente do sexo (M Anominato b), grifo próprio).

O exemplo 3 apresenta, no trecho sublinhado, uma citação em DI em que há o verbo de dizer *dizer* seguido do *que*, que revela uma fala citada indiretamente de um personagem do conto, o vendedor. Porém, diferentemente do DD, que se apresenta como se fosse a reprodução exata – já que se trata de uma simulação – das palavras do enunciador citado (Muniz-Oliveira, 2016), no DI “o enunciador citante tem uma infinidade de maneiras para traduzir as falas citadas, pois não são as palavras exatas que são relatadas, mas sim o conteúdo do pensamento” (Maingueneau, 2001, p. 149). Assim, o enunciador traduz o DI sem prender-se às “próprias palavras” dessa referência, empregando a sua própria interpretação e formando um discurso citante mais distante do discurso citado do que no DD (Maingueneau, 2001).

Dessa maneira, o DD e o DI são formas explícitas a partir das quais podem ser identificadas vozes em um texto, que podem vir “de um outro lugar, de uma outra época, de uma outra teoria, de uma outra pessoa, da qual se fala, e que se impõe como apropriada” a determinado objeto (Authier-Revuz, 1998, p. 23). Essas vozes podem ser associadas a um discurso que, por exemplo, se impõe em apoio, em conflito, em associação de ideias (Authier-Revuz, 1998). Ademais, podem se referir a um “tipo de outro: outra língua, região, época, registro, ‘socioleto’, discurso teórico, posição política” (Authier-Revuz, 1998, p. 23).

Procedimentos metodológicos

O texto selecionado para análise é jornalístico informativo digital, veiculado no *site* da BBC News Brasil (*British Broadcasting Corporation*), veículo que divulga acontecimentos de interesse humano sob temáticas amplas, cujo objetivo é apresentar e contextualizar fatos de relevância pública.

O texto jornalístico informativo caracteriza-se, de modo geral, pela mobilização de diferentes fontes, como pessoas, organizações e grupos sociais, envolvidos direta ou indiretamente nos acontecimentos relatados, cujas falas são incorporadas ao texto por meio de procedimentos de citação, frequentemente decorrentes de entrevistas (Schmitz, 2011). A escolha desse texto justifica-se, portanto, pela centralidade que as vozes citadas em DD assumem na organização do texto jornalístico, aspecto diretamente relacionado ao objetivo desta análise.

O texto analisado intitula-se “Bairros afundando transformam parte de Maceió em cidade fantasma e atraem curiosos”⁴ (França, 2021). Em relação ao contexto sócio-histórico de produção do texto, ele insere-se em um cenário de exploração ambiental no estado de Alagoas, decorrente da atividade de uma empresa petroquímica, que resultou em danos sociais, econômicos e ambientais, afetando bairros inteiros de Maceió (Silveira;

4 O texto completo pode ser consultado em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59179804>. Acesso em: 18 out. 2024.

França; Dias, 2023). Esse contexto delimita as condições de produção do texto analisado, orientando as diferentes vozes sociais mobilizadas.

Em relação ao procedimento de análise, a metodologia adotada fundamenta-se nos pressupostos teóricos apresentados e orienta-se pela explicitação e sistematização dos procedimentos analíticos empregados, voltando-se ao estudo do funcionamento das vozes no texto analisado.

Inicialmente, realizou-se uma leitura global do texto, com a finalidade de identificar modos de organização textual a partir de recorrências discursivas que emergem do próprio texto e orientam a segmentação discursiva.

Na sequência, foram selecionados os trechos em que há ocorrência de DD, entendidos como momentos de inscrição explícita do discurso dos “outros” (Bakhtin, 2011). As vozes citadas foram analisadas a partir de sua posição enunciativa, considerando-se o lugar discursivo que ocupam no interior do texto, os verbos de dizer que as introduzem, as aspas (Muniz-Oliveira, 2016), os elementos contextuais que acompanham a citação, examinando de que maneira essas citações contribuem para a construção de posições enunciativas e para a produção de sentidos no texto.

A análise foi conduzida a partir de um percurso analítico recorrente, aplicado sistematicamente a cada trecho selecionado, que compreendeu: a) a delimitação do recorte; b) a identificação das marcas linguísticas de citação; c) a caracterização da fonte jornalística e de sua posição enunciativa; e d) a análise da articulação discursiva entre a voz citada e a organização discursiva do texto jornalístico informativo, observando-se de que modo essa voz integra-se ao dizer jornalístico, complementa-o ou o tensiona, bem como os efeitos de sentido produzidos.

Optamos por integrar a apresentação dos dados ao próprio desenvolvimento da análise, privilegiando-se a articulação entre descrição, interpretação e o funcionamento discursivo das vozes no texto. Essa opção metodológica decorre da perspectiva discursiva adotada, segundo o percurso analítico que não se limita a um procedimento descritivo, mas se constitui como resultado da própria análise, ao tornar visível o funcionamento das vozes e os efeitos produzidos no texto jornalístico.

Resultados das análises

Nesta seção, desenvolvemos a análise das vozes em DD do texto de França (2021), entendida, no âmbito da análise do discurso, como o espaço em que se produzem simultaneamente os resultados e a discussão. Assim, os efeitos de sentido identificados emergem da própria análise, a partir da articulação entre descrição dos trechos,

interpretação e mobilização teórica. Desse modo, foram selecionados cinco trechos nos quais se materializa a heterogeneidade mostrada por meio de citações diretas, ou seja, DD. A análise de cada trecho é apresentada a seguir, articulando descrição e interpretação dos efeitos de sentido.

1. A fama dos bairros fantasmas ganhou o país e se tornou uma atração para turistas que visitam Maceió. “As pessoas perguntam muito sobre os bairros quando faço *city tour* pela cidade”, diz o presidente do Sindicato dos Guias de Turismo de Alagoas, Marconni Moreira. Ele conta à BBC News Brasil que nem guias, nem empresas fazem esse “passeio”, mas admite que a procura tem sido cada vez maior. “Gente do Brasil inteiro que pergunta quando levo os turistas para o Mirante do Farol e conto a história do bairro”, diz (França, 2021, s.p.).

Nesse trecho, há duas citações em DD (Maingueneau, 2001), entre aspas e seguidas pelo verbo de dizer (Muniz-Oliveira, 2016) *dizer*, que representam uma entidade sindical dos Guias de Turismo de Alagoas, cuja posição enunciativa é de porta-voz institucional do setor turístico. Essas citações também trazem outras vozes, no caso, em DI, identificadas a partir do verbo perguntar (As pessoas *perguntam*; Gente do Brasil inteiro que *perguntam*), o que configura uma sobreposição de vozes (Bakhtin, 2011; Volochínov, 2009) e evidencia o funcionamento da heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 2004, 1998). Ao colocar em cena turistas de diferentes regiões do país, a enunciadora constrói um efeito de generalização e de ampliação do fenômeno, reforçando a ideia de que o interesse pelos bairros afetados ultrapassa o âmbito local. Esse funcionamento discursivo sustenta e legitima o enquadramento proposto no título do texto, ao associar o aprofundamento dos bairros à noção de “cidade fantasma” que “atrai curiosos” (França, 2021, s.p.), produzindo um efeito de noticiabilidade ancorado na curiosidade e no caráter excepcional do acontecimento.

No segundo trecho a ser analisado, identifica-se a voz de uma turista.

2. Na ausência de passeios formais pelas áreas fantasma, turistas e curiosos vão por conta própria conhecer a região afetada. De Manaus, Camila Santana, de 30 anos, veio a Maceió em setembro e quis ver de perto o que aconteceu. “Fiquei extremamente chocada. Não esperava que tantos bairros tivessem sido atingidos. É muito triste ver nas paredes das casas as mensagens que remetem às histórias das pessoas que construíram uma vida ali e que tinham identificação com aquele lugar. Você sente um pouco a dor das pessoas”, conta. “Senti vontade de ver essas ruas e casas, quis olhar para o bairro fantasma. Achei que existia uma coisa ou outra funcionando por lá, mas não, ali só existe o silêncio e as paredes gritando a história das pessoas. Apesar de ser um capítulo trágico na história de Maceió e do Brasil, é importante sempre lembrar para que não se repita. Nunca vi algo parecido nos lugares que andei. É algo que atíça nossa curiosidade” (França, 2021, s.p.).

Trata-se de duas citações em DD, entre aspas, atribuídas a uma turista, cuja posição enunciativa é construída discursivamente como a de observadora externa, mobilizada afetivamente. A primeira é seguida pelo verbo de dizer *contar* e, na segunda, não há o uso explícito de verbo de dizer. Essa voz produz efeitos de sentido de comoção e empatia ao relatar sentimentos como choque, tristeza e dor psíquica diante da situação presenciada. O dizer da turista articula experiência sensível e avaliação, colocando em funcionamento um enquadramento discursivo marcado pelo afeto.

Além disso, a voz citada manifesta uma expectativa prévia em relação ao espaço afetado – expressa na crença de que haveria “uma coisa ou outra” em funcionamento –, expectativa essa frustrada pela experiência do bairro vazio, o que acentua o efeito de abandono e desolação. Essa voz é construída como fonte testemunhal, que, conforme Schmitz (2011, p. 11), “funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu, como partícipe ou observadora”. Nesse sentido, o testemunho da turista legitima o texto jornalístico informativo, ao mesmo tempo em que introduz a curiosidade como elemento constitutivo da noticiabilidade. Observa-se um alinhamento discursivo entre a voz citada e a enunciativa do texto, especialmente quando o afundamento do solo é nomeado como um “capítulo trágico na história de Maceió”.

Segue o terceiro trecho, em que também há vozes em DD.

3. O empresário Nijauro Filho, de 52 anos, dono da única padaria em funcionamento na região, assiste ao vai e vem dos curiosos. “Já veio gente de Salvador, de São Paulo, de vários locais. Sempre tem alguém vindo e parando aqui na padaria para perguntar sobre como está o bairro”, explica. Segundo Nijauro, os turistas normalmente vão de carro e não costumam parar, já que o bairro está vazio. “Eles passam olhando, tirando fotos. Acho que sentem medo porque o Pinheiro está deserto”, diz. Nijauro Filho herdou o estabelecimento do seu pai, de mesmo nome, que morreu durante a pandemia. Era ele quem morava no andar de cima da padaria – hoje desocupado. “Antes disso vendíamos 2 mil pães por dia; hoje só chega a no máximo 500. Ainda bem que forneço para eventos e consigo pagar as contas”, diz (França, 2021, s.p.).

Nesse trecho, há três citações em DD, entre aspas, sendo a primeira introduzida pelo verbo de dizer (Muniz-Oliveira, 2016) *explicar* e as demais pelo verbo *dizer*. Trata-se de citações de um morador e comerciante local, dono de uma padaria em funcionamento na região, cuja posição enunciativa é construída discursivamente como a de testemunha cotidiana do esvaziamento do bairro e de seus efeitos econômicos. Ao mencionar o fluxo de pessoas que passam pelo local, observam e registram a situação por meio de fotografias, essa voz produz efeitos de sentido de curiosidade e estranhamento, ao mesmo tempo em que atribui aos visitantes um sentimento de medo, associado ao fato de o bairro estar “deserto”. Desse modo, o dizer do comerciante contribui para a construção de um enquadramento discursivo marcado pelo abandono e pela situação do espaço urbano afetado.

Ademais, a voz citada introduz a dimensão econômica do acontecimento ao mencionar a redução significativa das vendas de pães, o que indica consequências de prejuízo financeiro e impacto negativo sobre a atividade comercial local. A expressão “ainda bem”, no entanto, marca um ponto de alívio que relativiza a perda total e evidencia a heterogeneidade do discurso, ao articular prejuízo e sobrevivência econômica por meio do fornecimento de pães para eventos.

Trata-se de uma fonte individual (Schmitz, 2011), construída discursivamente como vítima das consequências do afundamento, uma vez que o esvaziamento do bairro compromete a sua atividade comercial e o seu meio de subsistência. Conforme observa Schmitz (2011, p. 11), “a figura da vítima é carregada de noticiabilidade, pois o público se interessa pelo sofredor, injustiçado ou pela desgraça do destino”. Nesse funcionamento discursivo, a posição enunciativa do comerciante reforça efeitos de sensibilização e de vitimização, que são intensificados pela inserção de informações biográficas, como a morte do pai durante a pandemia. Esse elemento contribui para o alinhamento entre a voz citada e a enunciadora, ao inserir no texto jornalístico informativo uma dimensão pessoal que reforça os efeitos de sentido de perda e de vulnerabilidade, associados à região afetada.

No quarto trecho, a seguir, também há a voz desse comerciante.

4. A maioria da clientela é de moradores que viviam na região. O empresário nunca se mudou dali por avaliar que os valores oferecidos para que ele abandonasse o imóvel não cobririam seus custos. “Não vale a pena. Prefiro continuar aqui. Só para desmontar o maquinário gastaria mais do que estão oferecendo” (França, 2021, s.p.).

Nesse trecho, a citação em DD, cuja marca linguística são as aspas, e sem introdutor explícito de verbo de dizer (Muniz-Oliveira, 2016), funciona como ratificação da informação apresentada pela enunciadora do texto jornalístico, segundo a qual o comerciante opta por permanecer no bairro em razão da insuficiência dos valores oferecidos para a desocupação do imóvel. A voz citada, que mostra a heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 2004, 1998), constrói esse posicionamento a partir de uma avaliação econômica concreta, ao comparar o montante proposto com os custos envolvidos no desmonte do maquinário, produzindo efeitos de sentido que evidenciam a desproporção entre a oferta e os prejuízos enfrentados.

Observa-se, ainda, uma continuidade discursiva em relação ao seu dizer anterior, na medida em que a decisão de permanecer no local dialoga com a afirmação do trecho 3 “[...] Ainda bem que forneço para eventos e consigo pagar as contas”. Esse encadeamento contribui para a construção de uma voz que articula perdas, adaptação e manutenção da atividade comercial, reforçando a dimensão cotidiana e concreta dos impactos vivenciados pelo morador-comerciante.

Segue o quinto e último trecho, em que também há enunciados em DD.

5. O publicitário Alexandre Almeida, 59 anos, morador de Recife, resolveu visitar os bairros fantasmas durante uma viagem a Maceió. “Tive um misto de indignação, raiva e tristeza. A cada momento que vamos andando pelos escombros e entendendo a história, vamos tendo esses sentimentos acordados”, diz. “Eu já sabia de certa forma o que tinha acontecido e eu tive vontade de ir (à região) para sentir de perto o que é uma sensação de uma cidade fantasma” (França, 2021, s.p.).

Nesse trecho, há dois enunciados em DD, sendo o primeiro entre aspas e seguido pelo verbo *dizer*, e o segundo apresenta como marca linguística apenas o uso das aspas. Esses enunciados, reveladores da heterogeneidade mostrada (Authier-Revuz, 2004, 1998), são atribuídos a um turista, que constrói um percurso afetivo marcado por sentimentos de indignação, raiva e tristeza, e vão sendo atualizados à medida que o sujeito se desloca pelo espaço descrito como “escombros” e compreende a história do lugar. A citação evidencia, ainda, a motivação da visita como uma busca por vivência sensorial e emocional, expressa no desejo de “sentir de perto” a experiência de uma “cidade fantasma”.

A expressão mobilizada na fala do turista retoma formulações presentes tanto no título quanto no encadeamento enunciativo do texto, produzindo um efeito de continuidade discursiva entre a voz citada e a enunciativa. Assim sendo, as citações em DD contribuem para reforçar a construção simbólica do espaço afetado, articulando curiosidade, deslocamento e experiência sensível como elementos centrais de sua fala.

De modo geral, a análise dos cinco trechos evidencia a recorrência do DD como estratégia de construção do texto jornalístico informativo, por meio da mobilização de diferentes vozes sociais, entre elas as de turistas, de um representante sindical e de um morador-comerciante da região afetada. As vozes dos turistas são marcadas, sobretudo, pela curiosidade e pela busca de uma experiência direta com o espaço denominado “bairro fantasma”, articulando afetos, sensações e deslocamento. Já a voz do morador-comerciante enfatiza os impactos concretos do afundamento do solo sobre a vida cotidiana e a atividade econômica local, destacando prejuízos financeiros e estratégias de permanência. Em conjunto, essas vozes contribuem para a construção de um quadro discursivo que combina experiência, testemunho e avaliação, organizando os sentidos produzidos sobre a região afetada ao longo do texto.

Considerações finais

Os resultados das análises evidenciam que as vozes em DD associam-se, principalmente, ao título do texto “Bairros afundando transformam parte de Maceió em cidade fantasma e atraem curiosos” (França, 2021, s.p.), já que todas elas destacam a curiosidade das pessoas que visitam Maceió.

Uma voz que se destaca é a de um morador-comerciante, construída como testemunho dos impactos cotidianos e econômicos do afundamento, funcionando discursivamente como figura de vítima. As avaliações econômicas e a decisão de permanecer no local produzem efeitos de sensibilização, ao mesmo tempo em que evidenciam estratégias de adaptação diante das perdas. Esse funcionamento contribui para um enquadramento discursivo que articula vulnerabilidade, resistência e permanência, reforçando os efeitos de sentido centrais do texto jornalístico.

Dentre as citações analisadas, não foram identificadas, por exemplo, vozes de cidadãos buscando reivindicar os seus direitos ou denunciando a situação de inúmeras famílias que perderam seus poucos e únicos bens, sendo obrigadas a sair imediatamente de seus imóveis, aceitando o acordo proposto pela empresa petroquímica.

Espera-se que este artigo contribua para pesquisadores interessados na análise de vozes em textos jornalísticos informativos ou outros, ao oferecer uma sistematização metodológica que permite identificar e interpretar o funcionamento do DD e os efeitos de sentido decorrentes da incorporação de diferentes vozes. Além disso, a análise desenvolvida pode servir de referência para investigações futuras sobre a heterogeneidade mostrada e a mobilização de vozes em distintos contextos discursivos.

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, *campus* Pato Branco, pelo fomento concedido a partir do Programa de Apoio à Pós-Graduação da CAPES e pelo auxílio financeiro concedido para a participação dos autores no 70º Seminário do GEL, em 2024, do qual se origina este artigo.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade*: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas*: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin*: dialogismo e construção do sentido. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005. p. 25-36.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 87-98.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

DOSTOIÉVSKI, F. *O sócio*: poema peterburguense. Tradução do russo de Oleg Almeida. São Paulo: Martin Claret, 2022.

FARACO, A. C. *Linguagem & Diálogo*: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANÇA, R. Bairros afundando transformam parte de Maceió em cidade fantasma e atraem curiosos. *BBC News Brasil*, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59179804>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. Tradução Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MUNIZ-OLIVEIRA, S. *Resenha e verbos de dizer*: escrita acadêmica. Curitiba: Editora UTFPR, 2016.

ROSA, J. *Análise de vozes em crônicas a partir do discurso direto e do discurso indireto*. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, campus Pato Branco, 2024.

SCHMITZ, A. A. *Classificação das fontes de notícias*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>. Acesso em: 14 out. 2024.

SILVEIRA, A. M.; FRANÇA, K. A.; DIAS, F. da V. Racismo ambiental e o caso Braskem em Maceió-AL: uma análise na perspectiva da criminologia verde do sul. *Profanações*, Mafra, v. 10, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.unc.br/index.php/prof/article/view/5051>. Acesso em: 15 mar. 2024.

TESTA, L. F. *Uma análise dialógica do discurso sobre o trabalho docente no gênero meme*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, 2020.



VALENTINI, A. C. *Vozes em discurso direto em uma reportagem sobre o caso socioambiental dos afundamentos de solo em Maceió, Alagoas*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, 2025.

VALENTINI, A. C.; MUNIZ-OLIVEIRA, S. Análise de discurso ambiental: as modalizações autonímicas presentes em notícias sobre os afundamentos de solo em Maceió. *Anais...70º SEMINÁRIO DO GEL*, Unicamp, Campinas-SP, 2024.

VIEIRA, P. C. *Análise de texto humorístico à luz do interacionismo sociodiscursivo: o humor a partir do contexto de produção e das vozes*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco, 2022.

VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

Idade de migração, tempo de residência e gênero na análise do /s/ em coda de migrantes alagoanos e paraibanos em Campinas – SP

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3944>

Sarah Poli¹

Resumo

O estudo da fala de migrantes tem crescido somente nos últimos anos (Oushiro *et al.*, 2023) e, neste artigo, descrevem-se os resultados de Poli (2022) – pesquisa de monografia desta pesquisadora – sobre a análise do /s/ em coda (mas e mesmo) na fala de 38 alagoanos e paraibanos residentes em Campinas-SP (Oushiro, 2023), principalmente em relação às variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência. A partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972), as quatro variantes de /s/ em coda foram analisadas em três processos fonético/fonológicos: palatalização (palatal vs. alveolar), apagamento (apagamento vs. realização) e aspiração (aspirada vs. alveolar/palatal). Observaram-se correlações entre Idade de Migração e a palatalização e o apagamento, entre Gênero e o apagamento e entre Tempo de Residência e a palatalização.

Palavras-chave: acomodação dialetal, contato dialetal; /s/ em coda; fala de migrantes.

¹ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; sarahpb98@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0009-1554-1161>

Age of Arrival, Length of Residence, and Gender in the Coda /s/ Analysis of Alagoan and Paraiban Migrants' Speech in Campinas-SP

Abstract

The study of migrants' speech has grown in recent years (Oushiro, 2023). In this article, we describe the results of Poli (2022) – undergraduate thesis research by this researcher – concerning the analysis of coda /s/ (mas 'but' and mesmo 'same') in the speech of 38 migrants from Alagoas and Paraíba living in Campinas-SP (Oushiro, 2023), focusing primarily on the variables Gender, Age of Migration, and Length of Residence. Based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 1972), the four coda /s/ variants were analyzed in relation to three phonetic/phonological processes: palatalization (palatal vs. alveolar), deletion (deletion vs. realization), and aspiration (aspirated vs. alveolar/palatal). Correlations were observed between Age of Migration and both palatalization and deletion, between Gender and deletion, and between Length of Residence and Palatalization.

Keywords: dialectal accommodation; dialectal contact; coda /s/; migrants' speech.

Introdução

Em seu histórico, a sociolinguística brasileira de vertente variacionista (Labov, 1972) focou em analisar e descrever a fala de indivíduos prototípicos (que eram nascidos e criados em determinada localidade), deixando lacunas no que diz respeito ao contato dialetal. Nos últimos anos, os estudos de indivíduos não prototípicos, como é o caso dos migrantes, têm crescido na área e neste artigo apresentam-se os resultados de Poli (2022) – pesquisa de monografia desta pesquisadora – sobre acomodação dialetal na fala de 38 migrantes alagoanos e paraibanos que residem em Campinas – SP e foram estratificados em Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência. Mais especificamente, foram analisadas as realizações de /s/ em coda – em palavras como “mas” e “mesmo” a partir de quatro variantes: alveolar [s/z], palatal [ʃ/ʒ], aspirada [h/h̥] e zero fonético $\emptyset$ – na fala desses migrantes.

A amostra analisada por Poli (2022) é parte do projeto “Processos de Acomodação Dialetal na fala de nordestinos residentes em São Paulo” (Oushiro, 2023; Oushiro *et al.*, 2023) – doravante Projeto Acomodação – que conta com a análise de diversas variáveis sociolinguísticas, a partir das quais se estabeleceram algumas generalizações: Idade de Migração correlaciona-se com variáveis fonéticas, Gênero correlaciona-se com variáveis que diferenciam dialetos do *continuum* rural-urbano e Tempo de Residência correlaciona-se com o /r/ em coda, o que poderia ser explicado pelo grau de saliência social (Oushiro, 2020). Com a análise de uma nova variável, o /s/ em coda, Poli (2022) esperava que a palatalização, apagamento e aspiração tivessem correlação com a variável Idade de Migração, já que o /s/ em coda é uma variável fonética, além de correlação entre a variável

Tempo de Residência e os processos de palatalização e aspiração, assumindo a hipótese da saliência e um grau de saliência semelhante ao /r/ em coda.

Dentre os resultados, Poli (2022) observou correlação entre as variáveis Idade de Migração e os processos de palatalização e apagamento de /s/ em coda, o que converge com as hipóteses que consideram a natureza da variável (fonética), além de observar correlação do Tempo de Residência com o processo de palatalização e de Gênero com o processo de apagamento. Para a aspiração não se encontraram correlações com variáveis estratificadoras da amostra, o que diverge das generalizações propostas para tais variáveis. Os resultados apontaram para diferentes encaixamentos sociais de cada processo e como o processo de acomodação desses traços relaciona-se com as variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência.

A fala de migrantes

Alguns trabalhos sobre a fala de migrantes iniciaram as discussões a respeito do contato dialetal no Brasil, como o estudo de Alves (1979) com 116 migrantes pernambucanos e baianos que migraram para a cidade de São Paulo. Nesse estudo, a partir da aplicação de questionários, os resultados obtidos pela autora apontaram que atitudes positivas em relação ao dialeto paulista em detrimento das variedades nordestinas são mais recorrentes entre os falantes com “nível sociocultural” mais baixo.

Assim como Alves, outros estudos como o de Lima e Lucena (2013) e o de Chacon (2012) focaram nas atitudes dos falantes para entender a mudança na fala de migrantes. Lima e Lucena (2013) analisaram o /s/ em coda na fala de sete migrantes paraibanos em Recife, na qual o tempo de residência e a atitude positiva em relação ao dialeto recifense tiveram um papel importante para a acomodação. Já Chacon (2012) analisou o /s/ em coda apenas nos contextos seguintes que diferiam de /t/ e /d/ (como em *acostumar*), ou seja, consideraram apenas os contextos em que não haveria um favorecimento da variante palatal (como em biscoito). Para as análises, a autora considerou a fala de 10 migrantes paulistas em João Pessoa, na Paraíba, e, dentre os resultados encontrados, observou que o tempo de exposição ao novo dialeto e a atitude positiva em relação ao dialeto de João Pessoa foram importantes para entender a mudança na fala.

Observa-se, portanto, que a questão da atitude linguística está presente na literatura da sociolinguística brasileira que trata da acomodação dialetal, sendo secundária a análise de variáveis que estariam estritamente relacionadas com o processo migratório, como o tempo de exposição ao novo dialeto e a idade com que o falante migrou. Essas lacunas da sociolinguística brasileira em relação à fala de migrantes, têm sido preenchidas nos últimos anos de forma mais sistemática e em *corpora* com mais informantes, principalmente pelo Projeto Acomodação (Oushiro, 2023; Oushiro *et al.*, 2023) no qual diversas variáveis foram analisadas, incluindo o /s/ em coda (Poli, 2022). O projeto conta

com duas amostras, uma em São Paulo (Amostra 1) – de 32 migrantes alagoanos e paraibanos estratificados em Gênero (feminino; masculino), Faixa Etária (20-34; 35-59; 60+ anos) e Nível de Escolaridade (até Ensino Médio; Ensino Superior) – e outra em Campinas – de 38 migrantes alagoanos e paraibanos estratificados em Gênero (masculino; feminino), Idade de Migração (19 anos ou menos, 20 anos ou mais) e Tempo de Residência (9 anos ou menos, 10 anos ou mais).

Dentre as variáveis analisadas no projeto estão (i) (ii) altura (medidas de F1 em Hz) das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, como em relógio e romã; (iii) /r/ em coda, como em porta; (iv) /t/ e /d/ antes de [i], como em tia e dia; (v) negação sentencial, como em vi não/não vi não/vi não; (vi) concordância nominal, como em os carros/os carro; (vii) artigo definido antes de possessivos, como em a minha mãe/minha mãe; além de (viii) 17 variáveis prosódicas (Oushiro *et al.*, 2023). A partir das análises dessas variáveis, estabeleceram-se três generalizações sobre o processo de acomodação dos traços linguísticos (ver Quadro 1). A primeira generalização é de que Idade de Migração correlaciona-se com variáveis fonéticas – como é o caso das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, do /r/ em coda, do /t/ e /d/ antes de [i] e de 6 parâmetros entoacionais na fala de homens em relação à prosódia (de modo que quanto maior a Idade Migração menos acomodada às variantes paulistas está a fala dos migrantes). Além da generalização para Idade de Migração, a segunda generalização é de que variáveis do *continuum* rural-urbano – como é o caso das variáveis /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal – correlacionam-se com o Gênero do falante. Por fim, a terceira generalização diz respeito ao Tempo de Residência que se correlacionou apenas com /r/ em coda (quanto maior o tempo que o falante reside no Estado de São Paulo menor o uso da variante aspirada), o que fez com que Oushiro (2020) levantasse a hipótese de que o comportamento diferenciado dessa variável poderia ser explicado por questões envolvendo o grau de saliência das variantes.

Quadro 1. Resumo das variáveis sociolinguísticas e correlações observadas no Projeto Acomodação

Variáveis	Gênero	Idade de migração	Tempo de residência
Vogais pretônicas /e/ /o/		✓	
/r/ em coda		✓	✓
/t/ /d/ antes de [i]	✓	✓	
Prosódicas		✓*	
Concordância nominal	✓		
Negação sentencial			
Artigo definido			
*Seis parâmetros entoacionais na fala de homens			

Fonte: Poli (2022, p. 20)

A partir dessas generalizações, Poli (2022) analisou as ocorrências de /s/ em coda na Amostra 2 do Projeto Acomodação, a fim de agregar novos resultados ao panorama geral do projeto e verificar se as generalizações se manteriam para uma nova variável. Para tanto, foram codificadas as ocorrências de /s/ em coda em 38 entrevistas sociolinguísticas de falantes estratificados em Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência.

A variável /s/ em coda

Diferentemente do contato dialetal, a variável /s/ em coda tem sido amplamente estudada na sociolinguística brasileira em diferentes regiões do país. Scherre e Macedo (2000), na década de 70, analisaram a fala de 64 cariocas para delimitar as restrições fonético/fonológicas do /s/ em coda no Rio de Janeiro. Dentre os resultados, as autoras observaram uma distribuição de 61% de palatal, 22% de alveolar, 9% de zero fonético e 7% de aspirada. Ainda no Rio de Janeiro, mas focando nas questões sociais da variação linguística, Melo (2017), com o objetivo de entender as implicações dos aspectos socioeconômicos na produção da variante aspirada do /s/ em coda, analisou a fala de adolescentes que cometeram atos infracionais e estavam sob medidas socioeducativas. A pesquisa de Melo (2017) atestou que o acesso às instituições sociais, como a escola, implica em uma menor realização da variante aspirada. Embora essa pesquisa tenha focado em uma variante do /s/ em coda que é pouco estudada, ainda não é claro quais são as implicações socioeconômicas e como elas correlacionam-se com o processo de contato dialetal, que muitas vezes está intrinsecamente relacionado com questões socioeconômicas.

Assim como no Rio de Janeiro, a variação de /s/ em coda é frequente em diversas regiões, entretanto com diferentes condicionamentos fonético/fonológicos e sociais para sua variação. Em estudos de outras localidades, como o de Hora e Pedrosa (2008), observa-se que a variante palatal, apesar de não ser tão frequente na Paraíba quanto é no Rio de Janeiro, ainda é bastante produtiva. Os autores analisaram a fala de paraibanos, partindo do Projeto Variação Linguística do estado da Paraíba – VALPB (Hora, 1993) – na década de 90 com uma amostra de 60 falantes. Para o /s/ em coda, Hora e Pedrosa (2008) observaram uma distribuição, em contexto medial, de 65% de alveolar, 28% de palatal, 6% de aspiração e 1% de zero fonético. Em contexto final, observaram uma distribuição de 65% das ocorrências de alveolar, 24% de apagamento, 6% de aspirada e 5% de palatal.

Em contraste com o estado de São Paulo, em que o uso das variantes palatal e aspirada é praticamente nulo na fala de paulistas, esses estudos auxiliam na interpretação dos resultados de um processo de acomodação desses traços linguísticos na fala de migrantes. Além disso, fornecem aspectos sociais que podem ser evidenciados no processo migratório, como é o caso de aspectos socioeconômicos.

Metodologia

Para a análise, partiu-se da codificação de 38 entrevistas sociolinguísticas que compõem a Amostra 2 do Projeto Acomodação (18 alagoanos e 20 paraibanos em Campinas). As entrevistas contam com um roteiro de perguntas abertas, leitura de uma lista de palavras, um questionário de Rede Social, Hábitos e Identidade, além de um questionário socioeconômico. As transcrições foram feitas e codificadas no ELAN e os dados foram analisados no R, por meio de testes de qui-quadrado e de modelos de regressão logística. As análises estatísticas das quatro variantes de /s/ em coda foram divididas em três diferentes processos fonético/fonológicos para que as variáveis fossem analisadas binariamente: o processo de palatalização (palatal vs. alveolar), o de o apagamento (apagamento vs. realização) e o de aspiração (aspirada vs. alveolar e palatal). Diversas variáveis linguísticas e sociais foram analisadas e estão resumidas no Quadro 2. Apesar de não serem todas descritas neste artigo, as variáveis linguísticas que demonstraram correlação (em testes de qui-quadrado) para cada um dos três processos foram inseridas em modelos de regressão logística juntamente com as três variáveis estratificadoras da amostra e Item Lexical e Participante como variáveis aleatórias, a fim de entender o comportamento dessas variáveis em conjunto.

Quadro 2. Resumo das variáveis sociolinguísticas e correlações observadas no Projeto Acomodação

Variável	Variantes
Tonicidade	Átona Tônica
Posição	Final Medial
Estilo	Conversa Leitura de palavras
Contexto fonológico precedente	Aberta Meio aberta Meio fechada Fechada
Contexto fonológico seguinte	Pausa Surdo Sonoro
Classe morfológica	Lexical Gramatical
Gênero	Masculino Feminino
Tempo de residência	Variável contínua
Idade de migração	Variável contínua

Índice socioeconômico	Variável contínua
Paulistidade	Variável contínua
Nordestinidade	Variável contínua
Índice de rede do Nordeste	Variável contínua
Índice de hábitos	Variável contínua
Item lexical	Efeito aleatório
Participante	Efeito aleatório

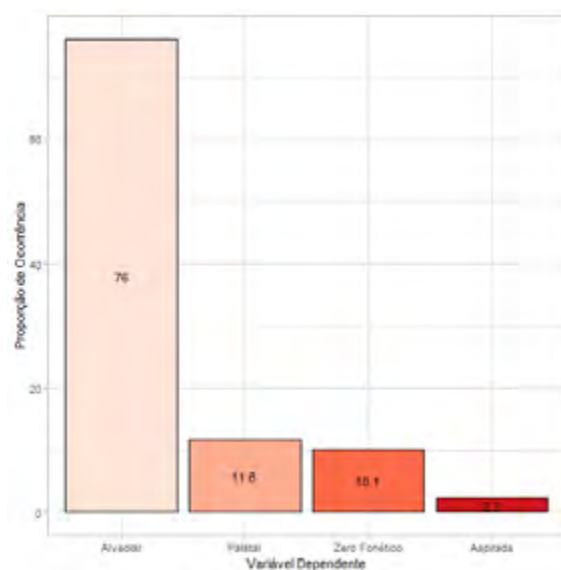
Fonte. Poli (2022, p. 27)

Dentre as hipóteses iniciais para as variáveis estratificadoras da amostra (Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência), esperava-se correlação com a variável Idade de Migração e os três processos – na direção de que quanto maior a idade de migração, maiores as variantes não paulistas (palatal, aspirada e apagamento) –, visto que, como variável fonética, esperava-se um comportamento semelhante às demais variáveis fonéticas analisadas no projeto. Além disso, para a variável Tempo de Residência, esperava-se correlação com a palatalização e com a aspiração, tendo em vista que o grau de saliência da palatal e da aspirada fossem semelhantes ao das variantes de /r/ em coda, o que não deveria ser observado para o apagamento já que é mais comum no falar paulista. Por fim, para o Gênero não se esperavam correlações significativas com os três processos.

Resultados

Das 38 entrevistas sociolinguísticas da Amostra 2 do Projeto Acomodação, foram extraídas 6.512 ocorrências de /s/ em coda, cuja distribuição final foi a seguinte: a alveolar como mais frequente com (76%), seguida da variante palatal com (11,6%) e do zero fonético com (10,1%), e a menos frequente que foi a variante aspirada (2,3%) (ver Figura 1). Nas seções a seguir, descrevem-se, primeiramente, os resultados para o processo de palatalização, seguido pelo processo de apagamento e por fim o processo de aspiração.

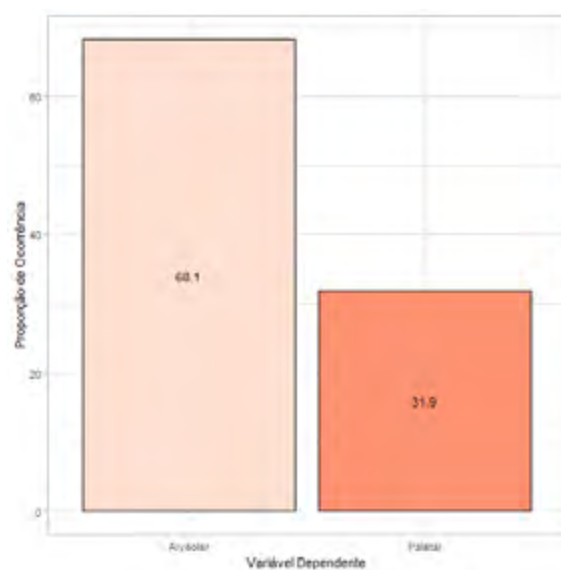
Figura 1. Distribuição das variantes de /s/ em coda (N=6.512)



Fonte: Poli (2022, p. 32)

Em relação ao processo de palatalização, análises preliminares indicaram restrições de ocorrência da variante palatal quanto ao contexto fonológico seguinte, de modo que sua realização era praticamente restrita quando seguida por uma consoante coronal (como em *acostumar*). Por isso, as análises se restringiram à realização do /s/ em coda nesses contextos. Dentre os casos em que o /s/ em coda era seguido por uma consoante coronal, observou-se uma distribuição de 68,1% de alveolar e 31,9% de palatal (ver Figura 2).

Figura 2. Distribuição das variantes alveolar e palatal (N = 5.704)



Fonte: Poli (2022, p. 32)

Nas análises univariadas, dentre as variáveis linguísticas, o processo demonstrou correlação com a Tonicidade, Posição do /s/ na palavra, Contexto Fonológico Precedente, Classe Morfológica. Desse modo, nas análises multivariadas, incluíram-se essas variáveis no modelo de regressão logística, além das variáveis sociais estratificadoras da amostra e Item Lexical e Participante como efeitos aleatórios. A Tabela 1 apresenta os resultados do modelo de regressão para a única variável linguística que demonstrou correlação com a palatalização, a posição do /s/ na palavra, e para as três variáveis estratificadoras da amostra.

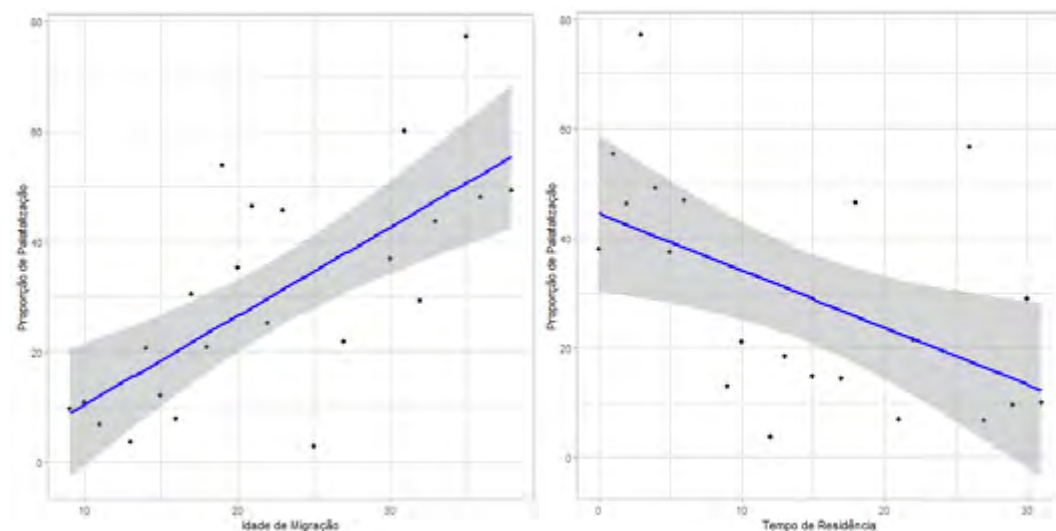
Tabela 1. Tendência de emprego da variante palatal em análise de regressão logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 5.704)

Intercept = -4,048						
Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N	%
Posição						
Final (v. referência)					79/767	10,3%
Medial	2,240	0,314	7,130	<0,001***	642/1.495	42,9%
Gênero						
Masculino (v. referência)					305/859	35,5%
Feminino	0,104	0,410	0,255	0,798	416/1.404	29,6%
Tempo de residência	-0,047	0,023	-2,036	<0,05*		
Idade de migração	0,062	0,030	2,049	<0,05*		
Modelo: VD ~ tonicidade + posição.s + CFS_abertura + classe.morfológica + gênero + tempo.sp + idade.migração + (1 participante) + (1 item. Lexical)						

Fonte: Poli (2022, p. 35)

Dentre as variáveis estratificadoras da amostra, o processo de palatalização demonstrou correlação com Idade de Migração ($p < 0,05$; $\log\text{odds} = 0,062$) e Tempo de Residência ($p < 0,05$; $\log\text{odds} = -0,047$) e não demonstrou correlação com o Gênero do falante. A Figura 3 apresenta os gráficos dos resultados para a Idade de Migração (à dir.) – em que observamos que quanto maior a idade com que o falante migrou para Campinas, maior é a taxa de variante palatal – e para Tempo de Residência (à esq.) – em que observamos que quanto maior o Tempo de Residência em Campinas, menor a taxa da mesma variante.

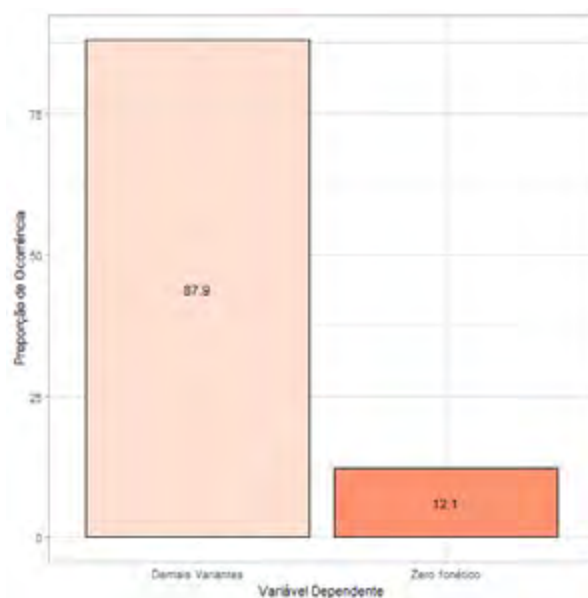
Figura 3. Proporção do emprego da variante palatal de acordo com Idade de Migração (à dir.) e Tempo de Residência (à esq.)



Fonte: Poli (2022, p. 38)

Em relação ao processo de apagamento, foram excluídos os casos que o /s/ em coda se encontrava como um morfema de plural (como em *meninas*), a fim de evitar sobreposição entre a variável Concordância Nominal e o processo de apagamento do /s/ em coda. A distribuição para o processo foi de 12,1% de apagamento e 87,9% de realização (ver Figura 4).

Figura 4. Distribuição de zero fonético e demais variantes (N = 4.234)



Fonte: Poli (2022, p. 40)

Nas análises univariadas, as variáveis que demonstraram correlação com o processo de apagamento e que foram inseridas no modelo de regressão logística foram Tonicidade, Posição, Estilo – em relação aos graus de monitoramento da fala (Labov, 2001) –, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte e Classe Morfológica. Essas variáveis compuseram o modelo de regressão logística junto com as variáveis sociais estratificadoras da amostra, além de Item Lexical e Participante como efeitos aleatórios. Assim como esperado, o processo de apagamento demonstrou correlação com Idade de Migração ($p < 0,01$; $\text{log odds} = 0,071$), mas não com o Tempo de Residência. A Tabela 2 apresenta os resultados do modelo de regressão para as variáveis linguísticas que demonstraram correlação com o apagamento e para as três variáveis estratificadoras da amostra.

Tabela 2. Tendência de emprego da variante zero fonético em análise de regressão logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 4.234)

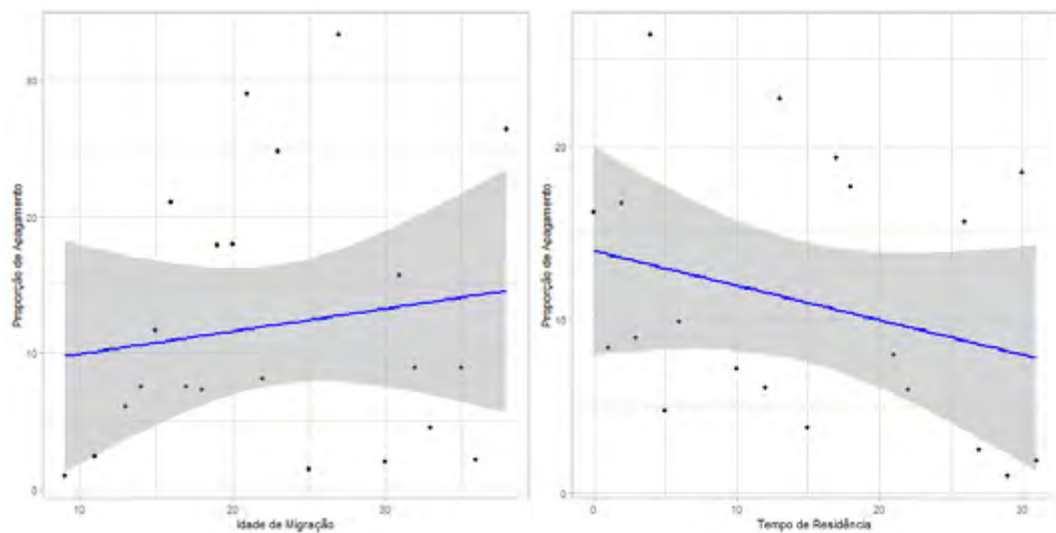
Intercept = -4,834.						
Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N	%
Posição						
Final (v. referência)					375/1.818	20,6%
Medial	-2.799	0.459	-6.092	<0,001***	136/2.416	5,63%
Contexto fonológico seguinte						
Pausa (v. de referência)					39/449	8,69%
Surda	0.260	0.241	1.079	0.280	80/2.491	3,21%
Sonora	1.687	0.213	7.894	<0.001***	392/1.294	30,3%
Gênero						
Masculino (v. de referência)					316/1.837	17,2%
Feminino	-1.389	0.380	-3.656	<0,001***	195/2.397	8,14%
Tempo de residência	0.034	0.0219	1.568	0.116		
Idade de migração	0.071	0.029	2.433	<0,05*		
Modelo: VD ~ Tonicidade + Posição.s + Estilo + cfs_sonoridade + cfp_abertura + classe.morfológica + sexo + semp.sp + idade.migracao + (1-participante) + (1-item lexical)						

Fonte: Poli (2022, p. 41)

A Figura 5 apresenta os gráficos dos resultados para a Idade de Migração (à dir.), em que observamos que quanto maior a idade com que o falante migrou para Campinas, maior

é a taxa de apagamento. Já para a variável Tempo de Residência (à esq.), não se observa correlação com o processo de apagamento de /s/ em coda.

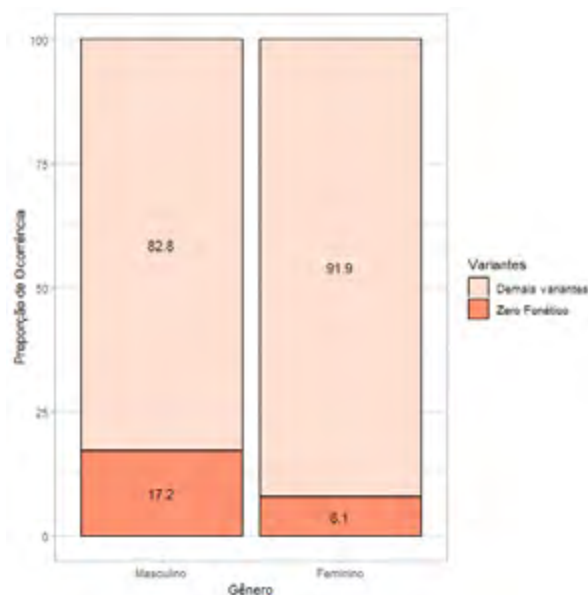
Figura 5. Proporção do emprego da variante zero fonético de acordo com Idade de Migração (à dir.) e Tempo de Residência (à esq.)



Fonte: Poli (2022, p. 45)

Assim como a Idade de Migração, a variável Gênero (ver Figura 6) demonstrou correlação com o processo de apagamento, de modo que as mulheres desfavorecem o uso do zero fonético, com uma taxa de 8,1% de aspiração em comparação com os homens, que favorecem o uso dessa variante, apresentando uma taxa de 17,2% ($p < 0,001$; $\text{loggods} = -1,389$).

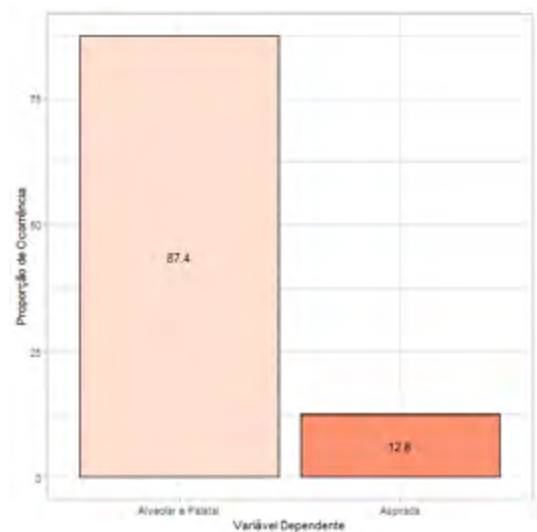
Figura 6. Proporção do emprego da variante zero fonético e das demais variantes por Gênero



Fonte: Poli (2022, p. 44)

Já em relação ao processo de aspiração, observou-se que nem todos os falantes tinham ocorrências da variante aspirada. Desse modo, foram incluídos nesta análise apenas os dados de falantes que aspiraram uma vez ou mais – preocupando-se em manter a estratificação da amostra –, além disso foram incluídas apenas as realizações de /s/ em coda seguidas por consoantes sonoras (como em *mesmo*), já que esse era o contexto quase categórico para sua realização. A distribuição foi de 87,4% de variantes alveolar e palatal e 12,6% de variante aspirada.

Figura 7. Distribuição das variantes alveolar/palatal e da variante aspirada (N = 1.089)



Fonte: Poli (2022, p. 44)

Dentre as variáveis linguísticas que demonstraram correlação com o processo de aspiração nas análises univariadas e que foram inseridas nos modelos de regressão logística estão Tonicidade, Posição e Classe Morfológica. Com as variáveis Gênero, Idade de Migração, Tempo de Residência, além de Item Lexical e Participante como variáveis aleatórias, o modelo de regressão logística não apontou correlação com nenhuma das variáveis inseridas. A Tabela 3 apresenta os resultados do modelo de regressão para as três variáveis estratificadoras da amostra.

Tabela 3. Tendência de emprego da variante aspirada em análise de regressão logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N = 1.089)

Intercept = -4,547.						
Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	p	Apl./N	%
Gênero						
Masculino (v. referência)					60/438	13,7%
Feminino	-0.479	0.473	-1.015	0.310	77/651	11,8%
Tempo de residência	0.007	0.026	0.265	0.791		
Idade de migração	0.029	0.037	0.801	0.422		
Modelo: VD ~ Tonicidade + Posição.s + classe.morfológica + gênero + tempo.sp + idade.migração + (1 participante) + (1 item. Lexical)						

Fonte: Poli (2022, p. 50)

Para as variáveis linguísticas e as variáveis sociais que estratificam a amostra, não se observaram correlações com Gênero, Idade de Migração ou Tempo de Residência, o que divergiu das hipóteses propostas e levou à investigação de outras variáveis que poderiam estar influenciando a variação desse segmento.

Discussão

Em relação às variáveis Idade de Migração, Tempo de Residência e Gênero, os processos de palatalização e apagamento de /s/ em coda convergiram com as hipóteses iniciais, o que não se observou para o processo de aspiração. A palatalização e o apagamento, como variáveis fonéticas, demonstraram correlação com a Idade de Migração (quanto maior a idade com que o falante migrou, maior as taxas das variantes palatal e zero fonético). Além disso, assim como observado para o /r/ em coda, a palatalização demonstrou correlação com Tempo de Residência (quanto maior o tempo de residência, menores são as taxas da variante palatal), resultado que – assumindo graus de saliência semelhantes entre as variantes de /r/ e /s/ em coda, tendo em vista comentários dos participantes nas entrevistas sociolinguísticas – vai ao encontro da hipótese de Oushiro (2020) que parte da saliência como uma possibilidade para o comportamento distinto do /r/ em coda em relação às demais variáveis sociolinguísticas analisadas no Projeto Acomodação (ver Quadro 1).

Por sua vez, a falta de correlação entre o apagamento de /s/ em coda e a variável Tempo de Residência contribui para a hipótese de que o zero fonético é menos saliente do que a palatal e a aspirada visto que ocorre mais frequentemente no estado de São Paulo. Além disso, o apagamento demonstrou correlação com Gênero (homens favorecendo mais a variante aspirada do que as mulheres), aproximando-se dos resultados obtidos para demais variáveis sociolinguísticas analisadas no projeto que diferenciam os dialetos rurais-urbanos: /t/ e /d/ antes de [i] e concordância nominal, na medida que as mulheres favorecem o uso da palatalização de /t/ e /d/ antes de [i] e a concordância nominal padrão. Para a aspiração, as hipóteses iniciais não previam de fato correlação com o Gênero do falante, tendo em vista que a variável não difere dialetos rurais/urbanos, como é o caso de /t/ e /d/ antes de [i], Concordância Nominal e apagamento de /s/ em coda. Já em relação às variáveis Tempo de Residência e Idade de Migração, o processo de aspiração não segue as generalizações propostas pelo Projeto Acomodação.

Observando os resultados para as demais variáveis do Projeto Acomodação e os resultados dos 3 processos de /s/ em coda (ver Quadro 2), percebe-se que os diferentes encaixamentos sociais implicam a correlação ou não com as variáveis Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência no processo de contato dialetal. Observa-se que as variáveis /t/ e /d/ antes de [i] e o Processo de apagamento de /s/ em coda, como são variáveis fonéticas e diferenciadoras do *continuum* rural-urbano, apresentam correlação com Gênero e com Idade de Migração. Da mesma forma, o /r/ em coda e o processo de

palatalização do /s/ em coda, que são diferenciadores regionais e que, por hipótese, têm variantes com graus semelhantes de saliência, demonstram correlações tanto com Idade de Migração quanto com Tempo de Residência. Para essas variáveis, observa-se e reforça as generalizações propostas pelo Projeto Acomodação de que as variáveis fonéticas têm correlação com a Idade de Migração, enquanto as variáveis que parecem estar acima da consciência dos falantes, como é o caso do /r/ e do /s/ em coda têm correlação com o Tempo de Residência. Além disso, observa-se que as variáveis diferenciadoras entre o falar urbano e rural apresentam correlação Gênero, como é o caso das variáveis fonéticas /t/ e /d/ antes de [i] e apagamento de /s/ em coda e da variável morfossintática concordância nominal.

Quadro 2. Resumo dos resultados das variáveis analisadas no Projeto Acomodação incluindo os resultados para /s/ em coda

Variáveis	Gênero	Idade de migração	Tempo de residência
/e/ /o/		√	
/r/		√	√
/t/ /d/	√	√	
prosódicas		√*	
concordância nominal	√		
negação sentencial			
artigo definido			
palatização /s/ em coda		√	√
apagamento /s/ em coda	√	√	
aspiração /s/ em coda			
*Seis parâmetros entoacionais na fala de homens			

Fonte: Poli (2022, p. 59)

O processo de aspiração demonstrou um comportamento inesperado, não se correlacionando com as variáveis estratificadoras da amostra. Além dessas, outras variáveis sociais foram analisadas, dentre elas o Índice Socioeconômico. Quando inserida no modelo estatístico, a variável demonstrou correlação com os processos de apagamento e aspiração – de modo que quanto maior é o índice socioeconômico do falante, menores são as taxas das variantes zero fonético e aspirada. Entretanto, a amostra não se encontra estratificada para essa variável, o que impede de fazer afirmações mais assertivas sobre seu papel no processo de contato dialetal e sobre o comportamento inesperado do processo de aspiração.

Considerações finais

A partir das análises de diversas variáveis em um mesmo *corpus*, permitindo elaborar generalizações e visualizar de maneira mais ampla o processo de contato dialetal, o Projeto Acomodação (Oushiro *et al.*, 2023) tem fornecido um panorama amplo do processo de contato dialetal, agora com a inclusão de uma nova variável: /s/ em coda. Os resultados aqui observados partem da análise das ocorrências de /s/ em coda na fala de 38 entrevistas sociolinguísticas de migrantes alagoanos e paraibanos em Campinas estratificados em Gênero, Idade de Migração e Tempo de Residência. Focando nessas variáveis estratificadoras da amostra, foram apresentados os resultados das variáveis analisadas no Projeto Acomodação em comparação com os resultados de uma nova variável, o /s/ em coda, dividida em três processos fonético/fonológicos: palatalização (palatal vs. alveolar), o de o apagamento (apagamento vs. realização) e o de aspiração (aspirada vs. alveolar e palatal).

Dentre os resultados, a palatalização e o apagamento seguiram as generalizações propostas a partir das demais variáveis analisadas no Projeto acomodação: variáveis fonéticas demonstram correlação com Idade de Migração – quanto maior a Idade de Migração, maior as taxas das variantes não paulistas –, variáveis salientes demonstram correlação com Tempo de Residência – quanto maior o Tempo de Residência menores as taxas das variantes não paulistas – e variáveis diferenciadoras dos falares rural/urbano demonstram correlação com Gênero – mulheres favorecendo as variantes urbanas. Para o processo de aspiração, a falta de correlação com as variáveis estratificadoras da amostra faz questionar quais outros processos podem estar envolvidos na acomodação dos traços linguísticos na fala desses migrantes. Resultados preliminares apontaram correlações entre o processo e a variável Índice Socioeconômico, entretanto, a falta de uma amostra estratificada para tal variável impede de fazer afirmações mais assertivas. Essa lacuna será objeto de análises futuras, prevendo a ampliação do *corpus* quanto ao nível socioeconômico dos falantes.

Referências

- ALVES, M. I. P. M. *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo*. 1979. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.
- CHACON, K. d. A. *Contato dialetal: análise do falar paulista em João Pessoa*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.
- HORA, D. *Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba*. 1993.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. R. Reanálise da consoante em final de palavra: coda ou ataque de núcleo vazio. In: RONCARATI, C. et al. (org.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008. p. 79-92.

LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (ed.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

LIMA, I. D. S.; LUCENA, R. M. D. Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em Recife. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 161-178, 2013.

MELO, M. A. S. L. de. *Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

OUSHIRO, L. Conceitos de identidade e métodos para seu estudo na sociolinguística. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, v. 63, n. 63, p. 304-325, 2019.

OUSHIRO, Livia. Contrasting age of arrival and length of residence in dialect contact. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Pennsylvania, v. 25, p. 79-88, 2020.

OUSHIRO, L. O estudo da fala de migrantes internos: desafios, procedimentos e resultados do Projeto Acomodação. In: BRANDÃO, S. *Para o estudo comparativo de variedades do português: questões teórico-metodológicas e análises de dados*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2023. p. 171-196.

OUSHIRO, L. et al. Estudos sociolinguísticos sobre contato dialetal: contribuições do VARIEM e agenda de pesquisa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 65, p. 1-18, 2023.

POLI, S. *Análise do/s/em coda na fala de migrantes alagoanos e paraibanos em Campinas*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. V. T. de. Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -s pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: MOLLICA, M. C. et al. (org.). *Análises Linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. p. 52-64.

Percepções, atitudes e opiniões de ingressantes em Pedagogia acerca do uso de Tecnologias Digitais e de Inteligência Artificial em contexto universitário

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3951>

Ana Célia Ribeiro Bizigato Portes¹

Inês Signorini²

Júlio Bizigato Portes³

Resumo

Este estudo explora as percepções, atitudes e opiniões de estudantes ingressantes no curso de Pedagogia da Unicamp (2023, n = 43) sobre o uso de tecnologias digitais e inteligência artificial (IA) no contexto universitário. Trata-se de uma pesquisa exploratória que emprega um formulário virtual aplicado em sala de aula. Os dados obtidos são analisados quantitativa e qualitativamente e organizados em dois blocos: i) correlações entre os usos de tecnologias e percepções e (ii) posições sobre o uso e proibição das tecnologias digitais e de IA em contexto acadêmico, e indicam maior uso de tecnologias digitais em atividades não acadêmicas, restrições quanto ao uso de IA em contextos acadêmicos e receios sobre os impactos na formação profissional. Os resultados podem contribuir para compreensão da participação de ingressantes de um curso de formação de professores no processo de letramento acadêmico-científico com apoio/mediação de tecnologias digitais e de IA.

Palavras-chave: Pedagogia; Tecnologias digitais; Inteligência artificial; Letramento acadêmico.

1 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil; anaceliarbportes@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-5596-315X>

2 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil; signor@unicamp.br; <https://orcid.org/0009-0004-7546-6988>

3 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil; julliobizigato@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8579-975X>

Perceptions, Attitudes, and Opinions of First-year Pedagogy Students on the Use of Digital Technologies and Artificial Intelligence in the University Context

Abstract

This study explores the perceptions, attitudes, and opinions of first-year students in the Pedagogy program at Unicamp (2023, n=43) regarding the use of digital technologies and artificial intelligence (AI) in the university context. It is an exploratory research study that employs a virtual questionnaire applied in the classroom. The data obtained are analyzed quantitatively and qualitatively and organized into two main blocks: (i) correlations between the use of technologies and perceptions, and (ii) positions on the use and prohibition of digital and AI technologies in the academic context. The findings indicate a greater use of digital technologies in non-academic activities, restrictions regarding the use of AI in academic contexts, and concerns about its impacts on professional training. These findings contribute to understanding how the first-year students in a pedagogy course participate in academic-scientific literacy processes with the support/mediation of digital technologies and AI.

Keywords: Pedagogy; Digital technologies; Artificial intelligence; Academic literacy.

Introdução

Embora os esforços para o desenvolvimento de inteligências artificiais (IAs) tenham começado na década de 1950, sua implementação prática ainda é bastante recente. Os sistemas de IA ganharam destaque, em especial, a partir do lançamento do ChatGPT, uma interface de conversa virtual baseada em grandes modelos de linguagem (LLM, na sigla em inglês), que atraiu mais de um milhão de usuários em apenas cinco dias e cem milhões de usuários em dois meses (Forbes Brasil, 2023; Marr, 2023). Esses modelos, como o ChatGPT, são capazes de executar tarefas complexas de processamento de linguagem natural, com resultados frequentemente comparáveis ao desempenho humano (Mucci, 2024; IBM, 2023).

Esse movimento de rápida popularização das ferramentas de IA coincidiu, no campo educacional, com o processo acelerado de digitalização do ensino superior, impulsionado pela implementação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) durante a pandemia de covid-19, nos anos de 2020 e 2021 (Signorini, 2020). Como resultado, as atividades de ensino-aprendizagem passaram a ser fortemente mediadas por tecnologias digitais e de IA. Embora as universidades possam não ter adotado oficialmente o uso de IA de imediato, um estudo recente da Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (Abmes) constatou que 71% dos estudantes que ingressaram ou pretendem ingressar na universidade utilizam ferramentas de IA diariamente em seus estudos

(Tokarnia, 2024). Isso indica que as práticas de IA estão sendo cada vez mais integradas ao meio acadêmico, muitas vezes sem uma sistematização ou organização formal.

Esse cenário evidencia uma transformação nas práticas de leitura e escrita no contexto universitário. Assim, convém analisar essas mudanças à luz da concepção de letramento como prática social: os letramentos não são neutros nem universais, são socialmente situados, moldados por contextos específicos de uso, valores culturais e relações de poder. Ao investigar como estudantes ingressantes usam tecnologias digitais e de IA, é possível compreender as convergências e divergências entre práticas de letramento não acadêmicas – muitas vezes informais, rápidas e tecnológicas – e as exigências do letramento acadêmico-científico. Parte-se do pressuposto de que esse processo é mais evidente nos primeiros anos de curso, período em que os aprendizes estão adquirindo as práticas de letramento acadêmico. (Street, 1984; Barton, 1994; Kleiman, 1995; New London Group, 1996; Lillis *et al.*, 2015).

O presente trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa exploratória, que integra pesquisa maior em andamento, com o objetivo de contribuir para a compreensão das percepções, atitudes e opiniões de estudantes ingressantes na universidade sobre o uso de tecnologias digitais e de IA em contexto universitário. O escopo analisado são os dados coletados de estudantes ingressantes no curso de Pedagogia da Unicamp em 2023 (n=43) que se voluntariaram a participar da pesquisa, com o objetivo específico de verificar (i) correlação entre o uso de tecnologias e percepções dos estudantes e (ii) posição sobre o uso e sobre a proibição das tecnologias no contexto acadêmico.

Os dados coletados e analisados quantitativa e qualitativamente indicam que os ingressantes, futuros professores, fazem maior uso de tecnologias digitais em atividades não acadêmicas, têm restrições quanto ao uso de IA em contextos acadêmicos e preocupações sobre os impactos na formação profissional. Os resultados descritos neste artigo podem contribuir para compreensão da participação de ingressantes de um curso de formação de professores no processo de letramento acadêmico-científico com apoio/mediação de tecnologias digitais e de IA.

Fundamentação teórica

A pesquisa adota como base a concepção de letramento como prática social, que se consolidou nos estudos de Street (1984). Nessa perspectiva, os letramentos não são vistos apenas como habilidades técnicas de leitura e escrita, mas como práticas cultural e socialmente situadas, constituídas em contextos específicos de uso. Ao propor a distinção entre “modelo autônomo” e “modelo ideológico” de letramento, Street (1984) destacou que a escrita nunca é neutra, mas sempre atravessada por valores, normas e relações de poder. Autores posteriores ampliaram essa visão. Barton (1994), ao discutir a ecologia do letramento, enfatiza que as práticas de leitura e escrita são moldadas por

diferentes domínios da vida social – escolar, doméstico, profissional – e que a tecnologia desempenha papel fundamental na mediação dessas práticas.

No contexto brasileiro, Kleiman (1995) contribui para a compreensão do letramento como prática social ao destacar as relações entre práticas escolares e não escolares, problematizando a ideia de que a escola detém o monopólio da legitimidade da leitura e da escrita. O New London Group (1996) introduziu o conceito de multiletramentos, ampliando o debate ao incluir os modos semióticos e tecnológicos como constitutivos das práticas de letramento contemporâneas, o que permite compreender como o uso de tecnologias digitais e, mais recentemente, de tecnologias de IA, compõem novas formas de leitura, escrita e produção de conhecimento. Tais práticas não se limitam ao domínio acadêmico, pois permeiam outros ambientes sociais, e influenciam a maneira como os estudantes interagem com a informação. No campo dos letramentos acadêmicos, Lillis *et al.* (2015) destacam a necessidade de compreender como os estudantes negociam os sentidos de práticas de leitura e escrita ao longo de sua formação. Essa perspectiva é especialmente relevante para ingressantes, que se encontram em processo de apropriação das normas, valores e gêneros discursivos da universidade. Nesse contexto, as práticas digitais e de IA se configuram como elementos que tensionam o processo de letramento acadêmico, ao mesmo tempo em que podem potencializá-lo.

Considerando a base teórica do letramento como prática social, a análise dos dados aqui apresentados permite interpretar (i) o uso de tecnologias digitais em atividades não acadêmicas como indicação da coexistência de diferentes domínios de letramento e (ii) as percepções ambíguas dos estudantes sobre a IA como reflexo das tensões entre práticas escolares tradicionais e novos letramentos digitais. Assim, este estudo busca problematizar os modos como estudantes ingressantes de Pedagogia participam de práticas de letramento acadêmico-científico mediadas por tecnologias digitais e de IA, evidenciando as resistências e as possibilidades que emergem desse processo.

Metodologia

Este artigo relata o trabalho de pesquisa de caráter exploratório, com a adoção de uma abordagem do tipo *survey* e com a aplicação de um questionário virtual (Google Forms) aplicado em sala de aula aos estudantes ingressantes no curso de Pedagogia da Unicamp no ano de 2023 (n = 43) que se voluntariaram para participar. O trabalho foi organizado em três grandes etapas: coleta de dados, preparação dos dados para a análise, e análise e visualização dos dados.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (CEP/Unicamp), sob o CAAE nº 67001923.9.1001.8142, em conformidade com a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

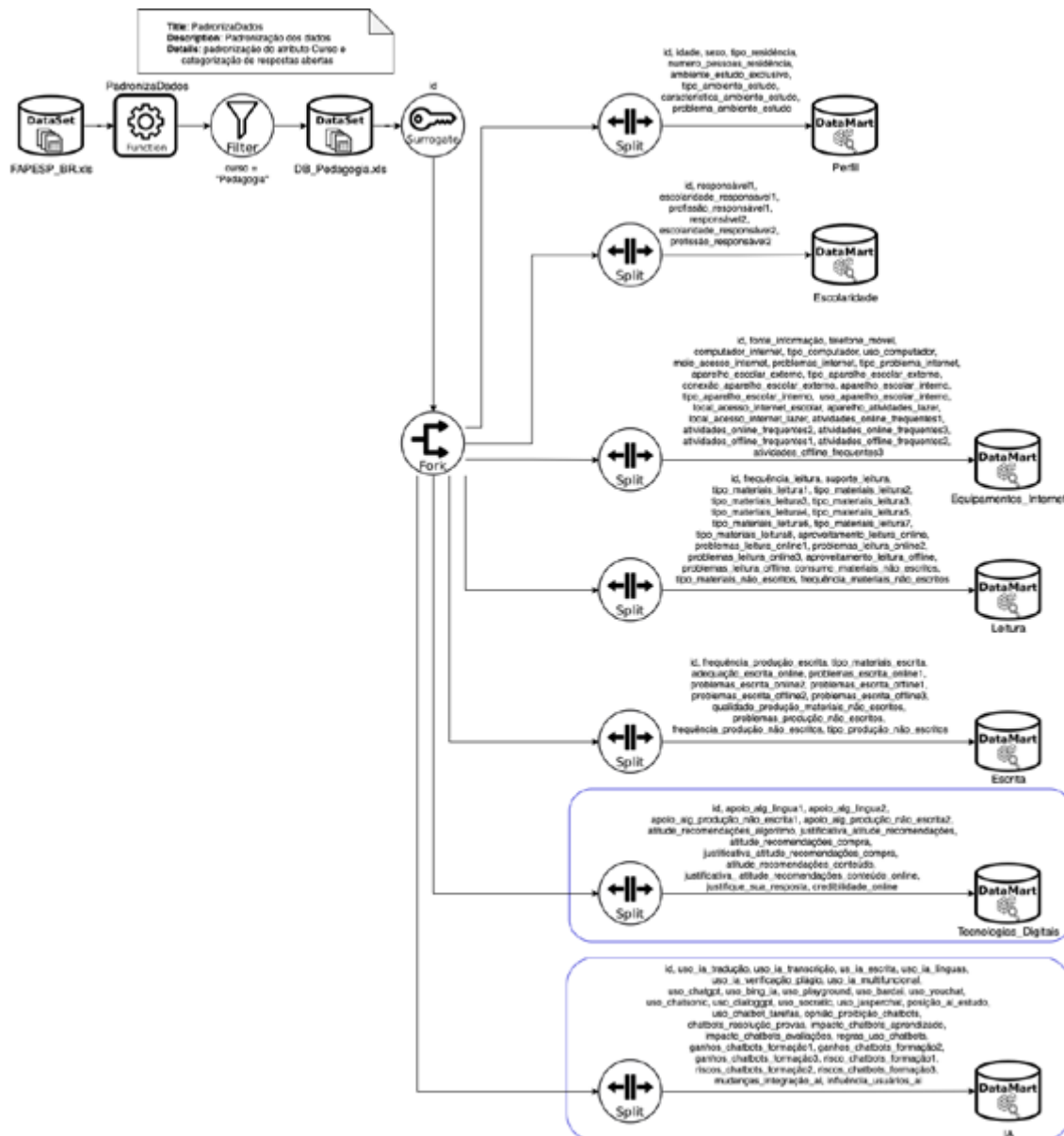
Na etapa de coleta de dados aplicou-se um questionário virtual em sala de aula. O questionário, elaborado em um grande projeto temático, é composto por questões fechadas e abertas organizadas em quatro áreas:

- Perfilamento, com 12 perguntas sobre idade, sexo, cor e raça, nacionalidade, origem e línguas faladas pelo participante.
- Dados sociodemográficos, com 23 perguntas sobre histórico escolar e atividade econômica do participante e responsáveis, condições de estudo e fontes de informação.
- Letramento acadêmico, com 25 perguntas sobre práticas e experiências de letramento na universidade.
- Uso de tecnologias digitais e de IA, com 28 perguntas sobre percepções, atitudes e opiniões dos participantes em relação às tecnologias digitais e de IA.

Os dados coletados foram dispostos em planilha para posterior análise.

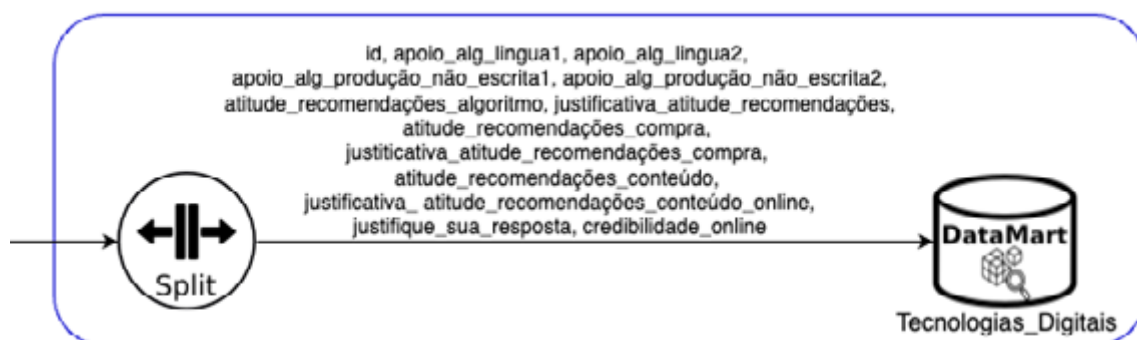
A preparação dos dados empregou o Modelo Intuitivo (versão 2.0) para a modelagem conceitual do fluxo das operações aplicadas aos dados, que abrange operações de categorização, padronização dos nomes das colunas, transformação e limpeza aplicadas aos dados para facilitar a fase de análise (Portes, 2020). A figura 1 apresenta a visão geral do fluxo de operações aplicadas aos dados coletados: (a) os dados dispostos na planilha FAPESP_BR.xls (*data set*) passam pela (b) padronização dos valores da coluna Curso e a (c) categorização dos valores das respostas abertas, seguida pela (d) separação (*filter*) dos dados dos alunos do curso de Pedagogia, foco deste trabalho, que são, então, armazenados na nova pasta de trabalho DB_Pedagogia.xls (*data set*); (e) foi adicionada uma nova coluna que contém, para cada linha, um identificador numérico e sequencial (*surrogate key*) que permite identificar cada registro (dados de um aluno) univocamente; (f) a partir daí, são disparadas operações de recorte vertical dos dados (*split*) dando origem a novos conjuntos, a saber: perfilamento, escolaridade, equipamentos e forma de acesso à internet, modos de leitura, modos de escrita, utilização de tecnologias digitais em atividades acadêmicas e não acadêmicas, e utilização de ferramentas de IA generativa em atividades acadêmicas e não acadêmicas, e (g) cada conjunto é disposto em um planilha específica (*data mart*) da pasta de trabalho DB_Pedagogia.xls.

Figura 1. Diagrama conceitual elaborado com o Modelo Intuitivo



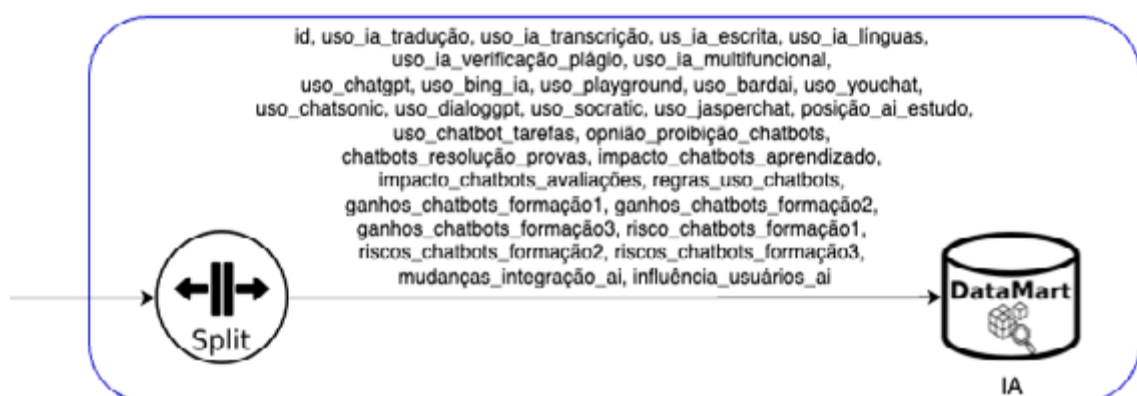
Na figura 2 aparece em destaque o recorte vertical referente à utilização de tecnologias digitais, e na figura 3, o recorte vertical referente à utilização de tecnologias de IA em atividades acadêmicas e não acadêmicas que foram foco da análise. Essa organização foi importante para a etapa de análise, considerando a contextualização dos participantes, as principais tecnologias digitais utilizadas, os equipamentos usados para acesso à internet dentro e fora da sala de aula e os tipos de uso das tecnologias digitais e de tecnologias de IA.

Figura 2. Destaque para o recorte vertical dos dados referentes a Tecnologias Digitais



Fonte: Elaboração própria

Figura 3. Destaque para o recorte vertical dos dados referentes a Tecnologias de IA



Fonte: Elaboração própria

Os recursos da ferramenta MExcel foram empregados para análise quantitativa e essa visão estruturada foi a base para a análise qualitativa. Os dados organizados e estruturados em gráficos são apresentados a seguir, com a descrição dos principais achados resultantes deste trabalho de pesquisa.

Resultados e discussão

Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente, considerando três perspectivas: (i) conhecimento e uso de tecnologias digitais e de IA, (ii) percepções e opiniões dos participantes e (iii) posicionamento e opiniões dos participantes sobre o uso de tecnologias de IA específicas. Tais análises são discutidas a seguir e, ao final, são abordadas as possíveis implicações para o contexto educacional.

(i) Conhecimento e uso de tecnologias digitais e de IA

A figura 4 apresenta as principais tecnologias digitais utilizadas pelos alunos ingressantes do curso de Pedagogia da Unicamp em 2023. Entre as ferramentas mais citadas destacam-se o Bloco de Notas e as Redes Sociais, mencionadas por 55,81% (24) dos estudantes, e o Corretor Ortográfico, utilizado por 81,40% (35) dos respondentes. Por outro lado, tecnologias relacionadas à IA, como Chatbots de IA, e ferramentas específicas para coleta de dados de pesquisa foram mencionadas apenas por 4,65% (2) dos participantes.

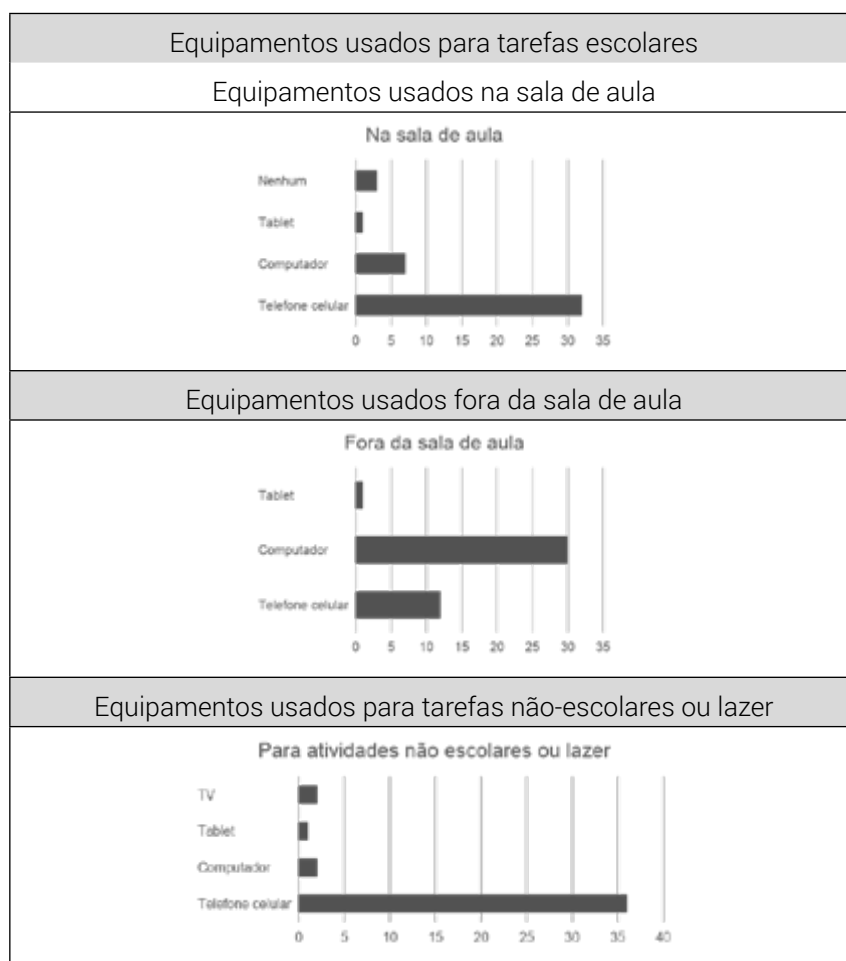
Figura 4. Principais tecnologias digitais utilizadas por ingressantes do curso de Pedagogia



Fonte: Elaboração própria

Na figura 5 é apresentado o uso de equipamentos e tecnologias digitais. O aparelho celular foi identificado como o equipamento mais utilizado para tarefas escolares realizadas em sala de aula, sendo mencionado por mais de 69,77% dos estudantes (>30). Além disso, é o equipamento mais empregado em atividades não escolares e de lazer, com mais de 81,39% dos respondentes (>35). Já o computador destacou-se como o principal dispositivo utilizado para tarefas escolares realizadas fora da sala de aula, com 69,77% (30) das menções.

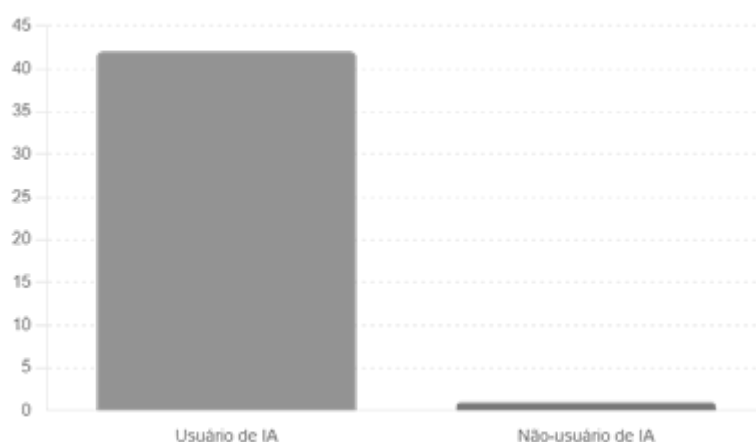
Figura 5. Principais tecnologias digitais utilizadas por ingressantes do curso de Pedagogia



Fonte: Elaboração própria

Sobre o uso de tecnologias de IA, constatou-se que quase todos os participantes, 97,67% (42), declararam ser usuários de algum tipo de tecnologia de IA, enquanto apenas 2,33% (1) afirmaram não as utilizar.

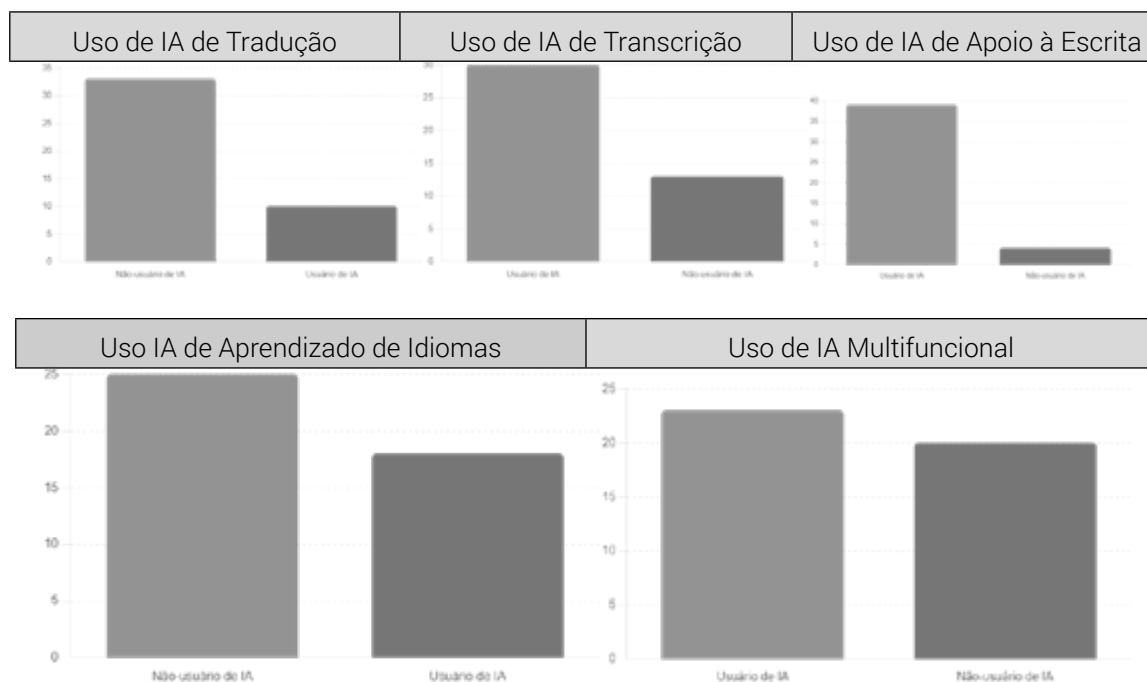
Figura 6. Uso/conhecimento de tecnologias de IA



Fonte: Elaboração própria

Na figura 7 é apresentada a quantidade de usuários e de não usuários de diferentes tipos de tecnologia de IA: tradução, transcrição, apoio à escrita, aprendizado de idiomas, e tecnologia de IA não específica (multifuncional). Para todos os tipos, a maioria dos alunos se declaram usuários de tecnologias de IA. A IA para apoio à escrita foi a mais mencionada, com mais de 81,39% dos participantes (>35) relatando seu uso. Por outro lado, a IA multifuncional apresentou uma distribuição mais equilibrada, com 53,49% (23) de usuários e 46,51% (20) de não usuários.

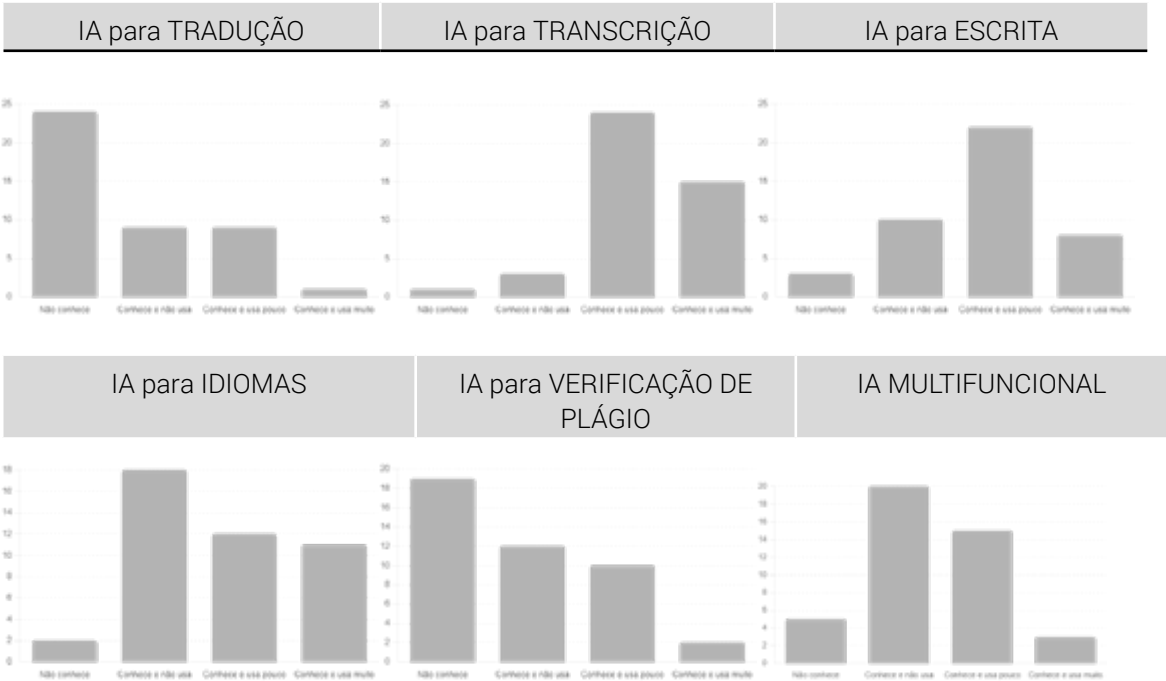
Figura 7. Uso ou não uso de tecnologias de IA específicas



Fonte: Elaboração própria

Na figura 8, são apresentados os dados sobre o conhecimento e a utilização de tecnologias de IA desenvolvidas especificamente para tipos diferentes de atividades. A maioria dos participantes não conhecem tecnologias de IA para escrita e para verificação de plágio.

Figura 8. Conhecimento de tecnologias de IA específicas



Fonte: Elaboração própria

Os dados revelam que praticamente todos os ingressantes do curso de Pedagogia da Unicamp em 2023 fazem uso de tecnologias digitais (Figura 4), com destaque para o celular como principal dispositivo em atividades escolares e não escolares (Figura 5). Ainda que o uso de ferramentas de tecnologias digitais, especialmente de tecnologias de IA, em sala de aula ou em atividades acadêmicas, não esteja completamente estabelecido, esse padrão demonstra a ampla utilização das tecnologias digitais por jovens adultos em suas práticas cotidianas. Do ponto de vista da teoria do letramento como prática social, os dados sugerem que os estudantes mobilizam repertórios digitais em suas práticas diárias e passam, também, a integrá-los em suas atividades acadêmicas na universidade – processo que pode implicar descontinuidades, sobreposições e contradições na aquisição das práticas de letramento tidas como fundamentais na universidade e, por extensão, na aprendizagem e vida profissional dos estudantes.

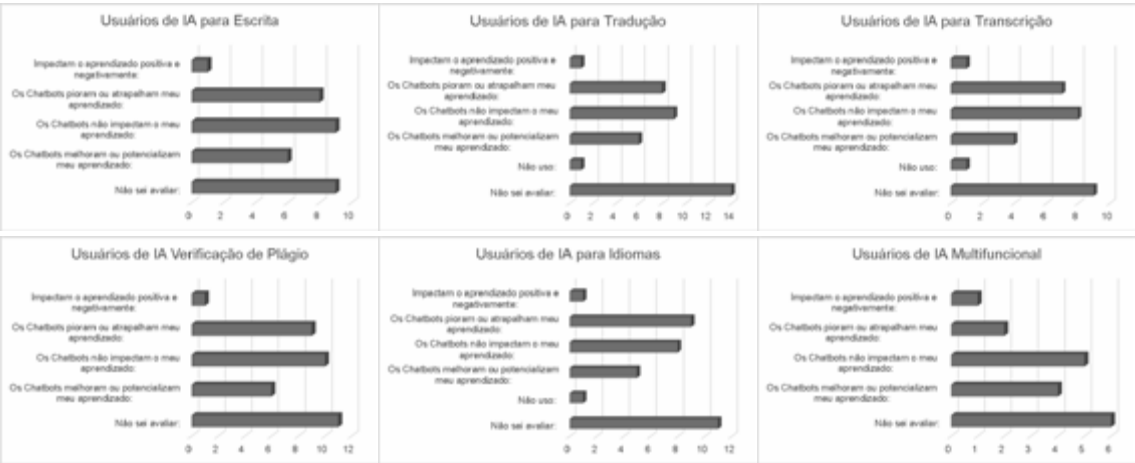
No que se refere à IA, quase todos os participantes declararam utilizar algum tipo de ferramenta de IA (Figura 6), ainda que de forma limitada a contextos mais acessíveis, como tradução, revisão de texto e apoio à escrita (Figura 7). O desconhecimento em

relação a tecnologias de IA específicas, como verificadores de plágio, mostra que os estudantes ainda não associam a IA a usos institucionalizados da universidade (Figura 8). Em termos de letramento, trata-se de práticas periféricas, fora dos espaços de leitura e escrita acadêmicas, apontando a necessidade de mediação pedagógica para integrar essas ferramentas de modo crítico ao contexto formativo.

(ii) Percepções e opiniões dos participantes

A figura 9 apresenta as percepções dos participantes sobre os impactos do uso de tecnologias de IA em atividades de ensino e aprendizado. Evidencia-se uma diversidade de opiniões, mas o destaque é o elevado número de estudantes que declararam não saber avaliar esses impactos.

Figura 9. Percepções sobre o uso de IA em atividades de ensino/aprendizado

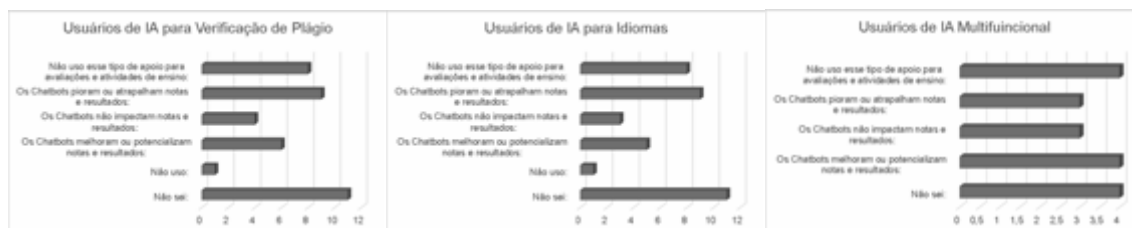


Fonte: Elaboração própria

Já a figura 10 relaciona as percepções sobre os impactos do uso de IA especificamente em avaliações escolares. A maioria dos respondentes novamente relatou não saber avaliar os efeitos desse uso.

Figura 10. Percepções sobre os impactos do uso de IA nas Avaliações Escolares





Fonte: Elaboração própria

Com relação às percepções dos estudantes sobre o impacto da IA no ensino e na aprendizagem e nas avaliações escolares, grande parte dos estudantes declarou não saber avaliar tais efeitos, e esse dado é significativo porque aponta para uma lacuna no repertório crítico dos ingressantes, que ainda não desenvolveram recursos para refletir sobre o papel da IA na produção de conhecimento. À luz da perspectiva dos letramentos acadêmicos (Lillis *et al.*, 2015; Signorini, 2020), essa incerteza pode ser interpretada como parte do processo de inserção em novas práticas de escrita e leitura mediadas por tecnologia, que exigem não apenas habilidades técnicas, mas também posicionamentos éticos e epistemológicos. Do ponto de vista educacional, esse resultado sugere a necessidade de espaços formativos em que os futuros professores sejam convidados a refletir criticamente sobre a presença da IA no ensino. Sem essa formação, há o risco de que os ingressantes naturalizem os usos das tecnologias de IA, sem problematizar seus limites, impactos e potencialidades.

(iii) Posicionamento e opiniões dos participantes

As figuras 11 e 12 mostram, respectivamente, o posicionamento dos participantes sobre o uso de tecnologias de IA específicas, considerando o uso no ensino, e a proibição do uso de *chatbots* e sobre os usos em tarefas como síntese de conteúdo, revisão e correção de texto, resolução de tarefas escolares e busca de materiais de pesquisa.

Os usuários de IA para tradução expressaram opiniões diversas sobre o uso dessa tecnologia no ensino. A maioria declarou que o impacto depende do contexto, representando 44,19% (19), enquanto 16,28% (7) foram indiferentes, 16,28% (7) favoráveis, e 9,30% (4) contrários. Uma parcela menor, 4,65% (2), relatou não saber opinar. Sobre a proibição de *chatbots*, 44,19% (19) foram contrários, enquanto 20,93% (9) afirmaram que depende do caso e outros 20,93% (9) disseram não saber. Apenas 4,65% (2) apoiaram a proibição. As tarefas realizadas com *chatbots* foram restritas, com 44,19% (19) declarando não utilizar para nenhuma tarefa. Entre os que utilizam, 11,63% (5) empregam para síntese de conteúdo, 6,98% (3) para revisão e correção de texto, e apenas 2,33% (1) para resolução de atividades e busca por materiais de pesquisa.

Os usuários de IA para transcrição apresentaram opiniões semelhantes. 41,86% (18) declararam que o uso de IA no ensino depende, enquanto 13,95% (6) foram indiferentes,

6,98% (3) favoráveis e 6,98% (3) contrários. Em relação à proibição de *chatbots*, 30,23% (13) foram contrários, 23,26% (10) disseram que depende, e 13,95% (6) não souberam opinar. Apenas 2,33% (1) apoiaram a proibição. O uso de *chatbots* para tarefas foi limitado, com 32,56% (14) relatando não os usar para nenhuma tarefa. 9,30% (4) os utilizam para síntese de conteúdo, enquanto 6,98% (3) os empregam para revisão e correção de texto.

Quadro 1. Posição e opinião sobre o uso de IAs específicas

Usuários de IA para Tradução	Usuários de IA para Transcrição
Posição sobre IA no Ensino: Depende: 19 Indiferente: 7 Favorável: 7 Contrária: 4 Não sei: 2 Opinião sobre a Proibição de Chatbots: Não: 19 Não sei: 9 Depende: 9 Sim: 2 Uso de Chatbots para Tarefas: Nenhum: 19 Síntese de conteúdo: 5 Revisão e correção de texto: 3 Resolução de atividades: 1 Busca por materiais de pesquisa: 1	Posição sobre IA no Ensino: Depende: 18 Indiferente: 6 Favorável: 3 Contrária: 3 Opinião sobre a Proibição de Chatbots: Não: 13 Depende: 10 Não sei: 6 Sim: 1 Uso de Chatbots para Tarefas: Nenhum: 14 Síntese de conteúdo: 4 Revisão e correção de texto: 3

Fonte: Elaboração própria

Entre os usuários de IA para escrita, 13,95% (6) declararam que o impacto no ensino depende, 4,65% (2) foram favoráveis, enquanto 2,33% (1) disseram não saber e 2,33% (1) foram indiferentes. Sobre a proibição de *chatbots*, 9,30% (4) foram contrários, enquanto 9,30% (4) afirmaram não saber. 2,33% (1) declararam que depende, e outros 2,33% (1) apoiaram a proibição. No uso de *chatbots* para tarefas, 6,98% (3) os utilizam para síntese de conteúdo, outros 6,98% (3) não os utilizam para nenhuma tarefa, e 4,65% (2) os empregam para revisão e correção de texto.

Os usuários de IA para idiomas demonstraram maior diversidade de opiniões. 20,93% (9) disseram que o impacto no ensino depende, enquanto 13,95% (6) foram indiferentes, 9,30% (4) favoráveis, 6,98% (3) contrários, e 2,33% (1) não souberam opinar. Em relação

à proibição de *chatbots*, 25,58% (11) foram contrários, 13,95% (6) disseram que depende, 9,30% (4) não souberam opinar, e 4,65% (2) foram favoráveis. No uso de *chatbots*, 32,56% (14) afirmaram não os utilizar, enquanto 4,65% (2) os empregam tanto para síntese de conteúdo quanto para revisão e correção de texto.

Quadro 2. Posição e opinião dos participantes e tarefas realizadas com uso de IA

Usuários de IA para Escrita	Usuários de IA para Idiomas
Posição sobre IA no Ensino: Depende: 6 Favorável: 2 Não sei: 1 Indiferente: 1 Opinião sobre a Proibição de <i>Chatbots</i>: Não: 4 Não sei: 4 Depende: 1 Sim: 1 Uso de <i>Chatbots</i> para Tarefas: Síntese de conteúdo: 3 Nenhum: 3 Revisão e correção de texto: 2	Posição sobre IA no Ensino: Depende: 9 Indiferente: 6 Favorável: 4 Contrária: 3 Não sei: 1 Opinião sobre a Proibição de <i>Chatbots</i>: Não: 11 Depende: 6 Não sei: 4 Sim: 2 Uso de <i>Chatbots</i> para Tarefas: Nenhum: 14 Síntese de conteúdo: 2 Revisão e correção de texto: 2

Fonte: Elaboração própria

Os usuários de IA multifuncional mostraram opiniões mais concentradas. 13,95% (6) declararam que o impacto no ensino depende, 4,65% (2) foram favoráveis, enquanto 2,33% (1) disseram não saber e outros 2,33% (1) foram indiferentes. Sobre a proibição de *chatbots*, 9,30% (4) foram contrários, 9,30% (4) não souberam opinar, e 2,33% (1) declararam que depende ou foram favoráveis à proibição. No uso de *chatbots*, 6,98% (3) os utilizam para síntese de conteúdo, 6,98% (3) para nenhuma tarefa, e 4,65% (2) para revisão e correção de texto.

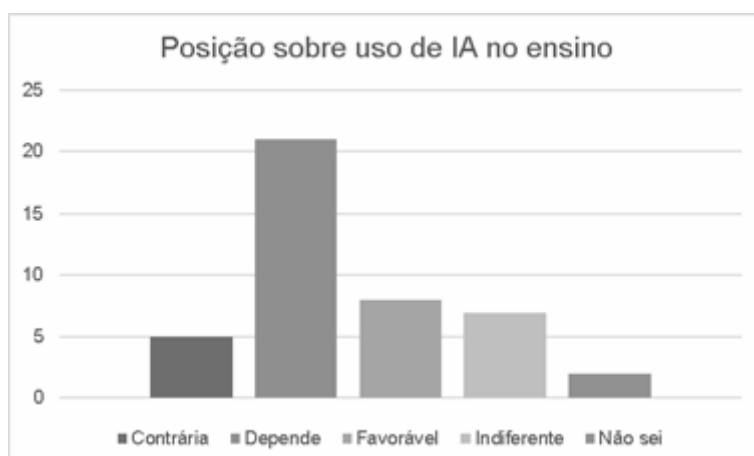
Quadro 3. Posição e opinião dos participantes e tarefas realizadas com uso de IA

Usuários de IA Multifuncional
Posição sobre IA no Ensino: Depende: 6 Favorável: 2 Não sei: 1 Indiferente: 1
Opinião sobre a Proibição de <i>Chatbots</i>: Não: 4 Não sei: 4 Depende: 1 Sim: 1
Uso de <i>Chatbots</i> para Tarefas: Síntese de conteúdo: 3 Nenhum: 3 Revisão e correção de texto: 2

Fonte: Elaboração própria

Por fim, nas figuras 11 e 12 respectivamente são apresentados os posicionamentos dos participantes sobre o uso de tecnologias de IA no ensino e a opiniões sobre a proibição do uso de *chatbots* de IA generativa no contexto escolar. Não há uma posição clara sobre o uso no ensino e a maioria pensa que não deve haver proibição.

Figura 11. Posição dos participantes sobre o uso de IA no Ensino



Fonte: Elaboração própria

Figura 12. Opinião dos participantes sobre Proibição do uso de *Chatbots* de IA



Fonte: Elaboração própria

O posicionamento dos estudantes sobre o uso e a proibição de IA no ambiente acadêmico mostra a ausência de consenso. Muitos afirmam que os impactos “dependem do contexto”, mas alguns defendem a proibição de *chatbots* de IA no ambiente acadêmico. Essa ambivalência pode ser compreendida como reflexo de tensões entre diferentes regimes de letramento: de um lado, o letramento escolar tradicional, que valoriza a autoria individual, a originalidade e a escrita manual; de outro, os letramentos digitais emergentes, em que a colaboração com ferramentas de escrita automatizada tende a ser naturalizada. A rejeição ao uso da IA é minoritária, mas parece ainda não haver clareza sobre como essas tecnologias podem ser incorporadas de maneira legítima no ensino superior e essa ambiguidade pode acarretar futuras práticas pedagógicas conservadoras ou inovadoras, dependendo do modo como as universidades acolhem o debate sobre IA.

(iv) Implicações para a educação

A análise dos dados mostra que os ingressantes chegam à universidade com amplo repertório tecnológico, mas pouco articulados às práticas de letramento acadêmico-científico. O uso predominante de tecnologias digitais em atividades não acadêmicas, somado à hesitação em avaliar os impactos da IA no ensino, aponta para um desafio central: formar futuros professores capazes de exercer um letramento digital crítico (Kleiman, 1995; Signorini, 2006). Isso significa ir além da simples proibição ou permissão do uso de IA na universidade: é preciso pensar práticas pedagógicas que contribuam para a reflexão sobre os modos como as tecnologias de IA mediam a leitura, a escrita e a produção de conhecimento. Nesse sentido, o ambiente acadêmico pode atuar para a ressignificação dos usos cotidianos de tecnologias digitais e de IA, contribuindo para transformá-los em práticas legítimas de letramento acadêmico-científico. E, assim, os resultados aqui apresentados não apenas descrevem percepções, atitudes e opiniões do alunos ingressantes de Pedagogia relacionadas ao uso das tecnologias digitais e de IA, mas também apontam para a necessidade de incorporar, nos currículos de formação

docente, debates e práticas sobre a mediação tecnológica, a ética do uso de IA e o papel das tecnologias digitais no ensino-aprendizagem.

Conclusão

Este estudo permite constatar que praticamente todos os participantes, alunos ingressantes do curso de Pedagogia da Unicamp no ano de 2023, utilizam algum tipo de tecnologia digital, embora com variações significativas na frequência e no propósito do uso. Os resultados apontam para uma disparidade no uso de tecnologias digitais e de IA na comparação entre atividades acadêmicas e não acadêmicas, sendo apontado como mais reduzido o uso em atividades acadêmicas. Os participantes apontam uma percepção positiva sobre o uso dessas tecnologias em atividades não acadêmicas, como comunicação social e entretenimento, mas expressam reservas ou incertezas quanto ao seu uso nas atividades e avaliações escolares, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de competências específicas da área de Pedagogia. Especificamente sobre os *chatbots* de IA generativa, aqueles que declaram usá-los em atividades acadêmicas não percebem impactos significativos ou algum prejuízo nos resultados escolares. Embora uma parcela dos participantes não apresente uma posição clara sobre a proibição do uso de tecnologias de IA, nos dados analisados uma pequena parcela apoia a rejeição completa de seu uso na universidade.

Os achados contribuem para a compreensão dos modos de participação de graduandos ingressantes de um curso de formação de professores em processos de letramento acadêmico-científico com apoio/mediação de tecnologias digitais e de IA.

Agradecimentos

Os autores agradecem à FAPESP (Projeto Temático FAPESP nº 2022/05908-0).

Referências

BARTON, D. *Literacy: an introduction to the ecology of written language*. Oxford: Blackwell, 1994.

FORBES BRASIL. ChatGPT tem recorde de crescimento da base de usuários. *Forbes*, fevereiro de 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/02/chatgpt-tem-recorde-de-crescimento-da-base-de-usuarios/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

IBM. O que é LLM (Large Language Models)? *IBM*, 2023. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/large-language-models>. Acesso em: 15 ago. 2024.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do Letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LILLIS, T. *et al. Working with academic literacies: Case studies towards transformative practice*. The WAC Clearinghouse/Parlor Press, 2015.

MAAR, B. A Short History of ChatGPT: How We Got to Where We Are Today. *Forbes*, <https://www.forbes.com/sites/bernardmarr/2023/05/19/a-short-history-of-chatgpt-how-we-got-to-where-we-are-today/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MUCCI, T. A História da Inteligência Artificial. *IBM*, 2024. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/think/topics/history-of-artificial-intelligence>. Acesso em: 15 ago. 2024.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harvard Educational Review*, Spring, v. 66, n. 1, 1996.

PORTES, A. C. R. B. *Intuitive: modelo conceitual para workflows de ETL*. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

SIGNORINI, I. (org.). *Gêneros catalisadores, letramento e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SIGNORINI, I. (org.). *Significados da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de professores*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

SIGNORINI, I. Por que falar de letramento em tempos de ensino remoto? *In*: ASSIS, J.; KOMESU, F.; FLUCKIGER, C. (org.). *Práticas discursivas em letramento acadêmico: questões em estudo*. Vol. 4. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, col. CEPUSC-MG, 2020, p. 58-81. Disponível em: https://www.editora.pucminas.br/arquivos/obra/arquivo_digital/220/praticasdiscursivasv4_1.pdf. Acesso em: 15 ago. 2024.

STREET, B. V. *Literacy in Theory and Practice*. Cambridge: New York and Melbourne: Cambridge University Press, 1984.

TOKARNIA, M. Sete a cada dez estudantes usam IA na rotina de estudos. *Agência Brasil*, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2024-08/sete-cada-dez-estudantes-usam-ia-na-rotina-de-estudos>. Acesso em: 15 ago. 2024.

A interface sintaxe-semântica: uma análise da construção *(ser) capaz de/que* baseada na Gramática de Papel e Referência

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3950>

Pablo Jardel Oliveira do Rosário¹

Resumo

Assumindo a ideia de que a estrutura da oração é organizada em camadas hierárquicas (Van Valin, 2005), este artigo propõe uma análise da construção modal *(ser) capaz de/que* na língua portuguesa, buscando identificar correlações entre as suas propriedades semânticas e sintáticas. Em termos teórico-metodológicos, o trabalho adota o modelo gramatical estratificado da Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar* – RRG) (Van Valin, 1993; Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 2023). O *corpus* utilizado no trabalho é o *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), do qual foram extraídas linhas de concordâncias da construção, provenientes do seu banco de dados *web/dialetos*. A análise das ocorrências mostra que a construção pode ser meio de expressão de diferentes valores modais e pode figurar em diferentes tipos de estrutura complexa.

Palavras-chave: camadas hierárquicas; modalidade; RRG.

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; pablo.jardel@unesp.br; <https://orcid.org/0009-0005-6026-933X>

The syntax-semantics interface: an analysis of the *(ser) capaz de/que* construction based on Role and Reference Grammar

Abstract

Assuming the idea that the clause structure is organized into hierarchical layers (Van Valin, 2005), this article proposes an analysis of the modal construction *(ser) capaz de/que* in the Portuguese language, aiming to identify correlations between its semantic and syntactic properties. From a theoretical-methodological perspective, this study adopts the layered grammatical model of Role and Reference Grammar (RRG) (Van Valin, 1993; Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 2023). The *corpus* used in the study is the *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), from which concordance lines in the *web/dialects* database were extracted. The analysis of the occurrences shows that the construction can serve as a means of expressing different modal values and may appear in various types of complex structures.

Keywords: hierarchical layers; modality; RRG.

Introdução

Assumindo a ideia segundo a qual as categorias de TAM (tempo, aspecto e modo/modalidade) são organizadas hierarquicamente em diferentes camadas da oração (Van Valin, 2005), este trabalho² propõe uma análise da construção *(ser) capaz de/que* na língua portuguesa, buscando correlacionar suas propriedades sintáticas e semânticas. Em termos específicos, o exame aqui proposto pretende (i) verificar quais valores modais são expressos pela construção e (ii) mostrar como a variabilidade da estrutura complexa que o predicado modal licencia pode ser explicada em função da distribuição hierarquizada das modalidades em diferentes camadas da oração. A variabilidade de significados expressos pela construção é ilustrada pelas seguintes ocorrências:

1. Até agora você não **foi capaz de** desenvolver um argumento convincente. (arautodofuturo.wordpress.com)
2. Com a nova eleição presidencial se aproximando é bem **capaz que** os dirigentes do clube acabem deixando o futebol de lado para discutirem política. (elhombre.com.br)
3. A imprensa norte-americana não faz ideia de por que ele saiu de sua posição para admitir a culpa. Eu acho que ele fez isso para evitar algo pior, no caso, prisão. **Capaz que** tenha algo mais cabeludo para aparecer aí. (victormartins.warmup.com.br)

2 Este artigo é derivado dos resultados obtidos na dissertação de mestrado de (Rosário, 2024), defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), da Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Como é possível observar nas ocorrências, essa construção, quando toma orações como complementos, pode veicular diferentes valores semânticos relativos ao campo da modalidade, como já é apontado por outros trabalhos realizados em diferentes perspectivas teóricas (Bassi; Görski, 2014; Rodrigues; Lunguinho, 2019; Teixeira, Gritti; Koslinski, 2019). Em (1), há uma qualificação acerca da capacidade do participante sujeito de se envolver na situação descrita pelo predicado da oração em posição de complemento. Em (2), verifica-se que a expressão codifica uma avaliação de possibilidade/probabilidade de ocorrência do evento descrito pela oração encaixada, da mesma forma que (3), em que a estrutura, agora reduzida ao adjetivo e à conjunção, também expressa a probabilidade de ocorrência do evento codificado pela oração encaixada.³ Observa-se, nessas ocorrências, que as diferenças semânticas correspondem a diferentes configurações formais (tal como diferentes graus de integração sintática), de modo que um dos objetivos deste trabalho é identificar as correlações entre a semântica e a morfossintaxe em seus diferentes usos modais.

Considerando-se essa diversidade de significados e essas diferentes expressões formais da construção, o que o exercício feito neste artigo busca é uma análise e descrição da construção *(ser) capaz de/que* em termos de camadas hierárquicas da oração postuladas pelo modelo da Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar* — RRG) (Van Valin; LaPolla, 1997; Van Valin, 1993; Van Valin, 2023), um modelo considerado por Butler e Taverniers (2008) como *estrutural-funcional*, tal como a Gramática Sistemico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2004) e a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

A adoção de um modelo gramatical que propõe uma estrutura hierárquica da oração é vantajosa para o estudo de uma categoria qualificacional como a modalidade, uma vez que a hierarquização da oração em camadas configura-se como um recurso metodológico bastante adequado no que concerne à identificação das unidades que podem estar sob o escopo das categorias modais (e de outras categorias, como tempo, aspecto e evidencialidade). Além disso, a arquitetura da RRG permite captar correlações sistemáticas entre os diferentes significados das construções e os processos de estruturação das construções complexas.

Especificamente no caso analisado aqui, a correlação entre os significados e as configurações formais da estrutura complexa em que figura a construção *(ser) capaz de/que* será tratada em termos de seus diferentes significados modais e de seus tipos de complementos. Embora os trabalhos que já analisaram o adjetivo *capaz* reconheçam os diferentes tipos de complementos desse predicado modal e, como é proeminente

3 Além desses usos aqui exemplificados, o adjetivo *capaz* ainda ocorre como um marcador discursivo (Bassi; Görski, 2014, p. 595), expressando surpresa ou dúvida, em ocorrências como: “M: Eram duas horas quando você me ligou. / C: **Capaz** que eram duas horas!? / M: Sim, eram duas horas.” Esse tipo de uso foge ao escopo deste artigo.

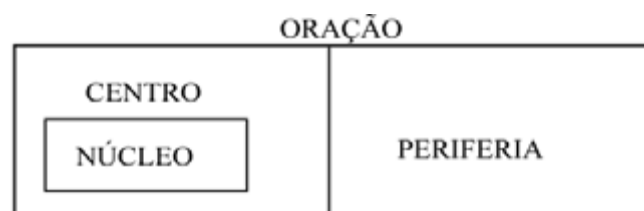
em Rodrigues e Lunguinho (2019), observem que o adjetivo pode figurar em contextos morfossintáticos distintos (pode tomar complementos finitos e não finitos), foge ao seu escopo explicar, com base em algum princípio, a relação entre os contextos sintáticos e os diferentes valores expressos por *capaz*. É essa explicação que interessa a este artigo.

Para cumprir esta tarefa, o texto está organizado da seguinte forma: além da introdução e das referências, este artigo possui quatro seções principais. Na primeira, abordam-se os aspectos teóricos relevantes para o exercício de análise, isto é, os aspectos relativos à Gramática de Papel e Referência. Depois, abordam-se os aspectos metodológicos do trabalho. Na terceira seção, apresenta a análise e discussão da construção, seguida de algumas conclusões acerca da correlação entre sua sintaxe e sua semântica com base no modelo proposto pela RRG.

A Estrutura da Oração em Camadas

Na RRG, a estrutura hierárquica da oração é baseada em dois contrastes semânticos universais, nomeadamente o contraste entre constituintes predicativos e não predicativos, por um lado, e entre constituintes que são argumentos de um dado predicado e os que não são, por outro (Van Valin, 1993, p. 5, Van Valin, 2023, p. 3). Nessa visão, as unidades constituintes básicas da oração são o *núcleo*, camada que contém o predicado (tipicamente expresso por um verbo), o *centro*, camada que abrange o núcleo e os argumentos do predicado, e a *periferia*, nódulo sintático responsável pela representação dos adjuntos. Essas unidades podem ser informalmente representadas na figura abaixo:

Figura 1. Estrutura da Oração em Camadas



Fonte: Valin e LaPolla (1997, p. 26)

Assim, na perspectiva da RRG, uma oração consiste em um centro e em uma periferia. Para exemplificar o entendimento dessa estrutura hierárquica proposta pelo modelo, observe-se seguinte sentença, que ilustra as unidades da estrutura oracional:

4. Eu vi o menino na biblioteca.

No exemplo em (4), a forma verbal *vi* é o *núcleo*, que abrange o predicado. A esse predicado se associam os constituintes *eu* e *o menino*, seus argumentos. Juntos, esses elementos constituem o *centro*, que é modificado pela estrutura preposicionada *na biblioteca*. E,

finalmente, a junção do centro com a periferia constitui a *oração*, que é a camada mais alta.⁴

É preciso esclarecer que, apesar de serem semanticamente baseadas, estas unidades da Estrutura da Oração em Camadas têm, na RRG, estatuto sintático (Van Valin, 1993, p. 7, Van Valin, 2023, p. 4). Essa é precisamente a essência da distinção que se faz entre, por exemplo, o predicado, entidade semântica, e núcleo, unidade sintática, que nem sempre são biunivocamente correspondentes.

Modalidade na RRG

No modelo da RRG, categorias gramaticais tais como tempo, aspecto, modo/modalidade e força ilocucionária são tratadas como operadores que modificam camadas específicas da oração e desempenham um importante papel na estrutura das sentenças complexas (Peterson, 2023, p. 182). Os operadores reconhecidos pelo modelo são sumarizados no seguinte quadro:

Quadro 1. Operadores na RRG

Operadores nucleares
Aspecto Negação Direcionalidade
Operadores centrais
Direcionalidade Quantificação de evento Modalidade (modais de raiz: habilidade, permissão, obrigação) Negação interna
Operadores oracionais
Status (modais epistêmicos, negação externa) Tempo Evidencialidade Força ilocucionária [IF]

Fonte: Van Valin (2005, p. 9)

Como exibido no quadro, a modalidade modifica duas das camadas da oração, nomeadamente a camada do *centro* e a camada da *oração*. No centro, localizam-se os

4 Na representação sintática da RRG, a oração é dominada por um nóculo sintático ainda mais alto, que é a *sentença*. A postulação do nóculo sentencial é justificada para alocar alguns elementos, tais como constituintes extraoracionais.

modais de raiz que, de acordo com Van Valin e LaPolla (1997, p. 41), abrangem as noções de habilidade, obrigação e permissão. Para ilustrar esse tipo de modalidade, considere-se o seguinte exemplo:

5. O interessado **deve** informar se quer participar do fórum ou da capacitação. (180graus.com)

O auxiliar *deve*, em (5), avalia o participante expresso pelo NP-sujeito da sentença (o *interessado*) como sendo obrigado a se envolver na ação descrita pelo verbo principal (*informar*). Em termos estritos da RRG, é possível dizer que esse tipo de modalidade aloca-se precisamente na relação estabelecida entre o primeiro argumento (geralmente o agente) e o núcleo (NUC), que contém o predador da oração.

Na camada da oração, tem-se o *status*, uma macrocategoria que pode abranger a negação (externa) e a modalidade epistêmica. Segundo Van Valin (2005, p. 9), o *status* situa a proposição expressa na oração no *continuum realis-irrealis*, expressando as noções de possibilidade e probabilidade. Um exemplo é dado em (6):

6. Ele **pode** ter razão. (ateus.net)

O auxiliar em (6) qualifica a proposição expressa na oração como *possível*, de modo que se trata de um marcador gramatical de modalidade epistêmica, que tem escopo sobre a oração como um todo na estratificação proposta pela RRG. Diferentemente do caso anterior, a avaliação já não recai sobre a relação de um participante em um evento descrito pelo núcleo.

Essa estratificação em camadas dos operadores feita pelo modelo viabiliza entender as relações de escopo entre as diferentes categorias. Segundo o modelo, o princípio básico do escopo que governa os operadores é: *oracional* > *central* > *nuclear* (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 46). Assim, a Estrutura da Oração em Camadas prediz que o *status* tem escopo sobre a modalidade raiz, de modo que, em casos de coocorrência, essa diferença de escopo pode ser refletida na organização formal da língua. É o que se vê em Turco, por exemplo:

7. Turco (Lewis, 1967, p. 151)
Anlı-y-**abil-ecek**-mıs-im
compreender-Ø-ABIL-IRR-INFR-1.SG
'Suponho que eu seria capaz de compreender'

Em (7), o sufixo *-abil* é meio de expressão de habilidade, um tipo de modalidade de raiz, e o sufixo *-ecek* expressa irrealidade, um tipo de *status*. Essa diferença é claramente refletida na ordem linear desses marcadores, que se estabelece em termos de: [raiz verbal] > habilidade > irrealidade. Essa diferença hierárquica entre os tipos de modalidade é muito

importante neste artigo, uma vez que ela terá impacto no modo em que a estrutura complexa em que figura a construção analisada se organiza.

Construções complexas na RRG

Na RRG, dois parâmetros são especialmente considerados na organização das construções complexas: a Teoria de Juntura e a Teoria dos Nexos. A Teoria da Juntura diz respeito aos tipos de unidades que são ‘juntadas’ nas unidades complexas. Segundo o modelo, estas unidades correspondem às próprias camadas da oração (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 442), resolvendo-se em diferentes níveis de juntura:

- 8. a. [CENTRO ... [NÚC PRED] ... + ... [NÚC PRED] ...] Juntura nuclear
- b. [ORAÇÃO ... [CENTRO ...] ... + ... [CENTRO ...] ...] Juntura central
- c. [SENTENÇA ... [ORAÇÃO ...] ... + ... [ORAÇÃO ...] ...] Juntura oracional

Conforme Van Valin (2023, p. 69), a juntura nuclear é feita com dois ou mais núcleos dentro de um único centro (p. ex.: *o homem fez a porta abrir*). A juntura central é constituída por dois ou mais centros dentro de uma única oração (p. ex.: *ele tentou abrir a porta*). E a juntura oracional, por sua vez, ocorre quando há a expressão de duas ou mais orações dentro uma sentença (p. ex.: *eu comprei um carro e ele comprou o quê?*). Sentenças complexas de nível baixo de juntura podem compartilhar argumentos e operadores gramaticais. Isso ocorre especialmente na juntura central, que pode envolver os processos de controle obrigatório (*obligatory control*), em que há obrigatoriamente um compartilhamento de argumento entre as orações (Van Valin, 2023, p. 43). Por outro lado, construções complexas com nível de juntura mais alto podem possuir sua própria expressão de operadores gramaticais, tais como tempo. Esse aspecto ficará mais claro nas análises deste artigo.

A teoria dos nexos, por sua vez, lida com os tipos de relações estruturais entre as unidades da estrutura complexa (Van Valin, 2023, p. 71), resolvendo-se em *coordenação* (total independência), *subordinação* (dependência estrutural) e *cossubordinação* (dependência de operador gramatical). Van Valin (2023, p. 76) oferece a seguinte caracterização desses nexos:

Quadro 2. Caracterização dos tipos de nexos

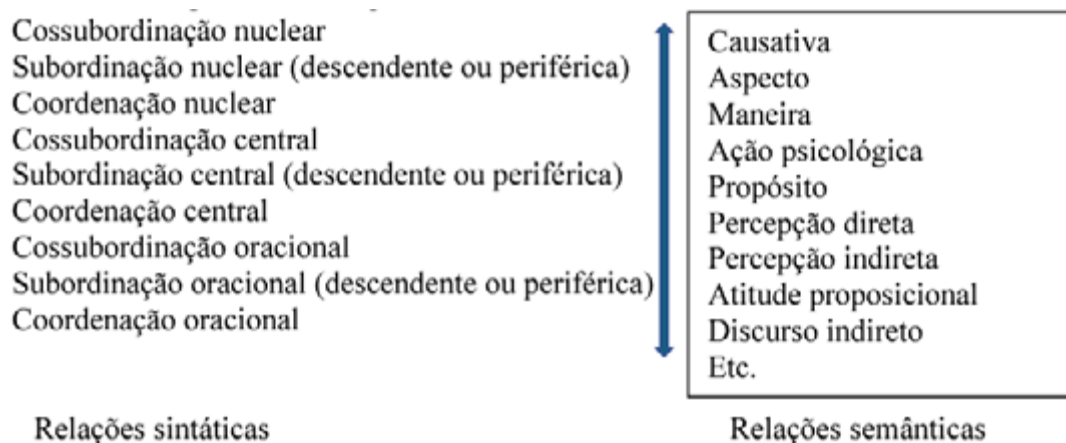
Subordinação	+encaixado (em um centro, oração ou periferia)
Cossubordinação	-encaixado, +dependente (compartilhamento obrigatório de operador no nível da juntura)
Coordenação	-encaixado, -dependente (sem operador compartilhado no nível da juntura)

Fonte: Van Valin (2023, p. 76)

Os diferentes tipos de juntura-nexos que organizam as construções complexas formam unidades com diferentes níveis de 'ligação' (*tighness*) entre as suas unidades componentes (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 477), de modo que, na RRG, esses tipos de juntura são organizados em termos de uma espécie de Hierarquia das Relações Sintáticas Interoracionais (*Interclausal Syntactic Relations Hierarchy*).

Embora seja puramente sintática, essa hierarquia nos processos de juntura oracional expressa uma variedade de relações semânticas entre as unidades ligadas (Van Valin, LaPolla, 1997; Van Valin, 2005, p. 205), tais como causação, fase (aspecto), ação mental, atitude proposicional, etc., que também são organizadas em uma hierarquia. Quando justapostas, essas duas hierarquias compõem o que a RRG chama de Hierarquia das Relações Interoracionais (*Interclausal Relations Hierarchy*):

Figura 2. Hierarquia das Relações Interoracionais



Fonte: Van Valin (1997); Van Valin (2005)

O princípio que rege as relações entre a hierarquia semântica e a sintática é o da *iconicidade* (Givón, 1980). A RRG assume que há uma relação icônica entre sintaxe e semântica nas construções complexas: quanto mais estreita for a relação semântica entre os eventos descritos no complexo sentencial, mais integradas serão as relações sintáticas que codificam esses eventos (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 480).

Um aspecto que precisa ser destacado neste artigo é o de que a Hierarquia das Relações Interoracionais se configura como ferramenta bastante eficaz para se elaborar predições acerca do comportamento formal de complementos oracionais dos predicados por meio de sua semântica. É considerando esse aspecto que este artigo analisa a interface sintaxe-semântica da construção *(ser) capaz de/que*.

Por fim, é preciso esclarecer que os aspectos da RRG descritos nesta seção são apenas os aspectos mais pertinentes para análise proposta. Quando necessários para argumentação, outros aspectos serão abordados na própria análise da construção.

Metodologia

Com a intenção de se cumprir os objetivos propostos, o trabalho serve-se de ocorrências do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org/>), especificamente do seu banco de dados *Web/Dialetos*, que contém dados do português da contemporaneidade, extraídos de páginas da internet.

Foram encontradas 62916 ocorrências de *ser capaz de*, 551 ocorrências de *ser capaz que* e 37 ocorrências de *capaz que*. Para análise, foram extraídas 100 ocorrências dos dois padrões mais frequentes e todas as ocorrências do padrão *capaz que* disponíveis no *corpus* que tivessem complementos oracionais expressos, o que resultou em um total de 237 ocorrências. Esse ajuste na busca foi necessário, considerando que a análise pretendida neste artigo é qualitativa e que o padrão *ser capaz de* é extremamente mais frequente do que o padrão *(ser) capaz que*.⁵

A construção é analisada a partir dos seguintes critérios, extraídos do modelo da Gramática de Papel e Referência:

- Domínio semântico da modalidade (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41);
 - Camada sob incidência da avaliação modal — escopo (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 41);
 - Tipo de juntura/nexo da estrutura complexa na qual figura a construção (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 441; Van Valin, 2023, p. 69).
- Presença de auxiliar modal na unidade matriz (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 455; Otori, 2023, p. 536):

O primeiro critério busca identificar o valor expresso pela construção em termos de habilidade e de possibilidade/probabilidade. O segundo critério busca determinar o seu escopo (centro ou oração). O terceiro objetiva verificar o nível de juntura (se central, se oracional) e o tipo de relação (se cosubordinação, se subordinação). Esse critério tenta correlacionar os diferentes significados modais da construção com diferentes níveis de

⁵ É preciso esclarecer que há, ainda, um outro padrão da construção que não foi contemplado na amostra desde artigo. Trata-se do padrão *capaz de* em início de sentença, indicando uma avaliação de possibilidade, como em “Este caso parece complicado, nunca ouvir falar de assentar ‘72 orixás’. **Capaz de** nem existir aqui no Brasil culto a essa quantidade de orixás.” (ocandomble.wordpress.com). Embora frequente na língua falada, não houve ocorrências significativas no *corpus* que viabilizassem uma análise fundamentada.

juntura/nexo. Por fim, o quarto critério busca verificar a presença de operador gramatical de modalidade (*ter que* e *dever*) na unidade matriz das ocorrências. Esse último critério é relevante porque a presença de operador gramatical pode ser reveladora do tipo de nexo em que figura (*ser*) *capaz de/que*.

Análise dos dados e discussão

A caracterização da diversidade dos usos da estrutura adjetival (*ser*) *capaz de/que* no modelo hierárquico da RRG começa pela identificação dos seus valores semânticos. As ocorrências analisadas são, em termos desse modelo, tanto meio de expressão de modalidade de raiz (nesse caso habilidade/capacidade), como em (9), quanto de *status* (nesse caso modalidade epistêmica), como em (10):

9. Ao tomar consciência do seu valor, você **será capaz de** ir em frente com muita força, coragem e confiança. (ad-mensagensdeamor.blogspot.com)
10. Se você nunca usou um aplicativo deste tipo, é bem **capaz que** o problema se resolva logo de cara (artigos.softonic.com.br).

Em (9), por meio de *ser capaz de*, atribui-se ao participante expresso pelo sujeito *você* a capacidade de realizar o evento denotado pelo verbo *ir*, expresso na oração em posição de complemento do predicado modal. No dado apresentado em (10), por sua vez, a construção modal qualifica a proposição expressa na completiva (*o problema se resolver logo*) como possível/provável. A análise das ocorrências da construção permitiu identificar diferentes padrões estruturais, a saber: [ser capaz de]; [ser capaz que] e [capaz que]. A distribuição desses valores segundo esses padrões é a seguinte:

Tabela 1. Distribuição de valores na RRG

Padrão estrutural	Valor modal	Ocorrências
Ser capaz de	Raiz (habilidade)	97
Ser capaz de ⁶	Status (possibilidade)	3
Ser capaz que	Status (possibilidade)	100
Capaz que	Status (possibilidade)	37
	TOTAL	237

Fonte: Elaboração própria

6 A expressão de *status* pelo padrão *ser capaz de* foi tratada como um caso de alçamento de constituinte por Rosário (2024). Uma indicação semelhante foi feita em Rodrigues e Lunguinho (2019, p. 556). É preciso esclarecer que esse caso não será tratado neste artigo, uma vez que será tema do outro escrito. Mas, apenas para exemplificação, essa configuração é feita em uma ocorrência como a seguinte: “o encontro entre Rita e Madalena **é capaz de** abrir portas internas e externas, o que vai dar ao filme uma beleza fotográfica e emocional realmente muito tocantes” (2001video.empresarial.ws). Nessas ocorrências, tanto leitura habilitativa quanto a de *status* são possíveis.

O exame das ocorrências analisadas revelou que os diferentes padrões estruturais podem ser associados a diferentes valores modais da construção, como mostra a tabela acima. Cada um desses padrões estruturais é analisado separadamente nos parágrafos seguintes.

Para a análise do padrão [ser capaz de], observe-se a seguinte ocorrência:

11. Com autoconfiança e espírito aberto, você **será capaz de** reunir pessoas que farão a diferença para você e sua empresa. (102fmnatal.com.br)

Em (11), *ser capaz de* denota a capacidade/habilidade do participante expresso pelo NP sujeito de se envolver no evento denotado pelo verbo da oração em posição de complemento. De acordo com o parâmetro do escopo, isto é, a camada sob o âmbito de incidência da construção, esse padrão da construção modifica a camada do *centro* da estrutura hierárquica da oração, dado que modifica a relação entre um argumento central (nesse caso, *você*) e o predicado contido no núcleo (nesse caso, *reunir*). É precisamente essa característica que justifica postular que, ao expressar habilidade, a construção atua nessa camada da sentença, porque é esse o domínio dos elementos do centro da oração (Van Valin, 2005, p. 9; Peterson, 2023, p. 202).

Conforme a seção *metodologia*, outro critério proposto com base no modelo estratificado da RRG buscou identificar o tipo de juntura-nexo das ocorrências da construção. É, portanto, o parâmetro que lida com a estrutura da sentença complexa licenciada pelo predicado modal. De acordo com esse critério, a análise das ocorrências mostra que [ser capaz de], em sua expressão de modalidade de raiz, figura em uma juntura de nível central. Além disso, o parâmetro também revela que se trata de um nexos de cossubordinação. Relembre-se que, na RRG, a juntura central consiste em uma única oração formada por mais de um centro (Van Valin, 1993, p. 107; Van Valin; LaPolla, 1997, p. 448). Esse critério pode ser defendido por meio da análise da seguinte ocorrência:

12. Falha Geral – Este é um sinal emitido em caso de problema grave, sendo que a BIOS não **foi capaz de** identificá-lo. (007blog.net)

Semelhantemente a (11), o referente codificado pelo NP sujeito, em (12), é avaliado em termos de sua aptidão para realizar a ação descrita pelo núcleo da unidade dependente (*identificar*) da estrutura complexa. Observando-se a ocorrência, nota-se que o NP a BIOS é tanto argumento do predicado modal adjetival *capaz* quanto argumento do predicado da unidade dependente *identificar*. Segundo Van Valin e LaPolla (1997, p. 444), o compartilhamento de argumentos é característico da juntura central. Aponte-se também o fato de que, nesse contexto, esse compartilhamento é obrigatório na construção:

13. A BIOS_i não foi capaz de [– j* identificá-lo] (Adaptado de Van Valin, 2005, p. 95)

De acordo com os índices subscritos, a não identidade dos sujeitos implica a não aceitabilidade da sentença. Sendo, então, de caráter obrigatório, esse compartilhamento sustenta que essa juntura central é também cossubordinada, uma vez que, na RRG, esse tipo de construção envolve obrigatoriamente um controlador (Van Valin, 2023, p. 73).

O constituinte que ocupa a posição de sujeito da unidade matriz em (12) pode ser categorizado como um constituinte que ocupa a chamada posição sintática privilegiada (Van Valin, 2005, p. 94). Há, aí, o que a RRG chama de controlador (*controller*), que, nesse caso, é o NP *a BIOS*, e o pivô (*pivot*) da construção gramatical, que é o NP sujeito de *identificar* omitido, que é correferencial com o NP-sujeito da matriz. Convém ressaltar que as noções de controlador e de pivô são as noções pelas quais o modelo da RRG entende as relações gramaticais. Segundo Van Valin (2005, p. 95), o controlador pode disparar a concordância verbal e suprir a interpretação do argumento omitido da unidade dependente, e o pivô tipicamente (embora não exclusivamente) é esse argumento omitido.

Além desses aspectos apontados acima, verificou-se a possibilidade de haver expressão de operador gramatical na unidade matriz. Isso não só é possível como também é detectado entre os dados analisados:

14. Você tem que **ser capaz de** lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara. (ataquetotal.com.br)

A ideia subjacente a esse critério é a de que, se houver operador gramatical no nível da juntura (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 455), ele obrigatoriamente deverá ser compartilhado entre os centros (eventos) da estrutura complexa. De acordo com Van Valin e LaPolla (1997, p. 455), a dependência de operador é uma das características basilares do nexos de cossubordinação. Em (14), há a presença de um auxiliar modal deôntico (*ter que*) na unidade matriz, e nota-se que ele tem escopo sobre os dois centros da juntura: o participante *você* não só é obrigado *a ser capaz* como também é obrigado *a lidar com o stress e com o medo de ser cortado logo de cara*.

Para a análise dos padrões [ser capaz que] e [capaz que], observem-se as seguintes ocorrências:

15. A mídia o perseguirá enlouquecidamente, ele não terá privacidade e é bem **capaz que** ele acabe “morrendo na cruz” como Jesus. (abr-casa.com.br)
16. Nós não concordamos o tempo todo e se na mesma cidade estivéssemos, **capaz que** eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse. (miltonribeiro.sul21.com.br)

De acordo com o critério do domínio semântico da modalidade, o padrão [ser capaz], em (15), serve à expressão de *status* na RRG, isto é, situa proposição expressa pela oração

subjativa dentro do domínio da possibilidade/probabilidade, o que é característico desse domínio semântico. Da mesma forma, o padrão [capaz que], no qual a cópula é suprimida, é também meio de expressão de *status* no modelo. Como se vê, diferentemente do padrão anterior, não se trata mais de habilidade referente a um participante codificado por um NP sujeito, mas da expressão de valores ligados ao domínio epistêmico.

A análise do parâmetro relativo à camada da oração sob o seu âmbito de incidência da construção mostra que é uma oração como um todo que está sendo modificada pela construção nesses casos – *que ele acabe morrendo na cruz* e *que eu desse com o cardápio na sua testa depois da batatada que você disse*.

Como exposto na seção de metodologia, um dos critérios estabelecidos a partir do modelo hierárquico da RRG busca determinar o tipo de juntura-nexo da construção, caracterizando, portanto, a estrutura complexa na qual figura a construção investigada. A análise desse critério mostra que esses padrões da construção licenciam uma juntura de nível oracional e do tipo subordinada, diferentemente do padrão anterior. Esse posicionamento pode ser defendido considerando-se alguns apontamentos. No modelo de junção oracional proposto pela RRG, a subordinação de nível oracional pode ocorrer quando uma oração como um todo é encaixada em posição de argumento de um núcleo de um centro (Ohori, 2023, p. 532). Com efeito, isso é o que se vê nesses padrões da construção. Em casos como (15-16), as orações *que ele acabe “morrendo na cruz”* e *que eu desse com o cardápio na sua testa* são encaixadas como argumentos centrais (sujeitos) do predicado modal *capaz*. Além disso, nota-se que elas são codificadas por orações-QU (*that-clauses*), aspecto característico desse tipo de juntura-nexo (Van Valin, 2005). Essa última característica evidencia a finitude das unidades encaixadas nesses padrões da construção, o que mostra uma diferença substancial entre seus usos que expressam *status* e modalidade de raiz.

Essa diferença em termos de finitude e não finitude das unidades dependentes pode ser adequadamente explicada pela estrutura da oração em camadas: uma vez que são orações como um todo envolvidas nos casos (15-16), espera-se que a expressão de operador temporal seja possível (Ohori, 2023, p. 533), uma vez que tal operador está localizado acima da camada do centro na estrutura hierárquica da oração.

A correlação entre sintaxe e semântica da construção (ser) capaz de/que

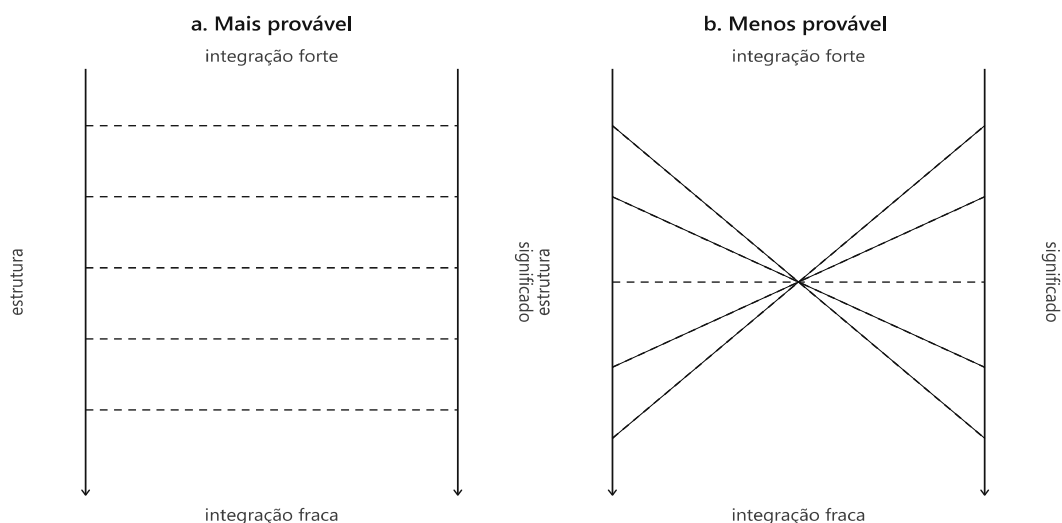
A análise proposta na seção anterior mostra que a construção (ser) *capaz de/que*, em termos da RRG, é meio de expressão de modalidade raiz (habilidade) e de *status* (modalidade epistêmica). Além disso, a análise também apontou que a construção figura em diferentes tipos de juntura-nexos. Associando cada padrão da construção a cada significado modal, conclui-se que a construção, quando denota modalidade de raiz, figura

em contexto de junção central do tipo cossubordinada e, quando denota *status*, figura em contexto de junção oracional do tipo subordinada, isto é, em um nível de junção mais alto.

Esse resultado mostra que há, nos usos da construção, uma correlação entre os aspectos semânticos (captado em termos de diferentes valores modais) e os aspectos sintáticos (captado em termos de diferentes tipos de junção-nexos). No modelo da RRG, essa correlação pode ser modelada considerando-se a Hierarquia das Relações Interoracionais (*Interclausal Relations Hierarchy* – IRH) (Van Valin; Wilkins, 1993, p. 514), que lida com o mapeamento entre as relações semânticas com os tipos sintáticos.

AIRH prediz que relações semânticas mais abstratas tendem a ser codificadas por junções sintáticas mais altas (Van Valin; LaPolla, 1997, p. 480), o que mostra uma relação icônica entre sintaxe e semântica na junção oracional. Conforme apontado na seção *Construções complexas na RRG*, o princípio primário que regula a relação entre as relações semânticas e sintáticas é: quanto mais integradas são as proposições expressas no complexo sentencial, mais integradas elas também serão no plano sintático. O mapeamento entre esses dois planos pode ser esquematizado na seguinte figura:

Figura 3. Correlação entre significado e forma em estruturas complexas



Fonte: Adaptado de Ohori (2023, p. 546)

O que a figura (3) mostra é uma generalização tipológica feita pela RRG no que tange à correlação entre significado e forma das construções complexas (Ohori, 2023, p. 545-546), que assim se enuncia: uma construção associada a uma relação semântica mais alta também estará associada a um tipo sintático elevado hierarquicamente (em termos

de juntura). Isto é, o cenário mais provável de acontecer é o cenário ilustrado no lado (a) da figura 2 acima.

É precisamente isso que ocorre com a construção *(ser) capaz de/que* no português: ao expressar modalidade de raiz, que é um domínio modal mais concreto se comparado ao domínio epistêmico, a construção licencia uma juntura sintática mais baixa (que se reflete em ambiente sintático mais integrado). E, ao expressar *status*, que é um domínio modal mais abstrato do que a modalidade raiz, a construção licencia uma juntura sintática mais alta, mostrando, portanto, uma relação icônica entre forma e função.

As determinações hierárquicas concernentes às unidades das estruturas complexas licenciadas por predicados implicam também em diferentes hierarquizações entre diferentes aspectos. De acordo com Van Valin (2005, p. 211), uma aproximação inicial pode ser formada em termos de:

17. Hierarquia temporal: fases de um único evento > eventos simultâneos > eventos em sequência > não especificado

18. Hierarquia causal: física > verbal > subespecificado > inferido

19. Disposição mental do participante: intenção > percepção > crença > conhecimento

20. Hierarquia da necessidade de participante compartilhado: Sim > Não (Van Valin, 2005, p. 211)

No que tange à construção *(ser) capaz de/que*, parece que as hierarquias mais salientes são a temporal e a da necessidade de participante compartilhado. Como foi proposto nas análises acima, quando expressa modalidade de raiz, ela mostra combinatória com construção infinitiva, fazendo com que a referência temporal da oração em posição de complemento seja dependente da matriz. Por outro lado, quando a construção denota *status* (superior na hierarquia), a expressão de tempo da oração dependente é encontrada. No que se refere aos participantes, a construção requer compartilhamento semântico de argumento em seu significado de raiz, diferentemente do que ocorre em sua expressão de *status*.

Referências

BASSI, A.; GÖRSKI, E. M. A Multifuncionalidade do item: uma abordagem baseada no uso. *Alfa: Revista de Linguística* (São José do Rio Preto), v. 58, n. 3, p. 593-622, jul. 2014. FapUNIFESP (SciELO). DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1409-4>.

BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). *Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge University Press, 2023.

BUTLER, C. S. *Structure and Function: A Guide to Three Major Structural-Functional Theories* (Studies in Language Companion Series 63 and 64). Amsterdam and Philadelphia, PA: Benjamins, 2003.

BUTLER, C. S.; TAVERNIERS, M. Layering in structural-functional grammars. *Linguistics*, v. 46, n. 4, p. 689-756, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1515/LING.2008.024>

GIVÓN, T. The binding hierarchy and the typology of complements. *Studies in Languages*, v. 4, p. 333-377, 1980.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. Edition. London: Arnold, 2004.

HENGVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*. A typologically based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEWIS, G. L. *Turkish Grammar*. Oxford: Clarendon Press, 1967.

OHORI, T. The Structure and Semantics of Complex Sentences. In: BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). *Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023, p. 525-556.

PETERSON, J. Lexical and Grammatical Categories in RRG. In: BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). *Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023. p. 181-217.

RODRIGUES, P.; LUNGUINHO, M. V. A pragmaticalização de capaz em português brasileiro e a codificação da atitude do falante. *Revista de Estudos da Linguagem*, Faculdade de Letras da UFMG, v. 27, n. 2, p. 549, 25 fev. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.27.2.549-574>.

TEIXEIRA, L. R.; GRITTI, L. L.; KOSLINSKI, E. Algumas considerações semântico-pragmáticas sobre "capaz". *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Universidade Estadual de Campinas, v. 61, p. 1-25, 23 abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/cel.v61i0.8654342>.

VAN VALIN, R. D. Jr.; LAPOLLA, R. J. *Syntax: Structure, meaning, and function*. Cambridge: CUP, 1997.



VAN VALIN, R. D. Jr. Principles of Role and Reference Grammar. In: BENTLEY, D.; MAIRAL, R.; NAKAMURA, W.; VAN VALIN, R. (ed.). Cambridge Handbook of Role and Reference Grammar. Cambridge University Press, 2023. p. 17-180.

VAN VALIN, R. (ed.). *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993.

VAN VALIN, R.; WILKINS, D. P. Predicting syntactic structure from semantics. In: VAN VALIN, R. (ed.). *Advances in Role and Reference Grammar*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 499-534.

VAN VALIN, R. Jr. *Exploring the Syntax-Semantics Interface*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

A produção da concordância por atração no PB: uma investigação experimental

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3825>

Lilian Silva Scher¹

Thiago Oliveira da Motta Sampaio²

Resumo

O presente trabalho busca investigar a produção da concordância verbal de número por atração no português brasileiro (PB) a partir da proposta teórica *de Feature e Controller Selection* (Franck, 2017). Segundo o modelo, a atração ocorreria devido à seleção incorreta do elemento que funcionará como controlador do processo de concordância, devido à similaridade de traços entre o núcleo do sujeito e o elemento atrator. Foi desenvolvido um experimento a partir da utilização da técnica de produção induzida de erros, manipulando a animacidade dos substantivos e a altura hierárquica do atrator. Os resultados obtidos vão na direção das hipóteses adotadas e dos pressupostos assumidos no modelo investigado, sugerindo que o aumento da similaridade entre atrator e controlador típico pode estar relacionado com a produção da concordância por atração.

Palavras-chave: concordância por atração; concordância de número; concordância verbal; produção da linguagem.

1 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; scherlilian@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-9717-5920>

2 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; mottakun@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4153-0772>

The production of agreement attraction in BP: an experimental study

Abstract

This study aims to investigate the production of verbal number agreement by attraction in Brazilian Portuguese (BP) based on the theoretical proposal of Feature and Controller Selection (Franck, 2017). According to the model, attraction occurs due to the incorrect selection of the element that will function as the controller of the agreement process, resulting from the similarity of features between the subject's head and the attractor element. A production experiment was developed using the error-induced production technique, manipulating the animacy of nouns and the hierarchical height of the attractor. The results obtained support the hypotheses adopted and the assumptions made in the investigated model, suggesting that the increase in similarity between the attractor and the typical controller may be related to the production of agreement attraction.

Keywords: agreement attraction; number agreement; subject-verb agreement; language production.

Introdução³

O fenômeno da concordância e, de forma mais específica, a concordância de número estabelecida entre o núcleo do sujeito e um verbo de uma sentença, tem sido amplamente investigado na literatura psicolinguística como um fenômeno capaz de impulsionar o conhecimento teórico acerca dos processos envolvidos na produção de uma sentença, principalmente através do estudo da produção dos erros envolvidos na computação da concordância. O foco dessa literatura, portanto, está na investigação dos chamados erros de atração, gerados quando o falante produz o fenômeno denominado na literatura de concordância por atração. Inicialmente, vale ressaltar que a nomenclatura “erro” é concebida neste trabalho como correspondente a uma falha em algum momento do processamento da concordância que leva ao tipo de produção em questão. No caso do erro de atração, a concordância não é estabelecida tipicamente entre o núcleo do sujeito e o verbo da sentença, mas entre um outro sintagma nominal (doravante, NP) interveniente, denominado de nome local ou nome atrator, e o verbo, como exemplificado abaixo:

1. A análise dos documentos mostrou uma inconsistência nos dados.
2. A análise dos documentos mostraram uma inconsistência nos dados.

Em (1), temos um caso de produção de concordância típica, no qual o verbo “mostrou” está no singular concordando com o núcleo do NP sujeito “a análise”, ainda que exista um

³ O presente artigo deriva de uma tese de doutorado em andamento.

NP interveniente entre os dois elementos. Já em (2), temos um erro de atração, uma vez que o verbo está no plural e concorda com o nome local “dos documentos” inserido em um sintagma preposicional modificador do NP sujeito.

Portanto, considerando que esse tipo de produção tem sido atestado em diversas línguas, a concordância por atração tem recebido atenção da literatura psicolinguística como uma forma de compreender os contextos favoráveis à produção do erro, o que pode funcionar como uma espécie de janela para uma compreensão dos processos envolvidos no estabelecimento da concordância e, de forma mais geral, na produção de sentenças como um todo (Rodrigues, 2006). Ademais, considerando que essa literatura tem se pautado principalmente em relação ao objetivo de compreender possíveis influências de fatores semânticos, sintáticos e morfofonológicos na geração do erro de atração, os resultados encontrados podem ser discutidos em relação às etapas consideradas no processo de produção de sentenças e à possibilidade de haver uma interação ou não entre elas e entre as representações linguísticas trabalhadas em cada uma. Portanto, o estudo da concordância por atração pode contribuir para uma melhor compreensão dos processos mentais realizados ao produzirmos uma sentença e ao computarmos a concordância de número entre elementos da mesma, fornecendo dados empíricos que são frequentemente utilizados como base para o desenvolvimento de propostas teóricas sobre a produção de sentenças na literatura.

Considerando os pontos levantados e a importância do estudo do fenômeno em questão, o presente trabalho busca investigar a produção do fenômeno de atração no âmbito da concordância verbal de número no português brasileiro (PB) através da proposta teórica desenvolvida por Franck (2017) e denominada de *Feature and Controller Selection*, segundo a qual o erro de atração aconteceria devido à seleção incorreta do elemento controlador da concordância, cujos traços seriam erroneamente transmitidos ao verbo. Para tanto, investigamos fatores semânticos e sintáticos apontados pela autora como capazes de aumentar a similaridade entre o controlador típico (núcleo do sujeito) e o elemento atrator, uma vez que, em resumo, a seleção do elemento controlador aconteceria através de um mecanismo de recuperação baseado em pistas na memória. Para tanto, desenvolvemos um experimento de produção utilizando a técnica de produção induzida de erros, averiguando a influência da animacidade dos substantivos e da posição hierárquica dos elementos na produção da concordância por atração.

O presente trabalho se organiza da seguinte forma: na primeira seção, revisamos os principais efeitos semânticos, sintáticos e morfofonológicos discutidos na literatura; na segunda, destacamos duas propostas teóricas influentes acerca de como o erro de atração seria produzido, dentre elas, a proposta de *Feature and Controller Selection*; na terceira seção, apresentamos o experimento de produção desenvolvido, detalhando o método e os procedimentos envolvidos e, então, indicamos e discutimos os principais resultados encontrados. Por fim, na última seção, evidenciamos as principais conclusões decorrentes dos resultados.

Revisão da literatura: efeitos morfofonológicos, sintáticos e semânticos

Como contextualizado na introdução, o estudo da concordância por atração na literatura psicolinguística envolve a investigação de determinados fatores semânticos, sintáticos e morfofonológicos buscando compreender em que medida seus efeitos podem influenciar ou não na produção de um erro de atração em substituição à produção típica da concordância verbal. Esses estudos têm utilizado, majoritariamente, o método experimental e a técnica introduzida por Bock e Miller (1991), a qual denominaremos de *técnica de produção induzida de erros* (Rodrigues, 2006). Nessa tarefa experimental, o objetivo é fazer com que o participante produza um erro de atração através da apresentação inicial de um preâmbulo, ou seja, um início de uma sentença que normalmente corresponde ao NP sujeito, composto por um núcleo que é modificado por um nome atrator. A tarefa do participante, portanto, é repetir o preâmbulo e completar a sentença conjugando o verbo, pois, dessa forma, é possível observar se foi produzida uma concordância típica ou um erro de atração. Ainda que possa apresentar algumas variações a depender do objetivo específico de cada estudo, a técnica de produção induzida de erros se mostra, desde o primeiro trabalho, produtiva para a investigação do fenômeno em questão, uma vez que gera a produção do erro em um ambiente controlado, facilitando a manipulação dos fatores de interesse de cada pesquisa específica. Nesta seção, revisaremos, portanto, os efeitos mais discutidos na literatura, sejam eles de natureza semântica, sintática e morfofonológica, apontando os principais consensos, mas também os pontos que ainda se mostram bastante controversos ao considerarmos um panorama geral.

Iniciando com os efeitos de natureza morfofonológica, desde a investigação inicial de Bock e Miller (1991), um resultado tem sido amplamente replicado pelos trabalhos posteriores, vale ressaltar que em diferentes línguas, e corresponde ao maior consenso observado na literatura sobre o fenômeno (Eberhard, 1997; Vigliocco; Nicol, 1998; Franck; Vigliocco; Nicol, 2002; Bock *et al.*, 2001, dentre outros). Esse resultado ficou conhecido como um efeito de assimetria entre a atração desencadeada por nomes locais singulares e plurais, uma vez que a grande maioria dos experimentos desenvolvidos encontra um índice de erro de atração significativamente maior para estruturas em que o núcleo está no singular e o nome atrator no plural, em comparação com estruturas em que o núcleo se encontra marcado no plural e o nome atrator no singular. Esse efeito tem sido explicado principalmente através da proposta de Bock e Eberhard (1993), segundo a qual a assimetria no efeito de atração desencadeado reflete, na verdade, uma assimetria encontrada na própria marcação do traço de número. O resultado frequente de que nomes atratores plurais geram mais atração estaria relacionado com o fato de que esses substantivos teriam um traço adicional de número, enquanto os singulares não, já que corresponderiam à marcação *default*. Portanto, durante a implementação da concordância, a presença de um nome atrator com o traço adicional de plural ativado seria capaz de influenciar na marcação de número do verbo por se sobressair ao traço *default* do núcleo no singular, gerando, assim, mais erros de concordância. Da mesma forma, a presença de um nome

atrator singular, por não apresentar a marcação adicional, não conseguiria interferir na concordância com o verbo na maioria das vezes. Essa explicação, no entanto, está diretamente relacionada com propostas teóricas presentes na literatura que assumem um mecanismo de percolação de traços na estrutura sintática da sentença como responsável pela implementação da concordância, e, conseqüentemente, pela produção do erro de atração. Em síntese, o traço adicional de plural seria capaz de percolar pela estrutura arbórea até o momento da concordância com o verbo, enquanto a marcação *default* de singular não.

Para os propósitos da presente revisão dos efeitos morfofonológicos, vale destacar também experimentos cujo intuito foi de identificar a natureza do traço de número relevante para a implementação da concordância. Trabalhos como os de Bock e Eberhard (1993) e Haskell e MacDonald (2003) defendem que o aspecto puramente fonológico relacionado à marcação de plural não é capaz de induzir erros de atração, como nomes atratores considerados pseudoplurais por terminarem com segmento fonológico de /s/ ou /z/. Aspectos relacionados à regularidade da marcação de plural em substantivos no inglês também foram investigados, mas esse resultado ainda não se mostra tão consensual, já que, por exemplo, Bock e Eberhard (1993) não encontram um efeito desse fator, enquanto Haskell e MacDonald (2003) encontram apenas em sentenças com estruturas mais específicas, marcadas por preâmbulos experimentais influenciados também pelo fator semântico de coletividade. Ainda que o efeito de assimetria esteja frequentemente presente nas investigações experimentais sobre o fenômeno, efeitos semânticos e sintáticos têm recebido uma atenção maior das pesquisas desenvolvidas não só no inglês, mas em outras línguas como francês, italiano, holandês e outras.

No que tange aos efeitos sintáticos, desde os trabalhos mais antigos, busca-se entender qual o papel de fatores como a distância linear e hierárquica entre os elementos, assim como o tipo de modificador em que o nome atrator está inserido, considerando a possibilidade de estar dentro de um sintagma preposicional (PP) ou de uma oração relativa. Resultados como os encontrados por Bock e Miller (1991) e Bock e Cutting (1992) sugerem que estruturas em que o nome atrator está inserido em um PP estão relacionadas com um índice maior de erros de atração em comparação com as que apresentam uma oração relativa modificando o NP sujeito. Bock e Cutting (1992) explicam esse resultado através de uma proposta denominada de *empacotamento oracional*, na qual assume-se que cada oração funcionaria como uma ilha e, por isso, o estabelecimento da concordância seria isolado de uma oração para a outra, o que levaria ao fato de que a atração desencadeada por um nome atrator inserido em uma relativa seria muito mais fraca em comparação com as sentenças em que está inserido em um PP modificador do sujeito. No âmbito da distância linear e hierárquica, há uma tendência nos dados reportados na literatura em relação a uma maior influência da distância hierárquica entre o nome atrator e o núcleo do sujeito em comparação com a distância linear entre atrator e verbo na sentença (Vigliocco; Nicol, 1998; Franck; Vigliocco; Nicol, 2002; Rodrigues, 2006 no PB). Uma consequência desse resultado corresponde ao fato de que as propostas teóricas

desenvolvidas para explicar o fenômeno da atração assumem um papel importante para a organização sintática da sentença na ocorrência dos erros de atração, como será possível observar na próxima seção.

Por fim, no que concerne aos efeitos semânticos, muitos dos trabalhos desenvolvidos objetivaram observar algum aspecto da influência de fatores semânticos na produção do erro de atração visando compreender até que ponto esses fatores são capazes de influenciar na implementação da concordância como um todo. Uma das questões mais presentes diz respeito à influência do fator de distributividade, haja vista que NP sujeitos modificados por um PP podem ser interpretados de formas diferentes em relação à ideia pluralidade que refletem. Por exemplo, o preâmbulo “O rótulo nas garrafas”⁴, ainda que gramaticalmente singular, permite uma interpretação de múltiplos rótulos, já que “nas garrafas” está no plural e teríamos, assim, um rótulo para cada garrafa. Uma possível diferença entre preâmbulos distributivos como o exemplo anterior e preâmbulos que não permitem esse tipo de interpretação corresponde a um efeito semântico bastante investigado, principalmente porque não existe ainda um consenso na literatura. Inicialmente, Bock e Miller (1991) não encontram uma influência da distributividade no inglês, enquanto Vigliocco, Butterworth e Semenza (1995) encontram no italiano, Vigliocco, Butterworth e Garrett (1996) no espanhol e Vigliocco *et al.* (1996) no holandês e no francês. No entanto, posteriormente, trabalhos como o de Eberhard (1999) apresentam resultados conflitantes com o de Bock e Miller (1991) no inglês, sugerindo que a distributividade é capaz de influenciar também no inglês e que a falta de influência não estaria relacionada com características estruturais do inglês, mas com a falta de concretude dos preâmbulos utilizados por Bock e Miller (1991).

Outros efeitos como de integração semântica e concretude também estão presentes em alguns trabalhos. No entanto, considerando os objetivos da presente pesquisa que serão retomados posteriormente, ressaltaremos os resultados acerca da animacidade dos substantivos envolvidos na sentença que, em contraposição aos demais efeitos semânticos, ainda são bastante escassos. Enquanto nos experimentos iniciais de Bock e Miller (1991) os autores entendem que a animacidade seria relevante para a identificação do sujeito, mas não teria um papel direto na computação da concordância verbal, os dados de Barker, Nicol e Garrett (2001) sugerem que a produção de erros de atração é maior quando o núcleo do sujeito e o nome atrator possuem o mesmo traço de animacidade, seja ele animado ou inanimado. Entretanto, parece haver uma tendência no sentido de núcleos animados diminuir o índice de atração e de existir sobreposição entre a animacidade e outros traços semânticos, como de integração semântica entre os elementos integrantes do NP sujeito. Em resumo, a animacidade ainda é pouco explorada dentre os efeitos semânticos, principalmente em relação à distributividade que ganhou destaque com a comparação entre línguas com características estruturais diferentes.

4 Exemplos retirados e traduzidos de Vigliocco, Butterworth e Semenza (1995, p. 187).

Essa revisão, ainda que breve, é importante para que possamos perceber a relação entre os resultados empíricos coletados na literatura com o desenvolvimento de propostas teóricas que expliquem como os erros de atração são gerados e como tais efeitos podem influenciar nesse processo. Na próxima seção, portanto, destacaremos duas dessas teorias, uma bastante proeminente nessa linha de pesquisa, mas também alvo de críticas, e uma mais recente que busca ser uma alternativa à primeira.

Propostas teóricas: *Marking e Morphing e Feature e Controller Selection*

À medida que os efeitos apresentados anteriormente foram sendo investigados experimentalmente, alguns autores se dedicaram a propor teorias acerca da produção do fenômeno de atração, tentando dar conta dos resultados e relacionando suas propostas teóricas com modelos de produção que consideram todos os aspectos relacionados ao processo de gerar uma sentença e não só aqueles relacionados à implementação da concordância (Garrett, 1975; Levelt, 1993; Dell, 1986, dentre outros), embora não esteja nos objetivos deste artigo detalhá-los.

Uma das propostas mais discutidas diz respeito ao modelo denominado de *Marking e Morphing* (Bock *et al.*, 2001; Bock; Eberhard; Cutting, 2004). Baseado em modelos de produção classificados como não-interativos, por não assumirem interação entre representações de diferentes etapas do processo, e unidirecionais, por assumirem que as etapas devem ser realizadas em uma única direção, sem que seja possível acontecer *feedback*, o modelo de *Marking e Morphing* (M&M) se baseia em duas operações distintas, *number marking* e *number morphing*, para explicar o processo de implementação da concordância durante a produção de uma sentença. Segundo esse modelo, a primeira operação seria responsável por traduzir a noção de número dos NPs gerada durante o nível de conceptualização da mensagem a ser passada em um traço gramatical. Já a segunda operação seria responsável por transmitir o traço de número do núcleo para o verbo e por conciliar o traço gramatical selecionado em *marking* com possíveis especificações de número do léxico selecionado, nos casos em que há algum tipo de conflito.

Em resumo, segundo essa proposta, o fenômeno da atração também ocorreria durante a etapa de *morphing* através de um mecanismo de percolação dos traços na estrutura hierárquica. Assim, o traço de número do nome atrator poderia percolar até o nó da estrutura em que seria selecionado o traço de número do NP sujeito como um todo e então transmitido ao verbo. Assume-se também a influência da distância hierárquica entre atrator e o núcleo, com atratores mais altos gerando mais erros de atração e de assimetria no traço de singular e plural, com atratores plurais podendo ter seu traço adicional de número percolando na estrutura e influenciando na concordância. Ademais, vale destacar que o modelo, por ser basear em propostas seriais e não-interativas de produção, assume que *marking* aconteceria antes de *morphing* e em um momento da

produção em que efeitos semânticos poderiam exercer algum tipo de influência, enquanto no *morphing* não haveria esses efeitos. Apesar de ser a proposta mais disseminada na literatura, *Marking e Morphing* é constantemente criticada por não detalhar as configurações sintáticas em que *morphing* ocorreria, por isolar essa operação de efeitos semânticos advindos do nome atrator já reportados na literatura, dentre outras questões passíveis de críticas (Franck, 2017; Rodrigues, 2006; Wagers; Lau; Phillips, 2009; Franck *et al.*, 2008). Por esse motivo, outros pesquisadores tentaram propor modelos teóricos alternativos a esse, como o recentemente desenvolvido por Franck (2017).

Denominada de *Feature e Controller Selection*, a proposta de Franck (2017) também toma como base duas operações funcionais, mas entendidas de uma forma significativamente diferente do modelo anterior. A primeira, *Feature Selection*, seria responsável pela seleção dos traços gramaticais dos NPs no léxico de acordo com as informações nocionais geradas na conceptualização da mensagem, enquanto *Controller Selection* seria responsável pela seleção do elemento controlador da concordância, cujos traços serão transmitidos para o alvo. Para Franck (2017), o fenômeno da concordância por atração aconteceria devido à seleção incorreta do elemento atrator, que, nesse caso, seria o nome atrator em substituição ao núcleo do sujeito. Um dos pontos diferentes de M&M diz respeito ao fato de que a autora coloca um papel bastante importante para a memória em sua concepção, já que a seleção do controlador seria feita através de um mecanismo de recuperação baseado em pistas, com base na proposta de Badecker e Kuminiak (2007). Esse mecanismo levaria em conta pistas relacionadas aos traços típicos de elementos controladores. Dessa forma, quanto mais similar o elemento atrator for em relação ao controlador típico, maior a chance de ser erroneamente selecionado como controlador e de levar à produção de um erro de atração.

Essa similaridade estaria relacionada com fatores de natureza semântica, morfofonológica e sintática. Por exemplo, em relação aos fatores semânticos, Franck (2017) revisa os principais resultados experimentais da literatura, destacando a influência da distributividade, da animacidade, integração semântica, entre outros. No âmbito dos fatores sintáticos, temos como exemplo a posição hierárquica do atrator e de uma possível relação de c-comando com o verbo. Já nos fatores morfossintáticos, a autora cita o efeito de assimetria e de marcação de caso. Concluindo, esses fatores estariam relacionados com o nível de similaridade entre núcleo do sujeito e elemento atrator, podendo levar a uma maior probabilidade do atrator ser selecionado como controlador da concordância. Vale destacar, por fim, que, diferentemente do proposto em M&M, Franck (2017) defende que as três naturezas de efeitos citadas acima poderiam influenciar nas duas operações consideradas, mas desenvolve uma revisão da literatura separando as possíveis influências em cada etapa.

Considerando que *Marking e Morphing*, apesar de ser um modelo mais tradicional, recebe críticas de naturezas distintas na literatura e não consegue dar conta de alguns dos efeitos

reportados na mesma, o presente trabalho busca investigar diretamente os pressupostos e os efeitos relacionados à similaridade entre controlador típico e atrator assumidos no modelo de Franck (2017) através da utilização da metodologia experimental, com a técnica de produção induzida de erros. Na próxima seção, detalhamos o desenvolvimento do experimento em questão, bem como os principais resultados e conclusões obtidos a partir dele.

Experimento de produção: a atração segundo *Feature e Controller Selection*

A presente pesquisa tem como objetivo principal investigar os pressupostos teóricos assumidos no modelo *Feature e Controller Selection* proposto por Franck (2017), especificamente a proposta de que a produção da concordância por atração ocorre devido à seleção incorreta do elemento controlador da concordância através de um mecanismo de recuperação na memória que tem como base a similaridade semântica, sintática e morfofonológica do nome atrator em relação ao núcleo do sujeito. Dentre os efeitos apontados pela autora como capazes de aumentar a similaridade entre os dois elementos e, portanto, de levar a um índice maior de erros de atração, optamos por investigar diretamente um efeito classificado como semântico e um como sintático. Para o efeito semântico, foi selecionado o fator *animacidade* dos NPs pertencentes ao NP sujeito, haja vista que essa variável ainda é pouco explorada e apresenta resultados controversos na literatura. No âmbito dos fatores sintáticos, foi selecionado o fator *altura hierárquica* do elemento atrator na estrutura da sentença, considerando a relevância e a pertinência desse efeito na literatura em diferentes línguas.

Para atingir os objetivos acima, foi desenvolvido um experimento de produção no PB com a utilização da técnica de *produção induzida de erros*, já apontada anteriormente como produtiva para a investigação do fenômeno em questão, uma vez que temos como objetivo induzir a produção do erro em contextos linguísticos controlados. Na tarefa experimental proposta, era apresentado, no formato de áudio, um preâmbulo que correspondia ao NP sujeito complexo de uma sentença, neste caso, formado por um núcleo (NP1) e por dois PPs modificadores (NP2 e NP3), como exemplificado em (3):

3. A mãe (NP1) dos colegas (NP2) do estudante (NP3).

A utilização de dois sintagmas modificadores foi feita com o intuito de investigar a altura do NP atrator, já que, nesse tipo de estrutura, o elemento atrator posicionado em NP2 está mais alto na estrutura hierárquica e mais perto do núcleo em comparação com NP3 (Franck; Vigliocco; Nicol, 2002; Rodrigues, 2006). Após a escuta do preâmbulo, o participante visualizava na tela de um computador um pseudo-verbo no infinitivo, e o mesmo era instruído a utilizá-lo para completar a frase, conjugando-o no presente. Os pseudo-verbos foram escolhidos por neutralizarem possíveis questões de frequência de

utilização e de significado dos verbos, uma vez que Rodrigues (2006) encontra resultados positivos quanto a sua utilização no PB. Após a conjugação do verbo, o participante era instruído a finalizar a sentença de forma livre. Na figura abaixo, ilustramos a técnica de produção induzida de erros, da forma como foi concebida neste experimento.

Figura 1. Exemplo da técnica experimental



Fonte: Elaboração própria

As variáveis independentes foram a *altura do NP atrator*, que poderia estar alto ou baixo, e a animacidade dos três NPs presentes no preâmbulo: *animacidade do NP1*, *animacidade do NP2* e *animacidade do NP3*, que poderiam ser animados ou inanimados. A variável dependente correspondia à quantidade de erros de atração produzida. Em relação às demais escolhas metodológicas, vale ressaltar alguns pontos. Em primeiro lugar, considerando o efeito consensual de assimetria, a informação de número dos NPs foi controlada, de forma que o nome atrator sempre estivesse no plural e o núcleo sempre no singular. Em segundo lugar, a animacidade do NP1 gerou duas versões do experimento (versão 1: animado/ versão 2: inanimado), com o intuito de não deixar a tarefa demorada e cansativa para os participantes, uma vez que isso poderia influenciar nos dados obtidos. A elaboração dos pseudo-verbos também foi controlada seguindo o padrão de verbos do PB da 1ª conjugação terminados em -ar, e com duas sílabas formadas por uma consoante e uma vogal, como em “mecar” e “gupar”.

No total, o experimento constou com 64 preâmbulos, sendo que 32 correspondiam aos experimentais e 32 distratores, os quais apresentavam todos os sintagmas nominais no singular e introduzidos por preposições como “para” e “com”, bem como pseudo-verbos seguindo o padrão de verbos do PB terminados em “-er” e “-ir”.

No que tange às hipóteses e previsões dos dados, a partir dos pressupostos teóricos do modelo investigado, esperamos que a similaridade semântica e sintática entre núcleo e nome atrator deve gerar mais erros de atração. Assim, as condições em que o núcleo e o atrator apresentam o mesmo traço de animacidade, seja ele animado ou inanimado, e em que o nome atrator está localizado na posição de NP2 devem gerar um índice de erros maiores em comparação com as demais. Por fim, uma vez que ambos os fatores são apontados como relevantes no modelo, deve haver uma interação entre a influência das variáveis, já que a similaridade seria ainda maior quando os dois apresentam o mesmo traço de animacidade e com o atrator estando na posição mais alta da estrutura.

Procedimentos e materiais

Antes de iniciar a aplicação do experimento, o projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas (CAAE: 67093423.3.0000.8142) e da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAAE: 67093423.3.3002.5147). A tarefa era aplicada individualmente em uma sala reservada sem interrupções, apenas com o participante e a pesquisadora, e cada seção demorou entre 15 e 20 minutos. Antes de iniciar o experimento de fato, o participante era apresentado ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, após a sua leitura e consentimento, as instruções eram passadas até que ele se mostrasse pronto para a realização da tarefa. Foi elaborado também um breve treinamento com três preâmbulos distratores com o intuito de sanar possíveis dúvidas.

No que tange aos materiais utilizados, para a escuta dos preâmbulos e gravação das sentenças produzidas, os participantes deveriam colocar um fone de ouvido com microfone acoplado do modelo JBLT510BTBLK. O mesmo aparelho foi utilizado para a gravação dos preâmbulos feita pela pesquisadora. Para a elaboração do experimento, foi utilizado o *software* PsychoPy 3 (versão 2023.2.0), desenvolvido para Python. Tanto a gravação dos preâmbulos, quanto a análise e manipulação das gravações dos participantes foram feitas através do *software* Audacity. Por fim, os dados coletados foram anotados manualmente no programa Microsoft Excel.

Participaram do experimento 38 falantes nativos do PB, todos adultos com o limite de idade estipulado entre 18 e 40 anos, com ensino superior em andamento ou completo. No entanto, os dados referentes a dois participantes foram desconsiderados, uma vez que não seguiram o tipo de estrutura das sentenças solicitado para a tarefa, totalizando 36 participantes considerados para a análise dos dados a seguir.

Resultados

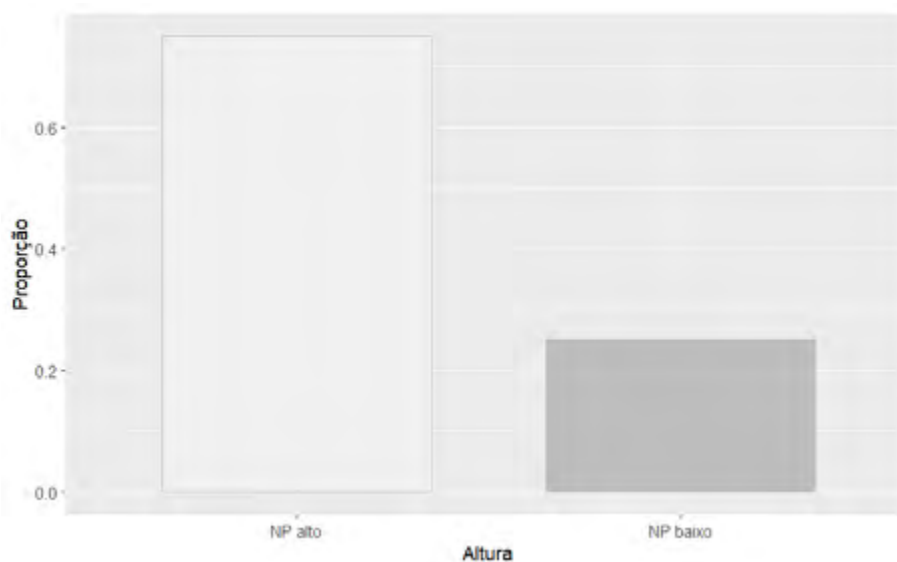
Para a análise estatística dos dados coletados, foram desconsideradas produções específicas que não seguiam os seguintes critérios: (1) repetir exatamente o preâmbulo escutado, sem modificar os nomes e suas respectivas informações de número, (2) completar o preâmbulo conjugando o verbo imediatamente após o NP3, (3) produzir o pseudo-verbo experimental no tempo presente e na primeira conjugação, uma vez que algumas modificações poderiam prejudicar ou influenciar de alguma forma a análise do fenômeno.

A variável dependente foi tratada na análise em questão como uma variável categórica binária, tendo em vista que o participante poderia produzir o verbo no singular, considerado um caso de concordância típica, ou no plural, considerado um erro de atração, haja vista que a informação de número do núcleo foi controlada sempre no singular e a do nome

atrator no plural. No total, foram produzidas 979 sentenças que atendiam aos critérios estipulados anteriormente. Desse total, 967 (98,8%) correspondem a sentenças em que o participante produziu uma concordância de número típica entre verbo e núcleo do NP sujeito, e 12 (1,2%) correspondem a sentenças nas quais o verbo produzido estava no plural, ou seja, representavam produções de erros de atração.

Em um primeiro momento, a análise estatística foi desenvolvida de forma a observar possíveis influências das variáveis independentes isoladamente. No que concerne à variável *altura do NP atrator*, em termos de proporção, foram produzidos mais erros de atração (verbo no plural) nas estruturas em que o NP atrator estava localizado na posição mais alta (NP2), em comparação com a posição mais baixa (NP3), como podemos verificar no Gráfico 1. Essa diferença se mostrou apenas marginalmente significativa no teste de qui-quadrado ($X^2 = 3(1), p = 0,083$).

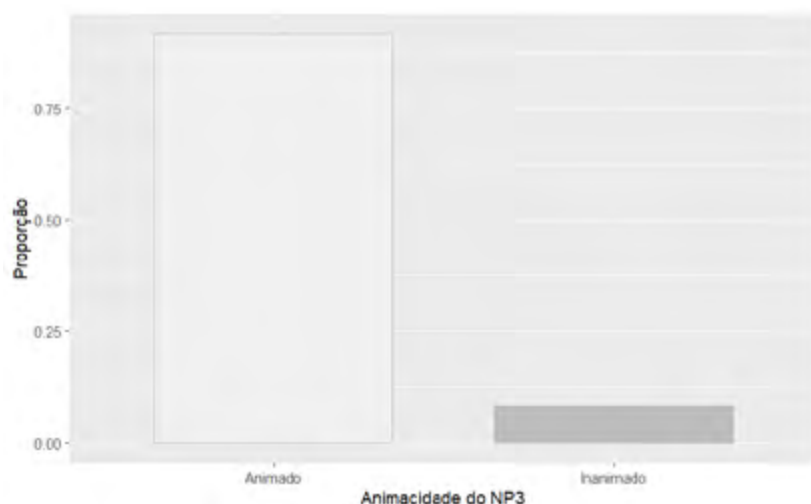
Gráfico 1. Proporção de erro de atração por altura do NP atrator



Fonte: Elaboração própria

No âmbito da *animacidade* dos três sintagmas nominais pertencentes ao NP sujeito, foi encontrada uma diferença significativa apenas para a variável *animacidade do NP3* de forma que foram produzidos mais erros nas condições com NP3 animado em comparação com as sentenças com NP inanimado ($X^2 = 8,33 (1), p < 0,05$). A *animacidade do NP1* e do *NP2* não acarretou diferenças significativas na indução do erro com a aplicação do teste inferencial ($X^2 = 1,33 (1), p = 0,2482$).

Gráfico 2. Proporção de erro de atração por animacidade do NP3



Fonte: Elaboração própria

Após verificar a influência de cada variável de forma independente, foi realizado um teste multivariado de acordo com a variável dependente categórica binária. Nesse caso, foi realizado um modelo de regressão logística de efeitos mistos, tendo a variável *participante* como aleatória e as variáveis *altura do NP atrator*, *animacidade do NP1*, *animacidade do NP2* e *animacidade do NP3* como variáveis fixas. A utilização desse teste se mostra importante para a presente discussão uma vez que permite a análise de possíveis interações entre as variáveis predictoras consideradas, principalmente porque as próprias hipóteses elaboradas preveem uma interação tanto no âmbito da animacidade entre os sintagmas nominais, quanto em sua relação com a altura do elemento atrator na estrutura hierárquica. Os resultados do modelo se encontram na Tabela 1.

Tabela 1. Modelo de regressão logística de efeitos mistos

Variável	Estimativa (logOdds)	Erro Padrão	valor-z	valor-p
Intercepto	-3.6996	0.8612	-4.296	1.74e-05
Altura do NP atrator: alto (valor de referência) baixo	-1.2114	0.6876	-1.762	0.0781
Animacidade NP1: animado (valor de referência) inanimado	-1.2858	1.2429	-1.034	0.3009
Animacidade NP2: animado (valor de referência) inanimado	-1.1751	1.1721	-1.003	0.3161

Animacidade NP3: animado (valor de referência) inanimado	-2.5697	1.0554	-2.435	0.0149
Animacidade NP1: Animacidade NP2 animado: animado inanimado: inanimado	3.3598	1.6026	2.097	0.0360

Fonte: Elaboração própria

De forma semelhante aos resultados dos testes de qui-quadrado, o modelo acima aponta uma diferença significativa entre condições com NP3 animado e inanimado ($p < 0.05$), com preâmbulos apresentando NP3 inanimado desfavorecendo a produção do erro de atração e favorecendo a produção da concordância típica com o núcleo do sujeito (Estimativa = -2.5697 logOdds). Além disso, os resultados referentes à altura do NP atrator continuam marginalmente significativos, mas, observando as estimativas em logOdds, podemos verificar que as condições experimentais com atrator baixo tendem a desfavorecer a produção do erro e, conseqüentemente, favorecer a produção da concordância típica (Estimativa = -1.2114 logOdds).

Em relação à animacidade do NP1 e do NP2, as duas variáveis fixas continuam sem influências significativas na variável dependente, mas a interação entre as duas se mostra significativa no modelo ($p < 0.05$), de forma que as condições experimentais com NP1 e NP2 inanimados favorecem a produção dos erros de atração (Estimativa = 3.3598 logOdds). Análises do modelo acima conduzidas posteriormente sugerem que o modelo apresenta um Coeficiente de Concordância de 0.833, considerado como excelente segundo Hosmer e Lemeshow (2000 *apud* Oushiro, 2022), além de ser entendido como significativo ($p < 0.05$) a partir do valor retornado pelo Teste de Razão de Verossimilhança (*Likelihood Ratio Test*). Comparando com outros, o modelo acima obteve o menor índice AIC de 119.71.

Discussão

Ao analisarmos os resultados apresentados acima, um primeiro ponto que merece ser discutido diz respeito ao índice total de erros de atração obtidos com a aplicação da tarefa de produção induzida de erros. Considerando a produtividade da técnica em induzir o fenômeno de interesse, um índice de produção de apenas 1,2% não condiz com os resultados que encontramos com frequência na literatura. Como não foram feitas alterações significativas na tarefa que pudessem explicar esse resultado, uma hipótese que deve ser levada em consideração concerne à escolha de controlar a informação de número do núcleo sempre no singular e do atrator sempre no plural. Como esse padrão se mantinha durante todas as frases, inclusive nas distratoras, nossa hipótese é de que os participantes podem ter percebido o padrão do núcleo estar sempre no singular e, automaticamente, produzir o verbo sempre no singular também.

Entrando de fato na influência das variáveis previsoras, um resultado que deve ser destacado diz respeito à diferença entre a produção dos erros em relação à altura do NP atrator. Ainda que nos dois testes conduzidos tenha sido encontrada uma diferença apenas marginalmente significativa, os dados mostram uma tendência de NP atratores mais altos (em posição N2) gerarem mais erros de atração em comparação com os mais baixos (N3). A falta de significância reportada pode estar relacionada com o tamanho da amostra considerada, haja vista que o índice de erros no total foi baixo em comparação com o de concordância típica. Considerando as proporções, os resultados tendem a ir na direção do que é proposto por Franck (2017), uma vez que atratores em posições mais altas estariam sintaticamente mais similares ao controlador típico e, assim, teriam mais chances de serem selecionados como controladores, gerando o erro de atração. Ademais, esse resultado também vai na direção do que a literatura em geral tem apontado como um efeito relevante de posição hierárquica ou, sob outra perspectiva, de distância hierárquica entre elemento atrator e núcleo do sujeito, como discutimos anteriormente.

No que tange ao fator animacidade, encontramos uma influência significativa na indução dos erros apenas em relação à animacidade do NP3. Esse resultado por si só não traz luz às hipóteses adotadas com base no modelo investigado, uma vez que Franck (2017) considera que, quando o atrator e o controlador típico possuem a mesma animacidade, eles se tornam mais similares semanticamente, o que aumentaria a chance de o atrator ser selecionado durante *Controller Selection*. Dessa forma, a análise dos resultados obtidos com a condução do teste multivariado se torna mais interessante, uma vez que considera a interação entre as variáveis previsoras. O modelo de regressão logística, por sua vez, demonstra uma interação significativa entre animacidade de NP1 e de NP2, considerando que o *Intercepto* corresponde à seguinte condição experimental: NP1 animado + NP2 animado + NP3 animado + NP atrator alto (na posição de NP2). De forma significativa, ao alterarmos a animacidade de NP1 e NP2 para inanimados e mantermos o NP atrator na posição alta, temos a condição que gera mais erros de atração: NP1 inanimado + NP2 inanimado + NP3 animado + NP atrator alto (posição de NP2), de acordo com as hipóteses baseadas no modelo de Franck.

Por fim, vale ressaltar que, apesar dos resultados anteriores irem na direção do esperado segundo o modelo em questão, não foi encontrada uma interação significativa entre animacidade no geral e altura do NP atrator, como estabelecido nas hipóteses. Portanto, os dados aqui reportados são entendidos como uma tendência de comportamento na direção dos pressupostos de *Feature* e *Controller Selection*, o que pode estar relacionado com a limitação da amostra em relação à quantidade de erros produzidos e disponíveis para ser analisados.

Considerações finais

Partindo do objetivo principal de investigar a produção do fenômeno de atração na concordância verbal de número no PB, escolhemos tomar como base o modelo desenvolvido por Franck (2017) e denominado de *Feature e Controller Selection*. Essa escolha teve como justificativa algumas questões relevantes. Em primeiro lugar, o modelo mais tradicional e pertinente na literatura, *Marking e Morphing*, ainda que consiga dar conta dos efeitos mais comuns, como de distância hierárquica e assimetria entre singular e plural, não é capaz de englobar determinados efeitos semânticos frequentemente encontrados em diferentes línguas. Como Franck (2017) mesmo destaca, uma influência semântica no âmbito de elementos que não são relevantes semanticamente para a marcação do sintagma do sujeito como um todo, como o traço de animacidade do atrator, não conseguiria ser explicada pelo modelo, haja vista que, sob uma visão serial e não-interativa da produção, assume-se que a etapa de *Morphing* não seria influenciada por questões de natureza semântica. É, no entanto, justamente em *Morphing* que o erro de atração seria produzido. Essa não corresponde à única crítica ao modelo feita na literatura, mas é um dos pontos que conseguimos observar diretamente com o experimento aqui apresentado. Em resumo, o modelo tradicional não consegue explicar os dados encontrados sobre a influência da variável animacidade no âmbito dos NPs modificadores do núcleo.

Dessa forma, o modelo *Feature e Controller Selection* corresponde a uma proposta teórica mais atualizada com resultados recentes da literatura e, além disso, consegue explicar vários dos resultados acerca de influências semânticas, sintáticas e morfofonológicas na ocorrência dos erros de atração. Através do experimento desenvolvido, buscamos averiguar a influência de alguns desses fatores: a animacidade dos sintagmas nominais e a altura do NP atrator. Como discutido anteriormente, existe uma limitação acerca dos dados obtidos, uma vez que o índice de erros produzidos se mostrou reduzido em relação aos dados totais. Nossa principal hipótese está relacionada com o controle do traço de número do núcleo e do elemento atrator, mas outras questões podem ser consideradas como o próprio ambiente acadêmico em que o experimento foi conduzido, que pode ter levado a um maior monitoramento dos participantes. Para investigações futuras, propomos manipular o traço de número como uma variável independente e comparar com os resultados atuais. Além disso, aumentar a amostra e verificar novamente a influência dos fatores examinados é algo que deve ser considerado para que tenhamos resultados mais claros.

Apesar dessa limitação, os resultados mostram uma tendência na direção do esperado segundo os pressupostos do modelo de Franck (2017), sugerindo, de forma geral, que a similaridade semântica e sintática entre o nome atrator e o núcleo do sujeito pode ser uma questão que influencia a produção da atração, de forma que, quanto mais similares forem, maior será a tendência de produção do erro. O modelo explica esse resultado através da proposta de que a etapa de seleção do elemento controlador da concordância ocorreria através de um mecanismo de recuperação baseado em pistas na memória e de

que o fenômeno da atração na concordância pode ser explicado pela seleção incorreta do elemento controlador, cujos traços serão compartilhados com o alvo da concordância que, no caso, corresponde ao verbo.

Referências

BADECKER, W.; KUMINIAK, F. Morphology, agreement and working memory retrieval in sentence production: Evidence from gender and case in Slovak. *Journal of Memory and Language*, v. 56, n. 1, 2007, p. 65-85.

BARKER, J.; NICOL, J.; GARRETT, M. Semantic factors in the production of number agreement. *Journal of psycholinguistic research*, v. 30, p. 91-114, 2001.

BOCK, K. *et al.* Some attractions of verb agreement. *Cognitive psychology*, v. 43, n. 2, p. 83-128, 2001.

BOCK, J. K.; EBERHARD, K. M. Meaning, sound, and syntax in English number agreement. *Language and Cognitive Processes*, v. 8, n. 1, p. 57-99, 1993.

BOCK, J. K.; EBERHARD, K. M.; CUTTING, J. C. Producing number agreement: How pronouns equal verbs. *Journal of Memory and language*, v. 51, n. 2, p. 251-278, 2004.

BOCK, J. K.; CUTTING, J.C. Regulating mental energy: performance units in language production. *Journal of Memory and Language*. v. 31, n. 1, p. 99-127, 1992.

BOCK, J. K.; MILLER, C.A. Broken Agreement. *Cognitive Psychology*. v. 23, n.1, p. 45-93, 1991.

DELL, G. S. A spreading-activation theory of retrieval in sentence production. *Psychological review*, v. 93, n. 3, p. 283-321, 1986.

EBERHARD, K. M. The accessibility of conceptual number to the processes of subject-verb agreement in English. *Journal of Memory and Language*, v. 41, n. 4, p. 560-578, 1999.

EBERHARD, K. M. The marked effect of number on subject verb agreement. *Journal of Memory and Language*, v. 36, n. 2, p. 147-164, 1997.

FRANCK, J. Syntactic encoding: Novel insights into the relationship between grammar and processing. In: FERNÁNDEZ, E. M.; CAIRNS, H. S (ed.). *The handbook of psycholinguistics*. Willey Blackwell, 2017. p. 13-37.

FRANCK, J. *et al.* The interplay of syntax and form in sentence production: A cross-linguistic study of form effects on agreement. *Language and Cognitive Processes*, v. 23, n. 3, p. 329-374, 2008.

FRANCK, J.; VIGLIOCCO, G.; NICOL, J. Subject-verb agreement errors in French and English: The role of syntactic hierarchy. *Language and Cognitive Processes*, v. 17, n. 4, p. 371-404, 2002.

GARRETT, M. F. The analysis of sentence production. *Psychology of learning and motivation*, v. 9, 1975.

HASKELL, T. R.; MACDONALD, M.C. Conflicting cues and competition in subject-verb agreement. *Journal of Memory and language*, v. 48, n. 4, p. 760-778, 2003.

LEVELT, W. J. M. *Speaking: From intention to articulation*. MIT Press, 1993.

OUSHIRO, L. *Introdução à estatística para linguistas*. 1. ed. Campinas: Editora da Abralin, 2022.

RODRIGUES, E. S. *O processamento da concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

VIGLIOCCO, G.; NICOL, J. Separating hierarchical relations and word order in language production: Is proximity concord syntactic or linear? *Cognition*, v. 68, n. 1, p. 13-29, 1998.

VIGLIOCCO, G.; FRANCK, J.; NICOL, J. Subject-verb agreement errors in French and English: The role of syntactic hierarchy. *Language and Cognitive Processes*, v. 17, n. 4, p. 371- 404, 2002.

VIGLIOCCO, G.; BUTTERWORTH, B.; SEMENZA, C. Constructing subject-verb agreement in speech: The role of semantic and morphological factors. *Journal of Memory and language*, v. 34, n. 2, p. 186-215, 1995.

VIGLIOCCO, G.; BUTTERWORTH, B.; GARRETT, M. F. Subject-verb agreement in Spanish and English: Differences in the role of conceptual constraints. *Cognition*, v. 61, n. 3, p. 261-298, 1996.



VIGLIOCCO, G. One or more labels on the bottles? Notional concord in Dutch and French. *Language and Cognitive Processes*, v. 11, n. 4, p. 407-442, 1996.

WAGERS, M. W.; LAU, E. F.; PHILLIPS, C. Agreement attraction in comprehension: Representations and Processes. *Journal of memory and Language*, v. 61, n. 2, p. 206-237, 2009.

Dicionarização de expressões racistas: um estudo lexicográfico/fraseológico

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3855>

Danyelle Almeida Saraiva Souza¹

Resumo

Este trabalho propõe-se a estudar a dicionarização de um conjunto de expressões racistas catalogadas na obra *Expressões racistas: por que evitá-las*, publicada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2022, sob a ótica da Lexicologia, da Lexicografia e da Fraseologia. Os itens selecionados para esta pesquisa foram: *galinha de macumba*; *a coisa (es)tá preta*; *chuta que é macumba*; *volta para o mar, oferenda!*; *macumbeiro* e *boçal*. Foram consultados dicionários gerais e especiais de língua para a verificação da presença ou ausência de registros das expressões selecionadas, e se tais registros apresentam as acepções encontradas na obra publicada pelo TSE. Dessa forma, é possível verificar elementos culturais de uma comunidade, já que os dicionários não apenas servem como fonte de consulta, mas também evidenciam o ponto de vista de uma comunidade, pois eles não são neutros (cf. Krieger, 2006).

Palavras-chave: Lexicografia; expressões racistas; dicionarização.

¹ Centro de Estudos de Pessoal (CEP/FDC), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; danyufms@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-4540-8854>

Dictionarization of Racist Expressions: A Lexicographical/Phraseological Study

Abstract

This work aims to study the dictionarization of a set of racist expressions cataloged in the work *Racist Expressions: Why Avoid Them*, published by the Superior Electoral Court (TSE) in 2022, from the perspective of Lexicology, Lexicography, and Phraseology. The items selected for this research were: the thing (is) black; kick it, it's macumba; macumba chicken; return to the sea, offering!; macumbeiro and boçal. General and special language dictionaries were consulted to verify the presence or absence of records of the selected expressions, and whether such records present the meanings found in the work published by the TSE. In this way, it is possible to verify cultural elements of a community, since dictionaries not only serve as a source of consultation, but also highlight the point of view of a community, as they are not neutral (cf. Krieger, 2006).

Keywords: Lexicography; racist expressions; dictionary entry.

Introdução

A comunicação humana se estabelece majoritariamente por meio da linguagem verbal, faculdade essencialmente humana, distinguindo o homem dos animais, e o nível linguístico que melhor expressa a relação entre linguagem e sociedade é o léxico. Concebido como “o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” (Sapir, 1969, p. 45), o léxico não apenas reproduz a visão de mundo de uma comunidade de fala, mas também fornece pistas acerca de aspectos socioculturais da identidade de uma comunidade de fala. Isso porque

[...] o léxico de uma língua de cultura atesta o modo de vida e a imagem de mundo que individualiza um determinado grupo social, tornando-se, em vista disso, uma espécie de documento vivo da própria história desse grupo, assim como de todas as normas sociais que o regem (Isquierdo, 2003, p. 178).

O uso de determinadas variantes por uma comunidade de fala define a norma lexical, entendida como um nível linguístico abstrato e coletivo que intermedeia língua e fala, apresentando constâncias aceitas e realizadas coletivamente, como esclarece Lucchesi (2002, p. 71):

Coseriu chama a atenção também para o fato de que, para além das múltiplas realizações acidentais e contingenciais que caracterizam a fala, verificam-se também certas variantes que, não tendo valor funcional, são relativamente

constantes e frequentes dentro da comunidade de fala, e ele as chama de variantes normais. Para dar conta dessas variantes, propõe um nível de abstração intermediário entre a fala e o sistema que seria ocupado pelo que ele chama de sistema normal, ou simplesmente norma.

Nessa perspectiva, a norma é coercitiva, haja vista ser “um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade” (Coseriu, 1962, *apud* Biderman, 2001, p. 19). A norma lexical em uso é registrada em dicionários de língua geral, que se configura como

[...] um ‘objeto manufaturado’ que corresponde às exigências de informação e de comunicação de uma sociedade. Mais que um livro de consulta, que apresenta informações em ordem alfabética, o dicionário é um ponto de referência entre a língua e a ciência e também entre a língua e a cultura, pois tem como objeto de seu discurso ‘o que se diz da língua e da cultura’ (Andrade, 2000).

Sabe-se que “não existe obra lexicográfica perfeita, [pois] todas estão sujeitas a erros, mesmo que tenham sido produzidas sob um rigoroso processo de seleção, composição e inter-relação de palavras” (Fromm, 2003). Esta citação deixa evidente que dicionários não são obras neutras, refletindo escolhas que envolvem inclusão ou exclusão de determinados usos linguísticos. Nessa perspectiva, torna-se relevante analisar de que maneira vocábulos ou expressões marcados por preconceito racial, ainda vigentes na sociedade, estão registrados ou não nas obras lexicográficas. Nessa questão insere-se o objetivo deste trabalho: verificar de que maneira algumas expressões racistas utilizadas socialmente se encontram dicionarizadas nos seguintes dicionários: Morais (1789), *Dicionário da língua brasileira* (Pinto, 1832), *Léxico de lacunas* (Taunay, 1914), *Dicionário Houaiss* (2009), obra *Locuções tradicionais no Brasil* (Cascudo, 1986), *Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares* (Urbano, 2018), *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa* (Rocha, Rocha, 2012) e no *Dicionário histórico do português brasileiro* (doravante DHPB) (Biderman; Murakawa, 2021). As obras lexicográficas selecionadas para este trabalho seguiram critério cronológico – dicionários de língua geral mais antigos e um mais recente – e de objetivo da consulta – dicionários gerais de língua, especiais de língua e uma obra voltada a questões fraseológicas. O grupo de unidades lexicais e fraseológicas selecionado para este estudo foi constituído a partir de expressões extraídas da obra *Expressões racistas: por que evitá-las*, publicada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2022.

Cientes de que o racismo é uma prática social discriminatória que se baseia em julgamentos pré-concebidos, caracterizada pela ideia da dicotomia superioridade *versus* inferioridade racial, considerado crime² no Brasil, salientamos ser essa a importância

2 A Lei 7716/89, em seu artigo 1º, define os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional (Brasil, 1989, s/n).

e a justificativa desta pesquisa, que possibilita verificar se expressões racistas são e como estão dicionarizadas, uma vez que os dicionários apresentam registros ligados ao patrimônio sociocultural configurado pela língua (cf. Bevilacqua; Finatto, 2006).

Considerações sobre as obras lexicográficas

Um dicionário, concebido como instrumento de educação permanente que define a norma linguística, tem como objetivo “preencher lacunas de conhecimento dos usuários e facilitar a comunicação linguística” (Andrade, 2000), sendo uma obra que tem como finalidade o atendimento de necessidades específicas das coletividades linguísticas, possibilitando o acesso do consulente ao registro do léxico da língua, “numa correspondência com os significados que os recobrem” (Krieger, 2006, p. 142). Faz-se mister compreender a importância do dicionário em uma sociedade letrada, pois ele

Adquire o estatuto de instância de legitimação do léxico, passando então a funcionar como uma espécie de cartório de registros, é ele que concede à palavra sua certidão de nascimento e, dessa forma, institucionaliza o conjunto léxico das línguas. Por tudo isso, o dicionário goza de uma autoridade que não é menor nas sociedades de cultura que, inclusive, o entendem como instrumento da “verdade linguística”, logo, inquestionável (Krieger, 2006, p. 142).

Mesmo com todo o efeito de autoridade que o dicionário traz consigo, vale destacar, sem a intenção de se aprofundar nessa seara, que os dicionários diferem entre si, de acordo com o tipo de conteúdo abordado, com o objetivo da obra, com a amplitude do repertório lexical selecionado, e que não “são neutros como a sociedade costuma pensar” (Krieger, 2006, p. 143), pois tais obras são fruto de escolhas do autor, tal como ocorre em quaisquer outros textos:

Não há dicionários sem ideologia, pois a definição de palavras implica, necessariamente, uma posição teórica e ideológica. Consciente ou inconscientemente, a seleção do *corpus*, a conceituação de determinadas lexias, mas sobretudo os exemplos, revelam a ideologia, definem ética e esteticamente o lexicógrafo. Os exemplos formam um conjunto de pontos de vista sobre o mundo que deixa transparecer a ideologia da comunidade com a qual o lexicógrafo se identifica. O lexicógrafo é o intermediário entre os leitores e a sociedade e seus enunciados têm força de lei, no entanto, na maioria dos casos, desaparece no anonimato, confundindo-se com a comunidade que representa (Andrade, 2000, s/n).

Sobre a relação comunidade e dicionário, nota-se que uma consulta a um dicionário sempre é motivada por algum fator externo – os consulentes o buscam quando há uma

necessidade específica de compreensão de um vocábulo, um sinônimo, uma abonação. Nesse contexto, pode-se afirmar que um dicionário geral de língua é o tipo que costuma ser consultado por uma vasta parcela da sociedade, haja vista que ele deve abarcar a totalidade de realizações léxicas de uma língua, mas

[...] a totalidade não significa o registro exaustivo das palavras de uma língua, desde as mais antigas até os neologismos mais recentes, até porque a lexicografia não consegue acompanhar o dinamismo lexical; mas caracteriza a abrangência do componente léxico, sem privilegiar uma temática específica [...], tendo por base o critério da frequência de uso da palavra ou da expressão (Krieger, 2006, p. 144).

Para cada objetivo do usuário existe um tipo de dicionário. De acordo com a classificação proposta por Andrade (2000), as obras lexicográficas consultadas para a elaboração do presente artigo classificam-se como sendo de língua – monolíngues, pois abarcam as palavras da língua portuguesa, ultrapassando “as informações semânticas, oferecendo informações gramaticais e linguísticas [...]”, descreve diferentes realizações das unidades lexicais” (Krieger, 2006, p. 142); semasiológicas, em que “a composição das palavras é apresentada em ordem alfabética. A microestrutura parte do significante para o significado” (Fromm, 2003). Os dicionários de Moraes (1789) e Houaiss (2009) são considerados gerais, contemplando definições semânticas e sintáticas para todo o léxico de nossa língua “tendo por base o critério da frequência de uso da palavra ou da expressão” (Krieger, 2006, p. 144), e os demais dicionários são considerados especiais de língua, pois registram apenas uma parcela do léxico da língua.

É importante ressaltar que os dicionários são distintos entre si, mesmo quando classificados sob a mesma tipologia, e que as novas gerações de dicionários “devem responder a novas expectativas, encontrar diferentes tipos de perfis de usuários e ser desenvolvidos com diferentes recursos textuais, o que deve nos levar a estabelecer novos parâmetros de julgamento” (Morán, Palacios, Rey, 2004, p. 69, tradução própria).

Após as considerações sobre as obras lexicográficas, passaremos à discussão das unidades fraseológicas, uma vez que o *corpus* selecionado para este estudo inclui igualmente fraseologismos.

O que são unidades fraseológicas?

Ao se cruzar a fronteira entre a unidade lexical simples e a unidade léxica polillexical, adentramos o campo dos fraseologismos, que são definidos como unidades léxicas

3 No original: “deben responder a otras nuevas expectativas, encuentran distintos tipos de perfiles de usuarios y se elaboran con distintos recursos textuales, lo que debe llevarnos a establecer nuevos parámetros para el juicio”.

plurilexicais – combinatórias lexemáticas – em que os elementos que compõem a unidade fraseológica perderam o significado denotativo original e, juntos, adquirem um significado global conotativo, já que o significado mencionado não é resultante da somatória dos elementos constituintes como unidades semânticas. Nessa perspectiva,

[...] os fraseologismos são sintagmas mais ou menos fixos. Em outras palavras, constituem unidades poliléxicas definidas pelos critérios de polilexicalidade, fixidez e, frequentemente, figuratividade, cujo uso e interpretação estão regidos por normas culturais (Matias, 2008, p. 32).

Nesse contexto, os fraseologismos – especificamente as expressões idiomáticas – “são lexias complexas⁴ (formadas por mais de uma unidade léxica – o que caracteriza o termo ‘expressão’), com particularidades expressivas, como conotação e cristalização relativa” (Riva, 2009, p. 20). Fazem parte do léxico geral e compartilham determinadas características especiais: pluriverbalidade, idiomaticidade, estabilidade/cristalização.

O que é pragmatema?

As unidades fraseológicas são definidas como unidades polilexicais caracterizadas pela elevada frequência de uso em uma comunidade, rigidez semântica e idiomaticidade, e nos enunciados fraseológicos há as fórmulas de rotina, inseridas no conjunto dos pragmatemas (Pinheiro, 2015, p. 32). O pragmatema (ou frasema pragmático) é uma estrutura vinculada a situações comunicativas específicas,

[...] cujo significado ‘X’ não é construído livremente (embora possa ser regular) a partir de uma representação conceptual determinada (que o falante quer verbalizar), quer dizer, *não pode ser substituído por qualquer outro significado sinónimo ‘Y’ construído livremente*, por meio das regras gerais da língua, a partir dessa representação conceptual, para esse mesmo contexto situacional” (Sanromán, 2011, p. 276, grifo próprio).

O pragmatema é “um termo hiperonímico que abarca unidades simples e compostas, pré-fabricadas, usadas em interações sociais cotidianas e cujo entendimento é mediado pelo contexto situacional” (Pinheiro, 2015, p. 43), podendo ser dividido em partes. No quadro 1, a seguir, há uma proposta de divisão dos pragmatemas, enquanto o quadro 2 apresenta uma ampliação do tópico 2d do Quadro 1 (fórmulas situacionais), ambas propostas de Monteiro-Platin.

4 Entende-se por lexia complexa (construção fixa polilexemática) a que se distingue da simples (monolexemática – radical único) e da composta (polilexemática – mais de um radical).

Quadro 1. Proposta de divisão dos pragmatemas

PRAGMATEMAS		
1. Marcadores conversacionais		EXEMPLOS
	veja bem, por falar em..., posso interromper, sem dúvida, falou e disse, está entendendo?, o que eu estou querendo dizer é...	
2. Fórmulas	a. epistolares	prezado senhor, sem mais para o momento, queira desconsiderar etc.
	b. religiosas	assim seja, a paz de Cristo, se Deus quiser, graças a Deus etc.
	c. ritualizadas	um brinde, meus parabéns, feliz páscoa, feliz Natal etc.
	d. situacionais	Proibido estacionar, acesso exclusivo a, passagem obrigatória etc.
	e. de rotina	cortesia/polidez com licença, pois não, tenha a bondade etc.
		descortesia/impolidez cai fora, vai se danar, azar seu, tô nem aí etc.

Fonte: Pinheiro (2015, p. 34)

Quadro 2. Fórmulas situacionais dos pragmatemas

FÓRMULAS SITUACIONAIS		EXEMPLOS
Sintáticas	Polidez	Será que eu poderia...? posso fumar?
	distanciamento	Parece que você não vai passar; Que tal...?
Fixas	frases feitas	Não seja infantil! Mais sorte na próxima! Divirta-se!
	citações	Como é para o bem do povo e... Diga ao povo que fico. (D. Pedro I)
	provérbios	Nem tudo que reluz é ouro. Tal pai, tal filho.
de rotina	saudações	Bom dia, boa tarde, boa noite.
	agradecimentos	Muito obrigado. É muito gentil da sua parte.
	desculpas	Sinto muito. Desculpe-me.
	votos	Feliz aniversário! Muitas felicidades! Tudo de bom!
	à mesa	Bom apetite! O jantar está servido. É por minha conta.

Fonte: Pinheiro (2015, p. 33)

Neste momento, focaremos no segundo tipo de pragmatema, de fórmulas fixas/fórmulas situacionais, pois é essa classificação que contempla parte do *corpus* selecionado para esta pesquisa, podendo ser consideradas frases feitas e empregadas como comentários em situações específicas de comunicação: *a coisa (es)tá preta!, chuta que é macumba!, volta para o mar, oferenda!*.

Sobre a questão da dicionarização de tais expressões, Pinheiro (2015) afirma que, embora sejam signos, pragmatemas não são unidades léxicas e não devem constituir *entrada* em um dicionário de unidades léxicas. Por possuírem estrutura argumental interna, deve-se considerar a noção de ancoragem: “uma unidade lexical que permite caracterizar a situação comunicativa do pragmatema e a essa unidade lexical caberá a função de entrada à qual ficará associada a subentrada ou os pragmatemas correspondentes” (Pinheiro, 2015, p. 39). As âncoras, mesmo sem aparecer no pragmatema, fazem parte do significado, e os pragmatemas poderão aparecer “como subentradas associadas à macroestrutura principal, com uma apresentação semelhante à das funções léxicas no dicionário-padrão” (Blanco, 2010 *apud* Pinheiro, 2015, p. 40).

Considerando que o *corpus* desta pesquisa consiste na análise de dados que têm relação com o racismo, faremos uma breve contextualização do tema em nosso país, possibilitando uma reflexão sobre a origem do racismo e suas implicações na contemporaneidade.

Racismo no Brasil: breve histórico

O Brasil é um país cuja economia viveu durante quase quatro séculos com base na escravização de indivíduos trazidos da África para trabalharem aqui em condições subumanas, sustentando o sistema socioeconômico vigente naquela época, conforme registros históricos sobre esse período. Apesar do uso corrente da palavra “escravo”, Prudente (2020, s/p) afirma que a condição de sujeição não apagou a humanidade dos africanos escravizados, pois “[...] sob violência física ou simbólica, [o homem] tem sido escravizado, mas não escravo. O escravo é um ser inerte convencido de sua inferioridade face ao opressor, subordinado em todas as esferas da vida. Isso, nenhum ser humano o é” (Prudente, 2020, s/p).

O crescente processo de industrialização na Europa desencadeou pressões internacionais contra a escravidão. Cabe destacar, porém, que essa campanha esteve longe de ser apenas humanitária. Tratava-se, sobretudo, do interesse da Inglaterra na expansão de mercados consumidores para seus produtos manufaturados, como pontua Prudente (2020, s/p):

As relações brasileiras com a Inglaterra eram intensas, posto que os ingleses lucraram com o tráfico de pessoas, acumulando capital suficiente para aplicar

em sua industrialização. Assim, no século XIX já não interessava à burguesia liberal inglesa a escravidão. Necessitavam, sim, de mercados consumidores para suas manufaturas e se impunham entre os estados produtores com ampla campanha contra a “escravidão”.

Mesmo após a abolição da escravatura, em 1888, a população negra permaneceu em condições precárias, marcada pela marginalização social e pela ausência de políticas públicas inclusivas. Com efeito, a abolição não garantiu vida digna e cidadania efetiva aos libertos, que continuaram ocupando espaços periféricos e enfrentando invisibilidade social. Esse período histórico consolidou um racismo estrutural, que se reproduziu em práticas cotidianas, narrativas culturais e expressões linguísticas.

Do ponto de vista sincrônico, nota-se que o racismo não desapareceu, mas se transformou e se enraizou em formas simbólicas e discursivas. Apesar de a Constituição Federal de 1988 ter tipificado o racismo como crime inafiançável e imprescritível, o combate a essa prática ainda enfrenta resistências e desigualdades persistentes. Avanços legislativos recentes, como a lei 14.532/2023, ampliaram a equiparação entre injúria racial e crime de racismo, sinalizando um esforço do Estado brasileiro em coibir atitudes discriminatórias.

Desse modo, compreender a historicidade do racismo no Brasil implica não apenas revisitar o período escravocrata, mas também reconhecer como seus efeitos atravessam o presente, perpetuando preconceitos que se manifestam inclusive na linguagem. É nesse contexto que se insere a análise deste trabalho, focada nos registros (ou não) de expressões racistas em repertórios lexicográficos e na permanência do uso social contemporâneo. No próximo tópico, faremos a análise dos dados extraídos da obra *Expressões racistas: por que evitá-las*, publicada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2022.

Descrição da obra base

1. Livro *Expressões racistas: por que evitá-las*

Para o presente estudo, selecionamos parte das expressões contempladas no livro *Expressões racistas: por que evitá-las*, publicada pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 2022. Essa obra tem como objetivo, segundo informações constantes na apresentação, o planejamento de ações para combater o preconceito racial na Justiça Eleitoral. Há 41 registros de unidades lexicais e expressões consideradas racistas, contendo explicação sobre o sentido das expressões e sugestões para substituí-las, dado o teor racista delas. Por não ser uma obra lexicográfica produzida com rigor científico, não há indicação de pesquisadores lexicógrafos compondo a equipe de elaboração do livro, nem há uma designação específica para tal obra – ela não é intitulada como dicionário ou glossário.

É possível que o *corpus* do livro publicado pelo TSE tenha sido composto a partir do senso comum, pois há uma página dedicada aos leitores, em que se lê: “Se você conhece outros vocábulos ou expressões racistas e acredita que devam fazer parte desta publicação, envie a sugestão para o e-mail nid@tes.jus.br. A comissão irá avaliar sua proposta e, em caso de deferimento, ela será incluída em nova edição da obra” (Brasil, 2022, p. 13).

No livro sobre as expressões racistas, não há nenhuma outra informação além do conceito atribuído às expressões, organizadas em ordem alfabética no sumário, e, em alguns casos, sugestões de substituição da expressão/da unidade lexical em foco. Dos 41 registros mencionados anteriormente, oito são unidades lexicais simples, e os demais são unidades fraseológicas.

No tópico a seguir, as unidades lexicais e fraseológicas selecionadas da obra publicada pelo TSE (2022) serão estudadas quanto à dicionarização ou não delas, com reflexões acerca das informações.

Análise dos dados

Considerando a limitação do *corpus* a ser investigado neste artigo, das 41 entradas contidas na obra publicada pelo TSE, foram selecionadas quatro unidades fraseológicas e duas unidades lexicais, a saber: *galinha de macumba*; *a coisa (es)tá preta*; *chuta que é macumba*; *volta para o mar, oferenda!*; *macumbeiro* e *boçal*.

De acordo com o conteúdo teórico abordado anteriormente, podemos afirmar que *galinha de macumba* é uma expressão idiomática, pois atende aos requisitos da categoria. Primeiramente, destaca-se o critério da fixidez, que é observado quando a expressão não admite alterações estruturais sem perda de sentido. Além disso, nota-se também a idiomaticidade, uma vez que o significado da expressão não resulta diretamente da soma dos sentidos literais de *galinha* e *macumba*, mas sim de uma construção cultural cristalizada, com forte conotação religiosa estigmatizada. Acresce-se a isso o emprego social da expressão com valor pragmático específico, corroborando preconceitos contra religiões de matriz africana.

As expressões *a coisa (es)tá preta*; *chuta que é macumba*; *volta para o mar, oferenda!* são pragmatemas, pois se ligam a situações comunicativas específicas, chamadas fórmulas situacionais fixas (frases feitas). No primeiro caso, *a coisa (es)tá preta* é empregada em contextos em que se deseja salientar gravidade ou dificuldade de determinada circunstância, sendo um comentário avaliativo com teor negativo. A expressão *chuta que é macumba* evidencia repulsa ou rejeição a algo considerado indesejável em certos contextos, funcionando como fórmula de afastamento simbólico. Já *volta para o mar, oferenda!* é usada em situações hostis, com objetivo de exclusão ou ridicularização, com teor de preconceito religioso.

Com efeito, *a coisa (es)tá preta; chuta que é macumba e volta para o mar, oferenda!* contém a natureza dos pragmatemas, uma vez que não apenas dispõem de estabilidade estrutural, mas também são fórmulas de interação social, reiteradas em práticas discursivas específicas. As chamadas frases feitas situacionais possuem fixidez formal e pragmática, por dependerem de um contexto discursivo para legitimar a ocorrência delas.

Tanto expressões idiomáticas quanto pragmatemas são fraseologismos, por se tratar de combinação fixa de duas ou mais palavras (cf. Corpas Pastor, 1996). *Macumbeiro* e *boçal*, por seu turno, são unidades léxicas simples, pois são constituídas por uma única palavra, diferentemente do que ocorre com as unidades fraseológicas, que são expressões pluriverbais. Em *macumbeiro* há uma derivação oriunda do radical *macumba* acrescido do sufixo *eiro*, apresentando um vocábulo com sentido próprio. Já *boçal* é um adjetivo/substantivo simples com significado historicamente associado de modo pejorativo a indivíduos escravizados recém-chegados da África.

Passemos agora à análise propriamente dita, a fim de confirmar ou não se há registros nos dicionários, e se a acepção constante nas obras lexicográficas selecionadas corresponde aos conceitos constantes no livro *Expressões racistas: por que evitá-las*. Essa obra não segue o rigor científico esperado em pesquisas lexicológicas, pois não explicita fundamentos teóricos, nem evidencia critérios metodológicos claros para a seleção e classificação das expressões analisadas. No entanto, cumpre relevante função social ao promover a conscientização acerca de usos linguísticos com teor discriminatório. O texto apresenta natureza pedagógica e prescritiva, com o objetivo de sensibilizar a sociedade contra o preconceito racial. Ainda assim, vale destacar que os conceitos apresentados refletem percepções amplamente aceitas pela comunidade de fala, fornecendo material relevante para a análise acadêmica e para reflexões sobre a relação entre linguagem e preconceito.

Para facilitar a visualização dos registros (ou não registros) das unidades lexicais e unidades fraseológicas nos dicionários, foi elaborada a tabela a seguir, sendo utilizada a marcação com X para indicar que há o registro no dicionário, e o espaço em branco indica ausência de registro.

Tabela 1. Dicionarização das unidades selecionadas para esta pesquisa

	1	2	3	4	5	6	7	8
A coisa (es)tá preta					X			
Chuta que é macumba!								
Galinha de macumba								
Volta para o mar, oferenda!								
Macumbeiro				X				
Boçal				X				X

Fonte: Elaboração própria

LEGENDA:

- 1: Dicionário de Moraes (1789)
- 2: Dicionário da língua brasileira (Pinto, 1832)
- 3: Léxico de lacunas (Taunay, 1914)
- 4: Dicionário Houaiss (2009)
- 5: Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa (Rocha, Rocha, 2012)
- 6: Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares: desatando nós (Urbano, 2018)
- 7: Locuções tradicionais no Brasil (Cascudo, 1986)
- 8: Dicionário Histórico do Português Brasileiro (DHPB): séculos XVI, XVII e XVIII (Biderman; Murakawa, 2021).

Esperava-se que os pragmatemas e a expressão idiomática selecionados nesta pesquisa estariam registrados, ao menos, nos dicionários especiais de língua. A partir do próximo tópico, será feita uma explanação, caso a caso, dos registros referentes às unidades lexicais simples e polilexicais que compõem o *corpus*, com algumas reflexões sobre o tema.

1. A coisa (es)tá preta

O pragmatema *a coisa (es)tá preta* é o único registrado no dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa (Rocha, Rocha, 2012). A expectativa inicial seria de encontrar, nesse dicionário especial de língua, todos os pragmatemas e a expressão idiomática selecionados, uma vez que ele foi produzido com o objetivo de preencher a lacuna ligada à produção de obras lexicográficas com foco nas unidades fraseológicas. A acepção encontrada foi: “diz-se quando a situação está difícil, perigosa, custosa. *Var.* ‘a coisa está ruça’, ‘a coisa está pegando fogo’ e ‘a coisa está feia’” (Rocha; Rocha, 2012).

Uma pesquisa na página de buscas Google, em 2023, exibiu 6090 resultados para o pragmatema “a coisa tá preta”, e 4810 ocorrências para “a coisa está preta”, e a obra *Expressões racistas: por que evitá-las*, publicada pelo TSE (2022), evidencia que:

A expressão “a coisa tá preta” é a verdadeira síntese de um conjunto de expressões de caráter racista que associam a pessoa negra a coisas ruins. O sentido da expressão é referir-se a uma situação extremamente negativa, complicada ou a um problema de difícil solução. A forma mais correta de passar a mesma ideia seria pelo uso de expressões como “a situação é difícil”, “o caso é complexo” ou “a coisa está complicada” (Brasil, 2022, p. 17).

A unidade lexical *coisa* está dicionarizada nos dicionários de Moraes (1789) e no Houaiss (2009), porém as acepções não têm ligação com a questão do racismo, nem tampouco há a locução *a coisa (es)tá preta* registrada. Vale destacar que, no dicionário de Moraes, a entrada é grafada como *cousa*, em consonância com a ortografia da época, e foi definida

como “tudo o que existe, ou pode existir, e nós concebemos se pode aplicar este nome generalíssimo”. Há, ainda, o registro de uma única unidade fraseológica: *não dizer coisa com coisa*, tal como ocorre no dicionário de Pinto (1832). Já o DHPB (Biderman; Murakawa, 2021) registra diversas expressões sintagmáticas contendo a unidade lexical *coisa*: coisa da terra, coisa de vulto, coisa julgada, coisa mínima, nenhuma coisa – nenhuma delas tem ligação com o *corpus* selecionado nesta pesquisa.

Seria a ausência do registro, no dicionário de Moraes (1789), um reflexo da invisibilidade do povo negro no Brasil naquela época, ou seria um reflexo de uma possível inexistência de tal expressão no momento histórico da produção do dicionário de Moraes? Um levantamento realizado na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional apresenta registros do pragmatema *a coisa (es)tá preta* em meados do século XX, o que pode indicar que naquele período havia uma possível circulação idiomática estabilizada, com uso público no país.

A unidade lexical *preto*, por seu turno, apresenta uma acepção que faz referência a “homem preto, forro, ou cativo” (Silva; Bluteau, 1789), seguida da locução “*espécies pretas*: pimenta, cravo e canela”. No dicionário de Pinto (1832), além das mesmas informações mencionadas em Bluteau, há também o registro de outras expressões: real preto de cobre e dez pretos – nenhuma delas faz referência a racismo ou preconceito. O DHPB (Biderman; Murakawa, 2021), além da definição, traz as expressões sintagmáticas preto forro e preto livre. Já no dicionário Houaiss (2009), há o registro de acepções e de locuções que não satisfazem a nossa busca.

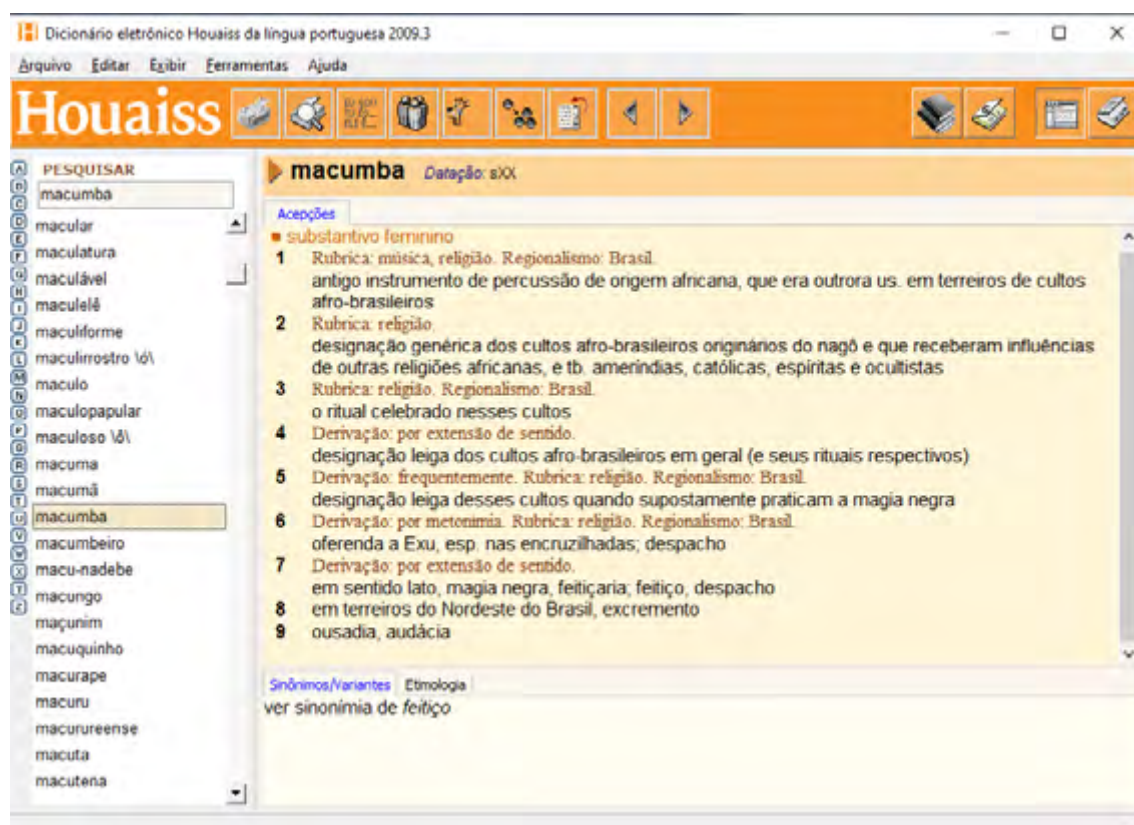
2. Chuta que é macumba

A unidade fraseológica *chuta que é macumba* é definida como a designação do “desejo de afastar algo ruim de perto de si, a vontade de se manter distante de algo que possa fazer mal” na obra *Expressões racistas: por que evitá-las* (Brasil, 2022, p. 25). Após a definição, a publicação apresenta uma explicação para a origem da expressão, que teria surgido na segunda metade do século XIX, no contexto de campanhas de perseguição e destruição de práticas e elementos ligados a religiões de matriz africana. Nessa perspectiva, trata-se de uma expressão marcada pela intolerância religiosa, cuja permanência no uso contemporâneo revela uma possível naturalização de estigmas históricos. A própria obra, que apresenta caráter prescritivo, sugere que “o termo deve ser abandonado e substituído por outros que possam denotar com maior precisão o desejo de afastar algo, como ‘para longe de mim!’, ‘sai daqui!’” (Brasil, 2022, p. 25).

Do ponto de vista lexicográfico, observa-se que a expressão não aparece registrada no dicionário de locuções e expressões (Rocha, Rocha, 2012), tampouco em dicionários históricos como o de Moraes (Silva; Bluteau, 1789). O dicionário Houaiss (2009) registra,

separadamente, as unidades lexicais *chutar* e *macumba*⁵ tratadas separadamente: *chutar* no sentido de golpear com o pé e *macumba* com acepções associadas, de maneira genérica, às religiões afro-brasileiras (conforme se observa na figura 1), sem qualquer menção à locução fraseológica. Dessa forma, nenhum dos repertórios consultados apresenta o pragmatema *chuta que é macumba* como entrada, subentrada ou exemplo de uso.

Figura 1. Captura de tela



Fonte: Dicionário eletrônico Houaiss (2009)

Essa ausência confirma a análise de Krieger (2006), que assevera que os dicionários não apenas funcionam como instrumentos de consulta, mas também refletem escolhas culturais e ideológicas. A não inclusão de determinadas expressões pode indicar um critério de seleção pautado na frequência e institucionalização, e também uma omissão em registrar fórmulas estigmatizantes, mesmo que o uso social seja atestado. Um

5 Em uma aula de disciplina de pós-graduação ofertada pelo professor Bruno Oliveira Maroneze, fomos informados de que o registro mais antigo da unidade lexical *macumba* teria ocorrido em 1880, em um texto de Laudelino Freire. Escritores como Lima Barreto, Mário de Andrade e João do Rio (cronista) também teriam empregado tal unidade lexical em suas obras no início do século XX. O registro lexicográfico mais antigo de *macumba* teria ocorrido em 1950, no dicionário de Aulete.

levantamento empírico no buscador Google, em 2023, revelou 9950 ocorrências da expressão em foco, evidenciando tratar-se de um pragmatema largamente empregado no português contemporâneo, apesar da ausência de registros nos repertórios lexicográficos consultados. Tal fato aponta para um possível hiato entre o uso efetivo e a representação lexicográfica, lacuna que justifica a relevância desta investigação.

3. Galinha de macumba

A expressão *galinha de macumba* não se encontra registrada no dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa (Rocha; Rocha, 2012), o que revela uma lacuna lexicográfica diante de seu uso social. De acordo com a obra *Expressões racistas: por que evitá-las* (Brasil, 2022), trata-se de uma maneira preconceituosa de designar indivíduos negros, marcada por duplo preconceito: “[...] de um lado, compara uma pessoa negra a um animal, o que representa enorme desprezo por sua condição, e, de outro lado, associa as práticas religiosas afro-brasileiras a coisas ruins” (Brasil, 2022). Ocorre desumanização do sujeito ao ser comparado a um animal, e a associação de práticas religiosas afro-brasileiras a algo negativo, o que reitera estigmas de intolerância religiosa.

Nos dicionários históricos, observa-se que *galinha* é registrada apenas em seu sentido denotativo. O dicionário de Moraes (Silva; Bluteau, 1789) apresenta a entrada *gallinha* como “fêmea do galo” (Silva; Bluteau, 1789), acepção repetida em Pinto (1832) e no DHPB (Biderman; Murakawa, 2021). Já o dicionário Houaiss (2009) amplia o repertório de locuções envolvendo *galinha*, mas nenhuma delas corresponde ao uso discriminatório de *galinha de macumba*. Essa ausência evidencia que as obras lexicográficas consultadas não reconhecem a expressão enquanto unidade fraseológica, seja por sua carga pejorativa, seja por não ser considerada suficientemente institucionalizada para constar como entrada.

Do ponto de vista fraseológico, *galinha de macumba* pode ser classificada como uma expressão idiomática, haja vista que seu significado não é resultado da soma de seus componentes lexicais, mas uma construção cultural de caráter preconceituoso. A fixidez formal e a idiomaticidade reforçam o estatuto de unidade fraseológica opaca (Corpas Pastor, 1996). Acresce-se a isso o resultado do levantamento empírico no buscador Google em 2023, revelando mais de 3600 ocorrências, apontando para uma possível vitalidade no uso contemporâneo, marcada por forte estigmatização.

A ausência da expressão em repertórios lexicográficos, portanto, mostra-se como um exemplo da não neutralidade dos dicionários (Krieger, 2006), uma vez que a seleção ou exclusão de itens em dicionários refletem escolhas culturais e ideológicas, que podem invisibilizar construções discriminatórias, ou reforçar sua permanência ao registrá-las sem a devida marcação de valor. Desse modo, a análise da expressão idiomática *galinha de macumba* mostra como a fraseologia pode funcionar como espaço de perpetuação de

preconceitos, apontando para uma possível necessidade de investigações que articulem uso social, registro lexicográfico e crítica cultural.

4. Volta pro (para o) mar, oferenda!

Apesar dos quase quatro mil resultados no sítio de buscas Google, em 2023, a unidade fraseológica *volta para o mar, oferenda!* não se encontra registrada em nenhum dos dicionários selecionados nesta investigação. Segundo a obra *Expressões racistas: por que evitá-las* (Brasil, 2022), a expressão é empregada em contextos de incômodo ou rejeição, quando há o desejo de afastamento de algo ou alguém, “[...] no sentido de incômodo com sua presença física. O termo associa coisas e pessoas indesejáveis às ofertas religiosas que, nas religiões de matriz africana, são oferecidas para lemanjá, orixá associada com as águas salgadas [...]” (Brasil, 2022). Comparar pessoas indesejadas a oferendas destinadas a lemanjá, orixá das águas salgadas nas religiões afro-brasileiras, evidencia força discriminatória e produz um enunciado que reforça preconceitos e intolerância religiosa.

Sob a perspectiva fraseológica, *volta para o mar, oferenda!* é considerado um pragmatema, por se tratar de uma fórmula situacional fixa (Corpas Pastor, 1996), empregada em contextos específicos de interação social para expressar repulsa ou exclusão. A idiomaticidade do pragmatema não é medida a partir da soma literal dos termos *voltar*, *mar* e *oferenda*, mas sim a partir de uma construção cultural marcada por preconceito em relação a religiões de matriz africana, e a interpretação faz sentido no contexto em que ocorre.

Do ponto de vista lexicográfico, os vocábulos *voltar* e *mar*, isoladamente, encontram-se registrados em diversos dicionários, mas sem qualquer acepção que se relacione a preconceitos ou a contextos religiosos. A unidade lexical *oferenda*, por seu turno, não consta nos dicionários mais antigos, como Morais (1789), Pinto (1832), Taunay (1914), nem mesmo no DHPB (Biderman; Murakawa, 2021). Essa ausência tem duas possíveis explicações: ou se tratava de um termo restrito a usos religiosos marginalizados, vinculados a populações escravizadas e, portanto, desconsiderado pelas obras lexicográficas da época, ou foi incorporado de maneira mais tardia ao vocabulário do português no Brasil, apesar de sua origem latina já estar consolidada no sistema da língua.

A ausência da expressão como unidade fraseológica nos dicionários contemporâneos reforça a ideia de que a lexicografia não é neutra (Krieger, 2006). Ao não registrar um elemento de uso vigente e socialmente marcado, os repertórios lexicográficos podem evitar a cristalização de uma expressão racista. Por outro lado, essa escolha pode invisibilizar práticas linguísticas que revelam a persistência do preconceito, apontando para uma possível forma seletiva de lidar com o registro de expressões socialmente estigmatizadas.

5. Macumbeiro

A unidade lexical *macumbeiro* constitui um exemplo de derivação sufixal, formada a partir do substantivo *macumba* acrescido de sufixo *-eiro*, que indica praticante de uma atividade (exemplos: confeitoiro, padeiro). Esse vocábulo consolidou-se no uso social com carga pejorativa, associado de modo depreciativo às religiões afro-brasileiras e a seus praticantes.

Nos dicionários mais antigos (Silva; Bluteau, 1789; Pinto, 1832, Taunay, 1914) não há o registro do vocábulo. Já o Houaiss (2009) apresenta quatro acepções, dentre elas: chefe de terreiro de macumba, praticante ou frequentador assíduo de macumba e, por extensão de sentido, que ou aquele que realiza feitiços, feiticheiro, sendo considerado sinônimo de feiticheiro (Houaiss, 2009). As acepções, segundo a obra *Expressões racistas: por que evitá-las*, referem-se “a religiões de matriz africana e seus(suas) praticantes e são utilizadas, quase sempre, com forte conotação preconceituosa, não raro sendo associadas a coisas muito ruins e que representam riscos às pessoas e à sociedade” (Brasil, 2022, p. 61). Por essa razão, a mesma obra sugere que o termo seja substituído por designações mais precisas e respeitosas, como praticante de religião de matriz africana, candomblecista ou umbandista (Brasil, 2022, p. 62).

Sob a perspectiva lexicográfica, é necessário refletir não somente sobre a presença ou ausência do verbete, mas na forma como é apresentado. Ao definir a unidade lexical *macumbeiro* de forma aparentemente neutra e sem a devida marcação de uso depreciativo, os dicionários inviabilizam a carga discriminatória que o termo possui no uso social, reforçando a ideia de que os dicionários, longe de serem obras neutras, refletem escolhas culturais e ideológicas, podendo legitimar, a partir da omissão, preconceitos arraigados historicamente.

Assim como ocorre com o pragmatema *volta pro mar, oferenda!*, a análise da unidade lexical *macumbeiro* evidencia o dilema lexicográfico entre registrar uma forma corrente da língua e, ao mesmo tempo, não reforçar estigmas. Nesse caso, seria de suma importância que os repertórios lexicográficos indicassem o caráter pejorativo do vocábulo em questão, permitindo que o consulente reconheça seu valor social negativo. Ao optar por não fazer isso, os dicionários abordam uma visão limitada sobre a língua, desconsiderando a dimensão cultural do uso.

Nesse sentido, a palavra *macumbeiro* ilustra como uma unidade lexical simples pode funcionar como meio de racismo linguístico. O uso social do vocábulo somado à ausência de marcação crítica nos dicionários indica que a lexicografia também pode ser considerada um espaço de disputa simbólica, pois registra a língua em funcionamento, ao mesmo tempo em que legitima ou silencia estigmas, dependendo das escolhas editoriais.

6. Boçal

O termo *boçal* apresenta registros em diferentes obras lexicográficas desde o século XVIII, diferentemente do que foi visto nas demais unidades analisadas anteriormente. No dicionário de Moraes (Silva; Bluteau, 1789), o vocábulo é definido como “o que não fala ainda a língua do país estrangeiro em que se acha, diz-se em geral dos pretos cativos [...] Rude, singelo”, acepção retomada em Pinto (1832) e no DHPB (Biderman; Murakawa, 2021). O dicionário Houaiss (2009) confirma esse valor diacrônico, registrando *boçal* como designação de “escravo negro recém-chegado da África, que ainda não falava o português” e, por extensão, como aquele que é falto de cultura; ignorante, rude, tosco”.

A evolução semântica aponta para um processo de pejorativização lexical. Inicialmente tratava-se de um marcador de condição sociolinguística, focando no não domínio da língua portuguesa pelos africanos recém-chegados; e posteriormente passou a ser um qualificativo depreciativo, empregado para designar pessoas “sem cultura, sem educação, rudes” (Brasil, 2022, p. 21). Tal alteração semântica reforça o mecanismo pelo qual a língua pode transformar categorias históricas de opressão em insultos naturalizados, reproduzindo preconceitos por meio do léxico.

A obra *Expressões racistas: por que evitá-las* recomenda a substituição do termo por alternativas como ignorante ou grosseiro, pois seu uso contemporâneo remete a uma origem preconceituosa. Sob o viés lexicográfico, é relevante observar que os dicionários nem sempre problematizam o peso histórico e discriminatório do termo, apesar de reconhecerem a acepção diacrônica ligada à escravidão. A ausência de marcações de uso como pejorativo/preconceituoso pode fazer crer que a palavra seja aparentemente neutra, quando, na prática, carrega um passado de exclusão.

Ao registrar uma palavra sem explicitar sua dimensão racista, as obras lexicográficas podem reforçar um vocabulário que naturaliza a desigualdade histórica da população negra no Brasil. Sob essa ótica, *boçal* é um exemplo de uma unidade lexical que pode condensar uma longa trajetória de preconceito, apontando para uma possível necessidade de revisões lexicográficas que incorporem informações sobre o uso social e reflexões críticas capazes de orientar o consulente para o caráter discriminatório de determinados vocábulos.

Considerações finais

Das quatro unidades fraseológicas selecionadas para este estudo, as quais apresentaram milhares de resultados obtidos a partir de buscas na página Google em 2023, apenas *a coisa (es)tá preta* encontra-se registrada no dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa (Rocha; Rocha, 2012). Tal discrepância suscita uma questão relevante: quantas ocorrências seriam necessárias para que uma forma fosse legitimada e

registrada em um dicionário? Considerar a *web* como *corpus* representativo do uso social pode não ter sido uma estratégia adotada pelo elaboradores de dicionários recentes.

Outra hipótese para a ausência de registro dessas unidades polilêxicas seria a baixa frequência em *corpora* controlados ou a percepção, por parte das equipes editoriais, de que tais expressões não possuíam produtividade suficiente para justificar sua inclusão. Vale lembrar, ainda, que nem todos os dicionários são elaborados por equipes formadas por lexicógrafos e fraseólogos, e que o desenvolvimento de toda obra lexicográfica envolve escolhas, desde a definição de lemas até a organização das subentradas. Acresce-se a isso o fato de ser impossível registrar a totalidade do léxico de uma língua, seja porque o léxico está em constante expansão, seja porque, no Brasil, a produção de dicionários muitas vezes carece de rigor científico e de aporte teórico-metodológico, havendo a crença equivocada de que qualquer indivíduo pode elaborar um repertório dessa natureza.

A crença na neutralidade dos dicionários também precisa ser problematizada. Para os consulentes comuns, essas obras produzem o efeito de serem meros reflexos da fala de uma comunidade, representações objetivas da norma linguística. Entretanto, conforme já discutido anteriormente, os dicionários não são neutros (Krieger, 2006), pois são o resultado de escolhas editoriais, teóricas e ideológicas que determinam o que deve ou não ser incluído, e como deve ser definido. Dessa forma, o não registro de determinadas palavras ou expressões revela uma opção (consciente ou não) dos elaboradores. Isso pode decorrer da ausência de critérios claros, de limitação metodológica ou mesmo de uma recusa em legitimar expressões polêmicas e estigmatizantes.

No caso específico dos pragmatemas, a pouca atenção dada a eles pelos lexicógrafos vem ao encontro do posicionamento de Pinheiro (2015), para quem essas unidades, por não serem léxicas, tendem a não figurar como entradas em dicionários de língua, apesar de sua relevância discursiva. Por todo o exposto, urge a elaboração de um dicionário especializado em unidades fraseológicas do português, capaz de contemplar, com rigor teórico, expressões idiomáticas e outros fraseologismos que efetivamente fazem parte da norma linguística brasileira. Nesse processo, questões como a definição da ancoragem e a classificação dos pragmatemas (cf. Monteiro-Platín *apud* Pinheiro, 2015) precisariam ser aprofundadas, para abranger a diversidade de formas registradas no uso cotidiano.

A análise desenvolvida neste artigo evidenciou que, apesar das trajetórias lexicológicas distintas, todas as unidades selecionadas convergem no reforço de estigmas raciais e religiosos. Dentre as unidades fraseológicas, *galinha de macumba* configurou-se como expressão idiomática, enquanto *a coisa (es)tá preta*, *chuta que é macumba* e *volta pro mar, oferenda!* foram classificadas como pragmatemas, fórmulas situacionais fixas usadas em contextos específicos de interação. Já no grupo das unidades léxicas simples, *macumbeiro* e *boçal* exemplificam como palavras podem cristalizar preconceitos, pois

macumbeiro estigmatiza a religiosidade afro-brasileira, e *boçal* passa pelo processo de pejorativização semântica, transformando uma designação sociolinguística de africanos recém-chegados em insulto associado à ignorância.

Apesar das diferenças formais e etimológicas, todas as unidades analisadas confirmam que o léxico não é um espaço neutro, mas sim um campo de disputa simbólica em que preconceitos podem ser cristalizados e perpetuados. A ausência de registro dessas expressões ou a falta de marcação de uso pejorativo nos dicionários reforça a ideia de que a lexicografia é um instrumento ideológico que pode validar ou silenciar determinados significados.

Por fim, ainda que a obra *Expressões racistas: por que evitá-las* (Brasil, 2022) e outras semelhantes, como obras produzidas pela Defensoria Pública do Estado da Bahia (Bahia, 2021) e da Universidade Federal de Pernambuco (Ebserh, 2023) (seguindo a mesma temática), não tenham sido produzidas com rigor lexicográfico, elas cumprem uma função social relevante. Ao registrarem expressões presentes na fala cotidiana e apontarem seus efeitos discriminatórios, essas obras contribuem para a visibilização de práticas linguísticas que afetam parte expressiva da população brasileira, em um país onde mais de 50% da população se declara parda ou negra (segundo dados do IBGE). Dessa forma, mesmo que não possuam a sistematicidade teórico-metodológica esperada de um dicionário científico, essas iniciativas representam um gesto político e pedagógico de combate ao racismo estrutural, reafirmando o papel da linguagem como espaço central na luta contra a exclusão social.

Referências

ANDRADE, M. M. de. Conceito/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. In: SILVA, J. P. da (org.). *Semântica e Lexicografia*. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000. Disponível em: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ10_21-32.html. Acesso em: 03 jun. 2023.

BAHIA, Defensoria Pública do Estado. *Dicionário de expressões (anti)racistas e como eliminar as microagressões do cotidiano*. Salvador: ESDEP, 2021. Disponível em: https://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_191121-071539.pdf. Acesso em: 01 dez. 2022.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B.. *Lexicografia e terminografia*: alguns contrapontos fundamentais. 2006. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1410>. Acesso em: 28 jul. 2011.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (org.). *Dicionário histórico do português do Brasil: séculos XVI, XVII e XVIII*. Araraquara: FCL-UNESP, 2021. Disponível em: <http://dicionarios.fclar.unesp.br>. Acesso em: 16 out. 2024.

BLANCO, Xavier. Los frasesmas composicionales pragmáticos. In: HUERTA, Pedro Mogorrón & MEJRI, Salah. Opacidad, idiomaticidad, traducción = Opacité, idiomatité, traduction. Alicant: Encuentros Mediterráneos/Rencontres Méditerranéennes. Universitat d'Alicant, 2010. v. 3.

BRASIL. *Lei nº 7716*, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1989.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. *Expressões racistas: por que evitá-las*. Brasília, DF: TSE, 2022. Disponível em <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/11048>. Acesso em 03 jun. 2023.

CASCUDO, L. da C. *Locuções tradicionais no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseologia española*. Madrid: Gredos, 1996.

COSERIU, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1962.

DICIONÁRIO Houaiss corporativo. Disponível em: <https://www.houaiss.net/corporativo/apps/www2/v6-5/html/index.php>. Acesso em: 04 jun. 2023.

EBSERH. *Cartilha de expressões racistas a serem evitadas*. Recife: Editora da UFPE, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/dia-internacional-contr-a-discriminacao-racial-e-momento-de-reflexao-e-luta/21032023-cartilha-contr-a-discriminacao-racial-hc-ufpe.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2023.

FROMM, G. Dicionários em sala de aula: como aproveitá-los bem. In: FROMM, G.; HERNANDES, M. C. L. (org.). *Domínios de Linguagem III: práticas pedagógicas* 2. 1. ed. São Paulo, v. 1, p. 41-50, 2003. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/guifromm/upload/dicionariosemsaladeaula.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (CD-Rom).

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. de. *História, região e identidades*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

KRIEGER, M. da G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Revista Calidoscópico*, v. 4, n. 3, p. 141-147, 2006. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_calidoscopio/vol4n3/art02_krieger.pdf. Acesso em: 03 jun. 2023.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

MATIAS, L. C. *Expressões idiomáticas corporais no dicionário bilíngüe de uso espanhol-português/português-espanhol (DiBU)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

MORAN, M. T. F.; PALACIOS, J.; REY, J. T. del. Algunos apuntes sobre la evaluación de diccionarios. *Revista de Lexicografía*. Universidade da Coruña, 2004.

PINHEIRO, M. B. *Por um dicionário eletrônico de pragmatemas do português brasileiro: levantamento, descrição e categorização*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16221>. Acesso em: 08 jun. 2023.

PINTO, L. M. da S. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/diccionario-da-lingua-brasileira/>. Acesso em: 16 out. 2024.

PRUDENTE, E. A escravidão e o racismo no Brasil, mazelas que ainda perduram. *Jornal da USP*. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/a-escravizacao-e-racismo-no-brasil-mazelas-que-ainda-perduram/>. Acesso em: 09 jun. 2023.

RIVA, H. C. *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil*. 2009. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

ROCHA, C. A. de M.; ROCHA, C. E. P. de M. *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. Livro eletrônico. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=6SiODwAAQBAJ&hl=pt-BR&redir_esc=y. Acesso em: 03 jun. 2023.

SANROMÁN, Á. I. *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasemas, pragmatemas*. 2011. Tese (Doutoramento em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada) – Universidade do Minho Braga, Portugal, 2011. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/4573>. Acesso em: 08 jun. 2023.

SAPIR, E. *Língua e ambiente: Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SILVA, A. de M.; BLUTEAU, R. *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/bases-de-dados/dicionario/apresentacao>. Acesso em: 09 jun. 2023.

TAUNAY, A. de E.. *Lexico de lacunas: subsidios para os dictionarios da lingua portugueza*. Tours, E. Arrault, 1914. 223 p. Publicação em Separata da Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo, v. 16, 1914. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/lexico-de-lacunas-subsidios-para-os-diccionarios-da-lingua-portugueza/>. Acesso em: 16 out. 2024.

URBANO, H. *Dicionário brasileiro de expressões idiomáticas e ditos populares: desatando nós*. São Paulo: Cortez, 2018.

Usos linguísticos no ambiente virtual: contribuições para o *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste do Brasil*

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3841>

Elisandra Benedita Szubris¹

Fernando Jesus da Silva²

Resumo

Este artigo integra as ações do projeto Linguística na Fronteira Brasil/Bolívia – LINFRON e dialoga com a elaboração do *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste do Brasil*, cujo objetivo é dar visibilidade aos usos linguísticos e aos sentidos compartilhados na região de fronteira, especialmente nas cidades gêmeas Cáceres (Brasil) e San Matías (Bolívia). O estudo focaliza a lexia *xômano* e seus derivados, tomada como um traço do falar dos moradores da baixada cuiabana e de Cáceres que vem ganhando circulação na paisagem linguística virtual por meio de redes sociais, *sites* e outras plataformas digitais da região. A partir de uma perspectiva que articula paisagem linguística e contato linguístico, analisamos como esse item lexical se insere em práticas discursivas contemporâneas e como sua circulação contribui para a construção e a reafirmação da identidade cacerense.

Palavras-chave: usos linguísticos; fronteira; paisagem linguística.

1 Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Sinop, Mato Grosso, Brasil; elisandra.benedita@unemat.br; <https://orcid.org/0000-0001-6217-2367>

2 Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Cáceres, Mato Grosso do Sul, Brasil; fernando.silva1@ufmt.br; <https://orcid.org/0000-0003-2307-2528>

Usos lingüísticos en un contexto virtual: contribuciones al *Glosario de Palabras Habladas en la Frontera Oeste de Brasil*

Resumen

Este artículo forma parte de las acciones del proyecto Lingüística en la Frontera Brasil/Bolivia – LINFRON y dialoga con la elaboración del *Glosario de Palabras Habladas en la Frontera Oeste de Brasil*, cuyo objetivo es dar visibilidad a los usos lingüísticos y a los sentidos compartidos en la región fronteriza, especialmente en las ciudades gemelas de Cáceres (Brasil) y San Matías (Bolivia). El estudio se centra en la lexía *xômano* y sus derivados, tomada como un rasgo del habla de los habitantes de la bajada cuiabana y de Cáceres, que ha ido ganando circulación en el paisaje lingüístico virtual a través de redes sociales, sitios web y otras plataformas digitales de la región. Desde una perspectiva que articula paisaje lingüístico y contacto lingüístico, analizamos cómo este ítem lexico se inserta en prácticas discursivas contemporáneas y cómo su circulación contribuye a la construcción y reafirmación de la identidad cacerense.

Palabras clave: usos lingüísticos; frontera; paisaje lingüístico.

Introdução

O Projeto Linguística na Fronteira Brasil–Bolívia, doravante Projeto LINFRON, tem como objetivo promover a produção e circulação de conhecimentos sobre diferentes aspectos lingüísticos, históricos, sociais e culturais da fronteira Brasil–Bolívia. Nesse contexto, as pesquisas em desenvolvimento pelos integrantes do projeto buscam compreender como se organizam as representações lingüísticas do léxico compartilhado entre falantes, bem como descrever os fenômenos lingüísticos presentes nesse espaço.

Entre as iniciativas em andamento, destaca-se a elaboração do *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste do Brasil*, destinado a registrar, sistematizar e valorizar a diversidade lexical característica dessa região. Dentre os vocábulos incluídos no glossário, destaca-se *xômano*, cuja circulação, usos e variantes serão objeto de análise detalhada ao longo deste trabalho, permitindo investigar suas funções identitárias e seu papel na paisagem lingüística local.

As pesquisas do LINFRON voltam-se especialmente para as cidades gêmeas de Cáceres, no estado de Mato Grosso, Brasil, e San Matias, no departamento de Santa Cruz, Bolívia, localidades situadas na faixa de fronteira oeste brasileira e caracterizadas por intensas relações de mobilidade, comércio, vínculos familiares e intercâmbios culturais. Essas dinâmicas favorecem situações recorrentes de contato social e lingüístico, nas quais circulam variedades do português e do espanhol, além de práticas discursivas híbridas e repertórios compartilhados que marcam a experiência fronteiriça.

Embora o projeto contemple esse espaço transfronteiriço de forma ampla, nosso objetivo concentra-se sobre o município de Cáceres, e por extensão a baixada cuiabana³, observando-se como usos linguísticos⁴ regionais, neste caso, especificamente o vocábulo *xômano* e suas variantes, se manifestam e ganham visibilidade no ambiente virtual.

Em estudo recente, Macedo-Karim e Szubris (2024) observaram um progressivo movimento de palavras, expressões da variedade cacerense em *sites* jornalísticos, comerciais, *blogs*, perfis, aplicativos, sobretudo em redes sociais, tais como, Whatsapp, Facebook e Instagram. Essa circulação visibiliza a apropriação de formas linguísticas locais no espaço virtual, ampliando sua visibilidade e consolidando seu papel identitário na comunidade cacerense.

Entende-se paisagem linguística, neste trabalho, como o conjunto de manifestações visíveis da língua em espaços sociais, constituído por inscrições, palavras, sinais e textos que circulam tanto em ambientes físicos, como fachadas, placas, muros e materiais de divulgação, quanto em ambientes virtuais, como redes sociais, *sites* e outras plataformas digitais. Essa perspectiva considera a paisagem linguística como prática social que produz sentidos e que demonstra relações de poder, identidades e dinâmicas de contato linguístico (Weinreich, 1953; Landry; Bourhis, 1997; Thomason, 2010). Assim, os usos linguísticos observados são compreendidos como formas de representação simbólica dos grupos sociais, revelando processos de pertencimento, valorização cultural e construção identitária, especialmente em contextos fronteiriços marcados pela circulação e pelo contato entre línguas.

O contato linguístico e a paisagem linguística estão intimamente relacionados no contexto virtual, pois o ambiente virtual funciona como espaço de circulação e visibilidade de usos linguísticos resultantes de interações entre falantes de diferentes línguas ou variedades. O contato linguístico promove mudanças lexicais, adaptações e novas formas de significação, enquanto a paisagem linguística representa a materialização visual dessas práticas em plataformas digitais. Essa relação permite compreender os usos linguísticos de forma mais completa, ressaltando quais formas são empregadas, como circulam e como são apropriadas e ressignificadas pelos falantes. A análise da paisagem linguística virtual, portanto, oferece um retrato dinâmico das transformações

3 A baixada cuiabana é uma região geográfica do estado de Mato Grosso, abrangendo, entre outros municípios, Cuiabá, Várzea Grande, Santo Antônio de Leverger, Chapada dos Guimarães e Poconé, e integrada à Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá. A Baixada Cuiabana representa um dos núcleos de ocupação histórica e dinamismo sociocultural do estado, configurando um espaço geográfico marcante no contexto da fronteira oeste brasileira (Macedo-Karim, 2012).

4 Usos linguísticos são formas concretas de emprego da língua em situações reais de interação, envolvendo escolhas fonéticas, lexicais, morfossintáticas e discursivas realizadas pelos falantes. O termo refere-se à língua em funcionamento social, marcada por contextos culturais, históricos e identitários, e não apenas ao sistema abstrato da língua (Macedo-Karim; Szubris, 2024).

linguísticas e identitárias em contextos de fronteira, onde a interação constante entre línguas e comunidades molda práticas comunicativas e reforça identidades locais.

O contato linguístico e a paisagem linguística

O contato linguístico é compreendido como a interação sistemática entre falantes de línguas ou variedades diferentes, fenômeno que pode gerar mudanças fonéticas, lexicais, morfosintáticas e discursivas nas línguas envolvidas (Weinreich, 1953; Winford, 2003). Desde os estudos clássicos de Weinreich, que definiram o contato linguístico como motor de empréstimos e adaptações linguísticas, até pesquisas contemporâneas, o conceito foi ampliado para incluir além de efeitos formais na língua, as dimensões sociais, culturais e identitárias (Thomason, 2010; Heine, 2005). O contato linguístico, portanto, não se restringe à alteração estrutural, mas envolve práticas sociais, atitudes linguísticas e processos de construção de pertencimento, especialmente em contextos fronteiriços ou multiculturais, nos quais diferentes línguas coexistem e interagem de maneira dinâmica.

Por outro lado, a paisagem linguística tem sido concebida como a manifestação visível da língua nos espaços sociais, incluindo placas, fachadas, muros, cartazes, anúncios e, mais recentemente, conteúdos digitais, como *posts*, *hashtags*, memes e vídeos em redes sociais (Landry; Bourhis, 1997; Gorter, 2013). Originalmente estudada para compreender a presença material das línguas em cidades e territórios, a paisagem linguística passou a ser uma ferramenta analítica que identifica práticas sociais, relações de poder e processos de identidade. Em outras palavras, ela permite observar como os falantes materializam e legitimam usos linguísticos em diferentes contextos, físicos ou digitais.

A articulação entre contato linguístico e paisagem linguística tem se mostrado particularmente relevante na análise de usos linguísticos contemporâneos. Nos ambientes digitais, o contato entre línguas e variedades é intensificado, já que falantes de diferentes localidades podem interagir instantaneamente por meio de redes sociais. O espaço virtual funciona como uma paisagem linguística expandida, na qual os usos circulam mais rapidamente, sofrem ressignificação e se consolidam como marcadores identitários. Assim, a combinação desses dois conceitos possibilita compreender como palavras, expressões e formas linguísticas locais se difundem, se transformam e são apropriadas por diferentes comunidades, revelando padrões de circulação, estratégias comunicativas e a construção de sentidos culturais e sociais.

Essa perspectiva integrada permite analisar como o vocábulo *xômano* e seus derivados, tais como *xômana(s)* e *xomanita(s)*, são percebidos, apropriados e ressignificados. Segundo Gorter (2013), a paisagem linguística virtual contribui para que a língua se torne um recurso estratégico de identidade, pertencimento e memória cultural, logo, não se trata apenas de circulação de *xômano*, mas dos efeitos que produz sobre os cacerenses.

Xômano é uma forma lexical associada ao modo regional de designar o “homem”, especialmente aquele identificado como pertencente ao universo cultural local, carregando valor afetivo, identitário e de reconhecimento social. O elemento *xô*, pronunciado [tʃo], tem origem histórica na forma “*sinhô*” (variante popular de *senhor*), amplamente utilizada em variedades do português brasileiro, sobretudo em contextos rurais e interioranos, como forma de tratamento respeitosa ou de referência a homens.

Processos fonético-fonológicos característicos da oralidade, como redução silábica, palatalização e simplificação da forma, teriam contribuído para a evolução de *sinhô* → *nhô* → *xô/tchô* em determinados falares regionais. Assim, o que antes era um tratamento ou referência respeitosa passa a integrar a formação lexical de novas palavras, como *xômano*, nas quais o elemento assume valor identitário e regional. De acordo com Macedo-Karim (2012, p. 162):

[...] variedade mato-grossense teria como base a variedade do português medieval falado pelos bandeirantes colonizadores que contribuíram para a expansão da língua portuguesa na fronteira oeste. Nesse sentido, a presença da consoante africada [tʃ], em Cáceres, se explica por ser um traço em uso em regiões onde a colonização foi mais intensa e que ficaram isoladas dos centros urbanos por um longo tempo.

A realização da consoante fricativa pós-alveolar [ʃ] como africada [tʃ], fenômeno que se situa no nível segmental, isto é, trata-se de uma variação na qualidade do som consonantal e não de alteração silábica, que ocorre, por exemplo, na forma “*xô*”, que, embora graficamente associada ao som [ʃ], é pronunciada localmente como [tʃo] (“*tchô*”). Esse uso linguístico circula amplamente em Cáceres, Cuiabá e Várzea Grande, cidades que compartilham características do falar regional, dadas as relações históricas, sociais e econômicas que as aproximam.

Essa observação, fundamentada nos dados empíricos analisados neste estudo, dialoga com pesquisas sociolinguísticas desenvolvidas na região a partir dos trabalhos de Macedo-Karim (2012, 2014), que descrevem variações fonéticas e gramaticais no português falado em Cáceres sob a perspectiva da variação linguística, com base em dados de fala e metodologia sociolinguística. Tais estudos concluem que o português local apresenta realizações variáveis sistemáticas, reforçando a interpretação de que esse fenômeno integra o conjunto de práticas linguísticas observáveis na comunidade.

O uso dos termos *tchá* e *tchô* para se referir a “senhora” e “senhor”, e que também aparecem com valor de pronome possessivo, como “seu” e “sua”, é recorrente na fala de pessoas mais velhas e de nativos da cidade de Cáceres e da baixada cuiabana. Historicamente, essas expressões sempre foram alvo de preconceito linguístico e estigmatização, sendo associadas a um falar considerado “feio”. Essa situação gerou

sentimentos de vergonha entre os próprios moradores, que, por muito tempo, evitavam usar essas formas em contextos formais ou diante de pessoas de fora, refletindo uma espécie de desconforto em se identificar como cacerense ou cuiabano. Assim, esses usos linguísticos funcionaram como variantes e indicadores de identidade regional marginalizada, reforçando dinâmicas de poder e hierarquias sociais em relação ao que é considerado “falar correto” ou prestigioso.

Dessa maneira, buscamos, neste artigo, analisar *xômano* e seus derivados, observando os seus efeitos nos modos como circulam no espaço virtual. Em cada exemplo a ser analisado, descrevemos o fenômeno, os contextos de uso e o tipo de publicação em que essas formas ocorrem. Para a organização do *corpus* e a descrição das variáveis linguísticas, fundamentamo-nos teórico-metodologicamente em Landry e Bourhis (1997), Hall (2006), Gorter (2013), Silva (2022) e Macedo-Karim e Szubris (2024). Consideramos, nas análises, os contextos de circulação dessas formas, que apresentam a manutenção de traços linguísticos locais em interação com novos usos e sentidos em circulação na contemporaneidade.

Cáceres-MT: contato, identidade e circulação

A cidade de Cáceres está localizada a 240 km da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e a 80 km da cidade boliviana de San Matías, com a qual faz fronteira. A cidade foi fundada em 6 de outubro de 1778, sob o nome de Vila Maria do Paraguay.

A fundação de Vila Maria foi pensada estrategicamente para estabelecer uma conexão efetiva entre a Vila de Cuiabá e a capital Vila Bela da Santíssima Trindade. A Coroa portuguesa, que já havia intensificado o domínio com o povoamento nas fronteiras do Oeste brasileiro, faz fundar a Vila Maria, no caminho/entrepasto dessas duas importantes vilas, em homenagem à D. Maria, rainha de Portugal (Szubris, 2014, p. 24).

Em 1874, a Vila Maria do Paraguay, ao ser elevada à categoria de cidade, é renomeada sob o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro e ao fundador da cidade, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres e, mais tarde, em 1938, passou a se chamar Cáceres.

Sob os traços linguísticos presentes na cidade, Silva (2022, p. 61) afirma que eles indicam um intenso processo de empréstimos e convergências linguísticas, resultados de contatos históricos entre portugueses e espanhóis e, em momento posterior, entre brasileiros, bolivianos e etnias indígenas. Esse cenário de contato contribuiu para a formação de uma variedade de português falada na fronteira com a Bolívia, neste caso, do português falado em Cáceres, doravante, variedade cacerense.

A fronteira entre Cáceres (Brasil) e San Matias (Bolívia) constitui um espaço social marcado por intensas interações culturais, econômicas e comunicativas, configurando um cenário típico de contato linguístico. Nessa região, o português brasileiro e o espanhol boliviano coexistem em práticas cotidianas, produzindo situações de bilinguismo, alternância de códigos, empréstimos e ressignificações lexicais. Conforme discute Silva (2022), ao analisar práticas linguísticas na fronteira Cáceres–San Matias, esse território deve ser compreendido como uma zona de circulação linguística e simbólica, na qual os falantes mobilizam recursos de diferentes línguas em função das situações de uso, demonstrando a natureza dinâmica e relacional das práticas de linguagem nesse espaço.

O contato linguístico, nesse sentido, não se restringe à presença simultânea de dois sistemas linguísticos, mas envolve processos de circulação de formas, sentidos e identidades. As palavras que emergem ou ganham novos usos na fronteira refletem experiências compartilhadas por falantes que transitam entre diferentes repertórios linguísticos e culturais. Esse cenário favorece a emergência de formas híbridas, adaptações fonéticas e semânticas e a ampliação dos significados sociais atribuídos a determinados itens lexicais, fenômenos também observados por Silva (2022) ao tratar da paisagem linguística e das práticas discursivas nesse contexto fronteiriço.

Para além da dimensão descritiva dos signos, adotamos uma perspectiva que entende a paisagem linguística como prática social e simbólica, por meio da qual se expressam relações de poder, processos identitários e dinâmicas de contato linguístico, especialmente relevantes em contextos fronteiriços. Assim, a paisagem linguística é tomada, neste trabalho como espaço discursivo em que línguas, sujeitos e culturas se tornam visíveis, negociando pertencimentos e produzindo sentidos sobre o território.

A fronteira não é apenas um limite geopolítico, mas um espaço de convergência simbólica, no qual os falantes negociam sentidos, pertencimentos e modos de falar. Nesse processo, formas linguísticas locais se mantêm, se ressignificam ou passam a circular em novos ambientes, como as plataformas digitais, ampliando o alcance dessas práticas, conforme também assinala Silva (2022) ao discutir a mediação tecnológica na visibilidade dos usos linguísticos fronteiriços.

Metodologia do trabalho

Ao definir as bases para a constituição do glossário do LINFRON, levamos em consideração três momentos de levantamento de material linguístico e bibliográfico da fronteira oeste. Primeiramente, realizamos um levantamento de pesquisas nos repositórios da UNEMAT (*Gnuteca*)⁵ e no banco de dissertações e teses defendidas do PPGL⁶, com o objetivo de

5 Universidade do Estado de Mato Grosso. *Gnuteca* – Biblioteca da UNEMAT. Disponível em: <https://biblioteca.unemat.br/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

6 Universidade do Estado de Mato Grosso. *Programa de Pós-Graduação em Linguística* (PPGL) – UNEMAT. Disponível em: <https://portal.unemat.br/linguistica>. Acesso em: 14 mar. 2023.

vislumbrar o “Estado da arte” da produção científica, em Letras e Linguística, sobre as temáticas língua, fronteira e identidade. Utilizamos como parâmetro de filtragem: palavras-chave do projeto e nomes das cidades que compõem a faixa da fronteira oeste de Mato Grosso. Estes parâmetros reportaram 47 monografias, 20 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado. O levantamento foi realizado entre os meses de dezembro de 2022 e março de 2023.

Após essa etapa, iniciamos a elaboração do Catálogo de Resumos de Pesquisas da Graduação em Letras e da Pós-Graduação em Linguística. Com este material, pôde-se formar um banco de dados linguísticos para as pesquisas vindouras.

Em seguida, coletamos palavras e expressões levantadas por Silva (2022) em sua pesquisa *O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre variação lexical*, que teve como objetivo analisar os efeitos do contato linguístico entre o espanhol e o português na fronteira Brasil/Bolívia sobre o léxico dos moradores de San Matias e Cáceres. A partir dessa pesquisa, foi possível produzir 97 cartas linguísticas, em que essa cartografia revela de modo sincrônico a diversidade lexical da região, as semelhanças e diferenças no repertório entre homens, mulheres, jovens, pessoas mais velhas, mais escolarizadas, menos escolarizadas, e os efeitos dos usos linguísticos sobre as comunidades estudadas.

Além dessas fontes, temos feito buscas avançadas em *sites*, redes sociais, aplicativos, com o intuito de catalogar usos linguísticos da região que investigamos. Nesse processo, encontramos diversas variantes lexicais locais que têm circulado com bastante produtividade na paisagem linguística virtual de diferentes páginas, redes sociais e aplicativos, como por exemplo, o uso linguístico *xômano* e suas variantes.

No plano metodológico do *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste*, existe uma divisão entre a *Paisagem Linguística (PL)*, que abrange os usos da língua materializados em espaços físicos, como placas, fachadas e muros, e a *Paisagem Linguística Virtual (PLV)*, que contempla os usos em ambientes virtuais, como redes sociais, *blogs*, *sites* e aplicativos. Essa divisão permite compreender de forma mais ampla a circulação, a apropriação e a resignificação das palavras na fronteira. No presente artigo, entretanto, será contemplada apenas a PLV, considerando o foco na visibilidade e disseminação dos usos linguísticos por meio das plataformas digitais da região.

Conforme Lévy (1996, p. 5), “o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual”. Nessa perspectiva, não consideramos a PLV em oposição à paisagem linguística física, pois o virtual constitui uma dimensão do real que se atualiza por meio das tecnologias digitais. Assim, o ambiente virtual não substitui o espaço urbano material, mas reconfigura e amplia a circulação dos signos linguísticos, possibilitando que imagens, textos e símbolos presentes nas cidades sejam acessados, compartilhados e reinterpretados

nesse ambiente. Desse modo, as paisagens linguísticas físicas e virtuais correspondem a formas distintas de atualização da linguagem no espaço social, coexistindo e se complementando na construção de sentidos, identidades e práticas culturais.

Metodologicamente, o processo de seleção do *corpus* para a PLV seguiu critérios de representatividade e relevância para a análise dos usos linguísticos da região. Foram priorizados registros de páginas, perfis, *blogs* e redes sociais que circulam amplamente entre os habitantes de Cáceres e da baixada cuiabana, garantindo que os termos coletados refletissem práticas reais de comunicação e apropriação lexical. As capturas de tela foram utilizadas como ferramenta principal de registro, permitindo documentar a forma, o contexto e o alcance dos usos, bem como preservar a autenticidade dos dados digitais.

Para este artigo, serão analisadas seis ocorrências específicas da lexia *xômano* e suas variantes, selecionadas por representarem contextos variados de circulação, apropriação e ressignificação. Cada item lexical selecionado foi armazenado junto com informações sobre a plataforma e os *links* para mais informações.

O estudo sobre a paisagem linguística tornou-se produtivo para as pesquisas realizadas no Projeto LINFRON, dado o interesse em observar as línguas e suas variedades em funcionamento nos espaços públicos, ressaltando as peculiaridades linguísticas de cada cidade, sobretudo o intercâmbio que ocorre entre elas.

Sobre os usos linguísticos locais encontrados em circulação na internet, Macedo- Karim e Szubris (2024, p. 7) explicam que há um progressivo movimento de inserção desses usos devido à grande adesão das pessoas às plataformas de *e-commerce*, aplicativos de serviços e de perfis em redes sociais. Desse modo, as autoras consideram a paisagem linguística digital como uma extensão da paisagem linguística física, de modo que ela dissemina e amplia o conhecimento sobre os usos linguísticos das cidades e produz novas interações entre os falantes nesse ambiente, fortalecendo identidades.

Para Hall (2006), a identidade não é algo fixo e imutável, mas sim uma construção social e histórica, constantemente negociada e renegociada. Sendo assim, ao observarmos a circulação e os diferentes modos de significação de *xômano*, veremos as conexões que são produzidas.

Para este trabalho, nossa questão-problema é: como o uso linguístico *xômano* e suas variantes têm sido ressignificados na paisagem linguística virtual? A fim de responder a essa questão, analisaremos 6 ocorrências retiradas de diferentes plataformas. Esses exemplos permitem observar como o termo circula na PLV e seus efeitos para os usuários das plataformas.

Análise dos dados

Concentraremos nossa atenção no vocábulo *xômano*⁷ e suas variantes, examinando sua ocorrência, identificando padrões de circulação e significação e buscando compreender como uma expressão historicamente estigmatizada se transforma em marcador positivo de uma identidade regional.

A seguir, apresentamos o Quadro 1 com a seleção do *corpus* de pesquisa. Trata-se de 6 exemplos em que aparecem *xômano* e variantes.

Quadro 1. Seleção do *corpus* de pesquisa

Uso linguístico	Imagem	Onde circula?
01. <i>Xomano pesca</i>	 xomano.pesca ... Rafael Xomano Pesca 88 posts · 733 seguidores · 891 seguindo Meu novo Instagram agora, vem pescar com xomano 🐟 📍 Rafael Xomano Pesca Fonte: https://www.instagram.com/xomano.pesca/ Acesso em: 24 set. 2024.	Instagram
02. <i>Gordas Xômanas</i>	 LUTE COMO UMA GORDA Leitendo os Estudos do Corpo Gordão para além dos neurais da Universidade GORDAS XÔMANAS! 📅 LUTE COMO UMA GORDA 📅 23 de agosto de 2019 📍 ATIVISMO GORDO FEMINISMO GORDO gordas xômanas RESISTÊNCIA 📍 LUTE COMO UMA GORDA 📍 ativismogordo feminisnogordo gordasxômanas LUTE COMO UMA GORDA Fonte: https://lutecomoumagorda.home.blog/2019/08/23/gordas-xomanas/ Acesso em: 24 set. 2024.	Blog

⁷ No estudo da lexia *xômano* e de suas formas derivadas, observamos a ocorrência de variações gráficas, tanto com acento circunflexo (*xômano*) quanto sem acentuação (*xomano*) e com a letra (X) maiúscula e minúscula (x), sem que se identifique um padrão ortográfico estável. Essa oscilação gráfica demonstra a circulação de diferentes formas em usos escritos e discursivos distintos.

03. Cervejaria Xomana	 Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/cevejariaxomana/. Acesso em: 18 jun. 2024.	Facebook
04. Xômana Lisa Pantaneira	 Fonte: https://sacolas.artistasdobrasil.com/2024/04/04/xomana-lisa-pantaneira/. Acesso em: 18 jun. 2024.	Página web
05. @euxomanita	 Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/euxomanita/. Acesso em: 24 set. 2024.	Instagram

06. Rastapé Xomanitas	Fonte: Disponível em: https://www.instagram.com/kulhallcaceres/ Acesso em: 10 out. 2024.	Instagram

Fonte: Elaboração própria

Segundo o *Dicionário Informal*⁸, *xômano* é uma gíria popular de Mato Grosso, principalmente utilizada em Cuiabá, Várzea Grande e Cáceres, e que significa amigo, colega, cara, camarada, mano, parceiro etc. Não é usada no feminino, mas, nos últimos anos, com o fortalecimento do feminismo na região, as mulheres também começaram a usar essa expressão na forma *xômana*.

No exemplo 01, “*Xomano Pesca*”, observamos como o vocábulo *Xomano* se combina com outros lexemas para criar expressões compostas que carregam significado cultural e identitário. Nesse caso, a palavra atua como marcador local, reforçando traços do falar regional. A associação com a palavra “pesca” remete ao homem pescador, figura tradicional do Pantanal, e às práticas cotidianas ligadas à pesca e à vida ribeirinha, que configuram parte integrante da cultura material e simbólica da região. Essa relação entre léxico e modo de vida dialoga com a imagem do perfil, ressaltando o vínculo entre o meio natural, a experiência cultural e o imaginário social local.

Do ponto de vista identitário, Hall (2006) explica que a identidade não é um traço fixo ou essencial, mas um ponto de produção, continuamente reconstruído nas práticas sociais e discursivas. Nesse sentido, o uso e a circulação de expressões como *Xomano Pesca* constituem uma prática identitária que reforça e ressignifica o pertencimento à comunidade local.

O Instagram, nesse sentido, enquanto rede social, favorece a interação direta entre falantes, reforçando a construção de sentidos identitários positivos. Assim, a plataforma amplifica a circulação da língua local, atuando como espaço de construção comunitária

8 DICIONÁRIO inFORMAL. *Diferença entre Xômano e parceiro*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/xomano/parceiro/>. Acesso em: 14 jun. 2024.

e identidade digital, aproximando moradores, ex-moradores e interessados da cultura da região, consolidando Xômano como símbolo linguístico e cultural regional.

No exemplo 02, "*Gordas Xômanas*", retirado do *blog Lute como uma Gorda*, observamos como o vocábulo *xômano* é ressignificado por meio da flexão de gênero para *xômana*, articulando-se a uma pauta feminista e de valorização dos corpos gordos. Essa ação foi idealizada pela profa. Dra. Malu Jimenez, que à época realizou seu doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. A autora publicou sua tese de doutorado *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos* (2020) e o livro *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos* (2020).

No *blog*, é apresentado o contexto de designação do coletivo de mulheres, que insere o uso linguístico *xômanas* na expressão *Gordas Xômanas*. A palavra *xômana* é derivada de *xômano*, comumente usada para se dirigir apenas ao público masculino, mas como aponta a autora, "com o fortalecimento do feminismo na região, as mulheres também começaram a usar essa expressão *xômana*". Assim, ao agregar a palavra *xômana* na designação do coletivo, atribui-se o uso para significar a união de mulheres que têm o objetivo de levar conhecimento à sociedade, a fim da valorização e o combate aos estigmas em relação aos corpos gordos. Trata-se de uma apropriação de um termo, originalmente masculino, que se ressignifica em um contexto de uso específico, contribuindo para o empoderamento feminino.

Nesse contexto, o uso do termo *xômana* explicita um processo de incorporação linguística resultante do contato social, cultural e especialmente linguístico, visto que ao realizar seu estudo de doutorado em Cuiabá na UFMT, teve contato com o léxico local, que assim como o caso dos cacerenses, por muito tempo esteve estigmatizado em Cuiabá, e agora é mobilizado para produzir sentidos novos e positivos, conectando identidade local, corpo e ativismo social.

A situação exemplifica a relação entre contato linguístico e transformação de sentidos lexicais, conforme proposto por Weinreich (1953), que entendia o contato de línguas e variedades como um espaço de influência mútua, adaptação e, sobretudo, inovação linguística. Nesse caso, a circulação digital do termo, mediada pelo *blog*, permite que falantes de diferentes contextos e regiões interajam com a lexia, tenham interesse em saber mais sobre a cultura mato-grossense e, dessa forma, construam novos modos de ressignificação do termo.

No exemplo 03, "*Cervejaria Xomana*", o termo *Xomana* ultrapassa sua função lexical cotidiana e passa a atuar como marca comercial, carregando significados culturais e simbólicos da identidade do cuiabano. Ao ser incorporado ao nome de um produto, o vocábulo funciona como instrumento de comunicação e valorização da cultura regional, aproximando consumidores que compartilham essa identidade, como os cacerenses,

criando uma conexão afetiva a partir do linguístico. A escolha do nome demonstra o caráter estratégico do léxico, pois agrega valor emocional e cultural à marca, tornando-a reconhecível e memorável, e transformando um termo antes estigmatizado em símbolo positivo de pertencimento e orgulho local.

Assim, a presença desse uso em diferentes PLVs, por meio de publicidade ou mesmo em um simples *post*, “favorece a argumentação na venda de produtos e serviços, no intuito de estabelecer uma proximidade com o público local e externo” (Macedo-Karim; Szubris, 2024, p. 351).

Outro aspecto relevante nesse exemplo, é a participação de mulheres em um setor historicamente dominado por homens. De acordo com o *site Science of Beer Institute*⁹, na antiguidade, a cerveja era considerada um alimento e, nesse contexto, sua produção estava inserida nas tarefas domésticas desempenhadas pelas mulheres. Ao longo dos séculos, contudo, a produção de cerveja tornou-se um espaço majoritariamente masculino. Nos últimos anos, com a popularização das cervejas artesanais e os movimentos em prol da maior representatividade feminina em diferentes setores da sociedade, as mulheres têm retomado sua relação com a bebida tanto como consumidoras quanto produtoras e gestoras de negócios cervejeiros em diversas partes do mundo.

Podemos observar que o uso linguístico *xomana* nos dois exemplos apresentados, além de demarcar a identidade local, por meio da variação linguística, também indica que são escolhas políticas que demonstram o fortalecimento do protagonismo feminino na região.

Além disso, a circulação do vocábulo, neste caso no Facebook, potencializa, tanto como no Instagram, a divulgação da marca, atingindo públicos que vão além do espaço físico de produção, reforçando a presença da identidade mato-grossense em outras regiões. Nesse sentido, *Xomana*, enquanto marca, funciona como veículo de difusão cultural, reforçando o valor econômico do produto e a consolidação de elementos identitários regionais, ao mesmo tempo em que demonstra o potencial estratégico do léxico local no ambiente virtual.

No exemplo 04, “*Xômana Lisa Pantaneira*”, observa-se a adoção do vocábulo *xômano* no campo da arte e da cultura, incorporado a produções visuais que reinterpretem símbolos da identidade pantaneira. O quadro associado à obra não representa a tradicional *Monalisa*, mas sim uma capivara, animal emblemático do Pantanal, reforçando o vínculo com a fauna local e destacando elementos culturais regionais.

9 SCIENCE OF BEER. *Valorização das mulheres no mercado cervejeiro é uma das bandeiras do Science of Beer*. Disponível em: <https://www.scienceofbeer.com.br/br/post/valorizacao-das-mulheres-no-mercado-cervejeiro-e-uma-das-bandeiras-do-science-of-beer>. Acesso em: 14 jun. 2024.

Desenhada pelo artista Rodrigo Piasecki, inicialmente planejada como uma capivara roqueira, com *piercing* e tatuagens, a obra ganhou uma nova perspectiva a partir da sugestão de sua namorada, que propôs a ideia de transformá-la em uma “capivara Monalisa”. Com o título *Xômana Lisa*, Rodrigo buscou remeter ao tradicional dialeto cuiabano, no qual a palavra *xômana* significa amiga, colega, parceira, atributos que ele via refletidos na própria capivara. A obra foi concebida para celebrar a cultura local de Cuiabá, integrando elementos simbólicos como o vestido de chita, a cadeira de plástico dos clássicos *food trucks* de baguncinha¹⁰ e o cenário do pantanal, articulando humor, tradição e pertencimento cultural. Trata-se de uma releitura estética e cultural, na qual o termo deixa de ser apenas um marcador do falar mato-grossense e se torna um recurso artístico e identitário, articulando tradição local, humor e valorização do patrimônio simbólico da região.

O vestido de chita é símbolo da cultura popular brasileira, podendo ser encontrado como vestimentas em danças tradicionais das cidades mais antigas de Mato Grosso. Já o baguncinha foi considerado Patrimônio Cultural Imaterial do município de Cuiabá pela lei nº 6.786/2022, medida que visou valorizar a cultura e a gastronomia regional na capital. A capivara também é um símbolo do Pantanal e símbolo de preservação das espécies “guarda-chuvas”¹¹.

O uso da palavra *xômana*, no título da obra, dialoga com o nome original “Mona Lisa” que, de modo literal, pode significar “senhora Lisa” e, ao mesmo tempo, o ressignifica, associando-o à cultura e à variedade linguística mato-grossense. A designação *Pantaneira* localiza a obra e a personagem em um contexto específico, o Pantanal Mato Grossense, reforçando a identidade da personagem como parte integrante da natureza e da cultura local.

Segundo Hall (2006), a identidade é uma construção que se dá continuamente nas práticas sociais e nos significados atribuídos a símbolos culturais. Dessa forma, a incorporação de *xômana* em contextos artístico-digitais exemplifica como uma expressão linguística se conecta a práticas culturais.

No exemplo 05, “@euxomanita”, perfil de Instagram da influenciadora cacerense Renata Mariana dos Santos Lins, observa-se a circulação do vocábulo *Xomanita*, versão diminutiva e afetiva de *Xômano*, em conteúdos que abordam o cotidiano da cidade, eventos culturais

¹⁰ Baguncinha é um lanche típico da baixada cuiabana e de Cáceres, geralmente composto por hambúrguer, queijo, ovo e outros complementos, vendido em carrinhos ou *food trucks* nas ruas da cidade. É conhecido pelo sabor marcante e pela forma descontraída de consumo, sendo parte da cultura local de alimentação de rua.

¹¹ PONTES, S.; JUNIOR, R. Dia Internacional da Capivara: animal é símbolo de preservação de espécies ‘guarda-chuva’, dizem pesquisadores de MT. *Portal G1 Mato Grosso*, Cuiabá, 14 set. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2023/09/14/dia-internacional-da-capivara-animal-e-simbolo-de-preservacao-de-especies-guarda-chuva-dizem-pesquisadores-de-mt.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2024.

e aspectos da vida local. A forma diminutiva *Xomanita* reforça a dimensão afetiva do termo, aproximando o falante do objeto de referência e criando vínculos de pertencimento e intimidade com a cultura local. É interessante notar que a desinência “-ita” não é muito comum no português brasileiro em geral, sendo mais frequente “-inha”; entretanto, em contextos de fronteira, a influência do espanhol contribui para a adoção de “-ita” como marcador diminutivo, afetivo e identitário (Silva, 2022).

A escolha do nome busca criar uma identidade única e o vínculo com o público local. Podemos observar no recorte 5 que, pela importante atuação da influencer em ações sociais, ela recebeu uma Moção de Alausos na Câmara Municipal de Cáceres. Ressaltamos que o nome artístico da influencer digital aparece, em destaque, na proposição aprovada pelo plenário. Na *bio* do Instagram, encontramos a palavra “xomanitos” para se referir aos seguidores da influencer.

Em busca realizada no Google com o termo *xomanita*, foram identificados 4.210 resultados, majoritariamente associados a publicações e vídeos da influenciadora digital cacerense Renata Lins. Esse dado indica a forte vinculação do termo à sua produção de conteúdo e à sua circulação nas redes sociais. No entanto, esses resultados não permitem afirmar, de forma categórica, que a influenciadora tenha sido a primeira a utilizar ou a difundir a palavra.

Para sustentar tal hipótese, seria necessário um mapeamento cronológico das ocorrências mais antigas do termo em suas postagens, bem como a verificação de possíveis usos anteriores em outros contextos. Assim, é possível apontar, de maneira preliminar, que a influenciadora possa ter desempenhado papel relevante na popularização do termo no ambiente virtual local, o que contribui para sua difusão e reconhecimento na comunidade.

Vale ressaltar que os influenciadores digitais têm, na sociedade atual, um papel cada vez mais importante na disseminação de novas ideias e tendências, incluindo a criação de novas palavras e expressões. No caso do nome *xomanita*, podemos identificar que o uso não se restringiu à figura da influenciadora, e que a palavra, paulatinamente, está sendo agregada ao léxico comum de Cáceres, sendo utilizada em outros contextos e fora das redes sociais.

A atuação de influenciadores digitais, como @euxomanita, demonstra o papel estratégico dessas figuras na visibilidade e difusão de usos linguísticos regionais, atingindo milhares de seguidores e criando redes de circulação rápida e ampla. Nesse contexto, a variante *xomanita* deixa de ser apenas uma expressão oral ou local, tornando-se um recurso identitário e simbólico, capaz de representar o orgulho cacerense e o pertencimento à cultura pantaneira.

Por último, no exemplo 06, “*Rastapé Xomanitas*”, trata-se de um *post* que anuncia um baile em Cáceres, utilizando o vocábulo *xomanitas* como parte do nome do evento. A escolha do termo demonstra a incorporação do léxico local em contextos culturais e de lazer, reforçando o caráter identitário e afetivo do diminutivo. O uso de *xomanitas*, assim como no exemplo anterior, demonstra a circulação de um uso linguístico típico da cidade, que transita entre o espaço físico e o virtual, consolidando-se como marcador de pertencimento e expressão da cultura cacerense.

Considerações finais

Partindo das análises dos usos linguísticos de *xômano* e derivados, podemos concluir que a PLV se consolidou como um espaço privilegiado de circulação e aceitabilidade da variação linguística regional. Esse ambiente propicia a criação e difusão de novas palavras e sentidos e ressalta a dinâmica e a complexidade dos processos de variação, reforçando que a língua atua como elemento central na constituição das identidades sociais e culturais dos habitantes da região de Cáceres e da fronteira oeste do Brasil.

Observa-se que os novos usos linguísticos surgem a partir de demandas das transformações sociais e culturais, como o protagonismo feminino na região, a participação em movimentos sociais, a liderança em negócios locais e a influência digital. Ao mesmo tempo, esses usos representam formas de resistência e valorização das identidades locais, manifestadas pela apropriação, adaptação e recriação de formas linguísticas tradicionais, como no caso do quadro *Xômana Lisa Pantaneira*, que integra humor, cultura popular e símbolos locais.

Outro ponto relevante é a influência do contato linguístico na região, visível na adoção de desinências como “-ita” em *@xomanita*, que refletem aproximações com o espanhol e contribuem para a afetividade e a proximidade na comunicação. A circulação desses léxicos nos ambientes digitais, como Instagram, Facebook e *blogs*, demonstra, ainda, a centralidade da PLV, que funciona como espaço de visibilidade e ressignificação de usos linguísticos, permitindo que expressões historicamente estigmatizadas, como *xômano*, sejam reinterpretadas de forma positiva e incorporadas como marcadores identitários cacerenses.

A pesquisa realizada contribui para o *Glossário de Palavras Faladas na Fronteira Oeste*, cuja proposta é registrar a diversidade lexical da região a partir de múltiplas fontes, incluindo mídias digitais, registros orais e contextos presenciais. Além disso, os achados reforçam a necessidade de se observar a circulação e difusão das palavras, considerando os processos de significação, apropriação afetiva e construção de pertencimento que elas carregam.

Por fim, este estudo demonstrou que os usos linguísticos regionais, especialmente aqueles relacionados a *xômano* e suas variantes, funcionam como traços da memória cultural, do reforço identitário e da visibilidade social e que, mesmo em contextos digitais, a língua continua desempenhando um papel estratégico na construção das identidades locais, na articulação de valores culturais e na promoção de formas de expressão inovadoras e afetivamente significadas.

Referências

GORTER, D. Linguistic landscapes in a multilingual world. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 33, p. 190-212, 2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *Language Contact and Grammatical Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

JIMENEZ JIMENEZ, M. L. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 2020. 237 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação e Artes, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

JIMENEZ JIMENEZ, M. L. *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. Rio de Janeiro: Philos, 2020.

LANDRY, R.; BOURHIS, R. Y. Linguistic Landscape and Ethnolinguistic Vitality: An Empirical Study. *Journal of Language and Social Psychology*, Montréal/Québec, v.16, n. 1, p. 23-50, 1997.

LEVY, P. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MACEDO-KARIM, J.; SZUBRIS, E. B. Usos linguísticos regionais na paisagem linguística de Cáceres-MT: processos identitários. *Entreletras*, Araguaína, v. 15, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/entreletras/article/view/17608>. Acesso em: 15 set. 2024.

MACEDO-KARIM, J. *A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MACEDO-KARIM, J.; KARIM, T. M. A vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] no falar da comunidade de Cáceres no Alto Pantanal de Mato Grosso. *Revista Ecos*, v. 1, p. 250–269, 2014.

SILVA, F. J. da. *O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre variação lexical*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2022.

SZUBRIS, E. B. *Cáceres e região: nomes que fazem história*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2014.

THOMASON, S. G. Contact explanations in linguistics. In: HICKEY, R. (ed.). *The Handbook of Language Contact*. Oxford: WileyBlackwell, 2010.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. The Hague: Mouton, 1953.

WINFORD, D. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

Criação de *podcast* por professores em formação: reflexões sobre atividades para aprendizagem

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3936>

Luciani Tenani¹

Resumo

Apresentamos uma proposta didática de criação de *podcast* que teve o objetivo de desenvolver um processo de aprendizagem que englobou práticas orais e letradas voltadas à formação docente. Em seguida, exemplificamos reflexões acerca desse processo feita por licenciandos em Letras. Restringimos o estudo a estratégias de focalização identificadas no roteiro e manifestadas do áudio de *podcast* e analisamos como se entrelaçaram os destaques escritos (prática letrada) e a focalização prosódica (prática oral), havendo ou não concomitância entre eles. Argumentamos que a focalização prosódica foi mobilizada pelos estudantes (para destacar ou enfatizar palavras ou parte dos enunciados) de modo a promover o engajamento dos ouvintes (para atrair e manter sua atenção). Interpretamos que essa focalização também projeta o locutor (o licenciando, no caso) como um docente que seleciona informações e ensina sua audiência.

Palavras-chave: práticas orais e letradas; focalização, *podcast*; formação docente.

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; luciani.tenani@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-8487-0825>

Podcast Creation by Pre-service Teachers: Reflections on Learning Activities

Abstract

We present a didactic proposal for podcast creation that was designed to promote a learning process that encompasses oral and literacy practices geared towards teacher education. Next, we provide examples of reflections on this process made by students in a Language and Literature Teacher Education course. We limit our study to focusing strategies identified in the script and manifested in the podcast audio, analyzing how written highlights (literate practice) and prosodic focusing (oral practice) were intertwined, showing when there was or was not a concurrence between them. We argue that prosodic focus was used by students (to highlight words or parts of the utterances) aimed to engage the listeners (to attract and maintain their attention). We interpret that this focus strategy also projects the speaker (the student, in this case) as a teacher who selects pieces of information and teaches his/her audience.

Keywords: oral and literacy practices; focusing; podcasting; teacher training.

Introdução

Este artigo descreve uma proposta inédita de criação de *podcast* desenvolvida com o objetivo de promover um processo de aprendizagem que englobou práticas orais e letradas voltadas à formação de professores de português e exemplifica a reflexão feita sobre os modos de produção de enunciados falados e escritos por licenciandos em Letras. Serão caracterizadas as atividades propostas pelo docente responsável pela disciplina na qual estavam matriculados os discentes que executaram e avaliaram as atividades como parte do processo de ensino-aprendizagem voltado à formação docente inicial embasada em conhecimentos acadêmico-científicos.

Este artigo pretende responder a uma questão central e uma outra secundária a ela associada, a saber: de que modo as atividades formativas experienciadas favoreceram o licenciando a refletir sobre (suas) práticas orais e letradas na universidade voltadas à sua formação docente? E, a partir dessas atividades, que reflexões o licenciando faz sobre a sua futura atuação profissional? A resposta à primeira questão será dada por meio da análise qualitativa de enunciados falados e escritos produzidos em equipe por licenciandos no processo de produção de roteiros escritos de *podcast* e de gravação em estúdio desses roteiros. A segunda questão será respondida por meio da consideração de enunciados extraídos da autoavaliação feita por esses licenciandos. Por meio das respostas a essas perguntas, visamos alcançar ao objetivo principal deste artigo que é mostrar a relevância didática de se adotar a criação colaborativa de *podcast* em contexto

de formação inicial de professor de língua portuguesa para a valorização de práticas orais que se manifestam no modo de enunciação oral/falado.

Passamos, na próxima seção, à descrição de uma proposta de atividades didáticas que levou à produção, em equipe, de um episódio de *podcast* sobre o ensino de narrativa a alunos do Ensino Fundamental e Médio. A descrição dessa proposta é feita também com a finalidade de argumentar a favor da pertinência de haver práticas orais planejadas de modo articulado a práticas letradas tipicamente valorizadas pela universidade, como a produção escrita de resumos, resenhas, relatórios e provas.

De maneira específica, partiremos da análise comparativa entre enunciados falados e escritos em que se observam estratégias de focalização. Na seção de descrição e análise de dados, alcançamos o objetivo de descrever como a focalização prosódica é pista importante do processo de oralização de estratégias de argumentação de que professores se valem. Argumentaremos, ainda, que a atividade didática promoveu um deslocamento do sujeito ouvinte (de áudio) – um consumidor passivo – para um produtor de roteiro escrito e áudio de *podcast* – um agente ativo – no bojo de práticas digitais contemporâneas voltadas à formação docente. Em consequência, é uma experiência formativa que promove um uso criativo da mídia *podcast* pelos licenciados.

A fim de detectar pistas qualitativas desse deslocamento do sujeito promovido pelo processo de aprendizagem, retomamos, ao final das análises de enunciados selecionados, à questão sobre o processo reflexivo dos licenciandos sobre práticas orais e letradas experienciadas, tomando por base exemplos da autoavaliação sobre o processo.

Criação de *podcast* e formação docente

A produção de *podcasts* foi planejada como uma atividade acadêmica de modo a levar o licenciando a projetar, por um lado, um destinatário para a recepção do seu enunciado (projeção de um ouvinte) e, por outro lado, uma imagem de si (projeção de locutor/autor) a ser consubstanciada, no caso do texto falado, na elocução de sua voz. Nessas projeções de si e do outro (Amossy, 2005), cria-se uma oportunidade de o licenciando, um professor em formação, se apropriar de práticas de ensino de língua portuguesa que rompam com as tradicionais limitações impostas pelo currículo acadêmico, como a produção escrita de resumos, resenhas, relatórios, provas etc. Cabe informar que a produção de episódios de *podcasts* se realizou colaborativamente, em grupos de licenciandos em formação inicial, e essa produção se destinava a ser efetivamente publicada em canal do YouTube da universidade onde se desenvolveu a atividade.

Essa criação de *podcast* como parte de um processo formativo se realizou segundo princípios não individualizantes, mas em bases sociais, em suas relações com a memória

histórica (Burns; Freeman; Edwards, 2015). Ainda, esse processo de criação se deu em uma perspectiva *situacional*, em resposta às especificidades do contexto físico e social em que se desenvolveu a prática formativa, fundada nas interações sociais entre os aprendizes enquanto participantes de comunidades de aprendizagem (Greeno, 2011; Lee; Schallert, 2016). Esta proposta voltada à formação docente se aproxima da proposta de Klering, Rosa e Kersch (2021) a favor do uso de *podcasts* para fins educativos no ensino fundamental por ampliarem as oportunidades de desenvolvimento de atividades que promovam práticas letradas contemporâneas, em atendimento à BNCC (Brasil, 2018). Porém, a proposta que fazemos se distancia das demais publicadas ao lançar luz à promoção de atividades que abrangem práticas orais de modo entrelaçado a práticas letradas acadêmicas (Corrêa, 2001) voltadas à formação docente.

Em contexto internacional, a criação de *podcast* como um trabalho colaborativo foi caracterizada, por Lazzari (2008), em contexto italiano, e Lee, McLoughlin e Chan (2008), em contexto australiano, como importante potencial de desenvolvimento de aprendizagem reflexiva entre graduandos. Um panorama dos usos de *podcasts* no ensino superior foi mapeado por Celaya *et al.* (2020) a partir das bases *WoS* e *Scopus* no período de 2014-2019, e os autores reportam acentuado aumento desses usos. Mais recentemente, Cox *et al.* (2023) argumentam que produzir e usar *podcasts* no ensino superior é importante para promover mudanças positivas na produção do conhecimento na universidade e na relação da academia com a sociedade, reunindo experiências em países como: Alemanha, Canadá, Estados Unidos, Finlândia, Reino Unido e Suécia.

Vale lembrar que *podcasts* se constituem de um estilo de comunicação oral dotado de caráter escritural à medida que compartilha, da comunicação radiofônica, a característica de os ouvintes se sentirem parte da conversa (um traço de práticas orais) e os locutores se guiarem por um roteiro escrito (um traço de práticas letradas) – Cf. Tenani *et al.* (2025). Soma-se a essa natureza radiofônica do *podcast* uma complexidade enunciativa que diz respeito aos entrelaçamentos entre os enunciados falados e escritos. Dentre esses entrelaçamentos, interessa aqui salientar a projeção de traços da oralidade nos enunciados escritos a embasarem a locução *a posteriori* de maneira a aproximar o locutor do ouvinte e desse demandar uma escuta atenta. A partir desse cenário, uma proposta didática inédita foi planejada para criação de *podcast* por licenciandos em Letras. Na próxima seção, passamos à descrição sucinta dessa proposta e à caracterização do material produzido e dos dados a serem analisados.

Proposta didática, material e dados

Um conjunto de 10 atividades didáticas – apresentadas no Quadro 1 – foi planejado para criação de *podcast*. Uma parte dessas atividades consistiu em os alunos acessarem o material disponibilizado no ambiente Google Classroom a fim de: ler textos sobre características da mídia *podcast* (acerca de roteiro, sonorização, estilo e gravação)

e sobre a criação de episódios para fins educativos; assistir vídeos explicativos sobre estilos de *podcast* – Cf. Atividades 1 a 3 e 5 a 7. Outra parte das atividades (cf. atividades 4 e 8 a 10) demandou dos alunos entregas que abrangeram: responder formulário sobre práticas de leitura, escrita e escuta de mídias diversas; criar um roteiro escrito e planejar a sonorização do episódio; gravar, em equipe, o episódio com base no roteiro e realizar a avaliação individual do processo experienciado. Todas as orientações para realização dessas atividades foram conduzidas pela docente responsável pela proposta que apresentou cada atividade e esclareceu dúvidas dos discentes em sala de aula.

Quadro 1. Conjunto de atividades didáticas e materiais para criação colaborativa de *podcast*

Atividades didáticas e materiais	Tipos
1. O que é <i>podcast</i> ?	M
2. <i>Podcast</i> de divulgação científica	M
3. <i>Podcast</i> educativo	M
4. Suas práticas de leitura e escrita	A
5. Criação de <i>podcast</i> : proposta	M
6. Criação de <i>podcast</i> : roteiro	M
7. Criação de <i>podcast</i> : sonorização	M
8. Criação de <i>podcast</i> : regras e <i>template</i>	A
9. Criação de <i>podcast</i> : gravação de episódio	A
10. Criação de <i>podcast</i> : autoavaliação	A

Legenda: M: Material para consulta; A: Atividade para entrega

Fonte: Elaboração própria

Todas as atividades foram executadas por 12 discentes dos 23 matriculados regularmente na disciplina Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa do curso de Licenciatura em Letras na Universidade Estadual Paulista. Relevante observar que esses 12 graduandos tiveram a opção de criar *podcast* ou realizar atividade avaliativa tradicional, como fazer transcrição fonética de fala. Essa possibilidade de escolha é um traço importante no processo formativo, na medida em que promoveu adesão do aluno à atividade acadêmica inovadora, como será apontado na análise de dados.

Passamos a descrever o material e os dados selecionados do conjunto das produções coletadas. O material é formado por arquivos de texto e de áudio em que há: versão do roteiro escrito comentada pela docente por meio de recursos do Google Docs; versão reescrita do roteiro pelos licenciandos; áudios gravados pela equipe no Laboratório de Fonética da universidade; autoavaliação escrita (questões abertas e fechadas) feita por todos da equipe via Google Forms. Para analisar esse material, foram observados

dois critérios: (1) haver roteiro escrito e áudios gravados que permitissem analisar as *performances* dos discentes da equipe, além da autoavaliação do processo de criação do *podcast*; (2) estar assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos quatro integrantes da equipe.²

A necessária delimitação de um recorte qualitativo desse material para este artigo foi feita de modo a se alcançar o objetivo principal de mostrar a relevância didática de se adotar a criação colaborativa de *podcast* em contexto de formação inicial de professor de língua portuguesa, respondendo, assim, as questões deste artigo, apresentadas na introdução. Dada a natureza de o material incluir áudio de locução, nossa proposta é detectar essa relevância didática por meio do jogo de representações sociais (entre ser aluno e se tornar docente) da qual a voz é traço da identidade pública de um sujeito empírico e da identidade docente compartilhada socialmente, como argumentam Tenani *et al.* (2024). Nesse jogo em que se dá o processo de construção de identidade profissional nos interessa alcançar o objetivo específico de analisar elementos do encontro entre o posicionamento que os licenciandos assumem, por meio da criação do *podcast*, em relação a práticas letradas que fundamentam sua formação e os modos como incorporam elementos dessa formação em suas práticas orais.

Uma vez definido esse objetivo específico, selecionamos um dos quatro episódios do *podcast* produzido pelos licenciandos, cujo tema é: “O ensino de narrativa no Ensino Fundamental e Médio”. Esse tema foi estabelecido pela docente responsável pela disciplina, quando da proposta da criação do *podcast* “Cientistar”, de modo a articular essa proposta aos objetivos da disciplina. A seleção desse episódio se deu por haver “destaques gráficos”, isto é, haver palavras e sentenças do roteiro em negrito, os quais puderam ser confrontados aos “destaques fônicos”, ou ênfases, que podem ser detectados por meio da focalização prosódica. Em razão dessas características do material, recortamos para analisar enunciados em negritos (palavras ou sentenças do roteiro) e pistas fonéticas da focalização prosódica (variação de F0 principalmente) nos áudios dos trechos correspondentes.

Antes de avançar à análise qualitativa dos dados, é necessário conceituar a focalização como fenômeno que abrange estratégias de expressar “o ato de focalizar, ou seja, de acentuar, de ressaltar, de pôr em relevo/realce/evidência um determinado item do texto” (Gonçalves, 1998, p. 32). As características da focalização podem ser investigadas considerando-se aspectos textuais, pragmáticos, discursivos e diferentes componentes gramaticais (fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semântica) – cf. detalhes dessas abordagens em Fernandes (2007) – e, ainda, segundo abordagens teóricas distintas de um mesmo componente gramatical. Esse amplo interesse no fenômeno se dá em razão de haver um conjunto complexo de estratégias linguísticas que são mobilizadas pelo

2 A coleta do material é feita no âmbito do projeto Temático FAPESP 2022/05908-0 que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o número CAAE 67001923.9.1001.8142.

enunciador de modo a colocar em primeiro plano informações “novas” em detrimento de outras consideradas “velhas” ou supostamente não conhecidas de seu interlocutor/ouvinte, em um jogo argumentativo e de produção de sentidos. Investigar como se dá a focalização no contexto de formação docente é particularmente relevante, no contexto da atividade didática proposta, para detectar modos pelos quais os licenciandos selecionam e focalizam informações dos enunciados, projetado seu (futuro) público discente.

Neste estudo, assumimos uma abordagem fonológica da focalização prosódica que integra características fonéticas da fala às categorias fonológicas básicas, isto é, investigamos pistas fonéticas de como o foco se manifesta nos enunciados falados (Frota; Prieto, 2015). Essa escolha é motivada no fato de o material da pesquisa ser formado por áudios gravados com boa qualidade acústica, por um lado, e por haver descrição do fenômeno nesse arcabouço teórico-metodológico com base em dados experimentais. Essa abordagem também é adotada por oferecer aparato teórico-analítico para detectar como a configuração tonal é afetada por expressões focalizadas em relação às demais partes de um enunciado. Por essa razão, a principal pista fonética do foco é a variação da frequência fundamental (F0).

Quanto a essa característica prosódica, o Português Brasileiro (PB) exhibe características entoacionais típicas da focalização. Há a predominância do contorno nuclear H+L* L% (Frota; Pietro, 2015), o que não impede, entretanto, a ocorrência de outros contornos nucleares, como demonstraram Yano e Fernandes-Svartman (2020) para dados coletados experimentalmente de falantes da variedade paulistana do PB. Nesses estudos, como também neste artigo, é adotado o modelo teórico-metodológico Autossegmental e Métrico para caracterizar a estrutura entoacional das línguas (Arvaniti, 2022). Esse modelo é autossegmental por representar o contorno entoacional por meio de unidades discretas (nomeadas por eventos tonais), e métrico porque representa as estruturas mais proeminentes do enunciado (notadamente as sílabas tônicas das palavras) e a configuração do seu fraseamento (isto é, como a entoação configura um enunciado em unidades denominadas por constituintes prosódicos, como o sintagma entoacional).

Ainda, a focalização pode ser categorizada em dois tipos quanto ao escopo sintático: quando o escopo recair sob um único constituinte oracional, é o *foco estreito*; quando recair em mais de um ou em todos os constituintes oracionais, é o *foco largo*. Também duas funções discursivo-pragmáticas básicas são reportadas por Fernandes (2007) ao caracterizar dados experimentais da variedade paulista do PB, a saber: o *foco contrastivo* usado para corrigir ou negar uma pressuposição dada em um enunciado prévio, de forma explícita ou implícita, e para expressar informação nova; e *foco informacional* usado quando a expressão focalizada apenas carrega informação nova e é parte do enunciado-resposta de uma pergunta feita anteriormente.

Cabe salientar que, por ser a focalização um fenômeno de natureza discursivo-pragmática, é particularmente relevante considerá-la como parte de estratégias argumentativas que organizam o conteúdo informacional dos enunciados. Da parte do ouvinte, é fundamental a percepção de elementos focalizados para a compreensão dos sentidos mobilizados nos enunciados falados, como os veiculados em *podcast*, material analisado neste artigo.

Tendo em vista a natureza linguística e discursiva da focalização, nossa hipótese é que a focalização prosódica, em específico, faz parte de estratégias (para ressaltar ou destacar palavras ou parte dos enunciados) endereçadas ao engajamento do ouvinte (para atrair e manter sua atenção) que, concomitante, projetam o locutor (o licenciando) como um docente com autoridade para selecionar e, por conseguinte, ensinar a audiência (em um processo de construção da identidade docente).

Do roteiro à gravação de *podcast*: pistas do processo de formação docente

Iniciamos esta seção analisando um excerto selecionado, abaixo apresentado, do roteiro escrito para guiar a locução e, em seguida, passamos à descrição da focalização prosódica dos quatro trechos ali enumerados em comparação com os usos do negrito no roteiro. Faremos uma descrição analítica de pistas fonéticas da fala, buscando explicitar como se manifestou a focalização prosódica a qual é vista como uma dentre outras estratégias linguístico-discursivas mobilizadas pelos licenciandos no processo de projeção e/construção da identidade docente.

Excerto 1: Roteiro do Episódio “O ensino de narrativa no Ensino Fundamental e Médio” do *podcast* “Cientistar”.

Locutor 1: Então vamos lá! **Iniciando (1) a nossa discussão**, como primeira dimensão de leitura, temos a Decodificação (2) que compreende basicamente a materialidade signíca (3) do texto em seu sentido primeiro. Trata-se da dimensão que se volta para a exploração da superfície textual, dos signos linguísticos que constituem o texto até as informações e referências culturais necessárias para uma compreensão mínima daquilo que se lê. Esta dimensão **captura** a identificação **objetiva, concreta e precisa do sentido primeiro do texto, ou seja, segundo o Prof. Arnaldo, (4) aquilo que diz o texto.**

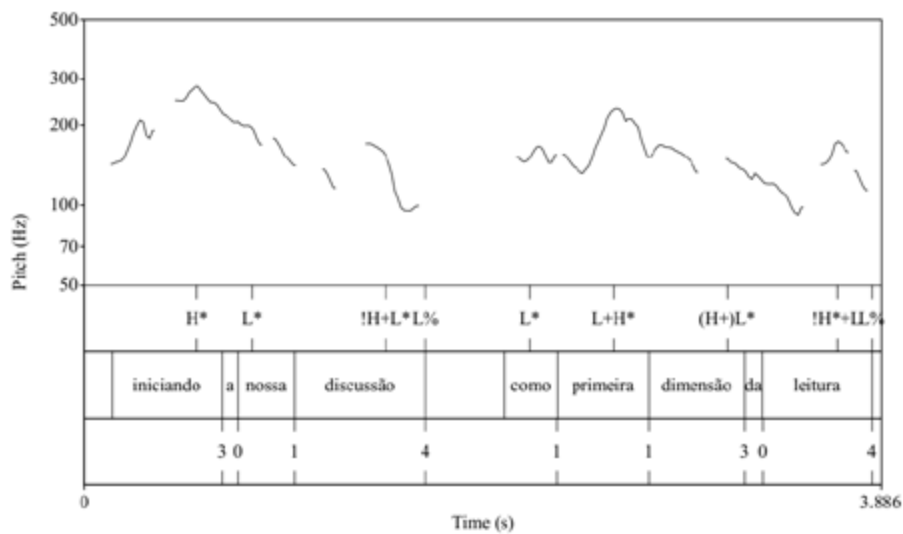
Fonte: Banco BraMCorp – FAPESP (2023).

O excerto corresponde ao início do desenvolvimento do tema do episódio por um dos licenciandos que foi precedido da apresentação aos ouvintes dos quatro licenciandos que criaram esse episódio. O trecho (1) “iniciando a nossa discussão” está em negrito, um registro gráfico que destaca essa estrutura sintática (uma oração reduzida de gerúndio) em relação às demais que constituem a sentença completa. Essa oração na posição sintática inicial se configura como um tópico discursivo que justamente abre o desenvolvimento

do tema do episódio. A topicalização é considerada, por Gonçalves (1998, 1999), uma estratégia de focalização textual à medida que recursos morfosintático-lexicais são responsáveis pela ênfase contrastiva. Identificamos, nessa organização textual, pista da construção da identidade docente posto que os licenciandos demarcaram o início do desenvolvimento da temática abordada e, simultaneamente, projetam a si para seu ouvinte como aquele profissional que destaca a informação mais relevante, no caso, a caracterização das dimensões da leitura.

Quanto às características gráficas dos enunciados, nota-se que o tópico “iniciando a nossa discussão” tem o seu limite final (na fronteira direita) marcado pela vírgula e o seu início (na fronteira esquerda) é precedido pelo enunciado “então vamos lá!”, o qual tem seu final sinalizado pelo ponto de exclamação. Quanto às características prosódicas, um tópico discursivo tipicamente se configura como um sintagma entoacional (IP), isto é, um constituinte prosódico delimitado por um contorno entoacional em relação aos enunciados que o precedem e o seguem (Tenani, 2002). Na figura (1), obtida por meio do programa PRAAT (Boersma; Weenink, 2024), visualiza-se a variação de F0 (medida em Hertz) e a transcrição de eventos tonais do trecho em análise, adaptado do sistema P-ToBI (Frota *et al.*, 2015),³ segundo o modelo Autossegmental e Métrico.

Figura 1. F0 e eventos tonais de “iniciando a nossa discussão, como primeira dimensão da leitura”



Fonte: Elaboração própria

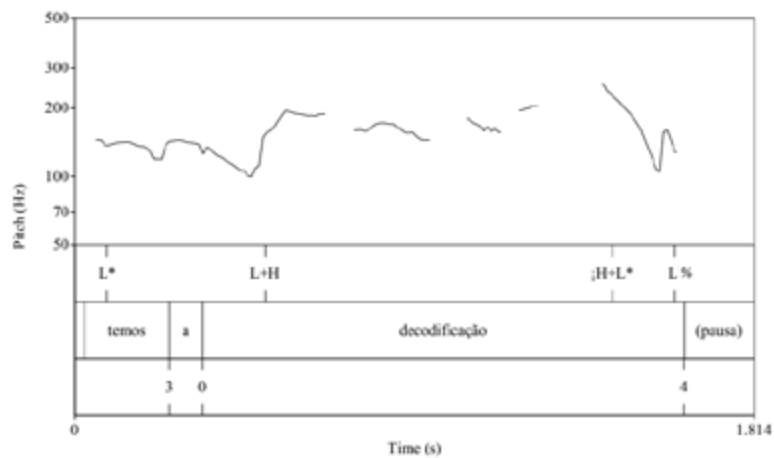
3 O sistema P-ToBI consiste em anotações em camadas de informações como os eventos tonais (H: alto; L: baixo), tons associados a fronteiras (indicados por %), sílabas tônicas (indicado por *), transcrição fonética e ortográfica, e conteúdos adicionais, adaptado para o Português.

Constata-se a configuração de “iniciando a nossa discussão” como um IP: na porção inicial, há o acento tonal H* (tom ascendente) associado à sílaba tônica da palavra prosódica (PW) “iniciando”; na porção final, há o acento tonal !H+L* (tom descendente) associado à sílaba tônica da PW “discussão” e o tom baixo L% associado à fronteira direita desse IP. Cabe acrescentar que o acento tonal associado à “leitura” tem uma configuração que se caracteriza por um tom alto mais baixo (indicado pelo sinal <!> na notação dos tons) do que o tom alto anterior de “iniciando”. Essa relação de altura entre os tons altos se particulariza por ser o primeiro tom mais agudo (280 Hz na sílaba tônica de “iniciando”) em relação à altura do outro tom alto do mesmo enunciado (170 Hz na sílaba tônica de “discussão”), como se observa na figura (1). Essa realização do tom é particularmente relevante porque expressa, por meio da materialidade fônica do enunciado oralizado (quando gravado o roteiro), o destaque feito por meio do negrito (quando planejado o roteiro).⁴ Essa mesma relação de altura entre os tons altos se observa na porção “como primeira dimensão da leitura”: o tom alto do acento tonal L+H* associado à “primeira” é relativamente mais agudo em relação ao tom alto do acento tonal !H*+L associado à “leitura”. Por meio desta análise descritiva da entoação, explicitamos como observar relações entre os enunciados falados e escritos no processo de roteirização e gravação do episódio de *podcast*, com destaque para as manifestações gráficas e fônicas da focalização. Essa descrição também embasa a interpretação de que os destaques registrados nos enunciados escritos e manifestados nos enunciados falados/oralizados expressam a projeção, por parte dos licenciandos, da autoridade discursiva da voz do professor em relação a seu interlocutor (sua audiência, no caso do *podcast*).

Passamos à análise do segundo e terceiro trechos do excerto (1) selecionados para análise: “temos a Decodificação (2) que compreende basicamente a materialidade sígnica (3) do texto em seu sentido primeiro”. Nesses trechos, não há destaque por meio de negrito no roteiro, mas há a letra maiúscula em “Decodificação”, o que – graficamente – confere um destaque à palavra que, no caso, denomina o primeiro conceito sobre a dimensão da leitura. Nos áudios, são focalizadas as palavras “Decodificação” e “sígnica”. Nas figuras (2) e (3), visualizam-se os contornos entoacionais de cada enunciado.

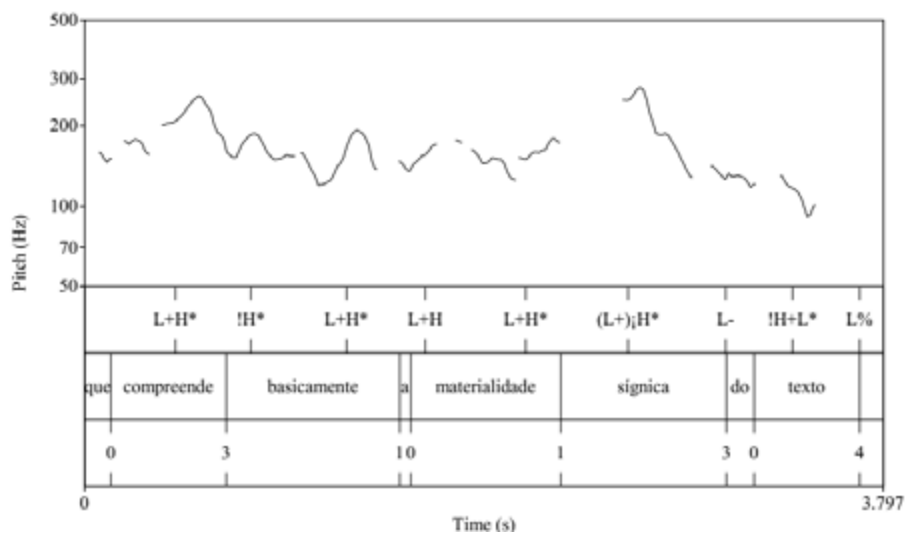
4 A descrição e interpretação dessa subida íngreme de F0 carece de investigação mais aprofundada no bojo do arcabouço da fonologia entoacional por se tratar de uma alteração local na gama de variação tonal.

Figura 2. F0 e eventos tonais de “temos a decodificação”



Fonte: Elaboração própria

Figura 3. F0 e eventos tonais de “que compreende basicamente a materialidade signica do texto”



Fonte: Elaboração própria

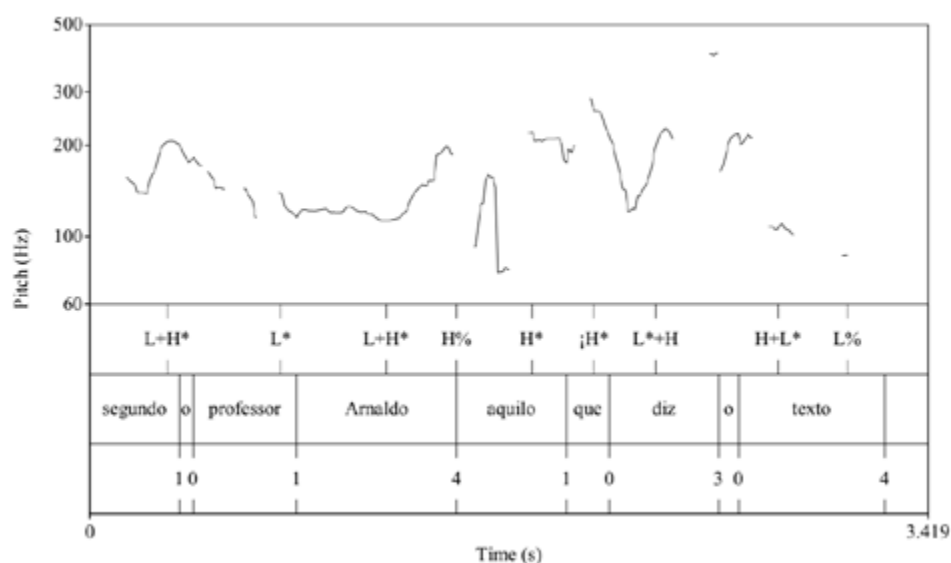
No enunciado “temos a Decodificação” (delimitado por pausas), há um tom alto mais agudo do acento bitonal ;H+L* associado à sílaba tônica de “decodificação” e também ocorre um evento tonal alto (H) na primeira sílaba dessa mesma palavra, justamente a que tem a letra inicial grafada maiúscula. Simultaneamente, ocorre a silabação dessa palavra, fenômeno que tipicamente é grafado por hifens entre as sílabas (como “de-co-di-fi-ca-ção”), mas que não foi registrado no roteiro em análise. A silabação, ou escanção silábica, consiste em enunciar as sílabas da palavra em intervalos relativamente regulares e, como demonstra Gonçalves (1999), é uma das estratégias de focalização. No que diz respeito ao enunciado (3), também delimitado por pausas, ocorre um tom alto mais agudo do acento tonal L+;H* associado à tônica de “signica”, seguido de tom de fronteira

(L-) se sintagma e rebaixamento da altura dos demais eventos tonais na porção final do enunciado, o que configura a focalização prosódica (Fernandes, 2007).

Aqui faz-se relevante comparar esta focalização com aquela descrita a partir da figura (1). Nos dois casos, o acento tonal associado à sílaba tônica da palavra focalizada tem uma configuração que se caracteriza por uma subida íngreme de F0 de modo que o tom alto dos eventos bitonais é mais agudo em relação à altura dos demais tons altos de cada enunciado, como observado nas figuras (1) e (3). O enunciado (3) se distingue daquele em (1) quanto aos aspectos aqui analisados, porque neste a realização do acento tonal não está associada a destaques em negrito no roteiro. Essa comparação nos permite explicitar como a gravação do roteiro não se configura como uma simples leitura, mas se realiza como uma enunciação oral por meio da qual o locutor – no caso, o licenciando – se expressa projetando a voz docente que, por meio de características prosódicas, destaca porções do enunciado, sinalizando que informação é relevante ao seu ouvinte reter. Nessa enunciação situada, por meio da gravação em estúdio do episódio de *podcast*, detectamos as maneiras pelas quais a atividade didática promoveu um deslocamento do sujeito ouvinte (de áudio) – uma posição passiva – para um produtor (de roteiro escrito e áudio) de *podcast* – uma posição ativa – no bojo de práticas digitais contemporâneas voltadas à formação docente.

Avançamos à descrição e análise do trecho (4) do excerto (1). Todo o trecho é grafado em negrito, mas interessa analisar que “Arnaldo” é produzido com alongamento das sílabas pretônica e tônica, uma outra característica da focalização prosódica, como descrito por Gonçalves (1998). A essa sílaba tônica de “Arnaldo” está associado o acento tonal L+H* seguido do tom alto de fronteira H%, cf. figura 4. Essa característica entoacional configura um contorno suspensivo (Tenani, 2002) de fim de um IP (“segundo o professor Arnaldo”) que é seguido de outro IP a ele relacionado (“aquilo que diz o texto”) – o qual não será objeto de análise por fugir do escopo do artigo.

Figura 4. F0 e eventos tonais de “segundo o professor Arnaldo, aquilo que diz o texto”



Fonte: Elaboração própria

É relevante informar que o enunciado “segundo o professor Arnaldo” é referência ao autor do artigo lido em outra disciplina do curso e que embasou o roteiro do *podcast* cujo conteúdo programático estava relacionado ao tema do episódio. Portanto, identificamos que esse enunciado explicita e, simultaneamente, salienta – por lançar mão da focalização gráfica e prosódica – a ancoragem dos licenciandos no conhecimento adquirido sobre ensino de narrativa em uma das disciplinas do curso. Interpretamos ser esse exemplo do encontro entre o posicionamento que os licenciandos assumiram, por meio da criação do roteiro e da gravação do *podcast*, em relação a práticas letradas, como a leitura de artigos acadêmicos, que fundamentaram sua formação e os modos como incorporam elementos dessa formação em suas práticas orais.

As características da focalização em (4) comparadas com aquelas descritas anteriormente permitem identificar que, em todos os casos, houve *foco informacional estreito*, porque o acento tonal de foco esteve associado às palavras que carregaram, em cada trecho, informação apresentada como nova ao ouvinte.⁵ Vale observar que, embora os dados analisados não sejam parte de um enunciado-resposta de uma pergunta feita anteriormente, o que é um traço do foco informacional, os enunciados podem ser vistos como respostas à atividade didática proposta, sendo, dessa perspectiva, uma resposta a uma demanda da docente responsável pela disciplina.

⁵ A percepção do foco por parte dos ouvintes, bem como a sua interpretação semântico-pragmática, é objeto de investigação em curso.

Concluída a descrição de como se manifestou a focalização nos dados selecionados, sistematizamos, no quadro 2, as combinações das características dessa focalização com os destaques gráficos identificados. Nessa síntese, visualiza-se que houve, por meio do negrito usado no roteiro para destacar informações consideradas relevantes pelos licenciandos, o planejamento do tema e a seleção de informações quando da elaboração do roteiro do episódio com base em práticas letradas acadêmicas, o que confere o caráter escritural ao *podcast*. Em específico, por meio da descrição da focalização prosódica, verifica-se como aqueles destaques planejados foram oralizados quando da gravação do episódio. Esse confronto entre os enunciados escritos projetados para serem veiculados *a posteriori* como enunciados falados sustenta a relevância desta proposta inédita de criação de *podcast* em contexto de formação inicial de professor de língua portuguesa para o desenvolvimento de práticas orais e letradas.

Quadro 2. Combinação de destaques gráficos e focalização prosódica

Dados	Destaques gráficos	Focalização
1	Negrito	Topicalização e acento tonal de foco
2	Maiúscula	Silabação e acento tonal de foco
3	----	Acento tonal de foco
4	Negrito	Alongamento de sílaba e acento tonal de foco

Fonte: Elaboração própria

Feita a descrição de enunciados selecionados produzidos a partir da atividade didática, respondemos à questão central deste artigo tendo mostrado de que modo a produção de *podcast* favoreceu o desenvolvimento de práticas orais e letradas pelos licenciandos em seu processo formativo. Passamos a responder a segunda questão, considerando a reflexão dos discentes a respeito de sua formação e futura atuação docente. Para tanto, apresentamos, no quadro (3), o par pergunta-resposta extraído do formulário de autoavaliação de um dos discentes que produziu o episódio.⁶ A seleção desse material é feita por exemplificar como tensões de diversas naturezas foram experienciadas pelos licenciandos ao longo do processo de produção do *podcast*.

6 O formulário de autoavaliação continha 10 questões, sendo cinco obrigatórias no formato de escala Likert (1 a 5 pontos) e outras cinco opcionais no formato de questão aberta. As questões demandaram avaliação dos discentes a respeito de cinco tópicos, a saber: informações dadas sobre *podcasts* educativos; orientações sobre a preparação do tema do episódio, a produção do roteiro, a gravação do episódio e, por fim, as expectativas sobre potenciais usos de tecnologias no ensino fundamental.

Quadro 3. Autoavaliação de discente

Questão: Comente sobre sua expectativa de uso de *podcast* para fins educativos.

Resposta: O que eu acho mais interessante em um *podcast* são as suas principais características: a criatividade, a interatividade e a mobilidade. Sendo assim, o ouvinte tem a possibilidade de escolher o que quer ouvir, no tempo que quer e no espaço que desejar, o *podcast* é prático. É aí que mora o desafio: como criar um *podcast* que desperte o interesse do público? (seja ele aluno, ou não). Criar um *podcast* envolve planejamento e estudo, e pensando no contexto de formação, a criação de um conteúdo para um *podcast* ajuda muito a revisar algumas informações que, com o tempo, se perdem pelo caminho. É como se fosse uma revisão. Eu, por exemplo, me senti assim criando o conteúdo para o nosso *podcast*: revisando! Era um conteúdo que eu já tinha visto na graduação, no 2º ano, mas algumas coisas eu ainda não havia compreendido de forma plena, revisitando o texto novamente para elaborar o roteiro, discutindo com os meus parceiros de grupo sobre o tema, senti que as informações que faltavam foram absorvidas. Essa mídia também pode contribuir para os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, uma vez que estes podem escutar diversas vezes um mesmo áudio no intuito de compreender melhor o conteúdo abordado; também, possibilita a aprendizagem dentro e fora da sala de aula, inclusive, a gravação do próprio *podcast*, já que falar e ouvir constituem-se como atividades mais significativas de aprendizagem do que o simples ato de ler. É uma forma interessante de trabalhar a oralidade também.

Fonte: Elaboração própria

Das possíveis análises do texto apresentado no quadro (3), direcionamos nossa atenção aos elementos que nos permitem responder à segunda questão proposta neste artigo. A fim de detectar a perspectiva dos discentes que executaram as atividades didáticas, vale destacar a avaliação reflexiva positiva que se encontra no seguinte trecho do quadro (3): “pensando no contexto de formação, a criação de um conteúdo para um *podcast* ajuda muito a revisar algumas informações que, com o tempo, se perdem pelo caminho”. Essa perspectiva positiva e engajada da atividade se deve, em parte, por ter sido a criação do *podcast* uma opção e não uma imposição no contexto da disciplina. Além de promover uma prática acadêmica de revisão do conteúdo visto em aula, o licenciando afirmou haver sistematizado esse conteúdo na elaboração do roteiro entre parceiros da atividade no trecho: “discutindo com os meus parceiros de grupo sobre o tema, senti que as informações que faltavam foram absorvidas”. Ao lado dessa avaliação de sua própria formação, o discente projeta sua atuação docente, refletindo sobre a aprendizagem de seus futuros alunos no trecho: “Essa mídia também pode contribuir para os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos”. Por fim, cabe considerar a afirmação final da autoavaliação: “É uma forma interessante de trabalhar a oralidade também”. Nessa avaliação, identificamos que o discente que optou por fazer as atividades propostas refletiu sobre a importância de desenvolver práticas orais integradas ao processo formativo docente, articuladas a práticas letradas acadêmicas tipicamente valorizadas na universidade.



Fizemos a análise qualitativa de focalização identificada em enunciados falados e escritos produzidos por licenciandos no processo de produção de roteiros de *podcast* e de gravação em estúdio desses roteiros e, ainda, consideramos exemplos de enunciados da autoavaliação feita por esses licenciandos de modo a mostrar a relevância didática de se adotar a criação colaborativa de *podcast* em contexto de formação inicial de professor de língua portuguesa. Salientamos que, por meio da focalização prosódica, se deu a projeção de traços da oralidade nos enunciados escritos de maneira a aproximar o locutor do ouvinte e desse demandar uma escuta atenta.

Considerações finais

Neste artigo, a proposta principal foi descrever um conjunto de atividades formativas experienciadas na criação de *podcast* voltadas à atuação docente e apresentar uma análise qualitativa de estratégias de focalização, fenômeno linguístico-discursivo relevante por fazer parte de estratégias argumentativas que organizam e hierarquizam aos enunciados. A análise da materialidade gráfica e fônica da focalização permitiu capturar como se deram os modos de enunciação falado e escrito por meio dos quais foi observado não apenas um processo de seleção e hierarquização do que se diz, mas especialmente de projeção de posições enunciativas experienciadas pelos licenciandos (enquanto ouvinte/falante/escrevente) e vislumbradas como futuro docente.

Após a análise de dados de focalização, exemplificamos a reflexão dos discentes sobre as atividades experienciadas, valendo-nos de enunciados extraídos da autoavaliação feita por um licenciando. O material escrito possibilitou detectar elementos de reflexão sobre práticas orais e letradas acadêmicas experienciadas entre os licenciandos, a partir da criação de *podcast*, e sobre a relevância dessas práticas para sua formação docente.

Concluímos apontando para a necessidade de se ampliarem as análises propostas aqui ao conjunto de dados coletados em oficinas de produção de *podcast*, visando aprimorar essas análises e circunscrever melhor os alcances e as limitações das experiências relatadas sobre a formação inicial docente. De modo específico, também se faz necessário aprofundar o estudo da focalização prosódica no bojo de estratégias usadas pelos licenciandos que projetam a voz de uma autoridade que seleciona e hierarquiza informações destinadas a ensinar a sua audiência.

Agradecimentos

Este artigo é vinculado aos seguintes projetos de pesquisa: PQ-CNPq 304.567/2024-8, Universal-CNPq 404.593/2021-1, Temático-FAPESP 2022/05908-0 e CAPES-COFECUB 88881.712050/2022-01. Agradecemos aos licenciandos que participaram das atividades e autorizaram a coleta do material, e ao servidor técnico do Laboratório de Fonética Rômulo Borim pelo suporte dado à gravação de áudios pelos licenciandos.

Referências

- AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- ARVANITI, A. The Autosegmental-Metrical Model of Intonational Phonology. In: BARNES, J.; SHATTUCK-HUFNAGEL, S. (ed.). *Prosodic Theory and Practice*. Cambridge: The MIT Press, 2022. p. 25-61.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer*, v. 6.4.23, 2024. Disponível em: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>. Acesso em: 10 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 18 fev. 2022.
- BURNS, A.; FREEMAN, D.; EDWARDS, E. Theorizing and Studying the Language-Teaching Mind: Mapping Research on Language Teacher Cognition. *The Modern Language Journal*, v. 99, n. 3, p. 585-601, 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2027.42/115947>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- CELAYA, I. et al. Uses of the podcast for educational purposes. Systematic mapping of the literature in WoS and Scopus (2014-2019). *Revista Latina de Comunicación Social*, v. 77, p. 179-201, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4185/RLCS-2020-1454>. Acesso em: 10 jul. 2024.
- CORREA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.
- COX, M. et al. How academic podcasting can change academia and its relationship with society: a conversation and guide. *Frontiers in Communication*, n. 1, p. 1-9, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3389/fcomm.2023.1090112>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- FROTA, S.; PRIETO, P. Intonation in Romance: systemic similarities and differences. In: FROTA, S.; PRIETO, P. (ed.). *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 392-418.

FROTA, S. et al. *P-ToBI: tools for the transcription of Portuguese prosody*. Lisboa: Laboratório de Fonética, CLUL, FLUL, 2015. Disponível em: <http://labfon.letras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

GONÇALVES, C. A. V. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 7, n. 1, p. 31-50, 1998. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2182>. Acesso em: 10 nov. 2024.

GONÇALVES, C. A. V. O fenômeno da Focalização e a interface Fonologia-Sintaxe. *DELTA*, v. 15, n. 2, p. 319-342, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000200005>. Acesso em: 10 out. 2024.

GREENO, J. G. A situative perspective on cognition and learning in interaction. In: KOSCHMANN, T. (ed.). *Theories of learning and studies of instructional practice*. New York: Springer, 2011. p. 41-71.

KLERING, E. H.; ROSA, L. H.; KERSCH, D. F. Multiletramentos em tempos de ensino remoto: o trabalho com podcasts. In: KERSCH, D. F. et al. (org.). *Multiletramentos na pandemia: aprendizagens na, para a e além da Escola*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2021. p. 101-112.

LAZZARI, M. Creative use of podcasting in higher education and its effect on competitive agency. *Computers and Education*, v. 52, n. 1, p. 27-34, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.compedu.2008.06.002>. Acesso em: 19 nov. 2023.

LEE, S.; SCHALLERT, D. Becoming a teacher: Coordinating past, present, and future selves with perspectival understandings about teaching. *Teaching and Teacher Education*, v. 56, p. 72-83, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.tate.2016.02.004>. Acesso em: 15 set. 2024.

LEE, M. J.; McLOUGHLIN, C.; CHAN, A. Talk the talk: Learner-generated podcasts as catalysts for knowledge creation. *British Journal of Educational Technology*, v. 39, n. 3, p. 501-521, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8535.2007.00746.x>. Acesso em: 18 ago. 2024.

TENANI, L. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.



TENANI, L. *et al.* Letramentos acadêmico-científicos e a formação docente inicial: movimentos de cooperação, distanciamento e resistência na produção de podcast. In: KOMESU, F.; ASSIS, J. A.; EL HOUDNA, Y. (org.). *Desafios em letramentos acadêmico-científicos / Challenges for Academic-Scientific Literacies / Les défis de la littéracie académique et scientifique*. v. 5. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2024. p. 358-383.

TENANI, L.; KOMESU, F.; MACEDO-ROUET, M. Pedagogia da produção de *podcast* no ensino superior: relações entre fala/oralidade e escrita/letramento. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 47, n. 2, p. e76062, 2025. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v47i2.76062>. Acesso em: 19 dez. 2025.

YANO, C.; FERNANDES-SVARTMAN, F. Um estudo preliminar sobre a prosódia de construções com tópico e foco no português paulista. *Entrepalavras*, v. 10, n. 1, p. 256-282, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11724>. Acesso em: 19 dez. 2025.

Apagamento de /r/ em coda no português de São Tomé e Príncipe: uma revisão sistemática com metanálise

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3819>

Nancy Mendes Torres Vieira¹
Amanda Macedo Balduino²

Resumo

O português de São Tomé e Príncipe (PSTP) é uma das variedades do português faladas em São Tomé e Príncipe. Nessa variedade, diferentes estudos analisam o apagamento de /r/ em coda, um fenômeno caracterizado pela não produção do rótico em sequências CVC: correr [ko.'ʁe]; porta [po.tɐ]. Dito isso, este artigo tem como objetivo apresentar uma revisão sistemática com uma metanálise do apagamento do /r/ em coda no PSTP. Para tanto, foi utilizada uma versão do Método Cochrane adaptada por Vieira (2021) que aplica métodos explícitos e sistematizados para (i) identificar e selecionar estudos primários relevantes e (ii) coletar, avaliar e analisar os dados dos estudos selecionados (Higgins *et al.* 2023). Os resultados mostraram que o apagamento do rótico é sempre favorecido quando o segmento está em coda final, sobretudo em itens lexicais verbais, além disso, o apagamento é mais recorrente entre os falantes com os menores níveis de escolaridade. Por fim, a metanálise indicou que a medida metanalítica unificada do índice de apagamento do rótico em coda no PSTP é de 51,73%, e seu intervalo de confiança, no nível de 95%, está entre 44,76% e 58,67%. Desse modo, esta revisão sistemática reúne, organiza, sintetiza e unifica informações dispersas em diversos estudos sobre o apagamento do rótico em coda no PSTP oferecendo uma compreensão panorâmica da ocorrência desse processo fonológico no português falado em STP.

Palavras-chave: apagamento do rótico em coda; português santomense; português principense; Revisão sistemática; metanálise.

1 Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil; nancy.vieira@usp.br; <https://orcid.org/0000-0002-7291-9759>

2 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; amandamb@unicamp.br; <https://orcid.org/0000-0002-1062-973X>

Deletion of /r/ in coda in São Tomé and Príncipe Portuguese: a systematic review with meta-analysis

Abstract

The Portuguese of São Tomé and Príncipe (PSTP) is one of the varieties of Portuguese spoken in São Tomé and Príncipe. In this variety, different studies analyze the deletion of /r/ in coda, a phenomenon characterized by the non-production of the rhotic in CVC sequences: correr [ko.'ɐ] 'to run'; porta [pɔ.tɐ] 'door'. With that said, this paper aims to present a systematic review with a meta-analysis of the deletion of /r/ in coda in PSTP. To achieve this, a version of the Cochrane Method adapted by Vieira (2021) was applied, which utilizes explicit and systematic methods to (i) identify and select relevant primary studies and (ii) collect, evaluate, and analyze the data from the selected studies (Higgins *et al.* 2023). The results showed that the deletion of the rhotic is always favored when the segment is in final coda, especially in verbal lexical items; furthermore, deletion is more common among speakers with lower levels of education. Finally, the meta-analysis indicated that the unified meta-analytical measure of the rhotic deletion index in coda in PSTP is 51.73%, with a confidence interval at the 95% level ranging between 44.76% and 58.67%. Thus, this systematic review gathers, organizes, synthesizes, and unifies dispersed information from various studies on the deletion of the rhotic in coda in PSTP, providing a panoramic understanding of the occurrence of this phonological process in Portuguese spoken in STP.

Keywords: rhotic deletion in coda; Santomense Portuguese; Princepense Portuguese; systematic review; meta-analysis.

Introdução

O português de São Tomé e Príncipe (PSTP) é uma variedade urbana africana da língua portuguesa que nasceu e é amplamente utilizada em São Tomé e Príncipe (STP)³, um país insular da costa oeste africana. Em STP, o português é a língua oficial desde a constituição de 1975 e embora sua presença, no arquipélago, seja transpassada pelo contato linguístico com diferentes línguas crioulas, o português é a língua mais utilizada no arquipélago (cf. Santiago; Agostinho, 2020; Araujo, 2020; Balduino; Bandeira, 2022; Santiago; Balduino, 2023; Balduino, 2025a).⁴ Tendo em vista essa variedade autóctone do

3 O PSTP é uma macrovariedade de STP que engloba outras variedades faladas no país, como o português santomense, da ilha de São Tomé, e o português principense, da ilha do Príncipe.

4 Com a ascensão do português como língua mais falada na ecologia linguística de STP, as línguas crioulas autóctones (lung'le, santome e angolar) têm enfrentado diminuição no número de falantes e o próprio processo de transmissão intergeracional tem sido interrompido. Isso ocorre sobretudo em áreas urbanas. Ainda a esse respeito, o lung'le é a única língua crioula ensinada na educação formal como disciplina optativa, já que esse lugar é ocupado pelo português. Por fim, é preciso mencionar que faltam estudos mais aprofundados sobre o atual estatuto das línguas crioulas em STP. O angolar, por exemplo, entre as três línguas crioulas, é a mais falada, especialmente em regiões interioranas da ilha, mas faltam pesquisas de cunho etnolinguísticos para compreendermos melhor o cenário sociolinguístico do arquipélago para além dos espaços urbanos.

português, o objetivo deste artigo é desenvolver uma revisão sistemática do processo de apagamento do rótico em coda silábica, aqui representado como /r/.

O apagamento do rótico em coda é um fenômeno fonológico caracterizado pela não produção do rótico na posição de coda silábica: correr /korer/ [ko.'ɐ̃e]; porta /porta/ [pɔ.tɐ]. Como resultado desse processo, temos a redução de uma sílaba CVr, como em /rer/ e /pɔr/, nos exemplos anteriores, a uma sílaba CV [ɐ̃e] e [pɔ], respectivamente. O apagamento de /r/ em coda vem sendo amplamente descrito nos esparsos, mas crescentes, estudos dedicados ao PSTP (Agostinho; Mendes, 2020; Bouchard, 2017; Brandão *et al.*, 2017; Brandão; De Paula, 2018; Cordeiro, 2020; Balduino, 2019; 2022; Brandão, 2018; 2022; Vieira; Balduino, 2020; 2021a; 2021b, entre outros) e configura, inclusive, um dos fenômenos mais examinados na recente literatura voltada aos processos fonológicos do PSTP. Esses trabalhos se dedicam a diferentes variedades do português de São Tomé e Príncipe, aqui referidas como português santomense (PST) e português principense (PP),⁵ e os resultados, até então, não haviam sido examinados e relacionados, sistematicamente, entre si. Nesse sentido, este estudo apresenta uma revisão sistemática da literatura dedicada ao apagamento do rótico em coda no PSTP a fim de reunir, relacionar e unificar dados e resultados de diferentes estudos primários de modo a possibilitar uma compreensão panorâmica desse processo fonológico quanto à sua frequência bem como quanto ao efeito das variáveis previsoras sobre a probabilidade de ocorrência do processo em análise.

Para tanto, este artigo está organizado do seguinte modo: a seção O rótico no PSTP e seu apagamento apresenta uma breve revisão da literatura sobre o apagamento do rótico no PSTP que inclui uma descrição do desse fenômeno fonológico; a seção Metodologia e *Corpus* apresenta a metodologia da revisão sistemática e descreve cada etapa de sua aplicação, conforme proposto por Vieira (2021), incluindo a técnica estatística de metanálise utilizada para combinar e sintetizar os resultados dos estudos primários analisados – listados nesta seção. A seção Análise e Síntese dos Dados está subdividida em duas subseções, sendo que a subseção Análise e Discussão dos Resultados compara e analisa os dados extraídos dos estudos primários incluídos nesta revisão sistemática e, a subseção Metanálise, apresenta os resultados da metanálise que sintetiza os resultados desses estudos produzindo uma estimativa metanalítica do índice de apagamento do rótico em coda no PSTP. Por fim, a última seção expõe algumas considerações finais.

O rótico no PSTP e seu apagamento

Os róticos nas macrovariedades de STP têm sido amplamente discutidos em estudos recentes (Agostinho, 2016; Agostinho; Mendes, 2020; Agostinho; Soares; Mendes, 2020;

⁵ Essas variedades urbanas são autóctones e faladas, respectivamente, na cidade de São Tomé, ilha de São Tomé, e na cidade de Santo Antonio, na ilha do Príncipe. Além dessas variedades, todavia, há diversas outras variedades rurais do português que circulam no interior das ilhas de São Tomé e do Príncipe (cf. Baxter, 2018).

Balduino, 2019; 2025b; Boaventura; Cantoni, 2024; Bouchard 2017, 2018; Brandão *et al.* 2017; Mendes, 2021; Vieira; Balduino, 2020; 2021a; 2021b). Em relação ao rótico em coda, notamos que, em português, para além de seu apagamento, há grande variabilidade desse segmento em coda (Balduino, 2020; Balduino; Vieira; Freitas, 2020; Brandão *et al.*, 2017; Brandão; De Paula, 2018; Callou, 1987; Callou; Leite; Moraes, 1994; Callou; Serra, 2012; Callou; Serra; Cunha, 2015; Mateus; Rodrigues, 2004; Oliveira, 2018; Rodrigues, 2012; Vieira; Balduino, 2021a; 2021b). Especialmente em PSTP, o /r/ em coda possui alta frequência de apagamento, fato já reportado para o PST (Balduino; Vieira; Freitas, 2020; Bouchard, 2017; Brandão *et al.*, 2017; Brandão, 2018; Brandão; De Paula, 2018; Cordeiro, 2020; Vieira; Balduino, 2020; 2021a; 2021b) e para o PP (Balduino, 2019; 2022; Balduino; Vieira; Freitas, 2020; Vieira; Balduino, 2021b).

Em PB, com base nos altos índices de apagamento de /r/ em coda e na expressiva variabilidade desse segmento, Callou, Leite e Moraes (1994) descrevem um processo de enfraquecimento em curso, no qual a vibrante é progressivamente posteriorizada até o apagamento, configurando um contínuo de sonoridade ($r \rightarrow x \rightarrow h \rightarrow \emptyset$) e resultando na redução do padrão silábico CVC para CV. Nos dados do PSTP, Balduino (2022) observa um quadro parcialmente convergente e, ao mesmo tempo, distintivo da proposta de Callou, Leite e Moraes (1994). Conforme a autora, o apagamento de /r/ em coda apresenta frequência elevada (38% no PST e 46% no PP), e as múltiplas realizações do rótico nessa posição também apontam para um processo de enfraquecimento segmental, marcado pela posteriorização e consequente perda do segmento. Diferentemente do PB, contudo, no PSTP esse processo não se restringe à coda: a alternância entre vibrantes, tepe e fricativas posteriores ocorre igualmente em posição de onset, conforme já documentado na literatura por Agostinho (2016) e Bouchard (2017).

Em síntese, o apagamento do rótico é um fenômeno recorrente em variedades do português do português como o PB e o PSTP, sendo associado a processos de enfraquecimento segmental e reorganização do padrão silábico. Embora compartilhe com o PB a tendência à posteriorização e à perda de /r/ em coda, o PSTP apresenta um comportamento mais abrangente, no qual a variabilidade e o apagamento do rótico extrapolam essa posição silábica e atingem também contextos de onset. Esses dados reforçam o caráter não homogêneo do sistema rótico no português e evidenciam que, apesar de tendências comuns, as variedades diferem quanto à extensão e à distribuição dos processos fonológicos envolvidos. Estudos que comparam o rótico com outras variedades africanas e o português de Portugal seriam interessantes para observarmos potenciais tendências na língua quanto a esse segmento.

Metodologia e Corpus

O presente estudo emprega a metodologia da revisão sistemática, especificamente, uma versão do Método Cochrane adaptada por Vieira (2021). Uma revisão sistemática

da literatura é um estudo secundário que reúne, de forma organizada, os resultados de vários trabalhos a fim de responder a uma pergunta de pesquisa específica. Esse tipo de abordagem científica foi desenvolvido para a área das Ciências da Saúde pela *Cochrane Collaboration* e aplica métodos sistemáticos e explícitos com o objetivo de minimizar o viés⁶, fornecendo, dessa forma, resultados confiáveis, a partir dos quais se possa tomar decisões mais confiáveis (Antman *et al.*, 1992; Higgins *et al.*, 2023). Esse tipo de estudo exige, em cada uma de suas etapas, a aplicação de procedimentos, preestabelecidos num rigoroso protocolo, sobre a busca, a seleção e a avaliação da validade dos estudos primários, assim como a análise e a interpretação de seus dados e resultados (Higgins *et al.*, 2023; Vieira, 2021; 2022). Assim, a metodologia da revisão sistemática consiste, basicamente, em aplicar métodos explícitos e sistematizados para (i) identificar e selecionar estudos primários relevantes e (ii) coletar, avaliar e analisar os dados dos estudos selecionados (Higgins *et al.*, 2023). Embora o Método Cochrane tenha sido elaborado para a área da saúde, a versão que utilizaremos neste estudo já foi aplicada a estudos linguísticos (Vieira, 2021; Araujo; Vieira, 2021), contudo, este é a primeira revisão sistemática na qual implementamos a técnica estatística da metanálise, parte integrante no Método Cochrane.

Uma revisão sistemática tem início com a elaboração da pergunta de pesquisa, do objetivo principal do estudo, e de um projeto de revisão. Na sequência, realiza-se uma pesquisa com o objetivo de identificar o maior número possível de estudos relacionados à pergunta em questão. Feito isso, aplicam-se critérios para seleção dos estudos primários e parte-se para a coleta de dados, seguida de uma avaliação de risco de viés nos estudos incluídos na revisão. Na sequência, realiza-se a análise e quando os estudos são suficientemente semelhantes, os resultados podem ser sintetizados por meio de uma análise estatística, denominada, metanálise (Higgins *et al.*, 2023; Vieira, 2021).

Vieira (2021) adaptou o Método Cochrane para reunir, organizar e unificar, sistematicamente, dados e resultados de estudos sobre fenômenos linguísticos quantitativamente analisados. E, segundo a autora, essa metodologia pode ser segmentada em sete etapas, das quais aplicaremos seis, uma vez que uma das etapas consiste numa discussão sobre a aplicação dos procedimentos empregados pela Sociolinguística Variacionista em cada um dos estudos primários, e, das nove análises contempladas na revisão sistemática aqui conduzida, apenas quatro são sociolinguísticas. Dito isto, na primeira etapa desta revisão sistemática, Formulação da Pergunta de Pesquisa, definimos a seguinte pergunta

6 O resultado de uma revisão sistemática pode ser afetado (enviesado) pela conduta dos autores da revisão ou pela ausência de resultados de estudos que deveriam ter sido incluídos na síntese. Em resumo, as conclusões da revisão podem ser comprometidas quando as decisões sobre como, quando e onde relatar os resultados dos estudos incluídos são influenciadas pela natureza e direção desses resultados (Higgins *et al.* 2023; Vieira, 2021; 2022).

de pesquisa: qual é o status⁷ do apagamento do rótico no português falado em São Tomé e Príncipe? Formulada a pergunta de pesquisa, passamos à segunda etapa: Elaboração do Protocolo com os métodos utilizados na busca e seleção dos estudos relevantes, e na coleta, análise e síntese dos dados. Tais métodos estão descritos, nesta seção.

A terceira etapa, Identificação e Seleção dos estudos primários, é a pesquisa propriamente dita, durante a qual identificamos e selecionamos os estudos primários relevantes. Essa pesquisa foi finalizada em 02 de fevereiro de 2024, assim, estudos publicados após essa data não estão contemplados nesta revisão sistemática. Com o objetivo de identificar todos os trabalhos que investigaram o fenômeno do apagamento do rótico no PSTP, a pesquisa foi realizada por meio do software *Publish or Perish*, nas fontes de dados *Crossref* e *Google Scholar*, utilizando os operadores AND e OR. As palavras-chave empregadas foram: rótico em coda, /R/ em coda, apagamento do rótico, português santomense e português principense em português e em inglês. Em seguida verificamos as referências bibliográficas dos estudos encontrados o que nos forneceu dados de mais um trabalho. Dessa forma, identificamos um total de 57 estudos primários que incluem teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos científicos e capítulos de livros.

Finalizada a pesquisa, iniciamos a seleção dos estudos relevantes de acordo com os seguintes critérios de elegibilidade: (1) o estudo deve analisar o fenômeno do apagamento do rótico em uma variedade do português falado em São Tomé e Príncipe; (2) o estudo deve realizar uma análise quantitativa do fenômeno que apresente, pelo menos, uma análise distribucional em valores absolutos e percentuais e considere a distribuição do apagamento de acordo com variáveis estruturais e/ou sociais (podendo ou não ser um estudo sociolinguístico⁸). Após uma leitura dos títulos e resumos dos trabalhos identificados na pesquisa, foram selecionados 12 estudos⁹ potencialmente relevantes.

Em seguida, a leitura das seções sobre a metodologia e os resultados desses estudos, resultou na exclusão de 4 estudos porque a parte do estudo que analisa o apagamento do rótico em coda silábica é baseada, exatamente, no mesmo *corpus* de outro estudo já

7 O termo *status* é utilizado neste estudo para se referir à situação do apagamento do rótico no PSTP no escopo quantitativo, mais especificamente, refere-se a como o processo está distribuído estatisticamente (frequência).

8 Não foi preestabelecido um critério de elegibilidade especificando que os estudos primários deveriam ser todos sociolinguísticos pois, se o fizéssemos esta revisão contemplaria apenas quatro trabalhos e o objetivo deste estudo era desenvolver um trabalho que fosse o mais representativo possível do apagamento do rótico no PSTP e possibilitasse a elaboração de uma metanálise mais robusta. Assim, buscamos incluir todas as pesquisas acadêmicas relevantes sobre o fenômeno em análise.

9 Essa redução de 57 para 12 estudos primários potencialmente relevantes foi feita exclusivamente por meio dos critérios de elegibilidade e se deve principalmente a fatores tais como: (i) vários trabalhos encontrados eram baseados em outras variedades do português ou (ii) não analisavam exatamente o fenômeno do apagamento. Por fim, havia trabalhos que não realizaram análises quantitativas, não se enquadrando, portanto, no 2º critério preestabelecido.

incluído nesta revisão sistemática (Brandão; De Paula, 2018, Cordeiro, 2020; Brandão, 2018; 2022). Assim, foram selecionados 8 estudos primários relevantes, listados no Quadro 1 que especifica o tipo de publicação (teses de doutorado e artigos).

Quadro 1. Estudos primários selecionados

Nº	Autor (ano)	Título do trabalho	Tipo de publicação
1	Bouchard (2017)	Linguistic Variation and change in the Portuguese of São Tomé	Tese de doutorado
2	Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017)	Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé	Artigo
3	Balduino (2019)	Apagamento de/R/e/S/em coda no Português Principense	Artigo
4	Vieira e Balduino (2020)	Apagamento de/R, S, l/na coda no português de São Tomé: convergência linguística	Artigo
5	Balduino, Vieira e Freitas (2020)	A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento	Artigo
6	Vieira e Balduino (2021a)	Apagamento do rótico em coda no Português Santomense (PST): uma análise sociolinguística	Artigo
7	Vieira e Balduino (2021b)	Apagamento do rótico em coda no português santomense e no português principense	Artigo
8	Balduino (2022)	Fonologia do português de São Tomé e Príncipe	Tese de Doutorado

Fonte: Elaboração própria

Na quarta etapa, Coleta de Dados, coletamos os dados que devem ser considerados na análise. A fim de eliminar um viés decorrente da ausência de resultados de estudos, extraímos os resultados de cada estudo de forma integral e seguindo uma mesma ordem de coleta: (1) a variedade do PSTP contemplada no estudo; (2) o tamanho da amostra (total de observações); (3) o percentual de apagamento do rótico em coda; (4) as variáveis linguísticas e/ou sociais, consideradas na análise; (5) quando houver resultados de uma modelagem estatística, as variáveis previsoras selecionadas, como sendo significativas, para a aplicação da regra de apagamento do rótico em coda, bem como os níveis (fatores) componentes das variáveis significativas seguidos do percentual de aplicação da regra diante de cada fator e do seu peso relativo.

Posteriormente, na quinta etapa, chamada Análise e Síntese dos Dados, analisamos os dados extraídos dos estudos primários desenvolvendo um estudo comparativo. Comparamos e analisamos (1) a frequência absoluta e percentual de aplicação do

apagamento do rótico em coda considerando o tamanho da amostra e a variedade do português analisada em cada estudo primário; (2) as variáveis predictoras selecionadas como sendo significativas em, no mínimo, 40 % das análises que empregam modelagens estatísticas, assim como a distribuição dos dados de acordo com os fatores/níveis dessas variáveis, bem como o efeito desses fatores fornecido pelo seu peso relativo em cada estudo; (3) as variáveis linguísticas e/ou sociais, consideradas nos estudos que utilizaram análises distribucionais, que tenham se mostrado significativas nos estudos que empregaram modelagens estatísticas. Nesse caso será analisada a distribuição dos dados (absoluta e percentual) de acordo com os níveis dessas variáveis.

Ao final da análise os dados referentes aos tamanhos das amostras, e às taxas de apagamento do rótico em coda são sintetizados por meio de uma Metanálise de Proporções. Metanálise é uma técnica estatística utilizada para combinar resultados de diferentes estudos produzindo uma medida estatística conjunta que resuma o resultado quantitativo dos estudos que tratem sobre uma mesma questão de pesquisa. Tal medida é denominada estimativa metanalítica. A metanálise de proporção é empregada para estudos de braço único, ou seja, estudos com um único grupo, sem comparação entre proporções de dois grupos – muito mais comuns na área da saúde. Contudo, para que o resultado de uma metanálise tenha significado aplicado, os estudos que fornecem os dados da metanálise devem ser o resultado de uma revisão sistemática (Figueira, 2020; Rodrigues; Ziegelmann, 2010).

Isto posto, a metanálise foi realizada no software R, versão 4.3.2, na sua interface RStudio (R Core Team, 2024) utilizando o pacote meta (Schwarzer, 2007; Schwarzer *et al.*, 2015). O modelo empregado na metanálise foi um modelo de efeitos aleatórios¹⁰ e a estimação dos valores foi realizada por meio do método do inverso da variância com a transformação de Arco-seno¹¹ para estabilizar a variância entre os estudos primários. O modelo estatístico escolhido foi o de efeitos aleatórios, devido a heterogeneidade característica dos estudos linguísticos que pode estar associada a fatores sociais como a faixa etária e o nível de escolaridade dos informantes que fornecem os dados de fala, mas também a variação diatópica, sobretudo, quando os estudos primários analisam variedades de uma língua falada em várias regiões de um país. A heterogeneidade entre os estudos foi analisada por meio do teste Q de Cochran e da estatística I^2 . Um valor p, no teste Q de Cochran, menor que 0,05 indica uma heterogeneidade estatisticamente significativa. Quanto à estatística I^2 (que utiliza valores numa escala de 0% a 100%) um valor próximo a 0% indica não heterogeneidade entre os estudos primários, um valor próximo de 25% indica

10 Esse tipo de modelo considera a variação (heterogeneidade) existente entre os estudos primários no que se refere às taxas de apagamento do rótico em coda (Borenstein *et al.*, 2009; Figueira, 2020) que podem ser resultantes do fato de que os dados analisados são fornecidos por informantes de faixas etárias, níveis de escolaridade e classes sociais que diferem entre os estudos.

11 A transformação de Arco-seno além de impedir que os limites do intervalo de confiança sejam menores que 0 ou maiores que 1 e de estabilizar a variância entre os estudos primários, é considerada a melhor transformação para esse tipo de metanálise (Figueira, 2020).

baixa heterogeneidade, um valor próximo de 50% indica heterogeneidade moderada ou substancial e, por fim, um valor próximo de 75% indica alta heterogeneidade entre os estudos¹² (Higgins *et. al.*, 2023; Rodrigues; Ziegelmann, 2010).

Enfim, na última etapa, apresentamos as conclusões desta revisão sistemática tecendo algumas considerações finais a respeito do apagamento do rótico em coda no PSTP. A próxima seção apresenta a análise – quinta etapa da metodologia aqui empregada – conforme descrito nesta seção.

Análise e síntese dos dados

Esta seção está subdividida em duas subseções, na subseção Análise e Discussão dos Resultados comparamos e analisamos os dados extraídos dos oito estudos primários incluídos nesta revisão sistemática e, na subseção Metanálise, apresentamos os resultados da metanálise que sintetiza os resultados desses estudos produzindo uma estimativa metanalítica.

Análise e discussão do resultados

Nesta subseção analisamos, comparativamente, (1) a frequência absoluta e percentual de aplicação do apagamento do rótico em coda considerando o tamanho da amostra e a variedade do português analisada em cada estudo primário; (2) as variáveis previsoras que se mostraram estatisticamente significativas em pelo menos 40% dos estudos que empregam modelagens estatísticas – a fim de que tenhamos um número mínimo de dados com os quais comparar cada estudo –, assim como a distribuição (absoluta e percentual) dos dados de acordo com os fatores/níveis dessas variáveis, bem como o efeito desses fatores fornecido pelo seu peso relativo em cada estudo e (3) a distribuição dos dados (absoluta e percentual) de acordo com os níveis das variáveis linguísticas e/ou sociais, consideradas nos estudos que utilizaram análises distribucionais, que tenham sido significativas nas análises que empregaram modelagens estatísticas. A tabela 1 apresenta os resultados referentes ao item (1).

12 A escolha dessas estatísticas (teste Q de Cochran e estatística I²) decorre do fato de que os dados analisados são derivados de variáveis resposta binárias, expressas em frequências e proporções, não sendo apropriado assumir que os dados subjacentes sigam uma distribuição contínua normal. Assim, optou-se por medidas de heterogeneidade que não dependem de pressupostos de normalidade dos dados, mas se baseiam na variabilidade observada entre proporções analisadas (Vieira, a sair).

Tabela 1. Frequência de apagamento do rótico em coda silábica nos estudos primários

Nº	Autor (ano)	Variedade do português analisada	Tamanho da amostra (N)	Frequência absoluta	Percentual %
1	Bouchard (2017)	PST	2564	1277	49,80
2	Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017)	PST	2732	840	30,75
3	Balduino (2019)	PP	1136	627	55,19
4	Vieira e Balduino (2020)	PST	577	355	61,53
5	Balduino, Vieira e Freitas (2020 PST)	PST	1324	760	57,40
6	Balduino, Vieira e Freitas (2020 PP)	PP	1784	1033	57,90
7	Vieira e Balduino (2021a)	PST	1521	861	56,53
8	Vieira e Balduino (2021b)	PST e PP	2387	1306	54,71
9	Balduino (2022)	PST e PP	1804	767	42,52
	MÉDIA ARITMÉTICA	---	1759	869,56	51,81

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 1 mostra a variedade do português analisada no estudo, o tamanho da amostra analisada, a frequência absoluta, bem como a taxa percentual de ocorrência do apagamento do rótico em coda silábica verificado em cada estudo. O estudo de Balduino, Vieira e Freitas (2020) apresenta duas análises, sendo uma para o PST e outra para o PP, ou seja, foi aplicada uma modelagem estatística para cada variedade do português examinada, portanto, apresentamos os resultados das duas análises separadamente: a do PST será referenciada como Balduino, Vieira e Freitas (2020 PST) e a do PP como Balduino, Vieira e Freitas (2020 PP). Com isso, analisaremos o resultado de nove análises em vez de oito. Nota-se que o menor índice percentual de apagamento (30,75%) foi verificado no estudo de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), ao passo que o maior índice (61,53%) é o verificado por Vieira e Balduino (2020). Desse modo, esses são os valores que mais se afastam do índice calculado pela média aritmética (51,81%). Essas discrepâncias podem estar associadas, no caso do primeiro estudo citado, ao fato de que este se baseia num *corpus* coletado em 2009, enquanto os demais analisam *corpus* coletados entre 2016 e 2019 e, no caso do segundo estudo, ao tamanho amostral (577), notadamente menor que as amostras analisadas nos outros trabalhos – todas constituídas de mais de 1000 observações, sendo 3 como mais de 2000 ocorrências. As variedades do PSTP analisadas não parecem estar associadas à variação entre os estudos, uma vez que os dois que mais se distanciam da média aritmética investigaram a mesma variedade (PST). Na próxima subseção, esses dados serão sintetizados

por meio de uma metanálise de proporção utilizando um modelo que considera essa heterogeneidade entre os estudos.

Das 9 análises contempladas nesta revisão sistemática, 7 aplicaram uma modelagem estatística, nomeadamente, uma regressão logística. Assim, analisaremos comparativamente o efeito das variáveis predictoras estatisticamente significativas para aplicação do apagamento do rótico em coda em, pelo menos 3 – aproximadamente 40% – desses estudos a fim de que tenhamos dados com os quais comparar cada estudo. A Tabela 2 apresenta o efeito da variável predictoradora Posição do Segmento na Palavra – estatisticamente significativa em todos os estudos – considerando a distribuição (absoluta e percentual) dos dados de acordo com os níveis dessa variável.

Tabela 2. Efeito da variável Posição do Segmento na Palavra nos estudos primários

Autor (ano)	Fatores da variável	Apl./N¹³	Percentual de apagamento do rótico	Peso Relativo
Bouchard (2017)	Final (verbo)	1020/1310	77,9	0,99
	Final (não-verbo)	117/281	41,6	0,90
	Medial	139/973	14,7	0,34
Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017)	Final	712/1592	44,7	
	Medial	128/1140	11,2	
Balduino, Vieira e Freitas (2020 PST)	Final	540/708	76,3	0,67
	Medial	220/616	35,7	0,33
Balduino, Vieira e Freitas (2020 PP)	Final	840/1056	79,5	0,69
	Medial	193/728	26,5	0,31
Vieira e Balduino (2021a)	Final	629/811	77,5	0,71
	Medial	232/712	32,6	0,29
Vieira e Balduino (2021b)	Final	1017/1316	77,3	0,75
	Medial	289/1071	27,0	0,25
Balduino (2022)	Final	456/652	70,0	0,75
	Medial	311/1152	27,0	0,25

Fonte: Elaboração própria

O trabalho de Bouchard (2017) analisa, entre outros fenômenos, o apagamento do rótico em todas as posições silábicas, verificando que o fenômeno é muito mais frequente em posição de coda. Considerando o objetivo deste artigo, analisamos apenas os dados

¹³ Apl. (Aplicação) é quantidade de vezes que o apagamento ocorreu.

N: Número total de observações da amostra ou de um determinado contexto (como final ou medial).

referentes a ocorrência do apagamento nesse constituinte silábico. A modelagem estatística dos dados nesse estudo analisa o efeito das demais variáveis predictoras sobre o apagamento do rótico em todas as posições silábicas, não havendo uma análise direcionada apenas ao rótico em coda, portanto, esta é a única variável predictor, deste estudo, que incluímos nesta revisão sistemática. O estudo de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) separou os dados de coda final (externa) e medial (interna) realizando uma modelagem estatística para cada grupo de observações, dessa forma, como os dados não foram analisados conjuntamente não é reportado o efeito da posição do segmento rótico na palavra nesse estudo, sendo apresentado apenas a distribuição absoluta e percentual. Isto posto, a Tabela 2 mostra que em todos os estudos primários a posição final favorece o apagamento do rótico em coda, ao passo que a posição medial o desfavorece, como se verifica em PB (Alves, 2015; Callou; Serra, 2012; Monaretto, 2000; Oliveira, 2018). Ademais, o estudo de Bouchard (2017) também aponta que o apagamento do rótico em coda final é ainda mais favorecido em itens lexicais verbais.

Tabela 3. Distribuição dos dados conforme a variável Posição do Segmento na Palavra nos estudos primários

Autor (ano)	Fatores da variável	Apl./N	Percentual de apagamento do rótico
Balduino (2019)	Final	561/704	79,7
	Medial	66/432	15,3
Vieira e Balduino (2020)	Final	228/293	77,82
	Medial	127/284	44,72

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 3 mostra o resultado da análise distributiva dos dados de acordo com a variável Posição do Segmento, nos trabalhos que não aplicaram modelagens estatísticas aos dados, demonstrando que o apagamento do rótico em coda no PSTP é mais frequente em final de palavra do que em posição medial, o que está em consonância com a distribuição dos dados verificada nos demais estudos (cf. Tabela 2). Fonologicamente, fronteira de palavra à direita é, reconhecidamente, *locus* de variação, visto que, em geral e quando não protegido por acento lexical ou frasal, tende a sofrer reduções e apagamentos (cf. Selkirk, 1982).

A variável predictor Classe Gramatical da Palavra se mostrou estatisticamente significativa em todas as análises, exceto em Balduino (2022). A Tabela 4 apresenta o efeito dessa variável – considerando a distribuição (absoluta e percentual) dos dados – de acordo com os níveis dessa variável nos estudos primários.

Tabela 4. Efeito da variável Classe Gramatical da Palavra nos estudos primários

Autor (ano)	Fatores da variável	Apl./N	Percentual de apagamento do rótico	Peso Relativo
Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) Coda Interna (medial)	Outros	68/272	25	0,77
	Verbo	10/143	7	0,44
	Nome	50/725	6,9	0,39
Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) Coda Externa (final)	Verbo	655/1339	48,9	0,56
	Outros	20/45	44,4	0,47
	Nome	36/207	19,5	0,14
Balduino, Vieira e Freitas (2020 PST)	Verbo	501/680	73,7	0,58
	Não-verbo	259/644	40,2	0,42
Balduino, Vieira e Freitas (2020 PP)	Verbo	802/1024	78,3	0,64
	Não-verbo	231/760	30,4	0,36
Vieira e Balduino (2021a)	Verbo	575/779	73,8	0,57
	Não-verbo	286/744	38,4	0,43
Vieira e Balduino (2021b)	Verbo	959/1294	74,1	0,64
	Não-verbo	347/1093	31,7	0,36

Fonte: Elaboração própria

O trabalho de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) analisou, separadamente, os dados de coda interna (medial) e externa (final), portanto, analisamos os resultados das duas análises, separadas, como foi reportado pelos autores. Em todas as análises, exceto na análise do apagamento do rótico em coda medial de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), o fenômeno é favorecido em itens lexicais verbais, contexto em que é consideravelmente mais frequente, sendo desfavorecido em itens não-verbais. Os resultados de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) vão na mesma direção dos reportados por Bouchard (2017) (cf. Tabela 2), indicando que, como ocorre em variedades do PB (Callou; Leite; Moraes, 2002; Callou; Serra, 2012; Callou; Serra; Cunha, 2015; Oliveira, 2018; Oushiro; Mendes, 2014), a classe gramatical verbal tende a ser mais significativa para o apagamento do rótico em coda final, no PSTP, e que os maiores índices de apagamento são verificados em coda final de verbos no infinitivo.

Vieira e Balduino (2021a; 2021b) analisando o PST e o PSTP, respectivamente, encontram uma interação estatisticamente significativa entre as variáveis Posição do Segmento (medial/final) e Classe Gramatical da Palavra (verbo/não-verbo) e, ao fazer o cruzamento entre essas duas variáveis também encontram os maiores índices de apagamento em coda final de verbos no infinitivo, além de verificarem que em coda final as diferenças

entre os índices de apagamento nas duas classes gramaticais é consideravelmente maior do que em coda medial (cf. Tabela 5).

Tabela 5. Cruzamento entre as variáveis Posição do Segmento e Classe Gramatical da Palavra em dois estudos primários

Autor (ano)	Posição do Segmento	Posição Medial	Posição Final
Vieira e Balduino (2021a)	Verbo	35,3%	82,2%
	Não-verbo	31,9%	60,2%
Vieira e Balduino (2021b)	Verbo	35,8%	83,1%
	Não-verbo	24,4%	54,5%

Fonte: Elaboração própria

Vieira e Balduino (2021a) também realizam, além da análise inicial geral, uma análise estatística individual para os dados de coda medial e outra para os de coda final verificando que, em coda final, a variável Classe Gramatical é estatisticamente significativa para o apagamento do rótico ao passo que em coda medial essa variável não se mostrou relevante para a ocorrência do fenômeno. Todavia, apesar de todas essas análises apresentarem resultados semelhantes e consonantes entre si, o estudo de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) se distancia um pouco dos demais quanto a frequência do fenômeno. Enquanto o índice de apagamento do rótico em coda final em itens verbais é de 77,9% no estudo de Bouchard (2017), 82,2% em Vieira e Balduino (2021a) e 83,1% em Vieira e Balduino (2021b) a frequência no estudo de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) é de apenas 48,9% o que pode estar relacionado a época em que cada *corpus* foi coletado, dado que, os dados analisados nesse estudo foram gravados em 2009 ao passo que os de Bouchard (2017) são de 2017 e os de Vieira e Balduino (2021a; 2021b) são de 2016 e 2019.

Essa diferença pode indicar uma mudança em progresso no PSTP, uma vez que, essa coleta de dados em dois períodos diferentes, com um intervalo de 10 anos se assemelha a uma análise de tempo real de curta duração (Labov, 1994) por meio da qual se analisa o comportamento de uma variável linguística, quanto à frequência de suas variantes, numa mesma comunidade de fala em dois períodos de tempo distintos. Nesse caso, houve um aumento no índice de apagamento do rótico, ou seja, se verificou uma maior frequência da variante inovadora (Ø) após o período de 10 anos que separa a primeira da última coleta de dados. Quanto às línguas autóctones em contato com o PSTP, embora haja um trabalho recente sobre róticos em posição de onset no *lung'le* (Mendes, 2025), ainda não há estudos sobre róticos em posição de coda nessas línguas.

Outra forma de verificar se essa é uma mudança em curso no PSTP seria realizar uma análise de tempo aparente que consiste em verificar o efeito da variável Faixa etária sobre a variável linguística em estudo. Nesse caso, se a variante inovadora for utilizada com

mais frequência pelos falantes mais jovens há um indicativo de mudança em progresso. Infelizmente essa variável só foi incluída em três dos estudos primários incluídos nesta revisão sistemática (Brandão; Pessanha; Pontes; Corrêa, 2017; Vieira; Balduino, 2021a; 2021b), não sendo estatisticamente significativa na análise de Vieira e Balduino (2021b), único estudo que empregou um modelo estatístico de efeitos mistos que considerou o efeito da variável previsora aleatória Informante. Dessa forma, o efeito dessa variável sobre a ocorrência de apagamento do rótico em coda pode ter sido superestimado nas análises dos dois primeiros estudos, uma vez que o efeito da variável informante não foi considerado na análise estatística.

Vale mencionar que a possibilidade de uma mudança em curso, em relação ao apagamento do rótico, já foi apontada no trabalho de Bouchard (2017). A autora, utilizando a terminologia de Câmara Jr. (1970), demonstra que o r-fraco é preferido por falantes mais velhos ao passo que o r-forte é mais produzido por falantes mais jovens, nascidos após a independência do país em 1975. Bouchard (2017) foca, todavia, na produção de róticos em posição de onset, um contexto distinto ao investigado aqui. Ainda assim, em ambos os contextos silábicos, é possível observar um ponto em comum: o rótico não somente é alvo de grande variabilidade, como o fator 'tempo' deve ser investigado mais detalhadamente. Isto posto, ressaltamos a importância de mais estudos primários que analisem o efeito da variável Faixa Etária empregando modelos estatísticos mistos que incluam o efeito da variável aleatória Informante. Dito isso, apresentamos, na tabela 6, os resultados da análise distributiva dos dados de acordo com a variável Classe Gramatical de Palavra nos estudos que não empregam modelagens estatísticas aos dados.

Tabela 6. Distribuição dos dados conforme a variável Classe Gramatical da Palavra nos estudos primários

Autor (ano)	Fatores da variável	Apl./N	Percentual de apagamento do rótico
Balduino (2019)	Verbo	476/572	83,2
	Não-verbo	151/564	26,8
Vieira e Balduino (2020)	Verbo	151/268	56,34
	Não-verbo	204/309	66,02

Fonte: Elaboração própria

Conforme a Tabela 6, a distribuição dos dados reportados pelos estudos de Balduino (2019) e Vieira e Balduino (2020) apontam comportamentos diferentes para a variável Classe Gramatical: enquanto em Vieira e Balduino (2020) o fenômeno ocorre em frequências bem semelhantes em verbos e não-verbos, em Balduino (2019) a frequência do fenômeno é bem maior em verbos (83,2%) do que em não-verbos (26,8%) o que pode estar associado ao fato de que do total de 1136 observações que constituem o *corpus*,

704 são dados de coda final, e dessas 704 ocorrências, 559 são de itens lexicais verbais, ou seja, 49% (559/1136) dos dados são constituídos por verbos no infinitivo. Conforme indicado pelos estudos de Bouchard (2017), Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017), Vieira e Balduino (2021a; 2021b) os maiores índices de apagamento do rótico em coda, no PSTP, são verificados em coda final de verbos no infinitivo.

A variável previsoras Nível de Escolaridade foi estatisticamente significativa em todas as análises nas quais foi incluída – apenas 3 estudos, dado que nas análises de Balduino; Vieira; Freitas (2020 PST; 2020 PP) e Balduino (2022) não foram incluídas variáveis previsoras sociais. A Tabela 7 apresenta o efeito dessa variável – considerando a distribuição (absoluta e percentual) dos dados de acordo com os níveis dessa variável nos 3 estudos que a consideraram. O estudo de Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) reporta apenas os valores dos efeitos (P.R.), ou seja, não apresenta os valores de distribuição do fenômeno para a variável Nível de Escolaridade, por isso os campos referentes a esses dados estão em branco na tabela 7.

Tabela 7. Efeito da variável Nível de Escolaridade nos estudos primários

Autor (ano)	Fatores da variável	Apl./N	Percentual de apagamento do rótico	Peso Relativo
Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) Coda Interna (medial)	Fundamental	---	---	0,79
	Médio			0,40
	Superior			0,34
Brandão, Pessanha, Pontes e Corrêa (2017) Coda Externa (final)	Fundamental	---	---	0,83
	Médio			0,29
	Superior			0,25
Vieira e Balduino (2021a)	Fundamental	234/351	66,6	0,69
	Médio	403/654	61,6	0,40
	Superior	224/528	43,2	0,39
Vieira e Balduino (2021b)	4ª à 9ª classe	625/906	69,0	0,75
	10ª à 12ª classe	445/872	51,0	0,46
	Superior	236/609	38,8	0,28

Fonte: Elaboração própria

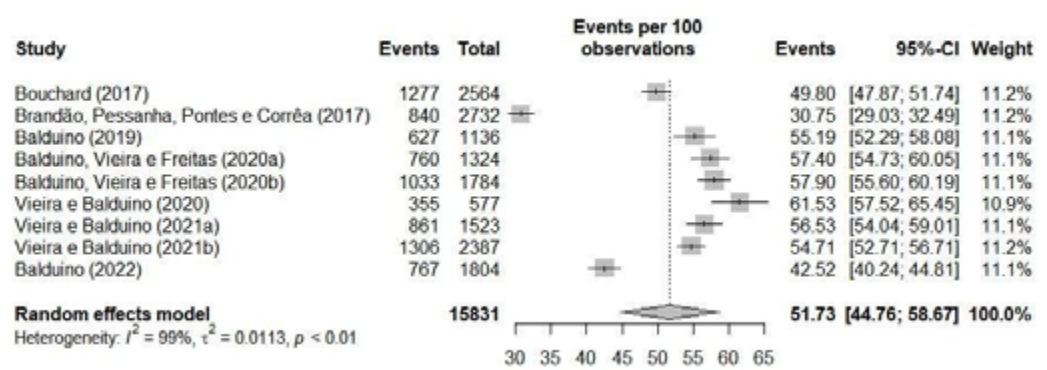
A Tabela 7 mostra que todas as análises indicam que informantes com o menor nível de escolaridade são os que mais favorecem o apagamento do rótico, ao passo que informantes com o maior nível de escolaridade são desfavorecedores do fenômeno, ou seja, os maiores índices de apagamento do rótico em coda no PSTP estão entre os falantes menos escolarizados, resultados similares aos de estudos sobre variedades do PB. (Alves, 2015; Brandão; Mota; Cunha, 2003; Carvalho, 2009; Monaretto, 2000).

A variável previsora Sexo testada em três estudos primários (Brandão; Pessanha; Pontes; Corrêa, 2017; Vieira; Balduino, 2021a; 2021b) se mostrou significativa em apenas dois desses estudos (Brandão; Pessanha; Pontes; Corrêa, 2017; Vieira; Balduino, 2021a) não sendo selecionada na análise de Vieira e Balduino (2021b), único estudo que empregou um modelo estatístico de efeitos mistos que considerou o efeito da variável previsora aleatória Informante. Portanto, como apontado a respeito da variável faixa etária, o efeito dessa variável sobre a ocorrência de apagamento do rótico em coda pode ter sido superestimado nas análises dos dois primeiros estudos, uma vez que o efeito da variável aleatória citada não foi considerado na modelagem estatística.

Resultados da metanálise

Nesta subseção, os dados referentes aos tamanhos das amostras, e à frequência de apagamento do rótico em coda no PSTP, nos 9 estudos incluídos nesta revisão sistemática, são sintetizados por meio de uma Metanálise de Proporções.

Figura 1. Resultados da metanálise - gráfico em floresta (*Forest Plot*)



Fonte: Elaboração própria

A Figura 1, com os resultados da metanálise, mostra: (i) a frequência do apagamento do rótico em coda (Events); (ii) o tamanho da amostra analisada em cada estudo (Total); (iii) o gráfico em floresta que mostra a distância entre os índices percentuais de apagamento do rótico verificados em cada estudo e a medida estatística conjunta do índice de apagamento do rótico em coda Events per 100 observations); (iv) os valores percentuais de ocorrência do apagamento do rótico em coda (Events); (v) o intervalo de

confiança¹⁴, no nível de 95%¹⁵, um intervalo numérico, resultante da análise estatística das amostras dos estudos primários, no qual, com 95% de confiança, o verdadeiro valor do índice de apagamento do rótico de toda a população de STP deve estar contido (95%-CI); (vi) o peso de cada estudo primário na metanálise (Weight); (vii) o resultado do teste de heterogeneidade (Heterogeneity).

A medida metanalítica unificada do índice de apagamento do rótico em coda no PSTP é de 51,73% e se aproxima da média aritmética, calculada entre os percentuais de ocorrência do fenômeno nos estudos, apresentada na Tabela 1 (51,82%). De acordo com o intervalo de confiança calculado, no nível de 95%, que está entre 44,76% e 58,67%, há 95% de probabilidade de que o índice médio real – de toda a população – de apagamento do rótico no PSTP esteja dentro desse intervalo. Três dos nove estudos primários – Brandão; Pessanha; Pontes; Corrêa, 2017 (30,75%); Vieira; Balduino, 2020 (61,53%); Balduino, 2022 (42,52%) – estão fora desse intervalo, o que pode ser relacionado à alta heterogeneidade entre os estudos ($I^2 = 99\%$). Essa heterogeneidade pode existir em decorrência do fato de que os dados analisados são fornecidos por informantes de faixas etárias, níveis de escolaridade e classes sociais que podem diferir entre os estudos, ou seja, as diferenças entre as características sociais dos informantes podem explicar a variabilidade entre os índices de apagamento do rótico em coda verificada nos estudos primários incluídos nesta revisão sistemática. Contudo, é importante destacar que o modelo de efeitos aleatórios que empregamos já levou em consideração essa heterogeneidade durante o cálculo da medida metanalítica.

Considerações finais

De forma análoga ao que ocorre no PB (Alves, 2015; Callou; Serra, 2012; Monaretto, 2000; Oliveira, 2018), todos os estudos primários apontam que a posição final favorece o apagamento do rótico em coda no PSTP – em oposição à posição medial que desfavorece o processo –, sendo os maiores índices de apagamento verificados em coda final de verbos no infinitivo. Ainda em consonância com o PB: (i) a posição do segmento na palavra foi a variável que exerceu efeitos mais significativos sobre o apagamento do rótico, com a posição final sendo o contexto que mais favoreceu o processo; (ii) em todos os estudos primários que consideraram a variável previsora Nível de escolaridade o fenômeno se mostrou mais frequente entre os falantes menos escolarizados. Ao apontar

14 O Intervalo de Confiança consiste em uma técnica que possibilita inferências estatísticas, isto é, a partir de valores amostrais é possível inferir um parâmetro para a população que contém a amostra analisada. Assim, o intervalo de confiança pode ser entendido com um intervalo de valores, calculado a partir da distribuição dos dados de uma ou mais amostras que deve conter, com um nível especificado de confiança, o parâmetro, ou seja, o valor real de toda população (Fonseca; Martins, 2018).

15 O nível de confiança do intervalo de confiança indica a probabilidade de que o verdadeiro valor de uma população esteja dentro do intervalo calculado. Essa probabilidade é dada por: $(1 - \alpha) \cdot 100$ (um menos a incógnita α – qualquer valor – multiplicado por cem), logo, o nível de confiança é um número que está entre 0% e 100% (Fonseca; Martins, 2018).

a posição final como principal contexto favorecedor do apagamento do rótico no PSTP nos permite inferir a pertinência do contexto prosódico fronteira de palavra. Desse modo, este estudo não apenas ofereceu uma visão geral do que já foi analisado, mas também do que pode, ainda, ser investigado. Notamos, a esse respeito, que variáveis linguísticas como o sintagma fonológico e o sintagma entoacional (Serra; Callou, 2012; 2015) não foram consideradas variáveis previsoras em nenhum dos estudos primários, sendo aspectos potenciais, e relacionados à fronteira de palavra, a serem explorados em pesquisas futuras que visem examinar o fenômeno em análises no português falado em STP.

Além disso, os resultados dos estudos primários indicaram a relevância do efeito de variáveis sociais sobre o apagamento do rótico em coda, nomeadamente, o nível de escolaridade e a faixa etária dos informantes, apontando a pertinência da teoria da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972; 1994; 2001; Weinreich; Labov; Herzog, 1968) em análises desse processo fonológico em variedades do PSTP. Por fim, a metanálise apontou que a estimativa da medida metanalítica unificada do índice de apagamento do rótico em coda no PSTP é de 51,73%, estando o intervalo de confiança, no nível de 95%, entre 44,76% a 58,67%.

Desse modo, esta revisão sistemática reúne, organiza, sintetiza e unifica informações dispersas em diversos estudos sobre o apagamento do rótico em coda no PSTP oferecendo uma visão panorâmica sobre os efeitos de variáveis linguísticas e sociais sobre a ocorrência do processo. Ademais a metanálise possibilitou a estimativa de uma medida unificada do índice de apagamento de /r/ em coda no PSTP acompanhado de um intervalo de confiança e, segundo os resultados, há 95% de chance de que o verdadeiro índice de apagamento da população esteja dentro desse intervalo. Todavia, quando esta revisão sistemática foi desenvolvida ainda haviam poucos estudos sobre o apagamento do rótico em variedades do PSTP, assim, destacamos o fato de que revisões sistemáticas devem ser repetidas após alguns anos, neste caso, a fim de incorporar novos resultados, bem como verificar se as tendências verificadas se mantêm.

Referências

AGOSTINHO, A. L. Róticos em contexto intervocálico no Português da Ilha do Príncipe: fonologia e educação. In: ENCONTRO DA ABECS, IX. 2016, Brasília. Trabalho apresentado. Brasília: Universidade de Brasília, 2016. p. 48-49. Disponível em: <https://encontroabecs.wordpress.com/cadde-resumos>. Acesso em: 10 set. 2020.

AGOSTINHO, A. L.; MENDES, M. A grafia dos róticos intervocálicos no português da Ilha do Príncipe: fusão fonológica e ensino. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 24, n. 3, p. 154-176, 2020.

AGOSTINHO, A. L.; SOARES, E.; MENDES, M. Merging of quasiphonemes in contact situations: evidence from rhotics in Principense Portuguese. In: ANNUAL MEETING ON PHONOLOGY: 2020, California, University of California Santa Cruz, 18-20 de setembro de 2020.

ALVES, M. A. Variação na produção/apagamento da vibrante pós-vocálica no falar florianopolitano. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 20-35, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n1p20>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ANTMAN, E. *et al.* A comparison of results of meta-analyses of randomized control trials and recommendations of clinical experts: treatment for myocardial infarction. *JAMA*, v. 268, p. 240-248, 1992. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1535110/>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ARAUJO, G. A. Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, 57-78, 2020.

BALDUINO, A. M. *Aspectos fonológicos do português de São Tomé e Príncipe*. 2022. Tese (Doutorado Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04102022-155344/pt-br.php>. Acesso em: 30 jan. 2024.

BALDUINO, A. M. Apagamento de /R/ e /S/ em coda no Português Principense. *PAPIA*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 25-39, 2019.

BALDUINO, A. M. O português de São Tomé e Príncipe: questões de norma, poder e ensino. *Gragoatá*, Niterói, v. 30, n. 66, p. 1-22, 2025a. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v30i66.64443.en>

BALDUINO, A. M. Portuguese Phonology in Context: Comparing São Tomé and Príncipe, Brazilian, and European Varieties. De Gruyter Mouton; 2025b. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783111705798>

BALDUINO, A.; BANDEIRA, M. A Ascensão da Língua Portuguesa em São Tomé e Príncipe. *Domínios de Linguagem*, v. 16, n. 3, p. 991-1025, 2022.

BALDUINO, A. M.; VIEIRA, N. M. T.; FREITAS, S. A coda no Português Santomense (PST) e Principense (PP): aspectos gerais e processos de apagamento. *Revista Abralín*, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v19i1.1690>. Acesso em: 08 jan. 2024.

BAXTER, A. O Português dos Tongas de São Tomé. In: OLIVEIRA, M. D.; ARAUJO, G. (org.). *O português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2018. p. 297-324.

BOAVENTURA, L.; CANTONI, M. Distribuição de sons róticos em variedades do português em países africanos. *Estudos Linguísticos e Literários*, Salvador, n. 78, p. 143-168, 2024.

BORENSTEIN, M. *et al.* Front Matter. In: BORENSTEIN, M. *et al.* (eds.) *Introduction to Meta-Analysis*, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9780470743386.fmatter>. Acesso em: 10 dez. 2023.

BOUCHARD, M. *Linguistic Variation and change in the Portuguese of São Tomé*. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Linguística, New York University, New York, 2017.

BOUCHARD, M. Subject Pronoun Expression in Santomean Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 17, n. 1, 2018.

BRANDÃO, S. F. Apagamento de R em coda externa em duas variedades africanas do português. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 20, n. especial, p. 390-408, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23283>. Acesso em: 03 jan. 2024.

BRANDÃO, S. F. Sobre o apagamento de R em coda final em variedades urbanas do português. *Cuadernos de la ALFAL*, Volume Especial, p. 203-224, 2022.

BRANDÃO, S. F.; DE PAULA, A. Róticos nas variedades urbanas santomense e moçambicana do Português. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 93-118.

BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A.; CUNHA, C. S. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o –R final de vocábulo. In: BRANDÃO, S.; MOTA, M. A. (org.). *Análise contrastiva de variedades do português*. Rio de Janeiro, In-Fólio, 2003.

BRANDÃO, S. F. *et al.* Róticos na variedade urbana do português de São Tomé. *PAPIA*, v. 27, n. 2, p. 293-315, jul./dez 2017.

CALLOU, D. M. Variação e Distribuição da Vibrante Na Fala Culta do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: Koch, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, p. 465-493, 1994.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (org.). *Gramática do português falado VIII: novos estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2002. p. 537-555.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *GELNE*, 14, n. Especial, p. 41-58, 2012.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, v. 14, n. esp., p. 41-58, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9363>. Acesso em: 20 jan. 2024.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista Abralín*, Curitiba, v. 14 n. 1, p. 195-219, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v14i1.42491> Acesso em: 25 jan. 2024.

CAMARA Jr., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, L. S. *Os róticos em posição de coda: uma análise variacionista e acústica do falar piauiense*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

CORDEIRO, H. L. R. E. *Uma complementação às análises sobre o cancelamento do rótico em coda externa no português de São Tomé e no português de Moçambique*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FIGUEIRA, R. F. *Metanálise de prevalência: um estudo de simulação*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Estatística) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

FONSECA, J. S.; MARTINS, G. A. *Curso de Estatística*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

HIGGINS, J. *et al.* Edited Book. *Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions*, version 6.4. Chichester, UK: John Wiley & Sons, 2023. Disponível em: <https://training.cochrane.org/handbook/current>. Acesso em: 27 fev. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE). 2011. *São Tomé e Príncipe em Números*. São Tomé: 2001. Disponível em: <http://http://www.ine.st/2012.html>. Acesso em: 10 nov. 2023.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*, v. 1, Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*, v. 2, Oxford: Blackwell, 2001.

MATEUS, M. H.; R., C. A vibrante em coda no Português Europeu. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, p. 289-299, 2004.

MENDES, M. C. *Descrição e análise da produção oral dos róticos intervocálicos no português principense*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia para obtenção do Bacharelado em Letras) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

MENDES, M. C. *Róticos em onset no lung'le e no português principense em contato: uma análise fonético-acústica e fonológica*. 2025. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025.

MONARETTO, V. N. O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275- 284, 2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/14768>. Acesso em: 20 jan. 2024.

OLIVEIRA, I. C. *Os róticos em coda silábica externa: o interior da região Sul no projeto AliB*. 2018. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. O apagamento de (-r) em coda nos limites da variação. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24963>. Acesso em: 12 jan. 2024.

RODRIGUES, M. C. Todas as codas são frágeis em português europeu? *Revista Linguística – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 138-149, 2012.

RODRIGUES, C. L.; ZIEGELMANN, P. K. Metanálise: Um guia prático. *Clinical Biomedical Research*, v. 30, n. 4, p. 1-10, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/24862>. Acesso em: 10 nov. 2023.

SANTIAGO, Ana Maria; BALDUINO, Amanda. A língua portuguesa em São Tomé e Príncipe: pluricentrismo, colonialidade e ensino. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 17, e1759, p. 1-33, 2023.

SANTIAGO, Ana Maria; AGOSTINHO, Ana Livia. Situação linguística do português em São Tomé e Príncipe. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 21, n. 1, p. 39-61, 2020.

SCHWARZER, G. Package “meta” title general package for meta-analysis. *R News*, v. 7, p. 40-45, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-21416>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SCHWARZER, G.; CARPENTER, J. R.; RÜCKER, G. *Meta-Analysis With R*, Cham: Springer, 2015.

SELKIRK, E. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. (Ed.) *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-383.

SERRA, C.; CALLOU, D. Prosodic structure, prominence and /r/ -deletion in final coda position: Brazilian Portuguese and European Portuguese contrasted. In: DOMINICIS, A. (org.). *pS-prominenceS: Promenences in Linguistics Internacional Conference*. 1ed.: DISUCOM PRESS, v.1, 2015. p. 96-113.

VIEIRA, N. M. T. *Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura*. 2021. 231f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-04022022-224943/pt-br.php>. Acesso em: 10 nov. 2023.

VIEIRA, N. M. T. *Monotongação de ditongos orais no português brasileiro: uma revisão sistemática da literatura*. Coleção: Altos Estudos em Linguística. São Paulo: Abralín, 2022. Disponível em: <https://editora.abralin.org/publicacoes/monotongacao-de-ditongos-orais-no-portugues-brasileiro/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

VIEIRA, N. M. T.; BALDUINO, A. M. Apagamento de /R, S, l/ na coda no português de São Tomé: convergência linguística? *PAPIA*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 7-33, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.5281/zenodo.3926952>. Acesso em: 12 fev. 2024.

VIEIRA, N. M. T.; BALDUINO, A. M. Apagamento do rótico em coda no português santomense (PST): Uma análise sociolinguística. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 29, n. 3, p. 2011–2040, 2021a. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17805>. Acesso em: 10 fev. 2024.

VIEIRA, N. M. T.; BALDUINO, A. M. Apagamento do rótico em coda no português santomense e no português principense. *Études Romanes de Brno*, v. 42, n. 2, p. 295-315, 2021b. Disponível em: <https://doi.org/10.5817/ERB2021-2-19>. Acesso em: 10 fev. 2024.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (org.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

Apolêmica da editora *Darkside* com a *publi* do romance *Drácula*: configurações de práticas discursivas de sujeitos *booktubers* analisadas no viés foucaultiano

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3812>

Danilo Vizibeli¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar discursivamente, por meio da perspectiva de Foucault, em contribuição à Análise do Discurso, uma série de vídeos de Tatiana Feltrin (2024), postados em *stories* de Instagram, sobre um acontecimento em que outra *booktuber* foi contratada pela editora *Darkside* para uma *publi* sobre o romance *Drácula*. Entretanto, na resenha é abordada a sinopse de um filme adaptado do romance e não do livro original em si. As análises caminham no intuito de apreender as configurações de práticas discursivas de sujeitos inseridos em “sociedades de discurso” (Foucault, 2010), que debatem e reverberam entre si os sentidos sobre os livros e a leitura e se subjetivam a partir de outra prática discursiva que parece estar evidente no fenômeno literário chamado *booktube*: o ato de mostrar-se leitor muito mais do que lê-lo, preconizando então que “a pessoa não leu o livro”, conforme pontua Feltrin (2024) em seu depoimento. Além dos apontamentos de Michel Foucault, as análises se subsidiam no historiador da leitura Roger Chartier (1999) para contextualizar os movimentos pelos quais passaram o livro e a leitura no decorrer dos tempos e na perspectiva retórica de Ruth Amossy (2017) para conceituar a polêmica como estratégia discursiva.

Palavras-chave: discurso; leitura; *booktubers*.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil; danilovizibeli@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-4456-0216>

The polemic between Darkside publishers and the publishing of the novel *Dracula*: configurations of discursive practices of booktuber subjects analyzed from the Foucaultian perspective

Abstract

The objective of this article is to discursively analyze, through Foucault's perspective, as a contribution to Discourse Analysis, a series of videos by Tatiana Feltrin (2024), posted on Instagram *stories*, about an event in which another *booktuber* was hired by the publisher *Darkside* for a publication about the novel *Dracula*. However, the review covers the synopsis of a film adapted from the novel and not the original book itself. The analyses aim to understand the configurations of discursive practices of subjects inserted in "discourse societies" (Foucault, 2010), who debate and reverberate among themselves the meanings associated with books and reading and subjectify themselves based on another discursive practice that seems to be evident in the literary phenomenon called *booktube*: the act of showing oneself to be a reader much more than being one, thus advocating that "the person has not read the book", as Feltrin (2024) points out in her testimony. In addition to Michel Foucault's notes, the analyses are supported by the reading historian Roger Chartier (1999) to contextualize the movements through which the book and reading passed over time and on the rhetorical perspective of Ruth Amossy (2017) to conceptualize the controversy as a discursive strategy.

Keywords: discourse; reading; booktubers.

Introdução

Os livros e a leitura desenvolvem afetos, emoções e sentimentos que vão muito além da utilidade prática. A leitura apresenta múltiplas funções (busca de informações, conhecimento, lazer, êxtase etc.), que mexem tanto com o leitor que, além de ler, é preciso falar sobre, comentar, compartilhar. Com o advento das sociedades tecnológicas e dos aparatos digitais por meio do aperfeiçoamento e expansão da internet, singularidades leitoras são apresentadas em rede, como os chamados *booktubers*. O fenômeno já não é mais tão novo assim, porém ainda é preciso dizer do que se trata. São pessoas, geralmente mais jovens, que comentam livros na rede social audiovisual YouTube. O ponto de acontecimento – discursivo, que é o que nos interessa – irrompe a partir do momento em que os chamados *booktubers* se expandem para outras redes como o Instagram (*bookgram*), TikTok (*booktok*) e tantas outras. Começam, assim, a reverberar o que queremos discutir nesse artigo; aquilo que Foucault (2010 [1971]) chamou de "sociedades de discurso" e o que a resenhista *booktuber*, Tatiana Feltrin, autora do vídeo

que compõe o *corpus*² de análise do estudo aqui apresentado, chama de “comunidade de livros da internet”.

A atenção para tais comunidades nos impulsiona a partir do momento em que, num caminhar até então tranquilo de publicação de vídeos, resenhas, e as mais diversas formas peculiares de falar sobre os livros, como *bookshelf tour*, *bookhaul*, leituras coletivas e tantas outras, começa a haver um desmonte e uma autocritica (e críticas aos outros *booktubers*) e uma espécie de celeuma e confusões, com brigas, apontamentos, julgamentos entre si. Tudo isso parece reverberar numa própria percepção dos *booktubers* de que talvez o que estejam fazendo não seja estimular a leitura, ou ler de fato os livros que apresentam, pois estariam falando e apresentando muito mais do que lendo. A leitura parece ficar em segundo plano para aparecer com maior evidência o objeto livro e seus impactos capitalistas como um produto e mercadoria fetichizada.

Este trabalho busca analisar, discursivamente e com Michel Foucault, dicotomias do tipo não-leitura/leitura, ver/ler, falar/interpretar, nessas comunidades de livros e leitores, a partir do enunciado da *booktuber* já citada, que é uma das pioneiras e uma das mais famosas do ramo na internet – Tatiana Feltrin –, que diz: “A pessoa não leu o livro”. Este enunciado é apresentado em uma série de vídeos postados nos *stories* do seu Instagram e compartilhados por outra *youtuber* em seu canal sobre um acontecimento recente em que outra *booktuber* foi contratada pela editora *Darkside* para uma *publi*³ sobre o romance *Drácula*. Entretanto, na resenha é abordada a sinopse de um filme adaptado do romance e não do livro original em si; ambos guardam diferenças substanciais.

Como já dito, pensamos no conceito de “sociedades de discurso”, apresentado na aula inaugural de Foucault no Collège de France, em dezembro de 1970, e registrado no livro *A ordem do discurso*. Mais do que definir o que são tais sociedades é preciso pensar se os *booktubers* são uma sociedade de discurso e, caso sejam, quais os movimentos se articulam dentro dela. Tais sujeitos debatem e reverberam entre si os sentidos sobre os livros e a leitura e, dessa forma, se subjetivam a partir de outra prática discursiva que

2 O *corpus* da pesquisa foi composto a partir do olhar atento do autor aos acontecimentos que se dão na comunidade *booktube* no YouTube. Ao se deparar com a polêmica que estava acontecendo, a respeito da *publi* do livro *Drácula* e, ao verificar que Tatiana Feltrin (2024) gravara uma sequência de vídeos em *stories* para opinar e argumentar o acontecido, tal produção passou a compor o *corpus* do estudo aqui apresentado. Isso se justifica porque Feltrin é uma famosa *booktuber*, praticamente a primeira brasileira a praticar o que hoje chamamos de *booktube*, ou pelo menos, a que “viralizou” mais rapidamente e ganhou fama e, com isso, são trazidos apontamentos importantes para a configuração das práticas de leitura na atualidade, mediadas pelos *booktubers*. A materialidade do vídeo apresentado atendia aos objetivos de pensar nas “sociedades de discurso” de jovens leitores na internet com modos próprios de falar e se comunicar sobre os livros e pensar no movimento leitor questionando leituras outras ou até mesmo uma não-leitura.

3 *Publi*, uma abreviação de publicidade, é uma estratégia de *marketing* em que os influenciadores divulgam produtos ou serviços em seus perfis nas redes sociais em troca de remuneração. Por isso, a recompensa por esse trabalho inclui desde o pagamento em dinheiro, permuta e até mesmo descontos exclusivos (<https://www.portalinsights.com.br/>).

parece estar evidente no fenômeno literário chamado *booktube*: o ato de mostrar-se leitor muito mais do que lê-lo, preconizando então que “a pessoa não leu o livro”.

Além do conceito de “sociedades de discurso”, mobilizamos do arcabouço foucaultiano, em especial, os conceitos de prática discursiva e sujeito (Foucault, 2009), tendo em vista categorizar, interpretar e aprofundar os discursos que circulam nas redes sociais contemporâneas sobre os sujeitos leitores, perfazendo uma história discursiva sobre as práticas leitoras na virtualidade, que também se ancora nos postulados da história cultural da leitura, principalmente em Chartier (1998, 1999, 2019).

Discurso como prática de sujeitos perpassados pelo saber e poder

Foucault abre sua aula inaugural, que culminou na publicação de *A ordem do discurso* (2010 [1971]) da seguinte maneira: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (Foucault, 2010 [1971], p. 8). Ao desenvolver sua reflexão, ele pontua que a produção discursiva de uma sociedade é controlada por uma série de mecanismos internos e externos ao discurso. Com este filósofo da história das ideias e mentalidades, podemos pensar que os sujeitos *booktubers* falam e seus discursos proliferam nos vãos e desvãos das redes sociais. Proliferam tanto que de um formato ou de uma rede, tendo sua origem no YouTube, vão para outras redes, como temos agora, o *bookgram* e *booktok*. Onde mora o perigo? Tecer um viés crítico e pontuar se o fenômeno é bom ou ruim, ou questionar se eles incentivam a leitura e fazem as pessoas lerem mais, num Brasil que lê apenas 5 livros por ano (destes apenas 2,5 inteiros⁴), é um tanto perigoso na perspectiva discursiva. O que procuramos fazer é descrever e interpretar as inscrições discursivas, os movimentos dos sentidos e dos sujeitos e suas transformações ao longo do tempo. Transformações que se dão num ir e vir, no dito e no não-dito, nas ligações das discursividades e na historicidade que marcam a memória discursiva.

Caminhando nesse sentido, entender o que é o discurso, sob a perspectiva da Análise do Discurso (doravante AD), com base no pensamento foucaultiano – que muito contribuiu e trouxe questionamentos singulares sobre o discurso, o sujeito, o saber e o poder – torna-se necessário. No arcabouço foucaultiano, o tema do discurso esteve presente desde suas obras iniciais, como a *História da Loucura na Idade Clássica* (2014 [1961]), mas é em *A arqueologia do saber* (2009 [1969]), ao definir o seu método arqueológico, que o conceito ganha mais corporeidade, tratando o discurso como prática e como algo a mais do que apenas prática de linguagem. Nesta visão, a análise do discurso:

[...] consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas

4 Dados extraídos da Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, 5. ed. 2020, Instituto Pró-Livro.

que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente, os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer que é preciso descrever (Foucault, 2009 [1969], p. 55).

Dessa forma, o analista do discurso busca as minudências que podem não estar visíveis, não aparentes e não são neutras e isentas de posicionamento. Todo discurso é construído por sujeitos e estes, por sua vez, são perpassados pelos mecanismos de saber e poder da sociedade onde estão inseridos. Compreender o sujeito na perspectiva que adotamos é tomar o conceito não como algo do individual, do sujeito psicológico ou biológico, ou até mesmo o sujeito da História e da Sociologia. É claro que estes dois últimos campos do conhecimento se articulam na concepção do sujeito foucaultiano, mas não só. Para Foucault, o sujeito não é algo definido, único, neutro e estanque. Outros dois significantes importantes para a conceituação do sujeito foucaultiano são a descontinuidade e a dispersão. Foucault não trata da história contínua ou segmentar, mas a vê como um movimento contraditório entre continuidade e descontinuidade, entre manutenções e rupturas. “Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (Foucault, 2009 [1969], p. 61).

Portanto, analisar o discurso é verificar essas dispersões e o que elas indicam – em termos discursivos – nas atribuições de sentidos às práticas destes sujeitos, inscritas numa historicidade em uma dada sociedade. O sujeito *booktuber* é um posicionamento do sujeito da leitura e, ao mesmo tempo, um posicionamento de um indivíduo que se marca como sujeito em outras várias instâncias. Foucault (2009 [1969], p. 61) constata que:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

E é porque o discurso se dá nesse “espaço de exterioridade” formando uma “rede de lugares distintos” que o discurso é controlado e que as palavras proferidas circulam, ressignificam-se e se tornam perigosas. É o que o filósofo francês vai desenvolver logo em seguida, em 1970, na aula inaugural no Collège de France. Esse controle se dá porque “sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 2010 [1971], p. 9). O interessante de se observar tanto no movimento *booktuber*,

quanto nos vídeos da rede social audiovisual YouTube, no geral, é que parece que esses mecanismos de controle discursivos começam a se afrouxar na virtualidade, uma vez que todos podem gravar um vídeo e fazê-lo circular amplamente. Mas, o que se nota nesse movimento é que apesar de todos (ou quase todos) poderem gravar vídeos, postar, tecer comentários, criticar, julgar os vídeos uns dos outros, a plataforma YouTube se configura por meio de nichos, grupos, o que chamaríamos de sociedades que ao mesmo tempo que subvertem um pouco desse controle discursivo são os próprios sujeitos discursivos que controlam suas produções discursivas. Com isso, nos ancoramos em Foucault sobre os procedimentos de controle do discurso quando ele trata de um terceiro grupo de procedimentos os quais “trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles” (Foucault, 2010 [1971], p. 36-37). Aproveitamos essa contribuição foucaultiana, uma vez que os vídeos de *booktubers* seguem dinâmicas, estéticas e modos de dizer próprios. Assim, nesse controle discursivo, apregoa Foucault (2010 [1971], p. 38-39):

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção.

E ainda: “Com forma de funcionar parcialmente distinta há as ‘sociedades de discurso’, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (Foucault, 2010 [1971], p. 39).

Mais adiante, terminando a argumentação, Foucault vai dizer que as sociedades de discurso com seus segredos e suas práticas escondidas não são mais tão comuns na atualidade, mas que mesmo em discursos abertamente publicados e circulados ainda se pode ter características desses segredos, dessas regras próprias (Foucault, 2010 [1971]). Neste aspecto, os *booktubers* são sujeitos em suas práticas discursivas perpassados pelo saber e pelo poder que se constituem em sociedades de discurso ressignificadas, não mais secretas, mas que se organizam com suas regras próprias e que com isso até regulam os discursos uns dos outros. Por outro lado, praticam rituais nas práticas leitoras da atualidade que advêm de outros lugares, de outros discursos, mas que seguem formas muito próximas. Assim é que toda uma liturgia, ao ligar a câmera e começar a falar sobre livros, é desenvolvida e quando esta liturgia não é obedecida ou é subvertida gera alvoroço na comunidade e é preciso que alguém autorizado como Tatiana Feltrin

tome a cena, e defenda veemente esse funcionamento próprio do *booktube*. Antes de mostrar isso com mais amplitude, abordaremos as comunidades leitoras, sobre as quais Chartier, ao analisar sociedades da Europa entre os séculos XIV e XVIII, já falava. Como são as comunidades leitoras da atualidade? Tentaremos adentrar nessa discussão.

“Comunidade de livros da internet”: outros sentidos para a leitura no século XXI

Em dado momento de sua fala nos vídeos curtos de *stories* do Instagram, que foram coletados por uma *youtuber* e divulgados no seu canal com o título: “*Tati Feltrin desabafa sobre influencers literários, Darkside e clubes de assinatura de livros*”⁵, Tatiana Feltrin (2024) usa a expressão “comunidade de livros da internet” que seria formada pelos *booktubers*, *bookgramers*, e *booktokers*⁶, entre outros.

Não é de hoje que os leitores se agrupam em comunidades. Essas comunidades congregam entre si os objetivos de suas leituras. Cada agrupamento desenvolve o que Chartier chama de “maneiras de ler”. Para o historiador da leitura, “uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura” (Chartier, 1999a, p. 13). Podemos dizer que são dessas disposições específicas que estamos tratando na comunidade *booktuber* da internet. Tais disposições são feitas, segundo Chartier (1999a, p. 13), com diversos contrastes.

Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos de procedimentos da interpretação. Contrastes, enfim, encontramos entre os diversos interesses e expectativas com os quais os diferentes grupos de leitores investem a prática de leitura.

Não é de hoje, também, que as comunidades *booktubers* vêm sendo analisadas e examinadas por diversos pesquisadores. As análises e os estudos se voltam – nas mais diferentes perspectivas – para tentar entender e diagnosticar, como diria Foucault (2009 [1969]), “uma história do presente” e as possibilidades e articulações desses produtores de vídeos sobre livros e leitura na internet. Sabemos que os interesses e expectativas dos *booktubers* seguem uma espécie de liturgia, a qual já abordamos acima. Trata-se de vídeos, por exemplo, de resenhas de livros, *bookshelf* tour (um passeio pelas estantes), *bookhaul* (vídeos para mostrar os livros que foram adquiridos ou chegaram pelas editoras que são

5 Vídeo: *Tati Feltrin desabafa sobre influencers literários, Darkside e clubes de assinatura de livros* (Canal Inês Souza, no YouTube). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h7Mnt_1jM4g. Acesso em: 3 set. 2024.

6 Cada uma destas práticas diz respeito ao fato de comentar livros e executar outras práticas leitoras na internet nas mais variadas redes sociais: YouTube (*booktuber*); Instagram (*bookgramer*); TikTok (*booktokers*).

parceiras dos *youtubers*), leituras coletivas (em que se lê “conjuntamente” determinado livro pré-escolhido). Há ainda o questionamento do incentivo ou não à leitura, uma vez que as práticas *booktubers* são encampadas pelas práticas mercadológicas, tanto que, para muitos destes sujeitos, trata-se de uma profissão.

A dissertação de mestrado de Barbosa (2023), intitulada *O papel da comunidade Booktube na difusão e recepção da literatura canônica entre os jovens*, traz reflexões interessantes sobre tal comunidade de leitores, inclusive unificando-a como a “comunidade Booktube”. Citando uma das transformações pelas quais as práticas de leitura passaram ao longo do tempo, que é a passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa (Chartier, 1999b), Barbosa (2023, p. 23) assim discorre sobre a comunidade *booktube*:

Hoje, vemos essa leitura em voz alta (de trechos, capítulos de livros ou mesmo poemas e contos inteiros) acontecendo recorrentemente em vídeos de *booktubers*. Nesses casos, ela é usada como forma de atrair o leitor, de mostrar que o texto em questão vale, de fato, a leitura. Após a leitura dos trechos, o espectador do vídeo é convidado a interagir manifestando sua opinião sobre o que foi lido através da aba Comentários. É comum nessa comunidade que o sentido do que se lê seja construído em grupo. Essa leitura mediada por um *booktube* é também um novo modo de ler que surgiu na contemporaneidade.

Barbosa (2023), discorrendo sobre características da comunidade *booktube*, chama a atenção para uma especificidade, que é um ponto muito marcante no *corpus* que estamos analisando: a interação. Não que as comunidades leitoras dos séculos passados não interagissem, mas neste século XXI a interação se dá por meio de tecnologias digitais e as formas de dizer sobre o livro e a leitura são as mais heterogêneas possíveis, até mesmo em tom de briga ou de “puxão de orelha” em seus seguidores, como o faz Tatiana Feltrin (2024). Barbosa (2023, p. 24) pontua que:

O leitor contemporâneo é atraído pela possibilidade de interação durante o ato de leitura. Assim sendo, desejam a autonomia que possibilite participar ativamente da construção de significado de suas leituras, comentar e até mesmo modificar o sentido das histórias. A comunidade *online* alvo central desta pesquisa abre espaço para a interação que a leitura de hoje necessita, espaço para que vozes sejam ouvidas e opiniões disseminadas.

E a disseminação das opiniões não são apenas sobre certos livros ou certos autores, mas também acerca das próprias práticas dos leitores quando se é possível, inclusive, perceber que “a pessoa não leu o livro”. As vozes ouvidas não são também só ouvidas, mas entram em embate e conflitos, muitas vezes devido a interesses mercadológicos e disputas não só de capital social, mas também de remunerações, parcerias, ou seja, de capital financeiro mesmo.

Nessa inscrição dos *booktubers* num sistema capitalista e num capitalismo que se desenvolve com características próprias dentro das redes sociais, é preciso verificar também quando se trata da leitura como prática de consumo. Sobre isso, Aguiar (2024, p. 2) ressalta: “Dessa maneira, mesmo que não sejamos influenciadores digitais no sentido profissional, ainda assim nosso consumo de bens culturais, em tempos contemporâneos, cada vez mais é marcado por uma dimensão híbrida entre ser consumidor e ao mesmo tempo criar conteúdos”.

O vídeo de Tatiana Feltrin (2024) rompe com estruturas vigentes dentro desta comunidade *booktuber* em que se constata a não leitura por meio dos próprios *booktubers* e fica evidente as *performances* em torno do consumismo e de um mercado livreiro que faz com que o “mostrar-se leitor” seja mais operante do que de fato sê-lo. É essa ruptura que mostraremos nas análises que se seguem.

“A pessoa não leu o livro”: ruptura na prática discursiva na comunidade de livros da internet

“A pessoa não leu o livro”. Esse enunciado é uma das primeiras constatações de Tatiana Feltrin (2024), em um depoimento sobre a polêmica com a *publi* da editora *Darkside*, em que a *booktuber* se coloca num lugar de autoridade para proferir tal discurso que advém de sua prática, de sua *expertise* e fama, pontos estes demonstrados em seus dizeres. Ela fala para a comunidade de livros da internet caracterizada, como vimos anteriormente, numa ritualística e ao mesmo tempo como uma sociedade de discurso – resignificada, entretanto –, ao distribuir entre si a produção discursiva “somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (Foucault, 2010 [1971], p. 39). A sequência discursiva 1 traz o começo do depoimento de Feltrin (2024).

SD 1:

Então vamos lá! Vocês realmente querem conversar comigo sobre este assunto aí do *Drácula* né, dos últimos dias. Tudo bem, a gente conversa. Sobre essa questão aí da editora que contratou um *publi* e o *publi* na verdade foi do filme e não do livro. Tudo bem, a gente vai conversar sobre isso. Não tem problema nenhum. Só que não vai ser bonito e eu vou cavar um buraco muito mais fundo. Vocês têm certeza? Então vamos lá. Primeira coisa que você precisa ter em mente é que essa não é a primeira vez que isso acontece, nem com esta editora, nem com exatamente este mesmo livro. Existe um *publi* rolando aí em vídeo sobre este livro há anos só que é sobre o filme, claramente é sobre o filme. **A pessoa não leu o livro.** Então quem leu identifica. Mas é uma coisa mais velada, não é uma coisa escrachada como esse videozinho aí que tá rolando nos últimos dias.

Na sequência discursiva apresentada acima, tudo leva a apontar que os seguidores de Feltrin (2024) solicitaram a ela que comentasse o ocorrido. Dessa forma está instaurada uma polêmica cujo ponto central é o enunciado “a pessoa não leu o livro”. Ele demonstra que o incentivo à leitura que os *booktubers* vêm causando nem sempre é de fato advindo de uma prática verdadeiramente leitora. Amossy (2017), em seu *Apologia da polêmica*, discorre sobre o fato de a polêmica ser vista com maus olhos na sociedade em geral, mas que a mídia divulga e movimenta este tipo de discurso com certa frequência. Para a autora, que advém dos estudos retóricos, o dissenso – ou seja, a contrariedade nos discursos – não trata de ser positivo ou negativo, mas é ao mesmo tempo formas de discursividades que colocam os sujeitos na produção de sentidos. Segundo Amossy (2017, p. 7): “É necessário evitar a reprovação que estigmatiza um discurso dito parcial e marcado pela paixão, uma palavra violenta incapaz de contribuir para o bom desenvolvimento do debate razoável do qual se nutre a democracia”. É por isso que Feltrin (2024) pede desculpas pela agitação da polêmica que causará. Contudo, este movimento faz deslizar sentidos outros na prática dos *booktubers* em que eles mesmos se autorregulam e verificam se há ou não leitura.

O termo comunidade de livros é designado pela própria *booktuber* em:

SD 2:

Como eu não tenho ternurinha nenhuma no coração com relação à internet e às pessoas da comunidade de livros que é uma comunidade de farinha pouca meu pirão primeiro...

Com esse jargão, Feltrin (2024) já estabelece pistas iniciais para o funcionamento de tal comunidade. Logo em seguida, aparece uma fórmula reiterada e repetida: “Você merece...”.

SD 3:

Então você aí que bateu palma durante algum tempo pra algum destes itens, **você merece**. **Você merece** tá... resenha de filme como se fosse resenha de livro; **você merece** *publi* velado, tá? O canal se tornou um canal de *publi*, mas não tem marquinha de *publi* em lugar nenhum. Você nunca é avisado. **Você merece** não ser avisado quando se trata de um *publi*. **Você merece** resenha de orelha de livro. “Tá, é pra num dar *spoiler*. Não quero dar muito detalhe do livro porque eu não quero dar *spoiler*. Mas eu li até dois livros este mês, porque eu faço leitura dinâmica”. **Você merece** porque você bate palma para isso. Vai dizer que não? **Você merece** clube do livro pago, tá, que traz conteúdo absolutamente chupinhado de um *site* chamado Course Hero que é um *site* em inglês né? [...]

Você também **merece** resenhas que são totalmente chupinhadas, que têm um roteiro totalmente chupinhado de canais de direita tá? [...] **Você** também **merece** conteúdo totalmente chupinhado dos áudios do professor José Monir Nasser, porque os áudios são ruins né, são meio né, uma coisa assim meio chiada. [...] **Você merece** também resenha de *Trilogia de Copenhagen*, em que a pessoa que tá te apresentando o livro vai chamar de procedimento cirúrgico inúmeros abortos feitos pela autora do livro. Aquilo ali é uma autobiografia. Ah vai lá, você faz alguns procedimentos cirúrgicos. **Vocês merecem**. Vocês também merecem dancinha com livros na Bienal do Livro. **Vocês merecem** resenha rasa.

Feltrin (2024) se coloca no lugar de autoridade dentro dessa comunidade ou sociedade em que pode ofertar aos seus discípulos desavenças ou insinuações sarcásticas, porque, afinal, eles aderiram a outra proposta que não a dela. E como a comunidade se autorregula, Feltrin (2024) cumpre aqui esse papel regulador. Ao insinuar o que merecem aqueles que apoiam a tal resenha feita através de um filme e não de um livro, ela dá a punição da sociedade de discurso para os seus membros e ainda elenca uma série de práticas que são do universo *booktuber*, mas que não configuram a leitura. Práticas que escondem movimentos leitores, que supostamente mostram que o sujeito leu, mas não passam de um teatro e de uma exacerbação do *marketing* e dos recursos capitalistas.

O que é rompido na estrutura da prática discursiva é que, uma vez que os canais literários, *booktubers*, *booktoks*, *bookgrams*, e toda a sorte de redes e aparatos parecem ter um papel de incentivar a leitura e debatê-la, aqui o que emerge é o contrário, uma não-leitura. Anteriormente colocado às escondidas, era o fato de que os *booktubers* não leem todos os livros que resenham. Ao aparecer uma *influencer*, assim também chamada, que faz uma *publi* de um filme dizendo se tratar do livro – já que as duas versões guardam diferenças bem acentuadas –, esse movimento enunciativo sai do ofuscado e escondido e ganha o dito em sua inteireza, pois:

SD 4:

É muito livrinho pra ler né? Manter um Instagram literário dá muito trabalho. Preciso de uma equipe.

Isso é possível pois,

SD 5:

Ninguém vai perceber, né? Ninguém lê calhamaço. [...] Então sim meus amigos, vocês merecem influenciador de milhões, tá?, recebendo *publi* gordo pra falar de livros que eles não leram, mas o vídeo é tão legalzinho, tão descolado né, ela é tão legal.

A sociedade de discurso controla até mesmo o que se divulga e circula dentro dela. Por isso, estamos tratando os *booktubers* como uma prática discursiva e, porque assim, a comunidade sofre controles discursivos como os apresentados em *A ordem do discurso* (Foucault, 2010 [1971]), sendo um deles as sociedades de discurso.

Por fim, são citados mecanismos que evidenciam esse fato de burlar e tapear os leitores, dizendo que se leu e, na verdade, não leu, como: a utilização do Course Hero, um *site*, onde se é possível buscar resenhas escritas das quais muitos *booktubers* fazem uso em suas produções; os vídeos do já falecido professor José Monir Nasser (1957-2013) e livros que trazem pontos discordantes e são mal produzidos para Feltrin (2024) como *Trilogia de Copenhagen: Infância, Juventude e Dependência* (Tove Ditlevsen, 2023, [1917-1976]) e *House of Leaves*, na tradução em português *Casa de Folhas* (Mark Z. Danielewski, 2024 [2000]).

Apesar de a polêmica tentar ser evitada por Feltrin (2024), para nós, analistas do discurso, que nos interessamos por observar como se dá o movimento leitor no século XXI, ela é um acontecimento discursivo, uma vez que não temos mais o mesmo modo de se falar dos livros. No movimento e história da leitura, falar sobre livros e, ainda mais, sobre livros que não foram lidos, tornou-se prática comum. O que agora se transforma e reorganiza os dizeres sobre o livro e a leitura é a interação mediada pelas redes sociais, que coloca comunidades leitoras para serem administradas pelo mecanismo da *web*. Ler e estar na *web* parece se tornar sinônimo, visto o número impressionante de canais no YouTube e perfis no Instagram e no TikTok que se dedicam a tal intento.

Próximo ao fim do vídeo, Tatiana Feltrin (2024) chama a atenção para traduções ruins e para o fato de a responsabilidade por essa situação ser atribuída apenas ao tradutor e não ao editor, mesmo sendo este último o grande responsável por aceitar a publicação e chancelá-la. Neste momento, a *booktuber* faz gestos corporais com a mão como a encenar um juiz que sanciona a pena, se referindo às editoras que dão o aval para a publicação. Por fim, ela escancara toda uma ótica capitalista que há por trás do movimento *booktuber* e em toda a dinâmica do YouTube:

SD 6:

Existe um sistema por trás de tudo isso. Isso é uma coisa triste se você parar pra pensar. A gente vive num país em que as pessoas leem muito pouco e isto está acontecendo com os livros, mas eu não vou ser Poliana aqui com vocês não. Isso acontece em qualquer mercado. Isso é pra gente aprender mais uma vez que o mercado literário é um MERCADO! – [força a entonação] –, tá? Então a gente precisa perder essa ternurinha no coração. [pausa] Enfim!

Atendendo a essa ótica de mercado, a formação discursiva do capitalismo é uma das formações nas quais se inscrevem as práticas dos *booktubers*. Da leitura por lazer ou diversão, ou por conhecimento, passa-se a priorizar a leitura como moeda, uma vez que os *booktubers* mais famosos fazem das suas atividades uma “indústria” com rituais próprios, assim como nas sociedades de discurso. É por isso que se pode averiguar em todas as sequências aqui apresentadas que, pela perspectiva de Feltrin (2024), que escancara e faz a autocrítica do sistema *booktube*, os discursos se movimentam nas dicotomias não-leitura/leitura; ver/ler; falar/interpretar. O que se sobressai são imagens do que é a leitura e do que é ser um leitor e não a prática de fato em si. Por isso, para aqueles que se adentram na comunidade *booktube* não importa de fato se o livro é lido ou não e, por isso, o “você merece” de Feltrin (2024). A leitura de fato acaba sendo apagada pela não-leitura. A leitura como movimento de interpretação, de criticidade e de construção artística dá lugar à visualidade: o filme que é abordado no lugar do livro, dando margens à segunda dicotomia ver/ler. E, por fim, não importa o que se diz, desde que quem fala seja alguém renomado na comunidade e, portanto, autorizado para tal. Dessa forma, o movimento de interpretação fica de lado, para falar mais do que interpretar. Nesse sentido, defendemos em outro texto (Vizibeli, 2016) que as críticas feitas pelos *booktubers* diferem da crítica profissional. Outros autores como Aguiar (2017) defendem que elas guardam semelhanças. Semelhanças até podem existir, mas não podemos tratar todos os *booktubers* como iguais. Existem resenhas mais elaboradas e outras não. Porém, a partir do movimento que notamos nos dizeres da própria *booktuber* Tatiana Feltrin (2024), essa prática se tornou um sistema e, porque assim, a crítica literária praticada por estes sujeitos não segue o mesmo mecanismo da crítica tradicional.

Reiteramos aqui o excerto da última SD que diz: “A gente vive num país em que as pessoas leem muito pouco e isto está acontecendo com os livros, mas eu não vou ser Poliana aqui com vocês não. Isso acontece em qualquer mercado”. O jogo se quebra. O não-dito passa a ser dito e podemos ter possibilidades de acontecimentos que trazem sentidos em novas configurações de práticas dos sujeitos *booktubers*, pois como apregoa Foucault: “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (2010 [1971], p. 26). Os acontecimentos à volta do enunciado “a pessoa não leu o livro”, mostram reverberações na comunidade *booktube*, em que se quebra a liturgia até então praticada (leituras coletivas; passeio pela estante ou *bookshelf* tour; *bookhaul*; *unboxing* etc.) e quebram-se as regras dessa sociedade: a comunidade de livros da internet, a comunidade *booktube*.

Considerações finais

Não se pode fechar um assunto como o tratado neste artigo apenas em um texto breve como esse. Contudo, mostramos que o sistema de comunidade de livros na internet é uma prática contemporânea dos modos de dizer sobre a leitura no presente e que agrupa sujeitos ocupando posições diversas, como a posição reguladora e autoritária de Feltrin (2024). As diferentes posições-sujeito marcadas nessas comunidades configuram uma prática discursiva da polêmica e da polifonia sobre os livros e a leitura.

O acontecimento discursivo da *publi* do livro *Drácula* movimenta sentidos de que, participando da comunidade de livros da internet, o adepto precisa ser fiel a ela e cumprir os protocolos por ela estabelecidos. Falar de livros é prática antiga. Em outras épocas, havia as colunas de jornal impresso e ainda há clubes de livros e tantos outros mecanismos, os quais também participam das configurações de práticas de leitura dos *booktubers*, *bookgrams* e *booktoks*. A interação mediada pelas redes sociais é o ponto de novidade que essas práticas ganham e que repercute na constituição dos sujeitos leitores.

Depoimentos ou discursos, como o de Tatiana Feltrin (2024), também carregam afetos e sentimentos, pois conforme têm mostrado os trabalhos de Piovezani, Curcino e Sargentini (2024), fazem parte de um sujeito imbricado nas teias não mais apenas do saber e do poder, mas alimentado por convicções que somadas às de outros sujeitos nas mesmas condições levantam outras práticas discursivas para o livro e a leitura. Há disputa, há jogo, há competitividade e quando isso acontece é preciso ficar atento, pois o objetivo principal da leitura, ou seja, ler de fato pode estar ficando escondido. Pode haver uma fetichização do objeto livro e da própria prática da leitura fazendo que, com isso, os livros sejam mais vistos do que lidos, mais falados do que interpretados e que, portanto, tenhamos muito mais a não-leitura do que a leitura.

Por outro lado, atividades como essas dos *booktubers* chamam para si sujeitos que até então não tinham uma certa afeição e regularidade com a prática da leitura. Contudo, é preciso questionar também quem são os públicos consumidores dessas comunidades *booktubers*, uma vez que a desigualdade do acesso à internet ainda é enorme no Brasil. Se, mesmo em meio a uma comunidade que fala de livros e os consome, ainda há pessoas se dizendo leitoras e que não leram o livro do qual se vai falar, como poderemos garantir o acesso da leitura a todos?

Todos os questionamentos aqui apontados provocam, e não é o intuito ter as respostas prontas e acabadas, mas que nossa escrita possa gerar ainda outras polêmicas que precisam ser geradas, uma vez que, como mostra Amossy (2017), o dissenso pode garantir a democracia. A voz divergente de Feltrin (2024) é enfática, autoritária e se vangloria, mostrando que ela sim lê os livros que resenha, porém quebra e demarca uma ordem que indica que os próprios *booktubers* necessitam sair da inércia, da rotina e do sistema do qual fazem parte, precisam debater entre si. Trata-se de uma comunidade de livros, uma sociedade de discurso com seus rituais e regras próprias, mas que se abre para possibilidades outras da leitura de fato e não apenas do falar sobre ela.

Referências

AGUIAR, C. Booktubers e o legado da crítica de rodapé: mediação cultural e impressionismo crítico. *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/16848>. Acesso em: 27 set. 2024.

AGUIAR, C. A crítica literária na internet: literatura contemporânea brasileira e valores literários nas críticas de booktubers. In: *Anais do XV Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2017.

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Tradução R. B. W. S. Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.

BARBOSA, D. V. O. *O papel da comunidade Booktube na difusão e recepção da literatura canônica entre os jovens*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução M. del Priore. Brasília: Ed. da UnB, 1999a.

CHARTIER, R. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, M. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 1999b.

CHARTIER, R. Ler sem livros. In: *revista Linguagem*, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 6-17.

DANIELEWSKI, M. Z. *Casa de folhas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Darkside, 2024.

DITLEVSEN, Tove. *Trilogia de Copenhaga: infância, juventude e dependência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FELTRIN, T. Depoimento sobre polêmica com resenha do livro Drácula, da Editora DarkSide. In: SOUZA, I. *Tati Feltrin desabafa sobre influencers literários, Darkside e clubes de assinatura de livros*. YouTube, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=h7Mnt_1jM4g. Acesso em: 27 set. 2024.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução L. F. B. Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.



FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução L. F. A. Sampaio. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024.

VIZIBELI, D. Contrastes entre a crítica literária especializada e amadora: os *booktubers* e os discursos sobre o livro e a leitura. *Texto Livre*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 1-12, 2016. DOI: 10.17851/1983-3652.9.2.1-12. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16723>. Acesso em: 21 set. 2025.

Acoustic correlates of stress in Principense Portuguese: a preliminary study

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3843>

Xinya Wu¹
Ana Livia Agostinho²

Abstract

In São Tomé and Príncipe, 98.4% of the population speaks Portuguese. Given that Principense Portuguese (PP) is in contact with a tone language – Lung'le, we hypothesize that F0 is an acoustic correlate of stress, unlike Brazilian and European Portuguese. Lung'le is a highly endangered Portuguese-lexified creole spoken on Príncipe Island with a tonal H/Ø privative system (Agostinho; Hyman, 2021). This study analyzed the duration and F0 of vowels in 19 Portuguese words and two borrowed words from Lung'le, produced by two bilingual speakers of PP and Lung'le. Results show that stressed vowels have the highest mean and median duration and greater F0, though the magnitude of difference in F0 between stressed and unstressed vowels is less prominent than that in duration. Thus, we propose that both duration and F0 are acoustic correlates of stress in PP, duration being the principal correlate.

Keywords: suprasegmentals; stress correlates; São Tomé and Príncipe, Lung'le, linguistic contact.

1 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; xinyawu1021@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-0743-7734>

2 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil; a.agostinho@ufsc.br; <https://orcid.org/0000-0002-2395-4961>

Correlatos acústicos do acento no Português do Príncipe: um estudo preliminar

Resumo

Em São Tomé e Príncipe, 98,4% da população fala português. Lung'le, um crioulo com base lexical na língua portuguesa altamente ameaçado, é falado na Ilha do Príncipe e possui um sistema tonal privativo H/Ø (Agostinho; Hyman, 2021). Como o português do Príncipe (PP) está em contato com essa língua tonal, levantamos a hipótese de que a frequência fundamental (F0) seja um dos correlatos acústicos do acento, diferentemente do português brasileiro e europeu. Este estudo analisou a duração e o F0 das vogais em 19 palavras do português e em dois empréstimos do lung'le, produzidas por dois falantes bilíngues (PP e lung'le). Os resultados mostram que vogais tônicas têm maior duração média e mediana, além de maior proeminência em F0, embora o contraste em F0 seja menos robusto que o da duração. Propomos, assim, que duração e F0 são correlatos acústicos do acento no PP, sendo duração o principal.

Palavras-chave: suprasegmentais; correlatos de acento; São Tomé e Príncipe; lung'le, contato linguístico.

Introduction

The phonetic manifestation of stress has been a topic in linguistics for many years (Gordon; Roettger, 2017). Portuguese, as a stress language, has also been the focus of researchers. For Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP), duration and intensity are the principal acoustic correlates, among others, such as fundamental frequency (F0) and vowel quality (Barbosa; Eriksson; Akesson, 2013; Castelo, 2005; Correia *et al.*, 2013; Massini-Cagliari, 1992). "This work aims at examining three classes of acoustic correlates of lexical stress in Brazilian Portuguese (BP). However, few works focus on African Portuguese varieties. In Balduino's study, the most recent description of the phonology and phonetic aspects of São Tomé and Príncipe Portuguese (STPP)³, the author investigates syllable duration in different positions (pretonic, tonic, post-tonic, etc.) and concludes that it is a principal correlate of stress, since "[...] the stressed syllable being the factor that most favors vowel lengthening" (Balduino, 2022, p. 273, our translation). However, the author suggests that separate studies should also be done for the other two acoustic correlates, namely F0 and intensity. This article is based on a pilot experiment for a future project, which aims to provide a more comprehensive description of stress in Principense Portuguese (PP) using a larger corpus.

3 The macro-variety of São Tomé and Príncipe (STPP) can be divided into two micro-varieties, i.e., Santomean Portuguese and Principense Portuguese (Agostinho, 2024; Agostinho; Lamberti; Dos Santos, 2021, p. 51-52).

This study employs statistical analysis based on a small dataset to describe two acoustic correlates of stress in PP—duration and F0—for bilingual speakers of Portuguese and Lung'le. The data used is part of the corpus collected by Professor Ana Livia Agostinho (UFSC) and Professor Amanda Macedo Balduino (Unicamp) in Príncipe in 2016 (Agostinho; Balduino, 2016). Using Praat and a Praat script (Arnhold, 2024), we segmented target words from a carrier phrase and extracted relevant values of duration and F0. These values were then used for statistical analysis, using R (R Core Team, 2023), RStudio (Posit Team, 2024), and the tidyverse package (Wickham *et al.*, 2019).

In the next section, we provide some brief linguistic situations in STP. In *Acoustic correlates in other Portuguese varieties*, we review previous works on stress correlates. In *Methodology*, we describe the data, the speakers' profiles, and the data processing procedures. In *Analysis*, we present two analyses. The first two subsections summarize the overall distribution of duration and F0 in Portuguese words, presenting their mean, median, and standard deviation, respectively. The second subsection presents a more detailed analysis of the borrowed words from Lung'le, including the duration and F0 values for each token and an illustrative example with a waveform, spectrogram and F0 curves generated in Praat. In *Conclusion*, we summarize the findings and discuss the possibilities for future studies.

Background in STP

The Democratic Republic of São Tomé and Príncipe is a Western African country, situated in the Gulf of Guinea, approximately 225 km off the coast. It covers a territory of 1001 km², consisting of two main islands, São Tomé Island and Príncipe Island, along with 14 islets (INE, 2012). It was colonized by Portugal for nearly 500 years, from the fifteenth century until 1975. According to Bandeira (2017), during the successful settlement (1493) until the beginning of the sugarcane industry, around 1515, there was intensive contact between Portuguese speakers and speakers of different African languages. Such intensive contact created a need for communication between different language groups, leading to the development of a proto-creole known as the Proto-creole of Guinea Gulf, or PGG (Cf. Bandeira, 2017). Later, factors such as geographical isolation, movements of speakers of specific groups, coexistence of people from different African language families, etc., caused this proto-creole branch to develop into four creole languages (Agostinho, 2015; Araujo, 2020; Bandeira, 2017). In the case of Príncipe Island, native speakers of PGG were taken by Portuguese colonists from São Tomé Island to Príncipe. Then, the isolation of Príncipe, the presence of a few Portuguese native speakers, and the need for communication led to the emergence of the creole Lung'le (Agostinho, 2015; Bandeira, 2017). According to Hagemeyer (2009), these enslaved people were mainly speakers of Edoid languages, which are tonal.

Lung'le is a highly endangered language. In 2012, 1% of the population claimed that they use Lung'le in daily life, corresponding to less than two thousand people (INE, 2012, as cited in Balduino, 2018). However, this number is overestimated, as Agostinho (2015) suggests that even if considering various proficiency levels, the number of speakers is less than 200. Meanwhile, the number of native Portuguese speakers has continued to increase. Portuguese has solidified its dominant status in the country through its designation as the official language, urbanization, mass education, and widespread use in the media (Araujo, 2020). As a comparison, in 2012, 98.4% of the population claimed to speak Portuguese (INE, 2012, as cited in Balduino, 2018). Our hypothesis is based on the fact that, even if Lung'le is not learned currently as L1 anymore, PP was developed in a time when people were bilingual in Lung'le and PP, and the first generations of speakers of Portuguese also spoke Lung'le.

Acoustic correlates in other Portuguese varieties

As for BP, duration is considered the most important correlate of stress. According to Massini-Cagliari (1992, p. 38), "the main correlates of stress in Portuguese are (in decreasing order of importance): duration, intensity, and vowel quality." Barbosa, Eriksson, and Akesson (2013) analyze three classes of acoustic correlates, that is, duration, F0 standard deviation, and spectral emphasis values, in three speaking styles produced by 5 males and 5 females. The results show that only duration distinguishes stressed vowels from unstressed vowels, and stressed vowels have a duration more than twice as long as unstressed vowels.

Regarding EP, Delgado-Martins believes that duration and energy are the main phonetic correlates of stress (1986, as cited in Magalhães, 2016), which is widely accepted by other researchers (Castelo, 2005; Correia *et al.*, 2013). In the author's view, a systematic association exists between duration and stress in proparoxytones and oxytones, while in paroxytones, as the unmarked pattern in Portuguese, the association is unsystematic. Shih (2024) investigated the acoustic correlates of stress in EP, focusing on five acoustic parameters: F0, F1, F2, intensity, and duration. The results suggested that no single acoustic correlate consistently functioned as a cue for stress in EP. Duration, which was found to be a reliable cue for stress across languages, was limited to certain vowels and speakers.

Regarding STPP, recently, two studies have focused on the prosodic aspect. In addition to Balduino's work (2022), which has been introduced above, another is the study of Braga and Fernandes-Svartman (2019). They focus on the tonal events in Santomean Portuguese and found that "[...], such variety exhibits a high tonal density, as tonal accents were found associated with all prosodic words present in the data" (Braga; Fernandes Svartman, 2019, p. 37, our translation), with 97.4% of pre-nuclear contours involving rising tonal accent H (Braga; Fernandes Svartman, 2019, p. 29).

As previously mentioned, the main African substrates of PGG are the languages from the Niger Delta, particularly Edoid languages, where all morphemes are fully specified for tone. Agostinho and Hyman (2021) analyze Lung'le, arguing that the language has a restrictive privative H/Ø tone system, with an unusual "weight-to-tone" requirement. According to the authors, the H is culminative but non-obligatory, and the tone-bearing unit is the (vocalic) mora. Nouns can bear one H or be all-Ø, i.e., have no phonological tone. Monosyllables must bear a H, and words with more than one syllable can be all-Ø. Nouns show a weight-to-tone requirement in which long vowels and syllables with codas must have a H. In light-syllable words, the H can be in any syllable, and the tone pattern is synchronically unpredictable. Verbs and ideophones are generally toneless, with very few exceptions. Long vowels are allowed in monosyllabic verbs and the penultimate syllable of a dissyllabic verb.

In line with Shang (2022), various prosodic aspects, such as F0 register, pitch range, and intonation patterns, are essentially more vulnerable to interlinguistic influences, making them more challenging to learn, interpret, and investigate. In the context of São Tomé and Príncipe, initially, Portuguese was learned as an L2. However, due to the mandatory use of Portuguese, which can be traced back to the second colonization phase, this L2 model was transmitted to younger generations and eventually acquired as their L1 (Balduino, 2018; Gonçalves, 2010). In this sense, we hypothesize that Portuguese spoken by Portuguese-Lung'le bilingual speakers will exhibit different features from other Portuguese varieties. In addition to duration, F0 will serve as an important acoustic correlate in stress assignment.

Methodology

As there is little available data for PP, we analyzed data from an existing corpus. The data used in this article was collected by Ana Livia Agostinho and Amanda Macedo Balduino in 2016 in Príncipe Island (Agostinho; Balduino, 2016). In this article, specifically, we used controlled speech data that employs a carrier phrase "*Eu falo X baixinho*" (in English, 'I say X softly'), where X represents the target words. Each carrier phrase was repeated three times. With the fixed structure of the carrier phrase, the influence of the position of the target word was supposed to be controlled. The data was collected for the purpose of analyzing vowels, so the selection of words and speakers was limited.

Two speakers were selected for this study: one female and one male, both native speakers of Lung'le and PP. At the time of recording, the female informant (Speaker 1, hereafter abbreviated as S1) was 54 years old, and the male (Speaker 2, hereafter abbreviated as S2) was 81 years old. Both were born on Príncipe Island, and their parents were also born in this region.

To cover all possible combinations using a limited dataset, we selected 23 words containing three types of stress (10 paroxytones, 7 proparoxytones, and 6 oxytones) with

seven oral vowels /a, e, ε, i, o, ɔ, u/ in the stressed position. As the number of target words is limited, we analyzed all repetitions. Table 1 shows the target words analyzed in this study.

Table 1. Target words analyzed in this study

Category	Word	Stressed vowel	Number of syllables	Stress pattern
Portuguese words	Dolorido	/i/	4	paroxytone
	Modelo	/e/	3	paroxytone
	Roça	/ɔ/	2	paroxytone
	Menino	/i/	3	paroxytone
	Pilha	/i/	2	paroxytone
	Pena	/e/	2	paroxytone
	Tudo	/u/	2	paroxytone
	Boneca	/e/	3	paroxytone
	Fome	/ɔ/	2	paroxytone
	Extra	/e/	2	paroxytone
	Número	/u/	3	proparoxytone
	Sílaba	/i/	3	proparoxytone
	Pérola	/ε/	3	proparoxytone
	Pálido	/a/	3	proparoxytone
	Útero	/u/	3	proparoxytone
	Ópera	/ɔ/	3	proparoxytone
	Década	/ε/	3	proparoxytone
	Mulher	/e/	2	oxytone
	Final	/a/	2	oxytone
	Doutor	/o/	2	oxytone
	Avô	/o/	2	oxytone
Borrowed words from Lung'le	Micocó ⁴	/ɔ/	3	oxytone
	Ossobô ⁵	/o/	3	oxytone

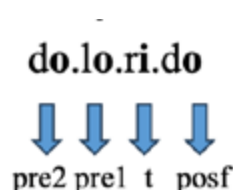
Source: Authors' elaboration

4 A local herb (Cf. Agostinho; Araujo, 2024).

5 A type of bird (Cf. Agostinho; Araujo, 2024).

In Portuguese, stress can fall on one of the three syllables from the right (Barbosa; Eriksson; Akesson, 2013). In the present study, we focus on vowels and categorize them by their positions within the word, using the labels *pre2*, *pre1*, *tonic*, *pos*, and *posf* in box plots to represent, respectively, word-initial pretonic, medial pretonic, tonic, medial post-tonic, and final post-tonic. Figure 1 illustrates this labelling scheme, which reflects the relative distance of each unstressed vowel from the stressed one.

Figure 1. An example of the classification of each vowel position



Source: Authors' elaboration

The segmentation of words and vowels was carried out manually in Praat (Boersma; Weenink, 2025). Duration and center mean F0⁶ values for each vowel were extracted using a script (Arnhold, 2024). The R (R Core Team 2023), RStudio (Posit Team 2024), and tidyverse package (Wickham *et al.*, 2019) were used to calculate mean, median, and standard deviation for the two acoustic correlates. The measurements for duration are given in milliseconds (ms) and on a log scale when presenting the figure, while those for F0 are expressed in Hertz and semitones. The conversion from Hertz to semitone follows the method used in the study of Xu (2024). As noted by Traunmüller (1995), the semitone scale offers the most accurate means for comparing males' and females' pitch. Regarding the baseline, we adopt the approach used in studies on tonal languages that takes the speaker's mean F0 as the reference value (Andruski; Costello, 2004; Xu, 2024, p. 202).

Theoretically, the dataset comprised 126 (21 words X 3 repetitions X 2 speakers) words. However, due to the list-reading effect, 30 words were excluded, leaving 96 words and a total of 285 vowels for analysis.⁷ Regarding the devoicing of the final unstressed vowel, following Dicanio *et al.* (2020), we still treated these as valid tokens for duration analysis, but as missing values for F0.

⁶ Center mean F0 refers to the average F0 measured from the central portion of the vowel, specifically the middle 50% of its duration.

⁷ Words in isolation can show a list-reading prosody, or a final boundary effect, characterized by a rise in F0 on the final vowel. According to Pierrehumbert (1980), boundary tones typically occur at the very end of a phrase or utterance, often marked by H%. In the context of a carrier phrase, as the target words change consistently within the phrase, each target word can be interpreted as forming an independent intonational phrase that brings new information.

Analysis

General statistical description

This subsection will present a statistical description of 285 tokens from 21 words, including 249 tokens from 19 original Portuguese words and 36 tokens from 2 borrowed words from Lung'le. Since there are two origins of words that we speculated would behave differently, their analyses were conducted separately.

Table 2 presents the distribution of 249 tokens across vowel types, vowel positions, and speakers in the Portuguese word dataset.

Table 2. Distribution of vowels, vowel position, and speakers in the Portuguese words

Factor	Level	Number (%)
Vowel	/a/	68 (27%)
	/e/	44 (18%)
	/ɛ/	11 (4%)
	/i/	28 (11%)
	/u/	20 (8%)
	/o/	69 (28%)
	/ɔ/	9 (4%)
Vowel position	Word-initial pretonic	6 (2%)
	Medial pretonic	40 (16%)
	Tonic	98 (39%)
	Non-final post-tonic	29 (12%)
	Final post-tonic	76 (31%)
Speaker	Speaker 1	124 (50%)
	Speaker 2	125 (50%)

Source: Authors' elaboration

Analysis of duration

In this subsection, we compare three parameters: mean, median, and standard deviation of duration. Table 3 presents the mean, median, and standard deviation of duration for each vowel position. All durations are expressed in ms.

Table 3. The mean duration and the standard deviation for each vowel position

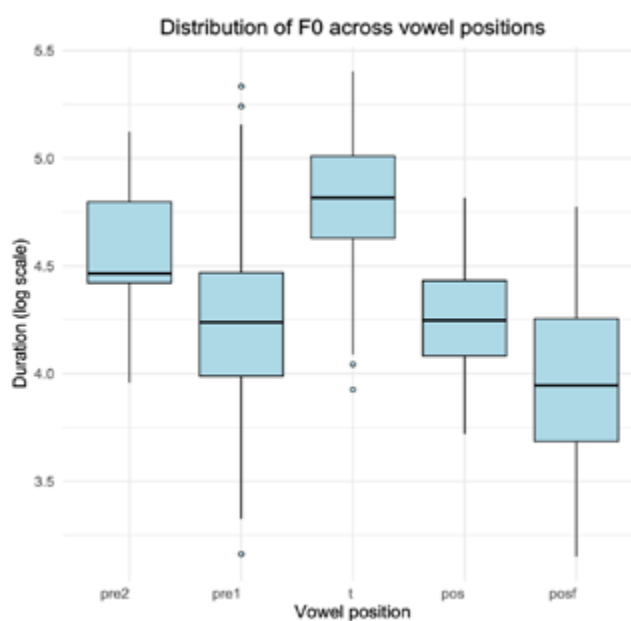
Vowel position	Mean duration (ms)	Standard deviation (SD)	Standard error (SE)
Word-initial pretonic	98	40	16
Medial pretonic	82	44	7
Tonic	132	37	4
Non-final post-tonic	79	26	5
Final post-tonic	62	23	3

Source: Authors' elaboration

As shown in Table 3, the stressed vowels have the highest mean duration, 132 ms, more than twice that of the final post-tonic. The mean duration of the word-initial pretonic is relatively high compared to other unstressed vowels, but this is likely due to the small size of only seven data points in this category. The medial pretonic vowels exhibit the greatest variability (SD = 44 ms), compared to 25-38 ms in other positions, although the differences are not large.

Figure 2 illustrates the distribution of duration across vowel positions, including word-initial pretonic, medial pretonic, tonic, non-final post-tonic, and final post-tonic. Duration is on a log scale for visualization.

Figure 2. Distribution of duration (log) across vowel positions in Portuguese words



Source: Authors' elaboration

As shown in Figure 2, stressed vowels have the highest median duration, followed by word-initial pretonic vowels. The difference between medial pretonic vowels and non-final post-tonic vowels is relatively small. Final post-tonic vowels exhibit the shortest median duration.

Table 4 presents the results obtained in Balduino’s (2022) study and those obtained in the present study.

Table 4. Mean syllable duration in Balduino’s (2022) vs. mean vowel duration in our study

Balduino’s study			The present study
Syllable context	Mean syllable duration in Santomean Portuguese (ms)	Mean syllable duration in PP (ms)	Mean vowel duration in PP produced by bilingual speakers (ms)
Tonic	244	179.5	132
Pretonic1	166	132	98
Pretonic2	148	133	82
Pretonic3	174	153	–
Post-tonic	122	99	79
Final post-tonic	130	116	62

Source: Adapted from Balduino (2022, p. 274)

Unlike the present study, which takes vowels as the domain of analysis, Balduino (2022) measured syllable durations. The datasets also differ in size: Balduino’s results were obtained from 3,406 tokens of 223 words, whereas the present study includes 249 tokens of 19 words. Although it is difficult to compare them directly, a similar tendency is observed in both studies, where tonic vowels exhibit longer duration. Overall, the duration of PP’s vowel produced by Lung’le bilingual speakers in the present study is shorter than the PP’s syllable duration reported in Balduino (2022), as expected.

Analysis of F0

Regarding F0, we also analyze three parameters: mean, median, and standard deviation. Table 5 presents the mean and standard deviation of F0 in semitones.

Table 5. Mean F0 (st) and the standard deviation, standard error for each vowel position

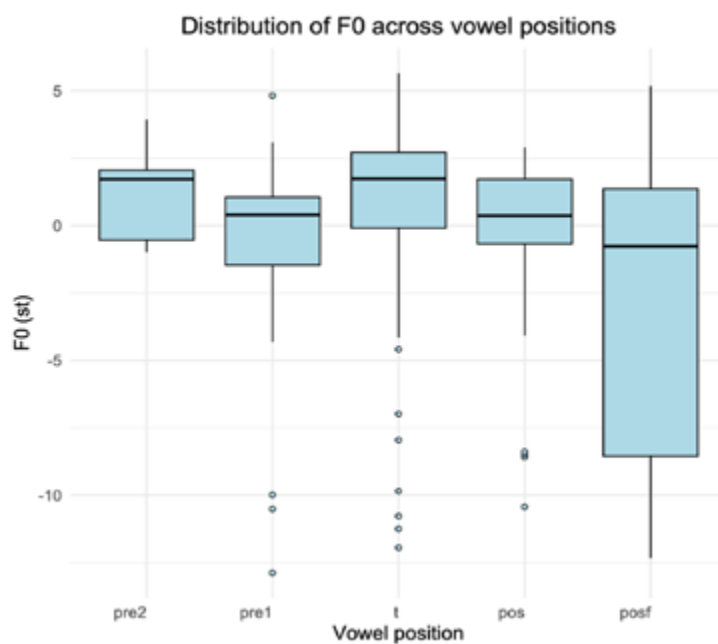
Vowel position	Mean F0 (st)	Standard deviation (SD)	Standard error (SE)
Word-initial pretonic	0.79	1.71	0.70
Medial pretonic	-0.51	1.81	0.29
Tonic	1.00	1.96	0.20
Non-final post-tonic	-1.15	3.42	0.67
Final post-tonic	-1.68	4.14	0.52

Source: Authors' elaboration

As illustrated in Table 5, tonic vowels have the highest mean F0, followed closely by word-initial pretonic vowels. The difference between these two positions is minimal; as mentioned above, the small number of word-initial pretonic tokens (six in total) may inflate this value. Medial pretonic vowels present the third-highest mean F0, followed by non-final post-tonic, while final post-tonic vowels exhibit the lowest F0.

Figure 3 illustrates the distribution of F0 across vowel positions, including word-initial pretonic, medial pretonic, tonic, non-final post-tonic, and final post-tonic. F0 is measured in st.

Figure 3. Distributions of F0 across vowel positions in Portuguese words



Source: Authors' elaboration

As depicted in Figure 3, stressed vowels exhibit the highest median F0, slightly above that of word-initial pretonic vowels. The median line for stressed vowels lies roughly at the center of the box, suggesting that it is a representative value. In contrast, for word-initial pretonic vowels, the median line is positioned near the top of the box, suggesting that most values lie below the median. Final post-tonic vowels have the widest box, which means a larger spread in F0 values.

In conclusion, the tonic vowels exhibit the greatest mean and median duration compared to other vowel positions. Their variability is moderate compared to the other positions. As for F0, tonic vowels likewise show the highest mean and median F0 among other unstressed vowels. Given the small sample size of the present study, it remains uncertain whether these differences are statistically significant. This question will be addressed in our future work with experiments designed specifically to test the hypothesis using a larger dataset.

Case analysis

Regarding the borrowed words from Lung'le, the tonic vowels do not consistently show either the longest duration or the highest F0. Table 6 presents the duration values (in ms) and the F0 values (in Hz and in st) for all 36 tokens produced by the two speakers.

Table 6. Comparison of the duration and F0 of borrowed words from Lung'le

	S1				S2			
	Vowel	Duration (ms)	F0 (Hz) ⁸	F0 (st)	Vowel	Duration (ms)	F0 (Hz)	F0 (st)
Micocó	/i/	75	157⁹	4.44	/i/	74	65	-1.41
	/o/	81	75	-8.39	/o/	85	60	-2.94
	/o/	170	106	-2.30	/o/	132	79	1.93
	/i/	50	142	2.80	/i/	111	70	-0.04
	/o/	60	137	2.22	/o/	76	57	-3.62
	/o/	69	68	-9.99	/o/	132	71	0.32
	/i/	31	139	2.45	/i/	84	75	0.96
	/o/	55	69	-9.60	/o/	103	64	-1.81
	/o/	54	142	2.80	/o/	91	73	0.65

⁸ The values in Hz represent the mean F0 measured over the central 50% of each vowel.

⁹ Numbers in bold indicate the unexpected cases where the unstressed vowels exhibit either a longer duration or a higher F0.

Ossobô	/o/	117	167	5.55	/o/	108	/	—
	/o/	51	171	5.96	/o/	85	62	-2.26
	/o/	134	111	-1.52	/o/	163	81	2.41
	/o/	57	153	4.06	/o/	62	74	0.86
	/o/	34	— ¹⁰	—	/o/	66	—	—
	/o/	90	140	2.51	/o/	166	77	1.39
	/o/	58	141	2.52	/o/	94	75	0.97
	/o/	27	72	-9.01	/o/	94	72	0.27
	/o/	62	68	-9.91	/o/	91	75	0.97

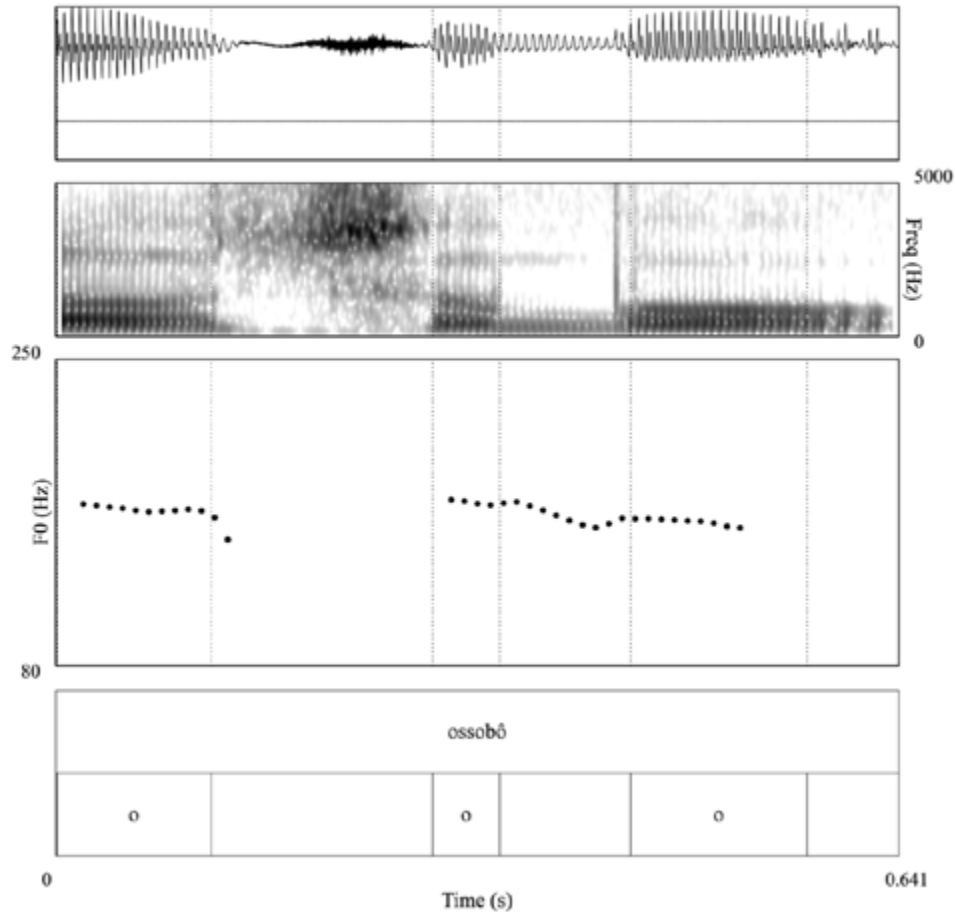
Source: Authors' elaboration

As shown in Table 6, among 36 tokens, there are nine unexpected cases where the unstressed vowels have either a longer duration or a higher F0. They occur not only in the word-initial pretonic but also, in two cases, in medial pretonic vowels. Since most unexpected cases occur in word-initial position, they may reflect a secondary stress or a phrasal accent. However, this hypothesis requires testing with a larger dataset in future work.

Another noted phenomenon is the overall stability of the F0 curve across all vowels (see Figure 4). Unlike the Portuguese words, the highest F0 does not consistently correspond to the expected stressed vowel. As in Lung'le, there are words without any H tone (all-Ø), we assume that this is why these borrowed words have such performance.

¹⁰ This symbol indicates missing values (i.e., values that could not be detected).

Figure 4. The waveform, spectrogram, pitch curve, and labelled layers of *ossobô* in S1



Source: Authors' elaboration

As observed in Figure 4, the F0 curve is relatively stable, with no evident rising or falling within the vowel. In contrast, the stressed vowel /o/ has a longer duration. As indicated in Table 7, the relative duration of the stressed vowel /o/ corresponds to 44% of the total vowel duration.

Table 7. Duration of each vowel and relative duration in *ossobô* produced by S1

Vowel	/o/	/o/	/o/
Absolute duration (ms)	117	51	134
Relative duration (%)	39%	17%	44%

Source: Authors' elaboration

In summary, for borrowed words from Lung'le, both duration and F0 appear to function as acoustic correlates of stress, although duration is the more consistent one. However, given the limited number of borrowed words analyzed here, it remains to be seen whether they pattern similarly to the Portuguese words or whether the speakers simply produced Lung'le words rather than adapting them to Portuguese phonology.

Conclusion

Analyzing a small dataset of 285 vowel tokens, our findings suggest that in PP, duration is a robust acoustic correlate of stress: stressed vowels exhibit longer duration than unstressed vowels. This pattern corroborates previous findings for other Portuguese varieties, such as BP, EP, and São Tomé and Príncipe Portuguese. In addition, PP appears to display a correlation between F0 and stress, with stressed vowels having the highest F0 compared to unstressed vowels. However, the magnitude of the F0 difference across vowel positions is smaller than that for duration, making it uncertain whether F0 is as robust a cue to stress as duration.

The borrowed words from Lung'le are characterized by inconsistency in the use of acoustic correlates, although duration appears to be more stable than F0. This pattern may indicate the presence of secondary stress at the word level, a boundary accent in phrasal-initial position, or the possibility that the speakers did not fully differentiate Lung'le from Portuguese at the time of recording.

For future research, we will employ a larger corpus with controls for carrier phrases, syllable structure (e.g., V, CV, CVC), number of syllables, vowel quality, and other relevant factors. Such control will also allow for the use of more sophisticated statistical modelling to further assess the robustness of each correlate. Due to time limitations in the present study, we were not able to analyze intensity, another possible acoustic correlate for stress, which will be incorporated into future studies.

Bibliography

AGOSTINHO, A.; BALDUINO, A. *Fieldnotes and data collection – São Tomé and Príncipe*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. Unpublished manuscript.

AGOSTINHO, A. *Fonologia e Método Pedagógico do lung'le*. 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

AGOSTINHO, A. Sound variation in Portuguese-speaking Africa. In: ZAMPAULO, A. (ed.). *The Routledge Handbook of Portuguese Phonology*. London: Routledge, 2024. p. 228-252.

AGOSTINHO, A.; HYMAN, L. Word Prosody in Lung'le: One System or Two? *Probus*, v. 33, n. 1, p. 57-93, 2021.

AGOSTINHO, A.; LAMBERTI, L.; DOS SANTOS, E. Concordância de gênero variável em português: Aproximações entre variedades africanas e afro-brasileira. *Revista do Gel*, n. 18, p. 40-69, 2021.

ANDRUSKI, J. E.; COSTELLO, J. Using polynomial equations to model pitch contour shape in lexical tones: An example from Green Mong. *Journal of the International Phonetic Association*, v. 34, n. 2, p. 125-140, 2004.

ARAUJO, G. Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview. *Diadorim*, v. 22, n. 1, p. 57-78, 2020.

ARNHOLD, A. *Duration, intensity, F0 measurement script*, 2024. Disponível em: <https://sites.ualberta.ca/~arnhold/scripts/OnlyMeasurements/MeasureIntensityDurationF0minF0maxF0contourpoints.praat>. Acesso em: 18 nov. 2025.

BALDUINO, A. *A nasalidade no português de São Tomé e Príncipe*. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BALDUINO, A. *Fonologia do português de São Tomé e Príncipe*. 2022. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné*. 2017. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BARBOSA, P.; ERIKSSON, A.; AKESSON, J. On the robustness of some acoustic parameters for signalling word stress across styles in Brazilian Portuguese. In: INTERSPEECH – ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SPEECH COMMUNICATION ASSOCIATION, 2013, Lyon. *Proceedings...* Lyon, 2013. p. 282-286.

BOERSMA, Paul; WEENINK, David. *Praat: Doing phonetics by computer*, 2025. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BRAGA, G.; FERNANDES SVARTMAN, F. Associação de eventos tonais em português de São Tomé. *Diacrítica*, v. 33, n. 2, p. 19-40, 2019.

CASTELO, A. The perception of word primary stress by European Portuguese speakers. In: FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; FREITAS, M. (ed.). *Prosodies (Selected papers from the Phonetics and Phonology in Iberia Conference, 2003)*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2005. p. 159-173.

CORREIA, S. *et al.* Word stress perception in European Portuguese. In: INTERSPEECH – ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SPEECH COMMUNICATION ASSOCIATION, 2013, Lyon. *Proceedings...* Lyon, 2013. p. 267- 271.

DICANIO, C.; BENN, J.; CASTILLO GARCÍA, R. Disentangling the Effects of Position and Utterance-Level Declination on the Production of Complex Tones in Yoloxóchitl Mixtec. *Language and speech*, v. 64, n. 3, p. 515–557, 2020.

GONÇALVES, R. *Propriedade de subcategorização verbal no português de S. Tomé*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

GORDON, M.; ROETTGER, T. Acoustic correlates of word stress: A cross-linguistic survey. *Linguistics Vanguard*, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2017.

HAGEMEIJER, T. As línguas de S. Tomé e Príncipe. *Revista de Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola*, v. 1, n. 1, p. 1-27, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE): *São Tomé e Príncipe em Números*. São Tomé: INE, 2012.

MAGALHÃES, J. Main Stress and Secondary Stress in Brazilian and European Portuguese. In: WETZELS, L.; COSTA, J.; MENUZZI, S (ed.). *The Handbook of Portuguese Linguistics*. Chichester: Wiley Blackwell, 2016. p. 107-124.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto, 1992.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of english intonation*. 1980. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics and Philosophy, MIT, Cambridge, 1980.

SHANG, P.; ELVIRA-GARCÍA, W. Second language acquisition of Spanish prosody by Chinese speakers: Nuclear contours and pitch characteristics. *Vigo International Journal of Applied Linguistics*, n. 19, p. 129-176, 2022.

SHIH, S. Phonetics of European Portuguese stress: A nonce word experiment. *Journal of the International Phonetic Association*, v. 54, n. 1, p. 52-88, 2024.

TEAM, P. *RStudio: Integrated Development Environment for R*. Posit Software, 2024. Disponível em: <http://www.posit.co/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

TEAM, R. Core. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, 2023. Disponível em: <https://www.r-project.org/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

TRAUNMÜLLER, H. The perceptual evaluation of F0 excursions in speech as evidenced in liveliness estimations. *Journal of the Acoustical Society of America*, v. 97, p. 1905-1914, 1995.

WICKHAM, H. *et al.* Welcome to the tidyverse. *Journal of Open Source Software*, v. 4, n. 43, p.1686, 2019.

XU, C. Cross-dialectal perspectives on Mandarin neutral tone. *Journal of Phonetics*, v. 106, 2024. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0095447024000470>. Acesso em: 20. nov. 2025.

Mobilização das mídias por grupos neofascistas: o caso do sapo Pepe

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3853>

Christina de Toledo Zaccarelli¹

Marcelo El Khouri Buzato²

Resumo

Este artigo, desdobramento de uma pesquisa de doutorado em Linguística Aplicada (Linguagem e Tecnologia), discute a mobilização de grupos neofascistas nas mídias digitais no contexto do capitalismo cognitivo. Analisa-se a trajetória de apropriação da imagem do sapo Pepe, que se consolidou como um dos principais ícones da ultradireita norte-americana durante a eleição de Donald Trump (2016). Retomam-se, ainda, dois casos correlatos: o Movimento 5 Stelle, na Itália, como exemplo pioneiro do uso de marketing digital pela extrema-direita, e a atuação de Steve Bannon, estrategista da campanha de Trump e fundador de The Movement, cujo modelo inspirou articulações em diferentes contextos, como o Brexit, a alt-right, o Vox e o bolsonarismo. Argumenta-se que memes, plataformas e práticas digitais não constituem artefatos neutros ou meramente humorísticos, mas tecnologias discursivas que participam da produção de subjetividades, afetos e formas contemporâneas de mobilização política. Nesse sentido, defende-se a necessidade de repensar os letramentos críticos à luz das condições tecnológicas de produção de sentido, apontando para a urgência de práticas educativas orientadas por letramentos antifascistas no contexto das mídias digitais.

Palavras chave: Neofascismo; Tecnologia; Linguagem.

1 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; chriszaccarelli@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0003-1103-9405>

2 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo, Brasil; mbuzato@unicamp.br; <https://orcid.org/0000-0001-5998-5930>

Media Mobilization by Neo-Fascist Groups: The Case of Pepe the Frog

Abstract

This article, derived from doctoral research in Applied Linguistics (Language and Technology), examines the mobilization of neo-fascist groups across digital media within the context of cognitive capitalism. It analyzes the appropriation trajectory of the Pepe the Frog image, which became one of the main icons of the American far right during Donald Trump's 2016 election campaign. The article also revisits two related cases: Italy's Movimento 5 Stelle, as an early example of far-right digital marketing, and the role of Steve Bannon, strategist of Trump's campaign and founder of The Movement, whose model inspired political articulations in different contexts, such as Brexit, the alt-right, Vox, and Bolsonarism. It is argued that memes, platforms, and digital practices are not neutral or merely humorous artifacts, but discursive technologies that actively participate in the production of subjectivities, affect, and contemporary forms of political mobilization. In this sense, the article calls for a rethinking of critical literacies in light of the technological conditions of meaning-making, pointing to the urgency of educational practices grounded in antifascist literacies in digital media contexts.

Keywords: Neo-fascism; Technology; Language.

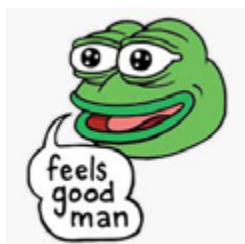
De memes a movimentos: a ascensão do Neofascismo em espaços digitais

Enquanto os regimes fascistas do século XX recorreram aos meios de comunicação de massa tradicionais – como rádio, imprensa e cinema –, os movimentos neofascistas do século XXI fazem uso cada vez maior das redes sociais. A informalidade e o humor característicos desses ambientes são cooptados como ferramentas eficazes para normalizar discursos de ódio e radicalizar parcelas significativas da população, sobretudo por meio de estratégias como a criação e circulação de memes, práticas de trollagem, uso de *hashtags* e apropriação de gírias. Tais dinâmicas dialogam com o que Eco (1995) denomina “empobrecimento da linguagem” no Ur-fascismo, entendido não como um regime histórico específico, mas como um dispositivo ideológico que pode se manifestar em diferentes contextos sociais contemporâneos. Trata-se de uma forma de comunicação simplificada e emocional, que Eco (1995) associa à novilíngua, em referência à obra 1984, de George Orwell.

A banalização de símbolos por meio de sua circulação como memes favorece a produção de sentidos múltiplos e, muitas vezes, contraditórios. Um exemplo emblemático desse processo é o meme do sapo Pepe, que transitou de personagem inofensivo da cultura *pop* digital a ícone amplamente associado a grupos de extrema-direita norte-americana. Criado pelo quadrinista Matt Furie no início dos anos 2000, Pepe integra a série de

quadrinhos Boys Club, que retrata de forma humorística a vida de quatro personagens no começo da vida adulta. Ainda nessa década, a imagem começou a se popularizar na internet como meme - entendido aqui, a partir de Dawkins (1976), como uma unidade de informação cultural passível de replicação e transformação, que no contexto das redes digitais adquire velocidade, alcance e plasticidade sem precedentes. Entre suas primeiras versões de ampla circulação destaca-se aquela em que Pepe aparece acompanhado da frase "Feels good, man", com uma expressão de satisfação, como ilustrado na figura a seguir:

Figura 1. Meme do Sapo Pepe "Feels good man"



Fonte: <https://tenor.com/pt-BR/search/feels-good-man-gifs>. Acesso em: 28 set. 2024

Com o tempo, em razão da elevada capacidade de propagação dos memes – viabilizada por mecanismos de compartilhamento, remixagem e adaptação a diferentes contextos e plataformas digitais –, a imagem do sapo transformou-se em um dos ícones mais reconhecíveis da cultura digital. Sua crescente popularidade gerou inúmeras variações, que exploravam humor e ironia para comentar temas diversos da vida cotidiana. Ao longo dos anos 2010, o meme de Pepe foi progressivamente apropriado por subculturas *online* que valorizavam a estranheza, a marginalidade e a não conformidade, com destaque para a cultura do 4chan, plataforma marcada pelo anonimato, pela circulação intensa de memes e por uma estética deliberadamente provocativa.

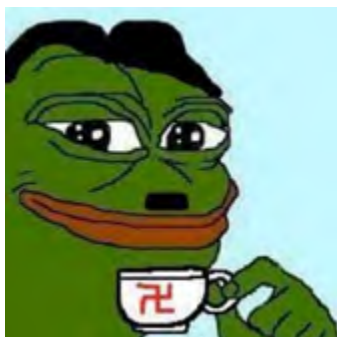
Nesse novo enquadramento, o sapo passou a ser representado como um sujeito que se diverte com a própria marginalidade, encontrando prazer em desafiar normas sociais. Pepe tornou-se, assim, um símbolo da cultura do 4chan, especialmente associado a uma subcultura específica: os NEETs (Not in Education, Employment or Training), jovens que não estudam nem trabalham e que frequentemente descrevem esse modo de vida como uma forma de existência compartilhada em isolamento. Para esses grupos, Pepe operava como um avatar de sujeitos que se percebiam à margem, condensando aquilo que denominavam "beta uprising" ("revolta dos betas") - indivíduos que não se encaixam no ideal de masculinidade hegemônica do "homem alfa" amplamente difundido nas redes sociais. Essa identificação revela o modo como o personagem passou a simbolizar frustrações, ressentimentos e desejos de pertencimento.

Em 2015, o meme de Pepe atingiu o auge de sua popularidade, tornando-se um dos mais compartilhados da internet: celebridades da cultura pop e influenciadores digitais passaram a adotar a imagem, o que provocou forte insatisfação entre usuários do 4chan. Para essas comunidades, a massificação do meme representava a perda de controle sobre um símbolo anteriormente percebido como distintivo, agora incorporado ao universo mainstream - ou, nos termos da própria subcultura, aos chamados "normies", entendidos como sujeitos conformados às normas e valores hegemônicos.

A apropriação do meme pelo mainstream foi interpretada como uma violação simbólica do espaço online dessas comunidades e como uma tentativa de apagamento identitário. Em resposta, Pepe passou a circular em versões deliberadamente depreciativas, niilistas e cínicas, associadas a misoginia, xenofobia, racismo e homofobia, frequentemente sob o pretexto da trollagem. Retomando Eco (1995), esse processo pode ser compreendido como uma manifestação do empobrecimento da linguagem, no qual a simplificação discursiva, o apelo emocional e a estetização da violência convertem signos culturais em instrumentos de agressão simbólica, dispensando qualquer elaboração técnica ou argumentativa mais complexa. Tal empobrecimento favorece a manipulação da opinião pública, dificulta a análise crítica e contribui para a construção de identidades coletivas excludentes, baseadas na oposição entre "nós" e "outros".

A lógica subjacente à transformação do meme de Pepe consistia em associar o personagem a imagens de violência, ódio e grupos extremistas. A aposta era que, ao tornar o meme repulsivo para a maioria dos usuários - os "normies", ele passaria a funcionar como um código reconhecível apenas por um grupo seletivo de indivíduos alinhados a crenças extremistas. Desse modo, o meme converteu-se em ferramenta de radicalização e mobilização política. A partir desse momento, Pepe passou a ser representado com armas, em ameaças a ataques em massa ou caracterizado como membro da Ku Klux Klan, bem como em alusões explícitas ao fascismo e ao nazismo, como ilustrado nas imagens a seguir.

Figura 2. Pepe emulando Adolf Hitler.



Fonte: <https://www.cbc.ca/news/world/pepe-the-frog-hate-symbol-adl-1.3782035>. Acesso em 28 set. 2024

Figura 3. Pepe como representante do grupo supremacista branco, Ku Klux Klan



Fonte: <https://www.cbc.ca/news/world/pepe-the-frog-hate-symbol-adl-1.3782035>. Acesso em 28 set. 2024

O personagem Pepe tornou-se o centro de uma espécie de “competição” nesses fóruns online, em que os usuários buscavam superar uns aos outros por meio da criação de versões cada vez mais chocantes e extremas do meme. O objetivo era torná-lo tão repulsivo que se tornasse inutilizável para o público em geral, saturando-o de associações a ideias e comportamentos socialmente condenáveis. Quando interpelados, os usuários frequentemente afirmavam tratar-se de “apenas uma piada” e enquadravam qualquer tentativa de contenção como expressão do “politicamente correto”, entendido como um inimigo a ser combatido.

Como observa Nagle (2019), a oposição ao politicamente correto, ao feminismo e ao multiculturalismo funcionou como um elo entre a cultura *chan* — marcada pelo niilismo e pela ironia — e o universo mais amplo da alt-right, contribuindo para a circulação dessas práticas discursivas para além dos fóruns anônimos:

Uma das coisas que ligou a cultura chan on-line, muitas vezes niilista e irônica, a uma cultura mais ampla da órbita da alt-right foi sua oposição ao politicamente correto, ao feminismo, ao multiculturalismo, etc., e sua invasão em seu mundo livre de anonimato e tecnologia (Nagle, 2019, p. 15).

É nesse contexto que, entre 2015 e 2016, durante a campanha presidencial norte-americana, Donald Trump passa a ser progressivamente percebido nessas comunidades como uma personificação do sapo Pepe, no interior da cultura digital associada à alt-right (direita alternativa). Essa associação não se limitava a uma representação visual, mas operava como um alinhamento simbólico e discursivo. Trump era percebido como o candidato anti-establishment, um *outsider* que desafiava normas políticas e culturais e que se colocava abertamente em oposição à retórica do politicamente correto. Essa identificação reforçava a ideia de que ele falava diretamente a sujeitos que se sentiam marginalizados e ressentidos frente às transformações culturais contemporâneas.

A representação de Pepe como Trump era frequentemente mobilizada de forma provocativa e irônica, recorrendo ao humor absurdo e a memes que deliberadamente desafiavam a lógica e a coerência discursiva. O próprio estilo comunicativo de Trump - marcado pelo uso de frases de efeito, simplificação retórica e apelos emocionais - refletia essa mesma lógica memética, favorecendo tanto a rápida disseminação das imagens quanto a identificação de sua base de apoiadores com o personagem. A simplicidade visual e simbólica dessas representações contribuiu decisivamente para sua circulação massiva nas redes digitais.

Após meses de circulação de versões de Trump como personificação do sapo Pepe produzidas por usuários desses fóruns, em outubro de 2015, o próprio candidato publica o seguinte tweet:

Figura 4. Tweet de Donald J. Trump, publicado em 13 de outubro de 2015.



Fonte: <https://x.com/realDonaldTrump/status/653856168402681856>. Acesso em 8 out. 2024

Na imagem, Trump aparece representado como o sapo Pepe, em posição de discurso, como se já ocupasse a presidência, apesar de ainda se encontrar em fase inicial da campanha. O slogan que acompanha a imagem, "You can't stump the Trump", explora um jogo de palavras entre o sobrenome do candidato e o verbo to stump ("impedir", "dificultar"), sugerindo que ninguém seria capaz de detê-lo. O enunciado reforça, assim, a construção de uma imagem de força, excepcionalidade e invulnerabilidade política.

Ao compartilhar essa imagem, o então candidato à presidência dos Estados Unidos se colocou como referência explícita àquela comunidade, assumindo a posição de personificação do meme. Trump passou a ser identificado como um sujeito que se

opunha frontalmente ao “politicamente correto”, percebido como um nacionalista branco que provocava rejeição tanto na cultura mainstream quanto em setores do próprio Partido Republicano. Esse gesto discursivo operou simultaneamente em dois níveis: internamente, sinalizou alinhamento simbólico com fóruns extremistas; externamente, tornou inteligível ao público mais amplo que Trump representava a escolha daqueles que se percebiam “fora do sistema” ou em oposição às normas culturais dominantes.

É importante destacar que Matt Furie, criador do personagem, posicionou-se publicamente contra a apropriação da imagem de Pepe por pautas da extrema-direita. Ainda assim, o sapo consolidou-se como um símbolo da alt-right de modo mais amplo. Figuras centrais do movimento, como Richard Spencer, notório supremacista branco e um de seus articuladores, passaram a utilizar a imagem de Pepe de forma ostensiva - inclusive por meio de broches e materiais visuais -, ao lado de sua recorrente circulação em plataformas como Infowars e Breitbart, bem como em diversos sites extremistas.

Evidentemente, campanhas políticas como a de Donald Trump não se explicam exclusivamente pelo uso de memes. Trata-se de um fenômeno de maior complexidade. Ainda assim, é sintomático que a difusão de uma linguagem associada à extrema-direita nas mídias digitais coincida com a ascensão de lideranças políticas extremistas. Como observa Traverso (2023):

O surgimento da direita radical é uma das mais evidentes características de nosso momento histórico. Em 2018, oito países da União Europeia (Áustria, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Itália, Polônia, Hungria e Eslováquia) são governados por partidos da extrema direita, nacionalistas e xenófobos (Traverso, 2023, p. 13).

Com o objetivo de aprofundar a compreensão de como campanhas de extrema-direita se beneficiam da lógica das redes digitais, retoma-se aqui outro exemplo sintomático: a trajetória de Beppe Grillo e do Movimento 5 Stelle, na Itália - um dos primeiros movimentos políticos a explorar sistematicamente o marketing digital, conforme analisa Da Empoli (2019).

Beppe Grillo, comediante italiano que ganhou notoriedade por meio da televisão e da comédia stand-up, criou em 2005 o blog beppegrillo.it, no qual passou a expressar opiniões políticas de forma deliberadamente provocativa e “sem filtros”. No blog, denunciava os privilégios da chamada “casta política italiana”, frequentemente referida por ele como “partidocracia”. Em pouco tempo, a plataforma tornou-se uma das mais acessadas do país, atraindo milhares de leitores diários. Contudo, o que aparentava ser uma iniciativa espontânea de um artista engajado era, na realidade, uma estratégia concebida por Gianroberto Casaleggio, empresário e especialista em marketing digital. Conforme relata Da Empoli (2019, p. 45), o próprio Grillo admitiu desconhecer o funcionamento técnico de um blog e ter sido persuadido por Casaleggio a assumir esse papel.



Segundo Da Empoli (2019), os conteúdos publicados diariamente eram produzidos por colaboradores da empresa Casaleggio Associati, embora atribuídos exclusivamente a Grillo, que muitas vezes sequer os lia. Casaleggio atuava nos bastidores como fornecedor da tecnologia e estrategista do projeto. A partir dessa arquitetura, compreendeu que a internet poderia revolucionar a política ao permitir a criação de um movimento moldado pelas preferências do eleitor-consumidor, concebendo a ação política nos termos de um produto ajustado à demanda. Como observa Da Empoli (2019):

Ele pretende, então, lançar um produto que seja capaz de responder de maneira eficaz a uma demanda política que os partidos existentes não são capazes de satisfazer. (...) Por isso precisa de Beppe Grillo: para dotar de calor e paixão um movimento que corria o risco de, sem esses ingredientes, continuar confinado aos geeks italianos. A força e a resiliência do Movimento 5 Stelle virão dessa combinação inédita: o populismo tradicional que se casa com o algoritmo e dá à luz uma temível máquina política (Da Empoli, 2019, p. 45).

Em 2007, Grillo convoca “o povo do blog” para uma grande manifestação denominada V-Day (Vaffanculo Day), marcada por linguagem vulgar e confrontacional - o que reforçava a autoimagem do movimento como antítese do “politicamente correto”. Em 8 de setembro daquele ano, apesar da ausência de cobertura pela mídia tradicional, diversas cidades italianas foram tomadas por protestos em defesa de um “parlamento limpo”. Na sequência, Grillo e Casaleggio fundam o Movimento 5 Stelle, que se apresentava como uma força política “nem de direita, nem de esquerda”, estruturada em torno de uma retórica anticorrupção. Em 2019, ano da publicação do livro de Da Empoli, o partido já figurava como o maior da Itália, com maioria dos assentos no parlamento. Como sintetiza Da Empoli (2019):

É em torno desse ponto que, desde o começo, repousa o grande mal-entendido do Movimento. Para sua base de militantes, internet é sinônimo de participação. É o instrumento de uma revolução democrática destinada a arrancar o poder das mãos da casta de profissionais da política e entrega-lo ao homem comum. Mas, para a elite do próprio movimento, encarnada pela “diarquia” Casaleggio/Grillo, as coisas são diferentes: a internet é, antes de tudo, um instrumento de controle. É o vetor de uma revolução a partir do topo, que capta uma quantidade enorme de dados a fim de utilizá-los para fins comerciais e, sobretudo, políticos (Da Empoli, 2019, p. 54).

Não por acaso, logo após as eleições que consolidaram o Movimento 5 estrelas no poder, Steve Bannon, homem forte de Donald Trump, e futuro chefe de gabinete do governo dos EUA, muda-se para um mosteiro do século XIII nas proximidades de Roma para montar uma espécie de “escola” da extrema-direita com a missão de formar novos ‘gladiadores’, chamada por ele de The Movement, o que faz Da Empoli afirmar que Roma havia se

transformado em “O vale do silício do populismo” (2019, p. 27). Falaremos de Steve Bannon e suas ideias a seguir.

A articulação entre neofascismos nas mídias digitais: o caso Steve Bannon

Steve Bannon é um estrategista político e empresário norte-americano amplamente reconhecido por seu papel central na ascensão da direita populista nos Estados Unidos. Atuou como chefe estrategista da campanha presidencial de Donald Trump em 2016 e, posteriormente, como conselheiro na Casa Branca. Antes de sua inserção direta na política institucional, construiu uma trajetória vinculada ao mercado financeiro, à produção de documentários e, sobretudo, à mídia digital. Nesse contexto, foi um dos articuladores do Breitbart News, plataforma de notícias marcada por uma abordagem abertamente anti-imigração, nacionalista e frequentemente alinhada à alt-right, conforme amplamente documentado pela imprensa norte-americana.

Essa estratégia editorial desempenhou papel decisivo na consolidação da base eleitoral de Trump, especialmente entre eleitores brancos, desempregados ou de baixa renda, por meio da circulação diária de conteúdos anti-imigração e nacionalistas. Em 2016, o Breitbart figurava entre os sites mais compartilhados nas redes sociais, alcançando milhões de leitores e operando como um importante vetor de difusão discursiva da extrema-direita no ambiente digital.

Em seu livro *Righteous Indignation: Excuse Me While I Save the World* (2011), Breitbart explicita os fundamentos ideológicos desse projeto. O autor sustenta a existência de uma superestrutura que denomina “The Concept”, entendida como um suposto monopólio cultural da esquerda norte-americana, composto por universidades, artistas, empresas de mídia e pela indústria do entretenimento. Segundo essa lógica, a missão da extrema-direita seria romper essa hegemonia e disputar o controle do discurso público. Essa formulação dialoga diretamente com a noção de “Catedral”, proposta por Curtis Yarvin, cientista da computação conhecido online como Mencius Moldbug. Bannon, Yarvin e o bilionário norte-americano Peter Thiel compartilham, nesse sentido, afinidades com a corrente conhecida como neorreacionarismo, que articula crítica ao liberalismo, rejeição ao iluminismo e defesa de novas formas de ordenamento social. Como afirma Breitbart (2011, p. 37, tradução própria³):

3 No original: “Now you understand the Complex and know that we can combat it if we only use the right techniques, understand our opponents, and walk toward anger. Walk toward anger. Don’t worry about being called a racist, homophobic, sociopathic, violently xenophobic heteronormative with fascist impulses. They say all those things about you because they are keeping you in the Complex, forcing you to respond to their playbook. They want to stop you in your tracks. But if you persist, if you tell them to stop the verbal bullets and keep moving, you will send messages to the people who are rooting for you, who agree with you. That’s how you build an invincible movement willing to play by its own rules”.



Agora você conhece o Complexo e sabe que podemos combatê-lo se apenas usarmos as técnicas certas, entendermos nossos oponentes e caminharmos em direção à ira. Caminhe em direção à ira. Não se preocupe em ser chamado de racista, homofóbico, sociopata, um xenófobo heteronormativo violento com impulsos fascistas. Eles dizem todas as coisas sobre você porque estão mantendo você no Complexo, forçando você a responder ao manual deles. Eles querem pará-lo em suas trilhas. Mas, se você continuar, se disser a eles que pode parar com as balas verbais e continuar andando, você enviará mensagens para as pessoas que estão torcendo por você, que concordam com você. É assim que você constrói um movimento invencível disposto a jogar de acordo com suas próprias regras.

O neorreacionarismo (NRX) constitui um dos núcleos ideológicos centrais do que se convencionou chamar de alt-right (direita alternativa), movimento político de extrema-direita que emerge nos Estados Unidos a partir do final dos anos 2000. Caracterizada por posições nacionalistas, populistas e anti-establishment, a alt-right rejeita o conservadorismo tradicional e sustenta a narrativa de que a cultura ocidental estaria em processo de decadência, supostamente ameaçada por forças externas como a imigração, o multiculturalismo e políticas de diversidade. Nesse contexto, são frequentes a circulação de teorias conspiratórias - como o QAnon, difundido inicialmente em fóruns anônimos como o 4chan - e a mobilização de discursos de ódio como instrumentos de coesão identitária.

De modo mais específico, o NRX defende a existência de uma entidade abstrata responsável por essa decadência cultural, denominada "A Catedral" - ou "O Conceito", nos termos de Andrew Breitbart. Trata-se de um conjunto difuso de instituições e sujeitos que, segundo essa perspectiva, moldariam o discurso público a partir de uma orientação de esquerda, englobando universidades, meios de comunicação, produção cultural e a indústria do entretenimento. O ponto de partida dessa formulação é a noção de "ordem", entendida como um princípio natural que teria sido "usurpado" pela Catedral por meio da aceitação de ideias como o multiculturalismo, o feminismo, o antirracismo e a ampliação de direitos para populações LGBTQIA+.

As bases teóricas desse pensamento são sistematizadas por Curtis Yarvin, cientista da computação e autor do blog Unqualified Reservations, responsável por difundir amplamente essas ideias no ambiente digital sob o pseudônimo Mencius Moldbug. Yarvin é frequentemente descrito por seus interlocutores como uma espécie de "Ayn Rand moderna", em razão de sua crítica radical à democracia liberal e à tradição iluminista.

O autor defende um modelo político denominado neocameralismo, no qual a democracia seria substituída por uma forma de governo tecnocrática, organizada à semelhança de uma corporação. Nesse sistema, o poder não estaria nas mãos dos cidadãos, mas de um

gestor - um CEO - responsável por tomar decisões com base em critérios de eficiência e racionalidade. Para Yarvin, a tecnologia desempenharia um papel central na viabilização dessa nova forma de organização social. Como escreve o autor:

Uma diferença entre as instituições cibernéticas e económicas é que os sistemas cibernéticos produzem planos e os sistemas económicos produzem políticas. Os planos podem ser sensatos ou malucos, mas estão sempre completos. As políticas, pelo contrário, são inevitavelmente incompletas. Uma instituição cibernética é uma máquina de otimização sem alma. Uma instituição económica é uma montanha de papel (Yarvin, *unqualified reservations*, tradução própria⁴).

Yarvin sustenta que um dos principais problemas da esquerda reside na crença, fundamentada nos princípios do iluminismo, de que as decisões mais adequadas para uma sociedade devem ser sempre tomadas por intelectuais acadêmicos⁵. Para ele, essa perspectiva é ultrapassada e há a necessidade de transformação rumo a uma nova sociedade. Ele denomina essa proposta de “Dark Enlightenment” ou “iluminismo das trevas”. Sobre isso, escreveu Huk (2020, p. 53):

É fácil enxergar a adoção pelos neorreacionários da ideia do alegado declínio do Ocidente como a repetição de momentos históricos conhecidos: em especial, o ataque ao iluminismo radical na virada do século XVIII, de um lado, e, de outro, o surgimento de um modernismo reacionário na Alemanha entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial que casava Romantismo e tecnologia, e, ao final, fundiu-se com o Nacional Socialismo. É importante manter essa repetição em mente para que possamos entender as táticas e a retórica usada pelos neorreacionários – estejam eles conscientes ou não dessas histórias -, nem que seja para compreendermos em que, para eles, constitui o declínio do Ocidente e por que o iluminismo se revela como fonte de infelicidade. Se os neorreacionários rejeitam o iluminismo, essa é a uma rejeição estranha e bastante específica.

Ainda que recorra a uma retórica fortemente ancorada na tecnologia e na racionalidade técnica, o discurso de Yarvin mobiliza elementos estruturais clássicos do fascismo, como o anti-intelectualismo, o ultranacionalismo e a noção de uma suposta ordem natural que estaria sendo violada pela diversidade social e cultural. Trata-se, portanto, menos de uma ruptura com o pensamento fascista histórico e mais de sua rearticulação em chave tecnocrática, adequada ao contexto das mídias digitais e do capitalismo cognitivo.

4 No original: “One difference between cybernetic and economic institutions is that cybernetic systems produce plans, while economic systems produce policies. Plans can be sensible or crazy, but they are always complete. Policies, on the other hand, are inevitably incomplete. A cybernetic institution is a soulless optimization machine. An economic institution is a mountain of paperwork”. Disponível em: <https://www.unqualified-reservations.org/>. Acesso em: 13 out. 2024.

5 Disponível em: <https://www.unqualified-reservations.org/>. Acesso em: 13 out. 2024.

Em 2021, Yarvin concedeu uma entrevista a Tucker Carlson, um dos apresentadores de maior audiência da Fox News. Ao explicar por que, segundo ele, “o sistema não funciona hoje em dia”, o autor explicitou de forma sintomática essa visão de mundo, ao afirmar:

O que continuo defendendo é [...] uma questão: Qual é a sua teoria sobre por que o Washington Post e o New York Times e todas as outras vozes de prestígio na sociedade e todas as universidades de prestígio na sociedade estão sempre no mesmo lugar. Por que Yale e Harvard sempre concordam em tudo? [...] O sistema foi inicialmente povoado por essas pessoas realmente sábias e capazes, os americanos da primeira metade do século – Podemos dizer que havia diversidade? Não, não podemos dizer isso - mas eles eram pessoas incríveis, realizavam coisas, conquistavam o mundo, eram um grande negócio, eram os melhores e mais brilhantes, construíram a bomba (tradução própria⁶).

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de uma reflexão crítica permanente sobre a mobilização das mídias digitais por grupos neofascistas, sobretudo no contexto do capitalismo cognitivo, no qual linguagem, tecnologia e poder se articulam de forma cada vez mais intensa. A análise da trajetória do meme Pepe the Frog - que transita de uma figura aparentemente inofensiva da cultura digital para um símbolo amplamente associado à alt-right - evidencia como práticas discursivas mediadas por plataformas digitais podem operar na deslegitimação de valores democráticos e na normalização de discursos de ódio.

Os casos do Movimento 5 Stelle, na Itália, e da atuação de Steve Bannon nos Estados Unidos reforçam essa dinâmica ao demonstrar que a instrumentalização das redes sociais não se restringe à circulação de conteúdos isolados, mas envolve a construção de arquiteturas discursivas e tecnopolíticas voltadas à mobilização afetiva, à produção de inimigos simbólicos e à erosão do debate democrático. Em contextos distintos, tanto o Movimento 5 Stelle quanto a alt-right articulada por Bannon exploram a retórica anti-establishment, o apelo à autenticidade e a rejeição ao “politicamente correto” como estratégias de engajamento e controle discursivo.

Esses processos podem ser compreendidos à luz do “empobrecimento da linguagem”, conforme formulado por Eco (1995), no qual a simplificação discursiva, a repetição de slogans e a banalização de signos culturais favorecem a adesão emocional e dificultam

6 No original: “What I keep arguing is [...] an issue: What is your theory about why the Washington Post, the New York Times, and all the other prestigious voices in society, along with all the prestigious universities, are always in the same place? Why do Yale and Harvard always agree on everything? [...] The system was initially populated by those truly wise and capable individuals, the Americans of the first half of the century. Can we say there was diversity? No, we cannot say that—but they were remarkable people, achieving great things, conquering the world, they were a big deal, they were the best and the brightest, they built the bomb. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=K_8aT3pQo_I. Acesso em: 13 out. 2024.

a análise crítica. No ambiente digital, esse empobrecimento adquire novas formas e velocidades, potencializando a disseminação de ideologias extremistas sob a aparência de humor, ironia ou contestação, e contribuindo para a naturalização de práticas discursivas excludentes.

Para a Linguística Aplicada, compreender esses fenômenos implica reconhecer que memes, plataformas e algoritmos não constituem suportes neutros de circulação discursiva, mas tecnologias que participam ativamente da produção de sentidos, subjetividades e relações de poder no interior do capitalismo cognitivo. Nesse cenário, o enfrentamento das dinâmicas neofascistas nas mídias digitais não pode se restringir à análise crítica dos textos, exigindo o desenvolvimento de práticas educativas capazes de problematizar as condições tecnológicas de produção de sentido. Trata-se, portanto, da urgência de uma pedagogia orientada por letramentos antifascistas, voltada à formação de sujeitos capazes de reconhecer, resistir e reconfigurar os modos pelos quais discursos extremistas se naturalizam e se legitimam nas redes digitais.

Referências

BARTLETT, J. *The people vs tech: how the internet is killing democracy*. Penguin Random House, 2018.

BERNARDO, J. *Labirintos do fascismo: na encruzilhada da ordem e da revolta*. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

BIANCHI, A. *et al.* (org. DEMIER, F.; HOEVER, R.). *A onda conservadora*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

BLINKHORN, M. *Mussolini e a Itália Fascista*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2009.

BREITBART, A. *Righteous Indignation: Excuse me while I save the world*. Disponível em: <https://archive.org/details/righteousindigna0000brei>. Acesso em: 13 out. 2024.

BROSE, E. D. Generic Fascism Revisited: Attitudes toward Technology in Germany and Italy, 1919-1945. *German Studies Review*, v. 10, n. 2, p. 273–297, 1987.

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista FAMECOS*, v. 26, n. 3, 2019.

CESARINO, L. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

DAWKINS, R. *The selfish gene*. Oxford e Nova York: OUP, 1976.

DA EMPOLI, G. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Editora Vestígio, 2019.

ECO, H. *Fascismo eterno*. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br>. Acesso em: 10 fev. 1995.

FERREIRA, F. S. Podemos falar de fascismo? *Td. Teoria e Debate*, v. 31, 2018.

HAN, B-C. *Infocracia: digitalização e crise da democracia*. Petrópolis: Vozes, 2022.

HUK, Y. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

KOSINSKI, M.; STILLWELL, D.; GRAEPEL, T. Private traits and attributes are predictable from digital behavior. *PNAS*, v. 110, n. 15, p. 5802-5805, 2013.

MOROZOV, E. *Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

O'NEIL, C. *Weapons of math destruction: How Big Data Increases Inequality and threatens democracy*. Nova Iorque: Broadway Books, 2016.

ORWELL, G. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras, 1. Ed. 2009.

MASCARO, A. L. *Crítica ao fascismo*. São Paulo: Boitempo, 2022.

NAGLE, A. *Kill all normies: The online wars from Tumblr and 4chan to the alt right and Trump*. Washington: Zero Books, 2019.

PAXTON, R. O. *A anatomia do fascismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

SILVEIRA, S. A. *Democracia e códigos invisíveis*. São Paulo: Editora Sesc, 2019.

SILVEIRA, S. A. Governo dos algoritmos. *Revista de Políticas Públicas*, v. 2, p. 267-281, 2017.

SILVEIRA, S. A. (org.). *A democracia no mundo digital: história, problemas e temas*. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

STANLEY, J. *Como funciona o fascismo: a política dos "nós e eles"*. São Paulo: L&PM, 2022.

TRAVERSO, E. *As novas faces do fascismo: populismo e extrema direita*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2023.

YARVIN, C. *Unqualified reservations*. Disponível em: <https://www.unqualified-reservations.org/>. Acesso em: 13 out. 2024.

ZETKIN, C. *Como nasce e morre o fascismo*. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

ZUBOFF, S. *Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization*. *Journal of Information Technology*, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.